A BATALHA DE OURIQUE

E A

HISTORIA DE PORTUGAL

DE

A. HERCULANO.

CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

FRANCISCO RECREIO.

PRIMEIRA PARTE.

Veritas odium parit.
Ter.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.

Rua dos Capellistas n.º 62.

1854.

A BATALHA DE OURIQUE

E

A HISTORIA DE PORTUGAL

DE

A. HERCULANO.

CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

FRANCISCO RECREIO.

PRIMEIRA PARTE.

> Veritas odium parit.
> TER.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.

Rua dos Capellistas n.º 62.

1854.

PRELUDIO.

Quando o romancismo, que em tudo hoje mette a sua colherada, e metterá, se o deixarem, a mão, e braço até o cotovelo; quando, digo, este trunfo, que em todos os naipes quer ter entrada, e com elles fazer jogo; quando, repito, esta Icaria potestade, que na sciencia (não fallando já no mais) quer ter o sceptro, e nella, sem alguma excepção nem estorvo, dictar a lei, enfatunada e pedantesca, apregôa e berra sahir á luz publica com algum engendrado producto do seu esbrazeado, e vesuviano cerebro, com que blasona reconstruir, ou dar nova vida, vigor e acção a algum ramo, ou quer que seja, da que, segundo os termos da sua technologia, se chama *fossil*, *decrepita* e *marasmada* litteratura; é bem claro a todo o ente deste mundo pensador, que conhecer a mania, a phantasiadora veia (ou antes capciosa maniversia) que a tal *desfossilisadora* utopia não é, nem costuma ser mais que a quinta essencia do absurdo e do mais remontado e empoleirado desvario.

Por mais que o romancismo, alta, e enfatuadamente despota, e sotrancão se cance, e mate a toda a gente o bicho do ouvido com a inculca da sua *Obra-typo*, já pela novidade da materia, já pela lucidez do methodo, já em fim pelos ademanes do estilo; e isto quer singular, quer promiscuamente indiciado; baldados são os brados archisonantes da impostura e fanfarrice pregoeira. — Se por algum tempo a mascara retem o caio e postiço verniz, com que o phantasma se arrebica e adestra, não tarda em seguida o talismatico-escalpello da boa e inflexivel critica e sã philosophia, que lhe venha nas piugadas golpear a mantilha, e pôr ao pino do sol irradiante da demonstração as mazellas do embuçado espectro.

Logo que aquelles dois agentes, procuradores fieis, e fiscaes da nua e crua verdade chamam ao tribunal da imparcial e judiciosa analyse o *protento admirando*, bem depressa o convencem de que o seu peculio, o seu lastro scientifico tem tanta solidez como o nunca visto fundo do fabuloso tonel das filhas de Danáo. — Não é preciso até levar muito longe as pesquizas para se dar com a ninharia soberanamente ridicula, e sobre modo extravagante, que se inculca por mimo especioso de requintada Minerva. — Logo as mais das vezes no primeiro limiar, no portal da romantica maranha, que aspira ás honras do principado na republica das lettras, se sente e entrevê não sei que petrexil mal saboroso de nauseante embofia innovadora, que espontaneamente leva ainda o mais narcotico investigador a exclamar de prompto: *O' curas hominum! Quantum est in rebus inane!* — Fallâmos ou antes alludimos a esse Romancismo imprudente e nescio, que transpondo seus naturaes limites, pretende fazer largas conquistas em territorios onde não póde vingar. — Não desiste comtudo da intentada empreza. Julga que a sua missão se estende tambem a prescrever a norma vigente a outros ramos das bellas e amenas lettras. — Levanta pois o grito, o pendão de guerra. E' preciso destruir para depois dominar; é o seu programma!... Com este intuito o ponto de assalto, de conquista para que a negregada vertigem romantica com mais avidez deita, e envieza o insultante, e

desdenhoso olho; o alvo para onde com maior ferocidade e crueza acesta os tiros das suas caronadas, é e tem sido para o variado, e aprazivel campo da *malfadada* historia!... Ahi o romancismo retouça e devanea mais esturdio e turbulento que gozo ou podengo, quando brinca, divagando á redea solta, no vasto e terraplenado eirado!... Alli faz séde e guarida predilecta para as suas incursões, e façanhudas tropelias. Alli em fim levanta a atalaia mofina d'onde a esmo, e mais ainda adrede dardeja contra aquella os barbaros golpes da feroz lança da sua superlativa insolencia. — Nos dominios com preferencia da historia, erige, para melhor dizer, o palco, o circo ostentoso, aonde dá expansão solemne ás orgias da mais suprema e refinada insania. *Hic summa est insania* (1)!

O genio excentrico e desvairado do romancismo, dado e avezado ao mundo ideal do fingimento, e todo elle ficção estreme, em tudo aquillo do mundo dos factos em que se mette, e forja *normalisar*, outra cousa não deixa ver senão pura e simplesmente a si mesmo, e como elle na realidade é, e devidamente o reputam! — Fantasioso, e pseudo-optimista por essencia e accidentes, julga e avalia a ideologia historica dos outros escriptores por aquillo que aereamente nutre, e agita em seu ôco, e vertiginoso cerebro!... Esta é a lente, o prisma favorito por onde constantemente devisa e encara as verdades, ainda as mais bem recebidas, que a historia em suas paginas transmitte, e confirma. — Um cerebro pois, um craneo deste jaez e polpa, imaginando-se estofado, e ornamentado com todos os precalsos e adminiculos cathegoricos para ser e se dizer, sem parelha, nem parecença, senão um Pai, pelo menos um Restaurador, um *Fac-simile*, e até mesmo um Oraculo com toda a fumarada de quem aspira ao galarim do *supra summum* em historia; que não fará elle, ou antes disparatará, quando lançar mão á obra, que almeja por atassalhar, e della fizer boa prêza?. Imaginará a seu bel-prazer, sabor, e geito que tudo, ou parte daquelles grandes successos, que a historia mesmo ainda por geral consenso

(1) Hor. Satyr. 2.ª v. 221.

têm julgado dignos do cunho de uma incontestavel realidade, foram urdidos, architectados, e alfaiatados pelos historiadores, que os narram com as mesmas fimbrias de liberdade e desenfado, como são batidas e calcadas na bigorna do seu caustico bestunto as extravagancias dos protagonistas de qualquer dos seus *misomonasticos* romances, ou mesmo outrosi os mal urdidos tramas, e desenxabidos desdens de alguma presumida e divinizada delambida.

Nestes termos todo e qualquer successo, pois, de indole gigantesca, de caracter prodigioso e heroico, que tem o máo fado de passar pela tal desdenhosa fieira romanesca, sáe, e apparece logo n'um abrir e fechar de olhos horrendamente depreciado com o carimbo matador de *grosseira falsidade*, *fabula*, *conto de velhas*, e quando mal se pensa até de *embuste*.

Isto que escrevemos não são sonhos e caraminholas de febricitante, é a mesma verdade pura, e descarnada, e que como tal tanto e de sobejo se retrata e exemplifica na *infamada* Historia de Portugal, e nos bem conhecidos Opusculos, que respectivamente a illustram, d'esse Author, cujo nome já fica dado a lume, e exarado no frontispicio deste escripto. — O cruel e anthropophago Saturno não devorava com mais gana e sedenta tyrannia os tenros, e recemnascidos filhos, do que elle definha, e anniquila os prodigios de padrão indelevelmente historicos da sua nativa terra. — Parece que o seu frenetico prurito, a sua desesperada comichão é dar solemnes, e mordazes vaias, e com ellas fatal garrote a tudo o que são e sempre foram glorias patrias de caracter mais que ordinario. — Ainda não é tudo,

Inculca elle, e tem de facto e de direito a historia primordial do heroico paiz portuguez, como um insulso panorama de trivialidades, de acontecimentos caracteristicamente corriqueiros; dando conjunctamente azo para crer que as façanhas de quilate illustre, praticadas pelos nossos avoengos, devem por indeclinavel systema não achar no archivo da posteridade perenne e triunfante memoria; porém sim desprezivel e ignominioso jazigo! — Que digo eu?... Devem, a julgarmos pela estimativa do fraseado, ser impingidas, e votadas ao ulti-

mo dos exterminios historicos!... Isto é, quer dizer, ou equivale a serem declaradas, e inscriptas para sempre, e ao som da horrisona tuba do sarcasmo, no rol das mais toscas, e grosseiras patranhas, das mais hediondas exaggerações, e barbeiraes mentiras!

. . . Entre esses feitos que soffreram cruel matança na sua decapitante guilhotina anti-historica é a famosissima e nunca assás admirada batalha de Ourique!... Fallamos da façanha sem allusão alguma a influencia de sobrenatural theocracia... Esta batalha olhada sempre no mundo historico em todas as épochas, como prototypo do valor e denodo portuguez, e ao mesmo tempo como documento grandioso da providencia do Deos dos Exercitos, que, mesmo vendo só as cousas á luz da humana philosophia, tão especialmente protegia os esforçados guerreadores, que contra o musulmanismo combatiam no campo da gloria; esta batalha sim, que pela ventura do successo se tornára eminentemente memoravel, é pelo author da Historia de Portugal levada ao cadafalso do mais anti-nacional desprezo com a repugnante e depreciada denominação de *fossado*, *correria*, *jornada*, (1) ou o quer que é que outro tanto vale, ou menos ainda. — E' uma tal, tão desmedida, e tão arrojada injuria feita á historia do paiz, á heroicidade, ao timbre nacional, que nós vamos, sem mais dilatado preambulo vigorosamente vindicar.

Para este tão justo e digno fim, dividiremos esta Obra em seis Partes. Na primeira Parte (na qual em propria e adequada occasião conjunctamente se vai mostrando a posse constante e pacifica, em que sempre estivera o Clero portuguez, de propalar na Tribuna Sagrada o feito glorioso de Ourique, ainda theocraticamente contemplado; o que novamente confirma a injustiça atroz com que o invectivara o Escriptor do — Eu e o Clero) faremos ver que a batalha de Ourique (tanto quanto só, naturalmente fallando, vale, e significa a idéa de um dos maiores e mais gloriosos feitos bellicos) tem irrecusavelmente todo o fundamento historico para ser considerada como um brazão de heroismo da mais

(1) Hist. de Port. tom. 1.º, pag. 324, 328, 329 e 466.

incontestavel veracidade; como um monumento classico de provado valor, que deve figurar, como sempre, com caracteristica grandeza, e elevado apreço nos Annaes illustres das façanhas portuguezas.

Na segunda Parte e nas quatro que se seguirem, chamaremos ao tribunal da erudição e da critica pelo juizo competente da analyse, para discutir, e avaliar, como devido fôr, as proprias, e formaes palavras do Author da Historia de Portugal, que contiverem asserções por qualquer fórma tendentes a desconceituar e deprimir tão distincta e abalizada proeza. — Nestas cinco Partes miudamente se verão confutados todos os elementos já heterogeneos, já inconcludentes, já erroneos, falsos, contradictorios e mesmo absurdos, que o escriptor da Historia de Portugal, a geito seu, empregára, para reduzir ao despreso e vilipendio uma Batalha, que a Nação Portugueza, com universal e unanime assenso tanto dos sabios do paiz, como estrangeiros, reconheceu e teve sempre pelo primeiro dos Monumentos mais illustres da sua gloriosa heroicidade.

Com esta Publicação outrosim se dá cabal e triunfante resposta á atroz e audacissima pasquinada, com que o Author da decantada *Historia de Portugal*, repoltreado no asqueroso palanquim da sua flagrante philaucia, bem visivelmente dardeja pezados e magoantes insultos contra o Escriptor das duas apologias em favor do Clero, a *Justa Desaffronta*, e *Sincera Defeza da Verdade*: ao primeiro dos quaes folhetos só respondeu com um informe, e insulsissimo tropel de nauseativas chulices; mettendo quanto ao segundo perfeitamente a viola no sacco. — Transcreveremos o provocador documento. Vem elle a paginas VII da Advertencia, que proemía o Tomo 4.º da *Historia de Portugal*. E' o seguinte: » Como » apreciará ella (a posteridade) o estado actual da scien- » cia historica neste paiz quando fria e placidamente » examinar o theor das aggressões de que se tornou al- » vo o auctor da *Historia de Portugal!* — Estas aggres- » sões foram uma tentação demasiado forte para quem » estava affeito ás luctas da imprensa. Como homem » que é o auctor teve a fraqueza de repellir essas ag- » gressões, e de retardar assim a continuação do seu

» trabalho. Devia guardar silencio em quanto homens » competentes não entrassem na discussão: *devia tolerar » que a malevolencia, confrangida na sua incapacidade, » escorregasse da borda dos pulpitos, rolasse pelos charcos » das ruas, se revolvesse no lixo accumulado ao limiar » dos prostibulos mais infectos, e que trepando ao alto » dos prélos lhe esparrinhasse os vestidos com todas as as» querosidades absorvidas nesta singular viagem.* O tem» po e o progresso dos estudos historicos completariam, » pelo profundo esquecimento de *tantas vergonhas*, a » justiça que desde logo os espiritos desassombrados, os » homens instruidos fizeram tanto ao auctor como aos » *seus antagonistas*. Para isso bastava, de feito, possuir » certa somma de idéas geraes, e amor á verdade e ho» nestidade litterarias, e o habito de observar e compa» rar. *Os adversarios do auctor mostravam-se tão inha» beis, que não podiam illudir nem por poucos momentos » os intelligentes e imparciaes.* Assim, elle commetteu » um duplicado erro (cumpre confessal-o aqui) malba» ratando o tempo, e dando vulto a cousas, que, consi» deradas á luz historica e litteraria eram insignifican» tissimas. » — Querem um cartel com mais adubos de especiaria estimulante para arrastar ao campo da polemica ainda o estoico mais alheio da commum sensibilidade?... Nem tanto era preciso!... (1)

(1) Com esta Obra todavia, que partidamente iremos dando á luz, aonde não só largamente se confirmam ás idéas que sobre a Batalha de Ourique expendémos em os nossos dois mencionados Opusculos, mas tambem analyticamente se refutam aquellas que em opposição jazem escriptas na por mais de um motivo *anti-portugueza* Historia de Portugal; com esta Obra digo, quaesquer que sejam as iras, que alguns traços de penna mais carregados produzam no insoffrido pundonor do antagonista intolerante (traços que debalde chegam ao azedume sarcastico dos que se acham compaginando o trecho transcripto) declaramol-o em bom e alto som, não pretendemos desafiar as forças physicas de algum bruto selvagem, que pretenda decidir contendas litterarias a poder e á mercê de moquete, azurrague, bastão, estoque ou punhal. O homem de lettras não é um Malaio, Azenegue, Iroquez ou Tupinamba, que em seus desforços deixe predominar o instincto brutal da irracional ferocidade. Eterno opprobrio e degradação ao tresloucado que áquelles monstros se pretenda assimilhar!... O homem da sciencia, o homem da civilisação não póde pertencer aos sectarios embrutecidos do syllogismo *ad baculum*, sem se constituir réo da ultima das vilezas. O filho, o cultor da scien-

ria não tem outra defesa mais, que licita lhe seja, que a mesma sciencia. E' só ella que lhe póde dar a victoria no campo honroso das lides da intelligencia. A força do sabio está na região do espirito, e não em a região dos musculos. No momento em que o sabio trocou na controversia a acção do espirito, pela acção do punho, nesse mesmo momento deixou de ser o que era na republica das lettras, e passou a ter logar entre as hordas dos Cafres malfazejos e bulhentos. — A penna é a unica arma defensiva e offensiva do escriptor publico; e só a unica que elle deve empregar. — Recorrer á violencia brutal para fazer prevalecer a sua opinião contra a do seu adversario, que com as armas só de uma indeclinavel argumentação o acosta, é commetter o mais enorme attentado contra si proprio, contra a sua reputação e honra. E' um suicidio por elle praticado em seu prestigio, merecedor do mais aviltante e horrendo epitaphio. E quem poderá continuar a honrar com o epitheto de sabio aquelle que estabelece em arbitro de sciencia a valentia, a bruteza do mais forte? Acaso póde jámais a força material substituir a intellectual? Mas para que é esta digressão? Por ventura o Author da Historia de Portugal desconhecerá estes principios de universal philosophia? Julgamol-o até repassado delles.

E' comtudo á vista de taes principios que não podemos deixar de lamentar o attentado, que o Author da Historia de Portugal commettera, enviando um emissario á casa do erudito Escriptor do *Commentario Critico sobre a Advertencia do 4.º Volume da Historia de Portugal* etc. para que este se retractasse de certas expressões, de que tinha usado no seu Opusculo. E que outra cousa é senão attentado a missão de um individuo da parte do *Historiador* ao domicilio do *Commentador* para, *auctoritate qua fungor*, o fazer retractar, sob pena de ficar intimado para um duello, e em caso de recusa, haver-se por sujeito talvez á eventualidade do punhal do sicario, ou, quando mais não fosse, de levar uma tunda opipara de lambadas, ou pelo menos um asperges de mil zurzidas chicotadas com a engulidela conjunctamente, segundo *certa expressão*, do azurrague? Que tal é a estrategia sultanica para propalar o erro!... Será porém este terrorismo de nova e monstruosa especie argumento de sciencia? E' só typo de ignorancia, de barbaridade, de vilissima baixeza!

O attentado porém redobra de volume, se se olha ao dia em que fôra commettido. Foi no dia 16 de Novembro em que teve logar o criminoso excesso, segundo publicára o proprio emissario (1). E que dia foi este? Foi o dia seguinte ao da infausta morte da Rainha!... Quando toda Lisboa em pezo se achava entregue ao lucto e á tristeza, todos estavam cheios de sentimento e amargura, é que então o Author da Historia de Portugal trata de propôr retractações e desafios!... Quem o ha de acreditar?... E quem é esse homem que blasona de alta civilização, e cultura litteraria, que assim profana os dias lacrimosos de lucto universal? Digamol-o: E' aquelle que por motivos especiaes de gratidão e até de conveniencia deveria religiosamente acatar os momentos de publica tristeza... E' aquelle (proh pudor!) que recebe o pão quotidiano do bolsinho do Rei, Esposo da Augusta

(1) Veja-se o artigo *Correspondencia*, no Portuguez de 18 de Novembro de 1853.

Falleeida, submergido na mais profunda mágoa.... Esta circumstancia é acima de toda a amplificação!

Diz-se porém que o Commentador atacára a moral do Escriptor Historico. Demos que assim fosse. Acaso um ataque á moral desforra-se com um procedimento alheio de toda a moral? Com um procedimento, que, além de attentatorio das leis, e ordem publica, poderia ter gravissimas consequencias; que todas recahiriam sobre o primeiro motor dellas? Mesmo não era a brutal desforra muito maior que a supposta injuria? — Se a injuria foi feita com a arma da penna, a penna é que a deveria punir. Negar o escriptor, quem quer que fôr, que os golpes da penna sejam de cabal sufficiencia para rebater qualquer injuria, é humilhar-se, é deprimir-se com cobardia a si proprio. Porém aonde está especificamente a injuria? Em dizer que o historiador *mentira*!... O historiador porém queixando-se desta expressão como injuria, injuria-se a si proprio. Queixa-se de uma expressão que é toda sua. No audacissimo folheto com o titulo — *Eu e o Clero* — se acha virulentamente atirada ás faces de um Prelado, digno do maior respeito por lettras e virtudes, qual era D. Fr. Manoel do Cenaculo, (escripta chistosamente com lettras maiusculas) a expressão: E' mentira (1)!

Quanto ao mais que ao Author do Commentario Critico se assacou (2) não ficava outrosim desmentido com a tentativa violenta; excepto se o historiador quer restaurar para demonstração da sua sciencia a barbaridade de uma das provas judiciaes (*judicia Dei*, por alcunha) da idade media, o duello!...

Depois de tudo isto resta por fim saber se o Author da Historia de Portugal continuará a dar ainda exemplos de querer embutir, á laia de zelote do alcorão, no esophago do publico a droga fementida, de turbante no toutiço, e cimitarra em punho para espichar a todo e qualquer *parvo* (3) (como elle com furor leonino epithéta) que a não quizer engolir.... Se aspira em fim ás honras de Bachá, ou Mandarim da Historia de Portugal.... Cremos porém que a bilis viperina do historiador acalmando o cachão, o deixará cahir em si, e arrepender-se! — Se comtudo outra acontecer (o que não esperamos) os *parvos* terão a sciencia necessaria para rebater o sabichão, e a valentia precisa para invocar a acção da lei contra o aggressor.

---

(1) A pag. 14 do Folheto citado.

(2) Veja-se o artigo — *Correspondencia*, no Portuguez de 18 de Novembro de 1853.

(3) Este revoltantissimo epitheto dá elle ao author do *Commentario Critico*, em um aranzel da sua lavra publicado em a Nação do 1.º de Dezembro de 1853.

Quando um facto, facção, ou feito passa como moeda corrente e de bem assignalado cunho por seculos em a historia de qualquer paiz: quando elle é respeitado e venerado pelo mais solemne e constante voto dos que devem conhecer o que seja boa e severa critica; quando outrosim toda a torrente de escriptores tanto nacionaes como estrangeiros saudam e acatam as cans da sua incontestabilidade com invariavel accordo; quando na verdade se apresentam estes tão conspicuos, e tão bem desenhados caracteres, que em tão larga escala provam, e sustentam a veracidade do successo; que espirito tão fortemente innovador ha ou póde haver que o negue, deprima, ou achincalhe, que para logo não mereça pelo absurdo, e pedantesco attentado, o mais despregado, e profundo riso democritico?

Um pois dos feitos, dos acontecimentos mais gloriosos da historia nacional, que pelos mencionados titulos fica sobranceiro aos tiros do decantado antagonismo, que por moda ou toleima se arrufa e empina contra tudo o que é maravilhoso; é por certo a memoravel batalha dada aos Mouros por D. Affonso Henriques no Campo de Ourique. — Mas não é só ponto incontroverso na historia de Portugal a existencia da Batalha de Ourique; porém igualmente o é quanto ao que diz respeito á idéa, que a mesma historia nos dá da sua real excellencia. Ella sim nos testifica ser aquella façanha em todo o rigor da palavra uma verdadeira e caracteristicamente grande Batalha. Vamos ás provas. Formam

ellas um argumento de verdadeira, e ineluctavel prescripção contra qualquer innovação audaz.

Se não são, nem jámais foram joguete de uma fantasia estolida e burlesca os fundamentos em que no Areopago da sciencia se estriba o que se chama certeza historica; forçoso é que todo e qualquer individuo, que não haja perdido a tramontana do senso commum, tenha e reconheça como indubitavel não só a existencia do facto heroico da Batalha de Ourique, mas tambem o caracter da sua prodigiosa, e heroica magnitude.

O primeiro e radical fundamento, que é logo para desazar, e reduzir ao estado de automatico espasmo o romancismo petulante, que tão janizara e acintosamente intenta riscar das paginas ainda da mais authentica, e veridica historia toda e qualquer idéa de successo que a seu animo revel, e poltrão affigure de superior esfera; é, quanto ao ponto de que tratamos, aquillo que se acha escripto e lê em um Codice de cunho monumental que o primeiro continuador da Monarquia Lusitana *D. Fr. Antonio Brandão* publicou, como primeiro Appendice da 3.ª Parte da mesma Monarquia Lusitana, debaixo do titulo de — *Chronica Gothorum* —; e depois d'elle deu á luz o erudito Augustiniano Hespanhol *Fr. Henrique Flores*, no tomo 14.º da *España Sagrada*, Appendix 12.º, com a denominação, sem duvida mais exacta, de — *Chronicon Lusitanum*. — Que refere pois esta *Chronica*, ou *Chronicon*, que não sirva para logo reduzir ao mais vergonhoso e hermetico silencio a todo e qualquer tagarela da camaradagem innovadora, que ousar reduzir ao aviltamento um feito illustre, tão authenticado na Historia do paiz? Eis-aqui as palavras genuinas do monumental documento: *Æra 1177 octavo Calendas Augusti in Festivitate Sancti Jacobi Apostoli anno Regni sui undecimo, idem Rex Donnus Alfonsus magnum bellum commisit cum Rege Sarracenorum nomine Esmar, in loco, qui vocatur Aulic.* Em linguagem quer dizer: » Na era de 1177 (1) aos oito dias antes das Calendas » de Agosto (aos 25 de Julho) na festividade de São » Thiago Apostolo, em o undecimo anno do seu reina-

(1) Era de Cesar, que corresponde ao anno de Christo de 1139.

» do, o mesmo Rei D. Affonso travou *uma grande ba-» talha* com o Rei dos Sarracenos por nome Ismar, no » logar que se chama Aulic » (1). Quem jámais duvidou que o substantivo *bellum* significa *batalha* (2) e o adjectivo *magnum* a qualificação de *grande?* Ninguem; a não ser algum pensante eminentemente estrambotico, que testudamente affecte campar pela mais risivel e espalmada ignorancia! O texto pois citado da Chronica dos godos é a todas as luzes terminantissimo contra todo e qualquer sciolo, ou mordaz pedante, que a seu belprazer ouse desmentir, e menos-prezar o primeiro dos feitos mais heroicos da historia de Portugal.

Mas que força (insistamos), que valor historico terá para fazer fé o produzido e transcripto documento? Terá por ventura o mesmo ou equivalente valor que merecem as fantasiadas asserções de um mistiforio palavroso, que se alcunha *Chronica-poema* (titulo de irreconciliavel nigromancia), *lenda* ou o quer que seja *do presbytero godo* chamado pela fórma, e paradigma de artimanha inculcante *Eurico o Presbytero?* Dessa *lenda*, sim ou perlenga romantica que, logo por entrada, em um preliminar aranzel, que não merecèra de seu Author as honras da designação, desabafa nas mais falsas, impias, e escandalosas asserções contra o celibato do Clero? Taes na verdade quaes só poderiam ser proferidas pela bôcca do mais decidido éco, ou orgão do proletario protestan-

(1) Ourique.

(2) A torrente dos escriptores que dão este nome ao illustre feito bellico de Ourique, nos convence que o termo latino *bellum* de que usa a mencionada Chronica, só deve ser traduzido em portuguez pela palavra — *batalha*. A proposito transcreveremos o que diz D. Francisco de S. Luis nos synonimos da Lingua Portugueza, tomo 2.º, art. CCCLXII, pag. 184: » Batalha suppõe acção geral, ou quasi » geral, em que póde haver um ou mais conflictos. As acções parti» culares chamam-se mais propriamente *combates*, *recontros*, *cho-» ques* etc. Assim dizemos a *batalha* do Campo de Ourique, a *bata-» lha* do Salado, de Aljubarrota, de Montes-Claros, de Bussaco etc. » e não chamamos batalhas a muitos e frequentes *combates*, de que » faz menção a nossa Historia militar. » Que dirá o Author da Historia de Portugal á vista do juizo que um dos mais insignes philologos deste seculo formava da façanha militar de Ourique? Cantar a palinodia é só o unico e airoso partido que lhe resta!

tismo, que tanto ataca este ponto de disciplina da Igreja Catholica Romana (1)?

Não foi moldado, nem batido na bigorna do Romancismo o Documento que produzimos. E' de outra laia a sua natureza, e consistencia. — Sendo assim, como realmente elle é; quem poderá negar a fé a um documento historico de cunho indisputavelmente fundamental, que desde seculos tem merecido a constante veneração da critica? — Ouçamos a proposito ao grande Oratoriano Pereira de Figueiredo: » Não se póde fixar ao » certo o tempo preciso em que foi escripta esta Chro» nica. Mas o allegar seu Author, quando falla da to» mada de Coimbra por Almansor, com o que ouvíra » a muitos velhos: (*sicut a multis senibus audivimus*): » o apontar o tempo dos successos com tal individua» ção, que de ordinario não só nota o dia, mez e anno, » mas tambem que dia era da semana, e que hora do » dia ou da noite: e finalmente não passar do Reinado » d'El-Rei D. Affonso Henriques, cujo valor e acções » amplifica, e ainda exaggera com um affecto tão par» ticular, que o faz parecer apaixonado. Estas e outras » circumstancias nos determinam a ter esta Chronica » por obra de Author, que alcançou os tempos do dito » Rei, ou pelo menos foi mui visinho delles. — Neste » mesmo conceito (continúa o referido Oratoriano) a ti» veram os nossos dois famosos Antiquarios do seculo » XVI André de Rezende, e Gaspar Barreiros. Dos » quaes o primeiro no Livro IV *De Antiquitatibus Lu*» *sitaniæ* pag. 216 cita esta Chronica com o nome de » *antigos Annaes* que tinha em seu poder: (*Ut mei ve*» *teres annales habent*:) e della tirou varias circumstan» cias da batalha do Campo d'Ourique: como o ter si» do morto nella um sobrinho do Rei Ismar, por nome » Homar Atagór, que era neto do Rei Hali. O segun» do logo no principio da sua Corografia, allega com a » mesma Chronica, como citada já pelo mesmo Rezen-

(1) Tão revoltantes enunciações assás excitaram o genio religioso e illustrado de um dos nossos mais insignes poetas e litteratos a triunfantemente refutal-as. Veja-se Revista Universal Lisbonense, tomo 4.º, Anno de 1844 — 1845, pag. 311.

» de na outra sua Obra das Antiguidades d'Evora, pa-
» ra mostrar, que em tempos antigos se chamava Pac-
» ca a cidade de Beja. Isto basta para esta Chronica se
» dever reputar obra d'uma veneranda e mui estirada
» ancianidade : como depois de Rezende e de Barreiros
» a reputou tambem Brandão (1). »

Se porém o romancismo sceptico, e acintoso não quer ainda cantar a palinodia; convidál-o-hemos outrosim a fixar os olhos sobre outro testemunho altamente comfirmativo do verdadeiro e genuino apreço, que se deve fazer da Batalha de Ourique. A *Chronica Conimbricense*, ou o que é o mesmo o *Livro da Nôa de Santa Cruz de Coimbra*, é o Documento, ou Monumento historial, a que nos reportamos. Ouçam-se as suas proprias e sem contestação originaes palavras: » In Æra MCLXXVII, mense
» Julii, die Sancti Jacobi in loco qui dicitur Ouric, *lis*
» *magna fuit* inter Christianos et Mauros, præside Rege
» Ildefonso Portugalensi et ex parte Paganorum Rege
» Smare, qui victus fugam petiit. » Em vulgar quer dizer: » Na era (2) de 1177, em o mez de Julho, dia
» de San-Thiago, no logar, que se chama Ourique, *hou-*
» *ve uma grande lide* entre Christãos e Mouros, sendo
» Commandante El-Rei D. Affonso de Portugal, e da
» parte dos pagãos (3) o Rei Ismar, que vencido deitou
» a fugir. » Esta lenda tão singela e sinceramente terminante (e como tal proferida pela bôcca da verdade) victoriosamente ri e zomba da romanesca, e empavesada audacia, que pretende de uma só palhetada reduzir ás dimensões do mais baixo e caturra acontecimento, o primeiro dos mais altos e gigantescos feitos da Historia de Portugal. E' ella mais um testemunho authentico, que vem embotar os gumes da aguçada picareta, do feroz camartélo anti-historico. — Mas que gráo de força e valentia terá tal Documento aos olhos da mais severa critica para reprimir a mais bravateira e fanfarronica in-

(1) Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, tom. IX, Dissertação 19.ª, pag. 303 e 304.

(2) De Cesar, como já advertimos; anno 1139 de Christo.

(3) Os Escriptores da idade media designavam tambem os Mahometanos pelo termo — Pagani. Vej. Du Cange, Glossarium ad Scriptores Mediæ et Infimæ Latinitatis, editio nova, tom. 5.

credulidade? Ou esta Chronica se tenha por original em todas as suas partes, como, segundo Pereira de Figueiredo, a tivera o erudito Theatino D. José Barbosa; *isto é por uma Obra que tudo o que traz foi escripto por Authores coetaneos dos successos que referem* (1): ou nem todas as cousas que esta Chronica menciona sejam apontadas por Authores do mesmo tempo, em que ellas succediam (sendo obra se não de mais, pelo menos de dois Authores); e por consequencia, dado que seja original ou coetanea a respeito de alguns successos, não o é a respeito de todos; conforme contra o mesmo Barbosa sustenta o grande Oratoriano na já citada Dissertação Academica (2): ou ella em fim seja *copia de varias copias e de varios Chronicons*, como asseverára Flores (3); apezar de tudo isto nenhum destes tão valentes e profundos criticos, nem algum outro fóra delles, concebeu jámais a mesquinha e disparatada idéa de, a despeito de tão positiva e explicita menção historica, malbaratar, e reduzir ao aviltamento o grande feito da batalha de Ourique.—E seriam elles menos illustrados e eruditos nas cousas patrias que o sarcastico e mofador pedantismo *do dia ou do momento*, que é presilha do mesmo metal? Seriam inferiores em talento, e estudos a esse peti-metrismo de litteratura fôfa, que affigurando-se escarranchado no falso pincaro da sciencia, com mais arreganho que D. Quichote de la Mancha montado no seu rocinonte, arroja lançadas de mortal desprezo a tudo quanto ha de prodigioso, e heroico na historia nacional? Quem tal affirmando, similhante absurdo proferisse, levantaria em deshonra sua o mais torpe e hediondo obelisco no coruchêo da ignorancia.

Embora a primeira parte da Chronica do Livro de Noa, a qual trata dos successos do tempo de D. Affonso Henriques até principios de D. Affonso IV, não mereça tanta fé como a segunda parte della, que é redigida em linguagem portugueza: não se possa sim dizer que os successos nella conteudos tenham sido escriptos por Au-

(1) Mem. da Acad. Tom. 9.º Dissert. XIX § I.
(2) No Tomo indicado, etc. pag. 305.
(3) Na España Sagrada, tom. 23, pag. 300.

thor contemporaneo, e só quando muito que foram escriptos depois do anno de 1326, e os ultimos da segunda parte em 1406; o que tudo mui bem ajuiza o critico, e eruditissimo Oratoriano Pereira de Figueiredo (1). Embora, digo, tudo isto assim seja, o sabio portuguez todavia de nome immortal no paiz das lettras, nunca disse, nem sequer indiciou, que a authoridade da *Chronica Conimbricense* sobre a grandeza da batalha de Ourique não fosse de um cunho altamente confirmativo. Pelo contrario a idéa, que de tão conspicua Acção deixou exarada em todos os seus escriptos, quando della fallou, bem mostra quanto o seu pensar era de accordo com a lenda historica do mencionado Documento. E que critico haveria, ainda do mais aguçado, e afilado nariz, ou, conforme a litteral expressão do chistoso Horacio, de assoada venta, *emunctæ naris* (2), que deixasse de reputar como a mais solemne confirmação de qualquer successo o testemunho posterior de outro escripto, digno de respeito, que tão perfeita e absolutamente coincidisse com a lettra ou sentir de certo designado Documento de primordial fé historica? Tal coincidencia, ou antes identificação historica se dá porém entre o Livro da Nôa, e a Chronica dos Godos no facto de que tratamos. A sua confrontação o evidenceia. — Mas porque se não ha de mesmo ter a Chronica Conimbricense como um monumento documental de primordial authoridade humana? Não poderia ella ser escripta sem que seu author, ou authores, da outra tivessem noticia? Quem o poderá duvidar? — Demos que a primeira parte do Livro da Nôa, que involve o feito grandioso de que fallamos, não fosse escripto senão depois do anno de 1326; que admira que uma tradição sempre constante e incorrupta ácerca da grande façanha bellica de Ourique se fosse conservando e transmittindo de pais a filhos por espaço de 180 e tantos annos; que é a distancia de tempo que decorre desde aquella épocha gloriosa até o periodo em que se presume ter sido escripto no Livro da Nôa o memoravel successo? — Conceda-se por ultimo que a lenda da *Chroni-*

(1) Na indicada Dissertação.
(2) L. 1. Satyr. 4.ª v. 8.

ca Conimbricense seja até copia ou reproducção da *Chronica Gothorum*; isto mesmo próva que a crença historica da famosa acção militar do Campo de Ourique em nada tinha decrescido da reputação, e valia em que era tida desde a primeira vez que fôra transmittida por escripto á posteridade. Por tanto este segundo testemunho documental, qualquer que seja a balança critica em que deva ser pezado, evidentemente faz ver que á maravilha de Ourique não era da casta, antes estava mui longe de ser do numero, e jaez daquellas patranhas, que com o andár dos dias se destroem e desvanecem; pelo contrario, que era uma verdade historica, que com o volver do tempo nada tivera perdido da sua justa dimensão e grandeza nos Fastos da patria.

Se pois o famoso prodigio militar de Ourique foi não só logo justamente apreciado, como tão solidamente se deprehende, nos annaes da historia, no proprio quartel do seculo XII, em que acontecera; mas tambem, em quasi igual periodo do seculo XIV, por outro Documento de fé ainda não contrastada; que motivos, ou fundamentos haveria para que a critica, e a philosophia da historia dos posteriores seculos lhe não désse o seu unanime e explicito assenso? Nenhuns houve, nem alguem lhos achára, quer intrinsecos, quer extrinsecos, por onde recusasse dar ao soberanamente protentoso, e tão illustre feito da historia de Portugal aquelle apreço e valor, em que tão geralmente era reputado. E quão manifestamente não estão sim os seculos subsequentes em cerrada columna, e por uma só e indiscrepante voz, sustentando a verdade historica do grande acontecimento contra todo e qualquer pyrrhonismo saltimbanco, contra todo o fero entono de qualquer polichinella litterario, que com cynica arrogancia commettesse o risivel desvario de o querer chacotear?

O nome e authoridade de tantos eruditos, tão illustres e respeitaveis, não cede na verdade o terreno aos inimigos dos feitos grandiosos da primeira épocha da nação; antes, como que dando entre si as mãos, vão successivamente formando outras tantas testudes, e assestados arietes contra a animosidade pedantesca de todo e qualquer historiolo tacanho, e impudente, que, com um empavo-

nado verboso jácto, julga deitar por terra uma das principaes columnas do edificio immortal da Historia nacional. — Hastêam aquelles eruditos no campo da sciencia dos patrios acontecimentos o pendão triunfante do seu testemunho; e o seu dizer simples, claro, e frisante é em si mesmo a condemnação, o anathema solemne d'esta anti-nacional mania da arliquinagem escrevinhadeira, que tão audazmente tem procurado dar garrote no cadafalso da mofa, e vilipendio, á heroicidade de um dos mais antigos e brilhantes feitos portuguezes. Appareçam pois já em scena para darem apoio á verdade esses grandes luminares dos seculos da nossa boa litteratura. São elles os legitimos vingadores das primitivas glorias patrias; da memoria d'esses brazões de valor e esforço portuguez na terra natal, contra o mais sáfaro e lascarim antagonismo d'aquelle, que com sinistra e vandalica penna os pretende stigmatizar com o carimbo de inacreditaveis! — Seja o primeiro escriptor, e que capitanêa tão affamada phalange o bem conhecido Chronista de D. Affonso Henriques, Duarte Galvão. Escrevia elle pelos fins do XV e principios do XVI seculo. E eis-aqui a sua narrativa ácerca da prodigiosa façanha do Campo de Ourique: » Tanto que El-Rey Ismar ouve nova (das *grandes cavalgadas* e muitos *vencimentos* contra os Mouros alcançados por D. Affonso *Anriques*) » mandou requerer to-
» da ha mourama dos lugares, e outras partes do redor,
» mandando seus alvitres, que elles entre si hão por ho-
» mens de santa vida, que fossem prégar e requerer da
» parte de Mafamede, que ha corressem á terra que es-
» tava em ponto de se perder, pelo qual ouve El-Rey
» Ismar muito em sua ajuda de Mouros daquem, e da-
» lem maar, e outras gentes barbaras, que era *infinda*
» *ha multidão delles* em tanta desigualdade dos Chris-
» tãos, que se à por certo, serem pouco menos de cento
» para hum, entre hos quaes vieram quatro Reys ou-
» tros, cujos nomes nom achamos escritos, e vieraõ com
» estas gentes molheres vezadas ha peleyjar como has
» Amazonas, ho que foy sabido, e provado depois pelos
» mortos, que acharam no campo » (1). Quem não es-

(1) Chronica del-Rey D. Affonso Henriques, Cap. XIII.

tiver inteiramente cerceo, nem rapado, ou escalvado de todo no que psycologicamente se chama principio agente da humanal intelligencia, ha de intuitivamente reconhecer e acreditar que aquella *multidão infinda* da bicharia mourisca, que El-Rei Ismar por aquella fórma juntára e amalgamára para se vingar dos desturbios, que lhe causara o Principe que o guerreava, não era para simplesmente lhe vir fazer algazarra barbaresca, e desentoada, ou apresentar ostentação scenica e fanfarronica do seu grande poderio. Toda a boa e commum critica tem avaliado, e avaliará sempre a grandeza de qualquer combate pelo arreganho das circumstancias caracteristicamente bellicosas, que o precedem, e acompanham; e particularmente pela força numerica dos combatentes. Este principio de critica ninguem dirá que não tenha logar a respeito da Batalha de Ourique. O numero dos inimigos era tal, que, como refere o Chronista: » Hos » Christãos que eram com o Principe, vendo ha *grande* » *multidão dos Mouros sem conto*, começaram a poer » duvida em se aver de dar batalha pela muy grande » desigualança, que avia delles ahos Mouros (1).

O testemunho de Duarte Galvão ganha nova força, quando se adverte que a Chronica que elle escreveu não » é outra cousa mais do que uma compilação da outra, » que alguns cem annos antes em tempo d'El-Rei D, » Duarte tinha composto Fernão Lopes, Chronista-Mór » do mesmo Rei, e Guarda-Mór da Torre do Tombo. » E' o grande João de Barros quem nol-o assegura, asseverando outrosim que o que Duarte Galvão fez á Chronica antiga, foi apurar a sua lingoagem; o que tambem attesta o famoso Antiquario André de Rezende (2).

Outro fundamento, que torna admiravel e prodigioso qualquer feito d'armas é o contraste, que offerece um pequeno numero de combatentes, vencendo um exercito desproporcionalmente muito maior. Esta circumstancia soberanamente se verifica na Batalha de Ourique. Diz o mesmo Chronista: » Partio ho Principe sua

(1) Na Obra citada, cap. XIV.
(2) Vej Elogios dos Reis de Portugal por Pereira de Figueiredo, pag. 203, not. VIII.

» gente em quatro azes, na primeira meteo trezentos de » cavallo, e tres mil homens de pée, e na reguarda fez » outra az em que hiam outros trezentos de cavallo, e » tres mil de pée, huma das azes fez de duzentos de ca» vallo, e dois mil de pée, outra az fez de outros tan» tos, que eram por todos dez mil homens de pée, e mil » de cavallo (1). » — Quem deixará de qualificar de grandiosa uma peleja, em que um tão pequeno numero é o vencedor contra uma *multidão infinda*, que fica derrotada? Em todos os tempos e em todos os paizes do universo esta extraordinaria circumstancia faz realçar a acção guerreira do vencedor nas paginas da Historia com o cunho caracteristico da heroicidade.

A outra circumstancia pela qual a peleja campal de Ourique merece sem questão o nome technico e qualificativo de — Batalha — é o tempo que ella renhidamente, e sem interrupção durou. » Foi esta batalha (refere o mencionado Chronista) tam bravamente peleyjada, » que durou atée oras do meyo dia, sem tomar fim, sen» do o dia tam quente e tanto póo naquelle tempo, que » cada uma destas cousas com pouqua mais afronta hos » devera cansar. (2) » Hum combate tão acirrado que devia durar para mais de sete horas consecutivas (pois começára *desde que ho Sol sahio* (3) ou *arraiava* (4), não era para se avaliar como se fôra qualquer evento de usual estrategia, e muito menos para ser indicado por algum termo, synonimo de romantica, e theatral caricatura, que denegrisse, e burlasse a façanha illustre. — Porém o anti-nacional pyrrhonismo historico, travesso e resingão da gemma, talvez ainda se não cale.... E que fará então elle? Ha de por ventura soccorrer-se á impossibilidade do successo, deduzindo a sua nullidade do mui pequeno numero que triunfára no combate. Não ha de fazer fortuna com a maravilha do subterfugio!... Não ha de sem duvida sequer ganhar alviçaras pelo merito da inven-

(1) Cap. XVI.
(2) Cap. XVII.
(3) Duarte Galvão, Chronica de D. Affonso Henriques, cap. 16.º folh. 22.
(4) Christovão Rodrigues Acenheiro, Chronica dos Reis de Portugal, cap. 3.º, pag. 23.

ção!... A objecção é tão fantasmagorica, como velha e sediça no terreno da desdenhosa opposição anti-historica. Foi o mesmo Chronista Duarte Galvão quem já retorquiu aos patronos della: » Nom se espante ninguem, (diz elle) nem duvide do que em cima escrevo da gran- » deza deste vencimento, como jaa vi espantar alguns » por mo assi ouvirem; quando Plutarco, e outros Au- » thores greguos e assi Tito Livio com outros Latinos, » concordando affirmaõ, e dizem ha vitoria da batalha » que Luculo Lentulo Capitão de Roma ouve em Asia » contra El-Rey Tigrames, ser a maior que o Sol nun- » qua vio; sendo hos Romãos onze mil de pée, ha fóra » ha gente de cavallo, e hos imiguos duzentos e vinte » mil de peleyja; avendo-o loguo com gente tão cobar- » da e prestes para fogir, que sobre morrerem delles cem » mil no desbarato dos Romãos sómente cinquo morre- » raõ, e feridos nom passaraõ de cento, donde se es- » creve, que hos Romãos ouveraõ vergonha, e se riraõ » de si mesmos por tomarem armas para tam vil gente, » da qual segundo affirma Tito Livio eraõ os vencedo- » res quasi ha vigesima parte; ho que em muy mayor » gráo e desigualança se deve estimar, e dizer desta vi- » toria del-Rey D. Affonso assi pelo muito mais nume- » ro de imiguos, e menos dos Christãos, como pela va- » lentia, e animosidade, e seita contraria dos infieis; e » àlem desso vezados às mesmas guerras nossas e ha mui- » tas vitorias avidas contra nós, com que se tinhaõ fey- » to vencedores da Christandade, e senhoreado ho mun- » do; nem des ho tempo de Lucullo Lentullo para cà, » nom acho vitoria dessas mais assinadas, que foraõ; » porque desta del-Rey D. Affonso se devia julgar, nem » dizer menos do que dice » (1). Eis-aqui como o Chronista defende, e faz realçar, usando de um argumento de concludente exemplo, a façanha maravilhosa de Ourique; e isto em tempo, em que, segundo a parla mordaz dos modernos Oraculos da *vigente* sciencia, os historiadores não eram mais que cégas e *fosseis toupeiras* que escreviam debaixo da *machinal* e *bruta* influencia do *milagrismo!...* E seria o destroço de Tigranes causado

(1) Cap. 17 da já citada Chronica.

por tão pouca gente algum estofo de fabrica romantica, com que a *credula* e *pasmenta* antiguidade emaranhasse os seus crespos, e luridos pergaminhos? Quem se descabisse com tal e tão sesquipedal descôco teria que contrariar o sentimento opposto de criticos da primeira plana, e já do tempo, em que o caruncho das velhas e corcovadas patranhas, que eram entulho da antiga historia, tivera sido bem e grandemente sacudido.—Temos presentes os nomes de Millot, Macquer, e Lacombe. *Jamais*, diz este a proposito da batalha de Lucullo, *les Romains ne s'étoient encore trouvés en bataille rangée avec si peu de monde, contre un si grand nombre de troupes.* (1) Os outros estão no mesmo accordo.

Que difficuldade porém ha, se quizermos mesmo resolver por outra guisa o problema, de recorrer ao principio, ou agente sobrenatural dos effeitos maravilhosos? Rir-se-ha, com estulto desdem, da fórmula de solução o arrogante e entonado *racionalismo*, que nada quer admittir acima do humanal bestunto! Ria-se muito embora; que a critica e a mais luminosa philosophia de todos os seculos ha de irrefragavelmente detonar contra uma audacia tão tyrannica e desprezivel, como ignorante e absurda. — Que monstruosidade pois não é no tribunal do bom e fino senso o pretender atrellar o systema governamental da Providencia ao jugo ferreo de um fatalismo tão iniquo e fatuo, que não consente que o Movel Supremo do universo se dê a conhecer aos homens por meio de successos de extraordinario e não commum exemplo? Póde acaso o *Purismo racionalizador*, por mais utopista que se queira inculcar em suas extravagantes concepções, marcar regras, pôr peias ao livre exercicio de uma excellencia, de um attributo do Supremo Ente, tão profundamente invadeavel ao espirito humano, já se considere em seu poder, e essencia, já em seus effeitos, e variados fenomenos? A acção reguladora do Motor soberanamente providente é superior a todos os calculos e humanaes hypotheses e arbitrios! — Negar por tanto um facto grandioso, reconhecido como tal desde a origem, ou pouco menos de qualquer nação, e

(1) Abrégé chronologique de l'Histoire Ancienne etc., pag. 455.

sempre sustentado pelas maiores notabilidades da sciencia, só porque não quadra ao mesquinho, e marasmento pensar do garrulo innovador, que ousa dirigir o gyro da divina Providencia pela viella da sua mal gradada ecliptica, é tocar o cumulo da mais campanuda e supina irrisão!... E que?... Não se encontram nas nações antigas e modernas escriptores ainda os de maior critica, que não tem duvidado attribuir innumeraveis successos historicos á protecção, e influencia singular do Poder Omnipotente? Negal-o seria o mesmo que fechar os olhos para não ver o brilho fulgente da mais clara luz. — A philosophia do historiador não póde por certo deixar de ser muitas vezes transcendente, e elevar-se por instincto e convicção, e algumas vezes até por impulso enthusiastico, á vista da maravilha do successo, a reconhecer a supremacia da Causa, que o fez com inesperado espanto existir.— A philosophia do historiador não póde ser impia; nem declarar-se a bandeiras despregadas antagonista pirracenta do maravilhoso, sem provocar a mais justa, e merecida indignação de todo o mundo verdadeiramente illustrado. — Mas para que é recorrermos ao elemento da sobrenaturalidade? A questão pelo lado por onde a encaramos, é do terreno da mais commum e natural dialectica. Desculpe-se pois a digressão.

Vejamos agora o conceito, que merece no areopago da critica o Chronista Mór do Reino, Duarte Galvão. — Deixando de avaliar o merito do homem publico pelas importantes embaixadas, de que fôra encarregado pelos Reis D. João II e D. Manoel; diremos sómente que, quanto ás qualidades pessoaes, que authorizam a moral e a litteratura do escriptor, encontraremos um Rui de Pina, um Damião de Goes, um Duarte Nunes de Leão, um Pinto Ribeiro, e outros, que assás as testificam, e affiançam. — Porém na sua Chronica, me opporão, é que se deve fazer a anatomia critica. E quem ha que o duvide? E' nella pois que eu especialmente encaro e tenho posto a mira.—Ventila-se e é ponto controverso: Se a Chronica de D. Affonso Henriques é obra original de Duarte Galvão, ou apenas refundição da Chronica do mesmo Rei por Fernão Lopes. João de Barros e André de Rezende, como já advertimos, concedem só que Duar-

te Galvão apurára a linguagem antiga do que já achára escripto. Seja porém original ou recopilação de outra antiquissima, como quer Mariz, esta questão não vem para o caso. Trata-se de processar o que elle publicára como producto da sua lavra. E deveremos nós estar por tudo o que elle escreveu, ou transcreveu na mencionada Chronica? Estamos bem longe dessa omnimoda deliberação. Sabemos que Duarte Galvão, ou por si ou por outros a quem seguira, algumas vezes patinhou. Lá está o Doutor D. Frey Antonio Brandão, que depois lhe cahiu á perna, e por signal que ao tomo 3.º da Monarchia Lusitana lhe fez menos mal o catatáo! Fêl-o sim tanto á feição, que o Theatino D. José Barbosa (que accusando a negligencia com que Galvão se houvera na composição da Chronica de D. Affonso, chegára a dizer que lhe *parecia que não fez exame algum para o que havia de escrever*) não teve duvida para á vista sobretudo de uma tal correcção do Cisterciense retirar o seu escrupulo, e dar assenso para que a dita Chronica no primeiro quarto do seculo passado, sahisse á luz publica (1). Teve escorregadelas e qual é o historiador profano, ainda da maior polpa, que as não tenha tido? — Porém entre os lapsos historicos que a critica assacára contra Galvão, entra por ventura a asserção do facto, de que tratamos? Ninguem ainda o dissera, nem podia dizer. Logo a batalha de Ourique é dos factos escolhidos, e apurados, que se lêem na Obra do Chronista. — Mas será necessario para confirmar um facto tão classico na historia de Portugal ir arregimentando toda a cohorte de Escriptores, que o authorizam, transcrevendo as suas proprias passagens? Será preciso constituir um Baazar de notoria e corriqueira erudição para sustentar em toda a sua grandeza uma verdade publica, que permanece desde seculos no remanso pacifico do Archivo das façanhas mais incontestaveis; contra qualquer bandorrilha, ou bandoleiro historico, que a venha contrariar ou aviltantemente deprimir? Não é necessario.... Responderão todas as illustrações patrias contra essa ferocidade otto-

(1) Veja-se a Censura de D. José Barbosa, que precede a Chronica de D. Affonso Henriques por Duarte Galvão.

manica, que com anti-nacional alfange intenta decapitar as primeiras, e sempre tão celebradas glorias da heroicidade portugueza.—Aquillo que sempre foi tido e havido por verdadeiro e certo no conceito de todos os criticos não póde ser destruido pelo nunca ouvido pensar de algum, que se ufana de querer passar por entonado discolo, por apostata presumpçoso da historia do paiz! O riso e o mais formal desprezo pela extravagancia é a merecida retribuição!...

Todavia não será ocioso, nem tão pouco inutil, para servir de monumento apologetico contra o mais abjecto, e anti-nacional scepticismo, o mencionar os principaes nomes, e logares dos distinctos Authores que asseveram, e testificam a façanha prodigiosa do Campo de Ourique.

Siga pois immediatamente a Duarte Galvão o Bacharel Christovão Rodrigues Azinheiro. Este segundo Chronista de D. Affonso Henriques (fallamos d'aquelles, cujos escriptos existem) na Chronica, que escreveu do referido Monarcha em 1535, trinta annos depois d'aquella que escrevera Duarte Galvão, novamente confirma a grandeza do famoso combate. Quem a consultar ha de achar que é até um perfeito resumo da outra de Galvão (1).— Azinheiro não era um adulador do primeiro Monarcha, que por veneração ás suas cinzas quizesse engrandecer com *pincel romanesco* as suas façanhas. Pelo contrario até afêa a memoria do Fundador da Monarchia com a celebre historieta do *Bispo negro* e mais adjuntos; patranha, que Brandão valentemente refuta (2); seguindo igual exemplo um Critico dos nossos dias (3). Isto prova que Azinheiro não teria duvida de collocar em menos escala a Façanha de Ourique, se para isso

(1) Veja-se Cap. 2.º e 3.º

(2) Monarch. Lusit. tom. 3.º Liv. 9.º Cap. 18.º

(3) Veja-se Panorama, vol. 3.º, pag. 331. — E' bem de notar que o Author da Historia de Portugal, quando collaborador do Panorama, fizesse reviver taes *contos de velhas*, antiga e modernamente confutados, para lhe servir de topico a certo aranzel Romantico. A Composição Romanceira ou aranzeleira, de que fallamos, tem o antifratico titulo — *O Chronista — Viver e crer de outro tempo.* — Se houvessemos de entrar na analyse deste filho estreme da machina fantasial; perguntariamos 1.º Se um aéreo apontoado de patranhas;

tivesse achado algum fundamento. Não a collocou pois. E este proceder não podia ser senão filho da mais pura e sincera convicção. Que admira? Já antes dos dois citados Chronistas, outro que florecera no reinado de D. Affonso V., deixou grave testemunho da importancia da batalha de Ourique. Foi elle Gomes Eeanes de Azurara, na 3.ª parte da Chronica de D. João I., cap. 10.º — *Resposta dos Letrados.* —

Neste mesmo seculo XVI a critica e a philosophia da historia não deixou de conhecer qual era o seu dever para com a sciencia. Este dever não julgou ella que havia de consistir em compaginar uma farragem ou trapagem hedionda de anathemas contra todo o genero de feitos prodigiosos acontecidos no sólo patrio, a que puzesse

tão fóra mesmo até das raias do verosimil, está no caso de conter materia, que mereça ter por designação, senha, ou inculca, o nome de *Chronista*? 2.º Se um amalgama de disparates tão incrivel, como altamente indecoroso para o Rei, para o Pontifice, para o seu delegado, e em geral para o Clero, se póde chamar sem flagrante injuria dos nossos avós o — *Viver e crer de outro tempo*? 3.º Se as fabulas e historietas da crença plebéa, e não antes as tendencias predominantes da gente culta, que timbram cada seculo, são norma segura para se ajuizar do *viver e crer* de qualquer nação? A' affirmativa inepta responderiamos um redondo, e archisonante: Não póde ser admissivel uma tão descomedida liberdade romantica!... E immediatamente fariamos apparecer no tablado analytico o esqueleto da peça, despido de todo o seu mal postiço scenario. Aqui porém prevaleça o dito de Horacio: *Non erat his locus*!...

Todavia não podemos deixar agora de notar o crassissimo erro historico em que cahira o Author do *Chronista*. E' elle o dar por *terceiro marido* de D. Tareja, mãi de D. Affonso Henriques, o conde de Trastamara. Eis-aqui as suas palavras: *D. Tareja sua mãe ainda jazia preza, desde que elle a vencera e ao seu terceiro marido, o Conde de Trastamara.* Veja-se Panorama, Vol. 3.º pag. 306. — Ora ninguem hoje em dia, ainda que de mediana critica seja, ousará dizer, nem ainda em novella (e principalmente quando seu Author capricha de não alterar o *essencial* da historia) que D. Tareja tivesse passado a terceiras nupcias! Corrija pois o lapso o mal fingido *Chronista*. — Porém que? Ha de retorquir que, em seu alto entender historico, a viuva do Conde D. Henrique casára segunda vez com D. Bermudo Peres; e depois, sendo este ainda vivo, com D. Fernando, Conde de Transtamara, que, apezar de ser seu irmão, violentamente lhe tirára a mulher. Ora quem fizer reviver em tempos de tão assignalada illustração patranhas tão cascudas, se não tem o sinistro e encapotado fim de deprimir o caracter da personagem; dá mostras pelo menos da mais lanzuda, e romba simpleza! (Vej. D. José Barbosa Cat. das R. de P., pag. 89, § 111.

o apocrypho letreiro de — Historia de Portugal. — Pensar mui diverso foi o seu. Foi o de reformar erros e corrigir inexactidões, e não o de negar, e destruir verdades reconhecidas, e com optimo direito consignadas em monumentos de perennal lembrança. Precisavam de reformar as Chronicas dos Reis de Portugal. Este pensamento occorreu, e realizou Duarte Nunes de Leão. Entre os factos, ou narrativas porém que elle omittiu, rejeitou ou modificou, acaso entrará a maravilhosa Batalha de Ourique? Pronunciou elle algum anathema, ou pelo menos remoqueou o que os Chronistas deixaram escripto sobre aquelle objecto? Bem pelo contrario. Duarte Nunes de Leão confirmára quasi pelas mesmas palavras, e sem omittir circumstancia alguma aquillo mesmo que tinham escripto Duarte Galvão e Christovão Rodrigues de Azinheiro. Este simples periodo é bastante para formar idéa do conceito que Nunes de Leão fazia da Batalha de Ourique: » Esta victoria foi *uma das grandes* » que houve no mundo, porque não se achará, que tam » poucos fossem busear tam grande numero de imigos, » para lhes dar batalha campal, sendo os Mouros, a » que se deu gente sem número, mui fera e bellicosa, » costumados ás armas e muitas victorias, que houve- » ram não sómente da mór parte de Hespanha, que » ainda tinham usurpada, mas de muita parte da Afri- » ca, Asia e Europa, de que se haviam feito senhores » desdo tempo de seu falso Profeta Mafamede (1). » Estas palavras são terminantissimas; e bem capazes de fazer tapar a boca a qualquer grazina sceptico que á grandeza daquelle feito se opponha. — E seria necessario, sem sahir do ambito do XVI seculo, continuar a fazer ainda mais alarde de erudição para melhor reconhecer uma verdade tão corrente na historia do paiz? Se o fosse, eu continuaria a apresentar em campo a authoridade de um Pedro de Mariz (2); e antes delle a de André de Rezende (3) e a de seu contemporaneo illustre, Damião de

(1) Chronica d'El-Rei D. Affonso Henriques, fol. 34, ediç. de 1600.
(2) Dialogo 2.º, pag. 44 e seguintes.
(3) Liv. 4.º de Antiquitatibus Lusitaniæ.

Goes (1). Citaria em polidissimo latim o testemunho do grande Bispo de Silves, Jeronymo Ozorio (2), a que accrescentaria na mesma lingua o do eruditissimo Professor universitario Fr. Heitor Pinto (3). Invocaria em apoio de sobreselente as deleitosas e altisonantes Musas de um Luiz de Camões, (4) de um Antonio Ferreira, (5) de um Sá de Miranda (6); e até o primaz da Dramatographia portugueza correria pelo palco fóra como um furioso para dar a competente tunda no sceptico mordaz da proeza de Ourique; vergalhando-o a preceito com a intitulada Tragico-Comedia — *Triunfo do Inferno.* — Quem porém duvidou jámais da unanimidade dos Escriptores nacionaes do XVI seculo em asseverar e confirmar por differentes maneiras o successo prodigioso do Campo de Ourique. Não se encontra um só que deixasse de reconhecer a grandeza do feito, que o Documento coetaneo affirmára. Este Documento, como todos sabem, e novamente repito, é a Chronica denominada Gothica.
» Esta Chronica (confirma em outra Obra o mui critico e erudito Oratoriano Pereira de Figueiredo) » traz
» evidentes signaes de que foi escripta no mesmo seculo
» XII em que floreceu El-Rei D. Affonso Henriques.
» Assim porque na Era de 1026 que é o anno de Chris-
» to de 1064 diz que o que refere da deserção, e reedi-
» ficação de Coimbra em tempo de Almanzor, o sou-
» bera de muitos velhos d'aquelle tempo: *sicut a mullis*
» *senibus audivimus*: como porque refere com extrema-
» da miudeza, e exacção, não só os annos, e mezes dos
» successos, mas tambem os dias dos mezes, e os dias
» das semanas, e ainda as horas: como finalmente por-
» que não passa dos ultimos annos do mesmo Rei D.
» Affonso. Pelo que eu naquelles pontos, em que esta
» Chronica não tiver contra si o unanime consenso das
» outras antigas, nenhuma duvida terei em a seguir,

(1) In Olisiponis Descriptione.
(2) De Rebus Emmanuelis, lib. 8., pag. 81 da edição de Coimbra.
(3) Na Epistola Dedicatoria, que precede os Commentarios sobre Ezequiel, dirigida a El-Rei D. Sebastião.
(4) Cant. 3.º Est. 44.
(5) No Epitafio a El-Rey D. Affonso Henriques.
(6) Na 1.ª Egloga, intitulada — *Fabula do Mondego.* Est. 7.ª

» como fez Rezende, e como depois de Rezende, fez » Brandão. » (1) Este voto motivado de uma notabilidade de tanto vulto na republica das lettras, é um inflexivel, e possante maço rodeiro, que deve esmechar a tromba altiva de todo e qualquer taralhão de fanfarronica litteratura, que a esmo, e adrede chacotea e barafusta contra uma universal e bem fundamental crença historica.

Retiraria porém a critica historica do numero das suas asserções aquelle celebrado feito, nos seculos subsequentes? Appareceria acaso nelles algum paleografo de carregada, e testuda viseira, que com vesga e enviezada olhadura diplomatico-*pergaminheira*, infezasse e reduzisse a um ideal espectro aquella tão bem nascida e alimentada filha da historia? A critica illustrada da historia não retrogradou, antes foi em progresso no XVII e XVIII seculo. E se não se descuidou de depurar no cadinho da philosophia e do bom senso aquellas lendas, e narrativas, que conspurcavam o campo da historia; á grandeza do famoso successo de Ourique nada diminuiu, nem rebaixou no conceito dos que bem podiam avalial-a.

O primeiro escriptor de reputação incontestavel, que se póde pôr á frente dos que no seculo XVII tiveram na mesma cathegoria, em que geralmente foi tida nos seculos precedentes a victoria de Ourique, foi o undecimo Chronista mór de Portugal (fallo dos que vem apurados no Catalogo, que delles fez Fr. Manuel de Figueiredo) o Doutor Fr. Antonio Brandão. Este Cisterciense; a quem, todos, antigos e modernos, tributam respeito, e louvor pela judiciosa e apurada critica com que escrevêra; é pois o proprio que confirma e corrobora com o seu ponderoso testemunho a grandiosa idéa, que os escriptores, que o antecederam, formaram do maravilhoso feito do Campo de Ourique. Os seus profundos conhecimentos em historia, e assiduas investigações paleograficas estiveram tão longe de o desviar do centro commum do geral conceito, em que todos os que até então tinham tratado de tal maravilha convergiam, que

(1) Elogios dos Reis de Portugal, Nota 2.ª

pelo contrario o levaram a ser um dos seus mais sinceros, e convencidos asseveradores. Quem disto se quizer assegurar, abra, e leia o Capitulo 3.º do Livro 10.º da 3.ª Parte da Monarchia Lusitana. Ahi diz elle a folhas 122. » Esta he a celebradissima vitoria, que chamamos » do Campo de Ourique, famosa entre as que venéra » a antiguidade, pella desigoaldade do numero da gen» te, pertinacia dos Mouros, e duração de tempo; e no » felice auspicio do Reyno de Portugal muy notavel. » Quem continuar a lêr ha de achar que Brandão está perfeitamente de acordo com o Chronista de D. Affonso Henriques (Duarte Galvão); cujas ponderações em favor do objecto elle adduz a pêllo.

Neste seculo se acham deste mesmo sentimento historico Manoel de Faria e Souza, e Manoel Severim de Faria. Aquelle na Europa Portugueza, tomo II, Part. I, cap. 3.º n.º 26 etc. Este nas *Noticias de Portugal* Discurs. 3.º § 6. Accrescentemos tambem a elles o eruditissimo Antonio de Souza de Macedo, que na sua Obra *Lusitania Liberata* claramente mostra seguir o que escrevêra André de Rezende, e mesmo Duarte Galvão (1). Outrosim está de accordo com a commum opinião Antonio de Vasconcellos nas suas elegantes e bem latinas: *Anacephaleoses, id est, Summa Capita Actorum Regum Lusitaniæ.* Diz este pois em resultado da Batalha de Ourique: *Haud dubium quin hæc Victoria omnibus quarumcumque gentium celebratissimis comparanda, et nulli secunda videatur* (2). Muito mais ainda esmeradamente se explicou o erudito Oratoriano, e nada menos que o P. Manoel Bernardes (que é um dos primeiros classicos da lingua); cujo testemunho, mesmo como historiador, não é para na questão presente esquecer (3).

(1) Lusitania Liberata Proœmium II, pag. 106. — Veja se tambem a *Falla que fez o mesmo D. Antonio de Macedo no juramento do Rey o Muito Alto e Muito Poderoso D. Affonso VI.*

(2) Na citada Obra, pag. 16.

(3) Do que diz este insigne Oratoriano a respeito da maravilha de Ourique transcreveremos o seguinte: » De serem cinco os Reys » vencidos teve occasião o erro de Marianna Chronista de Hespa» nha, e alguns outros Historiadores estrangeiros, que suppõem (mas » não provaõ) ser esta significação das nossas Quinas. Porém outra » he muito mais alta e decorosa, e que póde metter inveja a todos os

Neste mesmo seculo, de que fallamos não deixaram de haver Poetas, que fizessem echoar do alto do Parnaso a mesma importante verdade, que a historia tão triunfantemente nutria em seu regaço. Podêmos contar em tal numero o Author da *Phœnix da Lusitania* ou *Acclamação do Serenissimo Rey de Portugal D. João IV.* Aponta elle a Ourique como testemunho de um dos grandes brazões bellicos de D. Affonso Henriques:

» Digam Lisboa, Santarém e Ourique
» Quantas Lybias cabeças coroadas
» Viu, a seus pés o successor de Henrique
» Com heroicas grandezas debelladas. (1)

Não se esqueceu igualmente de celebrar este prodigio em suas Musas *Francisco Rodrigues Lobo.* Quem lêr o *Condestabre de Portugal*, Canto XIIII Est. 36

» mais Reaes Escudos da Christandade. Significaõ as cinco adoraveis e preciosissimas Chagas do Rey dos Reys, com que venceo a morte, resgatou o mundo, e destruhio o reino do peccado. E os 30 pontos, ou arruellas, que vão distribuidas de cinco em cinco pelos escudetes (contando se os do meio duas vezes) representaõ os trinta dinheiros, por que o Senhor foy vendido. Consta expressamente do juramento authentico do mesmo Rey D. Affonso, que se conservou no archivo do real Mosteiro de Alcobaça: até que Filippe II estando em posse desta corôa, o mandou buscar, e depositar no Escurial, ficando nos copia authenticada Com a qual concordaõ os nossos Escriptores e tambem muitos dos Estrangeiros, de que Macedo cita até numero 29; advertindo que alguns delles escreveraõ antes de se descobrir o dito original: donde se mostra ser isto tradição antiga e constante, como diz Faria. Nem ha para que fazer caso da authoridade de Marianna, a qual he pouca nas cousas tocantes a Portugal: e assim como deu hum erro, dizendo, que a orla dos castellos, que cerra o escudo, a pôz El Rey D. Sancho II, não sendo senão D. Affonso III; e logo deu outro erro, dizendo, que o campo do escudo he azul, não sendo senão branco: que muito que cahisse tambem em terceiro erro, dizendo, que os cinco escudos significaõ os cinco Reys Mouros vencidos, não significando senão as cinco Chagas de Christo vencedoras? (Nova Floresta etc. Tom. 1.º titulo VIII, pag. 351. — Veja-se tambem pag. 333 e 350.) — Aqui agora advertiremos a certo Paleographo anonymo, que pretendeu com tanto adubo dar-nos quináu, por termos enunciado na — *Justa Desaffronta* — que o Diploma do Juramento de D. Affonso Henriques, que existia em Portugal, era copia; que o *tal erro*, é tambem do grande Escriptor citado. E'-o outrosim de outros Escriptores, como, se merecesse a pena, lho fariamos ver!....

(1) L. 1.º Est. 36.

ha de sem difficuldade reconhecer o que asseveramos. — Em excellentes versos latinos deixou commemorada tambem a façanha do Campo de Ourique o Bispo de Targa, D. Fr. Thomé de Faria. Alludimos ao que elle a tal respeito deixou escripto no livro 4.º do seu poema — *Lusiades*. — E' de notar que alguns dos indicados escriptores compozeram suas obras sob o dominio do governo intruso dos Filippes, e alguns até lhes dedicaram seus escriptos. Ora se a façanha gloriosa do Campo de Ourique fosse alguma patranha, *maranhão*, ou treta de invenção *fradesca*; mal poderia ella ser pespegada como realidade historica nas bochechas de Monarchas, que nunca olharam com bons olhos para a independencia de Portugal; maiormente involvendo similhante narrativa a recordação do primeiro e fundamental cimento della. — Que admira porém que os nossos escriptores continuassem a propalar sem receio de contestação um feito da primitiva historia patria? Os Authores Hespanhoes, ou que tomaram o seu partido, são os proprios que desaffrontadamente o affirmam. Falle por todos o Coripheu dos defensores dos pretendidos direitos dos Filippes á Corôa de Portugal, o celebre flamengo D. João Caramuel no seu *Philippus Prudens*. Explicando elle o que queria significar o numero dos escudos nas Armas Portuguezas, diz assim: » Hic *illam celeberrimam victoriam* exprimit, » quam in *Ouriquio Campo* obtinuit Afonsus, ubi *ceci-* » *dit quinque Reges* (1). » — Temos outrosim a *Estevan de Garibay*, que é Hespanhol castiço; e, pelo mais que lhe diz respeito como escriptor, D. Nicoláo Antonio, em a *Bibliotheca Hispana*, é quem nol-o affiança. Eis-aqui o que elle diz acabando de historiar a batalha de que tratâmos: » Esta fue *la memorable y santa batalla* que » llaman *de Ouriqué*, muy celebrada en la nacion Por- » tugueza, cuya principal gloria se deve a los fidalgos » y escuderos y gentes, habitantes en las tierras de A- » quentejo, y de entre Duero y Miño, porque no solo » las de Alentejo, y Algarve estavan en poder de infie- » les, mas aun mucha parte de Aquentejo (2). » Em

(1) Na citada Obra — *Occasio Scribendi* — no titulo — Stemma Lusitanicum.

(2) Compendio Historial, tom. 4.º, liv. 34, cap. X.

nenhuma outra parte falla elle do prodigio bellico de Campo de Ourique, que não esteja de accordo com o modo commum, como tem sido encarado, quanto á sua grandeza e importancia, por todos os escriptores. — Alguem mais poderiamos apontar da visinha e rival nação, que sem attribuir o successo a uma causa theocratica, não deixou por isso de lhe conservar o mesmo caracter, e cunho de feito grandioso, que sempre tivéra; apresentando-o no prélo revestido mesmo de alguma outra peculiar circumstancia, que bem o confirma (1).

Aqui talvez, como por episodio, perguntará a curiosidade de alguem: Em que seculo entraria no dominio do pulpito o prodigio de Ourique? Se resolvermos o pensamento pelos quatro primeiros seculos da Monarchia não encontraremos vestigio algum documental que o affirme, nem que o negue. Isto porém não tolhe o poder-se plausivelmente conjecturar que o prodigio de Ourique fôra um dos topicos especiaes com que os prégadores d'aquelles tempos excitariam os brios militares dos guerreiros nacionaes. — No 15.º e 16.º seculo é verdade que a Oratoria Sagrada ainda não nos offerece exemplo da propalação d'aquella maravilha. Todavia temos, no principio quasi do 15.º seculo, o testemunho dos Confessores d'El-Rei D. João I, o Doutor Fr. Vasco Pereira da Ordem dos Prégadores, e o Mestre Fr. João Xira, da Ordem dos Menores, que, na Consulta, que por ordem do mesmo Monarcha lhes fizeram sobre se era do serviço de Deus a conquista da cidade de Ceuta, fallam da façanha gloriosa de Ourique (2). Ora se elles apontaram

(1) Marianna, que é do numero d'aquelles que não attribúe a milagre a façanha de Ourique, não teve duvida, apezar d'isso, de confessar a sua grandeza. Assim o indicam as expressões: » Esta fue » aquella batalla tan celebrada con razon por los historiadores Portugueses, de las mas memorables que se vieron en aquella era, » despues de la qual en breve el poder y fuerzas de Portugal se au» mentaron en grande manera. » (Historia de España, L. X, cap. XVII, tom. 4.º pag. 115) — A' vista deste e outros testemunhos tão positivos de Escriptores tão insuspeitos; quanto se não deve envergonhar o historiador portuguez de tão aviltantemente deprimir uma tal proeza! Quem assim procede offende impudentemente a verdade historica e o natural instincto da nacionalidade!

(2) Vej. Chronica d'El-Rey D. João I. 3.ª Parte (por Gomes Eanes d'Azurara) cap. 10.

ao Rei aquelle admiravel successo para o persuadir a uma Obra, que segundo o seu pensar theologico era do serviço de Deus; que difficuldade teriam elles de o mencionarem do pulpito abaixo ao povo para conseguirem o mesmo fim? Por certo que nenhuma. Tão pouco pessoa de criterio poderá asseverar que o não fizessem.

No 16.º seculo Frei Heitor Pinto na Dedicatoria dos seus Commentarios sobre Ezequiel, se não teve duvida de abonar a maravilha da Apparição; porque a havia de ter de a affiançar do alto da tribuna sagrada? O mesmo diremos do grande Doutor D. Martinho Aspicuelta Navarro (Conego regular de S. Agostinho), um dos lustres da Universidade de Coimbra no tempo de El-Rei D. João III, que no Commentario do Capitulo *Novit de Judiciis* assevera o Apparecimento de Christo a D. Affonso Henriques. — No seculo 17.º temos porém testemunhos indubitaveis de que a maravilha da Apparição era annunciada nos templos sagrados pelos Oradores Evangelicos, sem que elles por isso merecessem de alguem, que conste, o ferrete de credulos propagadores de *historias da carouchinha* ou de algum outro ultrajante epithe[illegible] — Quando não tivessemos outros testemunhos; bastaria para exemplo o Padre Antonio Vieira em varios dos seus Sermões (1). Havemos porém ainda de fazer menção de alguns mais, para que se não cuide, que o tal uso era obra só de um *Jesuita!* São elles entre outros Fr. João de S. Bernardino da Ordem de S. Francisco (2), o P. M. Fr. Joam de Deus da mesma Ordem; de

(1) Veja-se: Tom. 2.º, *Sermão de Santo Antonio*, pag. 135. — Tom. 3.º *Sermão pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda*, pag. 470. — Tom. 11.º Sermão dos Bons annos, pag. 405. — Tom. 13.º *Palavra de Deos Desempenhada. Sermam de Acçam de Graças pelo nascimento do Principe D. João* etc. §. 1.º, 2.º, 8.º 10.º — *Palavra do Prégador empenhada, e defendida* etc. logo no *thema*; e §. 1.º, 5.º, 7.º, 8.º, 12.º Todos estes logares de Vieira (e por ventura outros, que alguem com mais pachorra poderá descobrir) mostram de sobejo quão familiar lhe era chamar, para argumento, ao campo da tribuna Oratoria a maravilha da Apparição.

(2) Vej. *Sermão da Immaculada Conceição da Mãi de Deos, que fez em a Capella Real, assistindo em ella a primeira vez S. M. oito dias depois de sua acclamação, que foi feita em Sabbado, primeiro dia de Dezembro do anno de* 1640 etc. §. 9. — A Bibliotheca Lusitana abona grandemente a capacidade litteraria e moral deste Religioso.

quem outrosim a Bibliotheca Lusitana com tanto apreço falla (1): o Doutor D. Francisco da Trindade, Lente de Theologia no Collegio de S. Agostinho de Conegos Regrantes (2), o P. M. Fr. Antonio da Luz, Religioso da Ordem de S. Bento, e Lente na Universidade de Coimbra (3), o P. Manoel da Silva, da Companhia de Jesus (4), o Bispo de Angola, D. Fr. Joseph de Oliveira, dos Eremitas de S. Agostinho (5); e o Arcebispo de Cranganor, D. Diogo da Annunciação Justiniano (6), — Querem ainda mais? Pois mencionarei tambem para coroar a enumeração, o nome do M. R. P. D. Antonio Ardizone Spinola, Doutor na Sagrada Theologia, e que, entre outras qualificações, se distingue por ter sido o *Fundador dos Conventos de N. Senhora da Divina Providencia da cidade de Lisboa, e da cidade de Goa*, aonde repetidas vezes renovou da Cadeira Evangelica a

. . . .

— Veja-se tambem *Sermam feito pelo mesmo na Igreja Metropolitana em o segundo Domingo do Advento, nono dia de Dezembro de 1640, etc.* §. 27.

(1) *Sermão que prégou na Solemne Procissam, que fez o Reverendo Cabido e Camara de Coimbra á Rainha Santa, em acçam de graças pella gloriosa restauraçum de Evora, em o outro dia da sua oitava* etc., pag. 3, 4, 16, segundo a edição de Coimbra de 1672.

(2) *Sermão prégado no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra etc. em acção de graças a Deos por dar a este Reyno o invictissimo Rey D. João IV; em 12 de Dezembro de 1640*; fol. 4 v. fol. 8, e 9, v. — 13 v. e fol. 15.

(3) *Sermam offerecido á Serenissima Raynha Senhora nossa D. Maria Francisca Isabel de Saboya etc. prégado na Capella da Universidade, na celebridade, em que deu graças a Deos pello nascimento feliz da Princeza Senhora nossa D. Isabel em 21 Janeiro de 1669*, Na pag. 23 — 31 — 33 — 38.

(4) *Sylva Concionatoria, Primeira Parte Panegyrica, tom.* 2.º — *Sermão em acçam de graças etc. na occasião da gloriosa victoria, que o exercito Portuguez etc. alcançou em Montes Claros do exercito Espanhol aos 17 de junho; na Igreja da Companhia de Jesus na Cidade do Porto, anno de* 1665. Em o n.º 13, pag. 474.

(5) *Sermões Varios que prégou etc.* Segunda Parte, tom. 2.º — *Sermão prégado em o Prestito que a insigne Universidade de Coimbra fez á Igreja da Rainha Santa Isabel em acção de graças pelo nascimento do Principe nosso Senhor. Anno* 1689. Em os n.os 8, 9, e outros.

(6) *Tropheo Evangelico etc.* Parte 4.ª, tom. 4.º — *Sermam de Christo Crucificado, prégado na Igreja de Santa Justa de Coimbra na tarde do primeyro dia de Janeyro do anno de* 1680 *etc.* Na pag. 34, n.º 36.

memoria da maravilha de Ourique (1); e o do Bispo de Martyria, D. Fr. Christovam de Almeida, da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho, que exerceo, segundo a Bibliotheca Lusitana, o Logar de Provisor do Arcebispado de Lisboa em o tempo dos Arcebispos D. Antonio de Mendonça, e D. Luiz de Souza (2). — Basta de digressão:

O seculo 18.º não deslizou da crença historica em que tinham estado os seculos precedentes sobre a grandeza do feito militar do Campo de Ourique. A critica, e a philosophia, que neste seculo marchavam pelo campo das lettras com sobejo desempeno, e já com manifesta tendencia para desmoronar o edificio das velhas crenças historicas; não ousou sim ter em menos cabo, e aviltado preço aquelle maravilhoso acontecimento. Pelo contrario a illustração profunda e sensata do passado seculo tanto não deu máu olhado á maravilha de Ourique, considerada unicamente como obra do humano esforço; que até mesmo propugnou e triunfantemente defendeu a sua sobrenaturalidade. A sciencia, e a erudição deste seculo não se pejou de admittir, e conservar o facto maravilhoso com todos os adminiculos, com que lho ti-

(1) Vej. *Cordel Triplicado de Amor a Christo Jesu Sacramentado, etc.* No livro 1.º de uma Collecção, que tem por titulo — *Portugal restituido na decima sexta geraçam de seus Reys naturaes, promettida por Deos ao Sancto e Invicto Rey D. Affonso Henriques, e emparada do Ceo com prodigios e milagres: epilogo de louvores do mui alto, e poderoso Rey e Senhor nosso D. João IV expostos em quatro Sermoens etc.* Escusamos citar paginas. — Opporão talvez porém os Archi Aristarchos (se é que o sabem); que a citada obra tem a pecha de ser prohibida pela Meza Censoria. Tenha embora o livro este labéo; e mesmo com razão a dita Real Meza por muitos e indisputaveis motivos o condemnasse á pena da suppressão; como bem se deixa ver pelo seu edital de 6 de Março de 1775. Que se segue desse fracasso? Por ventura a Meza Censoria condemnou o livro por seu Author propalar do pulpito a maravilha de Ourique? Não por certo E nem sequer vestigio algum se encontra no edital contra os prégadores, ou seus Sermões impressos, que trouxessem á collação a tão prodigiosa maravilha. Pelo contrario approvára e deixára correr ella muitas peças de Oratoria Sagrada, que mencionavam, ou pela mais manifesta fórma alludiam theorraticamente ao prodigio. Duvidal-o seria estigmatizar-se a si proprio (o pyrrhonico que tal fizesse) com o ferrete da mais crassa e botecuda ignorancia.

(2) Vej. *Sermoens varios etc.* tom. 3.º, Part. 3.ª — *Sermão de S. José prégado em a Capella Real no dia, em que fazia annos o Senhor Rey D. João IV de gloriosa memoria.* Logo no § 1.º

vera transmittido a veneranda antiguidade. Conservou-se na mesma cathegoria, em que o tinham collocado os seculos precedentes.

Foi na verdade no seculo 18.º a épocha, em que os estudos historicos tiveram maior impulso e incremento em Portugal. Basta lembrarmo-nos da instituição da Academia da Historia, pelo Monarcha de immortal recordação D. João V, para reconhecermos a evidencia de uma tal asserção. Este estabelecimento litterario que começára a ter existencia em 1720, reuniu em seu gremio tudo quanto em Portugal havia de grande na sciencia historica, e disciplinas accessorias. Os cincoenta membros porém que compuzeram tão respeitavel Associação, e aquelles que os coadjuvaram em seus trabalhos, jámais poderam descubrir fundamento algum para que se houvesse de deprimir, e ter em menos conta o grandioso successo nacional. — Por todos elles é assás que falle o eruditissimo Theatino D. Antonio Caetano de Souza. Este escriptor de bem merecido renome não só sustentou o facto heroico de Ourique como humanamente obrado; mas até o inculcou com aquellas circumstancias theocraticas, com que os precedentes historiadores implicita, ou explicitamente o transmittiram. E como o fez elle? Apoiou-se por ventura só nos cabedaes, ainda que mui solidos e profundos da sua judiciosa e apurada critica? Não fez isto só. Agglomerou e produziu em seu apoio um sequito numeroso de escriptores assim nacionaes, como estrangeiros, que coincidiam no mesmo pensamento. Quem lêr o Agiologio Lusitano no Commentario ao dia 25 de Julho ha de achar que Souza coroou a sua obra invocando o testemunho de cincoenta ou mais escriptores nacionaes; de quarenta e sete ou mais estrangeiros, sendo vinte destes hespanhoes. Se pois tantas pennas illustradas de diversos paizes, que aquelle sabio noticiou, e reuniu em trabalhoso elenco, reconheceram pela maior parte aquelle acontecimento, como effeito prodigioso de uma causa transcendente, e todos elles unanimemente a sua magnitude; como é possivel que os seus manes não bradem com voz terrivel e medonha contra o audaz (que não acreditarão por certo ser portuguez) que figurando-se (pelo menos em caricato romance) empu-

nhar o sceptro do sultanismo *miso-historico* em Portugal, com o mais risivel e grutesco — *quero* — *posso* — *e mando* — atira para o bárathro hediondo das ninharias, esse monumento immortal do esforço heroico dos valentes soldados do grande Affonso Henriques no Campo de Ourique? Oh! Atravez de que prisma depreciador e mesquinho enxergastes vós a maravilha bellica das hostes Lusitanas n'aquelle memoravel logar, que vos transtornou o cerebro a ponto de não verdes nella mais, ou pouco menos, que uma mascarada theatral? Comvosco fallo, ó espezinhador furibundo de uma verdade tão conhecida por tal!... Que não acreditasseis na influencia theocratica, que as historias commummente reconhecem em tão realçado prodigio, não admira. E' uma pia crença, não é objecto de dogma! Que refuseis porém com insultante menoscabo reconhecer a grandeza do successo olhado mesmo simplesmente como obra humana; é uma aberração tão heterogenea, e exotica, que se confunde com a mais rematada extravagancia!...

Mas não é só o mencionado escriptor com a cohorte que o escuda que estigmatiza com o seu testemunho o intoleravel arrojo. Outros ha neste seculo que seguiram o seu exemplo. Contamos entre estes o Author do *Apparatus Historicus* impresso em Roma em 1728, José Pinto Pereira, no *Primeiro Argumento* (1). A este escriptor unimos o P. João Baptista de Castro no 1.º volume do Mappa de Portugal, cap. 6.º §. 17 e 18; e Damião Antonio de Lemos na *Aula da Nobreza Lusitana*, Tom. 6.º pag. 200 etc., e na *Historia geral de Portugal*, tomo 1.º, na prefação, e tomo 3.º pag. 21 etc. — Ambos estes escriptores, e todos os outros que elles apontam em defesa da sua opinião; é bem de vêr que sustentando todos a theocracia do successo, assás e de sobejo conjunctamente confessam a excellencia da marcial maravilha, que nella mesmo historicamente fallando se encerra. Aqui porém talvez roncará o pyrrhonismo his-

(1) Este Escriptor a pag. 22 transcreve em francez as proprias palavras de Oliveiro de Marca, que depõem em favor da Apparição. As taes palavras vem em umas *Memorias* delle, que Pereira de Figueiredo declarou na 1.ª Parte dos *Novos Testemunhos* não ter encontrado nas mais copiosas livrarias desta Corte.

tórico, que está sempre de picareta alçada para deitar por terra todas as heroicidades dos nossos maiores, que tanto ornamentam os primeiros tempos da Monarchia. Roncará, digo, e com mofador desdem objectará: Que os mencionados escriptores, e quaesquer outros do seu sequito eram uns chapados peticegos, e fosseis noctivagos, que entorpeciam debaixo do pezo enorme do emaranhado labyrinto das cathegorias do caustico e sediço Aristoteles: Que a sua critica Hottentotica, e Topinambica de tal sorte lhes tivera abotoado os olhos da intelligencia com as obscurantissimas cataractas das fórmas mais que secántes do synthetico Escolasticismo, que nem sequer poderam lobrigar um magro e esgaselado reflexo desse fulgoroso e repolhudo planeta, que pomposamente é chamado — Moderna Illustração! — Que em fim o que elles escreveram fôra cegamente dictado pela boca da ignorancia, da superstição, do Monachismo, do Jesuitismo, e, para tudo se dizer, do mais estupido e intolerante *milagrismo!*... Tudo isto e o mais, que é escusádo dar a lume, vozeará, por não dizer escouceará essa furia romanceira, que tão tresloucadamente se acha empenhada em elevar á cathegoria de *novella* ou *patarata* o primeiro ornamento dos feitos portuguezes. — Como poderá porém alguem arrostar contra uma asserção tão compacta de Authores tanto nacionaes, como estrangeiros, sem para logo fazer vêr o baixo relevo, o burlesco morte-côr da sua audaciosa e pedantesca caturrice! E' por ventura crivel que tantos escriptores publicos pela maior parte de reconhecido e bem fundado credito e, de mais a mais, de nações diversas se conspirassem entre si para dar vantajoso vulto áquillo, que na realidade não fosse mais do que uma pura ninharia, uma illusão? Estariam elles fallados e mancommunados para, sem *que* nem para *que*, impingirem pela guela das presentes e futuras gentes, como um grande facto realizado, aquillo que não era mais que uma tremenda, e rematada carambola? Quem quizer fazer passar, a seu bel-prazer, como moeda corrente este monstruoso fenomeno, intenta por certo fazer despejadamente um louco insulto ao senso commum!...

Porém eu quero levar o resmungão, o arrevezado,

portuguez, que renega das antigas glorias patrias, que a historia consigna e perpetúa; a esse periodo luminoso, que chacoteou e baniu para sempre com despreso do campo da sciencia a tão enraizada arvore do despotico Aristotelismo: A esse tempo de illustração grandiosa, em que as velhas e decrepitas abstracções da synthese, que as cathegorias da escola syllogistica com embiocada jarretice emantilhavam, foram substituidas pelas individualidades da analyse: A esses dias de luz fulgurante, que raiaram em Portugal pela restauração das Lettras, e que puzeram no andar da rua, e a toque de caixa o tão *systematicamente odiado*, e *blasfemado Jesuitismo* com toda a mais emalotada fatiota, a que deram o nome de *obscurantismo*, *fanatismo*, *tartufismo*, e não sei que mais *ismo*, que anda no peitoril da apupada: Quero em fim provocar o Pyrrhonismo historico e anti-tradicional (que é o Kantionismo em pellote) para essa épocha, em que a illustração apparecêra em campo com as vestes triunfaes de uma critica toda fundida pelos moldes da mais fina e apurada philosophia. E qual fôra o pensar desses Corypheus da nova e desfanatisada sciencia, ácerca do feito de Ourique? Julgaram por ventura elles que a primeira façanha classica dós Portuguezes contra a barbaridade musulmana fôra algum sonho de imaginação extravagante, alguma roleta, ou patranha do enxurro popular, algum conto, ou narrativa de *velho monge*; alguma historieta de Aia credula, e palreira para adormecer crianças? Ah! Quão longe estiveram os homens da sciencia naquella épocha de gloria litteraria de proferir tão repugnantes absurdos!

Na verdade quem não sabe que mesmo logo no berço e mantilhas desta épocha se devisam escriptores de reputação incontestavel, que apoiam a existencia e grandeza da Batalha de Ourique, ainda theocraticamente considerada? Foi um delles (saibam-no os escrevinhadores) o sabio Oratoriano Francisco José Freire, na sua Obra, talvez de não muitos conhecida, — *Methodo breve, e facil para estudar a historia Portugueza* (1). Todos assás

(1) A pag. 6, no Elogio de D. Affonso Henriques diz: *Desbaratou o seu braço nos veneraveis campos de Ourique a El-Rei Isma-*

reconhecem que fallo de Candido Lusitano; escriptor, a quem, segundo o juizo de um sabio nacional dos nossos dias, deve *a moderna litteratura o seu principio e consistencia.* (1)— E em que apreço e subida valia se não deve ter o testemunho d'essa Corporação tão benemerita da religião e das lettras, que fôra a primeira, e a que mais afincadamente em Portugal desmoronára as altas muralhas do prepotente, e audacioso Peripato, para em suas ruinas lançar as mais escolhidas sementes da arvore do progresso das luzes Européas? E negar-lhe esta gloria seria um documento da mais intoleravel ingratidão!.... A Congregação do Oratorio pois no Compendio de Historia Portugueza, por ella ordenado para uso da Escola de instrucção primaria na Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades, debaixo do titulo de — Vida dos Reis de Portugal — não teve duvida de transmittir aos seus alumnos o mesmo caracter theocratico, que as antigas Chronicas tiveram dado á maravilha do Campo de Ourique (2). — Não está porém ainda aqui tudo. A apparição de Christo a D. Affonso Henriques foi trasladada ao campo da discussão, e nelle achou denodados Apologistas.

Dois homens em verdade appareceram nessa grande épocha de cultura scientifica, dois protentos, digo, de sabedoria, e da mais acrisolada erudição e critica, a quem tanto devera a luminosa regeneração, que houveram as lettras no reinado do immortal Monarcha D. José I: dois varões sim de gigantescos e solidos estudos, e por elles sobremaneira respeitados dentro e fóra do paiz; dois sabios de uma esfera extraordinaria, e que tão longe estavam de cortejar o influxo multiforme da super-

rio, onde teve aquella apparição de Christo crucificado, que é a mais sublime gloria, e a maior firmeza desta Monarchia.

(1) Vej. — Memoria sobre o estabelecimento da Arcadia de Lisboa por Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato. (Mem. da Acad. R das Sciencias, tom. 6.º parte 1.ª pag. 62).

(2) Na Vida de El-Rei D. Affonso Henriques acha-se o seguinte: » Passou depois a Alemtejo, e nos campos de Ourique derrotou a » El-Rei Ismario e outros quatro, que o acompanhavam. Antes da » batalha vio a Christo Senhor nosso crucificado, que lhe deu as Ar- » mas, de que usam os Reis de Portugal; e segurando-o da victoria, » lhe ordenou se intitulasse Rei, como fez no dia seguinte. »

stição e de tudo quanto se pretendia inculcar pelo termo *jesuitismo*, que antes a peito descoberto o combatiam: quem pois ignora, que foram elles proprios que tomaram sobre si não só sustentar a grandeza do feito de Ourique, mas até a realidade do seu caracter theocratico? Todo o mundo ainda o de mediocre illustração mui bem o sabe. Foi o primeiro destes sabios o grande Oratoriano Antonio Pereira de Figueiredo. Não foi só uma vez que este phenomeno de erudição e que ninguem jámais notou ser de espirito *credulciro*, mostrou os seus sentimentos tanto sobre a grandeza, como simultaneamente sobre a theocracia da maravilha de Ourique. Tão convencido estava elle da veracidade do acontecimento! — Não se contentou elle só com o que dissera a tal respeito em o *Compendio das Epochas, e Successos mais illustres da Historia geral* (1). Não julgou bastante o que deixára escripto nos Elogios dos Reis de Portugal em Latim e Portuguez (2). Quiz ainda alargar mais as velas da sua vasta e profunda erudição e penetrante critica em apoio da crença nacional sobre uma victoria, da qual, como elle proprio diz, *Portugal deduz os seus principaes Brazões*. Tal foi o que elle magistralmente desempenhou no Opusculo — *Novos Testemunhos da milagrosa apparição de Christo a El-Rei D. Affonso Henriques*. Ahi recopilou todos quantos fundamentos se poderiam produzir em defeza da tradição da maravilha; o que confirmou com exemplos parallelos. Foi por ventura este sabio contrariado no que sustentára em sua Dissertação por algum genio intelligente, que ineluctavelmente o rebatesse? Ninguem houve que a tal se arrojasse. Houve pelo contrario quem lhe fizesse elogio (3).

O segundo escriptor memoravel, de quem fallamos,

(1) A paginas 254, 2.ª impressão.

(2) A paginas 15 e seguintes, e bem assim em a Nota VIII.

(3) Neste sentido póde ver-se: *Memoria sobre os Codices Manuscriptos, e Cartorio do Real Mosteiro de Alcobaça*, que vem no tomo 5.º das Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias. — *Thebaida Portugueza*, tomo II, pag. 111 e seguintes; afóra outros. — O Author da *Thebaida Portugueza*, que não só elegia, porém em tudo segue a Pereira, assevera que os Manuscriptos do antigo cartorio da Serra d'Ossa authorizam por sua antiguidade a verdade do prodigio de Ourique. (Tomo 2.º pag. 116).

é o grande Bispo de Beja, D. Fr. Manoel de Cenaculo. Esta vasta capacidade litteraria teve acaso alguma duvida em sustentár a verdade da Batalha de Ourique não só em todo o seu caracter de grandeza, mas até de sobrenatural prodigio? De nenhuma sorte. Seja authentico testemunho o que escrevêra sobre a materia em sua tão rica e encyclopedica Obra, a que deu o titulo: *Cuidados Litterarios*. Nella não só faz menção a mais honrosa do Opusculo de Pereira sobre a Apparição, mas até copía pelas mesmas palavras do Oratoriano quasi todo o seu conteudo. Não disse tudo. Não só fez sua a doutrina e expressões do Author dos *Novos Testemunhos*; porém reforçou aquella com outros Documentos de bom cunho, que acompanhou de valentes e judiciosas reflexões. — Escreveriam de má fé, ou por ironia Pereira, e Cenaculo? São escriptores acima de toda a excepção para tal enormidade se lhes poder imputar. — Quem avançasse similhante arrojo, personalizaria em si mesmo o cumulo da audacia (1).

A estes dois primorosos sabios podemos ajuntar outro da mesma épocha de talento e erudição insigne, e que com elles bem póde hombrear em merito. Teve pois este como uma insignificancia, uma illusão fantasmagorica a Acção de Ourique? Não; por certo. Elle a qualificou de — *Batalha memoravel*. Eis-aqui as suas expressões: *Regis postea titulo insignitus fecit* (Alphonsus) *anno* 1139, *in quem incidit* » memorabile Orichiense prœlium. » O sabio a que nos referimos é o grande reformador, ou antes creador de Direito Patrio, *Pascoal José de Mello*. E não se pejou elle de transcrever na sua obra a inscripção composta por André de Rezende, aonde se faz menção entre outras, da circumstancia da Apparição de Christo a D. Affonso (2). Assim transmittiu elle á estudiosa mocidade, cultora dos bons estudos juridicos, sem coarctada, nem remoque, que désse moti-

(1) Em o nosso Opusculo — *Justa Desaffronta em defesa do Clero* — que publicámos em o anno de 1850, e cuja edição se consumiu com espantosa rapidez, assás rebatemos tão enorme conceito proferido pelo Author do — Eu e o Clero — contra a illibada conducta de tão respeitaveis eruditos.

(2) Hist. Juris Civilis Lusitani, § 37, nota.

vo a inferir a sua discordancia da geral opinião historica, antes com expressão de gosto, (juvat), aquella tão afamada proeza.

Se porém o immortal corifeo da nova Escola de direito patrio em Portugal não duvidou perpetuar em seus escriptos a crença nacional do bellico prodigio de Ourique, dando-lhe o epitheto de *batalha memoravel*; outro universitario houve ainda, no fim do 18.º seculo, que na presença de todo o Corpo Academico não duvidou pela maneira mais explicita de se exprimir, de se mostrar o mais desemboçado seguidor d'aquella maravilha, mesmo com todos os adminiculos da sua geralmente acreditada theocracia. O lente Cathedratico, que assim se comportára, não foi nenhum rançoso *positivista*, que a gralhada *folhetineira* ouse apupar de miope, e romba intelligencia. E' de uma cathegoria, de uma ordem de estudos, que estão fóra do dominio e influencia da authoridade.— E' a expressão franca e independente de um dessescultores de um dos ramos de sciencia, aonde só predomina a observação e a analyse! — O philosopho, de quem fallamos é o insigne e afamado Lente de Chimica e Mineralogia — *Thomé Rodrigues Sobral*. Ninguem dirá que este cathedratico era estupido, credulo ou fanatico. Pois um homem destes, que nenhum sensato manchará com a nota de inepto, é o proprio que, quasi no fim do seculo passado, em uma reunião plena do Corpo Universitario, não teve a menor duvida, antes mostrou da maneira mais positiva e explicita, quanto estava cordealmente convencido, não digo já da grandeza real do combate de Ourique, porém mesmo até das sobrenaturaes circumstancias, que o antecederam. Chama pois a esse *dia* em que o *Piissimo e Religiosissimo Affonso fôra recreado* naquelle logar *com a Apparição do Salvador do mundo, promettendo-lhe a victoria contra os barbaros*; chama a esse dia, digo, um *dia celeberrimo e verdadeiramente faustissimo*, e *que como tal se torna dignissimo de andar na eterna memoria dos Portuguezes*. O escripto em que se lêem estas e outras expressões, que assás qualificam a indubitavel persuasão, que elle nutria sobre a existencia do prodigio, tem por titulo: *Oratio Academica in qua Augustissimi Antonii Beriensis Principis*

Natalitia coram frequenti Academia Colimbriensi, solei ni pro Congratulatione celebrantur, Auctore Thoma R driguesio Sobralio, Chemiæ ac Metallurgiæ, in eadem Ac demia, Publico Professore. Habita die XXVIII. Me sis Julii, anni millesimi septingentesimi nonagesimi qui ti, vespere. O testemunho de um Sabio, superior a t da a influencia de cégas preoccupações (quanto se pó presumir de um habil cultor de sciencias taes, con aquellas que elle professava); e além disto pronuncia na presença de uma Corporação tão eminentemente i lustrada, falla incontestavelmente mais alto que todo qualquer remoque insulso da anti-nacional fábrica innovação historica, que miseramente se lhe opponha (1

(1) Para que se possa fazer cabal conceito das idéas do Orador cademico, transcreveremos textualmente as suas palavras: „ Cu „ multa, eaque præclara, mihi, unde potissimum exordiendum es „ in ancipiti haerenti se se offerrent, ac veluti certatim primo, n „ dio, extremoque celebranda orationis loco, mentis oculis obver „ rentur, Singularis, Supremi Numinis, erga Lusitanum Imperii „ benevolentiæ monumenta; ad *celeberrimum illum, ac vere fa* „ *tissimum, quique idcirco in æterna Lusitanorum memoria ver* „ *tur, profecto dignissimum diem,* animum meum quasi invitum „ pi tandem animadverti; quo *Piissimus ac Religiosissimus Alph* „ *sus, Sanctissima, Secum peramanter colloquentis, ac victoriam* „ *Barbaris illico reportandam pollicentis, Humani generis Serva* „ *ris Specie recreatus, mireque extinde ad prœliandum inflammati* „ *Lusitani hujus Imperii faustissima, faustissimoque prodigio su* „ *structa in Oriehiensi Agro fundamenta fecit.* Ac primum quide „ mihi versatur ante oculos Piissimi Imperatoris, pro Religione p „ tius tuenda, ac propugnanda, quam pro expugnandis, ditioniq „ suæ super addendis urbibus, ac locis bella gerentis imago. App „ ret maximus illius, ac vere Christianus ardor animi, quo Bar „ rorum copias profligare; Saracenos homines Christiano nomini i „ fensos funditus debellare; Ismarii Sociorumque potentiam, vir „ que perfringere Vir Piissimus innitebatur. Videor mihi vide „ hinc Imperatorem religione præclarum, pietate conspicuum, si n „ nus *exigua millitum suorum numero, Divino certe sibi paulo ant* „ *promisso, ac velut stipulato, fretum auxilio*; de perfidis illis, „ barbaris hominibus, sui ipsius, utpote quia Religionis hostib „ victoriam anhelantem: illinc *maximas, ac prope innumerabi* „ *Barbarorum instructas acies, ingentibus dissonisque clamoril* „ *perstrepentes, cruentum adeo, pertinax, ac diuturnum inter* „ *prœlium committere, ut vel ejus nunc meminisse animus perh* „ *rescat.* Quanta vero exultatione, profusisque gaudiis affectum fu „ se Imperatorem Religiosissimum credendum, qui militiam su „ Christo maxime devovebat, postquam animadvertit Barbaror „ Cohortes, una cum ducibus suis, desperatis jam rebus, terga „ disse? Auribus adhuc resonare videntur nostris, militum perla

Porém que?... Não seria difficultoso trazer a lume outros testemunhos dos mesmos sentimentos, achados em diversa profissão philosophica (1), na magistratura (2), na medicina (3).....

Alongue-se, dilate-se todavia ainda mais o circulo da analyse antes de sahir das avenidas deste seculo. Investigue-se, patentêe-se qual fôra o pensamento dos Oradores sagrados ácerca do prodigio de Ourique, que elles do alto do pulpito tão desaffrontadamente enunciaram, sem que algum pretenso abichão historico ousasse abrir a boca para infamemente os apodar com a pecha ultrajante de propagadores de *fabulas*, *contos de velhas*, de *embustes*. Vejamos..... Mas ah! quem não vê que de toda a parte sim estão pullulando indeleveis exemplos, que evidencêam a posse pacifica, legitima e indisputavel, em que sempre estivera o ministerio do pulpito de (quando as circumstancias o motivam) usar em seus discursos, como de um elemento de especial persuasão, d'aquella nacional crença?

» simiæ illæ vores, quibus Alphonso I. Lusitaniæ Regi, vita simul » cum victoria pronunciabatur. O sane fortunatissimum, et cui nul» lum aliud fuerit in Orbe comparandum Imperium! Cui prima » suis velut manibus Numen Æternum fundamenta ponit. O felix » nimium, nimiumque beatum Lusitaniæ Regnum, cujus natalem » ipsum adeo insignem illius, per quem Reges tui imperabunt, præ» sentia reddidit! O prodigium multis certe nominibus singulare! Assim o indicado Cathedratico a paginas 5, 6 e 7 da mencionada Oração.

(1) Vej. — Cordeaes Sentimentos expostos por occasião do Feliz Nascimento do Serenissimo Principe da Beira em 21 do presente Março de 1795, pelo Doutor Bento José de Sousa Farinha. Na pagina 17.

(2) Vej. — Hymno gratulatorio e deprecante pela gravidez, e feliz successo da Serenissima Princeza do Brazil nossa Senhora. Pelo Doutor José Antonio de Sá, em nome de Comarca de Moncorvo. Na pag. 8 e 13. — O mesmo Author na *Oração Congratulatoria* por occasião de ser elevado á *Alta Dignidade de Patriarcha de Lisboa o Excellentissimo e Reverendissimo Sr. José Francisco de Mendonça*. Na pag. 20.

(3) Vej. — *Oração genethliaca, que á Rainha Fidelissima Nossa Senhora D. Maria I, na occasião dos seus felizes annos offerece Manoel de Moraes Soares, Medico da Camara de S. Magestade Fidelissima etc.* Na pagina 7 e 8. E' impressa em 1777. — O mesmo Author na — Oração Panegyrica á Rainha Fidelissima, Nossa Senhora D. Maria I, na occasião dos seus felizes annos etc., impressa em 1780. Na pag. 8.ª

Bastará comtudo para segura fiança do que pro
rimos, tão sómente mencionar os nomes d'aquelles P
gadores, tanto do Clero regular, como secular, cuj
Discursos examinámos. Cital-os não é fazer alarde
erudição *alfarrabina*, como poderá vozear a pseudo-c
tica procacidade. E' justa e devidamente desenterral-
da sepultura do prolongado esquecimento (em que
maior parte delles, tão sómente pela decadencia do s
gosto Oratorio, jazem) para figurar no campo da demon
tração, como sustentaculos inconcussos de um facto
direito innegavel.

Não me ha de pois, entre outros deixar ficar se
prova o Prégador Geral Fr. *Antonio do Espirito San*
Andrade, Religioso Franciscano da Provincia de Port
gal (1): o P. M. Provincial da Ordem de N. S. d
Carmo, *Fr. José de Sousa* (2): o Bispo de Patara, *I*
Fr. José de Jesu Maria, da Ordem dos Prégadores, Pr
sidente da Relação Ecclesiastica, e Chanceller do Arc
bispado de Evora (3): o Augustiniano de não vulg
cunho, Fr. *Manoel de Gouvêa*, irmão dos dois famos
Jurisconsultos portuguezes do mesmo appellido (4):
Lente de Theologia Fr. *José Manoel da Conceição*, d

(1) Vej. *Sermoens Paneggyricos, e Moraes etc.* 2.º tomo, Serm
IV, pag. 60. A Bibliotheca Lusitana, tom. 1.º, pag. 262, faz me
ção deste prégador só com a designação de *Fr. Antonio do Espiri*
Santo, declarando que usára do appellido *Andrade* no Sermão cit
do, impresso em separado em 1738. A mencionada Collecção de *Se*
mões (em quatro volumes) não vem indicada na Bibliotheca Lusit
na. Não admira; pois fóra publicada muitos annos depois de ter s
do dado á luz o primeiro tomo da Bibliotheca Lusitana.

(2) *Sermoens Panegyricos etc.*, tomo 2.º, desde paginas 60 até 6
A Bibliotheca Lusitana, tomo 2.º, pag. 901, faz honrosa menção de
te Religioso.

(3) *Sermoens que prégou etc.* Primeira Parte novamente impres
e emendada, Sermão VIII, pag. 167. A Bibliotheca Lusitana n
falla desta edição; nem podia; visto esta ser feita annos depois de
la. Fallando do prégador diz: » Foi dos grandes Oradores Evang
» licos do seu tempo, de cujos discursos solidos foram theatros
» mais authorizados pulpitos. » Tom. 2.º, pag. 854.

(4) *Sermoens Varios, e Discursos Predicaveis, Politicos, Paneg*
ricos e Moraes etc. Primeira Parte, pag. 518 e 519. Refiro-me á
edição, publicada em 1736. A Bibliotheca Lusitana foi omissa em
indical-a. Inculca porém a Gouvêa por *hum dos celebres Oradores*
vangelicos do seu tempo. Tom. 3.º, pag. 281.

Terceira Ordem da Penitencia (1): o Carmelita descalço, Fr. *Ignacio de S. Caetano*, Confessor da Senhora D. Maria I, e por ella nomeado Arcebispo de Thessalonica (2): o Mestre em Artes e Bacharel em Canones, *Joseph Antonio Sarre* (3): o Doutor *Manoel de Oliveira Ferreira*, (4) cujo talento, e erudição tanto louva, e abona a Bibliotheca Lusitana (5): o bem conhecido escriptor Fr. *Francisco de Jesus Maria Sarmento* (6): o Augustiniano Fr. *Manoel de Figueiredo* (7): o Doutor *Filippe de Oliveira*, Clerigo secular (8): o Dominicano Fr. *Manoel da Silveira*, Doutor na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra (9): o mui douto Theatino, *D. Thomas Caetano de Bem* (10): o Oppositor ás Cadeiras de Theologia na Universidade de Coimbra, *Fr. Cae-*

(1) *Sermão Gratulatorio Panegyrico, que prégou em Acção de Graças pela Gloriosa Acclamação do Serenissimo Senhor D. João IV, etc.* em varias paginas. Falla tambem deste Prégador a Bibliotheca Lusitana.

(2) *Gratidão Desempenhada. Oração Gratulatoria, e Pareneticą, que na solemnissima festa, que em obsequio do Coração Santissimo de Jesus pelo feliz Nascimento do Principe N. Senhor se celebrou na Real Capella da Bemposta etc.* Vejam-se pag. 8 e 24.

(3) No *Sermão Gratulatorio prégado na Paroquia de Nossa Senhora da Conceição da Praya da Cidade da Bahia pelas melhoras do muito Alto, Poderoso Rei, e Senhor D. Joseph I. etc*, Vej. paginas 5, 6, e 7.

(4) Sermão Panegyrico do feliz Nascimento do Serenissimo Senhor D. Joseph, Principe da Beira, etc. pag. 2, 20, 38.

(5) No tom. 3.°, pag. 327 e seguintes. O citado Sermão não vem indicado na Bibliotheca Lusitana, cujo terceiro volume foi impresso dez annos antes.

(6) *Sermão Gratulatorio na solemnissima Acção de Graças..... pela milagrosa preservação da preciosissima vida d'El-Rey D. José I. etc.* na penultima pagina.

(7) No Sermão em Acção de Graças pelo feliz Nascimento do Serenissimo Principe da Beira etc., pag. 9, § 3. A Bibliotheca Lusitana o inculca como Orador que *merecera universal applauso*. Não menciona o citado Sermão; era pois mais antigo.

(8) Sermões Panegyricos, Historicos e Funeraes etc. — Sermão 3.°, pag. 80.

(9) *Sermões Posthumos etc.*, tom. 4.° — Oração gratulatoria consagrada a Christo Jesus pela melhora do Serenissimo Senhor Infante de Portugal, D. Antonio. Na pag. 436 e seguintes.

(10) *Sermão em acção de graças ao Altissimo etc.* pela milagrosa conservação da preciosissima vida de Sua Magestade, sendo assaltado por tres assassinos na noite de 3 de Setembro etc. Na pag. 24 etc.

tano de Sampaio (1): o Lente Jubilado em Theologia, e Doutor pelas Universidades de Coimbra e Evora, da Ordem dos Eremitas de S. Paulo, *Fr. Joaquim de Santa Anna* (2): o Franciscano *Fr. Antonio das Chagas* (3): o Clerigo Presbytero formado em Canones, *Joseph de Andrade e Moraes* (4): *Fr. João de Coimbra*, filho da Provincia da Soledade (5): o P. M. *Fr. Antonio de Santa Maria* (6): o Doutor *Francisco Xavier do Valle* (7): e se esta farragem de erudição não é mais que de sobejo para reduzir ao mais sepulchral silencio a ignorancia atrevida, inscreva-se no mesmo catalogo o nome do illustre Socio da Academia da Historia, *D. José Barbosa* (8): o do Franciscano *Fr. Manoel da Epiphania*, author do *Verdadeiro Methodo de prégar*, que tanta bulha causára (9): o do Oratoriano e Socio da Arcadia de

(1) *Sermão no feliz Nascimento do Principe da Beira etc.* prégado no Real Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre etc. Na pag. 11, 12 e 29.

(2) *Oração Gratulatoria na Acçam de graças etc.* pelo conhecido milagre, com que Deos Senhor nosso na noite de 3 de Setembro de 1758 preservou a vida do Augustissimo e Fidelissimo Rey D. Joseph I. etc. etc. Nas pag. 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26.

(3) *Sermoens Gratulatorios e Asceticos, que em Acçam de Graças pela feliz melhoria do muito Alto e muito Poderoso Rey D. Joseph I préyou etc.* No primeiro Sermão que tem por titulo — *Triunfo da Tyrannia*, pag. 3, 4, 5, 6, 7, 8, e 9.

(4) *Sermam Gratulatorio pela felicissima e desejada saude etc. d'El-Rey D. João V etc.* recitado na Igreja Matriz da Villa do Carmo das Minas do Ouro etc. Na pag. 3.

(5) Sermão em acção de graças pelos Augustissimos e Reaes Desposorios dos Serenissimos Senhores D. Joseph, Principe do Brazil, e a Senhora D. Maria Anna Victoria etc. Na pag. 9, 10 e outras.

(6) Sermão de Santo Antonio etc. prégado na Igreja de Santo Estevão de Alfama etc. Na pag. 6.

(7) *Sermão que na Acção de Graças pelo feliz Nascimento do Serenissimo Principe da Beira etc.* pregou na Se de Evora etc. Na pagina 6.

(8) *Sermão em Acção de Graças pela melhoria de Sua Magestade etc.* Na pagina 6 diz: » Com particular cuidado se fez (Deos) Fun-
» dador do Imperio Portuguez, quando appareceo ao Principe D.
» Affonso Enriques no Campo de Ourique na vespera daquella ba-
» talha, que do logar tomou o nome. »

(9) Esta Obra publicada em 1762, e que não pouco concorrera para a restauração da eloquencia sagrada, foi pedra de escandalo para varias summidades eruditas, idolatras do máo gosto seiscentista. Uma dellas foi o Abbade Diogo Barbosa Machado, como bem se col-

Lisboa; o Padre *Manoel de Macedo Pereira de Vasconcellos* (1), e em fim o do outro Socio da Academia da Historia, e depois das Sciencias de Lisboa, o erudito e eloquente Eremita Augustiniano, Prégador da Real Capella da Bemposta, *Fr. Joaquim Forjás* (2); aos quaes se póde accrescentar o nome do assás afamado Orador

lige da sua censura ao *Theatro da Eloquencia de Francisco de Pina.* — O tal methodista porém, não obstante a anatomia critica, que fizera a Vieira, Bluteau e a outros da mesma escola, não lhes lançou em rosto como defeito o terem fallado ou alludído mais ou menos explicitamente na tribuna Evangelica á maravilha da Apparição. Vieira, e mais alguns não escapariam de levar mais este gilvaz, se o Critico assim o julgasse. Pelo contrario é elle o proprio que não duvidou na *Oração Funebre na morte do Senhor Rey D. João V*, a paginas 66, exclamar com manifesta allusão a uma das promessas do Deus de Ourique: » Poderoso Senhor, este Reyno he vosso; vós o » *escolhestes para vosso Imperio.* »

(1) *Orações Sacras*, tomo 1.º: Oração pela conservação da muito Alta e muito Poderosa Rainha Fidelissima N. Senhora. A paginas 6 lê-se: » Sem que corramos o véo a segredos reconditos, nós sabe» mos, Senhores, que Jesu Christo fundára entre os Portuguezes o » seu Reino, para que os nossos Principes etc. »

(2) Veja-se: *Oração Gratulatoria pelo Faustissimo nascimento da Serenissima Princeza da Beira, D. Maria Thereza etc.* Na pagina sexta §. 2 escreveu elle: » Da mesma sorte (que em Jacob) eu » vejo em Affonso outra Familia escolhida pela boca do Senhor na » famosa apparição de *Castro-verde*, para firmar sobre ella o seu Im» perio: prodigio, que, á vista da mais apurada indagação diploma» tica, e dos multiplicados, e irrefragaveis testemunhos da Historia, » só póde recusar o desprezivel incredulo á Providencia Divina, que » elle ignora: *Volo in te et in semine tuo Imperium mihi stabilire.* » Aqui subscreve o Orador a seguinte nota: » A ignorancia, ou o es» quecimento dos antigos testemunhos fez hum tempo passar ao ce» lebre Chronista de Cister por supposto descobridor de um segre» do, sepultado na antiguidade. Mais apurada indagação diploma» tica nos nossos dias tem reduzido esta verdade a huma demonstra» ção historica. — Oliverio da Marca, citado por Abrahão Ortelio » no seu *Theatrum Orbis*; Vasco Fernandes de Lucena, Embaixa» dor do Senhor Rei D. João II, na sua Oração ao Papa Innocen» cio VIII, Fr. João de Xira, e o Doutor Fr. Vasco Pereira, na » Consulta ao Senhor Rei D. João I, o Bacharel Azinheiro, no » Compendio das nossas Chronicas, André de Rezende, nas suas an» tiguidades da Lusitania, Fr. Simão Coelho, na Chronica do Car» mo, Fr. Heitor Pinto na Dedicatoria dos seus Commentarios so» bre Ezequiel, o grande Bispo Osorio no livro 8 *de Reb. Emmanuelis*, Duarte Galvão na Chronica do Senhor Rei D. Affonso » Henriques, os Commentarios de Affonso o Sabio de Castella no » Cap. 416, *Simmicta Lusitanica ex Mss. Codicibus Biblioth. Apos» tolicae etc.*, vol. 51, Docum. XX, João Rodrigues de Sá, erudito » Escriptor do seculo XV na sua Historia Liv. III, Cap. X, o Epi-

Fr. Francisco do Coração de Jesus Cloots Vanzeller (1). E quem poderá duvidar que esta mesma theocracia de idéas se ouvíra annunciar neste seculo nos pulpitos até do Oriente, sem que tenha constado que alguem a criminasse de *fabula* ou *embuste?* A quem negasse a existencia do facto oratorio retorquiriamos com exemplos de cunho irrefragavel (2).....

Vamos agora finalmente a ver, ou antes pesquizar se a maravilha marcial do Campo de Ourique merecêra no seculo 19.º ter a triste sorte de ser banida, como entidade espuria, dos Archivos da Historia, e votada ao esquecimento, como digna de ser posta no rol das mais insipidas e narcoticas patranhas, pelo commum dos Escriptores. Porém que digo?... Vejamos antes se houve quem neste seculo, apezar do cauterico reflexo de suas tão espivitadas, e depuradas luzes; quem sim não teve duvida de conservar e transmittir illesa, não digo já só

. . . .

. . . .

» taphio, que no anno de 1515 se lavrou por ordem do Senhor Rei
» D. Manoel sobre o Tumulo do Senhor Rei D. Affonso Henriques
» no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e outros infinitos
» documentos, que precederão muitos seculos a Fr. Bernardo de
» Brito, e que se podem ver no douto Bispo de Beja, e erudito Pa-
» dre Pereira de Figueiredo, salvão a verdade de um facto, que só
» o Pyrrhonismo deste seculo quiz pôr em duvida. » Assim escrevia o sabio Academico, e prégador insigne em 1798, anno em que recitou a mencionada Oração; recopilando com assás escrupulosa exacção aquelles mesmos testemunhos que já os dois grandes homens (Cenaculo, e Pereira) tinham allegado. Vejam-se tambem os §§ 3, 4 e 5 da *Oração Gratulatoria.*

(1) *Sermão .... pregado na Real Capella de Queluz em Acção de Graças pelo feliz Nascimento do Principe da Beira etc.* Na pag. 3. — Este Sermão acha-se no tomo 4.º das suas *Orações Sagradas*, impressas em 1794.

(2) Vej.: *Oração Panegyrica recitada na Festa das Sagradas Chagas de Christo*, que se celebrou na Igreja da Ribeira desta cidade de Goa em acção de graças pela milagrosa vida de S. M. Fidelissima o Senhor D. José I etc., por Fr. José de S. Diogo, Religioso Observante da Provincia de S. Thomé, Leitor de Theologia etc. pag. 12. — *Oração que na solemne acção de graças tributada na Santa Igreja Cathedral da Cidade do nome de Deos de Macáo na China*, pelo Cabido da mesma Igreja na occasião dos desposorios do Senhor D. João, Infante de Portugal, com a Senhora D. Carlota Joaquina, e do Senhor D Gabriel, Infante de Hespanha, com a Senhora D. Marianna Victoria, Infanta de Portugal: Pelo P. M. Fr. Antonio da Purificação, Lente Jubilado da Sagrada Theologia etc. etc.; pag. 28.

em sua grandeza meramente historica, mas ainda mesmo theocratica, franca e lealmente, como ella tinha vindo desde remotas eras, a façanha de Ourique. Ah! que a audacia *romantico-anti-historica* mal poderá dardejar suas nauseantes e sutrinas pecuinhas contra os seguidores de tal Apparição nos dias presentes, sem ultrajar o testemunho de homens indubitavelmente respeitaveis, que neste mesmo seculo a julgáram, sem alguma coarctada, nem menos-preciadora cota, digna de publica menção, como se fôra moeda corrente. — Com effeito logo no principio deste seculo acha-se que um Professor publico bem conhecido pelos seus escriptos e pela sua capacidade litteraria não se dedignou de propagar em logar opportuno aquella avoenga tradição patria. O Professor de quem fallâmos é nem mais nem menos que *Jeronymo Soares Barboza*. Foi elle em 1805 encarregado pelo Principe Regente de formular um Compendio de Historia Portugueza para uso das Aulas publicas; e como fallou elle da Batalha de Ourique, que não fosse quasi copiando pelas mesmas palavras aquillo mesmo que Pereira de Figueiredo tivera escripto nos Elogios dos Reis de Portugal? Para verificar o que asseverâmos não é preciso mais que ler o que se encontra escripto no seu *Epitome Lusitanæ Historiæ*, relativo ao memoravel anno de 1139. O emerito professor de Rhetorica e Poetica (a cujo magisterio andava então reunido o ensino da historia) é um voto de assás valor para fazer remetter ao mais vergonhoso silencio a esses espectros de litteratura sabugenta, que com tanto despejo ladram contra os amantes, e defensores d'aquella tradição patria. — Ainda mais: O Author do Catalogo das obras impressas e manuscriptos de *Antonio Pereira de Figueiredo*, publicado no principio deste seculo, não teve duvida de qualificar de *reflexões muito judiciosas e eruditas* áquellas *que fizera sobre os Novos Testemunhos da milagrosa Apparição de Christo a D. Affonso Henriques* o grande Bispo de Beja, D. Fr. Manoel do Cenaculo; confessando outrosim que delles fizera *menção muito honorifica* em os seus Cuidados Litterarios. O Escriptor que assim avaliára aquellas reflexões é bom contraste para se oppôr ás bravatas, que vociferára contra o immortal Ce-

naculo o Author do *Eu e o Clero*, por defender a pia e nacional crença daquella tradição. Perguntarão agora quem é o Author, que assim elogia as reflexões do mui sabio e erudito Prelado? Pois saiba todo o mundo, que é nem mais nem menos que o a todos os respeitos conspicuo litterato, *Francisco Manoel Trigozo de Aragão Morato* (1).....

Busque-se porém neste seculo um homem superior a toda a excepção tanto pela grandeza do seu talento, como extraordinaria vastidão, e sciencia em differentes ramos de litteratura, e historia: um homem de uma critica superior a toda a suspeita de credulidade; altamente justiceiro, e não poucas vezes mordaz em seus julgamentos scientificos: busque-se, digo, um genio fóra da commum bitóla, e inaccessivel pela sua illustrada e transcendente philosophia aos embates do fanatismo; seja em fim um portento intellectual de tão extraordinario calibre, quem venha constituir com o seu positivo e explicito testemunho, contra essa petimetrada pedantesca, que tão impudente, como ignorantemente investe contra os respeitadores das primitivas tradições historicas do paiz; quem venha sim erigir como em indelevel padrão o seu tão terminante sentimento ácerca da maravilha do Campo de Ourique. O escriptor de que fallamos é o bem conhecido, e por tantos titulos affamado, *P. José Agostinho de Macedo*. Em o poema o *Oriente*, eis-aqui como elle se explica:

» Desce o Senhor dos Ceos, e se amostrava
» A Affonso Rei primeiro; elle o conforta,
» E qual ao filho de Isai chamava,

(1) Vejam se *Apontamentos para o seu Elogio Historico*, pelo Conde de Lavradio, pag 34. — O mesmo conspicuo Litterato no Elogio Historico do Arcebispo D. Fr. Manoel do Cenaculo não teve duvida em dar o epitheto de — immortal — á intitulada Obra — Cuidados Litterarios — *a qual*, como o panegyrista julga, *por si só attestará em todo o tempo a sabedoria, e o gosto delicado de seu Author em todo o genero de estudos*. Por certo que o ter tratado nella o Arcebispo tão magistralmente de defender a maravilha da Apparição, não foi motivo bastante para que o sabio Academico não designasse assim aquella Obra! Vej. Memor. da Academ., tomo 4.º, Parte 1.ª, pag. XC.

» A' grão peleja sanguinosa o exhorta:
» Então fortalecido aos seus bradava:
» Para o triunfo um Deos nos abre a porta;
» He elle o nosso escudo, a nossa gloria,
» Nosso o triunfo he já, nossa a victoria.

» Não vos assuste multidão tamanha,
» Do insano orgulho, e do furor armada;
» Cubra potente exercito a campanha,
» Mais do que a vista alcança dilatado,
» Não he tal gente para nós estranha,
» Mostre-se embora barbara, indomada;
» Se he numerosa, e forte a turba impia
» Com menos braços Gedeão vencia. (1) »

Quem deixará de ver nestas duas estancias do Poeta a mais perfeita e completa reproducção do que referem as antigas Chronicas ácerca da maravilha da Batalha de Ourique; que elle á imitação de Camões (apezar da rivalidade que contra este ostentou) tão manifestamente perpetua? — Ora o Author do Oriente na segunda edição do seu Poema, publicada em 1827, (que bem se póde chamar, attentas as muitissimas alterações, quasi um trabalho novo,) em nada mudou de opinião a respeito d'aquelle prodigio. As variantes pelo contrario que se observam relativamente ás duas estancias transcriptas, novamente confirmam a constancia no mesmo pensamento.

Pare-se todavia aqui, e conheça-se qual fôra o conceito que neste seculo manifestára o Clero portuguez na tribuna Oratoria ácerca da maravilha de Ourique. — Deixou por ventura elle de ahi fazer transmittir a tal respeito a idéa de grandeza theocratica, que os seus maiores sempre lhe alligaram? Nunca. Em prova produziriamos um cardume de exemplos, se a extensão da Obra o permittisse. Todavia não deixaremos de asseverar que os Oradores Evangelicos patentearam a sua opinião em favor da pia crença (e isto sem que algum tagarela petulante os inculpasse de ignorantes e fanaticos) não em

(1) Canto X, Est. 47 e 48.

alguma villa ou aldêa; porém sim nas Cidades mais illustradas do Paîz. Alludo, como é bem de vêr a Lisboa (1), Coimbra (2) e Porto (3). Que digo? Fizeram

(1) Para que o que fica dito não se circumscreva tão sómente aos espaços da abstracção, como é usança do romancismo; daremos pelo menos dois exemplos. O impresso em que um delles se acha tem por titulo: *Oração, que pela feliz e nova restauração de Portugal recitou Fr. Filippe Pereira Pato Torrezão, Prégador do Principe Regente etc. etc. na Igreja do Real Convento do Carmo de Lisboa.* Na pagina 46 em uma elegante apostrophe que faz o Orador a Deos lê-se pois o seguinte: » Mas não he este já aquelle Reino, que Vós promettestes ao Magnanimo Affonso, que fundaveis particularmente » para Vós na sua Pessoa, e na de seus Successores, affiançando no » Campo de Ourique com a vossa palavra, e penhorando vos por ella o Estandarte, em que elle mesmo mandou esculpir os sagrados » signaes da nossa Redempção? » Na pagina 50, referindo se a outros prodigios, escreve: » Sim, todos estes prodigios, com que o Omnipotente ampara, e defende a sua causa, e a sua Lei, nem partem de outro Deos, nem são mais authenticos, e verificados na » historia com argumentos mais poderosos e irresistiveis, do que a » Apparição de Jesu Christo ao primeiro Rei desta Monarchia, dando-lhe as suas Chagas por brazão d'Armas, como signal da sua Protecção; augurando-lhe que espraiaria sempre sobre este Reino as » suas vistas de misericordia, e presagiando-lhe a celebre Victoria » do Campo de Ourique, que abrio os alicerces á fundação e estabelecimento do Reino de Portugal. » O author da Oração era dos Claustraes apontados pelo seu talento e estudos. — Figura no segundo exemplo o nome do Doutor Fr. *José Maria de Santa Anna Noronha*, que morreu sendo Bispo de Bragança, mui respeitado por lettras e virtudes. No *Sermão Historico de Acção de Graças pelo restabelecimento de Sua Magestade D. João VI*, por elle prégado na Igreja Patriarchal em 1823, a paginas 12 se lê o seguinte: » Com » effeito aquella mesma poderosa e invencivel mão, que animou ao » Senhor Rei Dom Affonso Henriques a combater com doze mil soldados hum exercito de cem mil Mouros nos Campos de Ourique, » e lhe deu a victoria etc. »

(2) Haja vista ao: *Sermão de Acção de Graças* pela feliz restauração de Portugal, recitado na Cathedral de Coimbra pelo Doutor Fr. Vicente da Soledade etc. (que morreu sendo Arcebispo da Bahia) aos 25 de Setembro de 1808. Logo no primeiro paragrafo se encontra, entre outras, estas expressões: » E a quem, Senhor, iria elle (o povo de Coimbra) a render este publico, e magestoso voto, » a quem renderia as graças pela feliz Restauração deste Reino se » não a Vós, debaixo de cujas azas, a cuja sombra elle nasceu, e para logo tão prodigiosamente se dilatou, e com cujas sagradas Quinas, os signaes da nossa Redempção, que lhe déstes como seguro » penhor da vossa protecção, e alto favor, logo em seu berço debellou, subjugou barbaros Mouros, e triunfa sempre de quaesquer » injustos invasores? Vosso pois pela sua origem, vosso pelos mesmos » vossos Estandartes, de que elle exclusivamente usa, e que heroica » e felizmente tinha arvorado em toda a parte do mundo conhecido

tambem soar a sua voz propaladora dos mesmos sentimentos no outro hemisferio (1)..... Mas eu torno ainda outra vez á Capital da Monarchia. E quem se poderá

» etc. — O outro exemplo é do Doutor Fr. Patricio da Silva, Lente da faculdade de Theologia, que falleceu, como todos sabem, sendo Cardeal Patriarcha. Na Oração Evangelica recitada na Real Capella da Universidade em 14 de Abril de 1817 etc. § 2.º do Exordio acham-se estas expressões: » Quando contemplo que o Filho do » mesmo Deos pendente da Cruz, não já como throno de ignomi» nia, mas como throno de gloria, a cujos pés vem humilhar-se os » Principes e os Reis, prometteu ao grande Affonso que na sua pes» soa, e na de sua descendencia fundava para si um imperio, isto é, » o mais amado do Universo etc. » Veja-se tambem o § 3.º e 4.º da 1.ª Parte do Discurso.

(3) Damos em prova: » Oração Gratulatoria pela Paz de Portu» gal com Hespanha e França recitada no Convento das Religiosas » de Santa Clara da Cidade do Porto pelo Doutor *Francisco de O» liveira Durão*, Oppositor ás Cadeiras da Faculdade de Theologia » na Universidade de Coimbra etc. » impresso em 1802. A paginas 4 lê-se: » Quem (vos dá a Paz) senão aquelle Senhor Omnipotente » que firmando na Regia, Augusta, e sempre esclarecida Prole do » Invicto Affonso, e sua gente hum Imperio para si: Imperium mi» hi, lhes deu por Escudo, Divisa, Timbre e Armas as suas mesmas » Chagas? » Vejam se tambem paginas 8, 12, e 26. — A este accrescentaremos: » Sermão pregado na Igreja de Santo Eloy do Por» to por occasião das Preces que se fizeram pela feliz restauração do » Reino etc., por Gabriel dos Santos Neto, Conego Secular da Con» gregação do Evangelista, e Lente de Filosophia, pag. 6. » E' impresso no anno de 1811, sendo pregado em 1808. — » Sermão de Ac» ção de Graças pelos triunfos das Armas Portuguezas etc., pregado » na Igreja de N. Senhora da Victoria da Cidade do Porto » (á 14 de Novembro de 1813) pelo mesmo Orador, sendo então Lente em Theologia; na pagina 8.

(1) Chamamos á memoria: » Oração funebre recitada na Igreja » da Cruz da Corte do Rio de Janeiro, nas Exequias da Senhora » D. Maria I etc., por Fr Francisco de S. Carlos, Pregador Regio » etc. » pag. 21. — » Oração em Acção de Graças pela Acclamação » e exaltação ao throno de D. João VI, em a Igreja Matriz de S. » Pedro do Rio Grande do Sul etc., pelo P. José Rodrigues Ma» lheiro Trancoso Souto Maior, no dia 29 de Março de 1818; pag. 11. — O Deão da Sé de Braga, e depois Prior Mór de Christo, *D. Antonio Carlos Furtado de Mendonça* na Oração Gratulatoria, recitada na Capella Real do Rio de Janeiro, por occasião da festividade pelos Desposorios do Senhor D. Pedro de Alcantara com a Senhora D. Maria Leopoldina, a paginas 12, não teve duvida de escrever que ». estendendo Benigno seu Braço Omnipotente sobre este » Reino, que *para si fundou*, o Senhor nos continuou as suas bem» çãos etc. » Todos claramente vêem aonde está a allusão á Apparição. — O Benedictino Fr. Francisco de Paula de Santa Gertrudes Magna no *Sermão em memoria do Faustissimo dia, em que S. A. Real desembarcou nesta cidade da Bahia*, recitado no antigo Col-

esquecer que fôra mesmo em Lisboa que o maior Orador portuguez dos tempos modernos, e um dos maiores da Europa, se pronunciára tão positivamente no meio de um numerosissimo Auditorio pela theocracia da maravilha de Ourique? E quantas vezes elle o não fizera!... Não faltariam testemunhas sim auriculares, ainda existentes, que, se preciso fosse, não duvidariam confirmal-o.... Eu faltaria comtudo ao que deve á razão, e a justiça á defensa do actual Clero, tão descaradamente ultrajado por ter propagado no pulpito aquelle mesmo pensamento, e reproduzido a mesmissima idéa theocratica; se deixasse de transcrever as formaes palavras que o grande sabio e eloquentissimo Orador transmittíra á posteridade em duas das suas publicações sagradas. Fizera elle em uma dellas um bem deduzido e fallado parallelo entre a *Nação Hebrea* e a *Nação Portugueza*. E' ahi que se encontram estas terminantes expressões: » O » povo de Israel foi chamado povo de Deus: o povo » Portuguez foi chamado e designado Imperio para Je» su Christo, conforme nós com tanta piedade o acre» ditâmos. » — Para supremo chefe, e conductor de um » povo, Deus escolhe, e enche de fortaleza, e de virtu» de a Josué; Deus escolhe, e firma até com milagres, » para Monarcha dos Portuguezes Affonso Henriques, » Josué declara guerra aos barbaros da Palestina, Af» fonso Henriques aos da Lusitania. A' voz de Josué » se suspende o sol no meio da sua carreira; ás orações, » e supplicas de Affonso Henriques lhe mostra a face » o Divino Sol de justiça, que é Jesu Christo nosso » Deus. » — » O povo Hebreu se estabelece na Pales» tina em fórma de Nação fixa e independente depois » que Josué passa o Jordão: o povo Portuguez se esta» belece em Nação independente, e levanta o seu go» verno Monarchico, depois que Affonso Henriques pas» sa o Tejo, e vai nas dilatadas campinas de Ourique

legio dos Jesuitas, na festa que celebrou o Illustre Senado em 23 de Janeiro de 1816 etc., a paginas 10 não teve duvida de escrever: » Lembrado das magnificas promessas feitas no Campo de Ourique » ao grande Affonso, o Nosso Deos jámais permittirá que o digno » successor d'aquelle Rei piedoso caia nas crueis mãos d'esse Ty» ranno. »

» confundir no pó, e no sangue os exercitos colligados
» de cinco Monarchas Sarracenos. O brazão de Israel,
» o escudo de suas armas é a Arca da Alliança; o bra-
» zão das armas, e do escudo Portuguez são as mesmas
» Chagas do Redemptor do Mundo (1). »

Não foi só este o unico testemunho, que o Orador deixou escripto, dos seus sentimentos theocraticos sobre a maravilha de Ourique, pronunciados do alto da tribuna sagrada no meio do mais numeroso e luzido concurso. Lêa-se tambem: *Sermão em Acção de graças pelo feliz Regresso de Sua Magestade, prégado na Real Casa de Santo Antonio na Festividade ordenada pelo Ex.*[mo] *Senado da Camara, a 23 de Julho de* 1821 etc. Tendo a paginas 7, da segunda edição, qualificado a esta Monarchia de *sobrenaturalmente fadada*; a paginas 14 escreve o seguinte: » E poderia a soberba de um homem
» (Buonaparte) prevalecer contra as promessas de um
» Deus? A perpetuidade tinha sido promettida ao pri-
» meiro Affonso, e as promessas de um Deus são tão
» infalliveis em seu cumprimento, como é em sua eter-
» nidade a Divina Essencia. » Na pagina 34 não duvidou asseverar que — este Reino foi e será sempre herança sua, referindo-se ao *Senhor Deus dos Exercitos*.

O talento, o genio extraordinario, cuja authoridade chamámos a collação, é a olhos vistos, um voto de indisputavel qualificação para condemnar á mais profunda e vergonhosa mudez a ignorancia insensata, que tão iniqua e insolentemente increpára o Clero da sua nação.

Entrêmos agora em uma épocha, em que apparece, e se deixa ver um novo cosmorama de idéas; em uma épocha, em que a livre publicação do pensamento se proclama e authoriza por lei; em uma épocha em fim,

(1) Veja-se: » Sermão de Préces pelo bom successo das nossas
» armas, contra as do Tyranno Bonaparte, na terceira invasão nes-
» te reino, prégado na Igreja de N. Senhora dos Martyres, a 31 de
» Agosto á noite, na entrada da solemne Procissão de penitencia,
» que fez a exemplar Irmandade de N. Senhora de Jesus. Por *José*
» *Agostinho de Macedo.* » Nas paginas 19, 20 e 22 da segunda edição (impressa em Lisboa na Typografia Rollandiana, 1814) se encontrarão as passagens que acabámos de copiar.

em que bem longe de se adular a superstição e fanatismo, antes debaixo desta tão desprezivel e odiosa bandeira, muitas vezes se atacavam objectos venerandos! E' nesta épocha que eu perguntarei em mui alta voz: Se a maravilha do Campo de Ourique cahira em total esquecimento e desprezo? Se alguem se lembrou só della para a carimbar com o negro labéo de — fabula, de impostura? Ah! E' nesta mesma épocha que eu vejo della continuar a fazer-se solemne menção nos templos sagrados com uma lingoagem de indubitavel respeito, e pia crença. — Não produzirei para exemplo Orador algum, que a nauseante maledicencia dos sciolos do dia possa apupar com a usual pasquinada de — Clerigo ignorante e fanatico. — Hei de tiral-os do beijinho, da nata d'aquelles, que tão manifesta, e affincadamente se desposaram com a causa da proclamada liberdade. Clerigos de taes principios mal poderão ser *tidos por suspeitos de ignorancia, e fanatismo* aos olhos ainda do mais acirrado antagonista do prodigio de Ourique.... Aquelle que passamos a citar por certo que não poderá ser notado de similhante pecha. Eis-aqui pois o que elle discorrera em pleno Auditorio da maravilha de Ourique: *Diga-se embora, que a celebre apparição, e promessa de Jesus Christo ao grande Affonso nos vastos campos de Ourique é uma das maquinas politicas que alguns Imperantes tem feito jogar com feliz exito, assim como Numa e Mahomet, que eu não recearei perguntar, qual é a maquina, que levantou o pequeno Portugal ao grande ponto de representação, que disfructou entre as Nações, e que em todos os tempos, com bem ligeiras alterações, o conservou contra seus inimigos todos? Se uma vez, ou outra póde a ventura de Portugal dar-se ao jogo politico das causas secundarias, ha todavia lances em que parece que ou se renovam aos Portuguezes as expressões, que se dizem feitas por Jesus Christo ao grande Affonso:* » Confide, non solum hoc certamen vinces, sed omnes alios. *Confia que eu te farei vencedor neste, e nos outros combates; ou que* etc. (1). Este mesmo Orador prégando em

(1) Taes são as exprèssões do Religioso Arrabido *Fr. Manoel da Conceição Argea* no Sermão de S. Pedro de Alcantara, pag. 20 e

1822 em uma Festa de Acção de graças, na Igreja de S. João da Praça, pelo acabamento da Constituição, não duvidou pronunciar entre outras cousas: que os *Portuguezes não podiam negar o rendimento das suas graças ao Deus de Affonso Henriques, áquelle Deus que meigo erigíra Portugal, que o tem providente conservado, que o tem engrandecido prodigo* etc. (1). Assim alludia elle áquella maravilha theocratica, sem receio algum de ser accusado de *ignorante* ou *fanatico*; como hoje petulantemente são arguidos aquelles Oradores, que reproduzem a mesma crença.

Ainda produzirei o testemunho de outro Orador contemporaneo, que em nada cede ao precedente em dedicação á causa constitucional, e outrosim por certo longe está de ser avaliado por Clerigo *ignorante* e *fanatico*. Copiarei pois as palavras que elle pronunciára no meio de um luzidissimo Auditorio em um dos templos mais centraes desta Capital. » Parece-me, Senhores (diz » elle), ver renovada no dia 24 de Agosto e no dia 15 » de Setembro de 1820 a brilhante scena de Ourique, » Parece-me que a Protecção do Ceu foi mais visivel, » mais decedida nestes dias para os Portuguezes que » nunca! — Em Ourique eu me represento nossos maio» res curvados até á terra escutar promessas vantajosas, » que devem verificar-se na sua posteridade; no Porto » e em Lisboa eu vejo os Portuguezes sentindo o Im» pulso Superior, escutando a voz do seu Deus, que » lhes falla ao coração, que promette protegel-os, e que » os faz gostar logo as delicias da Liberdade que lhes » dá. Direi ainda mais que em Ourique Deus promet» tia a nossos Pais a gloria brilhante destes dias ventu» rosos, porque entre tantas e tão estrondosas victorias

31. Foi prégado este Sermão em 1820, e depois impresso em Lisboa na Impressão Morandiana em 1821, com licença da Commissão de Censura. O mencionado Religioso era assás conhecido pelas suas doutrinas liberaes.

(1) Na pag. 19. R' ó titulo: » Sermão que na solemne Acção de Graças pelo Acabamento da Constituição, rendida a Deos Omnipotente na Freguezia de S. João da Praça pelos Portuguezes constitucionaes da mesma Parochia, prégou *Fr Manoel da Conceição Argea* em 10 de Novembro de 1822, Lisboa; 1822. Rua Direita da Esperança n.º 50.

» que os Portuguezes alcançárão em todas as épocas, » nenhuma tem similhança, nem póde comparar-se com » a victoria destes dias. — Mais abaixo: » Aquella Bo» ca Sagrada fallou no Sinay, no Tabor, no Calvario, » em Ourique etc. (1). »

Ora se em uma épocha de liberdade e independencia de pensamento, em uma épocha em que á luz do pharol da illustração se via ir desapparecendo o *superstiçioso obscurantismo*; assim a Oratoria Sagrada desaffrontadamente renovava a tradição theocratica tocante a uma façanha, coetanea com a fundação da Monarchia, sem que merecesse censura alguma da *desfantasiada* philosophia dos intelligentes; como se poderá tolerar sem nausea e superfino desprezo que; depois de uma tão respeitosa veneração prestada áquella pia crença em tempos de idéas tão democraticas; agora em tempos de um regime de caracter muito mais monarchico, o mais insolito e disparatado pedantismo venha insultar os Ministros Evangelicos, que no pulpito tem fallado, ou alludido á maravilha sobrenatural de Ourique?

Não é porém só no dominio do pulpito, que vemos em nossos dias apreciar a maravilha grandiosa de Ourique com todos os seus extraordinarios adjunctos. Ha tambem da Classe secular quem em seus escriptos tenha defendido o prodigio com todo o typo, com que a tradição o tem transmittido. Folgamos de mencionar como taes Antonio Lucio Magessi Tavares (2), José Diogo da Fonseca Pereira (3), o Dr. Antonio Feliciano de

eu

(1) Assim na pagina 14 do — Sermão que no dia 4 de Julho de 1822, anniversario do Regresso de Sua Magestade o Senhor D. João VI e seu livre Juramento ás Bazes da Constituição Politica da Monarchia Portugueza, prégou na Freguezia da Encarnação desta Cidade de Lisboa, na brilhante festa, que por tão faustos motivos fizeram os Directores e Associados Constitucionaes da Praça das duas Igrejas, Marcos Pinto Soares Vaz Preto, Freire da Ordem Militar de S. Thiago da Espada e Prior na Igreja Matriz de S. Lourenço da Villa de Alhos-Vedros. Na Typografia Rollandiana: 1822.

(2) Vejam-se: Demonstração Historica e Documentada da Apparição de Christo nos Campos de Ourique, contra a opinião do Sr. Alexandre Herculano. — Nova Insistencia pela conservação e utilidade da tradição d'Ourique em resposta ao Eu e o Clero etc.

(3) Veja-se o *Primeiro Tomo da Historia de Portugal por Ale-*

Castilho (1), M. M. da Silva Bruschy (2), o mui lido, e polidissimo escriptor Marquez de Lavradio (3) e finalmente o Author de um dos *Livrinhos d'oiro*, publicados debaixo dos auspicios do Dr. Antonio Feliciano de Castilho, que tem por titulo a — *A Batalha do Campo de Ourique.* — O talento conspicuo, por *conselho* e *sob a protecção do qual* se publicam este e outros Opusculos, não teve pois duvida alguma em julgar a maravilha da Apparição como um dos objectos, que deviam entrar em o numero *das leituras uteis*, que se deviam *propagar por todo o reino* (4). Este voto é a todos os respeitos de mui alta qualificação contra o incredulo menospreciador da mais gloriosa e mais geralmente recebida tradição patria.

Porém o desvario anti-historico-nacional não barafusta e arremette só contra a theocracia do facto prodigioso de Ourique. Não se contenta tão sómente de vociferar tão audaciosa, como desasisadamente contra os Oradores sagrados, que em seus discursos o tem referido. Ainda vai mais ávante com o pendão do desatino e sandice. Insiste e bate o pé com um *quero porque quero*, em tom insolente e altivissimo, para que, mesmo olhado aquelle feito como entidade historica de cathegoria puramente humana, seja riscado com ignominia, e perpetua execração, dos Fastos Lusitanos; ou pelo menos, seja nelles tido como uma *ninharia*, uma *velhada*, uma *caturrice* de era affonsinha, que ha seculos, indevidamente qualificada por *Magnum Bellum*, está entulhando e estropiando as paginas da *veracissima* historia !.... Porém que? Ha por ventura algum escriptor, dos fins do seculo passado, ou já deste seculo, da polpa e estofa desses

xandre Herculano, considerado em relação ao Juramento de d'Affonso Henriques, pelo mencionado Author.

(1) Nos eloquentissimos Quadros Historicos.

(2) Veja-se: *Almanak Portuguez para 1852 sob a direcção de M. M. da S. Bruschy*, pag. 96, no artigo: *Commemorações Patrias, 25 de Julho, Batalha do Campo de Ourique.* Este successo vem ahi narrado com todas as circumstancias theocraticas.

(3) Em um Artigo seu, que lemos em o Jornal a — Nação — de 5 de Dezembro de 1853, referindo-se á Batalha de Ourique, disse: » *Facto memorando*, apezar das forças *herculeas* que o tem pertendido negar. »

(4) Veja-se a Advertencia do mencionado Opusculo.

mesmos, que mais se arrufam contra o instrumento documental da maravilha da Apparição, que tenha contestado a grandeza historica da Batalha de Ourique? Nem um só. Haja vista á maneira como se exprimiram os dois Academicos, *paleograficamente* antagonistas d'aquella theocracia, Fr. Joaquim de Santo Agostinho (1), João Pedro Ribeiro (2); e ainda mesmo Antonio de Almeida, que por todas as fórmas barafusta contra a theocracia do prodigio (3). Nem uma só expressão soltaram elles que deprimisse o grande valor, em que geralmente fôra avaliada tão campal, e sanguinolenta Peleja. — Essa audacia de monstruoso calibre nascida, não duvidâmos dizel-o, da mais crassa e indesculpavel ignorancia, e ao mesmo tempo acintoso desprezo pelas façanhas heroicas

(1) Veja se o tomo 5.º das Memorias de Litteratura Portugueza, pag. 336, nota (b).

(2) Digo tambem que este Academico fôra só *paleograficamente* inimigo da Apparição; porquanto o que elle não admitte é só a authenticidade do Juramento de D. Affonso Henriques, descoberto em Alcobaça, ou de outro que tal como este. Mas por elle não ter admittido este Juramento ou outro equivalente como prova d'aquella transcendente maravilha, segue-se que elle inteiramente a negasse? Ninguem tal ha de, nem deve pronunciar. Tambem o Academico *Fr. Joaquim de Santo Agostinho* não admitte aquelle Documento, nem cousa que o valha; e comtudo sustenta cordealmente pelo lado da tradição o prodigio sobrenatural de Ourique. — E' de notar que *João Pedro Ribeiro* unicamente se referira e em tudo, ao que expozera antes Fr Joaquim de Santo Agostinho sobre o tal Juramento, sem declarar que rejeitava a sua opinião favoravel áquella milagrosa Apparição, sustentada pelo indicado fundamento na mesma Memoria. (Veja se o logar citado em a nota precedente). — O não admittir um fundamento não é pois refusar todos. Temos por tanto que o Paleografo não é o antagonista da Apparição, que vulgarmente se pretende inculcar. (Vej. Observações de Diplomatica Portugueza, Observação X, art. 5.º, pag. 141 e 142). — Fosse porém qual fosse a sua opinião sobre a maravilha do Apparecimento de Christo; é inquestionavel que elle dera á Acção bellica de Ourique, sem tirar nem pôr, o nome de *Batalha*. *Persuado-me*, diz elle, *que desde Julho do anno* 1139 e Batalha de Ourique *tomou o Senhor D. Affonso Henriques o titulo de Rei*. (Dissert. Chronolog., Dissert. 2.ª, paginas 64).

(3) » E' verdade historica que se venceu a *Batalha do Campo de* » *Ourique* a 25 de Julho do anno de 1139. » Déu ou não elle o nome de *Batalha* á Acção de Ourique? Leve mais este piparote o Escriptor, que tanto na Historia de Portugal, como em outras Publicações, a depreciou com linguagem tão caturra! (Vejam-se Mem. da Acad., tom. 12, parte 1.ª, pag. 75).

dos nossos maiores; estava como que reservada para occupar o logar de funebre e sepulchral epigramma na ominosa Historia, que só por anti-fraze se póde chamar de Portugal. — *Tantum (proh dolor!) degeneramus à majoribus nostris!* (1)

Nas seguintes Partes desta nossa Obra confutaremos as genuinas e textuaes palavras do Author do intoleravel, e extravagante antagonismo, tão affincadamente sustentado nas paginas daquella *Historia* contra a façanha immortal do Campo de Ourique: no que faremos outrosim especial serviço á verdade tão miseravelmente desmentida, e á gloria nacional eminentemente ultrajada.

(1) Tit. Liv. Lib. 22, cap. 14.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

A BATALHA DE OURIQUE

E

A HISTORIA DE PORTUGAL

DE

A. HERCULANO.

CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

FRANCISCO RECREIO.

SEGUNDA PARTE.

Veritas odium parit.
Ter.

LISBOA.
NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.
Rua dos Capellistas n.º 62.

1854.

PRELUDIO.

Costumagem, usança foi sempre velha e de bom costado puritano; quando a materia é d'aquellas que vale alguma bem merecida pena; não só o fazer apparecer, como melhor convem, no palco da polemica todo o preciso, e cathegorico apanagio de aproches a pró da opinião que se agita; mas tambem o levantar o panno, e mostrar em natural esqueleto e sem colorido, nem brunidura as authenticas e formaes *perlengas* ou arengas de antagonista, que a contraría, para serem sem rebuço combatidas. — O primeiro e indispensavel trabalho e affan colloca, e arranja em luminosa guarida todos os materiaes e cimentos que podem positiva, e directamente dar firmeza e solidez ás asserções, que apologeticamente se enunciam. — O segundo toma sobre si bater e dar caça em detalhe a todas as proferidas e estampadas concepções do Adversario, que por falsas, ou inconcludentes desditam e repugnam. — Aquelle processo devendo produzir uma bem conscripta e arregimentada legião de elementos de uma indole incontestavelmente comprovativa, co-

PRELUDIO.

Costumagem, usança foi sempre velha e de bom costado puritano; quando a materia é d'aquellas que vale alguma bem merecida pena; não só o fazer apparecer, como melhor convem, no palco da polemica todo o preciso, e cathegorico apanagio de aproches a pró da opinião que se agita; mas tambem o levantar o panno, e mostrar em natural esqueleto e sem colorido, nem brunidura as authenticas e formaes *perlengas* ou arengas de antagonista, que a contraría, para serem sem rebuço combatidas. — O primeiro e indispensavel trabalho e affan colloca, e arranja em luminosa guarida todos os materiaes e cimentos que podem positiva, e directamente dar firmeza e solidez ás asserções, que apologeticamente se enunciam. — O segundo toma sobre si bater e dar caça em detalhe a todas as proferidas e estampadas concepções do Adversario, que por falsas, ou inconcludentes desdizem e repugnam. — Aquelle processo devendo produzir uma bem conscripta e arregimentada legião de elementos de uma indole incontestavelmente comprovativa, co-

mo que fórma, no campo bellico de qualquer litteraría ou scientifica controversia, o principal e o mais solido, e macisso do exercito de operações. — O outro arbitrio, reunindo uma forte e compacta phalange, armada de projectís arguitivos, para manobrar debaixo de ordenanças de certa tactica, e estrategia secundaria no *espectaculoso* circo da esgrimidora dialectica, ou arte critica; sem reparo, nem exdruxelaria se póde ter, ou reputar como arremedo ou o quer que é, que tem alguns delineamentos de corpo de reserva. — O systema do primeiro methodo guerrea e torna insustentavel a doutrina, ou cousa que como tal se apregoa, do Campeão adverso, pelos principios inconcussos, que contra ella formal, e eminentemente se erigem, e constituem. O plano do segundo methodo oppugna e faz baquear o mal cimentado edificio do contendor, desmoronando com grossa metralha, e bem calculada ballistica uma a uma as peças que toscamente o configuram. — No primeiro sentido escrevemos a primeira parte da Obra — *A Batalha de Ourique e a Historia de Portugal de A. Herculano.* — No segundo sentido redigiremos a segunda parte e as mais que se seguirem do mesmo Escripto. — Chamar por tanto aos tramites rigorosos da analyse, para inexoravelmente as zurzir, ora asserções mais, ou menos pseudo-historicas (entre as quaes se estira um crasso e lanzudo erro geographico); ora illações tão heterogeneas, como cheias de ignorancia e allucinação, que se encontram em um aborto, em um litterario *aleijão*, que se denomina — *Historia de Portugal* —; paralogismos, sofismas, direi antes, altamente miseraveis, com que se alardêa preliminarmente preoccupar a opinião dominante, para fazer desapparecer do conceito subido, em que geralmente foi sempre tido e havido no mundo dos eruditos tanto nacionaes, como estrangeiros, o Feito glorioso de Ourique; é a tarefa peculiar, que em defeza da tão attentada verdade historica, temos em vista corajosamente desempenhar nesta e outras partes do gizado trabalho. — Innovações de uma exorbitancia tão desconhecida na região da historia, proferidas contra um Heroismo de tão indisputavel valor e estima merecida, serão pois fustigadas com justos e bem merecidos látegos.

Que o Author da *suprema* e *archinormal* Historia de Portugal baixasse e puzesse a toque de caixa para fóra de suas paginas com asco, e rancor figadal tudo quanto soubesse, ou cheirasse a influencia theocratica no acontecimento de Ourique, votando ao vilipendio e sarcasmo a pia e geral crença da miraculosa Apparição de J. C. ao primeiro Monarcha Portuguez, ou dos Portuguezes; era isto sobre modo censuravel. Na verdade, renegando elle da nacional opinião defendida e sustentada pelas notabilidades da sciencia mais conspicuas do paiz, e constantemente avivada nos mais publicos monumentos, na frente até de suberbos, e alterosos baixeis (1); preferira antes, ao que parece, senão ganhar emboras, pelo menos fazer humildosa zumbaia ao corrilho protestante ou cousa que o valha, que tudo desadora e escon-

(1) Com recordações positivas da maravilha de Ourique, collocadas em suas prôas, se tem visto sulcar os mares mesmo ainda em nossos dias as maiores embarcações de guerra. Damos em prova a Náo D. João VI. Tinha esta na prôa uma figura de guerreiro com o escudo das armas portuguezas embraçado, em torno das quaes se lia: *In hoc signo vinces. Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire.* Verificámos o facto ainda em 23 de Novembro de 1851, achando-se já a Náo no dique para concerto, que depois não teve logar. — Na *Mnemosine Lusitana*, anno de 1817, n.º 4, vem um Soneto, anonymo, feito por occasião de se lançar ao mar (em 24 de Agosto de 1816) a Náo D. João VI. A' collação do que dissemos, explica-se elle no segundo quarteto desto modo:

» D'invictas Lusas Quinas adornado

(lenho)

» A Lysia offerece não vulgar festejo. »

jura quanto se lhe antolha com visos de *apparição* (1)! — Que porém o *conspicuo* escriptor concebesse no alto pincaro da sua descommunal imaginação, e fizesse saber ao universo lusitano pelos bicos rebellões de sua furibunda penna, que a Batalha portentosa de Ourique, dada e ganhada pelos Portuguezes aos Mauritanos, não é aos olhos da illustração, em grandeza e valor, aquillo que unanimemente todos os escriptores nacionaes e estranhos tem, em modernos e antigos tempos, declarado ser; tal monstruosidade é ter o arrojo de arvorar em programma de sciencia aquillo, que não é mais que um mero transtorno e aberração cerebral contra tudo quanto prescrevem, e legislam em todos os paizes as Regras da mais fina e apurada critica em objectos de historia. — E' um alto disparate pretender que a fantasiada opinião de um só individuo tenha mais pezo e quilate na balança da credibilidade, que o voto unanime e constante de innumeraveis Escriptores, cujos assertos sobre maneira illustrados ineluctavelmente condemnam e estigmatisam o façanhudo desvario. — Este arrojo, por certo, filho nedio e taludo de uma filaucia, e egoismo litterario de marca a mais tudesca e alarvajada; é a todas as luzes do numero d'aquelles, que não podem apparecer no vasto campo da publicidade sem provocarem a mais espontanea e ribombante pateada! — Intentar por acinte e rexa velha demolir do alto grão, e cathegoria, em que sempre, historicamente fallando, fôra tida em todo o universo a idéa, o pensamento predominante á-cerca da grandeza verdadeira e real da Batalha de Ourique; é esforçar-se por levar um dos mais eminentemente fanfarronicos projectos ao mais ridiculo dos estrambolicos impossiveis! E' radicalmente transtornar ou antes vilipendiar as idéas das cousas, e os vocabulos, que

(1) » On a tenté dans ces derniers siecles de rejetter comme un » artifice de l'esprit humain toutes les révélations et toutes les ap» paritions que des ames chrêtiennes pouvoient avoir. » *Traité Historique et Dogmatique sur les Apparitions etc.* Par M. *l'Abbé Lenglet Dufresnoy*, tom. 1.º, pag. 26. — Mr. Lenglet em uma nota, ao logar citado, declara por authores de tal tentativa à *Jurieux* (Apologia em favor da Reforma) e a quasi todos os *pretendidos Reformados*.

tão positiva e frisantemente as exprimem. — Mas que podem, e valem no estadio da sciencia, escriptores de uma penna tão mesquinha, e anomala? Estes são visivelmente do numero d'aquelles zoilos, pigmeos, que timbram e capricham, como meio glorioso para subir ao alcaçar do renome, em votar ao desdém, e menoscabo (nem outra cousa podem fazer) aquelles sabios, que melhor se houveram nas materias, que elles tão inepta, e bruscamente profanam. *Nec quicquam possunt nisi meliores carpere* (1). Um parto torpe e infeliz deste impotente pruido estão sendo os trechos do Author da Historia de Portugal, que servem de guarda avançada contra a Batalha de Ourique; como veremos na discussão, em que vamos entrar.

O Author da Historia de Portugal, inflexivel no testudo empenho de deprimir a idéa de grandeza, em que sempre fôra tida a Batalha de Ourique; formou o girio, e laberco plano de apresentar em sua Obra, com insidiosa antecipação, como decadente por aquelles tempos, a situação do inimigo Serraceno na Peninsula Hispanica. Conseguiu porém elle com tal estrategia o seu fantasioso intento? De nenhuma sorte.

Com liberdade romancesca, e de nenhuma sorte toleravel na republica historica, arrastou elle á collação a historieta, ou não sei que soporifera aranzelada da *revolução politica e religiosa* (excitada em Marrocos pelo berebére Mahadi) *que devia acabar dentro de pouco tempo com a dynastia lamtunense* (2). Que faz, porém ao caso; em desabono do successo heroico, que os *Almohades*, ou *Unitarios*, que reconheciam por fundador da sua seita a *Mohammed-al-Mohadi*, andassem ás cristas, e a final levassem debaixo no territorio Marroquino aos *Almoravides*, que reconheciam por Khalifa a *Yousef-ben-Taschfyn*, que fundou a cidade e imperio de Marrocos (3)? Que faz sim ao caso que tal borrasca mourisca ou arabesca estivesse em scena pelos tempos da Batalha de

(1) Phedr. L. 2.º Epilog.
(2) Historia de Portugal, Tom. 1.º, L. 2.º, pag. 319.
(3) Précis de l'Histoire du Moyen Age, par Mr. des Michels, pag. 239, e 240.

Ourique, e ainda depois, no mencionado territorio Africano, para d'ahi se poder concluir que é falsa e errada a idéa, que fóra e dentro do paiz sempre se fizera da importancia d'aquelle grandissimo Feito bellico? Nada; eminentemente nada. Dirá todo e qualquer critico, que reflectir na immensa distancia, em que ficam as fantasiadas premissas de tão absurda e indeduzivel illação. — Ninguem, ainda dos maiores espadachins contra tudo aquillo que apparece no panórama da historia com tez e fysionomia de extraordinario, se lembrou por certo jámais de esquadrinhar, e trazer para o mercado da argumentação, um cimento tão inconsistente, e bulofo, a fim de deturpar, e deprimir o Feito maravilhoso do Campo de Ourique. A prescripção mesmo pois permanente contra a abortiva chimera de tão pêca, e serodia lembrança seria mais que de sobejo para a votar ao *Charivari* do mais completo e solemne desprezo; se ainda não houvesse materia nova para o corpo de delicto, que triunfantemente a condemna e anathematiza.

Qual séria na verdade a escóra, a espia, ou pontalete, a que se arrimaria, ou com que se susteria aquella concepção de tão alto e esgalgado romancismo? O cavallo primeiro de frisa, com que o escriptor da Historia de Portugal se pretende pôr a coberto, é a passagem que Tachfin fez da Andaluzia para o Maghreb, levando tropas para acodir a seu Pai, que se via gravemente acoçado por Abd-el-mumen, discipulo de Mahadi, *já senhor de grande* parte das provincias do imperio, o que parecia *pôr em eminente ruina a dynastia lamtunense* (1). » Passou, diz elle, Tachfin logo o mar, levando com» sigo a flôr das tropas almoravides, que traziam topea» dos os musulmanos andaluzes, e defendiam as frontei» ras contra os Christãos, augmentando, além d'isso, o » seu luzido exercito com quatro mil auxiliares mosa» rabes, homens moços e valentes » (2). — Aqui, como inseparavel preliminar, 1.º: Negaremos que *Tachfin ao receber ordem de seu pae* (3) passasse *logo* o mar. — *Conde*,

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 321.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 321.
(3) Hist. de Portug. ibidem, supra.

ou M. de Marlès por elle, expressamente diz que elle se retirára das margens de Hespanha, cedendo ás instancias reiteradas de Aly. *Taxfin, cédant aux instances reitérés d'Aly, se fut éloigné des rivages espagnols* (1). Ora quem se houve de retirar de um logar qualquer á força de *instancias repetidas*, é evidentissimo que não se retirou *logo* ou immediatamente delle. — Além d'isto o logar da Chronica do Imperador D. Affonso, citado pelo Author em nota, não apresenta expressão alguma que denote promptidão, e presteza na retirada de *Tachfin* para Marrocos. Eil-o aqui: *Rex Texusfinus abiit trans mare, etc.* (2). O *logo* por tanto que á formiga se introduziu com mira de arranjar ou angariar mais, ao que parece, uma circumstanciasinha para o *intento*; não póde de modo algum ter logar, segundo o proprio testemunho dos Authores, que o historiographo cita e arrebanha em seu apoio. — Melhor seria que os não mencionasse. A manquice não seria talvez tão facilmente descoberta !.... 2.º Diremos que não se póde provar com as palavras de *Conde*, que na mesma nota o Author no referido logar cita, que Tachfin levára *comsigo a flôr das tropas Almoravides*. Conde pois tão sómente escrevêra que Tachfin tinha passado á Africa, levando em sua companhia *la flor de la caballeria* de los Almoravides; como (contra si) transcreve na indicada nota o proprio Historiador portuguez. — Ninguem em verdade sustentará que — *flôr da cavallaria* — seja synonimo de — *flôr das tropas*. — Muito melhor lhe iria ao *novador* historico se em logar de citar o texto de *Conde* em hespanhol, citasse antes a parafrase de Mr. Marlès, que se exprime : — *emmenant avec lui ses meilleurs soldats* — (3)! Se construiu porém o texto hespanhol pela parafrase; para que adulterou o original, que produziu, com tão inaudito methodo de traducção, assás alheio da fidelidade historica? 3.º Porque razão deu á *flôr das tropas almoravides*, que comsigo levára Tachfin (em o texto hespa-

(1) Histoire de la Domination des Arabes en Espagne etc., tom. 2.º, pag. 361.

(2) Hist. de Portug., tom. 1.º, pag. 321, em a respectiva nota.

(3) Hist. de la Domination des Arabes en Espagne etc., tom. 2.º pag. 361.

nhol de *Conde flor de la caballeria*) a denominação de *luzido exercito?* Que fundamentos historicos teve para lhe ajoujar a hyperbolica qualificação? A resposta deve ser curiosa!.... Talvez responda que no paiz do romancismo o mesmo seja *flor das tropas*, que dizer *luzido exercito!* Ainda assim ninguem lhe ha de tolerar a fanfarronada da evasiva; pois que ella é equivalente a um absurdo conspicuo. Aonde está sim a identidade de idéas?;...

4.º. Porque metteu, e encaixou os *quatro mil mosarabes*, que Tachfin levou comsigo para Marrocos, no cados das *tropas auxiliares*; quando o texto hespanhol de *Conde*, copiado em a já apontada nota pelo escriptor da Historia de Portugal, para sua salvaguarda, tal nome lhes não dá (1)?... Antes com elle a sua parafrase por Marlès claramente refere que os *quatro mil cavalleiros mosarabes compunham sua guarda*: *Quatre mille cavalliers mozarabes, dont il avait composé sa garde* (2).

....Deixada todavia já a tarefa de esmiuçar toda a fécula de inexactidões, que pejam, e atravancam a passaggem copiada da Historia de Portugal, vamos ao alvo, e amago da questão. — Que prova que Tachfin se ausentasse da peninsula hispanica para Marrocos com a *historiada*, e pelo nosso escriptor não menos *romantisada* porção de tropa? Prova acaso que a Mourisma, que ficou na Peninsula, não podia, mais ou menos reunida, formar um corpo de avultado exercito para se defender; embora com bom ou máo successo; quando fosse aggredida? Nunca. A illação natural e logica d'aquelle successo é só, que a força sarracena ficára mais diminuta no territorio hespanhol; e nunca que esta ficasse em estado de não se poder formar em um corpo de exercito mais ou menos forte, para, quando mais não fosse, se poder corajosamente sustentar. — Tudo o que está fóra desta

(1) *Conde* diz tão sómente no original hespanhol: Y asi mésmo llevó quatro mil christianos de Andalucia mui diestros en las armas. (Na Hist. de Portug., tom. 1.º, pag. 321, em a nota; onde se cita a Parte 3.ª, e cap. 36 do referido escriptor). — Copiámos o hespanhol com os mesmos erros orthographicos, com que vem transcripto em a nota!

(2) Histoire de la Domination des Arabes en Espagne etc. Tom. 2.º, pag. 361. — Conde, Parte 3.ª cap. 36.

illação é uma conjectura meramente graciosa. E não é com tão nerea e adiaphora deducção que se anhela destruir a heroicidade de um Feito tão sobejamente confirmado!..... Para o historiographo Portuguez conseguir o seu menospreciador intento de querer que façamos uma apoucada idéa do exercito Mauritano, com quem se bateta D. Affonso Henriques no Campo de Ourique, reduzindo-o á mesquinha, e estitica miniatura de uma guerrilha (qual talvez a do celebrado *Cachapuz*, ou *Remechido*) era preciso que a sua gorda e rechonchuda sapiencia peleographica desferrolhasse de alguma loja de velhos e carcomidos pergaminhos da media idade algum transumpto, ou autographo sem pêco, nem pecha, que apresentasse aos olhos dos incredulos, em numerico detalhe, um mappa veridico de toda a força militar, que *Tachfin* (ou *Texefim* como escrevem as nossas Chronicas) deixára para sustentaculo da Peninsula. — Em quanto o systematico, e testudo mingoador das glorias e brazões patrios não apresentar na area da discussão um tal ou quejando documento, e fulcro historico, creia que tudo quanto aranzelar sobre a materia, ha de levar sem embargo dos embargos o indelevel carimbo do mais magro, e esgazelado idealismo romanesco. — Uma verdade fundamentalmente estabelecida, ou cousa que passe como tal, de qualquer natureza que ella seja, não só não se destroe, mas nem sequer se abala, nem commove do plintho, em que o assenso dos homens illustrados a collocára; quando tão sómente é batida pelo vaivem inepto, e impotente de uma audaciosa imaginação. E' preciso a acção de elementos positivos e reaes, que opere sobre ou contra ella para a desmoronar. Quem assim o não pratíca, ignora, ou transgride de caso pensado um dos deveres da mais rigorósa dialectica.

A' vista de tão indestructivel argumentação quem poderá tolerar a passagem, que vem em seguida na anti-patriotica historia de Portugal ?» A partida destas for» ças, deixando desguarnecidas as praças musulmanas, » abriu caminho ao fogo da revolta, que lavrava nos » animos, e excitou a audacia dos Christãos, que fra» ca resistencia podiam achar nas rareadas fileiras dos » lamtunitas, obrigados a prevenirem-se contra as ten-

» tativas dos proprios sarracenos de Hespanha (1). » Quem não vê que tudo isto é cunha do mesmo pau! Que tudo são supposições de igual froco, e jaez? — Que bases, que fulcros historicos teve o escriptor para asseverar: Que pela partida d'aquellas tropas ficaram *desguarnecidas as praças musulmanas?* Que a audacia dos *Christãos fraca resistencia podia achar nas rareadas fileiras dos lamtunitas?* Nenhuma téve, affoitamente lh'o dizemos. E' pois mais um tróte ou galope de folgada imaginação!.... Que digo?.... E', fallando sem metaphora, um transtorno da verdade!.... Sim; é um dos proprios escriptores, de que se serve algumas vezes o Author da Historia de Portugal, como de favorito bordão, e a seu modo acipilha e ageita, que offerece dados positivos para concluir asserções contrarias. Ouçamos pois o já citado *Conde*, segundo a traducção de M. de Marlès: » Durante este tempo (falla já do tempo em que Tachfin se achava em Africa com o tal *luzido exercito*) a » guerra continuava nas fronteiras de Castella e Ara» gão. Os Musulmanos, ainda que divididos entre si » por interesses e mesmo por algumas differenças nas » opiniões religiosas, não eram por isso inimigos menos » irreconciliaveis dos Christãos. Não houve todavia suc» cesso algum importante, porque da sua parte os Chris» tãos estavam muito pouco de intelligencia; e tudo se » reduziu de uma e outra parte a correrias no paiz ini» migo, á ruina de algumas aldêas, á tomada e reto» mada de algumas praças, e sobre tudo á devastação » dos campos, que as partidas atravessavam reciproca» mente em suas marchas (2). » Desta positiva e termi-

(1) Hist. de Portug., Tom. 1.º, Liv. 2.º, pag. 321.

(2) *Pendant ce temps, la guerre continuait sur les frontières de la Castille et Aragon. Les Musulmans, quoique divisés entre eux par les intérêts, et même par quelques différences dans les opinions religieuses, n'en étaient pas moins des irréconciliables ennemis des chrétiens. Il n'y eut pourtant aucune affaire importante, parce que de leur côté les chrétiens étaient fort peu d'intelligence; et tout se réduisit, de part et d'autre, à des courses dans le pays ennemi, à la ruine de quelques villages, à la prise et à la reprise de quelques places et sur tout à la dévastation des campagnes, que les partis traversaient réciproquement dans leurs marches.* (Histoire de la Domination des Arabes etc. Tom. 2.º, pag. 361 e 362).

nante passagem jámais se poderá concluir, que os Musulmanos fossem inferiores em forças aos Christãos; e tamsómente que eram iguaes, pois mutuamente se hostilizavam *æquo Marte*. — A narrativa do redactor de Conde comprehende aquella parte do anno de 1137 immediatamente depois que Tachfin (segundo a chronologia do mesmo *Conde*) tivera partido da Andaluzia para Marrocos. — Ella pois visivelmente desmente a narrativa do Historiador Portuguez. — Na verdade; como se poderá ella conciliar tanto com o *desguarnecimento*, em que, segundo o historiador Portuguez, ficaram as *praças musulmanas*; como com a *fraca resistencia, que os Christãos podiam achar nas rareadas fileiras dos Lamtunitas*; conforme o mesmo tambem nos impinge na sua narrativa? A opposição é evidente, e irreconciliavel.

Porém não é só esta a refrega que lhe apresenta o Author da *Historia da dominação dos Arabes e dos Mouros em Hespanha e Portugal*. Transcrevamos ainda mais: » O Imperador Affonso tinha feito a paz com os principes confederados; era natural que elle voltasse contra os Mouros as armas, que a necessidade o tinha obrigado a empregar contra os Christãos. Elle fez marchar tropas da banda d'Andujar e de Jaen; porém, uma das suas divisões tendo-se separado do grosso do exercito, e passado o Guadalquivir, foi envolvida por forças superiores, e totalmente destruida. — O Imperador, desanimado por este accidente, tornou para Toledo; sendo mesmo obrigado a abandonar o cerco de Coria, que fazia sustentar por uma outra divisão de suas tropas. » (1) Quem haverá, á vista destes acontecimentos, (que pertencem ao anno de 1138) que se atreva a escrever, e offerecer estampado aos olhos

(1) *L'empereur Alphonse avait fait la paix avec les princes confederés, il etait naturel qu'il tournât contre les Maures les armes que la nécessité l'avait contraint d'employer contre les Chretiens. Il envoya des troupes du côté d'Andujar et de Jaen; mais une de ses divisions s'étant separée du gros de l'armée et ayant passé le Guadalquivir, elle fut enveloppée par des forces superieures, et totalement detruite. — L'empereur, découragé par cet accident, retourna à Tolède; il fut même obligé d'abandonner le siége de Coria, qu'il faisait faire par une autre division de ses troupes.* (Histoire de la Domination des Arabes etc. Tom. 2.º, pag. 362).

de todo o mundo, que pela *partida de Tachfin* para Marrocos ficassem *desguarnecidas as praças musulmanas*, e que as *rareadas fileiras dos lamtunitas oppozessem fraca resistencia á audacia dos Christãos?* Quem, a despeito do clamor historico, similhante ardimento commetter, se não obtiver a indulgente escusa de crasso ignorante, mal poderá escapar da ultrajante nota de historiador de má fé com intuito de despreciar, de aviltar os heroismos patrios! — Não são porém só estes os artigos de contestação contra o menoscabador das maravilhas monumentaes do paiz. Ainda temos mais peculio de elementos de positiva contrariedade. E' o que vamos a trasladar do mesmo citado escriptor: » No anno seguin» te (1139; anno da Batalha de Ourique) foi (o impe» rador D. Affonso) atacar Oreja, *cuja guarnição, por* » *suas frequentes excursões, insultava as visinhanças de* » *Toledo*.; e depois de um bloqueio assás longo se asse» nhoreou della. — Diz-se que durante este cerco os » *Walis de Sevilha, de Cordova e de Valença, tendo re-* » *unido suas forças e querendo operar uma util diversão,* » *cahiram sobre a fortaleza d'Azéca*, aonde se achava » Berengaria, mulher do Imperador (1).

Quanto esta narrativa não está perfeitamente em desaccordo com as fantasiadas illações, que dera como resultados reaes o Author da Historia de Portugal! Indisputavelmente mostra a sua insubsistencia. — Na verdade como se póde asseverar com absoluta generalidade, que *as praças musulmanas ficaram desguarnecidas* pela ausencia de Tachfin, quando a historia manifestamente affirma que *a guarnição de Oreja com frequentes excursões insultava as visinhanças de Toledo?* — Como se póde affirmar que os *lamtunitas tivessem as fileiras rareadas*, quando historicamente se sabe (além do mais) que

(1) *L'année suivante, il alla investir Oréja, dont la garnison, par ses excursions fréquentes, insultait les environs de Tolède; et aprés un blocus assez long, il s'en rendit maitre. — On dit que, pendant ce siége, les walis de Seville, de Cordoue et de Valense, ayant reuni leurs forces et voulant opérer une utile diversion, se portèrent sur le forteresse d'Azeca, où se trouvait Bérengère, femme de l'empereur.* (Histoire de la Domination des Arabes etc. Tom. 2.º, pag. 362 e 363).

ellas não só sustentaram o assás longo cerco de Oreja; mas durante este reuniram forças para atacar A zéta? — Quem faz *correrias, devastações, ataques e sortidas frequentes*, e pela fórma que a historia assás fidedigna o relata; por sem duvida que está muito longe de merecer aquella falsa pintura do painel de atrophia, que o historiador portuguez imaginára.

Ainda mais: O historiador portuguez invocou em seu apoio a authoridade de *Conde*; e que tremenda estortegadéla não ferrou elle no que dissera o historiador hespanhol? Escreveu este que — » a flôr da cavallaria » dos Almoravides que Tachfin levára em sua compa» nhia para a Africa, *fizera notavel falta* na Hespanha » para acudir ás revoltas e perturbações, que pela sua » ausencia alli se excitaram » (1). Acaso entendeu Conde a *notavel falla*, que *fizera* na Hespanha aquella tropa, que Tachfin levára comsigo, do mesmo modo, e na mesma accepção, em que a entendeu o escriptor portuguez? Ninguem jámais o poderá testificar. Pelo contrario o historiador ou compilador hespanhol, se uma tal intelligencia concebesse, seria desmentido pelos proprios factos, que elle, em varios logares, ou Mr. de Marlès por elle, como já vimos (2), refere. O proprio *Conde*, e pelo menos o seu parafraseador, é pois quem faz ver que o historiador portuguez torcêra com incompativel violencia as suas palavras!

Porém ainda quando com aquella *notavel falta* formalmente se provasse (o que já fica contestado) a fraqueza das forças lamtunitas no territorio andaluz, d'ahi não se poderia tirar argumento parallelo, que em rigor colhesse, para se fazer ver o numero diminuto de tropas.

(1) Passó (el Principe) a Africa llevando en su compañia la flor de la caballeria de los almoravides, que hizo *notable falta* para las revueltas y turbaciones que en España se suscitaron en su ausencia: y assi mismo llevó cuatro mil mancebos Christianos de Andalucia muy diestros en las armas. (Historia de la Dominacion de los Arabes en España, Part. 3.ª, cap. 36, pag. 286). — O mesmo trecho se lê (e por signal, como é facil verificar, com alguns erros de orthographia) em a nota da Historia de Portugal, tomo 1.º, pagina 321.

(2) Nas passagens que ficam transcriptas da Obra: *Histoire de la Domination des Arabes en Espagne etc.*

musulmanas, que compunha o exercito inimigo em a Batalha do Campo de Ourique. Era preciso descer a outros argumentos mais positivos e directos que assás o demonstrassem. Não ha porém um só, antes o contrario: — Vamos proseguindo na indeclinavel derrota que o leva a evidenciar. Nella chamaremos, como sempre, conjuntamente ao Areopago da analyse as mesmissimas palavras do anti-nacional historiador.

Todavia antes de entrarmos nesta tarefa substancial, é forçosa que deitemos primeiro a luneta critica sobre certos combros e corcóvas historicas, que ficam nas ancas, retaguarda ou recosto da esplanada.

» A entrada (diz o Historiador portuguez no fim » de uma nota) de Affonso VII até o Guadalquivir, e » a divisão do seu exercito em partidas provam, além » d'isso, claramente a ausencia de Tachfin e da caval» laria almoravide (1). » Este periodo vem logo em confirmação depois do annotador ter declarado que a Chronica do Imperador Affonso VII *puzera a partida de Tachfin* (para Marrocos) *em* 1138; mas que elle *tirara a data de* 1137 (que com preferencia adopta na historia) *da relação de Conde.* — Que successos são esses, que *provam claramente que a ausencia de Tachfin e da cavallaria almoravide acontecera em* 1137, que nenhum historiador ainda caracterizou com tal força, nem poder? Como é que essas provas *claras*; e da natureza d'aquellas que convencem pelos effeitos ou resultados; não fizeram mudar de opinião, não digo já ao author ou authores da Chronica de D. Affonso VII, mas nem ainda ao insigne Historiador João de Ferreras, que sim põe a mencionada ausencia em 1138, e apenas que o Imperador D. Affonso levantou o cerco de Coria (2)? Se as provas indicadas pelo escriptor portuguez tivessem a clareza, que elle lhes suppõe, por certo que Ferreras

(1) Hist. de Port. Tom. 1.º, Liv. 2.º, pag. 321.

(2) On n'eut pas levé le siége de Coria, que le Rui Taxefin emména à Maroc tous les Chretiens Mozarabes de ses Domaines en Espagne, pour se servir d'eux dans la guerre qu'il avoit avec les Almohades, à cause de l'expérience que l'on avoit de leur valeur. (Histoire Generale d'Espagne, traduite de l'Espagnol de Jean de Ferreras etc. par Mr. d'Hermilly, tom. 3.º, pag. 408).

não teria a menor duvida de pôr a partida de Tachfin em 1137. Se o não fez, de crer é que sua critica perspicaz tal clareza não achasse.

Deixando porém de recorrer a Authores, os quaes, pela diversa opinião que seguem, assás mostram que a asserção do Escriptor portuguez não tem inabalavel fundamento; perguntarei outrosim porque ha de a *entrada de Affonso VII até o Guadalquivir, e a divisão do seu exercito em partidas, provar claramente a ausencia de Tachfin e da cavallaria dos Almoravides?* Por certo que o historiador *vastissimo* não ha de poder apontar um só documento historico, que prove que as manobras ou operações do exercito de Affonso VII, fossem o resultado da partida de Tachfin para Marrocos!... E não se podendo provar a necessidade deste resultado como proveniente d'aquella causa; porque se ha de privar a Affonso VII do poder de operar com o seu exercito por aquella fórma, mesmo estando o Tachfin ainda em Hespanha? Tanto esta hypothese é não só factivel, mas até provavel (e direi mesmo preferivel), que Ferreras, dando a partida de Tachfin depois do cerco de Coria (1), visivelmente reconhece que elle se achava em Hespanha, quando teve logar aquella *entrada e divisão do exercito* de D. Affonso. — Por tanto as operações militares deste Imperador só poderiam ter, quando muito, por causal conjecturavel a ausencia de *Tachfin e da cavallaria almoravide*, se se podesse presumir por alguma fórma da respectiva historia que o Monarcha Hespanhol estivera á espera da retirada do seu adversario, para levar a effeito o seu plano hostil contra os Mouros. A historia porém só nos offerece positivos dados para asseverar que o Imperador só esperava fazer a paz com os Principes Christãos, que contra elle se tinham confederado, para logo pôr em acção as referidas manobras contra os Musulmanos; o que teve logar já no anno de 1138 (2). D'aqui se conclue sem custo, que, além de ser falsa, como já se fez ver, a decantada fraqueza da força dos lamtunis

(1) Veja-se a passagem de Ferreras já citada a pag. 16, nota.
(2) Marlès, tom. 2.º Hist. de la Domination des Arabes etc. pag. 862. — Esta authoridade vem por integra a paginas 21 desta Parte.

tas; igualmente é frustrada empreza o pretender es belecer sem questão, e como cousa corrente, a desigı ção do anno, em que se verificou a ausencia de Ta fin com as tropas que o acompanharam; que se fanta como causa influente d'aquellas operações. — E' m um motivo que faz caducar o insustentavel e inaud pretexto, que o Author da Historia de Portugal sonh para depreciar o grande e maravilhoso Feito de va dos nossos maiores, como tal sempre havido e avalia nos Annaes das Nações!.... Passemos agora ao texto historia: » Neste estado de cousas, Affonso VII, fei » a paz com o infante de Portugal, preparou-se pa » invadir o territorio musulmano (1). » — Que esta de cousas é esse? Não é aquelle que o Historiador p tuguez concebeu em sua tão productriz fantasia? E'. o desmentimos porém com as passagens transcriptas *Historia da Dominação dos Arabes na Hespanha* etc. (Pa 12, 13, 14, nas notas). Desmentil-o-hiamos tambem, fosse necessario, com o testemunho de Ferreras. — E q diverso quadro nos apresenta este escriptor hespanh quando nos dá a paz celebrada entre os dois contendore Lobrigam-se acaso alguns pertos ou longes de *fraca r sistencia nas fileiras dos lamtunitas*, que lhes grangêe alcunha de *rareadas?* Tudo ao contrario. A incursi dos Mahometanos nas terras de Portugal, e não o s estado de decadencia, fôra até a causal que moveu e pecialmente a D. Affonso Henrique a arranjar a p com o Imperador (2). — De accordo com estas verid cas idéas historicas, e em opposição á falsidade com q o historiador portuguez, para deprimir o grandioso fe to de Ourique, pretende de antemão representar e notavel abatimento as forças do poder mauritano; t mos igualmente um affamado escriptor de nossos dia que menciona entre as causas, que decidiram a D. A fonso VII a *ajustar e concluir uma tregoa com o Infan te Portuguez, as incursões, e o progresso dos Sarracen nas fronteiras meridionaes de Castella e Leão*. O escript

(1) Histor. de Portug. tom. 1.º pag. 321.
(2) Hist. Gener. d'Espagne. Tom. 3.º pag. 402.

a que nos referimos é o Doutor Henrique Scheffer (1). Pelas citadas expressões se vê claramente quão diverso era *o estado de cousas*, em que se achavam os Mouros, d'aquelle com que nos quer emballar, ou embair o historiador portuguez! — *A defeza do seu paiz*, em que por occasião da *tregoa se occupou D. Affonso Henriques* contra os Sarracenos, é tambem outra prova manifestissima contra a fantasia do *excentrico* historiador (2). O estado de enfraquecimento, em que elle representa as forças Mauritanas, não condiz por certo com a tal defeza preventiva! — *Preparou-se para invadir o territorio musulmano.* — Se se entende, conforme tôa, de um modo relativo, e na mera hypothese d'o Imperador D. Affonso não andar em guerra com os Mouros durante a desavença com o Infante de Portugal; esta intelligencia é insustentavel. Temos de facto terminante prova. — Foi pois no mesmo anno, e pouco mais ou menos pelo mesmo tempo, em que o Infante, ou Principe de Portugal estava em campanha, á testa de suas tropas, para fazer frente ao Imperador, (e quem, que fôr lido nas historias do reino visinho, o não sabe?) que tivera logar a devastadora e mortifera irrupção ou invasão do Conde D. Rodrigo Fernandez, governador de Toledo nas terras dos Mahometanos, que se estendeu até Serpa; aonde elles lhe fizeram opposição (repare-se bem) *com numerosas tropas* (3). — Se porém, como tem toda a

(1) Na sua Historia de Portugal, pag. 76. — Citemos por integra o paragrafo seguinte da traducção portugueza, que é a que temos á mão: » Entretanto, *as invasões, e o progresso dos Sarracenos nas fronteiras meridionaes de Castella e Leão*; e os projectos que se meditam e preparam em Aragão reclamavam da parte de D. Alphonso Raymondez a mais circumspecta attenção: elle, para bem acudir onde sua presença era mais altamente reclamada, e porque nenhumas vantagens lhe resultavam da continuação da guerra com Portugal, se decide a ajustar e concluir uma tregoa com o Infante Portuguez. D. Affonso Henriques soube bem aproveitar esta suspensão *para ir logo occupar-se da defeza do seu paiz* sobre um outro ponto. »

(2) Vej. a passagem transcripta em a nota precedente, no ultimo periodo. — Lêa-se tambem a pag. 77 da citada Historia do Dr. *Scheffer*.

(3) Pendant que le Prince de Portugal étoit en Campagne à la tête de ses Troupes, pour faire face à l'Empereur Don Alfonse etc. Après dans ce même tems, le Comte Don Roderic Fernandez, gouverneur de Toléde, fit une irruption sur les Terres des Mahomé-

probabilidade, usou do termo *preparou-se* com intuito tamsómente de querer indicar o mais decidido e omnimodo aprestamento da parte do Imperador para exclusivamente *invadir o territorio musulmano*; temos cahido e estatalado o historiographo na mais flagrante contradicção! Como poderá na verdade elle combinar a idéa do *preparo* para a invasão da parte do Monarcha hespanhol, tomada em a sua mais provavel e positiva accepção, com a *fraca resistencia*, que *a audacia dos Christãos podia achar nas rareadas fileiras dos lamtunitas* (1)? *Preparar-se* para combater *fileiras* de Mouros *rareadas* no tom e alturas, em que as representa o Historiador portuguez; é mais proprio de um D. Quichote, que de um Monarcha, que pela sua bravura merecera a antonomasia de *Batalhador!...* Os Criticos hespanhoes, por certo que, maravilhados do falso e revoltante cheque dado pelo escriptor portuguez na gloria de um dos seus mais conspicuos Monarchas guerreiros, mal poderão deixar de nelle reconhecer mais um elemento campanudo para elevar ao galarim a sua Historia!... Continuemos porém ainda a transcrever e a analyzar:

» Posto que o rei de Navarra continuasse a susten-
» tar a guerra contra o monarcha leonez, este fazia-a
» alli pelos seus capitães, e livre das inquietações que
» lhe davam os portuguezes pelo lado da Galliza, avan-
» çou na primavera de 1138 até ás margens do Gua-
» dalquivir (2). » — E' por ventura verdade que o *Rei de Navarra continuasse ainda a sustentar a guerra contra o Monarcha leonez* (D. Affonso VII) *quando este*

. . . .

tans avec les Troupes des Frontiéres. Suivant le cours de la Guadiane, il saccagea et détruisit toutes les Places qu'il trouva sur sa marche, et il enleva beaucoup de personnes et de bestiaux. Il pénetra ainsi jusqu'à Serpa, où les Alcaydes Mahométans se presenterent à lui avec de nombreuses Troupes. Quoiqu'inférieur en nombre, il les attendit de pied ferme, leur livra bataille, les tailla en piéces, et retourna á Tolède avec son Armée victorieuse et enrichie des depouilles des Ennemis. — Assim Ferreras, referindo se á Chronica do Imperador D. Affonso. (Histoire Generale d'Espagne, tom. 3.º pag. 403 e 404). — Os successos referidos tiveram lugar no anno de 1137.

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 321.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 321.

livre das inquietações, que lhe davam os portuguezes pelo lado da Galliza, avançou na primavera de 1138 até ás margens do Guadalquivir? E' antes de crer que seja falso! Abro a *Historia Geral d' Hespanha de João de Ferreras*; e no ultimo periodo do paragrafo, em que menciona o que parece terem feito os generaes enviados pelo Imperador D. Affonso á fronteira de Navarra, acho já realizada, conforme crê o historiador, a reconciliação dos dois contendores, figurando alli já esta reconciliação como derradeiro acontecimento do anno de 1137. Eis-aqui as suas palavras: » Au reste à juger par la » suite de l'Histoire, il y a tout lieu de croire qu'il se » fit quelque arrangement entre l'Empereur et le Roi » Don Garcie (1). » Ainda é mais terminante, e positiva a passagem de Mr. de Marlès. Este sem hesitação affirma ter o Imperador D. Affonso feito já a paz com os principes contra elle confederados, quando tivera logar a tal avançada, ou invasão até ás margens do Guadalquivir ou além d'ellas: » L'empereur Alphonse avait » fait la paix avec les princes confédérés; il était natu- » rel qu'il tournât contre les Maures les armes que la » nécessité l'avait contraint d'employer contre les chré- » tiens. » (2) Este historiador colloca já este acontecimento no anno de 1138. — Agora perguntarei ao *habil* e impagavel transtornador da Historia dos dois paizes em que documento, ou monumento historico encontrou elle, que a mencionada *avançada* até ao Guadalquivir se indicasse, vagamente fallando, ser *na primavera?* Creio que foi algum ensejo de calculo romantico, que lhe acodiu e deu movimento aos bicos da penna!... Se elle pensa porém que para innovar a frase, ou arrebicar o periodo seja licito inserir, como por ensancha, no corpo da historia alguma variedade de circumstancia de tempo, ou de logar, de cunho, não digo já *falso*, mas ainda mesmo de caracter meramente de *illação* (não obstante a expressão ou narrativa dos documentos, e d'aquelles que primeiro os deviam ter esquadrinhado) com todo o

(1) Tom. 3.º pag. 405.

(2) Histoire de la Domination des Arabes etc., tom. 2.º pag. 362. — Veja se a nota que vem a pag. 13.

apparato e louçania de verdadeira; persuada-se que pr fundamente desconhece a natureza do terreno, que bl sona cultivar! A mencionada expedição, segundo a Chr nica de D. Affonso VII, teve logar no mez de Mai Acaso julga o historiador Portuguez que seria tão c mais exacto, escrevendo indeterminadamente que fô *na primavera?* Ninguem tal póde, nem deve dizer. — historiador não só falta á verdade quando escreve o qu não é; mas tambem quando generaliza, ou mais o menos restringe aquillo que os documentos express mente asseveram! (V. Chron. Adef. L. 2. n.º 60).

» Deste ponto, » continúa a *Historia*, » dividind » o exercito em corpos volantes, mandou-os a devast » e saquear os districtos de Jaen, Baeza, Ubeda e A » dujar, queimando os logares abertos, e destruindo » campos e arvoredos (1). » Quem precisamente diss ou por onde constou ao Escriptor portuguez que o Im perador D. Affonso VII escolhesse para *ponto* milit donde mandára o seu exercito saquear as terras, acab das de mencionar, as *margens do Guadalquivir?* E que Mappa, em que detalhe, em que roteiro milit encontrou elle designado uma similhante localidade p ra um tal fim? Em que pergaminho achou garabulhad em fim o fundamento em que se estribou, e fez solem fincapé para, de sciencia certa, vir a lume com a tal de coberta estrategico-topographica? Será por ventura a guma versão textual e litteral de algum nunca visto d ploma? Ou apenas mera illação, ou ampliação histor ca, por não dizer romantica? — Dos historiadores hesp nhoes ha quem tamsómente nos refira que o Imperado formando um numeroso exercito das tropas, que pô reunir do reino de Leão, e Castella, marchára para A daluzia, a fim de empregar suas armas contra os inim gos do nome Christão (2). Será o mesmo porém ma char para a Andaluzia que marchar para as margens c Guadalquivir? Será por ventura synonimo, e identi o tomar as margens do rio pelo nome indistinctamen

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 321 e 322.
(2) Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3.º pag. 406.

da provincia, que elle banha, ou divide? Nunca. A parte não póde, por figura, aqui (nem em qualquer narrativa historica) substituir o todo! — Não indicou porém o citado Historiador da nação visinha tal ou equivalente ponto na Andaluzia, donde o Imperador fez marchar o seu exercito para o referido effeito. E' esta uma verdade que não tem opposição. Unicamente noticiára que a pilhagem nas quatro terras nomeadas se realizára, tendo chegado ou *entrado* o exercito imperial em Andaluzia (1). E chegar ou entrar em Andaluzia será logo chegar, ou entrar nas margens do Guadalquivir? Não creio que haja alguem tão baldo em conhecimentos geographicos, que admitta a inepcia da affirmativa! Todo o mundo sabe que ha muitos pontos na Andaluzia assás distantes das margens do Guadalquivir. Um delles é aquelle que visinha com o Porto de Muradal (2), por onde se presume até ter entrado na Andaluzia o exercito do Imperador (3). Por tanto se é certo que o exercito do Imperador começára as hostilidades contra os Mouros logo que entrára em Andaluzia, e este ponto da tal entrada pudéra ficar distante das margens do Guadalquivir; porque se ha de admittir, sem fundamento algum provavel, que o ponto de partida para as operações d'aquelle exercito só se realizára depois da sua avançada até ás margens do mencionado rio? Entenderá o historiador portuguez que os *districtos* das terras invadidas são a mesmissima cousa, que as margens do Guadalquivir? Quando elle podesse formal, e rigorosamente sustentar a synonimia, ou identidade territorial, nunca poderia fazer ver que os taes *districtos* eram pontos de partida *donde* e não *para onde*, como manifesta a historia (4), o exer-

(1) Ferreras, , no logar citado em a nota precedente.

(2) *Muradal ó el Puerto de Muradal, transito y passage de las montanas de Sierra Morena, por donde se entra de Castilla la Nueva en Andalucia, azia las fronteras de Portugal. — Los antiguos llamavan á esse paraye Saltus Castulonensis, por estàr immediato a una ciudad antigua que dician Castulon, que oy es una aldea, llamada Castona.* (*Moreri*, traducção hespanhola).

(3) Ferreras, no logar já indicado etc.

(4) Poremos agora por extenso o texto da Historia de Ferreras, que abrange as tres ultimas citações, que della fizemos: „ L'empereur, qui ne souhaitoit rien tant que d'emploier ses Ar-

cito do Imperador devia ser mandado fazer hostilidades. — O Author portuguez portanto, que aliás reconheceu em sua historia, com a opinião recebida, o termo definitivo do movimento do exercito (no que mostra não constituir em um só e mesmo local a simultaniedade dos dois pontos); para que se havia de adiantar em indigitar o tal ponto de partida, que a historia deixou ficar no barathro do silencio? Em uma historia, que tanto se preza de vergar debaixo do pezo de *luminosos documentos*, é um labéo não pouco revoltante o sarabandear fóra do ambito prescripto delles! — Eis-aqui as reflexões, ou objecções, que algum Critico mesmo tolerante, que confrontar a narrativa historica do Escriptor portuguez com a do historiador hespanhol sobre o ponto em questão, poderá sem muita difficuldade fazer figurar no campo da censura.

A taes, ou equivalentes reparos mais e menos enfileirados para guerrear o designado *ponto de partida*; que responderá o seu primeiro historiador, que o déra á luz? E' bem de ver qual deva ser o camartello de que

» mes contre les Ennemis du Nom Chrétien, ordonna au Comte » Don Roderic Fernandes, Alcayde de Toléde et au Comte Don » Roderic Martinez, qui avoit le gouvernement de Léon, de pré- » parer toutes leurs Troupes. Il se rendit ensuite en personne avec » celles de Castille, à Leon, où le Comte Don Roderic Martinez » arriva aussi peu de tems après avec les siennes. Aiant ainsi formé » une Armée nombreuse, il marcha vers l'Andalousie; et y étant » entré, à ce qui paroit, par le Port de Muradal, il commença à » mettre au pillage les environs d'Andujar, de Baeza, d'Ubeda et » Jaen, dans lesquels il mit aux fers beaucoup d'Infidélles, enle- » va toute sorte de bestiaux, et fit une riche butin. Un Corps de » Troupes Estremaduroises s'étant détaché de l'Armée, sans la per- » mission de l'Empereur, passa la Riviére, et fit une prise conside- » rable; mais surpris par la nuit, il fut obligé de rester de l'autre » côté de la Riviére, en attendant le jour. Vers le milieu de la » nuit, il s'éleva une furieuse tempête, et il plut tant, que la Ri- » viére étant grossie considerablement, le lendemain matin elle ne » se trouva plus guéable. Les Mahométans avertis de l'embarras où » étoient les Chrétiens, se disposerent à les attaquer sur les neuf » heurs du matin. En vain les Estrémadurois demanderent du se- » cours à l'Empereur et à ses Généraux, ils n'eurent d'autre ré- » ponse, sinon qu'il étoit impossible de leur en donner, à cause de » la crue des eaux de la Riviére. Ainsi ils furent tous égorgés par » les Infidélles à la vu de l'Armée de l'Empereur etc. (Hist. Gener. etc. tom. 3.º pag. 406 e 407).

haja de lançar mão para desboroar o tabique ou taipal contra elle levantado. Desce ás catacumbas dos caboucos paleographicos, e que fará elle d'ahi desembestar, que não seja já, e ha muito, do dominio de toda a gente? E' com o velho, e crespo pergaminho da Chronica de D. Affonso VII com que elle se me figura vem atracado, e ajoujado para fazer fogo contra a bateria. Debalde todavia applicará elle a vella mixta á espoleta para fazer rebentar o canhão. Em que logar da Chronica de D. Affonso VII se acha escripto que as margens do Guadalquivir fossem o ponto de partida, d'onde o Imperador, *dividindo o seu exercito em corpos volantes*, o mandára fazer *saques* e *devastações* nas mencionadas terras? Em nenhuma parte; responderá todo aquelle que a ler. E' verdade que a Chronica Affonsinha refere que o Monarcha se viera acampar junto do rio Guadalquivir: *et abiens castrametatus est juxta flumen quod dicitur Guadalquivir*. Mas aonde está aqui o tal ponto de divisão, e partida das suas tropas para aquella expedição? Nem aqui, nem em parte alguma se lobriga algum vestigio do affirmado ponto! — Em que escaninho, em que paradeiro invisivel foi pois o seu faro paleografico dar com a *incognita*? De que furna obscura é impermeavel fez desabroxar o mysterioso *ponto* encoberto? Para que é mais? O tal *ponto*, que ninguem, a não ser o historiador *original*, fez ainda dar á estrêa, ou debute, mesmo no mercado ou feira da ladra da historia mais extravagante, e depreciada, veio nu em pêlo á nascença, do cachão, ou fervedouro das illações romanticas, de que tanto se pavonêa a tal *inimitavel* historia! — Na verdade, acaso porque o Imperador se veio acampar perto ou nas margens do Guadalquivir, segue-se logo, e de um modo intergiversavel, que d'ahi fôra o ponto de partida para a mencionada excursão? Para se sustentar a affirmativa, era primeiramente necessario fazer-se ver que de nenhum outro ponto ella podia ter sido feita, mesmo *chemin faisant*, antes d'aquelle Real acampamento. Esta demonstração porém seria impossivel!....

Mas não é só esta descoberta que fez o historiographo Lusitano na tactica, que seguiu Affonso VII. Refere-nos tambem que *dividíra o exercito em corpos volan-*

tes. — De que Archivo, ou Tombo historico desentranharia elle esta marcial evolução, que escapou ao paleografico microscopio dos escriptores da nação visinha? De que cacifo, ou cafua desenterrou, e transferiu para o olho do sol, o engelhado diploma, que documentalmente affiançou o plano de guerra offensiva, que houve em pratica aquelle Imperador? Não nos descobriu o segredo; nem tão pouco, estamos certissimos, o ha de poder descobrir! Os historiadores hespanhoes (e por elles damos o conspicuo testemunho d'aquelle, que por vezes temos allegado) tamsómente deixaram lançado nas paginas de seus escriptos, salva a redacção: *Que D. Affonso tendo formado um numeroso exercito marchara sobre Andaluzia, e havendo ahi entrado começára a metter a saco as visinhanças de Andujar, Baeza, Ubeda, e Jaen* (1). Ora se os Escriptores da nação visinha (que melhor devem entender nas suas cousas, que o escriptor portuguez nas delles, pois como reza o proverbio: **Mais** vê o tôlo no seu, que o avisado no alheio) tamsómente se reduziram á noticia do facto, sem menção alguma sobre o methodo estrategico das hostilidades; para que ha de o historiador portuguez fazer manobrar a seu geito o exercito do Imperador, *dividindo-o em corpos volantes?* Acaso não póde qualquer exercito fazer devastações, saques, e pilhagens sem se *dividir em corpos volantes?* Negal-o, seria miseravelmente desconhecer a antiga e moderna historia das devastações. Para que havia pois o historiador portuguez dispôr de um exercito no campo de Marte com mais facilidade, que um rapaz brincão dispõe de um baralho de cartas, fazendo dellas gato e çapato, para representar o seu ideal bellico?

Porém que bulha, que *catrapoz* é esse, que de subito se me figura estar já fazendo matinada aos ouvidos do censor? Não se assustem!... E' o Author da Historia de Portugal, que correndo á desfilada, mais ligeiro que

(1) *Ferreras*, no logar que ha pouco citámos. — Não desmente delle o testemunho de Mr. de Marlès: — Il envoya des troupes du côté d'Andujar et Jaen. (Histoire de la Domination des Arabes etc. tom. 2.º pag. 362).

o Niso do Mantuano, ahi vem furioso como um paladino com a Chronica de D. Affonso VII, servindo-lhe de montante, na mão, para aparar e repellir os golpes, com que o molesta o bastão inexoravel da zurzidora critica! — Alto lá! Lhe brada todavia esta do seu inexpugnavel reducto, apenas antolha e reconhece o espectro: » Em que logar da Chronica vivem e vegetam essas » taes entidades, denominadas — *corpos volantes*, com » que uma tão lata, e indefinida generosidade folga, e » ha por bem mimosear, por via da sua, a historia do » paiz visinho? » Nem *bux!* E' toda a resposta do improvisador *generoso*; cahindo, dito e feito, em uma modorra tão profunda, qual muitas vezes lhe terá causado a monotona pesquiza dos — *Papeis inuteis!*... Com effeito (deixando-nos de mais galhofa *folhetino-romantica*, que deve ir a quem toca) abra-se para demonstrativo desengano a Chronica de D. Affonso VII; e que ha, ou nella se encontra, que tenha alguma devisa, cimeira, ou viseira de *corpos volantes?* Qualquer que ler, e investigar a Chronica ha de sem muito affan achar que toda, e a unica qualificação, com que são designadas as tropas, que o Imperador empregára na devastação e saque das mencionadas terras, é tudo quanto sôam as palavras — *Cohortes prædatoriæ* —, que, por signal, eram em grande numero — *multæ!* — Perguntarei agora ao historiographo portuguez (que naturalmente se ha de ter na conta de alto latinista) em que Lexicon antigo ou moderno, nacional ou estrangeiro, achou elle que os termos — *cohortes prædatoriæ* — se podiam indicar com perfeita exactidão pela expressão — *corpos volantes?* — Quando elle pois nos fizer ver, e de um modo que faça metter a viola no sacco aos Aristarchos mais inflexiveis e turrantes, o que entendera o Chronista por *cohortes prædatoriæ*, e que taes cohortes nenhuma outra cousa litteral, e caracteristicamente podem significar senão *corpos volantes*; quando elle sim nos resolver este problema, e isto por uma fórmula, que nenhuma eiva nem seiva tenha de romantica, então rendidos e convencidos largaremos a palheta! — E' todavia de saber que *corpo*, ou *campo volante* diz-se em latim *expedita manus*, e não *cohors prædatoria*. *Cohortes prædatoriæ* traduziremos: *terços*, ou

companhias (1) de saqueadores ou pilhantes, vulgò — *guerrilhas*.

E' verdade, não duvidaremos de advertir, que M. de Marlès, na sua *Historia da Dominação dos Arabes*, dá a qualificação e designa pela expressão de *uma das suas divisões* aquella porção de tropas do Imperador, que soffrera o fatal desastre de Guadalquivir (2). — Que se segue porém d'ahi? Acaso simplesmente a qualificação de *divisões* é fundamento de cunho, e molde necessario para logo se concluir: Tudo o que são divisões são *corpos volantes?* Ninguem ainda o mais hospede, e estrangeiro *in re militari*, ha de poder sustentar tão agigantado absurdo. — Se porém pódem haver *divisões*, que não sejam *corpos volantes*, e sim corpos pezados, e de ingente e vasta mole; porque motivo havia de conceber o historiographo portuguez que as *divisões* do exercito de D. Affonso deviam ser qualificadas de *corpos volantes*, para como tal o escrever? Nesta hypothese, para fazer passar a sua descommunal nomenclatura, era-lhe preciso mostrar que as *divisões* do exercito do Imperador não podiam ser outra cousa, senão *corpos volantes*. Em qualquer das hypotheses porém e por qualquer das fórmas o escriptor fica sempre colhido, por não dizer, tolhido!... Mas para que é preciso tanto apparato de argumentação? A Chronica de D. Affonso VII não falla de *divisão* alguma que o Imperador fizesse no seu exercito. Depois de mencionar o logar do acampamento delle, tamsómente refere que muitas guerrilhas, ou o quer que é que melhor designa *cohortes prædatoriæ*, andaram por muitos dias longe d'ahi correndo e roubando toda a terra ou districto de Jaen, Baeza, Ubeda, e Andujar, e de muitas outras cidades: *Castrametatus est juxta flumen, quod dicitur Guadalquivir: et multæ cohortes prædatoriæ ambulaverunt per dies multos à longe, et præda-*

(1) A palavra latina — *Cohors* — na significação indistinctamente de — *companhia* — acha-se em Pereira de Figueiredo, *Collecção das Palavras Familiares etc.* Cap. 20. Francisco Pomey porém, no *Indiculo Universal*, n.º 183, restringe-a só a *Companhia de cavallos*.

(2) Il envoya des troupes du côté d'Andujar et de Jaen, mais une *de ses divisions* s'étant separé du gros de l'armée etc. Veja-se a nota, a pag. 13.

verunt totam terram Jahem et Baeza et. Ubeda, et Andugar, et multarum aliarum civitatum. (1) Aonde se lobriga ou enxerga aqui neste testemunho altamente documental algum vestigio, que sequer inculque o Imperador dividindo o seu exercito em *corpos volantes?* E' bem de colligir que uma tal concepção é de matriz genuinamente romantica !.... — Porém outro debique já nos está puxando pelos bicos da penna. E qual é elle?

Observaremos outrosim, e observará tambem qualquer outro que souber aguçar o escalpello ou cutello analytico, que o historiador portuguez não indicou na sua transcripta passagem as terras, que o exercito de Affonso VII invadira aos Mouros, pela mesma ordem, como se acham mencionadas nas Historias de Hespanha. *Ferreras* pelo menos escreve: *les environs d'Andujar, de Baeza, d'Ubeda et Jaen.* O nosso escriptor traduz: *os districtos de Jaen, Baeza, Ubeda, e Andujar.* Como é isto? Pretenderia o nosso escriptor com a referida transferencia emendar aquelle, e talvez outros escriptores? Se tal fim teve na mente, devia fundamentar de um modo conveniente a sua correcção; aliàs não poderá ser toleravel a sua innovante animosidade. E na verdade, como se póde tolerar que, atropelando-se os principios mais luminosos da boa e invariavel critica, um escriptor estranho venha dar quináo (embora insignificante) a outros de qualquer nação, e de bem grangeada fama e estima, em materia que lhes é propria, sem que justifique, e bazêe a causal da sua variante? Faltar a este essencial requisito é indesculpavelmente provocar o desconceito!... — Se porém o historiador portuguez não operou aquella alteração com espirito de querer corrigir, e tamsómente de dar disfarce ao plagiato, julgando por objecto de indifferença a transposição; este pensamento é manifestamente precario, e precisa igualmente de apoio para ser admissivel. Qual será pois este? Dirá talvez que a situação do Historiador não lhe impõe o dever de curar de taes e tão tacanhas minudencias, de *architectar* ninharias!. Dar-se-hão porém sempre salvas as verdades historicas, transtornando a posição

(1) Vej. Flores, tom. 21, pag. 370, § 60 da citada Chronica.

das palavras, porque ellas se enunciam? Não, por c
to. Se a ordem material dos vocabulos está simultan
mente ligada com a ordem chronologica dos success
ou mesmo com a disposição geographica dos logares, e
que elles tiveram, ou deviam ir naturalmente ten
realidade; a verdade historica não apparece na sce
typographica com toda a galhardia do seu bello lust
Segundo estes principios de incontestavel exacção cri
co-historica não é o mesmo, por exemplo, fallando d
conquistas de D. Affonso Henriques, dizer, por esta
dem, que conquistára — *Palmella*, *Almada*, *Cintra*
Lisboa, ou por esta — *Lisboa*, *Palmella*, *Almada*, *C*
tra. Em qualquer das enumerações ha uma verdade
jectiva; pois que em cada uma dellas cada um dos r
mes denota a realidade de uma conquista. A segun
enumeração porém é que rigorosamente encerra a v
dade historica; por quanto é esta tal enumeração, que
conforme com a chronologia dos successos; e a histo
que a atropela manqueja de um dos seus principaes b
dões! — Todos sabem que a conquista de Lisboa pre
deu á das outras mencionadas terras, embora estas,
mo testifica o *Livro de Noa*, fossem conquistadas
mesmo mez e anno, que a capital, ou em diversos te
pos e annos, como refere a *Chronica Gothorum*. — P
guntarei além d'isto: Não teria aquella enumeração
Ferreras um motivo geographico, quando não fosse ta
bem chronologico, para se conservar intacta por qualq
historiographo copista, e não ser alterada? Por sem d
vida. Qualquer que pegar em um mappa geographi
de Hespanha (seja mesmo o de Lopez para folhinha
e se puzer a examinar a situação das terras hespanho
comprehendidas na enumeração, que fizera o historiad
portuguez, ha de achar nella uma monstruosidade ge
graphica, difficil de se conciliar com o plano de inv
são, qualquer que elle fosse, que devera seguir o I
perador para incommodar os Mouros. Faz-nos concel
que D. Affonso VII começára o seu plano de devas
ção, e pilhagem contra os Mouros por aquelle po
por onde devia ter acabado. Na verdade, descendo e
de *Castella a Nova* pelo lado de Serra Morena, o po
mais proximo das terras mencionadas era *Andujar*,

onde estendendo a linha de devastação até *Baesa*, e d'ahi a *Ubeda*, deveria terminar o circulo ou gyro das suas operações, em *Jaen*. A serie pois das terras que seguiu Ferreras inculca e expõe a naturalidade geographica de um plano militar. A ordem que compaginou o historiador portuguez, pelo contrario, apresenta-nos um transtorno, uma incompatibilidade geographica, qualquer que seja o systema hostilizador, que regule as operações do exercito. Suppõe em summa que o Imperador mandava fazer *devastações* e *saques* de pólo a pólo; deixando os logares mais proximos para ir primeiro aos mais remotos; saltando (o que não caberia sequer na cabeça do mais tonto, e reles cabo d'esquadra) de sul a norte, de poente a nascente. Tudo isto porém desmente a enumeração, mais visivelmente historica, do acreditado escriptor hespanhol. — Quanto melhor não era que o escriptor portuguez se não tivesse mettido (e sem mister algum para a Historia de Portugal) com tão daninha foice na seara alheia!.... Ter-se-hia talvez poupado á censura e irrisão dos criticos da nação limitrofe, justamente comminada contra qualquer romantico transtornador da sua constituida historia!

Como assim!... Acaso o historiador portuguez não seguiu, a respeito das mencionadas terras, a mesma enumeração, que seguira a Chronica de D. Affonso VII? Que importa! Por elle ter seguido, ou preferido a ordem nominal da Chronica não se póde d'ahi concluir que a enumeração de *Ferreras*, que della discorda, não tenha maior exacção historica. O escriptor hespanhol (aliàs respeitador da Chronica) cremos que della se não affastaria, se a isso o não decidisse motivo grave. — Seja como fôr; o que é certo é que a tal enumeração das referidas terras, conforme á narrativa da Chronica de D. Affonso VII, que o historiador portuguez seguira, está ainda para alcançar as honras da rigorosa unanimidade!.... Este incidente faz ver que nem sempre tudo o que em historia se suppõe invariavel, na realidade o é! — Não se pense todavia que só Ferreras se afastara da enumeração da Chronica. Temos a Mr. de *Chenier*, que fizera o mesmo na sua Obra — *Recherches historiques sur les Maures et histoire de l'empire de Maroc*. Taes são as

suas palavras: — » Il marcha (l'empereur Don Alfon-
» se) du côté de l'Andalousie avec une puissante ar-
» mée et ravagea les environs d'Anduxar, Baeza, Ube-
» da et Jaen. » Tom. 2.° pag. 41.

Porém o romancismo não se contentou só neste periodo de fazer dançar os boléros ao exercito de D. Affonso VII; levou ainda mais adiante a verdura do seu pictoresco idealismo. — Historía-nos que a *devastação e saque* dos districtos das indicadas terras se levara a effeito pelas tropas do Monarcha Christão, *queimando os logares abertos* e *destruindo os campos e arvoredos*. — Em que armazem, em que bazar de paleograficos documentos, achou o escriptor diploma algum coevo e sem falda, que textualmente lhe transmittisse tão especiaes circumstancias? Seria por ventura na riquissima Bibliotheca do Escurial onde encontraria o tal engelhado e carcomido *pergaminho*, que o infatigavel espirito de investigação hispanica não pôde descobrir? Não foi por certo; nem penso que o Author portuguez se arrogue a alta presumpção de uma similhante descoberta!.... Ficaremos todavia sem redarguição, nem trôco? Não o acreditamos. Ha de vir outra vez com a peça de espalhafato da Chronica de D. Affonso VII para lhe servir de barbacãa, ou falsabraga. Que diz porém aquella respeitavel Chronica, que não sirva de confirmar o romancismo do escriptor historico? Na parte em que elle a póde chamar a pêlo offerece ella as seguintes palavras: 1.° *et miserunt ignem in omnibus villis.* O historiador portuguez escreveu: *queimando os logares abertos.* Fará alguem jámais no universo uma similhante traducção, que não mereça ainda do mais xué escolar uma estrepitosa pateada? A palavra latina *villa* nunca, nem ainda na idade media, significou *logar aberto.* 2.° *et omnes arbores fecerunt incidi: et omnis locus quemcumque pedes eorum calcaverunt, vastatus remansit.* O nosso escriptor assentou que tudo isto se poderia reduzir ás expressões em linguagem: *e destruindo os campos e arvoredos.* Por ventura traduzirá alguem a expressão *omnis locus* pela simples e isolada palavra — *campos?....* Quando é que o vocabulo *locus* significou *campo?* Nunca. — Póde outrosim a frase — *incidi omnes arbores* verter-se ri-

gorosamente em portuguez *destruir arvoredos?* Todo o mundo que tiver duas dedadas de latim lhe ha de certamente abanar as orelhas! A Chronica indica especial, e restrictivamente o modo da destruição; o que não se faz traduzindo o verbo *incidi* pelo termo portuguez — destruir — que é generico! — Além d'isto em que vocabulario achou o nosso traductor que — *omnes arbores* significam — arvoredos? Em nenhum, lho podemos affiançar. — Todos sabem que *arvoredo* quer significar *alameda*, ou *bosque d'arvores* (1). Ora será o mesmo *destruir arvoredos*, que destruir *todas as arvores*, de qualquer natureza que ellas sejam, como refere a Chronica? Por certo que o não é. Póde dar-se arvores de muitas especies em um paiz, e não dar-se *arvoredos*, a tomarmos a palavra no sentido em que costuma ser tomada. Em fim *omnis arbor* (*todo o genero de arvores*), não é o que se exprime pelo termo *arvoredo*, bosque, ou selva de arvores, logar que se distingue pela bastidão, ou multiplicidade dellas; o que se entende, pelo menos ordinariamente, quando se falla em particular de arvores silvestres. Esta intelligencia é até a juridica (2). — Ora o documento original não faz excepção, nem distincção de arvores (*omnes arbores*). Pelo que debalde se exprime a generalidade por um termo, que vulgarmente, se não sempre, se restringe ao que é especie.

Ainda mais: O texto da Chronica de D. Affonso VII argue o escriptor portuguez, se não de falso, pelo menos de inepto compilador historico. Sim; qual é o compilador habil, que omittindo quasi todas as circumstancias principaes do original ou mesmo uma boa parte das secundarias; a respeito d'aquellas que aproveita, as faz figurar em seu escripto, como se não houvessem absolutamente outras? Só o menos exacto. Eis-aqui a proposito o que relata a Chronica: *Et miserunt ignem in omnibus Villis, quascumque inveniebant: et Synagogas eorum destruxerunt, et libros legis Mahometi combuserunt igne, omnes viri Doctores Legis, quicumque inventi sunt, gla-*

. . . .

(1) Moraes, etc.
(2) Vej. Pereira e Sousa no *Esboço de um Diccionario Juridico* etc. Art. — *Arvoredo.* —

dio trucidati sunt: » vineas, et oliveta, et ficulneas, » omnes arbores fecerunt incidi: *et omnis locus que cumque pedes eorum calcaverunt, vastatus remansit* (Pelo texto trasladado torna-se visivel que o historiad portuguez não só fez pouco, ou quasi nenhum caso d transcriptas circumstancias, que menciona a Chronic porém que não foi exacto no estitico resumo, que t abstractamente dellas produzira!

Para que havia pois o historiographo de se mett á forjar particularidades da sua lavra? Sim, da sua l vra; por quanto, além do mais, os historiadores da n ção visinha, que saibamos, nenhumas circumstanci taes referem. Ferreras no logar já citado fallando a pr posito do exercito de D. Affonso, diz só o seguint » Il commença à mettre au pillage les environs d'A » dujar, de Baeza, d'Ubeda et de Jaen, *dans lesqu » il mit aux fers beaucoup d'Infidelles, enleva toute so » de bestiaux, et fit un riche butin.* » (2) Começou a p a saque os arrabaldes de Andujar, Baeza, Ubeda e Jae *nos quaes fez captivos muitos Infieis, roubou toda a esp cie de animaes, e fez um rico despojo.* Em que se par cem estes detalhes com o *queimar logares abertos e de truir campos, e arvoredos,* que nos quer embutir o no so Escriptor? Em nada, absolutamente. Antes contê materia, se não contradictoria, e encontrada ao que e le referira, pelo menos muito diversa; embora o hesp nhol se aproveitasse da mesma Chronica. — Mas antes d pôr termo ao tiroteio, fuzilaremos ainda de flanco sob a linguagem. Lê-se no tal periodo: *Mandou-os a deva tar e saquear os districtos.* A preposição *a* antes do inf nito *devastar* cheira que trescala á gallicismo! Diríam tambem *saquear e devastar*, e não *vice versa.* Esta gr dação em escala ascendente é a mais natural.

Queimando os logares abertos, e destruindo os cam pos e arvoredos. — Que *logares abertos* (perguntemos ai da) são esses, que os taes imaginados *corpos volantes* f zeram victimas do seu fogo? Que *campos e arvored* foram os que elles destruiram? Quem pronuncia um

(1) Flores, España Sagrada, tom. 21, pag. 310.
(2) Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3.º pag. 406.

synthese tão cathegorica em desharmonia com o que refere a historia, deve estar munido com o apoio da analyse para exuberantemente a fundamentar. Estamos porém assás certos que o escriptor da historia de Portugal está mui longe de poder vir quebrar canas neste terreno! — Se porém elle tamsómente quizera *romantizar* a seu bel-prazer e por sua conta e risco sobre a materia (bem persuadido que ninguem commetteria o execrando flagicio de assaltar o *idolatrado alcaçar* da sua historia!) talvez teria feito melhor em dizer: *destruindo os logares abertos* (que é expressão de Vieira), passando o gerundio, ou participio *queimando* para fazer o seu competente effeito nos *arvoredos*, e ainda nos *campos*; uma vez que circumstancias historicamente incompativeis não se oppozessem (como se oppõem) ao verosimil da tal fantasiada queimada!.... — Ainda assim eu não affianço que não haja algum critico de insoffrida e agastada catadura, que em Diogenico tom se ponha a resmungar: Para que havia este homem de vir fallar em *logares abertos*, e deixar no fundo do tinteiro os logares fechados, ou por outra, fortificados? Não era por ventura tão ou ainda mais interessante historiar-nos o que tiveram feito os decantados *corpos volantes*, que tanta diabrura praticaram, a ess'outros logares, que (não obstante a inculcada rareza *das fileiras dos lamtunitas!*) pelo seu estado de defeza deviam ter mais dente de coelho? — Eu todavia faço bom barato destas e outras que taes, ainda que indispensaveis exigencias, que parecem, mas não são, filhas tamsómente de rabugice, e rigidez de tempera Aristarchica!.... Temos materia de polpa mais machucha, em que cumpre ensaiar os fios do critico escalpelo. Vamos pois a ella.

» Marchando (D. Affonso VII) nesse mesmo anno contra Coria, apezar de fazer grandes estragos nas cercanias, não a pôde tomar, e retirou-se a Salamanca; mas no anno seguinte preparou-se para a conquista do famoso castello de Aurelia (Cazorla). Era este uma das principaes fortalezas mouriscas das fronteiras de Toledo, e terrivel padrasto contra os Christãos (1). »

(1) Hist. de Portugal, tom. 1.º pag. 322.

Sem franja, nem cercilho algum de exordio, ou ai teloquio, que por inutil bem se póde escusar, iremos j pouco a pouco desmoronando a transcripta palavroi congestão, para em retalho fazermos ver ao microscopi da analyse tudo quanto tem de fôfa e de balôfa! » Marchando (D. Affonso VII) nesse mesmo an » no contra Coria, apezar de fazer grandes estragos na » cercanias, não a pôde tomar, e retirou-se a Salaman » ca. » — Quem ler este diminuto trecho, e ao mesmo tempo um dos membros do periodo, ha de ficar na sincera mente que D. Affonso VII, *marchando contra Coria*, tivera concebido o plano de a poder tomar, *fazendo-lhe* tambémente *grandes estragos em suas cercanias*. — Verdadeiramente isto, e nenhuma outra cousa, quer fazer denotar aquelle mal cabido e encaixado adverbio — apezar — (que algum puritano San-Luisista, substituiria, pondo-o no andar da rua, pelas expressões — *não obstante — com quanto* et cætera!) que alli, com o mal que lhe pertence e diz respeito, veio interceptar o pensamento dominante. — E' porém verdade que o Monarcha Hespanhol, o *Batalhador* por antonomasia, concebeu o irrisorio projecto de se assenhorear de Coria, valendo-se meramente, como de meio proximo, conforme se inculca, da estrategia de fazer *grandes estragos* nas *cercanias* ou visinhanças desta cidade? E' falsissimo. Quem ler a historia de Hespanha evidentemente ha de conhecer que aquelles *estragos* nem foram o unico nem o meio proximo e immediato, de que Affonso VII se servira para conseguir o seu projectado intento. Ha de sem hesitação admittir que os mencionados estragos, apenas podem e devem ser considerados como mo um meio indirecto, e remoto d'aquella pretendida tomada; sendo o apertadissimo cerco que D. Affonso pôz a Coria, com o emprego dos varios aproxes e machinas de guerra para o ataque, o meio verdadeiramente proximo e directo. U'ma rapida leitura de Ferreras convencerá profundamente o que acabamos de pronunciar em revendicação da verdade historica, que tanto se desfigura. » Il fit prendre (diz elle, ou Mr. d'Hermilly traduzindo-o) » les devants à quelques Partis pour sac» cager toute la Contrée, faire Esclaves tous les Infi-

» delles qu'ils pourroient attraper, et enlever les bes-
» tiaux. Les Générdux de ces Détachements s'acquit-
» terent de leur commission et s'avancerent même jus-
» qu'à la vûe de la Ville. — L'Empereur cependant
» mit le siège devant Coria, et s'étant fait renforcer de
» toutes les Troupes de l'Estremadure et de Léon, il
» ferma si bien toutes les avenues, que rien ne pouvoit
» entrer das la Place, ni en sortir. Comme la Ville
» étoit extremement fortifiée, les Généraux de l'Em-
» pereur firent construire quelques Tours de bois plus
» élevées que les murailles, et emploïerent pour battre en
» bréche toutes les machines dont on se servoit alors. »
(1) — O — apezar — por tanto do Historiador portuguez deveria affectar todas as mais referidas circumstancias, e não deixal-as em silencio com manifesta offensa da verdade. A omissão dellas faz figurar como causa proximamente efficiente aquillo que o não é. E' mais um gilvaz que pregou na historia da nação visinha o *intrepido* escriptor!... . . . . ;

Porém a propria asserção principal — *não a pôde tomar* — é igualmente insustentavel, por não dizer falsa. Para se poder proferir com segurança e certeza aquelle enunciado, era preciso que positivamente se provasse que o Monarcha leonez D. Affonso VII tivera empregado de um modo reconhecidamente infructifero, tanto os primeiros como os segundos meios de hostilização contra a cidade de Coria. Quando porém se possa conceder e admittir mesmo sem discussão a insufficiencia, e inefficacia dos primeiros meios hostís (*os grandes estragos nas cercanias*) quer em abstracto, quer em concreto; esta mesma, ou equivalente conclusão se não póde, nem deve deduzir a respeito da qualidade dos segundos meios. Elles eram de sua natureza assás poderosos para alcançar do seu emprego um seguro resultado. Ninguem ainda pois sustentou que um cerrado assedio, e este effectuado por um numeroso exercito, e além d'isto apoiado pelo grande agente supplementar das machinas de guerra, e outros inventos e processos estrategicos (referimo-nos á citada passagem de Ferreras) adequados pa-

(1) Histoire Gener. d'Espagne, tom. 3.° pag. 407 e 408.

ra bater em brecha, não sejam valentes recursos para poder tomar qualquer praça. — De feito porém Co não foi tomada. Que segue d'ahi? Por ventura, porq o não fôra, deve-se jámais concluir que o não *podia* cc taes disposições ser? Nunca. A contraria conclusão deveria ser admissivel, se os referidos meios de ataq tivessem tido o seu devido desenvolvimento. Não o veram: ficaram, como dizem, em embrião, ou pou menos. Como se póde pois concluir que D. Affonso n pôde tomar Coria? Quem por similhante syllogistica regula, arroga-se o direito não reconhecido de elevar cathegoria de realidade aquillo que apenas está na ma sa dos imaginaveis! Por não se ter dado o facto da t mada de Coria não se segue que ella não podesse t sido levada a effeito. Porque não houve effeito, ne por isso se deve negar a potencia da causa. — Estas r flexões de uma theoria indestructivel não encontram historia sujeita cousa alguma que as contradiga, an que as confirme. No primeiro dia, em que começara as operações ou ensaio dellas contra a praça (1), um ti desastroso de seta, disparado da parte do inimigo, q era acossado de uma das Torres, tendo ferido mort mente o general dos Christãos, veio ser uma das pri cipaes causas que fez suspender o ataque. O Monarc desgostoso pela morte do Conde D. Rodrigo Martine (2) e outrosim vendo as grandes molestias e necessida

(1) » Un dia queriendo-se divertir el Emperador en la casa, » jó ordenado á sus Generales *batissen la Ciudad* etc. » A traduc franceza de Ferreras, de que nos temos servido, exprime o logar original hespanhol, que está em italico deste modo: *de contin les travaux du siége*. O traductor, ao que parece, erradamente c fundiu o verbo hespanhol *batir*, bater, com o verbo françez *ba* edificar. Fazemos esta advertencia para servir de correctivo ne ponto á passagem, que adiante transcreveremos.

(2) » Un jour que l'Empereur étoit allé prendre le plaisir de » chasse, aiant laissé ordre à ses Généraux de continuer les trav » du siége, le Comte D. Roderic Martinez monta sur une de » Tours avec plusieurs Soldats d'élite, pour inquiéter les Assieg » Ce brave Officier fut à peine au haut, que le fer d'une fléche » cochée du mur, passa avec violence par les jalousies de la To » y laissa son bois, perça les armes du Comte Don Roderic, et s' » fonça dans son col. Se sentant blessé, il arracha aussi-tôt le » avec sa main; mais il sortit de la blessure une si grande quant » de sang, que les Chirurgiens, ni les Médecins ne purent jam

que se padeciam no sitio, (1) fez então levantar o cerco. Sendo pois tamsómente isto tudo quanto a historia affirma como causal; como se poderá asseverar que o Monarcha Hespanhol não tomára Coria, *apezar de fazer grandes estragos nas cercanias* (circumstancia que ninguem se lembrou de trazer para o caso!), quando; não obstante a morte do seu grande general e mais adjuntos; não ha motivo conhecido para se affirmar que elle não conseguiria o seu fim se insistisse em atacar aquella cidade? Nenhuns dados ha por tanto indeclinaveis para só e cathegoricamente se concluir a negativa a respeito do mencionado personagem! — *Não póde tomar Coria.* Nenhum escriptor enunciou ainda uma tal e tão infundada consequencia. Cada um contenta-se com historiar os factos, deixando se de intrometter no dominio da conjectural impossibilidade.

Agora accrescentaremos que ha quem diga que o motivo por que D. Affonso abandonára o cerco de Coria, fôra o desgosto que lhe causára o revez, que soffrera uma das suas divisões no Guadalquivir; fazendo simultanea a devastação dos districtos de Andujar e outras terras com o sitio d'aquella cidade, e não tamsómente *nesse mesmo anno*, como escreveu o historiador portuguez. (2) — O mencionado desgosto todasia não é ain-

» en arreter le cours: ainsi on lui ota promptement ses armes, et » on le porta à sa Tente, dans laquelle, au Soleil couchant, il ren» dit son ame à Dieu, après s'etre disposé à mourir en parfait Chré» tien. Toute l'Armée fut très-touchée de sa mort, parcequ'il étoit » un Seigneur de la première distinction et un excellent Officier. » Au tour de la chasse, l'Empereur aiant appris sa mort, témoigna » combien il étoit sensible à la perte d'un si grand Homme, et don» na tous ses emplois à Don Ozorio son frere pour le consoler. » (Histoire Gener. d'Espagne, tom. 3.º pag. 408.)

(1) » Y viendo las grandes molestias, y necessidades, que se pa» decian en el sitio, le levantó, y se volvió con su gente à Salamanca. » Assim Ferreras no original, tom. 5.º pag. 303. — O traductor francez verte: » Rebuté (l'Empereur) enfin de tout ce que l'on » souffroit dans le siége, il décampa, et retourna à Salamanque avec » son Armée. » (Histoire Gener. tom. 3.º pag. 408.)

(2) » Une de ses divisions s'étant separée du gros de l'armée, et » ayant passé le Guadalquivir, elle fut enveloppée par des forces » superieures, et totalement détruite; de fortes pluies, subitement » tombées, avaient tellement enflé la rivière, qu'on n'avait pu la tra» verser, de sorte que de la rive opposée les Chretiens virent massacrer

da fundamento assás apodictico para se poder pronunciar que o referido Monarcha — *não póde tomar Coria*. E' sómente mais uma opinião, que não está de accordo com aquella que esmerilhou, ou romantizou o author da Historia de Portugal!

Deixando porém o campo da contestação, e dando de bom grado mesmo que D. Affonso VII não podera tomar Coria, porque (*apezar de fazer grandes estragos nas cercanias*) não tivera forças para fazer render os seus defensores; que se póde e deve d'ahi colher que não seja contradictorio com aquillo que pretende fazer acreditar a todo o mundo o Historiador portuguez? Sim, como se póde combinar a resistencia desta Cidade á tentativa de D. Affonso VII com o desguarnecimento *das praças musulmanas, e fraca resistencia das fileiras rareadas dos lamtunitas*, conforme elle nos pretende fazer engolir na sua famigerada historia, a fim de estabelecer precedentes contra a grandeza da Batalha de Ourique! (1) Ha com tudo ainda outro incidente historico, em que o anti-patriotico escriptor é mais fortemente apanhado!

» Mas no anno seguinte preparou-se para a con» quista do famoso castello de Aurelia (Cazorla). Era » este uma das principaes fortalezas mouriscas das fron» teiras de Toledo, e terrivel padrasto contra os Chris» tãos (2). » — Poderá acaso dizer-se e publicar-se por escripto, sem offender o melindre da fidelidade historica: Que D. Affonso VII *se preparou para a conquista* do mencionado castello *no seguinte anno*? Não por certo. Responderá todo aquelle que preferir uma narração authorizada e positiva áquella que não é mais que puramente da região imaginaria. Nenhum historiador, certo, se exprimiu por similhante maneira. Não referem elles que o Monarcha castelhano *se preparou no anno se-*

» leurs compagnons sans pouvoir les defendre. L'empereur décou» ragé par cet accident, retourna à Tolède; *il fut meme obligé d'a» bandonner le siége de Coria, qu'il faisait faire par une autre di» vision de ses troupes.* » (Histoire de la Domination des Arabes et des Maures en Espagne et Portugal etc. tom. 2.º pag. 362).

(1) Hist. de Portug. Tom. 1.º pag. 321.

(2) Hist. de Portug. Tom. 1.º pag. 322.

guinte (de 1139) para aquella *conquista*; e sim mui expressamente que *fôra* neste anno *investir*, (1) ou cousa equivalente, o *famoso castello*. Quem não vê porém que é cousa mui diversa *ir investir*, ou conquistar, do que *preparar-se para a conquista?* *Investir* é sim ir mais adiante, que preparar-se para a conquista. E' já pôr em acção e fazer uso dos meios, com que o hostilizador *se preparou* para levar a effeito a conquista. Dá-se necessariamente entre os dois actos a differença que ha entre o meio e o fim. Quem invade ou investe começa já a conquistar, não se prepara para a conquista! A expressão por tanto do escriptor portuguez — *preparou-se para a conquista* — não póde ser jámais substituida pela dos escriptores que affirmam — *foi investir* — sem fazer visivel móça na rigidez da verdade historica!....

Preparou-se para a conquista! E porque, me opporão, não havia o Monarcha batalhador preparar-se para ella? Uma de duas, responderei eu: Ou a preparação por commum e trivial não merecia ser indicada como acto notavel, devendo antes ser omittida, e deixada á intelligencia do leitor, conforme praticaram os historiadores da nação visinha: Ou era fóra do commum, e prenhe de circumstancias memoraveis. No primeiro caso, o escriptor portuguez dando vulto a uma entidade, que outros historiadores de maior merito desprezaram, além de introduzir na historia sem fundamento uma especie nova, que ella desconhecia, parece ter querido imitar o ridiculo de certo *Creperio Calpurniano*, que na descripção da guerra entre os Parthos e Romanos começou logo pela miudencia dos primeiros movimentos dos pelejadores, segundo refere Luciano (2). No segundo caso pediremos ao nosso innovador historico para que nos enumere quaes foram essas circumstancias memoraveis, que deram logar ao enunciado tão absoluto e distincto: *Preparou-se para a conquista!*.... Em vão as ha de procurar! O escriptor prototypo devêra ter presente o preceito do mesmo Luciano: *Muitas cousas ha que me-*

(1) Histoire de la Domination des Arabes etc. no logar adiante citado, pag. 42 e 43.
(2) Na Arte Historica.

lhor é não mencional-as na historia (1). Neste numero contarei eu, e toda a gente aquellas que, além de futeis ou inuteis, se não podem provar! — Concedamos todavia que o Monarcha *se preparou para a conquista*; qualquer que seja a idéa que se pretenda ligar a tal preparação. Que se segue d'ahi? Ha de forçosamente concluir-se que o escriptor portuguez cahira em nova contradicção. Pois *as fileiras rareadas dos lamtunitas*, que deviam defender aquelle castello, exigiam algum preparativo para ser batidas, e anniquiladas?... O escriptor por certo que se esquecera do que já tinha escripto!...

A critica vai agora fazer autopsia em objecto de maior e mais graúdo vulto. E' no lurido e nojento cadaver de uma intoleravel patranha, aonde vai trabalhar o seu amollado, e affiado escalpelo.

Escreve o Author da historia de Portugal (que não pouco mexericou, e escoldrinhou na de Hespanha!), que o ponto ou alvo da conquista, para a qual *se preparou* D. Affonso VII, fôra o *famoso castello de Aurelia*, por outro nome *Cazorla*. — Será verdadeira e exacta a mencionada asserção? E' uma enorme, e tremendissima falsidade! E' uma crassissima e chapadissima ignorancia!... Vamos leval-o á cimeira da evidencia!

Não ha sequer um unico historiador hespanhol que affirme que o Castello em questão, que em latim se diz *Aurelia*, se chame em vulgar *Cazorla*. Todos unanimemente asseveram que o castello da conquista de que se trata era *Oreja*. Ouçamos a *Ferreras*, não pelo intermedio ou transumpto de uma traducção, mas sim nos proprios termos da linguagem em que escrevera. » Descontente, diz elle, el Emperador de que el año precedente no huviessen tenido sus jornadas el logro que deseaba, procurò este año satisfacer su deseo con la toma de el castillo de Oreja, à el Oriente de Toledo, que tenian los Mahometanos summamente petrechado, y de donde hacian graves dãnos en sus dominios. (2) » L'année suivante, diz Mr. de Marlès, il alla investir Oreja, dont la garnison, par ses excursions fré-

(1) Na Arte Historica.
(2) Historia de España. Parte Quinta, pag. 304.

» quentes, insultait les environs de Tolede; et, après » un blocus assez long, il s'en rendit maitre. » (1) A' vista destes testemunhos, e outros muitos que omittimos, de um peso tão inquestionavel, que positivamente asseveram que o Castello que D. Affonso VII invadira no anno de 1139 (anno seguinte á sua retirada do cerco de Coria para Salamanca) fôra *Oreja*; quem não ha de rir, e com gargalhada de ribombo, ao ver (estampado em a indicada pagina de uma Obra, que seu Author quer idolatrem como o *Non-plus-ultra* da *Historia de Portugal!*) que o tal famoso castello, que antigamente tinha o nome de *Aurelia*, ahi se dá a conhecer pelo nome moderno de *Cazorla?* Deixando todavia de contemplar a enormidade do lapso pelo lado do feissimo contorno, que apresenta no campo do ridiculo; que lastima não é que o escriptor, que se arroga o galéro e caducêo de *Archetypo* em historia, tão patagonicamente se estatalasse em ponto tão corrente e incontroverso!...

Vamos porém imparcialmente pesquizar se *Aurelia*, e *Cazorla* é uma e mesmissima cousa que *Oreja*, para ver se póde ser admissivel, ou pelo menos de alguma maneira toleravel aquella inaudita substituição em vulgar. Não, e indisputavelmente não; diz e dirá sempre tudo quanto sobre a questão se acha escripto! Passemos a fazel-o conhecer.

Abro o — *Nouveau Dictionnaire Universel de la Geographie Moderne par F. D. Aynès*; e o que diz elle em o artigo *Cazorla?* Diz por ventura, que *Cazorla* era *Aurelia?* Está bem longe e fóra d'isso. Ouçamos as suas proprias e formaes palavras, que damos vertidas em linguagem: » Cazorla, villa de Hespanha, antigamente » cidade episcopal, na Andaluzia, sobre as ruinas de » *Castulo*, não longe da margem meridional do Gua- » dalquivir, a 30 leguas a leste de Cordova, 13 nordes- » te de Jaen (2). » Vemos pois que, segundo este geo-

(1) Histoire de la Domination des Arabes, etc. tom. 2.º pag. 362.

(2) » *Cazorla*, bourg d'Espagne, autrefois ville épiscopal, dans » l'Andalousie, sur les ruines de Castulo, non loin de la rive mé- » rid. du Guadalquivir, à 30 li. E. de Cordoue, 13 N. E. de Jaen. » Mr. d'Anville situa tambem a *Castulo* na *Betica* ou Andaluzia; não declara porém que nome moderno lhe corresponda. A julgarmos pe-

grapho, que tem muito voto na materia, *Cazorla* é a antiga *Castulo* e não *Aurelia*, como nos pretende cathegoricamente fazer embutir o Author da Historia de Portugal! — Vejamos agora se *Oreja* é o mesmo que Aurelia. Havemos de achar Authores, que affirmam tal não é, nem para lá ir..... Ouçamos ao mesmo Aynès na citada obra. Pela palavra Oreja manda ver Orgaez, e exprime-se da seguinte maneira: » Orgaez, *Altea Olcadum*, » villa de Hespanha na *Castella a Nova*, com um » castello sobre um ribeiro que desemboca no Tejo, a » 7 leguas ao sul de Toledo, 20 ao sul de Madrid. » (1). — Mas para que é trazer no circo da discussão este, e outros Authores, que poderiamos allegar em contraposição ao que avançára o Historiador Portuguez! Que importa que a antiga *Aurelia* seja ou não a moderna *Cazorla?* (2) Que *Oreja* seja ou não tambem indicada em latim pelo nome de *Aurelia?* (3) Nada d'isto fere capitalmente o ponto. A questão não é de nomenclatura de geographia antiga em relação com a moderna. Deixemo-nos de embrenhar nesse espinhoso matagal, aonde a cada passo sobre o mesmo objecto são tantas as cabeças, quantas as sentenças. Não é este o estado indeclinavel da questão. Trata-se especialmente

lo ponto geographico, que lhe deu no mappa, parece todavia ser *Cazorla*. (Geogr. Ancien, tom. 1.º).

(1) » Orgaez, *Altea Olcadum*, bourg d'Espagne dans la Castille » Nouvelle, avec un château, sur un ruisseau qui se jette dans le » Tage, à 7 li. S. de Tolède, 20 S. de Madrid. » D'Anville segue tambem que Orgaez era a antiga *Altea dos Olcades*. (Geogr. Ancien. tom. 1.º). Miñano porém distingue *Oreja* de *Orgaez*. (Dic. Geografico Estatistico de España y Portugal).

(2) Veja se Martiniere, Diction. Geogr. art. *Aurelia*, *Caçorla*, *Castulo* e *Salaria*. — Baudrand no art. — *Aurelia*, *Castulo*, *Salaria*. — Poyares no *Index Latinus*, que anda no fim do Diccionario *Lusitanico Latino* na palavra *Aurelia* diz significar *Caçorla* ou *Orliaens*. — Encyclop. Geografica Anc. e Vosgien, 3.ª edição, art. *Castulo*.

(3) Veja se Moreri, traduzido em hespanhol, art. *Oreja*. Quem ler e confrontar os artigos indicados nesta e em a nota antecedente, ha de evidentemente ficar conhecendo a variedade de opiniões, que ha sobre qual seja o antigo nome por que deva ser designada a moderna *Cazorla*. Ha de ficar convencido que não é para se asseverar de um modo positivo que fosse *Aurelia*. O mesmo dizemos a respeito de outros nomes modernos, correspondentes a varios artigos indicados.

de saber, se *Cazorla* é a mesma cousa que *Oreja*? Qual deverá ser a resposta? Uma redonda, ou omnimoda negativa. Ninguem póde, nem deve jámais, proferir a existencia de uma identidade similhante. Proferil-a seria deixar registrado nos annaes da ignorancia a mais tremenda estataladéla em materias, que não admittem escusa. Na verdade, como podem aquelles dois nomes indicar a mesmissima entidade; quando cada um delles denota sua terra mui outra, situada em differente provincia de Hespanha? *Oreja* é situada na Castella a Nova, *Cazorla*, ou *Caçorla* na Andaluzia; do que ninguem duvida. Ora se o Historiador portuguez entendera que *Aurelia* significava *Cazorla*; e, ficando esta em provincia diversa d'aquella, em que se acha *Oreja*, e por tal tão outra della; segue-se que elle ineluctavelmente cahiu em um gravissimo erro geographico, trasladando para um logar uma conquista, que os historiadores sem discrepancia, reconhecem ter sido realizada em outro muito diverso logar!....

Quiz emendar os historiadores hespanhoes, vociferarão os apaixonados! A gargalhada redobraria com estrepitoso movimento de rufo tripedal, se uma coarctada tão fria e disparatada sahisse á luz em seu apoio! *Historiam scribendo tu illos?* Perguntariam com mofador desdem ao corrector da sua historia os criticos da nação comarcã. E que lhes responderia elle? Havia de confessar o enorme arrojo, que tivera commettido em ir estropiar a historia alheia! Nem outra cousa poderia elle fazer, que lhe ficasse mais airosa! — Sim, a enormidade do erro é a todas as luzes manifesta, e sem recurso, que illuda. São as proprias palavras do escriptor *sem igual*, que o accusam, e irremissivelmente o condemnam. São ellas: » Era este (o *famoso castello de Aurelia* (*Cazor-*» *la*)) uma das principaes fortalezas mouriscas das fron-» teiras de Toledo e terrivel padrasto contra os Chris-» tãos » (1). Prescindindo de questionar se *Cazorla* tinha ou não castello, e se este merecia o epitheto de *famoso*; perguntarei ao historiador portuguez em que escriptor campanudo, ou alfarrabino achou elle que *Ca-*

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 322.

zorla ficasse nas fronteiras de Toledo, e fosse terrivel padrasto contra os Christãos? Fica por ventura *Cazorla* nas fronteiras de Toledo? Nunca ainda ninguem tal dissera, nem era possivel enunciar tão descamisado absurdo, a não ser o nosso *prototypo* escriptor!... Temos aqui á mão, para nos tirar das duvidas, um dos geographos hespanhoes de conspicua reputação e valia; e que nos diz elle no artigo — *Cazorla?* A situação que lhe dá o Author hespanhol cabal e completamente faz conhecer a todo o mundo o absurdo monstruoso e indesculpavel, em que se despenhara o historiador da nossa terra! Ouçamol-o: » Cazorla, Villa ecclesiastica de Hespanha, » provincia de Jaen, cabeça do partido do seu nome, » arcebispado de Toledo. — Fica nas fraldas de duas » serras, na margem do rio Vega, que a atravessa, e » desagua no Guadalquivir. — Dista da capital dez le» guas e um quarto, seis a léste de Baeza, duas da nas» cente do rio Guadalquivir, e treze de Guadix » (1). A' vista da indicada posição geographica, que dá a *Cazorla*, na citada Obra, o Doutor *D. Sebastião de Miñano*; quem se atreverá a sustentar que Cazorla fica nas fronteiras de Toledo? Quem quizer ou souber fazer imparcial justiça ha de para logo fazer lançar no termo significativo da fatalissima estonteação um bem negro, estendido, e carregado traço! — Toledo como todos sabem, e o testifica o mesmo *Miñano*, é cingida de todos os lados, menos pelo septentrional, pelo rio Tejo (2). Sendo pois esta a sua situação geographica, como é possivel que *Cazorla*, que está a duas legoas da nascente do Guadalquivir, e é cortada pelo rio Vega, que nelle desagua, esteja nas fronteiras de Toledo? — Eu quero porém fazer ver a repugnantissima escabrosidade do erro da nova situação geographica de *Cazorla* aos raios da propria luz visual. Peço a todos aquelles que se tem na

(1) » Cazorla, V. E. de España, provincia de Jaen, cabeza de par» tido de su nombre, arzobispado de Toledo. — Está á la falda de » dos sierras, á orilla del rio Vega que la atraviesa y desagua en el » Guadalquivir. — Dista 10 leguas y quarto de la capital, 6 a E. de » Baeza, 2 del nacimiento del rio Guadalquivir — y 13 de Guadix.» (Miñano, Dict. Geogr. art. Cazorla).

(2) No Diccionario-Geografico-Estatistico, art. *Toledo*.

conta de amigos de verificar a verdade, e não são da estofa automatica d'aquelles, que leiga e capuchamente juram nas palavras de alguma fanfarronal impostura; peço sim que, tirados de cuidados e affans, procurem, e syndiquem qualquer dos mappas geographicos de Hespanha, aonde se acha designada a mal cabida e encaixada *Cazorla*; que meçam sequer ao menos pela bitolla visual dos dois espéculantes olhos a immensa distancia, que vai da localidade de *Cazorla* ao ponto geographico da situação de *Toledo*; e munidos com um tal testemunho de physica certeza, decidam se póde jámais ser admissivel em paiz algum do universo o sobremaneira inqualificavel absurdo de situar aquella villa nas fronteiras de *Toledo?* Todos á uma, e sem discrepancia de um apice, se hão de esconjurar ao verem que, em um seculo de luzes de tão alta perfectibilidade, qual se apregôa o seculo 19.º, houvesse um historiador portuguez, que, imaginando-se thaumaturgo, com os bicos da sua audaciosa penna, sem se embaraçar com aquillo que fizera a natureza, atirasse de repellão com a villa de *Cazorla* para as *fronteiras de Toledo!* Por certo que elles hão de ficar repassados de superfino pasmo ao contemplar que o escriptor celeberrimo, com um rasgo de penna, ousasse fazer uma cousa, que o Author da natureza não fizera com a sua Omnipotencia!....

Se porém houver algum verificador mais curioso, que não se contente só com o ajuizar da materia pelo lume do olho, e vier a medidas de compasso, ha de achar sem muito custo, que *Cazorla* dista de Toledo para nor-noroeste o melhor de 45 leguas para mais das communs de Hespanha, afferidas pelo petipé de 40 ao grão (1). Por tanto como é toleravel em presença desta demonstração geographica (fóra o mais de contrapezo), que historiador algum haja de impunemente exarar em o papel para ser lido dos presentes e vindouros — que *Cazorla* tem a sua situação nas *fronteiras de Toledo?*...

Tudo por conseguinte o que acabamos de expôr ineluctavelmente confirma, e novamente sustenta que o

(1) Mappe Geographique do Sr. Janvier.

tal castello que Affonso VII invadira, e tomára, fôra o castello de *Oreja*, como sempre com a mais absoluta solidariedade affirmára toda a classe historica, e não o de *Cazorla*, conforme com revoltantissima ignorancia escrevinhára em sua historia o Author portuguez. — » Oreja » (Villa Ordinaria) está situada sobre a margem do » Tejo, em um elevado penhasco, dividida a sua pe- » quena povoação em duas porções por um grande bar- » ranco. Teve no tempo antigo um castello, situado so- » bre um elevado rochedo, e cortado em toda a sua cir- » cumferencia. Dista de Ocaña uma legua, uma de » Aranjuez, e outra de Colmenar de Oreja » (1). Esta situação, que a geographia hespanhola dá á villa em questão, põe fóra de toda a duvida a verdade historica. E' a verdade esta — que o castello que o Monarcha hespanhol atacou foi incontestavelmente o de *Oreja*. Distando pois esta obra de cinco a sete leguas hespanholas de Toledo, não admira que as excursões, que os Mouros reunidos nessa fortaleza faziam sobre o districto d'aquella cidade, désse motivo a que D. Affonso VII a invadisse, e della se assenhoreasse, como geralmente a historia.

Finalmente terá havido quem tenha confundido, e ao contrario, differençado *Oreja* de *Orgaz*, villa, situada em uma planicie, distante 5 leguas (2) ao sul de Toledo. Substituir porém *Cazorla* em Jaen ou Andaluzia a qualquer das duas mencionadas villas, situadas em Castella a Nova a quasi igual distancia e em direcção assás diversa (comparativamente áquella villa) de Toledo; é uma *destampadela* historica, um estrabismo geographico de tão volumoso aleijão, que bem se póde e deve ter por um fenomeno de cunho archi-original na soporifera atmosphera das humanas aberrações!.... Porém que? Se nenhum escriptor ainda proferiu, nem era de esperar que proferisse, que *Oreja* apezar de muito mais proxima estava situada nas *fronteiras de Toledo* (3); como quer o

(1) Vej. Miñano. Dic. Geogr. etc. art. *Oreja*.
(2) Veja-se Miñano, Dic. Geogr. etc. Art. *Orgaz*.
(3) Na passagem da Historia de Portugal, copiada a pag. 45 desta 2.ª Parte.

nosso excepcional historiador que a sua *Aurelia*, vulgò, segundo elle, *Cazorla*, que tão longe lhe fica, lhe venha fazer o seu *vis à vis?* Se elle soubera (como devia saber) o que todo o mundo entende pela palavra — *fronteira* —; por certo que se não havia de despenhar mais neste tão lamentavel e atrophico somnambulismo!... E' porém já tempo de passarmos a outro varejo.

» Começou o cerco em abril, e prolongou-se por » todo o estio com repetidos combates dos sitiadores e » defensão desesperada dos cercados » (1). Que é isto! Temos tambem aqui brodio romanesco? Temos fóra de toda a duvida; nem é esta só a caldivana que se acha aqui e alli na decantada historia de Portugal. — Não se contentou ella só (circumscrevamo-nos á materia subjecta) de nos embutir o horrendo *qui pro quo* da transformação inaudita e impossivel de *Oreja* em o binomino, horrendamente monstruoso, de *Aurelia* ou *Cazorla*; mas até levou ainda a pavonada *a prolongar o cerco* da tal imaginada Aurelia *por todo o estio!* — Ora quem informou ao historiador patrio de que o cerco de *Oreja* (não direi *Aurelia*, significando *Cazorla*, porque é rematada parvoice!) *se prolongára*, conta redonda e sem mais fracção para mais ou para menos, *por todo o estio?* Produza, e atire para o campo da publicidade com esse cartapacio ou engelhado pergaminho, aonde se acha exarado para perpetuo desengano dos incredulos, calculo tão justo e prefixo!.... E não é isto o que convem ao historiador, e á historia, que tanto se pavonêa de *Documental?* Isto é; nem outra alguma consequencia se póde, ou deve deduzir das tão notorias e blazonadas premissas do escriptor da sublimada *Obra-prima!* Mas aonde, em que cacifo se poderá encontrar o tal canhenho, que tão rente e cerceo calculo transmittira aos vindouros? Ainda que o improvisador historico basculhasse toda a bicharia dos Mss. das grandiosas Bibliothecas de Hespanha, e passasse pelos olhos um a um sem lhe escapar *garabulha*; havia de ficar em jejum naturalissimo ácerca do objecto de que se trata!... — Mas para que é convidarmos o illudido escriptor a pesquizas inuteis? Temos a historia

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 322.

de um bom investigador do reino visinho, que nos refere cousa não pouco diversa d'aquella, que elle nos quer fazer acreditar. Conta pois o historiador hespanhol (1) que » tendo o cerco de *Oreja* (*Aurelia* ou *Cazorla* segundo a ignorantissima geographia do historiador portuguez!) » começado em Abril, esta praça se rendéra a Affonso VII em 31 de Outubro. » Ora se não consta da historia, que desde que a referida praça, ou castello fôra cercado até o dia em que se entregára, tivesse tido interrupção o assedio, que lhe pozeram; porque se ha de sem apoio narrar ao certo, e em tom absoluto, que aquelle cerco *se prolongára por todo o estio?* Acaso todo o mez de Outubro, e parte ainda do mez de Setembro pertencerão ao estio? Não por certo; e só ao Outono, como de todos é sabido. Sendo isto assim, não póde haver exactidão historica quando se escreve que o mencionado cerco *rés-vés* se prolongára por todo o estio, tendo-se elle tambem estendido até não pequena parte do Outono, por não dizer quasi metade. — E' verdade que os Mouros demandaram ao Monarcha Christão, e este lhes acceitou o armisticio ou tregoas por espaço de um mez, o qual precedera ao rendimento do castello. Suspensão porém de hostilidades, não é suspensão de cerco. — Por onde consta pois que o Monarcha, desde, e durante esse tempo das tregoas, levantasse o sitio, e não existisse já este, quando a celebrada *Aurelia* (falsamente arvorada em *Cazorla!*) se lhe entregou? Por parte alguma; e nem sequer uma só palavra se encontra por onde se possa conjecturar vestigio da retirada do exercito sitiante. Uma leve e commum idéa da tactica mesmo mais corriqueira torna incrivel similhante manobra. A posse outrosim que o Imperador em continente no dia 31 de Outubro tomára de Oreja, fazendo arvorar na mais alta torre os seus estandartes, durante que os Bispos e mais Ecclesiasticos, que o acompanhavam, entoavam o *Te Deum* em acção de graças: o não licenciar o seu exercito, nem partir para Toledo senão depois de fazer reparar o Castello, e fortifical-o com uma valente guarnição de armas

(1) Ferreras, Histoire Gen. d'Espagne, tom. 3.° pag. 409 e 412.

e viveres; (1) são circumstancias notaveis, que confirmam que o cerco não se tivera abandonado no intervallo do armisticio. — Concedido todavia que tal retirada tivesse sido real logo no começo d'aquellas tregoas; ainda nesta hypothese (que é meramente graciosa) o cerco estendendo-se por todo o Setembro, não se prolongou só por todo o estio, mas sim abrangeu alguns dias do Outono. Nestes térmos da hypothese então a historia tamsómente seria fiel, se mencionasse que o tal cerco se tivera prolongado *até principios do Outono.* — O historiador, que sabe cumprir com o dever primordial da exactidão, que a todo o custo lhe incumbe, não alarga nem estreita um apice dos limites chronologicos, dentro dos quaes os successos se realizaram. A geographia e a chronologia são os dois olhos da historia, como sabe e confessa toda a litteratura, ainda a mais baixa e plebéa. O escriptor, que caminha pelos vastos dominios della sem a luz indispensavel d'aquelles dois luzeiros, está no caso de lhe ser applicavel o mote vulgar:

Sou cégo que não vejo,
Dou pancada que alejo.

Decida agora quem quizer se são ou não são desta cathegoria as pancadas ou lambadas, com que o nosso escriptor tem desancado a historia; que eu passo já a atacar outro reducto. — E' elle a maneira ou fórma por que se prolongou o cerco de Oreja (*Aurelia* ou *Cazorla*, na nomenclatura da ignorancia!) por todo o estio.

Curioso seria saber o que militarmente se passára durante o prolongamento do cerco de Aurelia, vulgò, Oreja. O historiador portuguez não quiz deixar este vacuo nos Annaes das bellicas curiosidades. Talvez lhe estrabuchasse nas cerebraes abobadas o proloquio do Peripato: *Natura horret vacuum!* Toca pois a enchel-o, e de modo, que fique de cogulo! Como fez pois elle a maravilha? Invocou o nume, que preside ao idealismo patranheiro, e fiado na sua divinal e indefectivel protecção escreveu e deu á luz: Que o prolongamento do cerco se passára em *repetidos combates dos sitiadores e*

(1) Ferreras, Histoire Gen. d'Espagne, tom. 3.º pag. 412.

defensão desesperada dos cercados (1). Em um romance mais bem ou mal alinhavado, mais bem ou mal cirzido ou *arremendado*, teriam um *passe sem exame* as mencionadas asserções. E' pois o incircumscripto idéal paiz do verosimil uma especie de boqueirão, ou despejatorio sem limite, aonde o ensejo das vagas impudentes da desencabrestada imaginação atira com todas as suas chimericas exerescencias, por não dizer sandices. No terreno porém da historia, aonde a verdade deve apparecer pura e limpa, sem mazela de joio, ou trevo que a deturpe, o caso, como dizem, é outro! E' preciso que o historiador não acarrete e arraste para o prélo com intuito de vender, como realidade acontecida, aquillo que não é outra cousa mais que farfalhada de fabrica romanesca! E' indispensavel que tudo quanto concebe e enuncia tenha solido fulcro, em que se apoie, se não quizer ficar burlado aos olhos da mais justa e depurada critica. Esta incontrovertida doutrina cabe e quadra tão appositivamente ao escriptor original, que cria a historia, abrindo-lhe o cabouco para lançar-lhe ou erigir-lhe os alicerces (e pennas desta polpa são de extremada raridade); como a escriptores de secundaria estofa, que, com quanto se inculquem por creadores e inventores da sciencia, mais não são que architectos de Obras feitas! Embora sejam desta laia, e costaneira (que muito entulham o universo litterario); sejam sim extremes plagiarios, e copistas charlatães do que é já sédiço pelos livros; histriões em fim historicos, que venham fazer o seu insulsissimo papel no tablado scenico da mais despregada, e audaciosa impostura! Venha quem quer que seja d'essa turba garrula de pantographos saltimbancos, sabichões pichelingues, armar á mui sincera indole dos credulos leitores com o empavonado pendão da tão blasonada novidade; porém saibam e reponham em sua alta e espalmada mente que se acaso conseguem alguma vez fazer passar por alto o contrabando, lá vem a fatal occasião, em que a vigilante policia litteraria dá com o embrulho, e irremissivelmente lho toma por perdido,

(1) Na passagem da Historia de Portugal, transcripta a pag. 49 desta segunda Parte.

por falta de guia, ou formal documento que authentique o despacho! Nestas circumstancias se acham — *os repetidos combates dos sitiadores, e defensão desesperada dos cercados* da idealizada *Aurelia*. Todos esses *combates repetidos dos sitiadores, e defensão desesperada dos cercados*, de que nos falla a *oraculina* historia de Portugal, desapparecem e se dissipam, como o fantasmagorico sonho, logo que se abre a historia do reino limitrofe, e se vê que ella nenhuma destas particularidades nos refere; e não eram ellas para ficarem no fundo do tinteiro! Ella pois unicamente nos certifica que a tactica, que seguira D. Affonso VII na tomada de *Oreja*, não consistira em ataques repetidos; mas tamsómente em lhe apertar cada vez mais o cerco, prohibindo os sitiados de todo o genero de mantimentos, e até de agoa, a fim de os fazer render. Neste estado de desalento em que o inimigo se achava, foi então que o Monarcha Catholico abriu brecha na praça; e bastou isto para os Musulmanos, julgando-se perdidos, pedirem armisticio. Ora se estes successos são puramente aquelles, e não outros, que a historia refere (1); como se ha de dar credito aos taes *repetidos combates e defensão desesperada*, que o nosso escriptor desenterrou das catacumbas da sua luxuriante imaginação? Nenhum credito se póde, nem deve dar a um similhante esbarrunto, e escantilhão imaginario! Fazenda de tal genero não é pois admittida a despacho, e deve ficar retida na aduana das historiaes tomadias, como genero desencaminhado! — Quem tiver a curiosidade e boa feição de confrontar as expressões do escriptor portuguez com a narração do já por vezes apontado historiador hespanhol, ha de mesmo achar que ellas estão em uma incompativel opposição. Na verdade a narração de um cerco, que se prolonga sem menção alguma de *repetidos combates dos sitiadores, e defensão desesperada dos cercados*, é cousa muito diversa, e avessa d'aquella narração, em que se affirma ter-se dado estas circumstancias! — E que *defensão desesperada dos cercados* é essa que tão tripodinamente se affirma? Quem ler que *Ali*, governador de *Oreja*, logo que viu que o exercito

(1) Ferreras, tom. 3.º pag. 409 e 411.

sitiador tivera aberto brecha no castello, tratára de pedir tregoas, ha de ficar convencido da falsidade da tal *desesperada defensão* (1)! Uma *defensão desesperada* não costuma pedir suspensão de armas logo ao abrir da brecha de um castello. Ao contrario, uma tenaz resistencia depois da abertura da brecha, é que poderia merecer o nome de *defensão desesperada*. — Além d'isto, a mesma prompta e generosa acceitação das tregoas da parte do Imperador prova de sobejo que nenhuma *defensão desesperada* tivera havido do lado do inimigo, que tivesse indisposto e irritado seu animo. Uma concessão tão cheia de condições vantajosas ao inimigo, (2) mostra na verdade que não podia ser o desfecho de *repelidos combates*, sustentados e repellidos pelos sitiados *com desesperada defensão*. — Diremos antes com mais provavel conjectura que o Imperador, para evitar o extremo de alguma *defensão desesperada* da parte dos sitiados, viera sem difficuldade ao accordo de lhes acceitar a pedida suspensão d'armas. — Vamos porém já a outra esfrega!

» Propozeram, em fim, estes um armisticio para » enviarem mensageiros á Africa, promettendo que, se » o emir ou os generaes almoravides da Hespanha os » não soccorressem dentro de um mez, se dariam a par» tido » (3) — O campanudo Author da historia de Portugal depois de pôr em scena marcial os sitiados de Oreja, (que, para vergonha da sciencia geographica, elle quer que seja *Aurelia*, na significação de *Cazorla!*) com todo o arreganho, e furor de uma *defensão desesperada*; não sei por que subita metastase, fóra de toda a expectação, faz a desconchavada surpreza de, sem intervallo, nem intermedio plausivel, atirar, como de trambolhão, com elles de novo para fóra do bastidor, com o fim de fazerem o papel de proponentes de um armisticio! — Como é isto? Que metamorphose inesperada e improvavel é esta? Pois esses guerreiros, que ha pouco se batiam contra os sitiadores com *desesperada defensão*, agora apparecem transformados em uns fanfarronicos

(1) Ferreras, tom. 3.º pag. 411.
(2) Ferreras, no logar anteriormente citado.
(3) Histor. de Port. tom. 1.º pag. 322.

poltrões, que, depois de tantas bravuras, vem *propôr* armisticio aos seus contendores? Em um Melo-Drama talvez o contraste não ficasse sem levar alguma pecuinha, ou remoque critico; quanto mais em uma *archi-normal* historia! .. Mas não é verdade que os sitiados *propozeram* ao Imperador *um armisticio?* E' tão verdade, cómo a *defensão desesperada* delles! Não é verdade; fallemos directamente. Não *propozeram*, *pediram*; o que é cousa muito diversa, por não dizer opposta. O *Ali*, vendo-se perdido, diz o historiador hespanhol, pediu tregoas, pacteando, que se dentro de um mez não fosse soccorrido, entregaria o castello (1). E *pedir* será por ventura sinonymo de *propôr?* Nunca. Dirá todo aquelle que conhecer a lingua portugueza, e a sua principal matriz a lingua latina. Demais o verbo *pedir* está mais de accordo com o — *concede nobis* etc. da Chronica de D. Affonso VII, que *propôr*.

Para enviarem mensageiros á Africa. Que é isto?... Temos synalepha historica?... Pois os cercados pediram (e não se diga *propozeram*) as tregoas só com o fim de *enviarem mensageiros á Africa*; como visivel, e litteralmente se deprehende do enunciado transcripto!... Não ha tal. Pediram-nas com o fim assás expresso de os enviarem tambem aos mais correligionarios sem distincção de logar, conforme se exprime a Chronica de D. Affonso VII: *Concede nobis spatium unius mensis, ut mittamus nuntios iterum trans mare Regi nostro Texufino et in omnem terram Agarenorum* (2). O que *Ferreras* entendeu dever se restringir a Andaluzia e Marrocos: — » Ali... despachò à el Andalucia, y Marruecos aviso » de lo que le passaba (3). » Em um pensamento porém composto omittir uma parte, que tem igual direito a ser mencionada, e com a falta da qual elle fica altamente coxo e desestrado, é a olhos vistos faltar ao que

(1) *Viendo-se Ali perdido pediò treguas, pactuando, que si dentro de un mes no era soccorrido, que entregaria el castillo.* Ferreras, Hist. de España, tom. 5.º pag. 306, n.º 4 — A authoridade do Historiador hespanhol assás rebate a infundada idéa do Historiographo portuguez.

(2) No paragrafo 69.

(3) No lugar ja citado, n.º 4.

soberanamente exige a exacção historica. — Quem além d'isto ler com attenção o periodo da historia de Portugal, que fica copiado, ha de achar que a referida omissão faz que se collija que os cercados esperavam soccorro dos *generaes Almoravides da Hespanha*, sem que para este effeito os tivessem avisado do apuro em que estavam. E na verdade do tal periodo só se conclue que elles enviaram com este aviso *mensageiros á Africa*, e não *aos generaes Almoravides da Hespanha*. Isto porém é manifestamente contrario ao que na maior amplitude testifica a historia!

Enviaram mensageiros á Africa! Será por ventura, insistiremos ainda, exacto este modo de historiar? Tal não diremos que o seja. Foi por acaso á Africa, generica e abstractamente fallando, que foram enviados aquelles mensageiros, como inculca a expressão? Não foi restrictamente a Marrocos, aonde se achava o Tachfin? Foi. E será de mais apurada fidelidade historica tomar o todo pela parte, o abstracto pelo concreto, o mais generico pelo menos generico, que fallar sem figura? Não sabemos que taes synedoches sejam licitas ao historiador. Pelo contrario ninguem deixa de conhecer que o uso dellas faz soffrer no planeta luminoso da historia alguns digitos de eclipse! Na verdade quando o plagiario ou o rapsodista, para armar á novidade, chama ao campo da abstracção, ou generalidade aquelles pontos geographicos, que a historia designadamente dá a conhecer e inculca como theatro individual dos acontecimentos que refere; esta longe de instruir e esclarecer, como lhe cumpre, precipita aquelle que a lê no barathro da vacillante e nebulosa ambiguidade.

Ainda temos porém algum rabisco ou antes labrusca, que não deve ficar por vindimar! Aonde está pois ella? Está na expressão — *generaes Almoravides da Hespanha*. — Que *generaes Almoravides da Hespanha* são esses que figuram na hypothese de os cercados não serem por elles soccorridos? Encontrou por ventura o escriptor portuguez esta denominação em algum documento historico? Em nenhum por certo. A historia não dá uma similhante denominação áquelles chefes, ou cabeças que imperavam em Hespanha, a quem os cerca-

dos de Oreja mandaram pedir soccorro. Dá-lhes sim o nome de Reis (Reges), nome com que mais de uma vez são designados na Chronica de D. Affonso VII (1). Não é pois uma manqueira imperdoavel o dar o nome de generaes áquelles a quem a historia só faz conhecer com titulo de Reis? Todo o mundo o ha de indisputavelmente affirmar. Talvez entenderá elle que a palavra *Reges* se deve traduzir por *Duces*, *generaes*? Se o entendeu contra a commum e recebida hermeneutica; qual foi o seu fundamento? Nenhum por certo teve para se desviar da ordinaria e trilhada viéla. — » Foi desde o » principio do seculo 11.º que o reino de Cordova (*ou* » *califado segundo outros*) se viu desmembrado pela » ambição de uma multidão de senhores, que á sombra » das desordens, usurparam o *titulo de Reis*. Toledo, » Valença, Saragoça, Sevilha, Orihuéla, quasi todas » as grandes cidades, tiveram *reis* independentes. As » provincias se mudaram em *reinos* » (2). A' vista destes successos tão demonstrativos, mencionados em sua historia pelo judiciosissimo Abbade Millot, como poderá ter logar aquelle titulo de — *generaes*? Foi mais uma caronada da sua excentrica imaginação romantica com pontaria de recochete dada na fidelidade historica, para adrede depreciar as forças dos Agarenos na Hespanha, lá para o fim, que todos sabem! — Continuemos porém a derrota.

» Concedeu o imperador as treguas pedidas: par- » tiram os mensageiros: mas o soccorro *não veiu*, an- » tes o triste desengano de que era necessario render- » se » (3). Como é isto? As tregoas foram *propostas*? Ou foram *pedidas*? Em que ficamos?... Se acima dissestes que foram *propostas* (ou, o que é o mesmo, que os cercados *propozeram um armisticio*); porque dizeis

(1) No mesmo logar da Chronica, já citado.

(2) » Dès le commencement du onzième siècle, le royaume de » Cordoue fut demembré par l'ambition d'une foule de seigneurs » qui, à la faveur des troubles, usurpèrent le titre de rois. Tolède, » Valence, Saragosse, Séville, Orihuéla, presque toutes les gran- » des villes, eurent des rois indépendans. Les provinces se changè- » rent en royaumes. » (Millot, Elémens d'Histoire Générale tom. 6.º pag. 219 e 220.)

(3) Histor. de Portugal, tomo 1.º etc.

agora que as tregoas foram *pedidas?* Recorrereis á anchora da synonimia? Não vos admittimos o inepto subterfugio!

Partiram os mensageiros! Quem ler este modo de exprimir generico ha de pensar talvez que os cercados fizeram partir algum cardume de mensageiros para levar a noticia do seu estado de apuro. Ha de porém enganar-se. A historia de Ferreras em hespanhol tamsómente escreve que » *Ali* fizera aviso a Andaluzia, e » Marrocos do que se passava » (1). O seu traductor, Mr. d'Hermilly, restringe o caso a dois expressos, um a Andaluzia, e outro a Marrocos (2). Ora seguindo, como commentario ao original de Ferreras, as palavras do traductor, como poderá o historiador portuguez, que restringe só a tal mensagem á *Africa* (como já se fez ver) escrever sem censura — *partiram os mensageiros?* E' elle quem a si proprio arma os cambapés, e se deixa emmaranhar em taes engrimanços! — Ha de soccorrer-se á Chronica de Affonso VII. A questão será então toda com o traductor de Ferreras, que é quem forneceu o elemento da objecção!

Mas vamos já pôr termo á impertinente e adiaphora digressão do historiador portuguez, com inepcia filada a gancho para despeitar a grandeza do Feito d'armas de Ourique. Vamos sim concluir com o repugnante e incommodaticio sacrificio, que temos feito, de a transcrever, para finalmente lhe rendermos as devidas honras do bota-fóra!

» Andavam por tal modo (historía elle) revoltas
» as cousas do Maghreb, e, apezar da reputação e es-
» forço militar de Tachfin, e das excellentes tropas que
» levára da peninsula, a sorte mostrava-se tão adversa
» aos lamtunitas, que o auxilio pedido era impossivel.
» Tachfin, desbaratado em successivas batalhas, mal
» podia amparar o throno vacillante de seu pae, thro-
» no a que só devia subir para ficar sepultado nas rui-
» nas delle. Aurelia entregou-se, por tanto (outubro

(1) Veja-se o logar que já fica citado a pag. 55.

(2) Ali aiant signé le Traité et livré les otages, dépêcha un Exprés en Andalousie, et un autre á Maroc, pour avertir le Roi son Maitre de ce qui se passoit etc. (Tom. 3,º pag. 411).

» 1139) e as demonstrações de jubilo não só do exerci-
» to, mas tambem da capital, provam qual era a im-
» portancia d'aquella conquista » (1). — Nunca Aurelia (*Casorla*, segundo a *novissima descoberta* do nosso erudito escriptor!) se viu tão garrida e arrebicada com tantas flammulas e galhardetes de apregoada importancia na republica typographica, como nas paginas decantadas da *normal* historia de Portugal!... Mas é nessa *importancia* imaginaria, comica e caricata, que está alapardada a miniatura mais expressiva, e provocadora do ridiculo! Na verdade quem jámais, em todo o variado e vasto dominio da historia, sonhou, ideou, disse, ou deu a entender que a tomada ou entrega de Aurelia (*Oreja*, por impossivel commutada em *Casorla!*) pelo Imperador D. Affonso VII, Rei de Castella e de Leão era, não digo já argumento, mas nem sequer remoto simulacro delle, para provar que os *lamtunitas*, ou, por outra, os Sarracenos, na Peninsula hispanica ficaram, por cumulo de um tal dezar, sem poder sequer, como diz o chistoso vulgo, com uma gata pelo rabo? E por consequencia irrefragavel quando cahiram no langarás de se apresentar no campo de Ourique, para debellar D. Affonso Henriques, não eram mais em numero e valor que um bando de janistroques farrapões, quaes por exemplo ha quarenta e tantos annos, ainda mal, os vimos, com o carimbo de exercito protector, entrarem pelas ruas desta capital, coxos e estropeados, sob o commando de um *gallo*, harpia rapinante, que ao passo, que nos ía deixando sem chavo para comprar uma páda, não cessava de nos embahir com a *farfante* promessa de um novo Camões!..... Quem jámais sim foi desencantar um tão paradoxal e deslocado fundamento historico para deduzir disparate ou pelo menos o seu equivalente, de tanta e tão inqualificavel dimensão gibosa, e caquetica? Basta unicamente olhar para a originalidade da lembrança para desde logo reconhecer que ella fica, pelo proprio pezo do absurdo, altamente abysmada no porão

(1) Histor. de Portugal, tom. 1.º pag. 322.

immenso do archi-profundo pelago do zero! — Para aquillo que imaginariamente se pretende concluir ser verdade, ou pelo menos ter algum viso ou traço della, era preciso, pelo menos, que se provasse que toda a flôr, o mimo, o principal das forças *lamtunitas* se achava no castello de Oreja, e que estas, depois da tomada d'aquella fortaleza, de tal modo, e por guisa tal ficaram amedrontadas, enfraquecidas, e apoucadas, que os lamtunitas nunca mais puderam na Peninsula, quer invadir, quer fazer frente aos Christãos em campo de batalha. Isto porém é tão falso, quanto desmentido pela historia peninsular dos annos proximamente subsequentes áquella conquista ou antes entrega. — Entre outros successos, ella nos faz sciente daquella audaz irrupção, que com grandes forças, logo em desforra da derrota, que tinham recebido no anno precedente na Batalha de Ourique, fizeram sobre Portugal os Mahometanos limitrophes no anno de 1140, insultando o castello de Leiria, que tomaram, e demoliram (1). No anno de 1141 encontraremos a incursão feita no reino de Toledo, e tomada do castello de Mora pelas forças reunidas de Aben-Azuel, e Aben-Ceta; o primeiro Alcayde de Cordova, o segundo de Sevilha (2). Em 1143 ler-se-ha a sanguinolenta batalha junto aos *Poços de Algodor*, sustentada por Farax-Adali, Alcayde de Calatrava, contra Munio Alonso, e Martin Fernandez, que não tiraram a melhor do feroz Mahometano (3). Porém que digo? Quem não sabe que mesmo durante o cerco de Aurelia (no anno de 1139) os Mouros do partido de Tachfin formaram um exercito de trinta mil homens, fóra vivandeiros e outras gentes, para fazerem levantar o assedio? (4) A' vista deste facto, e dos outros mencionados feitos bellicos praticados logo nos tempos, nos annos immediatos á Batalha de Ourique, pela Mourisma dominadora das Hespanhas; como se póde desaffrontadamente dar a entender que as fileiras da força

(1) Ferreras, Histoir. gen. d'Espagne, tom. 3.º pag. 416 — Brandão, Monarch Lus L. 10, cap. 9.
(2) Ferreras, na Obra citada etc., tom. 3.º pag. 417 e 418.
(3) Ferreras, tom 3.º pag 424 e 425.
(4) Ferreras, tom. 3.º pag. 410.

dos *lamtunitas*, que concorreram ao campo d'aquelle memoravel Combate, offereciam o espectaculo do — *apparent rari* — do cisne mantuano; e todos elles tremendo de susto e medo como varas verdes? Quem recorre a desvarios de um tal e equivalente lote para deprimir a façanha grandiosa dos Portuguezes e de seu primeiro Monarcha no Campo de Ourique, chegando até ao frenetico destempero de a qualificar com o nome de *bulha* (1); não só renega dos sentimentos communs de nacionalidade, que palpitam no coração de todos os naturaes de qualquer paiz; mas até contradiz, e menoscaba os elementos mais triviaes da arte de raciocinar!.... Mas deixando para outra occasião o descarregar sobre o attentado horrendo, com toda a merecida rigidez, e inflexibilidade, o já por vezes alçado azurrague critico; vamos agora por um pouco tirotear o copiado texto.

No primeiro periodo da transcripta salsada, figuram como de cataplasma vesicatoria, *as cousas do Maghreb por tal modo revoltas*, que (de concomitancia com *a sorte que tão adversa se mostrava aos lamtunitas*) *apezar da reputação e esforço militar de Tachfin, e das excellentes tropas que levara da peninsula*, faziam que o *auxilio pedido* para sustentar Aurelia, *fosse impossivel.* — Que tem a impossibilidade de enviar os pedidos soccorros a Aurelia por causa *das cousas revoltas do Maghreb*, e do mais que se fisga, abalroa, e atraca, com a Batalha de Ourique; para d'ahi se deduzir argumento contra a sua verdadeira e real grandeza? Acaso encontrou o paradoxal escriptor da alcunhada historia de Portugal escripto e narrado em alguma membrana ou canhenho oraculino de *garabulhas e gorgotins cufficos*, reliquia veneranda de algum dos sectarios de Mafoma, que habitasse as Hespanhas, o fatal e inexoravel accordam que — se Aure-

(1) Assim se exprime o Author da Historia de Portugal no Jornal — A Semana — n.º 10, fallando da Batalha de Ourique. Uma similhante qualificação, que é em si mesma um insulto, um escandalo leso-Nacional e Real (omittindo outros termos depreciadores do *Feito* glorioso, que se encontram em diversos opusculos da mesma penna) assás confirma que não havemos sido exaggerados quanto ao grau de aviltamento, a que temos feito ver que o historiographo portuguez se empenha reduzir o primeiro monumento de heroicidade, que ornamenta os Annaes da Monarchia.

lia fosse conquistada pelos Christãos, por falta de lhe não prestarem o pedido soccorro, elles Mahometanos seriam em castigo obrigados a apparecer nesse mesmo anno em Campo de Ourique com tropas tão mingoadas, de *fileiras tão rareadas*, que para logo, transidos de panico, não fizessem mais que dar ás trancas, á primeira trombetada do exercito furibundo do grande Affonso! Só nesta hypothese, que não sem custo conseguiria entrar (prescindindo já do anachronismo que aleija, como depois mostraremos) pela jumental guela de algum basbaque, zumbaieiro do Sancarrão do Profeta; é que se poderia admittir alguma influencia fatidica (alcoranicamente fallando) da perda d'aquelle castello ao Combate de Ourique, relativamente á pertendida pequice e pequenice ou caturrice da força mahometana!.... Porém se nem esta, nem qualquer outra hypothese de jaez fatalista póde ter logar; pois que as mesmas mahometanas historias incontestavelmente as desmentem, mencionando factos que provam que as fileiras dos Sarracenos não se achavam *rareadas* no combate de Ourique (1); como é que taes e quejandas romançadas do Historiador portuguez ha de acreditar o homem verdadeiramente instruido e sensato? — Mas que favas contadas eram essas, que, dada a desastrosa impossibilidade de defender Aurelia, tão forçosa e irrevogavelmente haviam de brotar a brusca entremezada de os inimigos apparecerem em Campo de Ourique em tão diminuto numero, e com caras quasi tão marasmadas e escanifradas, como se tivessem jejuado em todo o rigor o *ramadan*? Como assim! Pois acaso porque a bicharia Mourisca perdeu uma praça, ou castello por falta de soccorro (levando de mais a mais o governador della comsigo para Calatrava toda a guarnição fóra o mais, conforme um dos artigos da capitulação (2); o que outrosim prova, que aquella perda não podia tornar *rareadas as fileiras dos lamtunitas*); póde tirar-se a necessaria conclusão, que

(1) Veja-se — *Exame Historico* etc. *sobre a Batalha de Ourique* etc. por A. C. P. pag. 14.
(2) Chron. de D. Affonso VII. Flores España Sagrada tom. 21 pag. 379 n.º 70.

os outros governadores, ou Alcaydes, Reis ou regulos das varias terras da Hespanha Sarracena ficassem para logo inhibidos de poderem ainda apresentar em campo um exercito formal e numeroso, para se baterem com os seus adversarios? A historia attesta por differentes vezes o contrario (1). Na verdade, disse, ou dirá por ventura jámais alguem que a perda d'aquella praça trouxera comsigo a ruina das forças mahometanas; e a ponto de ficarem tão definhadas e alcachinadas, que nunca mais poderam levantar o cólo para com valente, e numerosa força pelejar? Ninguem que tenha a cabeça em seu devido e natural logar ha de pronunciar um tão jalofo, e apezunhado absurdo historico. Muito menos houve jámais alguem que tivesse angariado, e filado similhante successo (a perda de Aurelia, *Oreja* e não *Cazorla!*) para negar com aviltamento a grandeza do Combate ou Batalha de Ourique?

O segundo periodo é igualmente uma miseria! — Que tem com a possibilidade e real existencia da Batalha de Ourique, conforme a mais critica historia geralmente nol-a apresenta — *o mal poder o Tachfin desbaratado em successivas batalhas sustentar o throno vacillante de seu pae?* Era por ventura condição absoluta e indispensavel para existir e realizar-se aquelle grande combate que Tachfin estivesse dominando na Peninsula, e não se achasse por então no Maghreb, *desbaratado em successivas batalhas?* Quem tal jámais nem sequer sonhára? Não havia mais chefe algum ou alguns na Peninsula Hispanica, que podessem, e soubessem reunir, e debaixo do seu commando adestrar tropas para uma peleja campal? Não teriam elles as forças necessarias para tal empreza? Debalde o historiador portuguez ha de poder resolver estes problemas em seu favor, contra aquillo que testifica a historia, como já exemplificámos (2).

Mas que *throno é esse, a que Tachfin só devia subir para ficar sepultado nas ruinas delle?* Pois as *cousas do*

(1) Vejam-se os exemplos já apontados a pag. 60 desta 2.ª Parte.
(2) Vej. pag. 60 desta 2.ª Parte.

Maghreb achavam-se de tal modo *revoltas*, quando se entregou Oreja (*Aurelia*, isto é, *Casorla* na Geographia do nosso *inerravel* historiador !) para similhante prognostico se poder tão enfaticamente adiantar? Não. Pronunciamol-o, contra a asseverada falsidade, com toda a firmeza, e segurança historica. Sim, a historia nos certifica, que, sendo tomada Oreja no anno de 1139, depois de sete mezes de assedio, durante este mesmo tempo Tachfin, que então se achava em Marrocos, tendo noticia do apuro em que se achava aquelle castello, *promptamente lhe enviára um grande comboi de viveres, e um bom corpo de tropas de reforço* (1). Em presença deste facto, o mais terminante e incontestavel, de prospera fortuna, como poderá alguem inculcar as *cousas revoltas do Maghreb*, com aquella face com que as quer impingir o Author da Historia de Portugal? Como outrosim a não ser profeta (qualidade que ninguem reconhecerá no historiador portuguez !) augurar com tanta firmeza da futura desgraça do Tachfin? E' por tanto de cunho de alta incompatibilidade tanto o prematuro prognostico, como o dizer-se como seu fundamento, que as cousas do Maghreb (que segundo uns significa a parte septentrional, e segundo outros a occidental de Marrocos) se achavam naquelle tempo revoltas por tal e tão exaggerado modo. — Quando porém um successo tão claramente opposto combate e destroe a falsidade; a palinodia é um dever! — Ainda no anno de 1143 (tempo em que as *cousas do Maghreb* se achavam indubitavelmente muito mais *revoltas*) se acha escripto que Tachfin por occasião de fazer governador general dos seus estados em Hespanha a *Aben Gama*, lhe enviara de Marrocos *uma somma consideravel para fazer tropas em todos os seus estados* (1). — A grande revolução de Marrocos, ou fallando mais restrictamente de Maghreb, que o Historiador portuguez com intoleravel anachronismo aproxi-

(1) » Il envoya promptement un grand convoi de vivres, et un » bon corps de troupes de renfort. (Histoire Universelle etc. tradui- » te de l'Anglois d'une societé de gens de lettres, tom. 14 de l'His- » toire Moderne, pag. 231, Section 6 a). » = Chronica de Affonso VII, § 68.

(2) Ferreras, tom. 3.° pag. 423.

ma, se não põe, ao anno de 1139, só teve logar, como referem os historiadores, pelos annos de 1146. » *Abd-* » *el-momen*, chefe dos *Almohades*, que havia algum tem- » po estava em guerra com um descendente de *Tachfin*, » foi mais feliz em 1146 do que o tinha sido nos annos » precedentes. Depois de muitos combates entre os dois » exercitos, que nada de decisivo tiveram, a victoria se » declarou em fim por *Abd-el-momen*; e *Tachfin*, força- » do a fugir, se refugiou em um castello na raia de seus » estados » (1). Cure por tanto o escriptor ignorante, ou inadvertido com o balsamo cicatrizador da devida retractação a estocada, que pregou na historia arabico-hispana, com o reprehensivel fim de fazer murchar uma das mais bellas flôres dos Annaes das glorias patrias!... O remate, fecho, ou desfecho do paragrafo é digno das premissas, que o precedem. — *Aurelia entregou-se por tanto.* Que vem ao caso que Aurelia (significando *Oreja* e não *Cazorla*, como tão ineptamente se entendera!) se entregasse? Por ventura com essa entrega esteve jámais identificada a exinanição, ou aniquilamento das forças dos Mahometanos? Nunca escriptor nem escrevinhador algum pronunciou um paradoxo de tão agigantada magnitude! — Porém que digo? Houve jámais alguem, que tenha tido apenas alguma leitura da historia hispano-arabica do seculo 12.°, que ousasse, nem sequer por burla, pronunciar que a entrega d'aquelle castello trouxera para os Sarracenos uma perda de caracter irreparavel; uma perda d'aquellas, que deixa os vencidos na impossibilidade de futuro reunirem forças numerosas para se baterem em uma batalha campal? A singularissima incapacidade intellectual, que assim julgasse, tocaria o extremo da mais insulsa, e cascuda estupidez!... Tanto na verdade o estado contemporaneo dos Mauritanos na Hespanha, como os factos posteriores e de proximos periodos, seguramente convencem ainda o mais peticego de discernimento, que folhear a respectiva historia (2), de que o tão exaggerado revez não passou da es-

(1) Recherches Historiques sur les Maures et Histoire de l'Empire de Maroc, par M. de Chenier, tom. 2.°, pag. 55. — Ferreras, Hist. Gen. d'Espagne, tom 3.° pag. 435.
(2) Vej. pag. 60 a 64 desta 2.ª Parte.

cala commum dos ordinarios dezares! A conclusão portanto, que se pretende tirar da mencionada entrega, toca, além de falsa, uma das metas do alto ridiculo!

» E as demonstrações de jubilo (*conclue*) não só do » exercito, mas tambem da capital, provam qual era » a importancia d'aquella conquista. » Não entrarei na questão se é ou não logico e critico o avaliar a importancia da entrega de qualquer castello, praça, ou cidade pela apparente physionomia das *demonstrações de jubilo*. A historia tambem nos mostra fantasmagorias deste genero de louçania para tapa-olho illusorio de grandes e fataes derrotas bellicas. A baze, em todo o caso, do julgador da tal *importancia* tem proximo parentesco com a dialectica d'aquelles que tem a *boa feição* de julgarem da grandeza da banda musical pelo sobresaliente estrepito da batedura do impertinente zabumba! — Porém que *demonstrações de jubilo* da parte *do exercito* foram essas, que deram tanto no goto ao nosso escriptor para fazer valer tão sobremaneira aquella *importancia?* O que a historia só nos diz a este respeito é: » Que o Imperador logo que tomou posse do castello de Oreja » fizera arvorar sobre a mais alta torre os seus estandartes, durante que os Bispos e mais ecclesiasticos, que » o acompanhavam, entoaram ou cantaram o *Te Deum* » em acção de graças (1). » Vê-se pois que todas *as demonstrações de jubilo* da parte do exercito apenas se reduzem ao puro e circumscripto acto de içar umas bandeiras, ou cousa que o valha, na torre mais eminente do castello de Oreja, no comenos que se entoava, ou cantava o referido hymno. Ora esta demonstração de jubilo, não passando, como é evidente, da classe das mais ordinarias e triviaes em casos de similhante natureza, está bem longe de se poder allegar como argumento, que valor especial tenha, para reputar em grande e subido apreço a entrega do castello de Oreja. A' vista d'isto o Historiador portuguez ao passo que cuidou, como proverbialmente dizem, ir buscar lã, veio tosquiado!

Mas aonde estão essas *demonstrações de jubilo da capital*, que tambem se engalaram, e engasgalharam na

(1) Ferreras, Hist. Gen. d'Espagne, tom. 3.º pag. 412.

bateria para fazer fogo de vista com intuito de vender á credula sinceridade a postiça mercadoria? Aonde estão ellas?... Saiba todo o mundo que taes *demonstrações de jubilo* não houve em Toledo, que conste terem tido despacho algum na alfandega historica, por occasião d'aquella *entrega!* — Pois como é isto? Clamará com horrida, e desafinada celeuma toda a *anti-fossil* clientela da *idolatrada historia*, que cahira na estolida fofice de jurar nas palavras do seu homem!.... Eu lho digo: As *demonstrações de jubilo*, que tiveram logar na capital, não se prova que fossem por occasião da noticia da entrega do castello de Oreja. E por isso não se póde dizer que a *importancia da conquista* désse motivo a ellas. Tiveram sim logar por occasião da entrada do Imperador em Toledo (dias talvez não poucos depois da tal acquisição); tendo já, depois de tomar varias providencias para assegurar a conquista, licenciado o exercito. Consistiram ellas em uma recepção solemne e pomposa feita pela capital ao Monarcha. A historia não nos diz que fôra por causa da entrega de Oreja, que tivera logar este signal de dedicação civica, e, n'aquelle tempo, de vassallagem para com o Soberano. (1) Para que se ha de pois de ir apontar como conhecida uma causa que o não é, nem como tal jámais fôra indicada? Tira-se pela fieira da deducção, responderão os apaniguados, escravos do *Ipse dixit!* Que dados porém tem o escriptor para poder affirmar que o Monarcha não teria aquella recepção apparatosa, se não tivesse ganhado aquella conquista? Nenhuns. — Prescinda-se na verdade da vinda do Monarcha para Toledo; e que folguedos, que festejos se encontram na capital por occasião da noticia da entrega de Oreja? Nem um só sequer nos indica a historia.

Mas para que é progredir na contestação? Concedamos, por todo o preço, que na realidade aquellas *demonstrações de jubilo* na capital tivessem por objecto primario o festejar a entrega do castello de Oreja; figurando o Imperador nellas, como Pilatos no Credo! Que *demonstrações de jubilo da capital* foram essas, de cunho fóra do ordinario, que possam servir de fundamento pa-

(1) Vej. Ferreras na citada Historia, tom. 3.º pag. 412.

ra mostrar que a entrega de Oreja (*Aurelia*, que com inaudito absurdo quer o prototypo historiador seja *Cazorla!*) ou antes capitulação, fôra um fracasso de tão fatal terribilidade, que nunca mais deixou levantar cabeça ás humilhadas e abatidas meias-luas? Se assim fosse, é bem de ver que a festança não havia tamsómente de ficar reduzida á mesquinha economia de uma, embora pomposa, recepção feita ao Monarcha!.... Não era natural, e seria até repugnante, que uma vantagem marcial, que punha ou virava os *lamlunitas* de pernas para o ar, conforme o dizer do vulgo, a ponto de nunca mais se poderem pôr em pé, fosse talvez apenas celebrada por algumas horas de folgança! Um successo tão transcendente era motivo mais que justo e de sobejo para uma expansão de alegria mais intensa, e duradoura. A historia porém desengana a todo o mundo que a ler, ainda que seja o da mais espalmada, e esguia intelligencia, que a entrega do castello de Oreja não trouxera comsigo mais que uma *importancia* local e relativa. A cambaleante dialectica portanto, que se funda no principio romantico das *demonstrações de jubilo*, caduca por mais uma mazella!

Deixariamos aqui já, de bom ou máo grado, de progredir no censorio varejo. Mas que ha de ser?.... Quando, já cançados da tarefa, para resfolgar, estavamos por um vai não vai a cerrar e pôr de parte o romantico e epigrammatico volume da Historia de Portugal (*Mare magnum* de inepcias historicas); eis que não sei que machinal e fortuito impulso nos fez empregar a vista na citação de alguns authores, que na orla, ou margem austral da pagina, aonde termina o paragrafo analysado, se encontram aposentadas. — Para alguem que tenha a vulgar bonomia de passar por estes nichos ou cazulos de trivial erudição, como gato por brazas, ou cão por vinha vindimada, o embrulho ficaria sem receber as homenagens de uma esmiuçada revista!.... Quem sóe todavia andar no campo especulativo da analyse, e tem repetido, e velho conhecimento das viellas e azinhagas, por onde muitas vezes inesperadamente se faz tranzitar o foragido contrabando; este tal anda sem cessar com tento, e olho á mira ou sempre á lerta, para não ficar,

sem o pensar, impunemente *engasopado!*... Quantas vezes o charlatanismo litterario alardêa com um turbilhão de authoridades que nada provam, e até mesmo provam o contrario? Quantas vezes se refugia sob a tutela de escriptores, que se por um lado parecem patrocinal-o; por outro lado subministram materia para se lhe fazer a mais grave e indispensavel censura? Ensinados e escarmentados por uma e mais vezes exemplificada experiencia, com razão entrámos em espontanea duvida e prudente suspeita se a letra dizia com a careta, quando démos com os olhos na guarida cathegorica das acorrilhadas citações. Recusámos dar assenso cégo; e nesse momento de cautelosa reflexão nos veio logo de assalto á memoria o *sic valeas ut tu farina es, quæ jaces!* Neste embate de incerteza se ha ou não logração, se ha ou não embofia, decidimos a contenda pelo axiomatico bordão do vulgo — *Ver e crer, como S. Thomé!* Sem mais divagação vamos áquillo que altamente importa.

Um e o primeiro dos Documentos, e Monumentos que o Author da Historia de Portugal alugou ou apenou para fazer crer (além de outras asserções) a fantasiada importancia da entrega de *Aurelia*, é a Chronica de D. Affonso VII. Vem transcripta esta Chronica no tomo 21 da España Sagrada, (obra esta escripta, como todos sabem, por Florez) a pag. 320 e seguintes. Cita (o Author da Historia de Portugal) desta Chronica os capitulos (e eu direi numeros) 60 a 63 e 67 a 72 do Livro 2.º Em qual, e aonde porém destes logares se encontra cousa alguma, que inculque a *importancia* d'aquella conquista no gráo e cathegoria em que a pretende inculcar o historiador portuguez? Aonde é que se indica na mencionada Chronica que *a entrega* de Aurelia trouxera comsigo uma calamidade tão furibunda sobre as forças lamtunitas, que as deixasse em uma omnimoda, e irreparavel derrota? Que periodo, que frase, que termo, sequer, nella se acha escripto, que dê a conhecer ao menos um longe, um vislumbre de que a entrega de Aurelia cortára radicalmente a esperança aos Mouros da Peninsula de poderem apresentar em Campo de Ourique ou em qualquer outra parte, em tempos successivamente proximos ou mais remotos, alguma for-

ça numerosa para se baterem com os Christãos? Em nenhuma parte da mencionada Chronica se acha rastro ou sombra de uma tal, nem parecida asserção; proclamará todo o mundo que a ler, e examinar. Quem analyzar pois o n.º ou cap. 71 da Chronica de D. Affonso VII ha de completamente desenganar-se de que toda a *importancia*, que teve a entrega de *Aurelia*, fôra, por este successo, *dar fim ao vexame, e grandissima guerra, que os Mouros faziam no districto de Toledo, e em toda a Extremadura*. E é visivelmente neste, e não em outro sentido que a Chronica lhe dá a denominação de *grande victoria* (1). — A Chronica do Imperador D. Affonso seria além d'isto altamente contradictoria se tomasse a importancia da entrega de Aurelia na elevação e apreço superlativamente romantico, em que a estima o historiador portuguez. E' pois ella propria que, depois da entrega de Aurelia, nos menciona por vezes as tropas mouriscas batendo-se em grande numero em campo de batalha com as tropas do Imperador; como se torna evidente a todo aquelle que a ler (2). Falsa, e contradictoriamente por tanto se invoca o testemunho de um Documento para fazer existir uma *importancia*, que, segundo este mesmo Documento, não é possivel dar-se, nem conceber-se!

Vamos ao segundo bordão, a que o nosso historiador arrima, com toda a mais sarrabulhada de asserções, a por elle tão guindada, e engrimpada *importancia* da entrega de Aurelia. E' elle: *Documentos em Manrique, Annales Cistercienses*, tomo 1.º, paginas 402. — Que documentos são esses, que se dizem achar exarados na citada Obra, em o tomo e indicadas paginas? Nem um só sequer ahi se acha transcripto, ou apontado, que con-

(1) *Et aversum est opprobrium, et maximum bellum, quod erat factum in terra Toleti, et in tota Extrematura. — Facta est magna victoria.*

(2) Inteiramente de acordo com o que asseverámos (por não deixarmos de particularizar exemplo) está a passagem que se lê na Chronica de D Affonso VII n.º 78, que é a seguinte: *Porro acies Moabitarum et Agarenorum, erectis suis regalibus vexillis venerunt, et instruxerunt acies magnas et fortissimas contra acies Christianorum.* (Em Flores, España Sagrada, tom. 21 pag. 384). — O logar transcripto tem referencia ao anno de 1143, quatro annos depois da Batalha de Ourique.

tenha apenas algum indicio de testificação em abono de alguma das circumstancias a respeito de Aurelia, que se referem no paragrafo do escriptor portuguez, que fica analyzado; muito menos que dêem apoio, ou façam, quando muito, allusões á tão inculcada *importancia!* — Pois é possivel que no citado logar dos *Annaes Cistercienses* nada, absolutamente nada, se encontre, que sirva de comprovar alguma particularidade sobre a causa do cerco, duração, definitiva entrega de Aurelia, e bem assim das *demonstrações de jubilo*, que se lhe seguiram? Nada ácerca d'aquella superlativa *importancia*, que o historiador portuguez arvorou em parapeito para d'ahi extorquir, como legitima, e necessaria consequencia, a *fatal* e extrema prostração, definhamento e marasmo das tropas mouriscas na occasião, em que tivera logar a Batalha de Ourique? Não é só possivel um tão profundo, e sepulchral silencio. E' um facto de evidencia intuitiva para todo aquelle que ler os apontados Annaes! — Corra-se e recorra-se a olho nú (e se assim não bastar, empoleirem-se no pincaro ou cucuruto do esbelto nariz umas cangalhas microscopicas, que façam cada letra do tamanho de um bugalho!); corra-se sim e recorra-se de cabo a rabo, de lez a lez com a vista quer natural, quer reforçada e melhorada com a mais apurada lente de augmentar, toda a indigitada pagina. Decomponham-na, esmiucem-na syllaba por syllaba, lettra por lettra, sem que nada por minimo que seja escape ao faro da mais escrupulosa pesquiza; qual ha de ser o resultado, ou antes o desengano indubitavel de tão affanoso exame? Um zero; ou tudo quanto a todos os respeitos se póde exprimir pela palavra essencialmente negativa, e que em todas as linguas e idiomas significa a carencia, e ausencia de tudo quanto ha de positivo e real!... Nada.... sim; nada.... é só e unicamente tudo quanto se colhe do perdido trabalho da analytica leitura! — E' porém por esta fórma e theor que o historiador tão *susceptivel* e opinioso pretende, escanchado no alcantilado coruchêo do blasonado merito da sua obra, subir até aos astros; *sic itur ad astra?* Que tal é o opio!.. Que tal a nova especie de corrióla!... Mas que çurriada!... Que vaia!... Que apupada tão desfeita, e solemne pregada á eunuca

e capacha fé d'aquelles que assignam de cruz e abaixam a cabeça a tudo quanto escrevinha e garatuja o homemzarrão da sciencia historica, trunfo inaugurado do dia, que tão aerea, falsa, e impudentemente apadrinha aquillo, que com tanto entono e pythagorica arrogancia proferíra! — Quem á vista destes e que taes inesperados monos se ha de poder fiar e dormir a somno solto recostado sobre a veracidade de similhantes historiographos!....

O terceiro fiador, que apparece em scena para sustentar as já transcriptas asserções, que fizeram o objecto da autopsia analytica é: *Documentos em Colmenares, Historia de Segovia*, paginas 124. — Que documentos são esses? Temos outra burla, outra pulha tão atrevida como revoltante para illudir, para impôr áquelles que engolem tudo quanto se acha escripto em lettra redonda! — Nem um só documento (ouça-se!) se lê na citada pagina, por onde se possa colligir cousa alguma nem da muita, nem da pequena *importancia d'aquella conquista*. Todo o mundo que a examinar ha de achar esta incontestavel verdade! — Em nome della eu protesto e voto ao desprezo, e á execração publica tão aleivosa e horrenda falsidade em materia de citações! São dois os Documentos que alli se encontram; e o primeiro delles apenas comprehende estas succintas palavras, remate de um Instrumento que confirma as Doações, que D. Affonso VII tinha feito á Cathedral de Segovia: *Facta carta in Secovia secundo Kalēd. Decēbris, quādo Imperator redibat ab obsidione Aureliæ, quā ceperat. Era M.C.LXXVII.* — O segundo documento se acha em parte lançado na citada pagina. Este (deixada a mais lenda, que nada vem para o caso) tamsómente testifica que Aurelia e seu povo fôra libertado do poder dos Mouros pelo Imperador D. Affonso, filho do Conde Raymundo: *ab Imperatore Adefonso Raymundi Comitis filio, Mauris eripitur.* Disse que se *acha em parte na citada pagina*; por quanto esta ultima asserção do Documento lê-se já transcripta a paginas 125. — Pois é acreditavel que na pagina citada pelo historiador portuguez nada venha, nem se descubra escripto, que designe, ou esboce algum rasto, pista, ou piugada, por onde se lobrigue a

enxergue o estado fracalhão, e de desalento mofino, a que ficaram reduzidas as tropas dos sectarios de Mafoma, para d'ahi se deduzir o corollario indeclinavel da *importancia* da entrega, ou antes capitulação de Aurelia?... Quem quizer ficar livre de toda a duvida e escrupulo abra e corra pelos olhos a indicada pagina com o mais que lhe pertence, e em breves audiencias ficará no goso do mais perfeito e completo desengano de que o Author da *Historia de Segovia* nada escrevera, nem transcrevera ácerca de Aurelia, que patrocine as romanticas illações do escriptor da Historia de Portugal!

Porém a fatalidade do historiographo ainda vai mais longe. Sim, quem deixará de ver que é o proprio Colmenares que dá zurzidela no mesmo individuo, que se acolheu ao seu patrocinio? Dá-lha sem duvida, e d'aquellas, que, como diz o expressivo e eloquente vulgo, são de pôr a cara a uma banda! — Na verdade, com que cara, carão, ou carantonha ha de ficar o erudito e sapiente historiador, quando, depois de nos ter vendido *Aurelia* por *Cazorla*, lhe apresentarem ao alcance dos dois globos, ou espheras oculares, em bem grada, e nutrida lettra de imprensa, a authoridade de *Colmenares*, que dando um dos mais tremendos quináos, que se poderam dar a qualquer escriptor campanudo, lhe faz saber que *Aurelia é Oreja* e não *Cazorla?*... Tal é pois o que o escriptor hespanhol nos ensina quando na pagina 125, columna 1.ª da mencionada Obra, terminando um periodo, diz: *siendo cierto que fue Oreja antigua Aurelia.* — O nosso escriptor foi pois o proprio penitente que fôra buscar o flagello para receber o látego!

A caronada todavia dos falsetes ainda não cessou de ecchoar!... Que miseria, que calamidade não é para um escriptor publico, e ainda mais, quando em brios e gentilezas de sciencia crê que topéta com o bicornio da Lua; que miseria, que calamidade, direi, não é, o ser tão redonda e formalmente por vezes apanhado em lapsos, que tanto compromettem o credito e a estima litteraria d'aquelle que affanoso outrosim aspira ás rendidas homenagens, e rasgados cortejos da sociedade mais conspicua dos intelligentes?... Na verdade que maior pecha, que mazéla mais asquerosa se póde assacar ao que

alardêa, e bravatêa de historiador sem tacha, ou por outra sem manqueira, do que a indiscrição, ou não sei o que lhe chame, de cathegoricamente imbutir por patronos das suas opiniões, e doutrinas, Authores, que nada dizem seu ou alheio, que directa ou indirectamente as pareça sustentar? Defeito de uma larva tão torpe e medonha é do cunho d'aquelles que carimbam o escriptor com o ignominioso ferrete do mais subido descredito! — Infelizmente temos mais um exemplo desta estofa e jaez! — Um tambem pois dos espeques e pontaletes, a que o escriptor portuguez encosta e reclina o enorme pezo das multiformes asserções do narcotico paragrafo, que assás criticamente esquartejamos, é o que se enuncia e encerra na citação: *E na España Sagrada Tom.* 38, *pag.* 143. Em que logar, parte, canto, ou recanto da mencionada pagina se acham acoitados, ou alapardados esses documentos para que remette os leitores o Author da citação? Em parte alguma, nem recinto que descobrir se possa. Responderá, ou antes vociferará tão surprehendido, como indignado e zangado, todo aquelle que por mera curiosidade, ou por desconfiança, aliàs bem fundada, tiver chegado a ir á fonte limpa, para se tirar de duvidas. Será isto que proferimos illusão, ou sonho? Appello para o testemunho ainda do mais rampante e parcial leitor, do mais idolatra admirador que o vá verificar. Ha de achar quer queira, quer não queira, sem a minima deficiencia de um só apice, toda ancha e desbrugada, a verdade do que asseveramos!... Nem ao menos um vislumbre o mais remoto e arrastado ahi se encontra, que tenha alguma visagem, ou arremedo de documento grande ou pequeno, que possa servir para authenticar uma só das particularidades, que atravancam e entulham aquelle tão já por nós mimoseado, e brindado parrafo! — Corra qualquer curioso por vezes mil, com todos os registos e contra-registos da attenção, todo o contexto da pagina inculcada: desosse, rilhe, e rumine desde o mais composto até o mais simples dos elementos do discurso: bata e rebata na bigorna da officina das mais requintadas, e alambicadas epichéas tudo quanto litteralmente se lê, e se devisa alli escripto e typografado: embora tudo amoce-

gue, malhe e torne a malhar, com martellada de cyclope, a finura do Scholista mais subtil, e cavilloso; debalde se affadigará o mais analytico esquadrinhador para conseguir a descoberta de um impossivel!... Amolgue, machuque, achate, espalme, comprima, esmiuce, polvorize em fim, além do mais que quizer ou souber fazer qualquer espertalhão insigne em dar á manivella da arte hermeneutica, toda quanta é a citada pagina, pela face e perspectiva do sentido natural ou figurado; nenhuma outra cousa ha de encontrar mais que a repulsa, e negativa de um penedo mudo e quedo, que a todo o investigador está em silencio dizendo: *Nemo dat quod non habet!* (1) Ora eis-aqui tudo quanto é, e veio a dar essa congestão e mioleira de documentos, que, á julgar-se pelos tramites e paradigma ordinario, que distingue o escriptor illustrado e sisudo do charlatão temerario e ignorante, parecia que deverá achar-se clara e diffusamente estadeada no logar referido da Obra de Florez; para, com poder e força irresistivel, nos pôr na menina do olho da evidencia a *importancia da conquista* de Aurelia! — Parecia, torno a dizer, que ahi se acharia agglomerada, e arregimentada em columna cerrada uma saraivada de documentos, qual a qual mais azado, e adargado, para nos delinear com todos os contornos, perfis e feições prominentes, o eclipse e deliquio total das luas Mahometanas por causa da tão inculcada *entrega* de Aurelia, e levar-nos a deduzir por consequencia necessaria o estado marasmatico, poltrão e cadaverico, em que jazia a Mourisma pelo tempo da Batalha de Ourique!... Parecia... sim parecia.... Nem outra cousa pedia a sciencia, e bom senso d'aquelle que fosse digno do nome de historiador!... Que tosca porém não foi a pulha!...

Ainda temos outro fiador do famigerado paragrafo:

(1). O Author da historia de Portugal teria feito melhor (por não dizer o que devia) se em logar de andar com Florez pelas ultra romanticas regiões do nada, o tivesse na realidade folheado em o tomo 21, pag. 317 da *Espana Sagrada*. Ahi acharia que este Escriptor entendera que *Aurelia* era a moderna *Oreja*, e não *Cazorla*, como o historiador portuguez tão falsamente escrevera. Eis-aqui as formaes palavras do Escriptor hespanhol: » Aurelia, hoy *Oreja* junto á Colmenar de Oreja. »

E' elle o Arabista Hespanhol D. José Conde na *Historia da Dominação dos Arabes em Hespanha*, parte 3.ª, cap. 36. — Que é isto? Estará acaso aqui occulta, e encantada alguma mina de documentos de polpa genuina; algum Potosi ou California de diplomaticos instrumentos, de uma paleografia sem caruncho, avaria, nem peço, por onde desmereçam no anomalo conceito dos Aristarchos resmungões, e niquentos; que cortem o nó gordio em favor do escriptor que a elles se soccorreu? Nada disto é, nem cousa que se lhe simelhe. Ah! Nem sequer talvez com verdade poderemos dizer: *Carbonem pro thesauro invenimus!...* Quando esperavamos deparar com uma artilharia documental de grosso calibre, achámos as *clavinas de Ambrosio carregadas de farello*, ou, se é possivel, ainda menos! A analyze mostrará que não emittimos romanticas exaggerações. Com effeito; que se encontra, ou devisa no capitulo citado da *Historia da Dominação dos Arabes em Hespanha*, que, não digo já contenha alguma prova, mas nem ainda allusão a alguma circumstancia referida no analysado paragrafo da Historia de Portugal? Nada, absolutamente nada; responderá constantemente todo aquelle que o lêr, e não quizer fechar os olhos á luz da mais patente, e reconhecida verdade. — Falla-se por ventura nelle de Aurelia, e de alguma, ou algumas particularidades acontecidas durante o cerco, ou mesmo logo depois delle? Nem uma palavra unica. Que digo?... Nem sombra della! Basta ler o titulo do Capitulo para com anticipação conhecer que seria até um aborto, uma monstruosidade historica, se de tal objecto alli se tratasse. E' pois elle: *Guerra en Africa entre Almoravides y Almohades. Muerte desgraciada de Aly.*

Acaso fallará elle de successos contemporaneos, e que lhe digam respeito proxima, ou remotamente? Uma negativa omnimoda e perpetua é toda a conclusão, que a leitura do capitulo do Escriptor hespanhol ha de tamsómente fazer deduzir! — Pois nem sequer ao menos se poderá encontrar em todo o conteudo do capitulo algum laivo, traço, ou rasquicio, por onde se possa ajuizar de alguma sorte da *importancia da conquista de Aurelia?* Cousa alguma deste genero, nem estofa, nem que com

tal tenha parentesco, é escusado e inutil ahi ir procurar! Que figura pois está fazendo no usual paradeiro da erudição a remissão ao apontado capitulo? Nenhuma outra mais que a de um cambapé armado aos leitores incautos, que adormecem ao suave, e insidioso som do: *Magister dixit!*

A coarctada e resurça unica que resta ao historiador portuguez é dizer: Dos factos adversos succedidos ao Tachfin em Africa, que se acham escriptos no capitulo em questão, se faz conhecer que as forças dos Almoravides fóra da Peninsula hispanica estavam em misero estado para poderem vir acudir a Aurelia. — Que disparate! Que inepcia tão roliça e rechonchuda! gritará, por um espontaneo impulso, todo aquelle, ainda o menos instruido, que tiver passado pelos olhos o referido capitulo!... Como é possivel que os factos mencionados no capitulo citado, que aconteceram pelos annos de 1144 e parte de 1145 (como marginalmente indica o mesmo capitulo), tivessem alguma influencia na impossibilidade de os Almoravides ou lamtunitas soccorrer Aurelia por falta de forças, quando ella desde 31 de Outubro de 1139, como fica dito, se achava entregue, e em poder do Monarcha Christão? Acaso os successos futuros poderam jámais influir nos passados? Nunca. Como poderiam por tanto os desastres de Tachfin, acontecidos em Africa, cinco ou para mais de cinco annos depois da entrega de Aurelia, concorrer de maneira alguma para a perda della? O Author da historia de Portugal, chamando em apoio da sua opinião acontecimentos anachronicos, inaugurou em principio dialectico uma entidade repugnante; o que é absurdo dos absurdos!...

Porém o absurdo ainda não está collocado em toda a sua publicidade e nudez. Peço aqui particular attenção. Quero em poucas palavras desmascarar a atroz e audaz falsidade, com que se pretende reduzir ao desprezo e perpetuo menoscabo o primeiro, e um dos mais illustres feitos da Monarchia Portugueza. — O Author da historia de Portugal, conforme temos visto, a fim de reduzir á mófa e ao vilipendio a Batalha de Ourique, entre os pretextos de que lançou mão para fazer acreditar a fraqueza e mingoa das forças mahometanas n'a-

quelle Combate foi a entrega do castello de Aurelia nesse mesmo anno. Ora quem não vê que tendo tido logar a Batalha de Ourique antes da entrega de Aurelia, esta entrega nada podia influir n'aquella Batalha? Com effeito a Batalha de Ourique foi, segundo de todos é sabido, a 25 de Julho de 1139, e a entrega de *Aurelia*, ou *Oreja* (e não *Cazorla!*) teve logar em 31 de Outubro do mesmo anno (1)!... Em presença destas datas incontestaveis, é evidentissimo que aquella Batalha precedera á entrega de Aurelia mais alguma cousa de tres mezes!... Sendo isto assim, conforme na realidade é, de que modo se póde admittir, como quer o historiador portuguez, que a entrega de Aurelia sirva de fulcro, e premissa para barafustar contra a grandeza da Batalha de Ourique, attenta a fraqueza das forças lamtunitas, que d'aquella mesma entrega se procura deduzir? — Na dialectica do historiador portuguez vemos que as consequencias precedem as premissas; o que é transtorno digno da mais estrepitosa corrimaça!... Dar factos futuros por causa seja efficiente, seja occasional de successos passados, é syllogistica que ninguem ainda admittiu! — E quererá o Author da historia de Portugal (que nem que o matem sequer ha de acreditar na grandeza da maravilha militar de Ourique, ainda humanamente considerada; e tambem nada importa que elle o acredite ou não!), que tenhamos a volcanica moéla de avestruz, ou pelo menos o comprido, e elastico cólo de adem, ou de marreco, para engulir, e esmoer o intragavel systema de attribuir effeitos a falsas, nullas, e impossiveis causas? Nunca tal ha de ver, nem conseguir de ninguem que abominar o audacioso desvario!

De tudo quanto neste Opusculo temos exposto, analyzado, discutido, e provado, fica evidentissimo, que todos quantos topicos circumstanciaes o Author da historia de Portugal acarretou, e promiscuamente amalgamou, quer da historia hispanica, quer da arabica, para as paginas da sua, eminentemente transtornadora Historia (embeleco litterario, que justa e devidamente cha-

(1) Il (Ali) remit Oreja aux Chretiens le 31 d'Octobre, ainsi que l'on en etoit convenu. (Ferreras, tom. 3. pag. 411 etc.)

mámos ao tribunal de uma severa e imparcial censura); em nada molestam, nem doestam o merecido conceito e valia em que (fallo só aos olhos da natural philosophia da Historia) sempre fôra tido em todos os seculos e por todos os escriptores, quer nacionaes, quer estrangeiros o Feito altamente heroico de Ourique. — Neste pleito visivel, e incontestavelmente ficou vencido o aggressor do primeiro Brazão e Monumento Classico do paiz. — Os erros, e lapsos de uma enormidade indesculpavel, tanto no material, como no formal da sciencia historica, que ficam á exposição do publico illustrado assás o testemunham. — O que resta da questão pendente será objecto da terceira Parte, e das mais que se seguirem.

FIM DA SEGUNDA PARTE.

A BATALHA DE OURIQUE

E

A HISTORIA DE PORTUGAL

DE

A. HERCULANO.

CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

FRANCISCO RECREIO.

TERCEIRA PARTE.

Veritas odium parit.
TER.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.

Rua dos Capellistas n.º 62.

1854.

PRÉLUDIO.

Ainda que muito embora tenhamos atacado, destruido, e aniquilado todo esse phantasmagorico cataclysmo de circumstancias, parte anachronicas, parte heterogeneas, valendo-se das quaes o Author da *Historia de Portugal* sofistica e paralogisticamante pretendia escarnecer, e apupar a Batalha de Ourique, atirando com este tão grande e avultado feito para o mais baixo fundo do porão de um marasmo sem exemplo; não julgámos com tudo que deviamos dar já por finda e conclusa a intentada tarefa. — Não basta só combater e demolir a palissada. E' necessario transportarmo-nos ao centro do acampamento, e d'ahi desalojar completamente o inimigo.

Na segunda Parte escavámos, e destruimos os ôcos e calcinados materiaes, que compunham a mal architectada mina, que de longe a audacia innovadora, em rebendita ao primeiro brazão monumental da historia do paiz, arteiramente tivera conduzido para contra elle fazer explosão. — N'ella expozemos, no candelabro lumi-

noso da evidencia, para serem devida e imparcialmente contempladas pelo mundo intelligente, as falsidades, e absurdas asseverações, que alastram todo o impresso espaço, em que se elevam a um aéreo, e até impossivel galarim de apreço, adjuntos inteiramente alheios, e até oppostos ao fim para que foram colhidos, e enfeixados pela penna romantica do angariador.

Uma trampolina, uma artimanha anti-critico-nacional, nunca vista, nem sequer esperada no terreno typographico do paiz, julgou e teve de si para si que ganharia as honras da ovação no templo da sciencia, se para derrubar a fé historica consagrada em todos os tempos á grandeza e importancia da Acção heroica do Campo de Ourique, recorresse á historia coeva do reino visinho, não se esquecendo entre tanto de dar seus repellões na historia marroquina! — A empreza todavia além de zambra, e cambaia em sua mesma originalidade, foi em seu desenvolvimento um typo empiematico de mui asquerosa ignorancia. A empada soporifera, ou narcotica congestão das fantasiadas coincidencias, que a esmo se preparou e adubou para apear da cathegoria em que sempre estivera o glorioso feito d'armas, que deu origem á independencia nacional; que outro painel de extravagancias nos apresenta, que não seja o esboceto de um miserando — *nec pes nec caput?* Esta monstruosidade toda e tanta quanta ella é com todos os seus adminiculos, e appendiculos, quer inherentes, quer adherentes, já a fizemos do dominio da publicidade. — Falta-nos ainda revendicar a verdade historica de outros não menos baldos, ineptos e inconsequentes assaltos, com que é atacado pelo Author da historia de Portugal o merito e valia real da Batalha grandiosa, dessa Batalha, repetirei, que produzíra no universo politico mais um novo reino; esta Monarchia, sim, que sempre reconhecera na façanha prodigiosa de Ourique um dos timbres mais abrilhantadores e immarcessiveis da sua gloria.

Neste espirito e sentimento de commum nacionalidade, e com a mesma energia com que desfizemos e pulverizámos toda a imaginada farragem de circumstancias, que como causas influentes, falsa, e acintosamente se fizeram preceder áquelle feito illustre, para de longe,

o deprimir, e indirectamente o reduzir á nullidade; com a mesma energia, digo, e maior ainda, se possivel fôr, arremetteremos, e faremos baquear em terra com essa jangada indigesta, carunchosa, e mal segura de asserções, com que, não já de flanco, porém de frente e directamente, uma nunca vista, nem em verdade jámais fantaziada animosidade, quiz impunemente votar ao mais injusto e escandaloso menoscabo, esse acontecimento marcial eminentemente primoroso, que signala, e esmalta com lettras de ouro o logar mais distincto da primeira pagina dos Annaes da Monarchia portugueza.

Pelejaremos outra vez braço a braço, ou, segundo disseram os quinhentistas, arca por arca, contra as estranhas asserções d'essa monstruosidade jámais escripta, nem impressa, que aberrando da senda da mais esclarecida verdade, viera, não digo já dar garrote ignominioso ás circumstancias theocraticas, com que a geralmente recebida, e outrosim attestada tradição revestira a maravilha de Ourique; porém até quizera fazer desapparecer e de todo aniquilar a propria crença historica da grandeza do prodigio, da bravura inherente á façanha, que constantemente se tem aviventado (e aviventará apezar do arrojo) no animo de todos aquelles que prezam defender, e conservar illesa a alta valia de um monumento tão egregio da gloria nacional.

Não mudamos de estillo. Nem motivo novo algum havia, que desculpasse a inconstancia. — Se alguma vez mesclamos o discurso com algum termo ou fraze do uso popular, fizemol-o no simples intuito de pôr promiscuamente em acção os elementos da lingua d'aquelles, que embora estejam *fóra* do circulo dos cultores das sciencias, não o estão a respeito dos enthusiastas pela grande e importantissima verdade historica, que desde a infancia oralmente, pelo menos, se lhes transmitte. — E' justa pois a deferencia, tal como é e tem sido feita, pela linguagem do povo (embora contra ella se encrespe o Author da Historia de Portugal) em defeza de uma causa, que é tão sua, como d'aquelles que pertencem ao mundo da illustração. — Basta de preludiar.

Não será cousa nova, nem producto de ousadia se se affirmar e escrever que a historia, ou antes o historiador por ella, não poucas vezes se vale da arma apparatosa do *galanteio* para melhor vender e transmittir a droga, ou empurrar o panal. A namoradeira mais ladina, diz um escriptor de altamente livre pensar, jámais armou tantos laços á fé dos seus amantes, como apresentam os historiadores á credulidade de seus leitores. » La coquet» te la plus rusée ne tendit jamais autant de pieges à » la bonne foi de ses amans, qu'en présentent les His» toriens à la crédulité de leurs Lecteurs » (1). Com o postiço verniz, com o seductor elixir de um assedado palavreado, se procura muitas vezes fazer passar a fantasiada patranha, como se fôra facto acontecido, e de innegavel existencia no universo das realidades. Contradiz-se e menoscaba-se a verdade, conhecida como tal, angariando-se fosforicos, e insubsistentes fundamentos para illudir. Com esta crustula de vistosa louçania, ou, para melhor dizer, com esta insidiosa trampolina, a falsa opinião, o erro, o absurdo se vende e circula vezes sem conta, como moeda corrente e de cunho legal, no mundo historico. De certo que os leitores acalentados e adormecidos com opio de tal quilate e pharmacopéa, sem darem pela corda, vão, segundo a expressão proverbial do povo, *comendo gato por lebre!* Neste ou equivalente caso são elles tristes victimas do testudo capri-

(1) L'Esprit du Marquis d'Argens etc. tom. 2, pag. 20 e 21.

cho dos historiadores, que longe de os ensinar, e pôr ao mais proximo alcance dos factos, transmittindo-os como elles em si são, encampam-lhes, como se foram taes, os sentimentos que os dividem sobre pontos da primeira essencia historica. » Ils sont les tristes victimes de l'oppo» sition des Historiens; ils n'ont point appris les faits, » mais les différens sentimens qu'il y a sur les points » les plus essenciels de l'histoire » (1).

Que importa porém que o historiador seja ferrenho e casmurro em sua ou suas opiniões; que firmado e retezado nos apparentemente dourados estribos dos palavrões não queira descer da burra? Que repimpado nella apregôe e designe com o aranzeleiro, e inculcante rotulo de superfinas investigações e descobertas historicas o que não são mais que extravagantes e escandecidas estilhas, por não dizer calcinados motrecos vomitados pela cratéra de uma imaginação romantico-volcanica? Todos estes e quejandos peccadilhos e peccadaços litterarios, mais tarde, mais cedo, vem, como dizem, pagar o patáo. *Serius, ocius dant pœnas!* — Na verdade, lá vem um ou outro, fóra da roda dos comparças, que embirra com a emboçada 'patarata, com a arrebicada marosca, que, qual outra rapoza da fabula, veio impunemente occupar o immerecido logar de mulher de Jupiter. Chama então a intrusa, a usurpadora com todos os seus atavios e emprestados adereços ao tribunal de uma severa, e imparcial critica, e ahi (convencendo-a, em solemne processo, do seu imperdoavel flagicio) para logo (corrida, como sim ficára a contrafeita comborça no concilio dos Numes) sem mais apparato que aquelle que póde e deve inspirar a mais justa indignação; com desprezo a faz repellir e espancar do alto throno da eminente estima, em que a vertigem innovadora tão audaz, como ignorantemente a tivera enthronizado.

Para se sentir tão espontaneo, e natural effeito, nada mais necessario é que dirigir o estillete da analyse a dois unicos pólos, ou pontos substanciaes — *Principios* e *Consequencias*. — Despregue-se, descoza-se toda a labyrinthica barafunda do estofo ou tela palavreira. Ande-

(1) L'Esprit du Marquis d'Argens etc. no logar já citado.

se-lhe na cóla, na pista dos fundamentos que servem de encosto á caraminhóla; no alcance da ligação ou relação que tem as tiradas deducções com as bazes que lhes servem de apoio; e, com a rapidez com que sóe obrar o motor electrico, toda a armadilha, a plataforma para fascinar, de um salto mortal dará a ossada! — Com este methodo, e debaixo deste luminoso systema já desfiámos e fizemos baquear todos os esteios primarios, em que o Author da Historia de Portugal fundára o seu renhido e assanhado assalto contra a Batalha de Ourique. Agora, sem nos affastar do mesmo premeditado rumo, faremos apparecer na maior luz possivel a torpe morphea das miserandas consequencias, que delles, ou por causa delles se arvoraram em dogmas historicos. E se durante esta marcha analytica alguma cousa accidental apparecer, que não deva ficar sem o justo, e devido reparo, irá levando de caminho o seu proprio, e adequado tiroteio. — Entremos na materia.

Particularisámos estes successos (continúa em novo paragrafo o Author da Historia de Portugal) *em apparencia estranhos á nossa historia, porque na realidade têem com ella intima connexão* (1). Está lançada a luva. Vamos á esgrima. — Parece incrivel que em um seculo, caracteristicamente documental, similhante epicherema se concebesse, proferisse, e escrevesse!... E' falsa na verdade tanto a proposição como a sua causal. — *Os successos particularisados*, ou antes recopilados da historia de Hespanha e outrosim da Mauritania pelo Author da Historia de Portugal, não são *em apparencia*, porém real e inteiramente *estranhos á nossa historia*. Tal é a contraposta asserção, que ha de pronunciar logo todo aquelle que entrar na discussão com as devidas habilitações. — Não ha um unico escriptor, quer nacional, quer estrangeiro, que pronunciasse que aquelles successos da historia de Hespanha e conjunctamente de Maghreb tivessem alguma, quanto mais *intima connexão com a historia de Portugal*. Não ha um só de tantos escriptores, sim, que por alguma fórma os tenha elevado á cathegoria de lemas, ou postulados, para, como de principios

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 322.

estatuidos, tirar alguma consequencia contra a Batalha de Ourique, ou mesmo a respeito de algum outro facto historico relativo ao nosso paiz. O historiographo innovador ha de pois forçosamente ficar só no campo do absurdo com a sua enxertia, com o seu tão mal cabido alporque historico. — Não é aqui porém que está a móla real da argumentação. — Que successos são esses que na *realidade têem intima connexão com a nossa historia?* Nenhuma de qualidade alguma tem aquelles que o Author inoculou em causa efficiente para tornar em burla a Batalha de Ourique. E quem ousará duvidar que caracteristicamente sejam taes, isto é, de uma laia heterogenea os successos que elle inculca com *intima connexão* com a historia de Portugal?

Para levar á evidencia a verdade da enunciação negativa não é necessario mais que correr pelos olhos a mal embutida e matizada tirada (digressão inopportunissima) em que o Author da Historia de Portugal, *tomando um pouco de longe a serie dos acontecimentos,* examina a seu geito, e feição *o estado politico dos territorios musulmanos da Peninsula, ligados pela conquista almoravide á sorte da Africa septentrional* (1). — A fim de fazer conhecer a materia a todo e qualquer julgador pela immediata acção dos raios visuaes, escrupulosamente trasladaremos as mesmissimas palavras, que compaginam o trecho da historia de Portugal, em que se expõem os taes *particularisados successos.*

» Aly-Ibn-Iussu (Abul Hassan) continuava a rei-
» nar tanto no Andaluz como no Maghreb; mas a re-
» volução politica e religiosa, que devia acabar dentro
» de pouco tempo com a dynastia lamtunense, tinha
» principiado e tomava cada vez maior incremento, ha-
» via perto de vinte annos. Um berebére de illustre as-
» cendencia, Abu-Abdallah-Mohammed-Ibn-Tamurt,
» tendo estudado a theologia musulmana com o celebre
» El-Ghazaly de Bagdad, convencido da superioridade
» da propria sciencia, resolveu fundar uma nova seita
» no occidente. Perseguido, não tardou a cobrar repu-
» tação, e por consequencia a ter sectarios. Foi dos pri-

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 319.

» meiros um mancebo, berebére como elle, por nome
» Abd-el-mumen, que Abu-Abdallah escolheu para dis-
» cipulo querido, e seu ajudador naquella missão que se
» attribuíra. Depois de correr varias cidades do Magh-
» reb, o novo reformador veio a Marrocos, onde come-
» çou a prégar contra os costumes e erradas opiniões dos
» almoravides. Contentaram-se estes de o expulsar da
» capital, como um seductor do vulgo; mas elle foi es-
» tabelecer a sua morada n'um cemiterio visinho, aon-
» de concorriam a ouvir-lhe as praticas os seus devotos,
» praticas nas quaes, como é facil de antever, não pou-
» pava os almoravides » (1). Ora quem poderá encon-
trar, quem, digo, que não esteja inteiramente mente-
capto e varrido de toda a luz, e acção do discernimen-
to, em toda esta fielmente copiada passagem, algum pe-
riodo, enunciado, frase, ou termo, que em qualquer
sentido que se queira tomar, denote ou indique algum
ponto de relação com a historia de Portugal? Nem um
só vislumbre proximo, ou remoto, linha recta, ou zi-
guezague, alguem jámais ha de achar da tal imaginada
relação, *intima connexão*, ou ponto de contacto! — Pe-
lo contrario todo o mundo racional ha de com justiça
vociferar que o trecho transcripto é o mais audacioso e
disparatado encabeçamento da historia de Marrocos na
historia de Portugal. E' alli que elle tem o seu natural
e inamovivel jazigo; sem que jámais historiador algum
nacional ou estrangeiro ousasse naturalizal-o ou perfi-
lhal-o nas paginas da historia de Portugal. Uma historia
portugueza com costella marroquina é por certo mons-
truosidade de hediondez intoleravel!

Porém acaso o começo da tal revolução do *berebére*, que depois teve o cognome, ou o quer que é, de *Mahadi*, foi no reinado de Aly-Ibn-Iussuf, como refere a mencionada passagem? Não o concedemos. Foi no reinado de Taxefin-Ben-Aly, como já o asseverára o erudito escriptor do Exame Historico (2). — Na Monarchia Lusitana acho eu que *em 1102 governava o imperio da Africa e Espanha Joseph Aben Taxefin Rey dos Al-*

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 319.
(2) Pag. 8 §. 4.º

moravides (1). Este foi o primeiro Rei de Marrocos (da Dynastia dos Almoravides) que veio a Hespanha em soccorro dos Mahometanos hespanhoes, ou antes de D. Affonso VI, que com elles se tinha alliado, no anno de 1097, segundo Ferreras, e morrera em 1110, conforme o mesmo historiador (2). E' bem de ver que por esta computação, se não coincidindo, pelo menos prendendo quasi com o fim do reinado de *Joseph Aben Taxefin*, essa épocha que o Historiographo portuguez expressamente designou para o principio da tal *revolução politica e religiosa* (*perto de vinte annos* antes da morte do berebére, acontecida em 1130); é bem de ver, digo, que ainda á vista destes dados caduca de novo a sua asserção historica. Para salvar-se da entallação era preciso provar. 1.º Que *Aly-Ibn-Iussuf* succedera a *Joseph Aben Taxefin*. 2.º Que a revolução do Mahadi já existira *perto de vinte annos* durante o reinado de *Aly-Ibn-Iussuf*. Nem uma, nem outra cousa ha de porém poder fazer o historiador *Luso-Marroquino*!...

Continuemos porém ainda a ver (se bem que não com indifferença) a ver, sim, *arabizar* e *marroquinizar* a historia do paiz. Eis-aqui o texto: — » Neste tempo » (1120) tomou elle (falla do berebére, que deu origem á dynastia dos Almohades) » o nome de Mahadi, » que, segundo a tradição arabe, era um chefe podero- » so, que no fim dos seculos devia vir ao mundo recon- » duzir os homens aos verdadeiros caminhos do islamis- » mo. Seguiam-no já muitos; e o émir pensou seria- » mente em acabar com este perigoso profeta. Saben- » do-o a tempo, o Mahadi fugiu para Tynmal, na pro- » vincia de Sus, onde se fez acclamar iman, ou summo » pontifice, e proseguindo entre os rudes montanhezes a » missão que emprehendêra, em breve augmentou o nu- » mero dos seus sectarios a ponto de se fazer temido. » Denominou-os almuhades (el-muahhedin) ou unita- » rios; porque um dos objectos a que mais se dedicava » era a provar a unidade de Deus, e, tanto que pôde » ajuntar vinte mil homens capazes de pegar em armas,

(1) Livro 8.º, cap. 20.
(2) Tom. 3.º pag. 281, e 313.

» recorreu ao systema de conversão musulmano — a
» guerra. Desde 1122 até 1130, em que o Mahadi fal-
» leceu, os almuhades augmentaram em poder e em
» numero com repetidas victorias contra os almoravides.
» Por morte do profeta, Abd-el-mumen, que entre os
» seus primeiros discipulos fôra o que elle sempre dis-
» tinguira, soube obter para si a dignidade de iman, e
» continuando com prospera fortuna a combater os seus
» adversarios, vendo-se já obedecido n'uma grande par-
» te do Maghreb, declarou-se emir-el-mumiuin, ou ka-
» lifa, titulo que nenhum dos émires lamtunenses, ape-
» zar de dominarem na Africa e na Hespanha, ousára
» tomar para si » (1). Viu alguem jámais, ou espera
ver uma encampação mais escancarada e solemne da historia Maghrebina, ou por outra, da costa occidental da Barbaria sem tir-te nem guar-te para a nossa historia? Nunca. Nem a historia de Portugal, por mais malacueca e empiematica, que a modernice a queira affigurar, nunca soffreu um ataque epileptico de similhante, nem equivalente magnitude. — Porém que? Ignorará o historiographo portuguez que a mania de entulhar a historia com contos da Mauritania já merecêra na antiguidade a justa censura do critico Luciano? Pois saiba que lha fez muito bem a não sei que intromettido escrevinhador de historia, que com supina inepcia veio á balha com a narcotica historieta do Mouro Mausacas (2). E que duvida póde haver de que o Mahadi faz bem o papel de Mausacas na historia de Portugal?

Se o escriptor portuguez se não tivesse mettido a importador de historietas barbarescas para um terreno tão diverso, e alheio, não teria, além da mais inconveniente, e repugnante extravagancia, não teria, digo, cahido tambem em outros descuidos, tão usuaes áquelles que se mettem em seára alheia! — Um delles foi o dar-nos o termo *émir-el-muminin* como synonimo de *kalifa!* Haja vista á redarguição que lhe fizera o erudito e critico arabista portuguez (3). Em apoio deste acha-

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 320.
(2) Na Arte Historica.
(3) Exame Historico etc. pag. 11 e 22.

mos a respeito de Emir a seguinte explicação: » Titre que les Mahométans donnent à tous ceux qu'ils » croyent de la race de Mahomet. Ce titre est fort res» pecté de ces peuples, et donne droit de porter le tur» ban verd. *Emir*, joint à quelque autre terme, devient » un nom d'Office parmi les Turcs. Il signifie *Com» mandant* » (1). Prescindindo porém da enorme, e abortiva transplantação barbaresca para o terreno da nossa historia; acaso a anomala monstruosidade, olhada em si mesma, deverá ficar illesa de levar alguma beliscadura critica no proprio amago do seu conteúdo? Não o acreditamos. A pêllo observamos pois: 1.º Que nem na historia do arabe Assaleh traduzida por Moura, nem na historia de Conde, ambas citadas pelo Author, se encontra *Mahadi* designado pelo nome sesquipedal, e que não é para qualquer guéla portugueza proferir sem ficar estrompada: *Abu-Abdullah-Mahammed-Ibn-Tamurt*. 2.º Que é falso que o mencionado impostor tomasse o nome de Mahadi no anno de 1120, como refere o nosso historiador. Debaixo do anno de 1116, escreve o historiador *Assaleh*, segundo a versão de Moura, o seguinte: » Como Mahadi era o primeiro do seu seculo na arte de » fallar, e nas sciencias de fé; e conservava de memo» ria os preceitos do profeta; e era dotado de eloquen» cia, *principiou a divulgar entre os povos, que elle era » o Principe Mahadi*, annunciado e esperado no fim dos » seculos etc. » (2). E' no referido anno de 1116 que Conde tambem assevera que Abdalah se dera o titulo de *Mahadi* (3). Vê-se por tanto o historiador portuguez desmentido pelos mesmos Authores, que em a nota cita a seu favor. 3.º Que não é exacção historica o dizer: *Que elle logo que pôde ajuntar vinte mil homens capazes de pegar em armas recorreu ao systema da conversão musulmana — a guerra*. Assaleh diz: » Não tendo cessado » as tribus, e turbas de se lhe virem apresentar, e com» primentar até se achar *com mais de vinte mil Almu-*

(1) Manuel Lexique ou Dictionnaire portatif des mots françois, dont la signification n'est pas familiere à tout le monde.

(2) Historia dos Soberanos Mahometanos etc., cap. 43, pag. 188.

(3) Historia de la Dominacion de los Arabes en España, Tom. 2.º, Cap. 26, pag. 214.

» *hades* das tribus de Mossameda etc. (1). Tendo esco-
» lhido *um exercito de valorosos Almuhades etc.* » (2). O historiador portuguez está pois de encontro, e pelo menos de esguelha ao que refere o escriptor arabico. O Portuguez determina precisamente o numero sem mais, nem menos, o Arabico indica-o indeterminadamente para mais. E note-se que esta é a mesmissima opinião de Ch. Romey na Historia de Hespanha (3). — Conde igualmente argue com o seu testemunho a asserção do historiador portuguez. Eis-aqui as suas palavras: » Asi
» fué que llevava tras si de la tribu Masamuda *mas de*
» *veinte mil hombres*, y de estos escogió para las armas
» *diez mil valientes* » (4). Vinte mil homens que o historiador portuguez deu ao exercito de Mahadi para dez mil que lhe dá o historiador hespanhol contém differença para menos de grande calibre!

Vamos em fim a concluir a copia da deslocada, e arrepanhada passagem da historia barbaresca, que sem despacho, passaporte, nem guia viera intrusamente naturalizar-se nas paginas da chamada, ou pelo menos inculcada como *nornal*, historia de Portugal: » No meio
» destes acontecimentos chegou o anno de 1137. A Te-
» mim, seu irmão, Aly substituira no governo de Hes-
» panha o proprio filho e successor, Tachfin. Era o prin-
» cipe sarraceno activo e valente: sustentava com es-
» forço a guerra nas fronteiras christans, e cominha com
» energia os musulmanos d'Andaluz, mal soffridos de-
» baixo do jugo almoravide. Porém esse espirito da in-
» dependencia dos indigenas, em grande parte de raça
» arabe, e inimigos dos lamtunitas berebéres, que, não
» contentes de os dominarem, os opprimiam, começou
» a mostrar-se claramente apenas foram sabidos na Pe-
» ninsula os triumfos dos almuhades, e que a potencia
» almoravide começava a declinar. Os districtos de Hue-

(1) Na Historia citada dos Soberanos Mahometanos, pag. 194.
(2) Ibid. pag. 194.
(3) Mohadi, dont le parti se grossissait tous les jours, eut bientôt sous ses ordres une armée *de plus de vingt mille hommes*, qui s'engagérent à combatre pour lui jusqu'à la mort contre les Morabits. (Tom. 6.º, pag. 13 e 14.)
(4) Tom. 2.º, Cap. 26, pag. 222.

» te e Alarcon sublevaram-se, e a cidade de Cuenca ou-
» sou resistir a Tachfin, que viera socegar aquelles al-
» vorotos. Entrada á força, os seus habitantes foram
» passados á espada. No meio destes symptomas tanto
» de recear, o principe sarraceno recebeu ordem de seu
» pae para passar ao Maghreb. Os exercitos do émir
» eram destroçados em quasi todos os recontros com os
» sequazes de Abd-el-mumen, já senhor de grande par-
» te das provincias do imperio, com o que a ruina da
» dynastia lamtunense parecia eminente » (1). Tudo isto, além do mais deste paragrafo, que aqui omittimos (pois que já ficou transcripto e analyzado na segunda parte da nossa Obra (2)) que lado, ou costado tem, ou denota ter por onde se dê a conhecer estar em alguma *nuance* ou gráo de cognação, ou affinidade com a historia portugueza? — Por mais que qualquer notabilidade do progresso intellectual, que não tenha pêco, nem eiva no miolo, agatanhe, amarrote, e escorche tudo quanto ha de regras, e contra-regras nos dominios do paiz da hermeneutica, ou fóra della; debalde conseguirá haver em resultado a plausivel descoberta de algum liço, ou fio por onde prenda, ou se agarre o laço de alguma sorte de parentesco, ou de qualquer outra relação.

Demos porém (por uma concessão puramente de apparato argumentativo) que a historieta do Mahadi e o mais que lhe diz respeito, tivesse alguma relação com a historia de Portugal. Era por ventura esta para logo se qualificar de *connexão intima* com ella, como se exprimira o nosso historiador? Nunca. Se o historiador portuguez reparasse, como devia, na força da significação da palavra adjectiva — *intima*, não abusaria tão enormemente della, para conspurcar a sua historia com mais um erro de vulto tão crescido. — Se o escriptor portuguez pois, antes de lançar ao papel similhante qualificativo, examinasse primeiro qualquer dos nossos Diccionaristas, ou, por todos elles, os Synonimos por D. Francisco de S. Luiz; havia de reconhecer que a tal *intimidade* não passava de um parto de imaginação alta-

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 320 e 321.
(2) A pag. 8 a 11 etc.

mente romantica. Acharia que a palavra *intima* denota, segundo o judicioso pensar daquelle grande litterato, o ponto intrinseco, ou mais profundo, e entranhado em que uma cousa está em contacto com outra. Conheceria o historiador pouco advertido que se *interno* significa o que é ou está de dentro; *interior* o que é ou está mais de dentro; *intimo* exprime o que é ou está muito mais dentro. — Assim veria que na ordem moral as affecções que nascem ou partem do fundo do coração, ou do mais recondito do espirito humano são caracterizadas com a qualificação de *intimas*: que na ordem physica as cousas materiaes tem igualmente seus *intimos*. Uma casa, por exemplo, tem *seus intimos*; e entre estes conta o Author dos Synonimos os *retretes*! — Em resultado de tudo o expendido, como se poderá sem notoria falsidade asseverar que a mencionada passagem da historia barbaresca esteja em connexão tão apertada, e estricta com a historia de Portugal, como se viera do fundo do seu coração, ou do mais recondito do seu espirito? Quem mesmo ha de sustentar que possa ter nella um logar escuro e internado, como o *retrete* no edificio? Ninguem por certo que conheça e avalie a força philologica do termo — *intimo* (1). Para agora porém fazer ver com maior evidencia a futilidade monstruosa d'aquella intrusão historica, e ao mesmo tempo a sofistica *gibosa* e achavascada, com que subrepticiamente com tão mal postiça e deslavada côr se pretende reduzir á caturrice a grandeza da Batalha de Ourique; investigaremos 1.º Se a revolução *politica e religiosa* do Maghreb urdida, e ateada por Mahadi vigorou na épocha precisa em que o historiador portuguez a puzera, e anichára? 2.º Se, quando vigorasse na dita épocha, poderia influir alguma cousa para tornar crivel o imaginado mingoamento d'aquelle tão glorioso Feito?

Quanto á primeira questão é na verdade ponto incontroverso que o tal *Aly-Ibn-Iussuf* não só nada tivera que fazer com o famoso *Mahadi*, porém nem sequer lhe era possivel imaginar que viria a ter. E como não ha

(1) Vej Ensaio sobre alguns Synonymos da Lingua Portugueza, por D. Francisco de S. Luiz, tom. 1.º, artigo CXCV.

de ser assim; se o tal *Aly-Ibn-Iussuf* (por outra *Iussof*, filho de *Taxefin*) por appellido *Abu-Iacub* nasceu em o anno 400 da Hegira, 1006 da era de Christo, e falleceu no anno 500 da mesma Hegira, anno de Christo 1106; tendo-se Mahadi declarado contra os Almoravides no anno 515 da Hegira, 1121 da era de Christo? A' vista desta chronologia fica evidente que Mahadi só se pronunciára inimigo da dynastia lamtunense 15 annos depois da morte de *Iussuf*. — Sendo isto assim (o que ninguem ousará negar) que historiador poderá dar ao prélo, em tom de dogma, sem notavel sinete de ignorancia, que *a revolução politica e religiosa, que devia acabar dentro de pouco tempo com a dynastia lamtunense* não só *tinha principiado*, mas até *tomava cada vez maior incremento*, no espaço *de perto de vinte annos*, do reinado do mencionado *Iussuf* (1)? Para que o escriptor portuguez se pozesse ao alcance da materia não era preciso deitar grande livraria abaixo. Bastaria que examinasse e lêsse com attenção a por elle citada *Historia dos Soberanos Mahometanos por Assaleh* (2), para não vir conspurcar a historia com mais um falsete. — Poderia tambem consultar a Casiri; e nelle encontraria, em logar de Aly-Ibn-Iussuf, *Ioseph Ben-Tachefin*, o primeiro dos Almoravides que reinou em Hespanha, e a ella veio pela primeira vez em 1086 de Christo e 479 da Hegira, morrendo em 500 da mesma era (3). — Em que reinado pois aconteceu o começo da *revolução politica, e religiosa de Mahadi?* Folhêe o escriptor Portuguez a mesma Historia dos Soberanos Mahometanos por Assaleh, e ha de achar que foi no tempo de *Aly-Ben-Taxefin* acclamado em 1106; e que este, e não o tal *Iussuf*, foi que tomou o appellido de *Abu-al-hassan* (4). — Se quizer ainda pesquizar mais o caso ha de descubrir que o anno de 515 da Hegira e 1121 da era de Christo, em que Mahadi declarára guerra aos Almoravides, fôra aquelle mesmo, em que regressára Aly pela segunda vez da Hespanha para a Mau-

(1) Veja-se a passagem da Historia de Portugal já transcripta a paginas 9 e 10.
(2) Cap. 36 a 42, pag. 149 a 185.
(3) Bibliotheca Arabico-Hispana, tom. 2.º pag. 216 etc.
(4) Cap. 40, pag. 173.

ritania, deixando naquella sobejas provas do poder lamtunita (1). Ha de finalmente achar que tendo *Aly* fallecido no anno 537 da Hegira, 1142 de Christo, e subido então ao throno seu filho *Taxefin-Ben-Aly*, fôra, pela morte desastrosa deste, acontecida no anno da Hegira 539, e de Christo 1145, que terminára a guerra que Mahadi e seus sectarios atearam contra a sua dynastia; ficando então de todo victoriosa a dynastia dos *Almuhades* (2). — Se outra vez quizer consultar Casiri (3); ha de achar mais um escriptor com voto na materia em apoio do que asseverâmos. — Se alguem, ou elle quizer ainda mais *troco*, póde folhear a obra de Mr. Chénier — *Recherches Historiques sur les Maures et Histoire de l'empire de Maroc* (4); e ha de achar que, pelo que diz este escriptor, a revolução de Mahadi teve logar no reinado de *Brahem*, filho de *Ali*, e não no governo de *Ali-Ibn-Iussuf*, como na historia de Portugal se affirmára. — Finalmente para coroar a obra, diremos que ha quem siga que a revolução de Mahadi (ou Almohadi) não só começára no reinado do filho de *Ali-Al-Abraham*, a quem tambem dão o appellido de *Brahem*, mas até que ella acontecêra vinte e cinco annos já passados do seu reinado (5). E por esta occasião notamos que ha quem diga que a guerra do Mahadi não terminára neste reinado; porém de seu filho *Isaac* ou *Ishak* (6). — Neste sentido não esqueça de lembrar ao Historiographo portuguez que Mr. d'Herbelot dá a destruição da dynastia dos Almoravides pelos Almohades no anno da Hegira 520, 1126 de Christo; sendo o ultimo d'ella *Ishak* ou *Isaac*, irmão de Ali e filho de Josef, segundo se acha estampado na *Bibliotheca Oriental*, artigo — *Morabethah*. — Ahi nota o Orientalista ser esta a chronologia dos escriptores Arabes, embora os historiadores hespanhoes es-

(1) Assaleh, Cap. 40, pag. 181, Cap. 42, pag. 185.
(2) Assaleh, Cap. 40, pag. 182. — Cap. 41, pag. 184.
(3) Bibliotheca Arabico-Hispana, tom. 2.º, pag. 216 etc.
(4) Tom. 3.º, pag. 269 etc.
(5) Histoire Universelle etc. d'une Société de Gens de Lettres, tom. 26, pag. 153.
(6) Histoire Universelle etc., tom. 26, pag. 155. — Cardonne, Histoire de l'Afrique et de l'Espagne, tom. 2.º, pag. 262 e 263.

tendam a duração da dynastia dos Almoravides até o anno da Hegira 539 e 540. — Com esta tão robusta e assestada artilharia de frisantes testemunhos, que por diversas maneiras estão em opposição ao que assevera o historiador portuguez, fica a todas as luzes evidente que a plataforma que se armou tão ineptamente, deslocada da historia barbaresca, contra a façanha de Ourique, manqueja, e fica assás derrocada mesmo pelo lado do espeque da coincidencia chronologica, em que se apoiava. Manquejará de todo se adoptarmos a opinião do erudito Arabista portuguez. Descobriu-nos elle, e authenticou-nos por meio de documentos arabicos, até então desconhecidos do publico neste paiz, que a *pretenção do celebre El-Mohdy* (vulgo Mahadi) só começára no reinado de *Taxefin-Ben-Aly* (opinião que preferimos áquellas que ficam já apontadas), que succedera a Aly-Ben-Taxefin; e que outrosim ella tomára maior *incremento* no meio do reinado do 4.º imperador da dynastia dos morabithins, que foi *Ibrahim-Ben-Taxefin*; nada tendo por conseguinte com a batalha de Ourique, que foi no reinado de *Aly-Ben-Taxefin*, para esta ser depreciada pela causal da distracção ou desfalque *das forças musulmanas da Peninsula*, motivado pela revolução religiosa e politica do chefe dos *Almuhades* (1).

Quanto á segunda questão: Demos que a revolta do Mahadi coincidisse com a épocha da Batalha de Ourique. Acaso esta coincidencia traria inherente comsigo a circumstancia de fazer diminuir a grandeza do feito glorioso do Campo de Ourique, por causa da forçosa retirada, ou transporte das tropas musulmanas da Peninsula hispanica para os dominios Mauritanos, conforme escrevera o Author da Historia de Portugal (2); a fim de acudirem áquella revolta? De nenhuma sorte. Respondem de mãos dadas contra a mais nojenta e anti-nacional innovação, a dialectica e a historia. Sim; para se poder formar argumento que fulcro tenha, tirado do enfraquecimento das forças musulmanas na Peninsula,

(1) Exame Historico etc. §. 4.º
(2) Tom. 1.º, pag. 321. — Este logar já ficou transcripto na Segunda Parte desta Obra, a pag. 8.

contra a famosa Batalha de Ourique, era não só necessario demonstrar sem replica a grandeza innumera da gente, que pelo tempo d'aquella Batalha os Mouros tivessem retirado da Peninsula hispanica para o Maghreb; mas tambem sobremodo indispensavel o fazer evidente a todo o mundo, que a partida, ou remoção de taes forças deixaram os Reis, Regulos ou Governadores mauritanos nas Hespanhas em tal estado, que não poderiam precisamente por essa épocha, já fosse de per si, já collectivamente, reunir grande copia de tropas para darem um campal e renhido combate. Nem uma, nem outra cousa porém é demonstravel, por mais que parafuzem os *romantizantes*, e ponham todo o affan, a fim de a encaixar em algum ponto do circulo da probabilidade; antes a contraria. — Que tropas, que forças militares são essas que o Tachefin transportára comsigo da Peninsula hispanica, que pela deficiencia, e desalento que a sua ausencia produzíra, tiveram a prodigiosa fatalidade de fazer que os musulmanos no Campo de Ourique offerecessem contra o exercito de D. Affonso o caricato espectaculo de um bando ridiculo de uns poucos de bonifrates, e manicacas; como para menospreciar aquelle glorioso feito dos Portuguezes se intenta inculcar? Seriam por ventura aquellas transportadas forças de um vulto tal que só numericamente designadas bastariam por si mesmas para que n'um simples emprego dos raios visuaes se ficasse conhecendo, que a tal sangria marcial de necessidade pela indole e grandeza della havia de causar mortal deliquio no poderio musulmano da Hespanha? Folhêem-se as historias; e ellas virão desmentir solemne e formalmente a garrulice innovadora. — Com effeito em que logar falla a *Historia dos Soberanos Mahometanos, escripta em arabe por Abu-Mohammed*, e traduzida por Moura, da retirada de um exercito musulmano da Hespanha em companhia de Taxefin, para a Africa, que deixasse em o nadir do marasmo e prostração o resto das forças que ficaram na Peninsula? Em parte alguma. Eis-aqui as suas palavras: » No anno » 532 (1137) passou o Principe Taxefin da Hespanha » para a Mauritania, depois de ter combatido, e toma- » do de assalto a cidade de Segovia, levando comsigo

» seis mil captivos » (1). Haverá pois alguem tão rombo e sandeu de intelligencia, que á vista de tão claro testemunho ainda insista na realidade da decadencia das forças mahometanas na Peninsula pela ida de Taxefin para a Africa; a fim de deprimir a estimativa, em que sempre fôra tida a Batalha de Ourique? Ha de concluir forçosamente o contrario, logo que der com os olhos na caravana dos *seis mil captivos*, que Taxefin, por amor das duvidas, foi levando comsigo para o solo africano, quando se retirou de Hespanha. E na verdade quem poderá affirmar, sem dar ao publico a mais exuberante prôva de falta de miolo, que, por aquella medida do Taxefin, *ficassem desguarnecidas* na Peninsula *as praças musulmanas, e rareadas as fileiras dos lamtunitas?* (2)

Vejamos agora o que diz outro documento, que longe de ser rejeitado pelo historiador portuguez, é para elle tambem trunfo. Fallamos da Chronica de D. Affonso VII. Refere pois ella o que se segue: » Post hæc autem Rex Texufinus abiit trans mare in Civitatem, » quæ dicitur *Marrocos* in domum patris sui Regis Hali, et transtulit secum multos Christianos, quos vocant *Musarabes*, qui habitabant ab annis antiquis in » terra Agarenorum: et item tulit secum omnes captivos, quos invenit in omnem terram, quæ erat sub dominio ejus, et posuit eos in urbibus, et in Castellis » cum cæteris Christianis à facie illarum gentium, quos » vocant *Muzmotos*, qui debellabant omnem terram » Moabitarum (3). » Da passagem que se acaba fielmente de transcrever claramente se conhece que toda a gente, que comsigo trouxera o Taxefin da Peninsula hispanica, quando viera para Marrocos, se reduz 1.º: *A muitos Christãos, que chamam Muzarabes, que habitavam desde antigos annos na terra dos Agarenos.* 2.º *A todos os captivos, que achou por toda a terra, que estava debaixo do seu dominio, os quaes elle pôz nas cidades e Castellos com os mais Christãos do partido d'aquellas gen-*

(1) Cap. 41, pag. 182.
(2) Hist. de Portugal, tom. 1.º, pag. 321.
(3) No § 64 da Chronica de D. Affonso VII. — Vem no tom. 21 da España Sagrada, por Flores, pag. 373.

tes, que chamam Muzmotos, *que debellavam toda a terra dos Moabitas.* Ora digam-me agora os imparciaes entendedores se esta comitiva de dois tão diversos e destacados matizes (Christãos *Muxarabes* e Christãos *Muzmotos*) que comsigo transportára para a Mauritania o celebre Taxefin, póde ter jámais, nem ainda em romance, quanto mais em uma historia, que se tem pelo *elixir* da exactidão, a qualificação de *flôr das tropas almoravides, que traziam sopeados os musulmanos andaluzes e defendiam as fronteiras contra os Christãos?* (1) Ninguem por certo ainda aninhou, nem empoleirou nas abobadas cerebrinas a superfina extravagancia de compaginar uma *flôr de tropas* de elementos tão heterogeneos, e repugnantes. — Outrosim quem ha de sériamente proferir, e naturalizar em os dominios typographicos que a exportação para fóra da Peninsula da tal e quejanda gente pelo Taxefin, reduzira as forças lamtunitas, que ficaram em Hespanha, á impossibilidade de se poderem reunir em numero grandioso para combaterem no Campo de Ourique? Pelo contrario não é preciso reflectir muito para conhecer que a medida posta em pratica por Taxefin, longe de diminuir as forças lamtunitas na Peninsula, indirectamente as augmentára. Note-se que a gente, que elle comsigo levára para Marrocos, não era tal que pela sua nacionalidade, e communhão religiosa, lhe devesse merecer plena confiança, se a deixasse em Hespanha. Eram elles, parte *Christãos Musarabes*; e não era de esperar que estes, se ficassem na Peninsula, combateriam nas fileiras musulmanas com muita segurança e firmeza contra os seus correligionarios, os *Christãos independentes*; mas antes que se encorporariam, logo que pudessem, com a tropa delles: parte eram prisioneiros dos exercitos d'aquelles combatentes, que militavam debaixo das bandeiras de Reis Christãos; e a respeito destes ainda era mais perigoso deixal-os ficar em Hespanha. — Um escriptor já citado confirma aquillo que dissemos a respeito dos Musarabes. »Tachefin Ben-Ali, refere elle, fez passar comsigo a Marrocos uma parte dos » Musarabes, que estavam em seus dominios de Hespa-

(1) Hist. de Portugal, tom. 1.°, pag. 321.

» nha, tanto *porque havia suspeitas da sua fidelidade*, » como porque o Rei de Marrocos tirava delles bom » partido nas guerras, que a inconstancia de seus vassal- » los entretinha em seus estados (1). » Tirados por tanto taes elementos, que, longe de ajudar, necessariamente haviam de estorvar, e entorpecer a acção das forças mahometanas nos dominios da Hespanha; fica evidentissimo que ellas, pela politica preventiva de Tachefin, tornando-se mais desaffrontadas d'aquelles estorvos, não só nada perderam do vigor em que se achavam, mas até ainda mais se consolidaram nelle. O argumento pois do historiographo portuguez é caracteristicamente contra-producente!

Falta-nos a authoridade de Conde. Que conterá porém ella que possa servir de alguma escapula ao innovador? Nada. Transcrevamos as suas palavras: » Pa- » só como digimos el Principe á Africa llevando en su » compañia la flor de la caballeria de los Almoravides, » que hizo notable falta para las revueltas y turbacio- » nes que en España se suscitaron con su ausencia: y » asimismo llevó cuatro mil mancebos Cristianos de » Andalusia, muy diestros en las armas, que serviran » en la caballeria de su guardia (2). » Está perfeitamente de accordo o texto da *Historia da Dominação dos Arabes e dos Mouros em Hespanha*, redigida por M.r. de Marlès, segundo a traducção do arabe em hespanhol feita por D. José Conde, cujo é o logar que deixamos copiado? Não está. Eil-o aqui: » Taxfin se fut éloigné » des rivages espagnols emmenant avec lui ses meilleurs » soldats et quatre mille cavaliers muzarabes, dont il » avait composé sa garde (3). » Aquelle diz que Taxefin levára comsigo *a flôr da cavallaria dos Almoravides*: Este indistinctamente *os seus melhores soldados*. Aquelle

(1) Tassefin Ben-Ali fit passer avec lui à Maroc une partie de Muzarabes qui étoient dans ses domaines d'*Espagne*, autant parce qu'on suspectoit leur fidelité que parce que le Roi de *Maroc* en tiroit un bon parti dans les guerres, que l'inconstance de ses sujets entretenoit dans ses Etats. (Recherches Historiques sur les Maures etc. Par M. de Chénier, tom. 2.º pag. 41).

(2) Historia de la Dominacion de los Arabes en España etc. tom. 2.º Cap. 36, pag. 286.

(3) Tom. 2.º pag. 361.

accrescenta que a levada *flôr da cavallaria dos Almoravides fizera notavel falta para as revoltas e turbações que pela sua ausencia se suscitaram em Hespanha*. Este, nem sequer uma só palavra traz, por onde se conheça que alludira áquelle resultado. — Qual delles terá razão? Não a tem por certo o escriptor hespanhol, cuja passagem citára o historiador portuguez em a nota da sua Historia. Estamos antes pela omissão de Mr. de Marlès. Não foi a falta de gente, que comsigo transportára o Taxefin para a Africa, que dera motivo á decadencia da dynastia lamtunense na Hespanha. Tal affirmar seria a mais risivel caricatura. A sua decadencia data desde a impossibilidade em que os puzera a guerra com os Almuhades na Mauritania, de soccorrer os seus dominios em Hespanha. » No anno 519 (1124) principiou a » decahir a dynastia lamtunense, e a apparecer a sua » fraqueza: e como os seus Soberanos se tinham occu» pado em combater Mahadi, e os Almohades, seus » proselytos, que se tinham levantado contra elles nos » montes Atlanticos, não poderam mais auxiliar o paiz » da Hespanha, cujos estados enfraqueceram, por terem » sido confiados aos seus proprios recursos. » Assim se exprime o historiador arabe *Abu-Mohammed Assaleh* (1). E quanto não é preferivel esta authoridade áquella em que sem o devido exame se fundára o historiador portuguez? Todos sabem que este historiador arabe fôra uma das fontes, aonde Conde fôra beber. A preferencia do original ao compilador é geralmente reconhecida, quando este manqueja. — Do que fica exposto se collige que tanto o principio, como a enorme conclusão, que delle se pretendia deduzir, vem a terra pela deficiencia dos mesmos esteios, em que blazonavam estar apoiados.

Para fazer conhecer porém mais radicalmente a falsidade com que o *neoterismo* historico lança mão da exaggerada *fraqueza* dos Mouros na Peninsula hispanica, a fim de deprimir a grandeza da Batalha de Ourique; daremos ainda uma idéa do seu estado de força militar, avaliada pelos varios successos de armas, que

(1) Historia dos Soberanos Mahometanos etc., traduzida por Moura, Cap. 42, pag. 186.

tiveram logar na Hespanha, desde o anno de 1124, em que começára a decadencia do imperio dos lamtunitas na Peninsula até o de 1139, em que teve logar a Batalha de Ourique. — No decurso pois de quinze annos que symptomas se deixam historicamente ver, por onde se possa colligir que as forças dos lamtunitas em Hespanha se achavam em o mais marasmatico definhamento, quando compareceram no Campo de Ourique? Nenhuns, dirá todo o mundo que analyzar a materia. Abram-se os livros historicos, folhêem-se dentro do mencionado periodo. Ha de se achar que logo no anno de 1124 » á vista da conducta que os Christãos Mozarabes » tinham tido com o Rey D. Affonso (conducta aliàs louvavel, pois que se reduzia a implorar a sua protecção) » os Mahometanos lançaram mão da maior parte » dos Christãos, que tinham ficado entre elles, e os fi» zeram passar a Marrocos, onde se tinham já tirado del» les grandes serviços » (1). Este despotismo cheio de crueldade e vingança, debalde se poderá attribuir a atonia ou fraqueza da parte dos Mahometanos. Temos porém factos mais positivos.

No anno de 1125 » os generaes dos Almoravides » em Hespanha, resolvendo-se vingar dos males que D. » Affonso, Rei de Aragão, lhes tinha feito, invadiram » seus estados com um poderoso exercito e puzeram tu» do a fogo e a sangue. O Rei achou-se em tal aperto » que para reprimir a audacia dos Mahometanos foi pre» ciso enviar a França a fim de pedir soccorros aos Se» nhores limitrophes, obrigando-se por juramento a con» ceder-lhes terras e dignidades em seus dominios para » recompensar o seu valor » (2). Quem toma a inicia-

(1) A la vûe de la conduite que les Chrétiens Mozarabes avoient tenue avec le Roi Don Alfonse, les Mahométans se saisirent de la plûpart des Chrétiens, qui étoient restés parmi eux, et les firent passer à Maroc, où l'on en avoit déja tiré de grands services. (Ferreras, Histoire Generale d'Espagne, tom. 3., pag. 361 e 362).

(2) Les Généraux des Almoravides en Espagne, résolus de se venger des maux que ce Monarche leur avoit faits, fondirent sur ses Etats avec une puissante Armée, et mirent tout à feu et à sang. Au bruit de leurs hostilités, le Roi envoia en France demander des secours aux Segneurs limitrophes, s'engageant par serment, à leur accorder des Terres et des Dignités dans ses propres Domaines pour

tiva de uma invasão, que obriga o seu adversario, para se defender, a buscar soccorro em paiz estrangeiro, prova eminentemente, que, longe de inculcar definhamento em suas forças, lhe é nellas superior.

No anno de 1126, a 13 de Agosto, » se empenhou » entre Mouros e Christãos, nas montanhas do reino de » Valença, um dos mais sanguinolentos e renhidos com» combates, que durou a maior parte do dia » (1). O General *Alhamin* trouxe em soccorro de *Amorga*, Governador de Valença, um *bom corpo de exercito* na occasião em que D. Affonso se achava internado nas montanhas com suas tropas para aprisionar aos Mouros seus rebanhos. *Amorga*, fazendo juncção com *Alhamin*, marcharam ambos contra El-Rei D. Affonso, que elles sitiaram nestes logares escarpados, e o houveram em tão estreito cerco durante tres dias, que se imaginaram ter os Christãos no matadoiro. Foi tão grande o perigo, em que se achou D. Affonso, tanto pelo numero dos Mahometanos, que o cercavam, como por causa do logar onde elle se achava, que julgou que sem o soccorro do ceo não se poderia tirar d'aquella penosa situação. Nesta conformidade ordenou a todas as suas tropas que se dispuzessem pela penitencia, pelo jejum e pela oração, a attrahir sobre suas armas a Benção do Deos dos Exercitos, a fim de poderem abrir uma passagem á ponta da espada pelo meio dos Infieis, pois que era esta a unica resursa que lhes restava (2). Acaso denota o menciona-

récompenser leur valeur. (Ferreras, Histoire Generale d'Espagne, tom. 3.º pag. 364).

(1) Il se livra un combat des plus sanglants et des plus opiniâtres, qui dura la meilleure partie du jour. (Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 369).

(2) Le Général Alhamin amena un bon Corps d'Armée à son secours, dans le temps que le Roi Don Alfonse s'étoit engagé dans les Montagnes avec son monde pour enlever aux Mahometans leurs troupeaux. Amorga s'étant joint à lui, ils marcherent tous deux contre le Roi Don Alfonse, qu'ils assiégerent dans ces lieux escarpés, et qu'ils tinrent si bien enfermé pendant trois jours, qu'ils s'imaginerent avoir les Chrétiens dans la Tuerie. Don Alfonse, connaissant toute la grandeur du peril où il étoit, tant à la vûe du nombre des Mahometans, qui l'environnoient, qu'à cause du lieu où il se trouvoit, comprit qu'il ne lui falloit rien moins que le secours du Ciel, pour le tirer d'un mauvais pas; c'est pour quoi, il

do facto algum vislumbre de decadencia nas forças lamtunitas da Hespanha? O contrario dirá todo o mundo que o ler. Note-se agora que o referido successo teve logar já em tempo em que a guerra de Mahadi se achava altamente ateada na parte septentrional da Africa; no anno mesmo, a seguirmos a opinião de Mr. *d'Herbelot*, em que fôra destruida pelos Almohades a dynastia dos Almoravides (1).

Neste mesmo anno, durante pois que D. Affonso se achava em Valença, os Mahometanos de Lerida e Tortosa, aproveitando-se da sua ausencia, fizeram uma incursão nos confins de seus Estados, aonde elles commetteram algumas hostilidades. Combateu-os, é verdade o Conde de Barcelona D. Ramon; porém a perda foi igual de parte a parte (2). — Foi no anno de 1126 (520 da hegira) que Taxefin, nomeado por seu Pai Governador de toda a Hespanha, para onde partira *com cinco mil homens de cavallaria, tendo mandado convocar as tropas do paiz, com ellas sahiu a fazer hostilidades para as partes de Toledo, aonde tomou por assalto um dos seus castellos, e pôz em perturbação a sua comarca* (3). — Da mesma historia consta que o principe Taxefin neste mencionado anno *derrotara os Christãos em Fahassessabab, fazendo nelles uma terrivel mortandade e expugnára trinta castellos no paiz occidental, do que deu parte a seu pai* (4). Serão pois estes acontecimentos provas de estarem *rareadas* na Peninsula hispanica as *fileiras* das tropas mahometanas? Quem o affirmar pronuncía sem du-

ordonna à toutes ses troupes de se disposer par la penitence, pour le jeûne, et par la priére, à attirer sur leurs Armes la Bénédiction du Dieu des Armées, à fin de pouvoir s'ouvrir une passage à la pointe de l'épée au milieu des Infidelles, puisque c'étoit la seule ressource qui restoit. (Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 369).

(1) Biblioth. Orient. art. *Morabethah.*

(2) Pendant que ce Prince étoit dans la Valence, les Mahométans de Lerida et de Tortose, profitant de son éloignement, firent une incursion sur les Confins de ses Etats, où ils commirent quelques hostilités. Don Raymond, Comte de Barcelone les combatit avec perte égale de part et d'autre. (Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 370).

(3) Assaleh etc., Cap. 40, pag. 182.

(4) Assaleh etc., Cap. 40, pag. 182.

vida contra si proprio a mais fulminante criminação de rematada inepcia. Todo o homem sensato ha de porém concluir de taes factos contra a mais audaz innovação!

Mas se percorrermos ainda mais a historia, havemos de achar que no anno de 1130 os *Mahometanos de Lerida, Tortosa e Valença fizeram tambem uma incursão nos confins dos Estados do Rei de Aragão. Sahiram-lhes ao encontro D. Estevão, Bispo de Huesca, e D. Gastão, Visconde de Béarne com as tropas que tinham; mas ambos elles morreram na acção* (1). — Folheêmos mais; e acharemos escripto (comprehende-se no anno de 1131) que — *Da mesma sorte que as incursões dos Christãos em as terras dos Mahometanos eram continuas, igualmente eram frequentes as dos Mahometanos nos dominios Christãos* (2). — Continuem os curiosos a empregar a acção do apparelho ocular na leitura da mesma pagina. Hão de ahi encontrar logo em seguimento a terrivel emboscada que nos suburbios de Toledo armaram contra os Christãos neste mesmo anno o atrevido *Farax*, Alcaide de Calatrava, e os *Alcaydes* de Santo Estevão, e de Oreja ou Aurelia (mas não *Cazorla!*), que áquelle tinham reunido suas tropas. Foi n'aquella emboscada que fôra morto o Governador do districto D. Guterres Hermegildes com a maior parte da sua gente, e ficou prisioneiro Nuno Affonso, Alcayde de Mora.— Hão de igualmente achar que *D. Rodrigo Gonzalez*, os dois Alcaydes d'Escalona, *D. Domingos Alvares* e *D. Diogo Alvares*, seu irmão, e bem assim o Alcayde de Ita *D. Fernando Fernandes*, que pretenderam reprimir a audacia dos Mahometanos, foram todos por elles derrotados; sendo grande a carnagem no exercito Christão (3). — Ago-

(1) Les Mahométans de Lérida, de Tortose et de Valence, firent une incursion sur les Confins de ses Etats. Don Etienne, Evêque de Huesca, et Don Gaston, Vicomte de Béarn, marcherent à leur rencontre avec les Troupes qu'ils avoient, et leur livrerent bataille; mais ils périrent tous deux dans l'action. (Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3, pag. 379).

(2) De même que les incursions des Chrétiens sur les Terres des Mahométans étoient continuelles, de même celles des Mahométans étoient fréquentes dans les Domaines des Chrétiens. (Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 381).

(3) Farax, Alcayde ou Gouverneur de Calatrava, et les Alcaydes

ra note-se que foi nestes entrementes que *Taxefin Ben Hali*, filho do Rei de Marrocos, chegou da Africa com um grande numero de Almoravides; pretendendo logo de caminho com as tropas dos Alcaydes *Aben-Azuel*, de Cordova, e *Aben-Zeta*, de Sevilha, e outros da Andaluzia, levar a effeito o plano de cahir sobre o reino de Toledo, a fim de arrazar a maior parte das cidades com a Capital (1). — Foi neste mesmo anno que *El Rey de Badajos por nome Albucazan convocando neste tempo o mayor exercito que pode, fez entrada pellas terras da Beira, e destruindo algũas povoações dos Christãos menos fortificadas, chegou a por cerco á villa de Trancoso* (2).

Percorramos o anno de 1132. Havemos de lêr que *Taxefin Benhali* viera com todas as suas tropas atacar os districtos de Toledo, e que assaltando á meia noite o castello de Azeca o tomára e demolíra. Não é só isto. O governador, depois de ter perdido perto de trezentos homens, ficou prisioneiro com muitos outros, que com elle foram enviados a Marrocos. Não parou aqui. *Taxefin* atacou depois *Bargas*, aonde muitos Christãos perderam a vida. D'ahi marchou contra o castello de S. Servando, e o tomou depois de ter morto cincoenta homens (3). — Tão pouco é para esquecer que foi neste

de Saint Etienne et Oreja ou Aurelia aiant réuni leurs Troupes, entrerent de nuit dans la Banlieue de Tolede. — Don Gutierre Hermégildez, Commandant du Pais..... donna dans l'embuscade.... mais accablé par la multitude, il périt avec la meilleure partie de son monde. Nuñe Alfonse, Alcayde de Mora, fut fait prisonnier. — Don Roderic Gonçalez.... Dominique Alvarez et Don Diégue Alvares son frere, tous deux Alcaydes d'Escalona et Fernand Fernandez, Alcayde d'Ita, se mirent en devoir de réprimer leur audace..... Ils (les Mahométans) les defirent.... avec toute son monde..... de sorte que pour cette fois ils repandirent beaucoup de sang Chrétien. (Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 381 e 382).

(1) Sur ces entrefaites, Taxefin Benhali, fils du Roi de Maroc, arriva d'Afrique avec un grand nombre d'Almoravides. Il donna ordre aussi-tôt aux Alcaydes Aben-Azuel de Cordue, Aben-Zeta de Séville et d'autres d'Andalousie de preparer leurs Troupes.... à dessein de fondre sur le Roiaume de Tolede, pour en raser la plûpart des Villes avec la Capitalle. (Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 382).

(2) Monarchia Lusitana, tom. 3.º Liv. 9.º Cap. 21, folh. 100 v.

(3) Taxefin Benhali s'avança dans le voisinage de Tolede avec toutes ses troupes, et se presenta devant le Chateau d'Azeca. Aiant

mesmo anno que *Omar Alcayde de Sevilha, convocando todos os governadores de Andaluzia com todas as tropas do seu governo, viera ao encontro do conde D. Rodrigo e com elle travara huma acção sanguinolenta, cuja sorte foi incerta por algum tempo* (1). Mais é ainda para lembrar a tremenda carnagem que Taxefin, reunindo numerosas tropas contra o conde D. Rodrigo, depois da derrota de Omar, fizera nas forças dos Salamanquezes, que tinham ido invadir os estados dos Mahometanos (2).

No anno de 1133 acharemos gravado na historia o facto da reunião de um numeroso exercito, que Taxefin aggregára de todas as partes com o fim de conquistar Toledo (3). — Foi neste mesmo anno que Taxefin atacou a *Cantara Mahmud*; tomando-a de assalto (4). — Passemos ao anno de 1134. E que apresenta elle, que positivamente não continue a desmentir a falsissima asserção do Author da Historia de Portugal? Havemos de achar acontecida neste anno a fatalissima victoria de *Aben-Gama* contra os Christãos. No entrementes que D. Affonso Rei de Aragão estava para tomar posse da praça de Fraga, rejeitando as proposições dos sitiados, a historia refere que *Aben-Gama*, governador de Valença, ao mesmo tempo que fizera levantar numerosas tropas tanto em seus estados, como em Murcia e Andaluzia, dera igualmente parte a Taxefin, que se achava em Marrocos, a fim de lhe enviar algum soccorro. Taxefin lhe enviou dez mil homens, que juntos ás tropas de Sevilha, Cordova e Granada, se foram incorporar no exercito de Aben-Gama. *O combate foi dos mais sanguinolentos; e ainda que os Christãos fizeram prodigios de valor, o que*

donné dans le milieu de la nuit un assaut à cette Place.... il emporta et la démolit. Le Gouverneur fut fait prisonnier avec plusieurs autres, aprés avoir perdu prés de trois cens hommes, et fut envoié à Maroc, de même que tous ceux qui furent pris avec lui. Ensuite Taxefin attaqua Bargas, où plusieurs Chrétiens perdirent la vie. De-là il s'avança jusqu'au Chateau de Saint Servand et le prit aprés y avoir tué cinquante hommes. (Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 385).

(1) Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 386.
(2) Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 386 e 387.
(3) Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 387.
(4) Assaleh, Cap. 40, pag. 182.

tornou algum tempo a victoria duvidosa; por fim opprimidos pela multidão, foram inteiramente derrotados (1). Este memoravel, e lastimoso acontecimento quanto por si mesmo não está proclamando que as *filciras* dos *lamtunitas* não estavam *rareadas*, como escrevera o historiographo portuguez!

No anno de 530 da Hegyra e 1135 de Christo derrotou Taxefin em *Fahasse-Atia multidão de Christãos, dos quaes feneceram muitos* (2). Neste mesmo anno achamos escripto em nossas chronicas que uma das razões por que D. Affonso Henriques (então Infante) mandou fundar o Castello de Leiria, foi para reprimir a furia dos Mouros (3). — Ignora alguem que tenha noticia das nossas historias que foi no anno de 1136 que o Mouro Eujuni viera pôr cerco a Coimbra com um numerosissimo exercito (4)? — Foi neste mesmo anno que Taxefin, advertido dos grandes males, que o Conde D. Rodrigo tinha feito soffrer a seus vassallos, convocou todos os seus Alcaydes; reunindo um forte corpo de cavalleria e infanteria com outras tropas, que tinha trazido da Africa para o atacar (5). — Foi neste anno que Taxefin tomou de assalto a cidade de Carquio ou Carpio, na qual não ficou pessoa alguma com vida (6). — » Em Hespanha (historía o modernissimo Ch. Romey) » continuava o princi-
» pe Taschfin suas expedições contra os Christãos com
» grande vantagem. No anno 530 (1136) houve com
» elles hũa sanguinolenta batalha em *Fohos Atyya*;
» em que os derrotou, e venceu com horrivel mortanda-
» de » (7).

No anno de 1137 veremos os Mahometanos das partes de Sevilha, e da Estremadura entrarem nos Estados do Principe de Portugal D. Affonso Henriques com um

(1) Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 389 e 390.
(2) Assaleh, Cap. 40, pag. 182.
(3) Monarchia Lusitana, tom. 3.º Cap. 25, folh. 106.
(4) Europa Portugueza, tom. 2.º pag. 39.
(5) Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 400.
(6) Assaleh, Cap. 100, pag. 182.
(7) En Espagne le Prince Taschfin continuait ses expeditions contre les Chrétiens avec un grand succès. En 530 (1136) il eut avec eux une sanglante bataille à Fohos Atyya; il les defit et les vainquit avec une horrible carnage. (Hist. d'Espagne, tom. 6.º pag. 35).

poderoso exercito, tomarem de assalto o castello de Thomar, e demolirem-no; passando toda a guarnição ao fio da espada. — Veremos os Alcaydes mahometanos fazerem frente *com numerosas tropas* a D. Rodrigo, Governador de Toledo, que na sua incursão contra os Mahometanos penetrára até Serpa (1). E não foi neste mesmo anno *que Taxefin combatera, e tomára de assalto a cidade de Segovia, levando comsigo para Marrocos seis mil captivos?* Sem duvida (2). — Segundo a narrativa de Romey foi n'esse mesmo anno que o Principe Taxefin correu o territorio de Huete e Alarcon; tendo tomado de assalto a cidade de Cuenca, que lhe tinha resistido; cujos habitantes sem excepção passára ao fio da espada (3).

Temos o anno de 1138. Acaso ha algum successo de caracter extraordinario, que convença a alguem de que as forças dos Mahometanos ficaram por elle inhabilitadas de comparecer em grande numero no anno seguinte em o combate de Ourique? Quem tal affirmasse ficaria com toda a razão exposto á irrisão publica e permanente dos que cultivam a historia. Aponte o innovador historico, se é capaz, esse successo tão estupendo, e memoravel, que forçosamente havia de produzir aquella inhabilidade. Ha de necessariamente ficar mudo! Rir-se-ha todo o mundo se alguem affirmar que fôra o revez (unico evento desastroso de que ha memoria na historia de Hespanha contra os Mouros neste anno) que

(1) Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 403 e 404.
(2) Assaleh, Cap. 40, pag. 182.
(3) En 531 (1137) le prince Taschfin courut le pays de Huebte et Alarcon. La cité de Cuenca ayant resisté, il la prit d'assaut et en passa les habitans au fil de l'épée sans épargner personne. (Hist. d'Espagne, tom. 6. pag. 35). — O Historiador Portuguez escreveu: » Os districtos de Huete e Alarcon sublevaram-se, e a cidade de » Cuenca ousou resistir a Tachfin, que viera socegar aquelles alvo- » rotos. Entrada á força, os seus habitantes foram passados á espa- » da. » (Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 320 e 321). — Qual dos dois historiadores será mais exacto? Eu vejo que o citado author da historia de Hespanha refere que *Cuenca* fôra tomada de *assalto*, ao mesmo tempo que o historiador portuguez menciona que fôra *entrada á força*. Será uma, e a mesma cousa? Não podemos admittir synonimias, que ninguem ainda reconheceu! Haja vista aos Philologos!...

soffrera uma porção de tropa, que guarnecia Coria, que cahira em uma emboscada (1)!...

Somos chegados ao anno de 1139. Que acontecimento *phenomenal* foi esse que com a vehemencia e rapidez do raio reduziu a um perfeito *caput mortuum* todo o exercito mahometano, a ponto de ser antes uma irrisão, que uma realidade de combatentes no Campo de Ourique? Ouçam: Foi a tomada de Oreja que falsamente o Escriptor portuguez chamou *Cazorla!*... E haverá quem não despeje uma rinchavelhada de estrondo? Já assás e de sobejo fizemos ver a inepcia, o disparate, a caturrice da lembrança (2)!

Continuemos a transcrever as fanfarronadas do fantasioso historiador para de caminho lhes irmos applicando o indispensavel e proficuo correctivo. — » Entrados » na épocha da batalha de Ourique e constrangidos pe- » lo ás vezes bem triste dever da sinceridade a reduzir » ás dimensões verdadeiras um facto, que á tradição de » seculos aprouve cercar de fabulas não menos absurdas » que brilhantes, cumpria-nos dar a conhecer a situa- » ção d'esses homens, que nos campos do Alemtejo vi- » nham combater com os duros cavalleiros de Affonso » Henriques (3). » Como é isto? E' acaso argumento de *sinceridade* o ir angariar á historia de paiz estranho, e adestrar a seu modo successos que nada directa, nem indirectamente tem com o objecto; para deprimir o primeiro dos factos mais insignes da historia do seu paiz? Mas que digo?... E' por ventura minimo indicio, vislumbre sequer de *sinceridade* o tirar illações de taes successos (aliàs já viciados em sua mesma exposição!); illações, digo, que nem proxima nem remotamente nelles se contém, a fim de incutir menoscabo por um prodigio militar, que todos os historiadores tanto nacionaes como estrangeiros sempre tiveram em grande valia? Se não lhe quizerem dar a qualificação caracteristica de — má fé — chamem-lhe pelo menos presumpçosa igno-

(1) Ferreras, tom. 3. pag. 407.
(2) Veja-se o que a proposito deixámos escripto em a Segunda Parte desta Obra; desde pag. 40 até 54 etc.
(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 322 e 323.

rancia!... — Ainda é mais. E' um insulto feito a todos os historiadores!... Na verdade se elle se julga *constrangido do dever da sinceridade* para votar ao vilipendio um facto que todos os outros (prescindindo já de circumstancias theocraticas) tiveram sempre em singular apreço; segue-se que os mais historiadores foram levados do impulso do vicio opposto para asseverarem o contrario. Ora existindo entre nós o estudo da historia ha tres para quatro seculos, e sendo os seus cultores de sentimentos contrarios aos sentimentos do actual historiador portuguez, é bem para concluir, segundo os seus principios, que só elle é o unico *author sincero*, que tem escripto a historia de Portugal; sendo todos os outros uns *impostores* e *trapaceiros*. Que tal é a pertenção!... E' a mais audaciosa e caricata que neste genero tem existido no universo da philaucia!... E com que ignominia de tanta gente, a quem o presumpçoso não era capaz de chegar, não direi já aos calcanhares, porém nem sequer ás palmilhas!...

Porém que *dimensões verdadeiras* são essas, a que elle pertendera *reduzir* o facto de Ourique? Acaso entenderá o innovador historico por *dimensões verdadeiras* essa caravana de successos, que elle a seu sabor foi empalmar á historia *hispano-marroquina*, para com ella, como bateria de grosso calibre, desmoronar e destruir a grandeza da Batalha do Campo de Ourique? Ninguem jámais asseverará que acontecimentos transplantados da historia de paiz estranho, que nenhuma influencia nem directa, nem indirectamente tiveram na existencia ou não existencia de um facto, fossem invocados no jury da critica com o caracter de *dimensões verdadeiras* para avaliar a natureza d'esse mesmo facto. Um tal compasso critico seria em si mesmo a maior e mais pronunciada irrisão! — Os factos que podem servir de *verdadeiras dimensões* a qualquer facto em questão são tamsómente aquelles que com elle tem estreita e positiva ligação; que entre si são connexos como a causa com o effeito. A incompatibilidade de um facto não se demonstra sem fazer ver de uma maneira incontestavel a impossibilidade ou contradicção da sua existencia com a simultaneidade dos outros factos. Esta demonstração porém não

póde ser obra d'esse desenfreado *romancismo*, que arvora em campanudos principios destacados factos, que nenhuma incompatibilidade encerram contra a grandeza do acontecimento, que se intenta combater. — E mesmo quem poderá admittir que depois de tantos engenhos de profunda erudição e sciencia (em presença dos quaes o novissimo historiador nem sequer ousaria arrojar o escabello de aprendiz), depois sim de tantos talentos da mais elevada polpa litteraria não se terem feito cargo de tal e quejanda incompatibilidade; agora só elle tivesse o exclusivo privilegio de descobrir a tal decantada incognita? Até o argumento de prescripção o fustiga!...

Agora perguntarei: Que *tradição de seculos* foi essa *que aprouve cercar de fabulas não menos absurdas que brilhantes o facto* de Ourique? — Acaso pretender-se-ha com similhante generalidade anniquilar a grandeza de uma façanha, que a historia tanto nacional, como estrangeira sempre reconhecêra? Nunca se poderá conseguir intento tão profundamente absurdo! — A asserção do *historiador* porém não deve ficar sem ser chamada ao tribunal da analyse. — Que *tradição de seculos* (novamente perguntarei) foi essa que *aprouve cercar de fabulas não menos absurdas que brilhantes* aquelle facto? Foi por ventura uma tradição popular nascida da ignorancia e do erro, que tal *aprouve*; ou antes uma tradição toda filha da illustração e da realidade do facto, e suas circumstancias? Foi a primeira, responderá por certo o historiographo. Porém que provas dará elle da affirmativa? Não poderá dar alguma. — Será a segunda? Se é esta, não é crivel que uma tradição de um tal caracter cercasse de *fabulas não menos absurdas que brilhantes* o facto de Ourique. Nesta hypothese aquillo que o innovador chama *fabulas*, por certo que o não são. — São admissiveis ambas as hypotheses, replicará o antagonista da acção theocratica na Batalha de Ourique. Concedemos; e isto é já bastante para inutilizar a asserção do adversario. Porém se ambas as hypotheses são admissiveis, qual dellas o será mais? A segunda, dizemol-o com toda a affouteza. Na verdade, quando se observa que os homens de talento mais conspicuo de uma nação reconhecem desde seculos como verdadeiras as cir-

cumstancias de um facto, embora só transmittidas á historia (visto que para o antagonista nada valem documentos de veneração avoenga!) pelo canal da tradição; por sem duvida que este signal é assás caracteristico de que ella não é do numero das fabulas populares. Se porém o historiador portuguez tiver (o que estamos longe de suppôr) que tudo quanto vem da tradição é fabuloso; creia que o seu pensamento, além de falso e extravagante em historia, é até heterodoxo.

Ainda todavia (deixando o mais que é matinada de bumbo romantico e não sem falsete (1)) no paragrafo da transcripta passagem alguma cousa ha que não póde ficar sem ser contestada: » O armisticio, tão fa» cilmente concedido por Affonso VII aos esforçados » defensores d'Aurelia, prova que o verdadeiro estado » dos negocios na Africa era por elle bem conhecido. » A sua apparente generosidade, que aliàs fôra um gran-

(1) O trecho que omittimos, e que precede ao que vamos a copiar é o seguinte. » Era uma seita agonizante debaixo dos golpes da » sua feliz e vigorosa rival; era a estrella da dynastía lamtunense » que se eclipsava; era um povo, conquistador recente, que sentia » agitar-se-lhe em roda sedento de vingança o povo subjugado, e » qual virtualmente conspirava com os seus proprios e antigos ad» versarios, os christãos, para a ruina daquelles, que se podiam cha» mar inimigos d'uns e d'outros; inimigos dos sarracenos hespa» nhoes por tyrannia politica; dos christãos por odios de crença e » por emulação de conquista. » Quem haverá que possa dizer que um tal *imbroglio* de palavrosa obscuridade seja proprio da simplicidade e clareza, que demanda o estillo historico? Ninguem que saiba o que as cousas são e devem ser. Porém que *seita* é essa *agonizante*, que por tantos annos tão terriveis estragos ainda faz nas tropas dos Christãos, como já fisemos ver pelos factos, que apontámos? Póde acaso ter o nome de *agonisante* quem dá tão sobejos signáes de vida? E tão de sobejo, que até destroe, e tira aguerridamente a vida aos outros? Não por certo. A palavra *agonizante* involve portanto falsete historico!

Agora perguntaremos o que quer significar a expressão: *conspirar virtualmente*, que no trecho vem appropriado ao *povo subjugado sedento de vingança*? Conspirar *ás claras*, *ás escondidas* etc. é linguagem que todo o mundo entende. *Conspirar* porém *virtualmente*, e frase enigmatica que precisa de commento. Esperamos por elle!... Perguntaremos igualmente: Como é que a um povo *subjugado sedento de vingança* póde quadrar bem a idéa de *conspirar virtualmente*? E', ou não ajoujo romantico?... Quanto ao qualificativo *subjugado*, corre parelhas, e pelo mesmo motivo, na área da veracidade, com o termo *agonizante*!...

» de erro, estribava-se, por certo, na certeza que tinha » da inutilidade della para os sitiados (1). » — Quem disse, ou porque via dos humanos conhecimentos alcançou o historiographo que a causal do *armisticio tão facilmente* concedido por Affonso VII aos esforçados defensores de Aurelia (que é *Oreja* e não *Cazorla*, como tão estonteadamente se asseverára!) fôra o bom conhecimento que elle tinha do estado dos negocios na Africa? Tirou por ventura o escriptor esta especiosa asseveração de documento algum escripto, ou da tradição constante? Um silencio afflictivo e torturante ha de ser a sua unica e precisa resposta.... Em que outro fundamento pois historico estribou a mencionada asserção? Em nenhum; ha de responder por elle a nua e crua verdade. E' apenas uma rematada e arrebicada conjectura!... Como é porém que, sem offender a boa critica, se póde pronunciar em tom dogmatico e cathegorigo, como se fosse um facto provado, aquillo que não passa de uma pura deducção gratuita sem algum fundamento? — Neste mesmissimo caso está a *apparente generosidade* que se assaca ao Imperador. Viveu o historiador com elle, sondou de perto o seu animo, para com tanta segurança ajuizar das suas intenções? Assim parece ter feito quem tão desempeçadamente affirma que elle *se estribava por certo na certeza que tinha da inutilidade della* para os sitiados! — Porém para que ha de vir o transtornador historico, com secante repiza, á scena com a tomada ou o quer que é de *Aurelia*, como prova e contra-prova do estado de decadencia e marasmo de forças em que se achavam as tropas mauritanas nas Hespanhas na occasião do combate de Ourique; se este combate foi realizado havia tres mezes e alguns dias antes d'aquella tomada, e dois mezes e mais antes do armisticio (2) que a precedeu? — Se acaso elle dissesse que a Batalha de Ourique tinha sido a causa d'aquella tomada, e mesmo decadencia dos Almoravides, ainda talvez teria desculpa; porém escrever o contrario é dar existencia ao effei-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 323.
(2) Vej. Ferreras, Histoire Gen. d'Espagne, tom. 3.º pag. 411, e 412.

to antes da causa; o que é o pinaculo da maior miseria dialectica!... E' na verdade antes conjecturavel que o grande revez, que os Mouros soffreram em Ourique concorresse para mais depressa pedirem o armisticio, e depois se entregarem os *esforçados defensores de Aurelia* (qualificação que por certo não quadra com o estado de desanimação, em que o Historiador retrata os lamtunenses!); e não que a entrega dessa praça fosse uma das causas do desalento, e deficiencia de forças dos Musulmanos na Batalha de Ourique. O Historiador deu pois a um effeito uma causa, que não existia! Uma ontologia porém desta viseira e catadura é altamente romantica, e profundamente falsa!

A' vista do que mais de uma vez (1) fica discutido e provado ácerca da perfeita nullidade do armisticio, e tomada de Aurelia para o fim, a que se propôs o historiador portuguez; quem haverá que tenha bojo para ainda aguentar a nojenta tautologia, que adiante se lê em outro paragrafo, em que o historiographo pretende ainda embutir o cerco de Aurelia como *indicio evidente da impotencia do imperio lamtunense?* » Era-o (diz elle) » agora tambem o cerco de Aurelia, praça militar im» portantissima para que os Sarracenos houvessem de » consentir em que estivesse posta impunemente em a» pertado sitio, se lhes fosse possivel soccorrel-a (2). » Esta fórma e theoria discursiva é que é *evidentemente* a mais estrambotica e *impotente* que se conhece. Quem jámais se lembrou de arvorar em *indicio evidente da impotencia de um imperio* o não ter podido soccorrer, ou acudir ao cerco de uma sua praça? Acaso mesmo os grandes e robustos imperios tem o privilegio exclusivo de nada perderem no jogo ancipite da guerra? De nenhuma sorte. A historia do mundo é verdade que nos mostra successos de typo *anomalo*, que alguma vez tem decidido da sorte dos imperios. Foi porém jámais reputada nesta cathegoria a perda de *Aurelia?* Nunca. — E' além d'isto falsissimo suppôr que não *lhes fôra possivel* (aos Sarracenos) *soccorrel-a*. De feito os Almoravides

(1) Veja-se a Segunda Parte desta Obra, pag. 40 etc. etc.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 324.

inquestionavelmente a soccorreram. O historiador que confutamos adulterou pois o facto para o ageitar ao seu intento e mira!... Vamos a fazel-o ver. » Na verdade, diz o historiador portuguez, » Ibn-Ganyah, wali de Va-
» lencia, com outros cabos principaes das forças almo-
» ravides do Andaluz, tinham feito uma demonstração
» contra Toledo com o intuito de divertirem para a ca-
» pital a attenção do imperador, mas nem por isso este
» abrira mão da empreza em que estava empenhado, e
» os generaes almoravides haviam-se retirado sem tira-
» rem proveito algum da sua tentativa (1). » Assim se expressa o nosso escriptor; citando (na respectiva nota) em seu apoio a *Chronica de D. Affonso VII*, livro 2.º, capitulo 68. — Acaso está porém o conteudo do logar citado da Chronica de D. Affonso VII com a narrativa do Historiador portuguez? Não por certo. O Chronista de D. Affonso VII menciona como preliminar a resenha das forças reunidas dos Almoravides para soccorrer a Aurelia. O Historiador portuguez omitte esta circumstancia principal, e faz apparecer em trajes mais somenos a *demonstração dos mesmos Almoravides contra Toledo*, a qual longe de ser o seu unico, e immediato fim, como o indicado documento assás evidencía, foi apenas um meio estrategico, embora infructuoso, para, chamando alli as tropas inimigas, descercar *Aurelia*. — Além d'isto o historiador portuguez inculca o wali de Valencia como o principal na *demonstração contra Toledo*, quando a Chronica põe o seu nome depois de *Azuel*, Rei de Cordova, e de *Abenceta*, Rei de Sevilha. Se por compendiar lhe era licito occultar os nomes dos *outros cabos principaes*; por certo que o nome do primeiro não devia soffrer esta occultação para ser substituido pelo nome de *Ibn-Ganiah*, ou de *Aben-Gama*, como traz a Chronica, que ahi se designa em ultimo logar. » Et
» Rex *Azuel* Cordubæ et *Abenzeta* Rex Sibilliæ et *A-*
» *bengama* Princeps militiæ Valentiæ, hoc audito, con-
» tristati sunt et multum turbati sunt: et convocave-
» runt ceteros Reges et Principes et Duces et totam mi-
» litiam, et omnes pedites, qui erant in insulis maris:

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 324.

» et venit illis in auxilium alius exercitus magnus Moa-
» bitarum et Arabum, quos misit eis Rex Texufinus de
» Marrocos: et conjunctæ sunt illis maximæ turbæ pe-
» ditum, qui dicuntur Azecuti, qui sequebantur ma-
» gnas turbas Camellorum oneratorum farina et de o-
» mnibus escis, quæ mandi possunt; et erat numerus
» militum, fere triginta millia peditum et ballistario-
» rum non erat numerus (1). » — Além do mais, é para notar que esta narração positivamente está desmentindo a fraqueza em que o historiador portuguez tem pintado as forças dos Almoravides na proximidade de ter logar a Batalha de Ourique (2); e bem assim a estupenda obrepção com que omittira uma principal circumstancia com o fim de persuadir, que da Africa não tivera vindo soccorro algum aos cercados em *Aurelia*, ou *Oreja*. — Que todas as tropas mencionadas na Chronica de D. Affonso viessem em soccorro de Oreja, dil-o expressamente Ferreras (3) e todos os escriptores hespanhoes; sem que jámais alguem se lembrasse de a seu gosto *injectar* no paciente papel com physionomia de menor vulto aquella tamanha força, que tinha ido *fazer uma demonstração contra Toledo*. — Seja porém o que fôr; o acudir ao cerco de *Oreja* é a causa primitiva e real que

(1) Na España Sagrada, tom. 21, pag. 376, § 68.

(2) O soccorro de que trata a passagem transcripta da Chronica de D. Affonso VII, enviado para acudir a Oreja, teve logar, segundo a chronologia da mesma Chronica, no anno de 1139; anno em que acontecera a Batalha de Ourique. — Comparecendo já na Batalha de Ourique (realizada mezes antes da entrega de Oreja) com as outras da Peninsula, as forças que Tachfin tinha mandado de Marrocos para soccorrer Oreja (Aurelia); opinião que não é só minha, porem sim de Ferreras (Historia de España, tom. V pag. 307; desmentido fica que os Sarracenos para *cortarem o passo aos Christãos se servissem unicamente das forças, que partindo para a Africa, lhes deixára Tachfin*. (Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 325). — Dado porém que taes forças não comparecessem na Batalha de Ourique; como poderá o escriptor da Historia de Portugal conciliar *as cousas revoltas do Maghreb* (Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 324), que elle tão desfavoravelmente pinta para os lamtunitas, com o valente soccorro que o proprio Tachfin, seu ultimo dynasta, lhes enviára de Marrocos?... E' outra contradicção manifesta!...

(3) » Participò Ali el estado en que se hallaba, a Azuel, Alcalde » de Cordoba, á Abenceta de Sevilla. y Abengama de Valencia, » para que le socorriessen etc. » (Hist. de España, tom. 5.º pag. 304).

fez mover aquella tão grande machina; o que a referida Chronica claramente denotou pela expressão — *audito hoc.* — Aqui advertiremos que tendo o historiographo portuguez asseverado no periodo precedente a *impossibilidade* de os Sarracenos soccorrerem Aurelia; no periodo seguinte confessando a tal *demonstração*, que fizeram *os generaes almoravides contra Toledo com o intuito de divertirem para a capital a attenção do Imperador* (a fim de o obrigar a *abrir mão da empreza em que estava empenhado*) visivelmente reconhece a realidade do prestado soccorro. — E' mais uma taluda contradicção, que deve ir rebolindo para o elencho!...

A confessada *demonstração* prova outrosim não ser exacto que os *Sarracenos houvessem de consentir em que* (Aurelia) *estivesse posta impunemente em apertado cerco*, como o Author da Historia de Portugal n'aquelle mesmo periodo assevera. — Mal se poderá conciliar a impunidade absoluta (pois assim se inculca) do *apertado cerco* com aquella tão estrategica *demonstração dos Sarracenos!...* (Vej. Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 324).

Tornando agora outra vez a *Abengama*, que o Historiador portuguez (apaixonado *arabisador*, por não dizer affectado amador de termos do moderno molde *arabico*) denomina *Ibn-Ganyah*; a Chronica de D. Affonso VII mostra até que elle não entrava no numero, e muito menos ía á frente dos Alcaides, que tinham ido fazer a tal *demonstração* (vocabulo mais proprio para figurar em uma terminologia de theoremas, que para o logar em que o encaixaram) *contra Toledo*; o que novamente picúla o escriptor. — E' neste, e não n'outro sentido, que vamos ouvir a Chronica, que continúa: » Et moventes castra de Corduba, cœperuntque venire per regiam » viam, quæ ducit Toletum, et pervenerunt ad puteos de » *Algodor*, et ibi castrametati sunt: *et posuerunt insidias magnas, et occultas, et cum eis Abengamam Valentiæ Regem cum tota militia*, et præceperunt eis, et » dixerunt: Si Imperator occurreret nobis obviam ad » bellum, vos ex adverso ascendite in castris et omnes » viros bellatores occidite in ore gladii et succendite » castra flammis et munite Castellum militibus et pe- » ditibus, et armis, et omnibus escis, quæ mandi pos-

» sunt, et apud nos sunt in camellis nostris et aqua. » (1) Ora se Abengama ou Ibn-Ganyah ficou commandando a emboscada junto aos poços de Algodor (que parecem, segundo *Ferreras*, (2) estarem não longe de Ocaña e Yepes); como se póde sem transtornar a historia collocal-o á testa dos *cabos* que foram fazer a intitulada *demonstração* (o qual termo, repetirei, é *neotorismo* intoleravel na accepção historica, e que bem longe está de achar apoio em nossos classicos) contra Toledo? Certo que é arrojo estranhavel pôr á frente da tal *demonstração* (vamos com a dicção delle) um almoravide, que a Chronica de D. Affonso VII collocou em uma emboscada; citando de mais a mais o historiador portuguez em seu abono a mesma Chronica? » Deinde » *sequimini* vos (são expressões da Chronica) ubi scietis » nos esse: nos autem ibimus in *Toletum*, et ibi expe» ctabimus Imperatorem ad bellum (3). » Será *Abengama*, ou por outra o seu *Ibn-Ganyah*, que devia seguir os outros, o protagonista da tal marcha para Toledo? Do texto copiado sem duvida que ninguem o poderá colligir, antes o contrario.

Agora concluirei ainda quanto ao *soccorro* que o Historiador portuguez nega ou não tem por *possivel* que fosse dado a *Oreja*, ou *Aurelia*: Que não só os Almoravides a soccorreram, porém que este auxilio fez pôr em cuidado a Affonso VII, apenas os espias lhe participaram o que se passava. E' prova o tel-os ouvido em conselho d'Estado para ver o que havia de praticar; recebendo outrosim como *divino o conselho* de não levantar o cerco para *ir contra os Sarracenos.* » Venerunt au» tem exploratores Imperatoris ad eum in castra, et » narraverunt ei consilia, et facta Sarracenorum in con» spectu omnium magnatorum suorum, et Principum » et Ducum: et consilio divino accepto ne abirent con» tra Sarracenos in pugnam, sed ut castris expectarent » eos, Castellum perdi (4). » — Desminta agora, se é

(1) Na España Sagrada, tom. 21, pag. 376, § 68.
(2) Historia de España, tom. 5.º pag. 305.
(3) Na España Sagrada, tom. 21, pag. 376, § 68.
(4) Na España Sagrada, tom. 21, pag. 376.

capaz, o escriptor historico a Chronica que tão mal invocára em seu apoio! Debalde o tentará.....

Se não parecera já dar tunda em homem morto, e levar a zurzidela á nimiedade, haviamos ainda de perguntar ao esbelto historiador original, e exigir por amor á illustração, nos declarasse que motivo o levou de motu proprio, e sciencia certa a dar á decantada *Aurelia* o cathegorico e superlativo epitheto de — *praça militar importantissima*, (1) conforme em algures escrevêra? A Chronica de D. Affonso VII, que elle apontára em seu abono, certissimamente, como todo o mundo confessará, não dá a *Aurelia* similhante qualificação. Aonde pois iria o Escriptor epithetico encontrar, ou desencantar *Aurelia*, collocada em tão sublime escala? Seria acaso em algum historiador hespanhol, ou que escrevesse a historia de Hespanha como *Marianna*, *Ferreras*, *Romey* e outros? Em algum geographo como d'Anville, Agnès, Miñano? Em nenhum destes, nem em algum outro escriptor ha de achar proferida aquella estrepitosa hyperbole; por não lhe chamar bravata imaginaria! Para que ha de pois o nosso historiador metter-se a elevar á graduação de *praça militar importantissima* um local, que em parte alguma figura com similhante arrebique? E' expôr-se cada vez mais ao pino do ridiculo!... E aonde fica o gallicismo — praça militar *importantissima para que os Sarracenos houvessem de consentir em que estivesse posta impunemente em apertado sitio* (2)? Não deve ficar no rol por certo do esquecimento. O Historiador deveria pois saber que este é um dos gallicismos, de *abuso de frases e modos de fallar* que notára D. Fr. Francisco de S. Luiz no seu respectivo Glossario (3). Deveria antes escrever — praça militar de tão grande importancia que não era de esperar que os Sarracenos etc. Ou tambem: Praça militar, que por ser importantissima, não era para julgar ou para acreditar que os Sarracenos etc. — Não é só este porém o rombo que faz na linguagem classica a *modellar* historia de Portugal! Quantos delles!...

(1) Hist. de Portug. etc. pag. 324.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 324.
(3) A pag. 165.

Ainda teremos mais *Aurelia?* Ainda apparece novamente em scena para levar a competente pateada! No paragrafo seguinte da Historia de Portugal, na clausula de um periodo, vê-se ainda novamente invocado o nume tutelar de romantica imaginação, que o Author d'aquella Historia engendrou para dar quebranto e ingoio á Batalha de Ourique. » A invasão (diz ainda elle) » de Affonso Henriques parecia combinada, e por » ventura o era, com o commettimento de Aurelia pe» lo imperador (1). » Em que documento, ou monumento autographo ou apographo encontrou, leu, ou bispou o historiador portuguez termo ou expressão alguma por onde se podesse colligir algum simples vislumbre de uma tal e quejanda parecença? Em que Annaes, Chronica, ou Chronicon acharia elle transmittida á posteridade sequer algum viso de similhante *combinação?* Em parte alguma, nem em escriptor algum antigo, ou moderno, nacional, ou estrangeiro uma tal e tão anormal lembrança se ha de encontrar! Em que se fundára pois a tão original mencionada *combinação?* Na mais arbitraria, ficticia e romantica phantasia! Pois um dado de mera origem phantastica póde jámais servir de algum fundamento historico? Nunca. — Agora, prescindindo de fundamentos historicos, perguntarei ao Author da especiosissima imaginação, em que principio de tactica, ou estrategia se fundára para julgar ter havido combinação entre os dois guerreiros, a fim de que, emquanto um commettia *Aurelia*, o outro invadisse o *Alemtejo?* Aonde está o ponto de conveniencia commum, que devia fazer produzir a conjecturada *combinação?* Temos que o escriptor da historia de Portugal ha de dar o problema por indissoluvel! — O que não é porém problema, e sim verdade incontroversa, é que ninguem ainda dissera que a simultaneidade do cerco de Oreja diminuisse em alguma cousa a grandeza do successo do feito bellico de Ourique!. A extravagancia d'aquella imaginaria combinação tem por tanto o cunho da mais exotica originalidade! — Porém demos mesmo por possivel e provavel a tal conjectura. Não prova a referida supposta

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag 325.

combinação entre os dois Principes Christãos combatentes antes valentia nas forças dos almoravides, do que fraqueza? O historiador é ferido com as suas proprias armas!... Um inimigo que dá que fazer a dois guerreiros insignes, simultaneamente combinados, está bem longe de se ter em o desprezo, em que o historiador inculca as suas *rareadas fileiras* (1).

Temos até agora percorrido a periferia, para assim dizer, do ponto principal da questão; e nesta longa derrota assás tem sido patentes, e postas ao olho da evidencia as ulceras hediondas, que tem deturpado o typo da historia. Factos visivelmente falsificados, proclamados como principios historicos de natureza axiomatica; conjecturas de mero jaez romantico, arvoradas, ou antes embutidas, como veridicas deducções d'aquelles, são as mazellas de aspecto horrendo, que temos exposto aos olhos da humana intelligencia com a mais ingenua imparcialidade. — Quizeramos já entrar no centro, no amago mais intimo da discussão. Desejariamos ir a elle via recta. E' com tudo forçoso que torçamos ainda o caminho.

Que ha de ser? Se logo *chemin faisant*, sem exame, nem pesquiza se lobriga e topeta com um empecilho, que a critica, por mais peticega e morcega que queira ser, não póde deixar de tomar a tarefa de analyzar. E' nada menos do que a *fronteira de Santarem até Lisboa pela margem direita do Tejo* encaixada no Algarve!... Diz pois o Historiador: » Em vez de se encaminhar (falla de D. Affonso Henriques) » para aquella parte » do Al-Gharb, que se dilatava desde a fronteira de » Santarem até Lisboa pela margem direita do Tejo etc. (2). Que é isto? Temos a *fronteira de Santarem até Lisboa pela margem direita do Tejo* transplantada para o Algarve? Perguntará todo e qualquer leitor, que deparar com a nunca ouvida geographica esquipação. E' uma arabice tirada da Geographia de *Edrisi*, traduzida por *Jaubert*, da qual logo mais adiante se acha embutida uma longa aranzelada (3). Isto porém é um verdadeiro

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.
(2) Hist. de Portug. pag. 324.
(3) Vej. Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 325 etc.

sôro morboso introduzido no corpo historico! Na verdade; a que proposito vem aquella dimensão arabica? Traz por ventura á historia do paiz mais alguma claridade? Não por certo; antes confusão, que de todo o historiador evitaria, se fallasse pelo theor e fórma mais commum da geographia do paiz. Esta era sem questão a preferivel. — Além d'isto ainda nenhum historiador em circumstancias taes se lembrou de lançar a tenaz e filante ganchorra a similhante elemento assás heterogeneo. — Será pelo principio de ostentar erudição selecta, e mui recondita, que possa ser toleravel aquella inoculada, e embutida protuberancia? Tal ninguem dirá, ninguem asseverará; pois que é já velha e relha nos nossos escriptores historicos, e nos geographos a dimensão que os Arabes davam ao seu *Algharb*. » Os Arabes, diz um bem moderno escriptor, » estendiam esta denominação ás ter» ras da Hespanha occidental e meridional desde o Pro» montorio Sacro até Almeria, e ás terras fronteiras de » Africa desde a boca do estreito de Gibraltar até Tre» mecem, as quaes appellidavam reino de *Benamarim*, etc. (1). Fallou porém este, ou algum outro escriptor, da tal dimensão arabica que não fosse tratando especialmente ácerca do Algarve? Não por certo. A que proposito vem pois o nosso historiador, quando intenta fallar-nos da *expedição militar* de Ourique, pespegar-nos em corpo e alma pela prôa com a *maçada* da Geographia de *Edrisi* sobre o Algarve? A nenhum proposito. Ha de responder o critico ainda mais gelado, e narcotico, que bem souber conhecer que taes enxalmos não condizem com as leis da historia.

Porém já é tempo e mais que tempo de deixar de dar caça aos desmazelos de mero caracter (se é que o é) accidental. E d'estes, e d'outros de parentesco mui chegado, assás abunda a cada pagina o tal matagal histoco-romantico que se pavonêa com o titulo de Historia de Portugal do nosso famigerado escriptor! Deixemo-

(1) *Coregrafia ou Memoria Economica, Estadistica do Reino do Algarve*, por João Baptista da Silva Lopes, pag. 5. — Veja-se tambem *Diccionario Geografico* do P. Luiz Cardoso, na palavra — Algarve.

nos já sim de tirotear o inimigo de flanco, ou d'esguelha; e vamos a trote e marche-marche atacal-o de frente na caricata guarida, em que imperiosamente se acoita.

Era bem de ver e presumir, que tendo o Author da heterogenea e systematicamente incredula Historia de Portugal *dado*, como dizem, *por páos e por pedras*, e feito mais espalhafato que o Baccho de Camões, para banir e extirpar da alta cathegoria de grandeza, em que todas as historias do mundo tiveram collocado o feito heroico dos Portuguezes em Campo de Ourique; e bem assim (vergonha oh! das vergonhas, que não coubera jámais nos ambitos da mordaz e depressora lingua de algum franchinote, figadal inimigo da nossa gloria marcial!) e bem assim, digo, para que fosse privada até de gozar da singela e isolada estimativa de uma ordinaria *Batalha*; era bem de ver, repito, e colligir, que a façanha immortal, despojada do verdadeiro caracter de consideração, em que a sciencia critica e analytica dos factos (pondo de parte circumstancias theocraticas) constantemente a collocára; havia de figurar na depressora e monstruosa historia de Portugal, representada por uma nomenclatura de ultraje e insulto! Venha a publico o corpo de delicto.

» A audaz empreza do principe dos portuguezes fô-
» ra, como elle mesmo nol-o assegura, um verdadeiro
» *fossado*, isto é, uma dessas entradas que todos os an-
» nos se renovavam pelas fronteiras dos sarracenos, e
» para as quaes eram obrigados, pelas suas cartas de
» foral, os cavalleiros villões de diversos concelhos (1). »

— Em desaffronta da historia patria, peço aqui a attenção do universo intelligente. — E' por ventura verdade que o Principe dos portuguezes (D. Affonso Henriques) dera á *audaz empreza* de Ourique o nome de *fossado*, como affirma o recente e actual historiador portuguez? E' falsissimo.... Respondemos altamente com todos os registros dos orgãos da loquela. — Em que documento se estribára o historiador para assim qualificar a Batalha de Ourique, que ninguem antes delle achára nem tive-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

ra produzido para similhante intento? Cita o *Elucidario de Viterbo*, tom. 2.º, pag. 473, verb. *Fôro morto*. Aonde porém se encontra no artigo correspondente ao indicado titulo que D. Affonso Henriques dera á Batalha do Campo de Ourique a qualificação de *fossado?* Em parte alguma. Venha a publico e razo o citado artigo. Eil-o aqui: » *Fôro morto*. Casal de Fôro morto se chamava aquelle, que estava amortizado, livre, e isento » de qualquer fôro, ou pensão, o qual verdadeiramente » havia morrido, e espirado para o Directo Senhorio, » ou por Doação, ou compra ou por outro qualquer Titulo. No de 1139 e no mez de Julho, D. Affonso » Henriques, intitulando-se *Infante*, e indo de caminho para o *Fossado de Ladéra*, doou, e juntamente » vendeu a Monio Guimariz hum Casal em Travansela, termo de Satanan, o diz assim: *Et accepi in pretio de te uno caballo bono, et uno manto. Habeas tu » ipso Casale firmiter, et omnis posteritas tua à foro morto, usque in temporibus sæculorum... Facta Carta Donationis et Venditionis in mense Julii. E. J. C. 2. » XXVII.* Doc. de Vizeu. » — Quem se não ha de encher de pasmo, zanga e indignação profunda ao considerar a sem ceremonia, ou antes descaramento immundo com que se produz, em prova de uma cousa tal, um Documento, que, examinado elle, nem vislumbre, nem sombra sequer encerra d'aquillo que com elle se pretendia authorizar! — Aonde é que no transcripto artigo se encontra vestigio algum por onde se possa presumir que D. Affonso Henriques dera á *audaz empreza* de Ourique o nome de *fossado?* Em parte alguma; ha de necessariamente confessal-o toda e qualquer humana intelligencia, por mais curta e acanhada que possa ser. O historiador pois que similhante audacia, absurdo, e ignorancia escrevera miserrimamente se illudira e enganára!....

Porém acaso jámais teve, ou poderá ter a *audaz empreza do principe dos Portuguezes* em Campo de Ourique a denominação de *Fossado de Ladéra?* Nunca. E' o mesmo erudito *Elucidarista*, invocado pelo Author da Historia de Portugal, quem o vem sem replica zurzir. Ouça todo o mundo: » No mez de Julho de 1139,

» caminhando para o *Fossado de Ladera*, fez D. Affon-
» so Henriquez, intitulando-se ainda *Infante*, huma
» Doação, que se póde ver. V. *Foro Morto*, e V. *Fos-*
» *sado*. Nas Inquiriçoens Reaes se faz menção de huma
» terra chamada Ladeya, ou Ladeia não longe da fóz
» do Zezere. Ou digamos que a *Lãdeya* era o *Rabaçal*,
» por onde a estrada se encaminhava para Alémtejo;
» pois no L. 1. d'ElRei D. Affonso III. a f. 6. na T.
» do T., se acha a Doação que elle fez ás *Donas* de
» Cellas *a par da ponte de Coimbra*, (para que ellas o
» encommendassem a Deos) de toda a Decima, e de
» todo o Direito Real, que Elle, e seus Successores ti-
» nham, ou podessem ter na Herdade das mesmas Do-
» nas, no sitio da *Ladeya*, *quæ vocatur Babaçal*. Es-
» crita pelo seu Capellão, Eleito de Vizeu a 10 de Out.
» de 1254. Como quer que seja, parece fóra de questão
» que o Principe D. Affonso se hia chegando para o
» Campo de Ourique, onde naquelle mez, e anno lan-
» çou os fundamentos solidos á Monarchia Lusitana. »
(1). — Quem ha, e haverá, que, ao ler o transcripto artigo, possa divisar, ou descortinar laivo, viso, ou rasquicio de identidade, ou synonimia entre o *Fossado de Ladéra* e a Batalha de Ourique? Ninguem por certo, antes o contrario. Sim; ha de evidentemente conhecer ser uma cousa tão diversa, quanto é physica e geographicamente diversa — *Ladéra e Campo d'Ourique*. — Ha de sem a minima hesitação confessar ser uma cousa tão outra, quanto são diversos, e incapazes de terem uma só e identica entidade dois differentes successos acontecidos em dois distinctos tempos, e logares. — Apenas se póde, e deve concluir que o *Fossado de Ladéra* tivera logar, quando já D. Affonso Henriques ía de marcha para o Campo de Ourique. E' pois o *Fossado de Ladera* um facto que indubitavelmente precedera á gloriosa acção, que houvera logar no mencionado Campo; verificado mesmo em tempo, em que debalde se poderia ainda prever que ella seria uma realidade. — Está por tanto muito longe sim de se poder tomar, ou confundir o *Fossado de Ladera* com a Batalha do Ou-

(1) Viterbo, na palavra *Ladéra*.

rique. — Sendo isto assim, como na verdade é, novamente se torna intoleravel; que alguem fundado em testemunho falsamente allegado venha asseverar que o proprio D. Affonso Henriques dera á *audaz empreza* dos Portuguezes no Campo de Ourique o depreciado e mesquinho nome de — *Fossado!* Nunca tal dissera aquelle Monarcha, ou *assegurára*: nem ha Documento algum por onde se mostre que aquelle feito heroico tivesse o nome de *Fossado*. — Vergonha ao Historiador, que tão inepta, e destampadamente procura denegrir a grandeza do primeiro brazão da gloria da patria!... Registre-se com execração procedimento tão inqualificavel!... Porém que ha de ser?... Eu vejo o Historiador portuguez claudicar, por não dizer afocinhar na explicação do que seja — *verdadeiro fossado*. » Verdadeiro fossado, disse elle, » é uma dessas entradas que todos os annos » se renovavam pelas fronteiras dos sarracenos, e para » as quaes eram obrigados, pelas suas cartas de foral, » os cavalleiros villões dos diversos concelhos » (1). E' esta porém a definição vaga e tão obscura como o definido; que o Elucidario de Viterbo, invocado pelo historiador, dá do que seja — *fossado?* Não por certo. Ouçamol-o quanto é necessario ao nosso caso: » Consistia » o *Fossado* em sahir com mão poderosa, e armada, a » talar, ou colher as novidades, e fructos, que os ini» migos haviaõ agricultado. Para este fim apoderados » do campo, se entrincheiravaõ ligeiramente em vallos, » ou fossos; contendo-se unicamente (*repare-se bem*) na de» fensiva, e guardando as costas aos que se occupavaõ » na extracção dos fructos, e forragens. E neste sentido » é, que constantemente se acha esta palavra em os nos» sos antigos Documentos, deduzida talvez de *Fossina*» *gár*, que para com os Longobardos significava cam» po cultivado, e cheio de pastos e renovos. Compunha» se este *Fossado* naõ só de Cavalleiros, Escudeiros, e » tropa regular; mas tambem de Peões, aldeanos, e » gente de lavoura para colherem, e conduzirem a pre» za, ou tomadia. Os mesmos Principes, e Bispos naõ » tinhaõ por dezar o acharem-se nestas Expedições, que

(1) Hist. de Portug. no logar anteriormente citado.

» repentinamente e quasi de improviso se faziaõ; mas » sempre naquelles mezes em que os pães estavaõ em » ferraã, quando naõ fosse maduros » (1). Esta mesma explicação reproduziu mais resumidamente o erudito Advogado *Joaquim José Caetano Pereira e Sousa* na sua estimavel Obra *Esboço de um Diccionario Juridico* (2).

Quem confrontar as mencionadas explicações do que seja *Fossado* facilmente conhecerá que fôra inexacta e deficiente aquella que lhe dera o Historiador portuguez. Disse *inexacta, e deficiente*, por quanto não há uma só das expedições militares dos primeiros seculos da Monarchia, que se conheça tenha sido indicada pelas Chronicas antigas com o nome caracteristico de *entrada*, quaesquer que sejam os adminiculos, que se lhe procure ajuntar (3). — Note-se outrosim que qualificando o historiador o termo *Fossado por uma dessas entradas, que todos os annos se renovavam pelas fronteiras dos Sarracenos*, não declarou o essencial da tal entrada annual; o que é outra deficiencia ou lacuna na explicação imperdoavel! — O historiador na verdade apresentou na explicação do que era *Fossado* uma perfeita *entrada* sem sahida!... E' uma definição aonde figura só o *genero*, ficando no tinteiro a *differença!...* (4) E' mais uma innovação de grosso calibre anti-dialectico!...

Talvez o historiador appareça no palco da discussão

(1) Veja-se o Elucidario na palavra *Fossado*.

(2) Veja-se ahi a palavra *Fossado*.

(3) Manoel Severim de Faria em as *Noticias de Portugal*, tom: 1.º, Discurso II *sobre a Ordem da Milicia* etc. § 9.º *Da guerra de Castella*, pag. 112, escreveu: » Pelo que mais se fez esta guerra entre ambos os Reynos por entradas, e entreprezas, que por Batalhas. » Esta distincção claramente faz ver que são cousas mui diversas — *Entradas* e *Batalhas*. — Ora collocando o Historiador Portuguez o *fossado* em o numero das *entradas*, segue-se que aquelle termo de modo algum póde ser synonimo de *Batalha*.— Se porém a façanha bellicosa do Campo de Ourique teve logo em documento coetaneo a qualificação de *Batalha*, e esta com o epithato de *grande*, cathegoria, que sempre tem conservado; que monstruosidade da maior anomalia não é o designal-a com o nome de *fossado*?

(4) No genero — *irrupção* ou *entrada* — incluiu Viterbo o termo — *Cavalgada* — e nesta especie o termo — *fossado*. Definiria elle porém estes dois termos como se fossem synonimos? Não. — O historiographo, com tudo, com a tal generalidade, confundindo as idéas, estatuiu o contrario!....

com algûma furibunda coarctàda! Qual será ella? Ha de provavelmente vociferar que já tivera anteriormente declarado que o *fim* principal e distinctivo de taes *expedições era o talar os campos do inimigo.* Com effeito na pagina 324 e 325 acha-se escripto: » A audacia da em» preza (de Ourique), os estragos inevitaveis nestes fos» sados, expedições cujo fim principal era o talar os » campos do inimigo etc. » O Historiador porém novamente é codilhado. Póde-se acaso pronunciar de um modo simples e absoluto, que o *fim principal*, e qualificativo dos *fossados* era o talar os campos do inimigo? Nunca. E' outra vez o Elucidario de Viterbo quem o vem zurzir. » Consistia, diz elle, o *Fossado* em sahir » com mão poderosa e armada, *a talar*, *ou a colher as* » *novidades e fructos, que os inimigos haviaõ agricculta-* » *do* » (1). Por este modo de exprimir fica evidente que o *fim principal* dos fossados se preenchia indistinctamente de uma das duas maneiras indicadas, e não de uma só, conforme escreveu o historiador portuguez. — Outrosim o *Esboço de um Diccionario Juridico* de Pereira e Sousa traz escripto: » Consistia o Fossado em sahir » com mão armada a *talar* e *colher* as novidades, que » os inimigos havião agricultado » (2). Se adoptassemos esta variante, (que é tambem a de Moraes no Diccionario) o historiador ficaria igualmente apanhado pela conjuncção copulativa, como acolá o é pela disjunctiva!

Porém (prescindindo de ulterior discussão) quem ha que duvide que a definição, ou explicação do que seja — *fossado* — dada em seu Glossario pelo eruditissimo *Du Cange*, vai em dois seculos, evidentemente está mostrando que a Batalha de Ourique, e mesmo qualquer outra, de modo algum póde ser olhada, nem havida por *fossado?* (3)

(1) No lugar acima citado.
(2) Na palavra — *Fossado.*
(3) *Fossatum*, Exercitus, seu potius Castra vallo, et *fossis* circumducta. Quam primum enim exercitus hostium terras ingreditur, fossis eorum castra muniuntur. » *Fossado*, Exercito, ou antes » Arraiaes cercados de trincheiras, e fossos. Logo pois que o exercito » entra em terra de inimigos fortifica seus arraiaes com fossos. » Aonde se encontra aqui vestigio algum, de que *fossado* designe idéa

Agora faremos ver que o historiador *incomparavel* da nossa terra, qualificando de *fossado* o feito de Ourique; está em flagrante contradicção comsigo mesmo.— Para fazer ver esta pecha imperdoavel em dialectica, e altamente monstruosa no paiz da ontologia intuitiva; basta confrontar a nomenclatura com que elle faz apparecer nos lares da historia o feito memoravel do Campo de Ourique. Não é pois necessario muito exame, para logo ser patente a todo aquelle que souber ler, e mesmo soletrar, que o Historiador, depois de por vezes dar áquella façanha o nome de *Batalha*, (1) terminára por lhe chamar — fossado. — Se porém o Historiador entendera que a maravilha bellica de Ourique era um verdadeiro *fossado*, não é por ventura manifesta contradicção chamar-lhe — *Batalha?* Acaso julgará o Historiador que *batalha* e *fossado* são uma e a mesma cousa? Não por certo: e o conteudo mesmo já trasladado da sua Historia claramente o distingue. Se pois não quer que a *Batalha* de Ourique tenha as honras e categoria de *Batalha*, para que lhe chama uma cousa que elle está bem longe de crer e querer que seja? Este procedimento é d'aquelles que não podem deixar de ter a bem merecida tacha de reconhecidamente contradictorio!...

O Historiador todavia ainda offerece á acção da analyze elementos que mais caracterizam a sua contradicção. Venham sem mais preambulo a juizo as suas proprias palavras. » Já em maio deste anno de 1139 se » faziam os preparativos de uma expedição militar, e » os homens d'armas corriam a ajuntar-se ás suas ban-

de *Batalha*? Antes é predisposição para a evitar. Ha de responder ainda o mais hospede em planos estrategicos.

Du Cange cita entre outros Documentos a Carta de Foral dada pelo Conde D. Henrique á cidade de Coimbra, em que lhe permitte dar só a quinta parte da preza do *fossado*. E' cópiada do tomo 4 (aliás 3) da *Monarchia Lusitana*, pag. 281 v. — Tras outra de D. Affonso III concedida aos moradores de Cernancelhe, na qual a palavra *fossadum* se entende, conforme traduziu Brandão — *abertura de fossos*. — E' extrahida da Monarchia Lusitana, tom. 4, fol. 212.

Estes e varios outros Documentos, que o eruditissimo Author do Glossario agglomerou não só neste, mas em todos os mais artigos, em que explica o termo — *Fossatum* — assás, e de sobejo confirmam que *Fossado* não póde jámais ser synonimo de Batalha!

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 322 e 328.

com alguma furibunda coarctada! Qual será ella? Ha de provavelmente vociferar que já tivera anteriormente declarado que o *fim* principal e distinctivo de taes *expedições era o talar os campos do inimigo*. Com effeito na pagina 324 e 325 acha-se escripto: » A audacia da em» preza (de Ourique), os estragos inevitaveis nestes fos» sados, expedições cujo fim principal era o talar os » campos do inimigo etc. » O Historiador porém novamente é codilhado. Póde-se acaso pronunciar de um modo simples e absoluto, que o *fim principal*, e qualificativo dos *fossados* era o talar os campos do inimigo? Nunca. E' outra vez o Elucidario de Viterbo quem o vem zurzir. » Consistia, diz elle, o *Fossado* em sahir » com mão poderosa e armada, *a talar, ou a colher as » novidades e fructos, que os inimigos haviaõ agricultado* » (1). Por este modo de exprimir fica evidente que o *fim principal* dos fossados se preenchia indistinctamente de uma das duas maneiras indicadas, e não de uma só, conforme escreveu o historiador portuguez. — Outrosim o *Esboço de um Diccionario Juridico* de Pereira e Sousa traz escripto: » Consistia o Fossado em sahir » com mão armada a *talar* e *colher* as novidades, que » os inimigos havião agricultado » (2). Se adoptassemos esta variante, (que é tambem a de Moraes no Diccionario) o historiador ficaria igualmente apanhado pela conjuncção copulativa, como acolá o é pela disjunctiva!

Porém (prescindindo de ulterior discussão) quem ha que duvide que a definição, ou explicação do que seja — *fossado* — dada em seu Glossario pelo eruditissimo *Du Cange*, vai em dois seculos, evidentemente está mostrando que a Batalha de Ourique, e mesmo qualquer outra, de modo algum póde ser olhada, nem havida por *fossado*? (3)

(1) No lugar acima citado.

(2) Na palavra — *Fossado*.

(3) *Fossatum*, Exercitus, seu potius Castra vallo, et *fossis* circumducta. Quam primum enim exercitus hostium terras ingreditur, fossis eorum castra muniuntur. » *Fossado*, Exercito, ou antes » Arraiaes cercados de trincheiras, e fossos. Logo pois que o exercito » entra em terra de inimigos fortifica seus arraiaes com fossos. » Aonde se encontra aqui vestigio algum, de que *fossado* designe idéa

Agora faremos ver que o historiador *incomparavel* da nossa terra, qualificando de *fossado* o feito de Ourique; está em flagrante contradicção comsigo mesmo.— Para fazer ver esta pecha imperdoavel em dialectica, e altamente monstruosa no paiz da ontologia intuitiva; basta confrontar a nomenclatura com que elle faz apparecer nos lares da historia o feito memoravel do Campo de Ourique. Não é pois necessario muito exame, para logo ser patente a todo aquelle que souber ler, e mesmo soletrar, que o Historiador, depois de por vezes dar áquella façanha o nome de *Batalha*, (1) terminára por lhe chamar — fossado. — Se porém o Historiador entendera que a maravilha bellica de Ourique era um verdadeiro *fossado*, não é por ventura manifesta contradicção chamar-lhe — *Batalha?* Acaso julgará o Historiador que *batalha* e *fossado* são uma e a mesma cousa? Não por certo: e o conteudo mesmo já trasladado da sua Historia claramente o distingue. Se pois não quer que a *Batalha* de Ourique tenha as honras e categoria de *Batalha*, para que lhe chama uma cousa que elle está bem longe de crer e querer que seja? Este procedimento é d'aquelles que não podem deixar de ter a bem merecida tacha de reconhecidamente contradictorio!...

O Historiador todavia ainda offerece á acção da analyze elementos que mais caracterizam a sua contradicção. Venham sem mais preambulo a juizo as suas proprias palavras. » Já em maio deste anno de 1139 se » faziam os preparativos de uma expedição militar, e » os homens d'armas corriam a ajuntar-se ás suas ban-

de *Batalha*? Antes é predisposição para a evitar. Ha de responder ainda o mais hospede em planos estrategicos.

Du Cange cita entre outros Documentos a Carta de Foral dada pelo Conde D. Henrique á cidade de Coimbra, em que lhe permitte dar só a quinta parte da preza do *fossado*. E' cópiada do tomo 4 (aliàs 3) da *Monarchia Lusitana*, pag. 281 v. — Tras outra de D. Affonso III concedida aos moradores de Cernancelhe, na qual a palavra *fossadum* se entende, conforme tradusiu Brandão — *abertura de fossos*. — E' extrahida da Monarchia Lusitana, tom. 4, fol. 212.

Estes e varios outros Documentos, que o eruditissimo Author do Glossario agglomerou não só neste, mas em todos os mais artigos, em que explica o termo — *Fossatum* — assás, e de sobejo confirmam que *Fossado* não póde jámais ser synonimo de Batalha!

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 322 e 328.

» deiras. Entrado o mez de julho o exercito portuguez » marchou para o meio-dia » (1). Quem jámais acreditou, e muito menos disse, ou escreveu, que uma *expedição militar*, caracterizada de *fossado* exigisse preparativos para cima de dois mezes (2)? Em que monumento ou documento se acham testificados taes preparativos? Em nenhum sem duvida. Nem as expedições militares que annualmente se faziam com aquella denominação (*fossado*), continham motivo extraordinario para tão singular, e especificamente se escrever que *os homens d'armas corriam a ajuntar-se ás suas bandeiras*; muito menos durante o mencionado periodo de mais de dois mezes, como indubitavelmente se faz entender. Além d'isto, nos *fossados* não só entravam *os homens d'armas*, mas tambem *aldeanos e gente da lavoura para colherem e conduzirem a preza* (3). No *fossado* porém do nosso historiador sómente apparecem *os homens d'armas* que *corriam a ajuntar-se ás bandeiras* de D. Affonso Henriques!... Que diremos mais?... O *Fossado* do Historiador comprehende força, que elle julgou devia merecer o nome de — exercito portuguez. — Ha porém algum *Fossado* nos documentos antigos, cuja força nelles seja designada pela qualificação de *exercito portuguez?* Nem um só. Ha de responder ainda o Archeologo mais farejador! Os *Fossados* não eram outra cousa mais do que expedições militares particularmente arranjadas todos os annos pelas Villas para talar, ou saquear as colheitas dos Sarracenos, como bem se collige dos respectivos Foraes. A força militar por tanto, por maior que fosse, com que ellas operavam estas excursões ou correrias, não podia por fórma alguma ter a denominação de *exercito portuguez*. Esta denominação (aliàs só applicavel a uma força muito maior), é bem de ver, só deveria competir-lhe, se ella constasse de individuos de todas ou de grande parte das terras da nação. *Exercito portuguez* é uma idéa latamente determinativa, que não póde ser

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 324.
(2) Comprehendemos o periodo que vai desde 18 de Maio (que é a data do Documento, a que se atém o historiador portuguez, que adiante se transcreve) até 25 de Julho, dia da Batalha de Ourique.
(3) Elucidario, no logar já transcripto.

commutada por outra idéa muito menos significativa.

Ainda mais: O Novador historico para confirmar que os *preparativos* da tal *expedição militar* (a Batalha de Ourique, que elle degrada para o numero dos *fossados!*) começaram em maio de 1139, cita a Doação de um *cavalleiro ao mosteiro de Pendorada*, em data de 18 de Maio do mencionado anno; documento, que tirou das Dissertações de João Pedro Ribeiro (1). São as palavras do Documento: — *Et si obiero in exercitu regis.* — » E » se eu morrer no exercito do rei. » Eu não entro na questão se este documento por ter a data de 18 de Maio de 1139, é prova, de que só desde a citada épocha, com exclusão de outra anterior, se faziam preparativos para aquella expedição, na fraze do nosso historiador, *fossado*, e não Batalha de Ourique! Só sustentarei que o documento allegado não prova que a projectada expedição militar fosse *fossado*, porém antes uma empreza muito mais gigantesca. Na verdade poderá alguem, por mais estortegadelas, e belliscões que teime dar em tudo quanto ha de regras de hermeneutica, persuadir-se que nas expressões — *si obiero in exercitu regis* — se ache escripto e estampado um purissimo e estremissimo *fossado?* Se tal persuasão podesse caber em cerebro algum humano, por certo que o seu estado phrenologico seria muito para recear!.... Se pois a expressão *in exercitu regis* não significa no *fossado*, e sim *no exercito do Rei*; é bem de ver que as duas cousas são objectos mui diversos. Porém se *exercito* e *fossado* não são, como é innegavel, a mesma cousa; porque se ha de dizer expressa, ou implicitamente, que quem se alista no *exercito do Rei*, se alista no seu *fossado?* A identificação de taes idéas é na verdade uma monstruosidade! A idéa de exercito é, a olhos vistos, de indole muito diversa, e abrange em historia maior extensão que a de *fossado!*.... Além d'isto não ha memoria de que algum imperante preparasse um exercito, qual mesmo era o de D. Affonso Henriques, (de onze, ou doze mil homens, ou mais ainda (2)), com o fim principal e premeditado de fazer um

(1) Tom. 3. Part. 1. pag. 116, n.º 354.

(2) Manuel de Faria y Sousa sóbe este numero a *treze mil homens.* (Europa Port. Tom. 2.º, pag. 40).

fossado. — O exercito de D. Affonso Henriques era o mais numeroso que até então a Christandade tinha posto em campo nesta Provincia (1). Este superlativo totalmente repugna com a idéa de *fossado.* — Creio tambem que o Cavalleiro (cujo nome não passou á posteridade com o mais do pergaminho) não se daria ao affan de fazer doação *causa mortis* ao mosteiro da Pendorada, se o *exercito do Rei* se dirigisse a um mero e succinto *fossado.*

Agora pergutarei ao historiador em que monumento ou documento encontrou escripto que o *exercito portuguez* marchasse para *o meio-dia*, *entrado* o mez de Julho? *Entrado o mez de Julho* quer dizer — *começado* ou *principiado* o mez de Julho. E quem lhe disse que a referida marcha tivesse logar logo no principio, ou principios, começo ou entrada do dito mez, e não em o meado delle? O seu indigitado calculo é na verdade aereo!... Não ha um só dos nossos Chronistas, nem Historiadores, que delle fizesse menção, e o seguisse. O nosso historiador apoia a sua chronologia na Doação, que o Infante D. Affonso Henriques fizera, no mez de Julho, a *Monio Guimariz*, quando ía de caminho para o *fossado de Ladera* (*quando ibamus in illo fossado de Ladera* (2)); porém quem jámais colligiu destas palavras que o *exercito portuguez* marchasse *para o meio-dia na entrada de Julho de* 1139? Nem a letra, nem o sentido della, por mais voltas que se lhes queiram dar, indicam similhante illação! A data do documento mostra tamsómente que fôra feito em Julho, sem designar o determinado e preciso dia. Sendo isto assim, é evidente que não se póde affirmar positivamente que elle fosse feito na entrada de Julho. — Ora sendo certo que não ha fundamento algum para se asseverar esta positiva e terminante data da existencia do documento; como se poderá dar e ter por averiguada a data de um successo que com aquella se pretende identificar? Se o funda-

(1) » Los nuestros que eran solos treze mil (si bien el mayor nu» mero que avia producido hasta entonces la Christiandad en esta » Provincia). » (Faria, Europa Portugueza, tom. 2.º, pag. 40).
(2) Vej. Viterbo na palavra *Fossado*, pag. 477, col. 1.ª

mento, ou premissa é incerta, tambem a consequencia, que se deduz, ha de necessariamente ter a mesma pecha de incerteza; ensina, e ensinará sempre toda a dialectica do universo. Crassa ignorancia é pois contradizer, quando se discorre, os seus dictames!...

Ainda porém não ficam aqui os elementos, que demonstram a contradicção. Confessa o antagonista do feito grandioso de Ourique que — *a audacia da empreza, e os estragos inevitaveis de taes fossados.... deviam causar aos Sarracenos profundo susto.* (1) Quem ha de dizer que a idéa de *profundo susto* quadre ou se deva appropriar a um mero *fossado?* Ninguem sem duvida. Ha de pelo contrario julgar que se pretende dar a uma causa um effeito muito maior do que ella é. — O historiador confessando além d'isto as consequencias do *profundo susto dos Sarracenos*, novamente reconhece, sem o pensar, que ellas mal podem convir a um *fossado*. Haja vista á colligação, ou conspiração, que os *chefes musulmanos, pelo menos os do Alemtejo*, reunindo-se entre si, fizeram *para atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik* (2). Este era o nome, segundo tambem escreve o nosso mesmo historiador, com que os Sarracenos designavam o filho do conde Henrique (3).

Mesmo todavia na pequena passagem da *Historia de Portugal*, que fica transcripta, temos duas cousas, que não podem ficar sem levar seu coque critico! — E' a primeira a expressão — *pelo menos os do Alemtejo* — referida como restricção ou excepção aos *chefes musulmanos, que se uniram para atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik.* Quem deste modo se exprime dá por mais certo e seguro que os *chefes musulmanos do Alemtejo* viessem *atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik*, do que os demais chefes, que para o mesmo fim combinadamente com elles *se reuniram*. E' porém esta excepção ou distincção historicamente justa e admissivel? De nenhuma sorte. O documento sim em que se fundam os historiadores falla com igual certeza tanto de uns, como

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 324 e 325.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.
(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 325.

de outros chefes dos musulmanos, que vieram *atalhar* aquella *invasão*. O documento a que nos referimos é a Chronica dos Godos, cujo logar os historiadores todos tem reproduzido sem mais correcção ou innovação. — A passagem que adiante, além d'isto, vai transcripta da Historia de Portugal de *Henrique Scheffer* (por não fallar aqui de outros (1)) assás justifica o que asseveramos.

E' a segunda a expressão — atalhar *a invasão* do terrivel *Ibn-Errik*. Que é isto? Temos agora o *fossado* convertido indistinctamente, e sem restricção, em *invasão*, ou acaso são synonimos? Se são synonimos; como é que para atalhar um mero *fossado* se incommoda tanta gente da parte do inimigo? Exigimos a solução do problema. — Se não são synonimos temos o historiador portuguez dando já outro nome ao Feito de Ourique, que significa cousa de uma natureza assás diversa, e por certo de um caracter bellico muito mais amplo e generico do que aquelle que indica o termo — *fossado!*

A' vista do que temos discutido é mais que evidente que o nome de *fossado*, por qualquer fórma que se considere, com que o historiador portuguez pretende desfigurar, e incutir desprezo pela famosa Batalha de Ourique é a corcova, o aleijão da mais asselvajada monstruosidade, que se tem visto doestar a historia de Portugal. E' um pasquim, um epitaphio que por si só deve provocar de todo o mundo critico o mais pronunciado desprezo pela Obra, que o acoita e alverga em suas nauseabundas paginas!.... Que portuguez haverá illustrado e não illustrado que não seja deste tão justo e patriotico sentimento?....

Agora antes de sair de todo do amago da analyse; desejaria que o historiador, por despedida, nos indicasse em que authentico pergaminho se estribou para escrever que o *sertão da provincia* (do Alemtejo), que atravessára D. Affonso Henriques, quando ía no seu *terrivel fossado*, ou *correria* (que para elle são, afóra os mais, synonimos da Batalha de Ourique) ainda até esse tempo

(1) Na Parte Quarta desta Obra os apontaremos; novamente confirmando a materia.

nunca tinha sido *devassado das armas Christãas* (1)? E bem assim quaes *as mostras que D. Affonso Henriques dava de se dirigir contra Silves?* (2). Estas circumstancias de original novidade não apparecem em historia alguma de Portugal. Precisam pois de confirmação authentica para merecerem as honras da credibilidade. Não juramos *in verba magistri!* — Não me expliquei com toda a exacção. A circumstancia que — D. Affonso Henriques *dava mostras de se dirigir contra Silves* — é e pelo menos parece, formalmente desmentida por Duarte Galvão, o qual assevera que — » ho Principe D. Af» fonso Anriques.... ouve (em Coimbra) conselho com » hos seus de fazer guerra nas terras de Alemtejo, espe» cialmente na Comarca de Campo Dourique » (3). Esta restricta e positiva resolução mal se compadece com taes e tão alheias *mostras!....*

Porém qual será a razão especialissima; porque o alcunhado, ou mascarado *fossado* devia causar aos Almoravides aquelle *profundo susto?* Ouçam; que a romançada é de se alugar palanques: » E' porque a in» vasão de Affonso Henriques parecia combinada, e por » ventura o era, com o commettimento de Aurelia pe» lo imperador » (4). Ora o que vale ou valeu jámais em historia, quer antiga, quer moderna, quer geral, quer especial, uma conjectura tão estreme e tão depurada; uma conjectura, digo, tal, e tamanha, que, para que ninguem, ainda de lettras as mais gordas, a deixasse de cortejar com a costumada barretada de desprezo, sahe a publico com os dois bem conspicuos batedores — *parecia*, e *por ventura?* — Todo o mundo sabe que não é lançando no papel, por mais superfino que seja, fantasiados castellos, concepções de vento, que se adquire, ou se póde aspirar á veracidade historica! Pelo contrario é com essas e taes visagens, que o historiador se desacredita, e se torna digno, que o accusem de innegavel inepcia. Todo o historiador que avança uma

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 324.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 324.
(3) Chronica de D. Affonso Henriques, cap. 12, pag. 16.
(4) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 325.

conjectura é indispensavel que note, ou que possa allegar algum fundamento, embora de precaria fé, a que se encoste. — Mas que fundamento teria o historiador para formar aquelle tão espurio e abortivo ente de razão? Por ventura intrinseco? Que razão ou motivo ha, como tal, que mostre a necessidade da combinação de duas acções bellicas tão disparatadas, e acontecidas em tão distantes partes? Conceda-se porém a conjecturada combinação. Como é que com ella se póde conciliar a idéa de *fossado?* Inteiramente se destróe. Porém que digo? Como era possivel que a *invasão* (ou o quer que é que o historiador portuguez tem por synonimo de *fossado!*) de D. Affonso Henriques causasse aos Almoravides, combinadamente *com o commettimento de Aurelia*, um *susto profundo*; quando a Batalha de Ourique tivera sido dada em 25 de Julho de 1139, continuando Aurelia a resistir a D. Affonso VII até 31 de Outubro do mencionado anno, em que se rendera por capitulação? Por certo que não foi o *profundo susto* da tal romantica combinação, quem a fez render! — Será todavia o escriptor capaz de historicamente nos demonstrar que o *commettimento de Aurelia* era já para os Mouros um motivo de *profundo susto* na épocha da Batalha de Ourique, ou nas suas proximidades; e que elles ao contrario não concebessem antes a lisongeira esperança de vencer os aggressores? — Será o historiador mesmo capaz de fazer ver que a *invasão de Affonso Henriques* devia causar-lhes profundo susto, e não antes *indignação, e desejo profundo* de destruir o seu adversario? — Teria algum fundamento extrinseco aquella conjectura? A lembrança é tão crespa, e avessa que não se ha de encontrar um só escriptor que a tenha apoiado, por não dizer, imaginado!.... Pelo contrario os nossos bons escriptores desmentem solemnemente o historiador, que tomou á sua conta encher de patranhas a historia do paiz. — Aquelle dos antigos que para exemplo citamos é nada menos que o insigne Varrão portuguez..... E' sim Lucio André de Rezende, que expressamente, longe de representar a Ismario em *profundo susto* pela invasão de D. Affonso Henriques, não teve duvida de exarar em suas Antiguidades: » Que » elle confiado em suas forças não *mostrou receio* em vir

» fazer frente a D. Affonso, vagároso se bem que em » suas marchas, porém *com animo profundamente cheio* » *de estimulos de vingança*. His confisus, in Alfonsum » properabat, lentis itineribus, sed *animo ad vindictam* » *concitatissimo* » (1). Será isto pois *susto profundo?* Risque o Historiographo innovador uma circumstancia de lavra meramente romanesca, que tão profundamente é pulverizada por authoridades como a de Rezende. — Porém que digo eu? Não é só a authoridade dos antigos e de polpa tal, como a que fica citada. E' tambem o testemunho do moderno historiador estrangeiro, o Doutor Henrique Scheffer, que em nada é suspeito (antes creio que para alguns digno de alto apreço) que lhe vem pespegar a falsidade da conjectura na bochecha! Eis-aqui as suas palavras, fallando da marcha dos Mouros para cortarem o passo a D. Affonso Henriques: » Os Sarracenos se adiantaram cheios de confiança em a » superioridade de suas forças, e a celebravam *entoando* » *alegres e festivaes canções* » (2). Diga-me o historiographo se por ventura estes tão oppostos affectos denotam nos Sarracenos sequer algum leve, não digo já *profundo susto?* Não ha de tugir, nem mugir!.....

Vamos agora á outra idealizada razão do decantado — *profundo susto*. » Por outra parte, diz elle, mal » podiam, á vista do que temos narrado, os Governa- » dores almoravides destes districtos esperar soccorro das » provincias mais orientaes de Andaluz, e a marcha ra- » pida de Ibn-Errik (nome com que o filho do Conde » Henrique era designado pelos sarracenos) difficilmen- » te consentiria delongas para invocar alheio auxilio, » ainda quando houvesse probabilidade de obtel-o » (3). Quem deixará de ver no bem e fielmente transcripto trecho escripta e imprensada a mais fina, e adubada frangipana, ou *pot-pourri* de gosto, e sainete romantico? Que *districtos* são esses pois, *cujos Governadores almoravides* á vista do que narrára o nosso historiador, *mal poderiam esperar soccorro das provincias mais orien-*

(1) De Antiquitatibus Lusitaniæ, lib. 4, pag. 267.
(2) Traducção Portug., tom. 1.º, pag. 88.
(3) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 325.

taes do Andalus; sendo por conseguinte esta falta de esperança mais uma causal de *profundo susto* para o inimigo musulmano? Ha de novamente ficar, como vulgarmente dizem, *embatocado*, ou pelo menos *desapontado!* Eu não vejo, nem alguem jámais viu, nem ha de ver, nem colligir da historia que os Sarracenos, que se dispunham dar mate á invasão de D. Affonso Henriques, estivessem transidos, ou quer que é, de *susto profundo* por causa dos Governadores de uns districtos, que o historiador (apezar da obscuridade) não se dignou declarar, *mal poderem esperar soccorro das provincias mais orientaes do Andalus!* Bem pelo contrario, quando o historiador mesmo chegasse a demonstrar que os taes *governadores mal poderiam esperar* o mencionado soccorro (o que elle jámais poderá fazer, pois que uma asserção, romantica da gemma, nunca obteve em tempo algum as honras de qualquer commum theorema); de modo algum d'ahi seria possivel deduzir como legitima conclusão o *profundo susto* dos Sarracenos, que vieram disputar o passo a D. Affonso Henriques. Sim, não se poderia de sorte alguma deduzir o imaginado porisma do *profundo susto*; por quanto a historia, como já fizemos ver (1), assás consigna em suas paginas o arreganho militar com que a mourisma se apresentou no Campo de Ourique a D. Affonso Henriques.

Porém a mira, a pontaria é outra. Ella vai dirigida a atacar com bala de recochete a Batalha de Ourique (que é a pedra de escandalo do historiador que por acinte a baratêa!) não já pelo lado do *profundo susto dos Sarracenos*; porém com muita especialidade pelo que respeita ao pequeno e mesquinho numero de combatentes, que a elle se affigura, e quer acreditem, vieram ás mãos com D. Affonso Henriques n'aquella famosa, e sempre memoravel *Acção*. — Que treta, que entrega pois se urde para armar á illusão? Vão-se atacar os recursos d'onde taes forças poderiam ser tiradas? Tem porém algum fundamento esta tactica? Nenhum. E' apenas mais uma caricatura romantica, que vem deturpar o caracter scientifico do historiador!... Diz elle que:

(1) Na pagina 60 e 61 desta Terceira Parte.

» Os governadores Almoravides destes districtos mal po» derìam esperar soccorro das provincias mais orientaes » de Andaluz » (1). Em que pergaminho mais liso que um setim, ou com mais gelhas que uma serpe octogenaria, encontrou o innovador historico que os *governadores Almoravides* dos taes districtos, que vieram disputar de mão armada com D. Affonso Henriques no Campo de Ourique, *mal poderiam esperar* d'aquellas provincias o mencionado *soccorro?* Ha de ficar, como diz o *metaphorisante* vulgo, com *a cara a uma banda*, logo que uma critica de olfato analytico lhe exigir o documento comprobativo da original asseveração! — Porém quanto não é para admirar, se não para estranhar, que o clamador antonomastico dos *documentos* a cada passo esteja fantasiando, e proferindo suppostos de polpa inaudita, para destruir uma verdade historica sobre maneira documentada? Causa tedio e indignação superfina um tão intoleravel procedimento!... — Agora mostraremos ao escriptor de taes e tão insubsistentes bravatas a futilidade, com que elle estatalou na sua Obra a supradita hypothese. » A' nova (ouça-se) d'esta aggressão (de » D. Affonso Henriques) Wali Ismar, reune todas as » tropas, que elle tinha conduzido comsigo da Africa e » todos os guerreiros dos territorios de Sevilha, Bada» joz, Elvas, Evora, Beja, e de todas as praças fortifi» cadas até Santarem, armada numerosa, em a qual » se encontravam mulheres sob os habitos e costumes de » homens, e sob as armaduras de guerreiros; como se » conheceu mais tarde, quando se descobriram, e en» contraram muitas d'estas entre os mortos » (2). Assim falla com a torrente dos escriptores o já citado Dr. *Henrique Scheffer*, que além de estrangeiro, é de mais a mais protestante, e por isso de todo, na materia, *insuspeito!* Argumento agora. E' visivel que Wali Ismar, entre outras terras d'onde tirara soccorro para atacar D. Affonso Henriques, não se esqueceu de contemplar Se-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 325.
(2) Hist. de Portug. etc. pag. 87 e 88. — E' copia da versão em portuguez (cuja correcção de linguagem não afiançamos) feita por J. L. D. de Mendonça.

vilha, capital de Andaluz, como o era antigamente. Ora todo o mundo, que tiver dois dedos de geographia, deve saber que Sevilha fica situada nas partes occidentaes da Andaluzia. Sendo isto assim; é facto historico que Ismar tirara soccorro destas partes. Pergunto agora: Por sómente constar da historia que Ismar trouxera ou levara comsigo soccorro de Sevilha situada naquellas partes occidentaes, póde acaso concluir-se a conjectura de que *mal o podia esperar das partes mais orientaes de Andaluz?* Uma tal conclusão negativa, de mera possibilidade, estaria inteiramente fóra das premissas. E na verdade quem dirá que por uma cousa não constar da historia se deve concluir que ella não podera acontecer? — Por tanto se do paiz dos factos aberramos para o mundo das conjecturas, como faz o historiographo, que combatemos, tão conjecturavel é que Ismar e os mais chefes mauritanos mal podessem esperar soccorro das *provincias mais orientaes de Andaluz*, como a asserção contraria. Quero por outra dizer; tão possivel é que nos soccorros de Sevilha viessem soccorros simultaneamente das duas partes, (provincias *mais orientaes*, e occidentaes); como simplesmente de uma só dellas. — A metaphysica da historia não permitte o affirmar-se o contrario de uma cousa, que não consta, quando não ha documento positivo, em que se funde. Com todo o juizo D. *Antonio Brandão* não fizera distincção alguma dos Mouros Andaluzes, que vieram no exercito de Ismar (1). — Em summa: Se a historia não affirma que os governadores Almoravides *mal podiam esperar soccorro* das taes provincias *mais orientaes*; como se póde sem falsidade asseveral-o? — André de Rezende, e outros com tudo numeram, entre os combatentes que vieram com Ismario a Campo d'Ourique, indistinctamente os Mouros de toda a Hespanha ulterior — ex tota ulteriore Hispania (2). Ora é innegavel que na Hespanha Ulterior se comprehende boa parte das provincias orientaes do territorio hespanhol, e mesmo alguma das *mais orientaes*. A authoridade de Rezende está pois dando quináo ao innovador historico!...

(1) Monarchia Lusitana, tom. 3.º Liv. X, cap. 1.º
(2) Antig. Liv. 4.º pag. 287, tom. 1.º

Porém que se me affigura?... Parece-me presentir que a razão que o historiador allega para os governadores almoravides *mal poderem esperar* soccorro das *provincias mais orientaes* de Andaluz, é a devastação e saque que soffreram da parte de D. Affonso VII *os districtos de Jaen, Baesa, Ubeda e Andujar* (1), que ficam situados nas partes mais orientaes de Andaluz. Este imaginado fundamento ainda torna porém mais atrevida a conjectura. — Que principio, que base authentica darão ao escriptor, que recorrer ao subterfugio, taes devastações para sem resalva poder consignar á posteridade em sua historia (o que ninguem aliàs ainda fizera), que os mencionados governadores mal podiam, ou poderiam esperar aquelle soccorro? Nenhum; ha de responder todo aquelle que com alguma lucerna critica examinar a materia!... E na verdade, como poderá o historiador documentalmente fazer ver que aquelles districtos ficassem em tal estado que *mal se podesse esperar* delles algum soccorro? *Eris mihi magnus Apollo!*... Responderá todo e qualquer analysta! — Além d'isto por onde constou ao historiador (que tanto se empenha por definhar e marasmar o numero dos combatentes da parte contraria, a fim de aviltar a Batalha de Ourique!), que, ainda quando dos referidos districtos *mais orientaes* mal podessem vir alguns soccorros aos governadores almoravides, as outras terras do resto do oriente de Andaluz (pois que é visivel entrarem só na excepção favorita *as provincias mais orientaes* delle) ficassem inteiramente inhibidas de os poderem dar, ou taes que houvessem de especialmente contribuir para a numerosa totalidade? Acaso desenterrou elle do sepulchro dos archivos publicos algum *pergaminho que fizesse ao seu intento?* Produza-o, se quer que o acreditemos!... E' porém debalde a diligencia e affan, que empregar para o descobrir! — Quererá elle em fim que o acreditemos com pythagorica submissão tamsómente por ser um *dos filhos desta époeha aos quaes a Providencia alumiou com um raio da intelligencia eterna*, conforme elle logo na Advertencia da

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 322.

Historia de Portugal tão anchamente alardêa (1)? Não presumimos que o escriptor tenha pretenções a querer ficar atordoado com a mais geral e estrepitosa gargalhada!

Porém concedamos mesmo em toda a extensão que aquelles soccorros *andaluzò-orientaes* não tiveram engrossado as fileiras dos Mouros na Batalha de Ourique; segue-se acaso que por isso o exercito dos Sarracenos deixára de ser altamente numeroso, como affirmam historiadores antigos e modernos? Nunca. Para ter logar a objecção era necessario que o historiographo com provas terminantes fizesse vêr que unicamente com aquelle soccorro é que o exercito dos Sarracenos se poderia tornar indubitavelmente numeroso, e não pelos outros soccorros ou forças, que positivamente menciona a historia que reunira Ismar de varias partes. Tal tentativa é porém inteiramente irrealizavel. Fica por tanto por todas as fórmas destruida a conjecturada negativa da lavra do historiador! — Mas ainda quando elle (amplificarei outrosim) podesse fazer ver que as forças, que os governadores Almoravides mal poderiam esperar das provincias *mais orientaes do Andaluz*, eram as unicas que tambem deveriam elevar o exercito sarraceno a um grande numero; como conseguiria depois o historiador mostrar que, não obstante se dar uma tal *caracteristica*, aquellas partes não puderam de modo algum prestar *soccorro* para a empreza, que os chefes musulmanos projectavam? Por tanto a demonstração d'aquella *tão singular conjectura*, quando fosse possivel, levaria o historiador a outra indeclinavel, e consecutiva questão. *Tenébris undique!....*

Agora vamos reduzir á merecida aniquilação a quinta campanuda frivolidade, por outra, frioleira, tão aérea e ineptamente imaginada, para, continuando ainda a amesquinhar a força dos Mauritanos, elevar ao cubo do desprezo a Batalha de Ourique. E' a negaça para fazer cahir no logro a credula cegueira dos que juram nas palavras do seu Oraculo: » a marcha rapida de Ibn-Errik » (nome com que o filho do Conde Henrique era desi-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. XLII.

» gnado pelos sarracenos) *que* difficilmente consentiria » delongas para invocar alheio auxilio, ainda quando » houvesse probabilidades de obtel-o » (1). Que é isto? Que novidade é esta na historia? Escutem!... Temos a *marcha rapida* de D. Affonso Henriques (Ibn-Errik) como um dos motivos angariados, para (em razão da sua rapidez *difficilmente consentir delongas* a fim dos Sarracenos *invocarem auxilio alheio*) necessaria e concludentemente se inferir, por mais uma causal *à priori*, a pequenhez do exercito inimigo em Campo de Ourique!... E' porém esta pilula para logo, e sem custo, se engulir, ainda pela mais desmesurada e espaçosa guela, sem que venha acompanhada, e apoiada ou antes embrulhada em algum documento sem tortulho nem verruga, que a doure, e torne escorregavel? Por fórma alguma. Ha de vociferar com toda a força do polmão, todo e qualquer que seja o leitor de tempera nacional, ainda o da mais reles e desprezivel turba!.,.. Onde irá o historiador da inaudita novidade descortinar o fulcro, o esteio documental, em que encoste todo o grande pezo da sua original asserção? Ha de ficar outra vez com dôr nefritica, sem achar emplasto nem cataplasma emoliente, que lhe mitigue a refrega!... E na verdade será elle capaz de chronologica, e historicamente nos fazer o fiel e minucioso itinerario, que levou D. Affonso Henriques desde o ponto de partida, d'onde marchára, até dar o combate em Campo de Ourique? Está bem livre de apresentar este documental fenomeno no campo da historia! Pois sem apresentar authentico documento, que reze dos dias, pelo menos, que gastára D. Affonso Henriques na sua expedição; ningnem que tenha lume no olho ha de cahir na endromina de acreditar na tal *marcha rapida de Ibn-Errik* (D. Affonso Henriques), que a romantica forja do escriptor ideára, e produzíra! — Porém não fiquemos ainda aqui. A historia em nada dá apoio á imaginada *marcha rapida*. Fallando desta marcha, eis-aqui o que refere o grande cisterciense D. Fr. Antonio Brandão na Monarchia Lusitana: » Feitas as prepara» ções necessarias partio o exercito Christão da Cidade

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 325.

» de Coimbra, aonde se ajuntaram » (1). Pela historia é pois evidente que o ponto de partida do exercito christão, commandado por D. Affonso Henriques, fôra Coimbra, aonde pois se reunira. — Em que mez, e em que dia começára a sua marcha de Coimbra o exercito Christão? Inteiramente se ignora. Ora sem este dado essencialissimo; como se poderá capitular de *rapida* a marcha de D. Affonso Henriques? De nenhuma sorte. A historia pois com o seu profundo silencio está neste, e em similhantes casos perfeitamente condemnando toda aquella illação, que se haja de fundar em bazes, que ella não subministra. Uma dellas é a illação do fantasioso historiographo!...

Porém que digo eu? A historia offerece dados para; como incontroversamente mais provados, tirar a illação opposta. Na verdade, se é certo, como refere a Chronica de D. Affonso Henriques, escripta por Duarte Galvão, que o referido Monarcha se demorára *só alguns dias em Coimbra* (2), aonde se fizeram *as preparações necessarias* para a guerra, e estas *preparações* já em Maio de 1139 se faziam, como o Historiador que refutamos confessa, fundado na Doação do Cavalleiro, feita ao Mosteiro de Pendorada (3); é bem para acreditar que aquella marcha está bem longe de ser qualificada com o epitheto de *rapida*. Certamente, se é provavel que o Cavalleiro, que fez a Doação ao Mosteiro de Pendorada, com data de 18 de Maio de 1139, não se devia demorar em se ir reunir á *gente* que o Rei *ajuntára em Coimbra*, e este só esteve nesta cidade *alguns dias* antes de *partir*, é claro, que; mesmo abatidos esses *alguns dias*, tomados pelo mais alto calculo; ainda assim, fica assás longo espaço de tempo até 25 de Julho, em que se dera a Batalha de Ourique, para com probabi-

(1) Tom. 3.º folh. 117.

(2) » Depois que ho Principe D. Affonso Anriques tornou de ganhar Leyria e Torres novas, esteve *em Coimbra alguns dias*, e.... » ouve conselho com hos seus de fazer guerra nas terras de Alentejo, especialmente na Comarqua de Campo Dourique. E tanto que » *juntou e teve sua gente prestes*, partio de Coimbra. » (Cap. 12, pag. 16).

(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 324.

lidade se conjecturar uma bem vagarosa, e não *rapida marcha* (1).

Além d'isto, olhando para a marcha em si mesma, ha circumstancias historicas, que eminentemente mostram que ella não podia ser *rapida*. A historia sim nos informa que D. Affonso Henriques não poupára á devastação e ao saque d'aquellas terras dos Mouros por onde ía transitando, até chegar ao premeditado ponto do Alemtejo. Era-lhe indispensavel assim praticar, tanto para sustentar, e enriquecer o seu exercito com a pilhagem, como para enfraquecer as forças do inimigo. Esta estrategia porém mal se compadece com a *marcha rapida*, que se pretende inculcar!... Poderiamos igualmente accrescentar, como rémora, ou contrapezo contra a fantasiada *rapidez* da mesma *marcha*, a morte de Egas Moniz, acontecida, segundo alguns, a *poucas jornadas no Campo Dourique* (2), e as honras funebres (3) prestadas pelo Monarcha aos restos mortaes do seu bom Aio, que não podiam realizar-se por via de regra sem suspender por algum dia, ou dias, a marcha; salvo se se quer fazer andar o exercito de D. Affonso Henriques de *caixas destemperadas*!...

Mas para que é tanto trem argumentativo? Temos

(1) Já fizemos ver que a Doação (allegada pelo historiographo) de D. Affonso Henriques feita a Monio Guimariz, com data de Julho de 1139, não prova que o exercito portuguez marchasse para o Meio dia na entrada deste mez, conforme se affirma na Historia de Portugal. (Tomo 1.º pag. 324) — Agora diremos, a proposito, que ainda quando a doação o provasse, nunca de tal documento se poderia concluir que aquelle exercito partira de Coimbra no mencionado mez. — O documento só nos mostra que o Rei já se achava em marcha (indo para o *fossado de Ladera*) quando foi feito; sem nos indicar os dias, que já tinha de jornada, ou por ventura estado em alguma terra depois de partir á testa do seu exercito de Coimbra. A nossa opinião contra a *rapida marcha* é por tanto (sem que o documento lhe sirva de estorvo) a unica sustentavel.

(2) *Coronica d'Elrey D. Affonso Anriques*, por Duarte Galvão. cap. 12.

(3) *Coronyqua dos Reis de Portugal por Christovão Rodrigues Acenheiro*. tom. 5.º dos ineditos da Academia, pag. 21. Sabemos todavia que Antonio Brandão e a torrente dos escriptores depois delle seguem que Egas Moniz ainda se achára na Batalha de Ourique, e vivera alguns annos depois della. Fica pois a objecção por conta e risco d'aquelles dois citados Chronistas.

pelos mesmos principios do historiador, a quem *a Providencia illuminou* (são expressões delle) *com um raio da intelligencia eterna*, refutada a idéa original da *marcha rapida!* Sim, o historiador admitte e segue que *o exercito portuguez marchou para o meio-dia na entrada de julho* (1). Ora sendo isto assim, segue-se que a marcha até Ourique devia necessariamente durar vinte e tantos dias. Distribuindo agora pois estes vinte e tantos dias por setenta e quatro leguas, pouco mais ou menos, (que é a distancia que vai de Coimbra a Campo de Ourique) fica evidentissimo que a marcha do exèrcito de D. Affonso Henriques até o indicado termo está mui longe de se poder designar com a qualificação de *rapida*.

Agora faremos ver que ainda admittida a falsa hypothese da *marcha rapida* de *Ibn-Errik*, que nós conhecemos pelo nome de D. Affonso Henriques; ainda assim, Ismario tivera tempo de sobejo para *invocar auxilio alheio* a fim de engrossar o seu exercito. E quem se atreverá a pôr em duvida esta asserção? Ninguem que tiver lido as historias; uma vez que não queira vender como se foram meras realidades o que não é mais que putrida e mefitica iguaria romantica! — As historias pois nos referem que Ismario, longe de ignorar a tentativa de D. Affonso Henriques, tivera ao contrario sido prevenido com a noticia dos preparativos da guerra que se lhe pertendia fazer, como depois o fôra com a da sua execução. Eis-aqui o que historía o cisterciense D. Fr. Antonio Brandão na Monarchia Lusitana: » Tinham » chegado as *novas da preparação desta guerra*, e depois » da *execução* della a Ismario, Rey poderoso dos Arabes, o qual cuidadoso do perigo que o ameaçava, a» juntara um numeroso exercito de Mouros Andaluzes » e Africanos, em o qual avia mais quatro Reys, e tão » grande multidão de soldados, que autores graves chegão seu numero a quatrocentos mil combatentes » (2). — Ora se Ismario teve *novas da preparação da guerra*, que lhe pretendia fazer D. Affonso Henriques, e por

(1) Hist. de Port. tom. 1.º pag. 324.
(2) Tom. 3.º L. X cap. 1.º fol. 117.

isso cuidadoso do perigo que o ameaçava, *ajuntára um numeroso exercito*, em cujo complexo expressamente se comprehendem *Mouros Africanos*, com que veio fazer frente ao exercito Christão; como se póde asseverar que o chefe sarraceno; em razão da *marcha rapida* de Ibn-Errik *difficilmente consentir delongas*; não podera *invocar auxilio alheio?* Acaso os *Mouros Africanos*, pelo menos, não deveram ser tidos na classe de *auxilio alheio?* Todo o mundo ha de, e deve entender por soccorro ou *auxilio alheio* todo aquelle auxilio, que viera de paiz diverso d'aquelle em que se pratica a guerra. E' neste sentido que o historiador, que allude especialmente á não possibilidade dos Almoravides obterem soccorro da Africa, toma a palavra *alheio*, como evidentemente se collige do conteúdo da sua Obra; (1) nem elle se atreverá a negal-o. Temos por tanto o historiador positivamente desmentido!.... Certamente; se elle imagina a *marcha rapida* de D. Affonso Henriques como causal de Ismario não poder *invocar auxilio alheio*, e de facto a historia faz menção deste auxilio (como já vimos, e continuaremos a ver), é claro que aquella supposta *marcha rapida* o não embaraçou *de o invocar*; como inculca o escriptor, que refutamos.

Porém a causal da supposta *marcha rapida* ainda se destroe por outro fundamento deduzido da mesma historia. E' certo, segundo esta, que *Ismario tivera novas da preparação* da guerra, que lhe movia D. Affonso Henriques (2). E' certo tambem que esta preparação, ou *preparativos desta expedição*, segundo mesmo o novel historiador, *já se faziam em maio de* 1139 (3). Conhecendo pois Ismario os *preparativos*, que se faziam contra elle, e achando-se começados estes já em maio de 1139; por ventura não teria elle tempo de sobejo para *invocar auxilio* alheio até 25 de Julho, em que se dera o combate em Campo de Ourique; embora tambem a *marcha de Ibn-Errik fosse rapida?* — Segundo o Documento já

(1) Hist. de Port tom. 1.º pag. 325.
(2) Monarch Lusit. tom. 3.º L. X, cap. 1.º.
(3) Hist. de Port. tom. 1.º pag. 324.

citado (1) de uma Doação feita por um Cavalleiro ao Mosteiro de Pendorada consta que aquelles *preparativos* do principe Christão contra os Sarracenos já se faziam em 18 do referido mez. Ora não sendo impossivel, antes provavel que já por esse tempo o soubesse Ismario; teve este por conseguinte mais de dois mezes para preparar-se. — E não teria elle tempo bastante para *invocar auxilio alheio*, mandando-o vir mesmo da Africa? Ninguem o ha de contradizer. — Note-se que no armisticio, que os Sarracenos cercados em Aurelia (anno de 1139) propozeram a D. Affonso VII, pediram tamsómente o espaço de um mez *para enviarem mensageiros* até mesmo á *Africa* e outras partes, a fim de d'ahi conduzirem soccorros; sujeitando-se a renderem-se dentro do mesmo periodo, se não fossem soccorridos, como na realidade não foram. O proprio historiador portuguez faz menção do facto em sua Obra; não o póde pois negar (2). Sendo isto assim como é que se póde negar a Ismario tempo mais que sufficiente para conduzir soccorro *alheio* até da Africa (não obstante a *marcha rapida de Ibn-Errik*, que em these se concede), quando aquelles seus correligionarios se contentaram, para igual effeito, unicamente com um mez? O argumento expendido é d'aquelles que nas Escolas se chamam *à fortiori*. A *marcha rapida* por tanto de D. Affonso Henriques, quando ella fosse uma realidade, considerada como impedimento dirimente para estorvar que os Sarracenos conseguissem arranjar *auxilio alheio*, é de uma nullidade em historia altamente insanavel!...

Com effeito a historia nada disse de uma tal *marcha rapida*, e muito menos que ella servisse de estorvo para *invocar auxilio alheio*; pelo contrario representa a Ismario prevenido e disposto a atacar o seu adversario, caso o podesse encontrar em algum logar desapercebido e incauto. » Ille namque Rex Sarracenorum cognita » virtute et audacia Regis Domni Alfonsi et videns eum » frequenter intrare in terram Sarracenorum et deprædari, nimiumque obterere eam regionem, voluit si

(1) V. Dissert. Chronol. Tom. 3.º Parte 1.ª pag. 116 etc.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 322.

» facere possit ut eum incautum et imparatum alicubi » inveniret, ut cum eo gereret bellum » (1). E' a *Chronica dos Godos*, a qual com mais razão chamam *Chronica Lusitana*, que assim se exprime. — E' de advertir ainda que na hypothese da *marcha rapida* é forçoso concluir que D. Affonso Henriques pretenderia com ella surprehender a Ismario. A historia porém bem ao contrario nada absolutamente fallando d'aquella imaginaria *marcha rapida*, tamsómente reveste a Ismario com o caracter de *surprehendedor*. Por tanto a tal decantada *marcha rapida*, como elemento ou embeleco indisputavelmente heterogeneo, e intruso, deve para sempre ir calcurriando, e sem demora, das avenidas da Historia de Portugal, aonde falsa e ignorantemente a encaixaram!...

Passaremos agora em continente a discutir, como em logar proprio: Se os Sarracenos invocaram e tiveram, ou não, *auxilio alheio*, quando se bateram em Campo de Ourique? — O author da Historia de Portugal insistindo em sua tenaz e systematica negativa conclue: » Assim era necessario que (os Almoravides que vieram bater-se em Campo de Ourique) » em si proprios bus» cassem recursos para cortarem o passo aos christãos, » servindo-se unicamente das forças que, partindo para » a Africa, lhes deixára Tachfin » (2). E' porém verdade que os Sarracenos buscassem *recursos em si proprios para cortarem o passo aos christãos, servindo-se unicamente das forças que lhes deixára Tachfin quando partiu para a Africa?* E' falsissimo. Vamos a evidencial-o contra a insultante e acintosa pequice do author da Historia de Portugal, que por todas as vias e fórmas procura diminuir o numero dos combatentes no exercito dos Sarracenos para deprimir a grandeza da Batalha de Ourique. E' a Historia, qual sim sempre foi olhada pelos intelligentes della, que mui solemnemente falla, e se pronuncia contra toda essa fantasmagoria romantica, que tem a impudencia e arrojo de vir desmentir a veracidade demonstrada dos factos, arvorando-se com farfan-

(1) Acha se no 1.º Appendice da 3.ª Parte da *Monarchia Lusitana*.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 325.

te orgulho, em unica e exclusiva entidade historica. — E' o eruditissimo *André de Rezende*, que vem á frente zurzir o falsificador, o transtornador historico. » Inquietado, diz elle, Ismario, Rei de grande parte da Africa, e da Andaluzia, com tal noticia (das bravuras de D. Affonso Henriques), convocados outros quatro Reis, reunio um tão grande numero de tropas tanto da Africa, como de toda a Hespanha ulterior, que o seu exercito passava de quatrocentos mil homens. » » Qua re commotus Ismarius, magnæ partis Africæ, Beticæque Rex, convocatis quatuor aliis Regibus, tam ex Africa, quam ex tota ulteriore Hispania, tantas congregavit copias, ut millia quadringenta exercitus superaret » (1). — Siga-se agora o grande Oratoriano Pereira de Figueiredo, que, de saber é, em seus Elogios dos Reis de Portugal, vezes houve em que se exprimiu pelas mesmissimas palavras do latinissimo *Rezende*. Diz elle: » Anno igitur MCXXXIX Ismarius potentissimus Sarracenorum Rex, immenso ex Africa et ulteriori Hispania collecto exercitu, adjunctisque sibi quatuor aliis Regibus in Alphonsum properabat sperans circumclusum tanta multitudine facile opprimi pone. » Em linguagem: » No anno pois de 1139 Ismar potentissimo Rei da Mourama, tendo-se confederado com outros quatro da mesma Seita, ajuntou um exercito immenso recrutado parte das Provincias d'Africa, parte da Hespanha ulterior: e com elle marchava contra o Principe D. Affonso, na esperança de que cercado elle por todas as partes de uma tamanha multidão, facilmente seria opprimido, e desfeito.» (2) A estes testemunhos accrescente-se aquillo que em nossos dias, reproduzindo o que refere a Chronica dos Godos, escrevera o Doutor *Henrique Scheffer* na Historia de Portugal: » A' nova d'esta aggressão Wali Ismar, reune todas as tropas, que elle tinha conduzido comsigo da Africa, e todos os guerreiros dos territorios de Sevilha, Badajoz, Elvas, Evora, Beja e de

(1) Liv. 4. pag 267, tom. 1.
(2) Elog. pag. 14 e 15.

» todas as praças fortificadas até Santarem etc. » (1). Ora se pelos passos, ou como hoje dizem, trechos, que ficam fielmente copiados e conferidos com os originaes respectivos, forçosamente se patentêa que o exercito de Ismario não só se compunha de tropas de Mouros existentes em Hespanha, mas tambem em Africa, que elle *recrutara, reunira,* e *comsigo d'ahi trouxera;* como se poderá com verdade asseverár que os Sarracenos para *cortar o passo aos Christãos,* em Campo de Ourique, *unicamente se serviram das forças, que, partindo para a Africa, lhes deixára Tachfin?* Por ventura não é visivel e mais que visivel, segundo o facho luminoso da historia, que o chefe dos Sarracenos apresentára em combate contra D. Affonso Henriques mais forças que aquellas, que lhe deixára *Tachfin,* quando partíra para a Africa? Quem o poderá duvidar, por mais tenaz e cabeçudo que seja, ou affecte ser contra a luz irresistivel da verdade?.... Por certo que as forças, que Ismario *recrutára, reunira,* e *trouxera comsigo* das provincias da Africa, não poderão de modo algum entrar em o numero d'aquellas que Tachfin lhe deixára na Peninsula, quando della se retirara. Temos por tanto que os Sarracenos se serviram na mencionada Batalha de soccorro alheio ou de fóra das terras da Hespanha; o que o decantado Historiographo com ancha e cathegorica ignorancia, pelo menos, viera negar. — Esta assetção historica, que sustentámos contra tão falso e dispáratado absurdo, é a mesma que se acha pronunciada pela boca do mais antigo Chronista de D. Affonso Henriques nestes termos: » Pelo qual ouve Elrey Ismar muita (gente) em sua » ajuda de Mouros d'aquem, e d'alem mar e outras » gentes barbaras » (2). Por sem duvida que pessoa alguma ha de admittir em as abobadas de seu bestunto, por mais baixas e achatadas que ellas sim se imaginem, que os *Mouros d'alem mar,* que ouve Elrey Ismar em sua ajuda, prescindindo já das *outras gentes barbaras,* se possam ou devam incluir no rol d'aquelles

(1) Pag. 87 e 88.
(2) Duarte Galvão etc. Cap. 13. pag. 17.

combatentes que Tachfin deixára ficar, quando se retirou, na Peninsula!...

Porém a historia, se ainda mais se analyza, mais ainda mostra em ponto mais elevado e eminente a cupula, o coruchco da ignorancia do estropiador *tremendo*... Como assim? Escutem; que o caso merece bem um — *favete linguis!* Sim; a historia nos ensina que *Tachfin* já depois de se retirar da Hespanha, enviára de Marrocos, para soccorrer Oreja (Aurelia), aos Sarracenos, sem fallar no tão provido comboy de todo o genero de viveres, um grande exercito de Moabitas e Arabes. E' a Chronica de D. Affonso VII, que o refere por estas expressões: » Et venit illis in auxilium alius exercitus » magnus Moabitarum, et Arabum, quos misit eis Rex » Texufinus de Marrocos » (1). — Isto mesmo quasi repete a Historia Universal por uma Sociedade de Litteratos: » Ceux-ci (les Alcaydes de Cordoue et de Se» ville) donnerent aussitôt avis au Roi Taxefin de ce » qui se passoit: il envoya promptement un grand con» voi de vivres, et un bon corps de troupes de renfort.» (2). Deste facto incontestavel evidentemente se deduzem dois corolarios, que completamente contrastam a falsidade do historiographo antagonista. 1.º Que os Sarracenos da Peninsula com aquella poderosa ajuda, recebida tempo antes do combate de Ourique (3), ficaram muito mais fortes e valentes para se baterem no campo do que estavam, quando Tachfin partira de Hespanha. 2.º Que não é de maneira alguma acreditavel que os Sarracenos, tendo á sua disposição um soccorro tão consideravel, viessem, prescindindo delle, *cortar o passo aos Christãos, servindo-se unicamente das forças que lhe deixára Tachfin, quando partira para a Africa.*

Ouça-se agora a Ferreras na Historia de Hespanha

(1) Vej. España Sagrada, tom. 21, pag. 376, § 68.

(2) Tom. 28, Hist. d'Espagne etc. pag. 231.

(3) O cerco de Oreja (Aurelia) teve começo no mez de Abril de 1139; sendo bem para acreditar que o soccorro, que Tachfin lhe enviara de Marrocos, se realizára não muito depois; e por conseguinte com manifesta anticipação á Batalha de Ourique. O conteudo da Chronica de D Affonso VII assás encaminha a este pensar. (Chronica de D. Affonso VII § 67 e 68).

em confirmação de tudo oque asseverámos: » El Prin-
» cipe de Portugal Don Alonso Enriquez, deseando por
» su parte contribuir con sus armas à la expulsion de
» los Mahometanos, y dilatacion de la Fè, juntò su
» gente para hacer una entrada en las tierras comarca-
» nas de ellos. Con esta noticia los Alcaldes de Bada-
» joz, Elvas, Evora, Beja, y otras partes, juntaron to-
» da su gente, haciendo tomar las armas à todos. Jun-
» taronse con Ysmar (que creemos havia venido de
» Marruecos con la gente que havia embiado el Rey
» Texefin, para el socorro de Oreja), para hacer frente
» à el Principe Don Alonso, que se havia entrado muy
» dentro de el Alentejo, talando, y saqueando todo el
» pais » (1). — Ouça-se tambem o que escreveram os
Authores da Historia Universal, traduzida do inglez
para a lingua franceza por uma Sociedade de Littera-
tos: » Les progrès des Chretiens en Portugal étant par-
» venus aux oreilles d'Abn Ali Texefin, Roi de Ma-
» roc, il chargea Ismar, ou Ismael, son Lieutenant en
» Espagne, d'assembler toutes les forces des Provinces
» meridionales, et de contraindre les Chretiens de re-
» passer le Douro. Ismar ordonna aux Alcaydes de Ba-
» dajoz, d'Elvas, d'Evora, et de Beja d'assembler les
» Troupes de leurs gouvernemens, *et les ayant réunies*
» *aux Troupes venues d'Afrique*, il forma une très nom-
» breuse Armée » (2).

A' vista destas e outras authoridades, que aqui po-
deriamos trasladar, é por ventura toleravel, que em
nossos dias appareça um historiador, que, com o fim de
todas as maneiras menospreciar a grandiosa Batalha de
Ourique, despeitosa, e mui ousadamente escrevesse que
os *Sarracenos para cortar o passo aos Christãos se servi-
ram unicamente das forças, que lhes deixára Tachfin,
quando partira para a Africa?* Se não se achasse escri-
pto tão alentado destempero em mui legiveis caracteres
typographicos para eterna affronta de seu Author; todo
o mundo julgaria ser um archi-extravagante sonho! —

(1) Tom. 5.º pag. 307, n. 8.
(2) Tom. 29. Hist. de Portug. pag. 321.

Extermine-se pois dos dominios augustos da historia, debaixo da mais estrepitosa e sustentada calcanhada, e até mesmo, se quizerem, com trovejantes arpejos de apupo, tão tremenda e alcántilada balcorriada!.... Corra-se porém já aqui o panno, e dê-se por findo o acto, para passarmos á Quarta Parte da nossa já delineada Obra.

FIM DA TERCEIRA PARTE.

A BATALHA DE OURIQUE

E

A HISTORIA DE PORTUGAL

DE

A. HERCULANO.

CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES).

AUTHOR

FRANCISCO RECREIO.

QUARTA PARTE.

Veritas odium parit.
TER.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.

Rua dos Capellistas n.º 62.

1855.

PRELUDIO.

Assás temos já levado a effeito uma longa rota, ou derrota analytica. — Assás temos deixado exposto ao soalho da evidencia com todos os andrajos, que a embonicavam, essa récua audaz de absurdos e inepcias de alto e esgalgado cóllo, com que o cathegorico Author da Historia de Portugal, emboldriou os Fastos gloriosos do seu paiz, levado da mira e risivel intento de dar mortal xaque ao primeiro feito monumental da nação portugueza. — Não tem sido pequena a laboriosa, e impertinente tarefa. A materia está porém bem longe de se dar por esgotada. Temos, é verdade, destruido, e conculcado aos pés, no estadio da argumentação, já não poucos espinhos, que a enfatuada e orgulhosa innovação tivera transplantado do horrido matagal da ignorancia, e illusão para suffocar e reduzir ao ultimo definhamento uma das mais lindas e viçosas flôres, que a erudição e a critica de todos os tempos, tem com todo o mimo, e primor agricultado no campo historico deste paiz. Ha ainda todavia cardos e abrolhos de tópe e grenha irriça-

da, e pungente, que é mister roçar com fouce de fio, e córte decepante, que os reduza a estilhas; inutilize, e destrua inteiramente todo o seu apparente vigor. Fallo metaphoricamente, como todos entendem, para indicar o gráo de nullidade, e despiezo, a que a inepcia debaixo do pezo da prensa hydraulica de uma inflexivel dialectica, deve ficar reduzida. De tantas bardanas e azevinhos heterogeneos e de pinta medonha (erros intoleraveis e horripilantes em historia!) abunda e sobrepuja a *famosa* Historia de Portugal; que della bem se póde dizer com toda a accommodaticia applicação o dito do Mantuano: *Uno avulso non deficit alter!....*

Porém que admira que profira solemnes e tremendos desconchavos em historia, quem ainda ha pouco (alludimos ao tempo em que escreviamos) em um artigo biographico, com material ignorancia e fartum heterodoxo, romantizára que certa notabilidade politica *fôra um verbo, uma idéa feita carne.* » Mousinho fut un verbe, une idée faite chair! » (1) Isto ainda é mais do que representar, na continuação do mesmo artigo, o Avô da actual Imperante, (2) D. João VI, debaixo da humiliante e aviltadora caricatura de um gastronomo cynico, jarreta, e banazóla, que ferrava no bandulho, sem garfo, nem faca, e só com o tálher natural das unhas, e dentes, as gordas gallinhas, que os seus compadres, os laponios dos arrabaldes da cidade lhe vendiam por alto preço (3). Esta satyra é tanto mais intoleravel e odiosa, quanto lançada no papel por um individuo, que deve o seu domicilio, posição e subsistencia á Real munificencia!...

Porém não percamos de vista aquellas horrendamente memorandas expressões: *Mousinho foi um verbo, uma idéa feita carne!...* Se ellas em si não são uma fa-

(1) Vej. — O Progresso Industrial N.º 1. Sabbado 11 de Dezembro de 1852. — *Varietés — Portraits et Caracteres — Mousinho de Silveira.*

(2) Ainda era viva a Senhora D. Maria II quando isto escreviamos.

(3) Vej. — O Progresso Industrial N.º 4 — *Portraits et Caracteres* etc. Aqui tambem se dá o nome de *fórmula sacramental* ao tratamento de *Senhor* dado em signal de respeito aos Reis já fallecidos. Que atrevida achincalhação, ou antes profanação!.....

tuidade a mais desmarcada, uma inepcia nascida da mais transtornada, e extravagante fantasia; que outra cousa podem significar, senão um insulto o mais fulminante contra a crença dogmatica da theologia orthodoxa? Quem jámais disse, ou se lembrára de dizer que um ente da racional especie, formado da corrompida massa de Adão, *fôra um verbo*; que não merecesse para logo levar em resposta de toda a fé catholica o mais universal, compacto, e unanime — *anathema sit? Verbo*, quando por esta palavra se designa uma pessoa, é só por excellencia o Filho de Deos, Deos Elle mesmo, da mesma substancia que o Eterno Pai. Este é o dogma sacrosanto, que a Religião, que professamos nos ensina: nem permitte que aquelle nome seja dado a algum outro ser. — A' vista d'isto como se póde pois pronunciar; como se póde escrever sem heterodoxia manifesta, que *Mousinho* ou qualquer outro homem, ainda reconhecido por um genio do maior alcançe, fôra *um verbo?* Acaso o homem, filho do peccado, póde ser filho de Deos, Deos elle mesmo? Nunca; conclama e conclamará sempre toda a Christã orthodoxia contra o mais absono, e nefando disparate!... O Filho de Deos é um só e por essencia impeccavel. E' Deos, e não podem haver mais Deoses. — Se o *Verbo* por tanto é Deos; só a Elle é que compete tal denominação, e não aos homens, que não podem ter natureza nem consubstancialidade divina, como o Filho de Deos. A expressão pois do Artiguista trescala, com horror dos verdadeiros fieis, ao mais revoltante e blasphemo Arianismo. Este porém foi condemnado, e anathematizado solemnemente no Concilio Ecomenico de Nicéa, convocado em o quarto seculo.

Uma idéa feita carne!... Quem jámais, não direi no universo da sciencia, porém sim da mais rematada e ultra-delirante estulticia, proferiu uma tão extravagante asserção?... Que quererá significar este inqualificavel absurdo, este requinte do destempero? Por ventura poderá dizer-se de qualquer homem que é *uma idéa feita carne*, ou *incarnada?* Este enigma, esta adivinhação extravagante, pela obscuridade da mais tenebrosa noite que encerra, é pelo menos um pasquim, um lu-

dibrio, feito por acinte á razão humana, que, por mais que parafuze e tregeiteie, ha de ficar no mais perfeito e natural jejum! Todo o mundo sabe que *Mousinho da Silveira* era e devia ser um animal, como todos os da sua especie, dotado com mais ou menos dóze de racionalidade; emittir porém e perpetuar no papel que o tal animal racional fôra *uma idéa feita carne*, é deixar por uma eternidade todo o beijinho, o elixir das mais agudas, e transcendentes intellectualidades em interminavel tortura; sem saber, nem poder atinar com o que seja, ou possa ser aquella ôca, e anomala palavragem, pulha conspicua de sons vasios de sentido; verdadeira nigromancia, e bugiaria indecifravel!... Na verdade quem será o Edipo que tenha a habilidade de explicar o que seja *uma idéa feita carne?* Nada é, nem outra cousa póde ser, dirá elle, senão uma chapadissima parvoice!

Se porém a expressão — *uma idéa feita carne* — é a explicação (que é o que parece) do que seja *Verbo*, vocabulo (que na significação de *Pessoa* é só applicavel ao Unigenito do Altissimo) temos outra vez o Arianismo em scena! O *Verbo* não é uma idéa, que existisse na mente do Eterno para um dia se fazer carne, ou tomar a fórma humana, passando do nada para o mundo das creaturas. E' uma realidade existente de per si desde toda a eternidade, como Pessoa divina que é da mesma substancia e essencia, que as outras duas Pessoas, as quaes todas indivisivelmente constituem o Mysterio de um Deos Uno e Trino. O Verbo é tanto Deos antes, como depois de se *fazer carne*. Ora Deos não é uma idéa, pois seria um accidente, é essencialissimamente uma substancia que incarnou ou se fez carne. — E' igual a identidade de substancia em todas e em cada uma das Divinas Pessoas. E' indivisivel, e inalienavel. Anathema pois á heresia do Platonismo Ariano, e depois á Protestantada Sociniana (1)! — Basta já de catequese, que, se pela sua importancia não merecesse desculpa,

(1) V. Schram, *Compendium Theologiæ*, tom. 1. pag. 255. Schol. 3.

talvez algum critico de nariz revolto nos repetiria o dito de Horacio: — *Non erat his locus!* Como quer que seja vamos já a entrar na trilha d'onde incidentemente nos tinhamos desviado. — Vamos sim a continuar a serie e simultanea confutação dos desconchavos, e desvarios, por não lhe chamar heresias historicas.

Se dissermos e sustentarmos que a tal e tão hyperbolicamente inculcada *Historia de Portugal*, a qual pelos paradoxos, absurdos, e sesquipedaes destampatorios, que nella se acoitam, e como laparos na loisa se alapardam para ver se podem escapar ao faro persentido do analysta, que com elles arrosta e barafusta; se dissermos, repito, que a tal e quejanda Historia de Portugal é a *preciosa ridicula* gralha do Apologo de Fedro, que enfatuada e suberba, para impôr o que não era, nem podia ser, se arrebicou com as postiças pennas do pavão; estamos persuadidos que não haverá Magriço algum litterario, que queira vir ao campo da polemica enristar lanças para defender como producção campanuda o que aos olhos de uma critica inflexivel e justa não é outra cousa mais que uma congestão de disparates!...

Porém se por um caso raro e excepcional apparecer algum *enthusiasta*, que intente tomar sobre si o despique ou desforço em favor do réo de leza-historia; saiba que, além do que já fica allegado e provado, temos ainda materia nova e de grave pezo, que offerecer em contraposição no tribunal supremo da judiciosa e critica imparcialidade! Vamos a ella.

O Author da Historia de Portugal ferrenho e acirrado em seu, se bem que baldado, designio, continúa ainda a deprimir o numero dos combatentes Sarracenos na Batalha de Ourique. E de que modo? Ouçamol-o: » Ou dominassem estes regulos, ou estivesse ainda o

» paiz sujeito aos governadores ahi postos pelo impera» dor de Marrocos, o que sabemos é que os chefes mu» sulmanos, pelo menos os do Alemtejo, se uniram pa» ra atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik » (1). Quem poderá jámais tolerar, ou ouvir de sangue frio e temperamento stoico a transcripta asserção: » O que sabemos » é que os chefes musulmanos, pelo menos os do Alem» tejo, se uniram para atalhar a invasão do terrivel » Ibn-Errik? » Por ventura não se sabe mais noticia alguma de algum outro dos chefes musulmanos que compareceram no Campo de Ourique, para, com inaudita ignorancia e revoltante audacia, se affirmar que *pelo menos os do Alemtejo se uniram para atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik?* Acaso a união dos chefes musulmanos do Alemtejo, para atalhar aquella invasão, é unicamente a noticia que tinha seguro fundamento na historia; e que por isso, como por excepção, se deva incluir na salvaguarda de um *pelo menos?* Nunca; a não se querer inepta e insipientemente sustentar uma falsidade historica. Sim, quem não sabe que á multidão infinita de Sarracenos que Ismar tinha trazido comsigo de além mar se reunira tambem a dos Sarracenos de aquem mar, em cujo numero figuram os dos confins de Sevilha e Badajoz primeiro que os do Alemtejo? E' a *Chronica dos Godos* que o affirma, e contesta intergiversavelmente a falsidade do intruso *pelo menos* do Historiador Portuguez. Eis-aqui o seu texto: » Esmar Rex » Sarracenus congregata infinita multitudine Sarrace» norum transmarinorum quos secum adduxerat, et co» rum qui morabant citra mare à termino Sibilliæ, et » de Badalioz, et de Elvas, et de Elbora, et de Begia, et » de omnibus castellis usque Santarem venerunt ei ob» viam, ut pugnaret cum eo, confidens in multitudine » virtutis suæ, et sui exercitus etc. (2). Em linguagem quer dizer: » Ismar Rei Sarraceno reunida uma multi» dão infinita de Sarracenos de além mar e d'aquelles » que habitavam d'aquem mar dos confins de Sevilha,

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.
(2) No Appendix da 3.ª Parte da Monarchia Lusitana — *Escriptura Primeira*, folha 273 v.

» Badajoz, Elvas, Evora, Beja, e de todos os castellos » até Santarem, que lhe vieram ao encontro, para pele- » jar com elle, confiando na multidão da sua força, e » do seu exercito etc. » A' vista de tal e tão venerando testemunho, de um tão grande pezo e valor documental, ninguem deixará certamente de reconhecer a falsidade com que o historiador antagonista para diminuir a força dos adversarios de Iba-Errik (aliàs D. Affonso Henriques; que é linguagem que todos entendem!) sim se enunciou, omittindo parte da verdade historica, que tanto o incommodava, pela refalsada ingerencia ou inserção d'aquelle tão mal embutido—*pelo menos*. A historia, direi eu (e comigo todo o mundo, cujo amor da verdade não tiver de todo sido extincto) a historia sim nos faz saber que os Sarracenos que se reuniram para atalhar a invasão do *terrivel Ibn-Errik* foram instrumental, e positivamente aquelles que nos attesta o mencionado documento, e não *pelo menos* aquelles que o escriptor novissimo consigna nas paginas da sua tão errada historia!

Ouça-se porém ainda a Faria e Sousa na Europa Portugueza: » Los Reyes Moros que el Principe (D. Affonso Henriques) » hallò en los campos de Orique, » abriendo los montes, y valles com mas de 600 mil » hombres eran el de Silves, el de Merida, el de Se- » villa, el de Badajoz, Alathar de Lisboa, Benafut de » Algezira, y otros Principes y Señores, siendo princi- » pales dellos los primeros quatro, y superior a todos Is- » mar, de que resultó contarse por cinco los vencidos » en esta ocasion, siendo ellos muchos màs » (1). O original transcripto ainda mais explicitamente desmente a asserção do modernissimo (a todos os respeitos) historiographo portuguez. — A Faria copiou exactamente, quanto aos Reis que vieram á Batalha de Ourique, na sua Historia Geral de Portugal, M. de la Clede (2); e depois deste já em nossos dias, na sua Historia Geral do mesmo Reino (3), M. le M.is de Fortia d'Orban

(1) Tom. 2.º pag. 46.
(2) Tom. 2.º pag. 88 etc.
(3) Tom. 3.º pag. 77 etc.

etc. — Corrija pois o innovador romantico a sua estranha, e intoleravel asserção!

A philaucia innovadora porém continúa; e quando não mente, embrulha; se bem que algumas vezes faz uma e outra cousa! Venha pois mais: » Este (D. Affonso Henriques), diz o historiador em seguida » achava- » se já nos campos, que se dilatavam ao sul de Beja, » quando os walis e alkaids das praças do Algharb » marcharam ao seu encontro » (1). Como é isto? Ainda no periodo antecedente os chefes musulmanos, que se *uniram para atalhar a invasão de Ibn-Errik*, *eram pelo menos os do Alemtejo*, e agora no periodo seguinte são *os walis e alkaids das praças do Algharb que marcharam ao encontro* do mesmo referido *Ibn-Errik?* Que é isto? Que metamorphose, que metastasis; ou antes que cataclismo, por não dizer, algaravia ou vasconçada é esta? Ou os walis e alkaids do Algharb (nomes que tambem significam governadores) são uma e a mesma cousa que os governadores do Alemtejo; ou designam entidades diversas. A primeira das asserções ninguem dirá ser admissivel. Não é pois cousa identica ser governador do Alemtejo, ou do Algarve, como reconhece e ajuiza ainda a mais obtusa racionalidade. E' de necessidade por tanto que se dê e exista só como verdadeira a segunda asserção da disjunctiva. Neste caso temos forçosamente achado, e cahido em contradicção o historiador portuguez. — Sim, se os governadores do Algarve são differentes dos governadores do Alemtejo, segue-se que não foram só os governadores do Alemtejo (como ha pouco asseverou o historiador) que vieram *atalhar a invasão*, ou sahir *ao encontro* do Principe Christão; foram tambem os governadores do Algarve. A quem não salta aos olhos que existe incoherencia? — Todavia ha de oppôr talvez o increpado e codilhado escriptor alguma réplica. E qual será ella? Eu tomei, dirá, o Algharb na mesma extensão geographica em que a tomaram os Arabes; e nella vem tambem incluido o Alemtejo. Venha muito embora. E' porém justo e conforme ás leis da melhor critica que um historiador, qualquer que elle seja,

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.

narre um feito glorioso ou não glorioso da sua nação, regulando-se pela geographia de um author de paiz estranho, que nenhum escriptor nacional, nem estrangeiro em taes casos admittíra? Não por certo, e antes é um charlatanismo reprehensivel, que produz na historia profunda obscuridade. Diz-se, e na verdade assim é, que a geographia é um dos olhos da historia; mas uma historia com *aquell'outro* olho geographico deve por força ficar muito vesga, ou zanaga! E por certo quem ha de poder fazer uso de um olho affectado de tal torção, de uma tão feroz ophtalmia? — Porém admittindo mesmo por momentos a decantada geographia arabesca (e bem de arabescos abunda toda a chamada Historia de Portugal!); ainda assim, o historiador deu uma indesculpavel cabeçada historica. — Perguntaremos ao conspicuo transtornador da historia nacional se Ismario, commandante em chefe dos Sarracenos em Campo de Ourique, era *wali*, ou *alkaid* de alguma das *praças* do *Algharb?* Ha de ficar na triste attitude de um boquiseco sem saber, nem poder dar resposta que favoravel lhe seja! Escusa de esquadrinhar e sacudir da poeira toda a pilha das garabulhas paleographicas. Tudo quanto achar ha de convencel-o de que imaginou e escreveu uma indesculpavel necedade! Sim, Ismario nunca foi Wali, nem Alkaid de alguma das praças do Algharb, e sim Rei de uma grande parte da Africa, e Andaluzia. E' o grande Antiquario, André de Rezende quem o refere: *Ismarius magnæ partis Africæ, Beticæque Rex* (1). Além deste, e outros, o grande Oratoriano Pereira de Figueiredo diz ser Ismar um *potentissimo Rei da Mourama*; versão do seu latim: *Ismarius potentissimus Sarracenorum Rex* (2). Esta qualificação, que tambem é a da *Chronica Gothorum*, está formalmente desmentindo a asserção do historiador, que restringíra os chefes que marcharam contra D. Affonso Henriques só aos *walis e alkaids das praças do Algharb*, ainda tomado este pela demarcação mourisca, que elle transcreveu na sua Historia de Portugal, extrahida da

(1) Liv. 4. pag. 267.
(2) Elog. dos Reis de Portug. pag. 14 e 15.

Geographia de *Edrisi*, segundo a versão de *Jaubert* (1). — Além d'isto a historia faz menção entre os Reis ou Principes Sarracenos dos principaes, que dirigiram ou deram a acção em Campo de Ourique, de um chefe que era de Sevilha (2). Em qual porém das tres provincias, em que o innovador dividira, segundo a mencionada Geographia arabe, o Algharb (*antes dos Christãos se começarem a apoderar dos territorios além do Tejo, e ao sul de Leiria* (3)) em qual, repetirei, das tres provincias da tal Geographia do Algharb, que elle transplantou para as paginas da sua Obra se encontra e lê a palavra *Sevilha?* Em nenhuma dellas. Não ha de poder negal-o. Na verdade a negativa em caso tal é d'aquellas asserções, que pela sua evidente falsidade não admittem algum subterfugio! Basta correr e examinar com os olhos o que elle proprio deixára escripto para se conhecer que Sevilha não ficára pertencendo ao seu descripto *Al-Gharb* (4). Por certo que nas terras da Hespanha, que se mencionam na 2.ª provincia, e nas outras em que se divide o *Al-Gharb* mourisco, não apparece nem sombra de Sevilha.

D'aqui concluimos, argumentando pelos proprios principios do historiador, que, não pertencendo *Sevilha* ao seu arabico Al-Gharb, e havendo entre os chefes que commandavam a força armada no Campo de Ourique um Principe, Rei, ou Governador, (Wali, ou Alkaid, indo mesmo com a nomenclatura delle) de Sevilha, indubitavelmente, afóra os *walis e alkaids das praças do Al-Gharb*, houve mais algum que não era delles, que *marchára ao encontro de D. Affonso Henriques.* Aquella restrictiva e excepcional enunciação historica é por tanto sobre modo inexacta!

Se em fim o historiador entendeu pela palavra — Al-Gharb — aquellas terras d'aquem e d'além mar em Africa, que os Mouros outrosim comprehendiam debaixo d'este nome; temos então que o numero dos Walis

(1) V. Hist. de Portug. tom. 1.° pag. 325 e 326.
(2) Veja-se o logar ja citado de Faria; e mesmo o da Chronica dos Godos.
(3) Hist. de Portug. tom. 1.° pag. 325.
(4) Hist. de Portug. tom. 1.° pag. 325 e 326.

e Alkaids de tantas terras devendo ser assás grande, grande deveria ser o numero das tropas, que com elles haviam de vir; grandeza, que elle longe de admittir, procura por todas as fórmas, contra o consenso d'aquelles que bem tem merecido das sciencias, definhar em sua historia. — Esta ultima accepção pois mesmo quando em these fosse admissivel (o que não concedemos em hypothese, attenta a explicação que se fizera do que fosse Al-Gharb) novamente constituiria o historiographo em contradicção comsigo mesmo. — Mais: Tendo elle já dito acima que os *chefes musulmanos, que se uniram para atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik* eram *pelo menos* os do Alemtejo; este *pelo menos* ficaria ainda mais solemnemente destruido, e declarado insubsistente, se por ventura se admittisse em tal vocabulo (Al-Gharb) uma muito mais lata accepção geographica. Maior razão, e de nova força, tornaria incompativel a restricção referida!

Agora perguntaremos ao historiador que tanto *romantisa*, em que documental pergaminho descobriu elle escripto, que o logar em que se achava Ibn-Errik (D. Affonso Henriques), quando os taes *walis e alkaids das praças do Al-Gharb marcharam ao seu encontro*, fosse precisamente *nos campos que se dilatam ao sul de Beja?* Ha de outra vez ficar em tortura; e ficará sempre que a seu alvedrio fixar posições militares! Eu não decido a questão. Digo porém, e não receio ser desmentido, que os campos que se comprehendem na antiga Comarca d'Ourique não se *dilatam só ao sul de Beja*. Sendo isto assim qual ha de ser a razão por que os *taes campos*, em que se achava D. Affonso Henriques, quando os Mouros marcharam ao seu encontro, se hão de ficar designando ao sul da referida cidade? — Mesmo quando todo o territorio, que se denomina *Campo d'Ourique* se dilatasse só ao sul de Beja, que certeza tem o historiador, de que o exercito mauritano não *marchasse* ao en-encontro do seu terrivel adversario antes d'elle se achar nos taes campos, precisamente designados? A duvida, ou problema ha de subsistir em quanto não apparecer documento ou testemunho authentico, que decida a questão. O historiographo que o apresente, se quer que

acreditemos a novidade, ou innovação topographica! — Da historia só consta o logar do encontro entre os dois exercitos, e não o local perfixo em que D. Affonso Henriques se achava, quando o exercito sarraceno marchou ao seu encontro. Note-se a differença.

Continuemos a copiar outras mais formaes palavras do Historiographo. » N'uma das eminencias, por meio » das quaes o solo se vae fazendo mais agro e ondeado » desde as planuras de Béja até se converter nas aspe» ras serranias de Monchique, estava assentado o logar, » ou castello denominado pelos Arabes Orik. Foi nes» tas immediações que Sarracenos e Christãos se encon» traram » (1). Não disputaremos se o logar, ou castello de Ourique estava em *uma das eminencias, por meio das quaes o solo se vae fazendo mais agro e ondeado desde as planuras de Béja até se converter nas asperas serranias de Monchique.* Todavia não podemos deixar de notar que o *palavriado* com que vemos collocar Ourique em uma das taes *eminencias, por meio das quaes o solo se vae fazendo mais agro e ondeado desde as planuras de Béja até se converter,* ou metamorphosear *nas asperas serranias de Monchique,* traja mais á moda de romance, que de descripção geographica! — Este estillo porém ao passo que dá pasto á imaginação que deleita, sepulta em inedia o entendimento, que a historia assás deveria illustrar! Esta anomalia se dá sempre que o escriptor preza mais de ser romantico que historico!... Um geographo portuguez, que sabia o que dizia, e não improvisava á laia de romancista, diz de Ourique o seguinte: » Está assentada a Villa de Ourique na extremidade » Meridional da Provincia do Alemtejo, entre a Villa de » Mertola ao Levante, e Villa-Nova de mil fontes ao » Poente. O seu sitio, sem que o terreno pareça muy » levantado, fica bastantemente superior ao campo des» te nome, no qual ganhou El-Rey D. Affonso Henri» ques aquella famosa batalha aos Mouros em 25 de » Julho de 1139 com que segurou o titulo de Rey de » Portugal, que pouco antes lhe havião dado as suas

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.

» Tropas » (1). Outros mais authores topographos poderiamos citar, que, em occorrencia igual, não fallam d'aquellas taes *eminencias*, nem que em alguma dellas (sem dizer qual!) esteja assentado ou em pé o *logar* ou *castello*, e depois Villa d'Ourique. A tal innovação, indeterminando, foi pois para peior!...

Agora mal deixaremos passar, sem lhe oppôr a devida contestação, a asseveração que diz: » Foi nestas imme- » diações (do logar ou castello denominado pelos Arabes Orik) » que os Sarracenos e Christãos se encontra- » ram. » A historia não diz que foi nas *immediações do logar ou castello de Ourique* que os Sarracenos e Christãos *se encontraram*. Ouça-se a Monarchia Lusitana. » Tiveram vista, diz ella, os exercitos em um logar » abaixo de Castro Verde, o qual hoje se chama Cabe- » ça de Reis, junto dos dous pequenos rios Cobres e » Terges » (2). A' vista desta authoridade como diremos que aquelle encontro fôra nas immediações do logar ou castello de Ourique, e não antes e restrictamente nas *immediações* da Villa de Castro Verde? E' evidentissimo que o termo *immediações* não póde deixar de ter logar no segundo caso. » Como ½ leg. E. de la vil- » la (de Castro Verde) entre los rios Corbes y Terges, » en unos cerros adonde hay una capilla, se muestra el » sitio donde se diò la famosa batalla de Ourique, en » 25 de Julio de 1139, por el rey Don Affonso 1.º con- » tra los moros » (3). Por este testemunho se deixa ver que a Batalha de Ourique tivera logar meia legua a

(1) Vid. Geographia Historica, por D. Luiz Caetano de Lima, tom. 2.º pag. 253 e 254.

(2) Tom. 3.º L. X. fol. 117 v.

(3) Miñano — Diccionario Geografico-Estadistico de España y Portugal na palavra *Castro Verde*. — Neste artigo refere tambem Miñano que as paredes da Parochia (que diz ser de mui boa fabrica) se acham revestidas de azulejos, que em varios quadros representam os principaes passos da Batalha de Ourique.

Em ampliação copiaremos o trecho de uma Carta, que um habitante de *Castro Verde* enviára (neste anno de 1854) a um seu correspondente de Lisboa. Refere ella a proposito: » Os templos » desta Villa são decorados com bellos quadros a oleo, e em azulejo, » que representam os arraiaes de D. Affonso, a Apparição, a Bata- » lha, as Ovações do triumpho, a Acclamação do Monarcha pelo » exercito, e o Juramento dado em Coimbra: e o Sêllo, ou Brazão

éste da Villa de Castro-Verde. Isto confirma a *immediação* que sustentamos. — Note-se mais: A Villa de Castro-Verde dista da Villa de Ourique duas leguas a nordeste (1). Segundo pois taes demarcações é para concluir que o logar aonde fôra a Batalha contra Ismario devia distar da Villa de Ourique pelo menos duas leguas e meia. Estatuida esta baze; como é que se póde com verdade escrever que aquella Batalha fôra nas *immediações* do *logar* ou *Castello* de Ourique; sendo sem controversia outro o logar, ou Villa, em cujas immediações ella fôra realizada? Ninguem ainda similhante cousa escreveu, a não ser o nosso *originalissimo* historiador! — Todos os historiadores sim nossos e alheios unanimemente affirmam que a mencionada Batalha foi em *Campo d'Ourique*; denominação que indica uma Comarca, que comprehende varios logares, e Villas. Tem pois o cognome de *Ourique*, não por aquella Batalha ser restrictamente dada nas *immediações* (gallicismo que D. *Francisco de S. Luis* não julga necessario adoptar-se em nossa lingua, visto termos o vocabulo *visinhanças* etc.) do *logar*, ou *Castello de Ourique*; porém sim por ter sido effeituada no campo ou territorio da Comarca de Ourique. Confirma o exposto o insigne erudito *Pereira de Figueiredo*. Referindo-se ao logar da Batalha de Ourique dissera elle: » Sobre o que é de notar, como no-» tou Rezende, que esta Batalha tomou o nome de Ou-» rique, como da Villa mais notavel d'aquella Comar-» ca ou Territorio, ainda que o sitio preciso da Batalha

» d'armas da Comarca representa D. Affonso de joelhos e Jesus » Christo crucificado apparecendo-lhé. — Pena é (termina ella) que » uma bella Pyramide mandada erigir no reinado da Senhora D. » Maria I nesta Villa esteja por terra, quando este monumento, » que é de todos os monumentos aquelle que melhor podia attestar » a gloria e o brio Portugues, deveria ser o mais bem conservado. »

O escriptor da Carta é mais um digno respeitador das antigas tradições patrias, que deve ser inscripto em o catalogo d'aquelles que acreditam na Apparição. Dis pois na mesma Carta: » Não hão » de ser de certo os filhos de Castro Verde que hão de deixar de » acreditar o facto da Apparição, ainda que não seja por outra cou-» sa que por ser o Brazão dos Castrenses; pois foi aqui que se dis » ella teve lugar, e o Campo da Batalha na distancia de tres quar-» tos de legoa. »

(1) Miñano no artigo citado.

» foi abaixo da Villa de Castro Verde n'um valle que » fica entre os dois riachos Cobres e Terges, que a pou- » ca distancia confundidos já hum no outro se mettem » e sepultam no Guadiana » (1). No mesmo sentido escreveu o grande Bispo de Beja D. Fr. Manuel do Cenaculo, que pessoalmente observou e estudou estes logares, sitos em sua Diocese. (2). Outro escriptor mais moderno disse que Ismael indo em procura de D. Henrique para atacal o, o encontrou nos *Campos d'Ourique.* (3). Não disse elle nas *immediações do logar ou castello denominado pelos arabes Orik.* Esta situação, tomada em rigor geographico, é de certo falsa. Por tanto a palavra *immediações* nem geographica, nem historicamente póde ser consentida no logar em que foi collocada.

Porém que? Na *Chronica Gothorum* lê-se: *In loco qui dicitur Aulic.* No *Chronicon Conimbricense: In loco qui dicitur Ouric.* No *Chronicon Lamecense: In loco qui dicitur Oric.* Favorecerão estas authoridades alguma cousa a opinião das falsas, e aerias *immediações?* Nada; antes lhe fazem maior carga. Na verdade quando aquelle *in loco* rigorosamente se entendesse do logar ou castello de Ourique, e não do Campo de Ourique; a referida expressão não poderia jámais ser traduzida pelo termo *immediações.* Na hypothese da interpretação rigorista significaria então que aquella famosa Batalha se teria dado no mesmo logar, ou castello de Ourique, absurdo, que ainda ninguem proferiu. — Pelo contrario todos os escriptores (que bem deviam entender os dizeres citados) unanimemente declaram ter sido dado o mencionado combate em Campo de Ourique (ponto generico) e nunca no logar, castello ou *immediações* delle (ponto especifico); que é diversa d'aquelle que unanimemente se designa. — Além (accrescentaremos) de Antonio Brandão na *Monarchia Lusitana,* cuja authoridade já deixámos transcripta, temos a André de Rezende: *In Agro igitur Orichiensi, paulo infra Castrum viride oppidum, non procul à confluente Cobris et Tergis fluvio-*

(1) Mem. da Acad. tom. 9.º Dissertação 19.ª pag. 308.
(2) Vej. Cuidados Litterarios, pag. 383 etc.
(3) Casado Giraldes, Geogr. vol. 1.º pag. 103 e 104.

rum, in mutuum conspectum venientes castra posuerunt (1). Esta mesma topographia confirma elle no seu poemeto latino — *Vincentius Levita, et Martyr.* — Na Oração que Vasco Fernandes de Lucena, Embaixador de D. João II, recitou em Roma em pleno Consistorio no anno de 1485, acha-se escripto: *Et rursus apud Auriquios campos apud cum locum, quem nunc capita Regum vulgus appellat, exigua, et parva manu cum quinque potentissimis Regibus victor certavit.* O que *Pereira de Figueiredo* traduziu: » Outra vez no Campo d'Ourique, » onde agora chamam *Cabeças dos Reis*, com hum pe- » queno exercito venceo cinco poderosissimos Reis Mou- » ros » (2). Este mesmo sabio nos Elogios dos Reis de Portugal copiou a topographia de Rezende (3). Duarte Nunes igualmente escreveu que o principe D. Affonso buscando os Mouros para o combate » veiu a um logar » do Campo de Ourique, que chamam Cabeça de Rey, » junto á villa de Castro verde, e alli se ajuntaram am- » bos os arraiaes (4). » E' quanto basta.

Agora advertiremos que a citação — *Moura, Vestig. da Ling. Arab. p.* 171 — (5) apontada para provar que o logar, ou castello, em cujas immediações falsamente se asseverára tivera havido o tal *encontro*, (a Batalha de Ourique), era *denominado pelos Arabes Orik*, não prova que os Arabes já áquelle tempo, como bem se infere do modo de exprimir do Historiador, lhe dessem tal denominação. Basta ler o artigo dos taes *Vestigios da Lingua Arabica* para se ficar convencido do que asseveramos. Eil-o-aqui: *Ourique — Orique. He nome de Lugar. Villa assim chamada no Bispado de Beja. Cardozo.* Este modo de fallar do Etymologista nem mostra que Ourique já tivera esta denominação antes do famoso combate, nem que tamsómente a tivera depois delle. Nenhuma das duas referencias se póde com preferencia colligir do artigo exposto. Este artigo (pondo de parte a boa ou

(1) Antiq. Lib. 4. pag. 207.
(2) Vej. Novos Testemunhos da Milagrosa Apparição etc. pag. 14 e 15.
(3) Pag. 14 e 15.
(4) Chronica d'El-Rey D. Affonso Henriques, fol. 28.
(5) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327. cit. 2.ª

má etymologia, que é questão lá para Arabistas (1)) tam-sómente testifica o facto sem relação preferivel a algum dos dois tempos.

Continuemos porém já a desfiar, e a pôr em solemne patenteação o resto da pilha de inepcias, de aereas romançadas, que deturpam e empesgam a Historia de Portugal!... Copiemos:

» Apezar de que o antigo esforço, e o irresistivel » enthusiasmo dos lamtunitas, corrompidos pelas riquezas e pelo luxo, fructo das passadas conquistas, tinha » grandemente esmorecido, elles recorreram a uma das » guerreiras usanças dos seus antepassados do Maghreb » para preencherem as fileiras, ou rareadas pela partida » de Tachfin, ou porque as guarnições dos castellos da» quelle tempo, ainda completas, eram mui pouco nu» merosas (2) » Que tão falsa e tão desenxabida zaragatôa palavrosa!... Em que original, transumpto, ou cousa que o valha, adubado com todos os temperos e perrexis da veneranda authenticidade, que a sua affanosa e esbaforida solicitude pela primeira vez fizesse desencarcerar de alguma catacumba, ou pocilga paleographica, lêu, e se certificou o escriptor historico que, referindo-se á épocha da Batalha de Ourique, se noticiasse que — *o antigo esforço e irresistivel enthusiasmo dos lamtunitas, corrompidos pelas riquezas, e pelo luxo, fructo das passadas conquistas, tinham grandemente esmorecido?* Ha de ficar outra vez nadando, e, como perdido naufrago no vasto Oceano, sem poder ver, nem alcançar terra! Nem sequer rasto, nem piugada alguma de tal paradoxo ha de lobrigar; por mais que farege toda a lurida mantissa do mais raro e mais bem provido Tombo, ou Jazigo paleographico!... Porém que digo eu? E' falso, é falsissimo que por occasião da Batalha de Ourique *o antigo esforço e irresistivel enthusiasmo dos lamtunitas estivesse grandemente esmorecido.* E quem sim poderá, ou se atreverá a duvidar de tal; não digo já a negal-o? Ninguem que souber respeitar o que dizem a fluz as historias; e só aquelle que por acintoso systema o quizer desprezar.

(1) Vej. Exame Historico etc. por A. C. P. pag. 12 e 13.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.

Abram-se ellas; e para logo o innovador ficará completamente desmentido. — Comecemos pela Chronica dos Godos. E que nos diz ella, que denote que *o antigo esforço, e irresistivel enthusiasmo dos lamtunitas estava grandemente esmorecido*, na épocha do combate de Ourique? Ao contrario ella nos representa a Ismario apresentando-se no campo do combate como um homem *animado de confiança*, natural effeito *da multidão da sua força* em especial, *e do seu exercito* em geral; » confi» dens in multitudine virtutis suæ, et sui exercitus (1). » Estas expressões redonda, e frisantemente comprehendem a mais perfeita negativa de toda a idéa de esmorecimento. — Neste mesmo sentido, em que se exprime a Chronica dos Godos se expressa, e de um modo mais explicito, o grande Antiquario André de Rezende: » His » confisus, in Alphonsum properabat, lentis itineribus, » sed animo ad vindictam concitatissimo. » » Confiiado » em suas forças Ismario marchava contra D. Affonso, » com vagarosas marchas, (esperando sem duvida engrossar cada vez mais e mais o seu exercito, como explica o Elucidario de Viterbo (2)); » mas com animo pos» suido do maior furor para tomar vingança. » Acaso um chefe militar, que vem abrazado em colera para se vingar dos seus adversarios, e que de mais a mais confia na multidão da sua *força*, e do seu *exercito*, é o typo de homem esmorecido? Nunca. Estará acaso o esmorecimento nos que compõem o seu exercito? Tambem por certo que não. Ouçamos a este respeito o que escreve o mesmo Antiquario: » Innumerabilis ille Bar» barorum exercitus, tam dissonis clamoribus, tam ter» ribili fragore perstrepebat, ut cœlum ruere, terra quas» sari tremoribus viderentur (3). Aquelle innumeravel » exercito de barbaros, feito n'uma desentoada grita, era » tal o estrondo que fazia, que parecia cahir o ceo e » tremer a terra. ». Assim traduz Pereira de Figueiredo este logar de Rezende nos Elogios dos Reis de Portugal

(1) Na Monarchia Luzit. tom. 3.º fol. 273, v.
(2) No Elucidario. tom. 2.º pag. 77.
(3) Antiq. Lusit. Lib. 4. pag. 270.

(1). Quem dirá pois que esta algazarra de tão superlativo estrepito denote esmorecimento da parte dos Sarracenos no campo da Batalha de Ourique? Ninguem por certo que tenha as faculdades intellectuaes em sua normal funcção! — Escute-se ainda o que diz mais a proposito o erudito Antiquario: » Commissum prælium » est, sanguinolentum, pertinax, diuturnum, à prima » diei hora usque ad meridiem (2). Deu-se a Batalha, » que foi sanguinolenta, pertinaz, e de muita dura, » des do principio da manhã até o meio dia. » E' traducção do mesmo eruditissimo Pereira de Figueiredo. (3) Um exercito, que além de innumeravel sustenta uma Batalha *sanguinolenta, pertinaz*, e de *muita dura*; quem será o bardo ainda o mais obtuzo que o classifique de *esforço grandemente esmorecido?* Ninguem por certo. — Esta doutrina historica que sustentamos, é a mesma que o famigerado historiographo, o Dr. Henrique Scheffer, emittiu em sua Historia de Portugal. » Os » Sarracenos, diz elle, se adiantaram *cheios de confiança* » em a superioridade de suas forças e a celebravam en» toando alegres e festivas canções (4). » Não está elle pois de accordo com aquillo que disseram antes os citados escriptores; e por conseguinte incontestavelmente desmentindo a falsidade, com que o innovador representa *grandemente esmorecidos o antigo esforço, e irresistivel enthusiasmo dos lamtunitas* pelo tempo do combate de Ourique? Não é possivel recusar a affirmativa. — O innovador pelo contrario, se fosse sincero, deveria confessar que, se houve *esmorecimento*, e não pequeno, foi da parte dos Christãos á vista de um tão prodigioso numero de adversarios. Recearam pois até entrar em combate; e o seu receio, ou antes medo (aliás prudente e bem fundado) teria prevalecido, se a falla ou exhortações de D. Affonso Henriques, segundo mencionam os nossos Chronistas, os não tivesse animado, e resolvido (5).

(1) Pag. 19.
(2) Lib. 4. pag. 270.
(3) Elog. dos Reis de Portug. pag. 19 e 20.
(4) Tom. 1.º pag. 88.
(5) Vej. Duarte Galvão na Chronica de D. Affonso Henriques —

Porém o neologista historico é quem, sem o pensar por certo, dá a si proprio inevitavel xaque-mate. Sim; escreve, e publíca elle em alto e bom tom que — » A» pezar de que o antigo esforço, e o irresistivel enthu» siasmo dos lamtunitas corrompidos (lá por motivos que elle a seu sabor fantasiou!) » tinha grandemente » esmorecido, elles recorreram a uma das guerreiras » usanças dos seus antepassados do Maghreb para pre» encherem as fileiras, ou rareadas pela partida de Tach» fin, ou porque as guarnições dos castellos d'aquelle » tempo, ainda completas, eram mui pouco numero» sas. » — Agora perguntarei: Que uma das *guerreiras usanças* foi essa a que os *Lamtunitas* recorreram para os fins que o novelleiro escriptor historiou? Elle o declara no seguinte periodo por esta fórma e maneira: » As » mulheres almoravides, vestindo as armas, vieram pe» lejar ao lado de seus maridos e irmãos em defeza da » terra, que as tribus de Lamtuna olhavam como uma » nova patria depois da conquista do Andalúz (1). » Como é isto? Será por ventura prova, documento de uma nação *se achar grandemente esmorecida*, o apresentar no campo do combate, *segundo uma das guerreiras usanças dos seus antepassados, mulheres vestindo as armas ao lado de seus maridos e irmãos em defeza da terra que olhavam como uma nova patria?* Ninguem por certo ha de achar neste facto de heroismo mulheril, altamente patriotico, principio algum, nem apparente sequer, para deduzir uma tão absona affirmativa. Antes bem pelo contrario todo o mundo ha de, e deve assim argumentar á vista delle: Se as mulheres dos *Lamtunitas* (e note-se que este nome não vem nas Chronicas; é sim *Sarracenos!*) sem perderem *uma das guerreiras usanças* dos seus maiores ou *antepassados*, assim dão um testemunho tão altamente pronunciado do seu animo e decisão em defensão da sua nova *patria*, no campo de Marte *ao lado de seus maridos e irmãos*; quanto maior e profundamente mais expressivo não deveria ser ahi o valor e de-

Acenheiro na Chronica dos Reis de Portugal — Duarte Nunes de Leão na Chronica d'ElRei D. Affonso Henriques etc.

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

nodo destes, enthusiasmados, e mettidos em brios com tão estimulante exemplo? As historias de todos os paizes; e mesmo particularmente do nosso, nos convencem de que, quando o valor das mulheres de quaesquer povos heroicamente se distingue; o denodo, e bravura dos homens nunca lhe tem sido inferior. — Lá se encontram em tempos das conquistas do Oriente, no segundo cêrco de Diu pelos Turcos e El-Rei de Cambaya, donzellas destemidas, trajando de homens com as armas na mão, batendo esforçadamente os Mouros (1). E este prodigio de valor feminil, longe de argüir *esmorecimento* da parte dos soldados de D. João de Castro; quem deixará de o reconhecer como argumento para d'ahi deduzir qual deveria ser a bravura delles, á vista de tão preponderante estimulo?

Agora perguntaremos ao historiographo: Quem lhe revelou, ou quem lhe imbutiu que a causa de os Lamtunitas recorrerem áquella *guerreira usança* foi para *preencher as fileiras* ou *rareadas pela partida de Tachfin*, ou *porque as guarnições dos castellos d'aquelle tempo ainda completas eram mui pouco numerosas?* Quanto ás *fileiras rareadas pela partida de Tachfin*, já fizemos vêr que as fileiras dos lamtunitas tinham até engrossado mais depois da partida de Tachfin, pelas tropas que da Africa elle tivera enviado para a Hespanha (2). Além d'isto se aquella prática das mulheres sarracenas era assás commum e ordinaria; sendo, conforme se exprime o nôvo historiographo, uma das *guerreiras usanças dos seus antepassados*; como poderá jámais ella ser inculcada por uma consequencia evidente e necessaria da tal e quejanda *rareação*. — Ainda mais: Por que via documental, ou não documental soubera o Author da Historia de Portugal, dado mesmo que as *fileiras rareadas dos Lamtunitas* fosse um facto; soubera, digo, que o numero das sarracenas guerreadoras era tal, que offerecera aos chefes Musulmanos um recurso para acudir ao des-

(1) » Taes houve, que vestindo armas, fizeram aos inimigos ros» to, correndo da agulha á lança, do estrado á muralha. » (Vida de D. João de Castro, Liv. 2.º n.º *55.*)

(2) Vej. a 3.ª Parte desta Obra, pag. 73 e seguintes.

falque de suas fileiras? A Historia, ou Chronica dos Godos, que é Documento de todo o respeito, falla indeterminadamente, sem designação de numero. E Brandão que traduziu na lingua vulgar, da latina, a passagem respectiva da Chronica não teve duvida de reduzir aquelle numero apenas a *algumas mulheres* (1) A' vista deste tão grave e sensato testemunho fica sendo aquelle fantasiado *recurso dos Lamtunitas* a mais perfeita e pronunciada caricatura, que se póde imaginar!... — Quanto á segunda parte da disjunctiva; d'onde lhe constou que as guarnições dos castellos d'aquelle tempo, ainda completas, eram *mui pouco numerosas?* Não ha de apontar author algum que tal diga. E' outra refinada romancice!... Porém demos de barato que assim fosse; seria isto motivo bastante para os Sarracenos se resolverem a admittir mulheres em suas fileiras? Quando assim se désse; esta causal não póde ser admissivel, logo que se declara ser aquella admissão — *uma das guerreiras usanças dos antepassados do Maghreb.* — Na verdade se era usança vinda já *dos antepassados* do Maghreb, não se póde reputar como successo extraordinario, que proviesse, como de causa efficiente, e nem mesmo occasional, de algum dos dois motivos da disjunctiva.

Vamos agora a uma nota que o historiographo emprega para sustentar a segunda parte da celebrada disjunctiva. Diz ella: » Para se fazer idéa do limitado » numero de soldados, que guarneciam qualquer cas» tello naquelle tempo, observe-se que Mertola, *o mais* » *forte de todo o Al-Gharb*, foi surprehendido por se» tenta homens do partido de Ibn-Kasi. Conde, P. 3. » C. 34 » (2). E' isto, que se transcreve, algum fundamento que pezo tenha na balança historica ou apenas mera frioleira? E' sim mera e espuada frioleira!.... Quem jámais no universo logico concluiu em materias de natureza accidental, com força de legitimidade irre-

(1) » Nesta batalha, *tradus elle*, entraram algumas mulheres » mouriscas, e pelejaram ao modo das antigas Amazonas, e foram » conhecidas depois de mortas. » (Monarchia Lusit. L. X. Cap. 3.º fol. 166).

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327, not. 3.ª

cusavel, do singular para o universal? Ninguem por certo que tenha meia pollegada de conhecimentos dialecticos. Quando se provasse por tanto evidentemente que um castello tinha pequena guarnição, não se seguia d'ahi que os outros castellos estivessem no mesmo parallelo! — Além d'isto que regra ha em tactica ou estrategia militar que mande concluir que — todo o castello que fôr surprehendido por *setenta homens* é signal evidente que continha em si uma *guarnição pouco numerosa?* Nenhuma. Ha de responder até o paizano mais imbelle e pastrana!... E na verdade não ha centenares de exemplos, na historia, de um numero pequeno de tropas surprehender a outro incomparavelmente muito maior? Certo que ha. O bom exito de uma surpreza não depende pela maior parte tanto da força numerica, quanto do aggregado, muitas vezes imprevisto, das circumstancias, que secundam a estrategia. Nestes termos o Novador historico não poderá jámais provar, por mais que se esfalfe, que um castello bem guarnecido não possa ser por fórma alguma surprehendido pela força de *setenta homens*. A sua asserção é por tanto infundada e aerea! — Finalmente por um castello ter a cathegoria de — *o mais forte* — segue-se logo que deve ter uma guarnição numerosa? Nego. A sua fortaleza póde-lhe vir já da situação em que se acha collocado, já dos meios que a arte tenha empregado para o tornar inexpugnavel. Nestas circumstancias bem póde até o mais forte castello ser defendido com uma bem pequena guarnição. Toda esta argumentação está irresistivelmente reduzindo ao valor de uma inepcia a transcripta Nota!

Agora advertirei que a surpreza de Mertola não fôra levada a pleno effeito, como falsamente se collige da nota do historiographo, só pela força de *setenta homens*. Foram só *setenta homens* os que começaram o accommettimento. Porém não o levaram ao ultimo, e completo resultado sem vir *em seu soccorro, como estava concertado, a gente de Jabura e Xelbe*. E' o mesmo invocado Conde quem o testifica. Ouçamol-o: » Vino en » ayuda de Aben Cosai como estaba concertado, la gen- » te de Jabura y Xelbe, acaudillada por Muhamad

» ben Omar ben Almondar Abul Walid etc. » (1). Deste mesmo accordo (e mais explicito em circumstancias) está Mr. de Marlès: » Aben Cosaï se chargea de » l'entreprise (de s'emparer du château de Mertola). » Il se cacha de nuit avec *soixante-dix hommes* déter» minés dans les faubourgs de la place; *le reste de sa » troupe*, composée des soldats d'Evora et de Silves, *at» tendait dans les environs*, prête à accourir au signal » convenu. Au point du jour, au moment où l'on ou» vrait les portes, il attaqua la garde, la massacra, et » se rendit maitre de la forteresse » (2). Esta maneira de historiar assás está mostrando que não foram só os *setenta homens* que realizaram a mencionada empreza, conforme subrepticiamente se inculca. — Este facto da *surpreza de Mertola* teve logar em o anno de 1144. Esta data faz ver que ainda quando fosse verdade historica de caracter incontestavel o estado de definhamento, em que se achava a guarnição de Mertola, quando foi surprehendida; este successo nada poderia influir na Batalha de Ourique, que tivera logar em 1139, cinco annos antes de intervallo. — A nota por tanto envolvendo um anachronismo manifesto é, por mais este motivo, altamente inepta e inconcludente!

A mania porém depressora contra o valor e grandeza, em que sempre fôra tida a Batalha de Ourique, ainda continúa em seus devaneios e felestrfas. Vamos a apresental-os aos olhos do publico illustrado, acompanhados conjunctamente da competente corrimaça critico-historica. Ouçamos novamente o historiador: » A' » excepção d'esta, as circumstancias da batalha de Ou» rique ignoram-se inteiramente. As Chronicas christãs » coevas, ou quasi coevas, que a mencionam, fazem-no » em bem curtas palavras, e nos diversos escriptores ara» bes, que nos transmittiram a historia de Hespanha » neste periodo, não se encontra o minimo vestigio de » um facto, que pouco devia avultar no meio dos gra» ves acontecimentos, que então passavam na scena po-

(1) Conde, Parte 3.ª, Cap. 34, pag. 275.
(2) Histoire de la Domination des Arabes etc. tóm. 2.° pag. 368.

» litica, tanto na Peninsula, como na Africa » (1). Que é isto? Pois a unica das circumstancias da Batalha de Ourique, de que se tem noticia é só a do facto das *mulheres almoravides*, que *vestindo armas*, *vieram pelejar ao lado de seus maridos e irmãos*; ignorando-se todas as mais *circumstancias inteiramente?* Que prova adduz o historiographo desta tão absona e caricata asserção? Nenhuma; nem é possivel adduzil-a!... E' por ventura verdade que as *chronicas christans coevas*, *ou quasi coevas*, *por fazerem menção da Batalha de Ourique em bem curtas palavras*, não façam menção de nenhuma outra circumstancia mais que a referida? E' falsissimo!... Abra-se e examine-se a Chronica dos Godos coeva, ou quasi coeva da Batalha de Ourique; e que circumstancias nos refere ella no artigo consagrado a tão glorioso successo? Não era preciso referir tantas para completamente desmentir o antagonista da grandeza da Batalha de Ourique. Nelle pois se acha designado o anno, o dia do mez em que tivera logar aquella grande guerra, sem esquecer o tempo do reinado do Principe Christão. — Faz-se menção igualmente dos dois Chefes belligerantes, e do logar em que tivera realidade a lide. — Vê-se della que Ismario conhecia o valor, e audacia de D. Affonso, e que fôra em razão dos frequentes estragos, que este causava nas terras dos Sarracenos, que elle se resolvera sahir a campo para, caso o podesse fazer encontrando-o desacautelado, bater-se com elle. — Querem tambem saber quando foi que Ismario reputou ser occasião opportuna para o ataque que projectava? E' a mesma Chronica que nol-o aponta. Foi quando El-Rei D. Affonso se achava com o seu exercito no coração da terra dos Sarracenos. Então Ismario reunindo infinita multidão de Sarracenos d'além mar que tinha trazido comsigo, e d'aquem mar dos confins de Sevilha, Badajoz, Elvas, Evora e Beja, e de todos os castellos até Santarem, lhe veio ao encontro, para lhe apresentar batalha, confiado na multidão da sua força e do seu exercito. Querem ainda mais circumstancias? Pois logo depois da memoria do valor das Sarracenas, que deram a

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

vida pelejando á maneira das Amazonas no campo de Marte, hão de achar ainda um par de circumstancias, que não são para ficarem submergidas nas agoas do rio Lethes! — Hão de ainda achar a posição que tomara D. Affonso n'esse combate com aquelles que o acompanhavam: o apertado cerco em que se viram: quanto tempo durara, e a heroica bravura com que delle se livraram. Hão de ahi ver testificada a escarmentação que tomara Ismario do valor dos Christãos, que destruindo-lhe por differentes fórmas a multidão do seu exercito, tomou o partido de dar ás trancas, ficando-lhe prisioneiro um sobrinho; além de innumeraveis individuos do seu partido, que patinharam no conflicto. — Todas estas circumstancias, e ainda mais explicitamente exaradas na Chronica; quem não vê que estão completamente esmechando a inaudita arrogancia do transtornador historico, que, á excepção da heroicidade das Sarracenas, nenhuma outra circumstancia da Batalha de Ourique encontrara nas *Chronicas christãs coevas ou quasi coevas?*

Para que tudo fique posto ainda mais, como dizem, em pratos limpos, (e não é lingoagem de *prostibulo!*) copiaremos a integra do parrafo da Chronica:

» Æra 1177. Octavo Calendas Augusti in Festivitate
» Sancti Jacobi Apostoli, anno Regni sui undecimo,
» idem Rex Donnus Alfonsus magnum bellum commi-
» sit cum Rege Sarracenorum, nomine Esmar, in loco,
» qui vocatur Aulic. Ille namque Rex Sarracenorum,
» cognita virtute, et audacia Regis Donni Alfonsi, et
» videns eum frequenter intrare in terram Sarracenorum,
» et deprædari, nimiumque atterere suam regionem,
» voluit si facere posset, ut eum incautum, et impara-
» tum alicubi inveniret, ut cum eo gereret bellum.
» Quadam itaque vice cum Rex D. Alfonsus cum suo
» exercitu intraret per terram Sarracenorum, et esset in
» corde terræ eorum, Esmar Rex Sarracenus congrega-
» ta infinita multitudine Sarracenorum transmarinorum
» quos secum adduxerat, et eorum qui morabant citra
» mare à termino Sibilliæ, et de Badalioz, et de Elvas,
» et de Elbora, et de Begia, et de omnibus castellis,
» usque Santarem, venit ei obviam, ut pugnaret cum

» eo, confidens in multitudine virtutis suæ, et sui exer-
» citus, quia erat copiosus, in tantum quod mulieres
» ibi affuerunt Amazonico ritu belligerantes, sicut exi-
» tus postea probavit in eis, quæ ibi occisæ inventæ fue-
» runt, licet Rex D. Alfonsus esset cum paucis suo-
» rum, et esset in quodam promuntorio fixis tentoriis,
» ex omni parte obsessus: et circumvallatus est à Sar-
» racenis à mane usque ad vesperam, cum vellent ir-
» rumpere, et invadere castra Christianorum. Electi
» milites irruerunt in eos fortiter pugnantes cum eis,
» expulsos extra castra occiderunt et diviserunt eos:
» quod cum vidisset Rex Esmar, scilicet virtutes Chris-
» tianorum, et quod parati erant magis vincere, aut
» mori, quam fugere; fugit ipse, et omnes qui cum eo
» erant, omnisque illa multitudo Paganorum partim
» occisione, partim fuga occisa est, et dispersa. Rex
» etiam Esmar illorum superatus per fugam evasit, com-
» prehenso ibi quodam suo comsuprino, et nepote Re-
» gis Hali nomine Homar Atagor; et interfectis ex
» parte sua viris innumeris. Et sic D. Alfonsus divina
» se protegente gratia magnum de inimicis obtinuit tri-
» umphum, et ex illo tempore fortitudo, et audacia
» Sarracenorum valde infirmata est » (1). Quem pois á vista desta integra póde tolerar que se escreva e imprima que a unica circumstancia que se encontra nas Chronicas Christãs ácerca da Batalha de Ourique seja a bravura das mulheres sarracenas? O desconceito e desprezo por tão enorme falsidade é sem duvida a justa retribuição, que de todos deve merecer o tal arrojo! — O sabio Bispo de Beja, depois Arcebispo d'Evora, D. Fr. *Manuel do Cenaculo*, com razão pois reconhece que na passagem copiada da Chronica dos Godos *se veem claramente insinuadas as circumstancias da victoria de Ourique* (2). — Um voto de tão guindada, e ponderosa qualificação é por si mesmo mais que de sobejo para reduzir a mortal silencio o garrulo mais desenfreado em innovações historicas!

(1) Acha-se no tom. 3.º da Monarchia Lusitana. — Appendix: e na España Sagrada, tom. 14.º

(2) Cuidados Litterarios, pag. 278.

Agora outrosim cumpre por ultimo observar que o Historiographo anchamente disse no plural — *Chronicas christans coevas, ou quasi coevas* — que tamsómente fizeram menção, como circumstancia unica do Combate de Ourique, da façanha varonil e amazonica das Sarracenas!... Que *Chronica christan* porém ha *coeva* ou *quasi coeva*, que além, da Chronica dos Godos, mencione o referido successo? Nem uma só mais sequer elle ha de poder apontar; e por isso o seu romantico plural não é mais que uma chapadissima e desarcada falsidade! Pelo contrario ellas nada absolutamente fallam do tal heroismo bellico das Sarracenas (o qual alguem ultimamente appareceu, que o teve por hyperbole (1), opi-

(1) O erudito Author de *Exame Historico* é desta, talvez singular, opinião, como se póde verificar, lendo o § 5.º do seu Folheto. Funda-se elle em que o estratagema usado pelos musulmanos só tivera uma vez logar, e foi quando os Arabes da provincia de Hemiar se bateram com o inimigo, que os queria impedir de passar para o interior da Africa. Isto porém não prova ser hyperbole o que positivamente assevera a Chronica dos Godos. Antes não se podendo provar a hyperbole della, nem alguem até hoje lha tendo achado, é mais um documento que confirma o uso estrategico dos Sarracenos. Além d'isto *Casiri* na Bibliotheca Arabico-Hispana (pag. 219, col. 1,ª tom. 2.º, Nota) falla do tal estratagema dos Almoravides, ou Lamtunitas como de uma cousa usual. Demos as suas palavras: » Almorabidæ, quod nomen Latinè sónat *Confœderati*, Lamtunitæ » etiam vocitantur à desertis Lamtunæ, seu Lemtæ, ut habet Leo » Africanus ad pag. 245; nec non Molatemun *à velata facie*, quippe qui cum fœminis bellicosissimis ita velati pugnare in hostes solebant. » Ninguem dirá que o illustre arabista (Casiri) só por um unico facto se servisse da palavra generica *solebant*.

Quanto ás expressões *amazonico ritu ac modo pugnarunt*, não se devem tomar (nem alguem jámais as tomou) tão metaphysicamente, que por ellas se deva entender que as Sarracenas, de que se trata, eram em tudo e por tudo as antigas Amazonas. Basta que se entenda que o eram metaphoricamente fallando no valor e firmeza de combater; sentido por certo em que é mais obvio tomar aquella expressão. Mesmo áquelles que insistirem na força da etymologia mais commum, não será facil provar que todas as Amazonas tivessem o costume de se privarem do peito direito; principalmente tendo os modernos dado este nome de Amazonas ás nações, ou raças de mulheres guerreiras, que se tem descoberto depois das antigas. As melhores tropas do Imperador de Monomotapa, diz-se ser de mulheres, que habitam nas visinhanças do Nilo (1). Estas com tudo, apezar de

(1) Noel, Dictionnaire de la Fable, tom. 1.º, pag. 79. — Porém

nião que não adoptamos), e só das circumstancias do tempo, e logar, em que se dera o combate, e bem assim dos nomes dos Chefes combatentes. — Para evidenciar o que proferimos não é preciso mais que ler tanto o que refere o *Chronicon Lamecense* (Vej. Dissert. Chronolog. tom. 4.º Part. 1. pag. 174); como o respectivo conteudo do *Chronicon Conimbricense*, ou Livro de Noa de Santa Cruz de Coimbra. (Vej. Provas Genealog. tom. 1. pag. 375). Um e outro Chronicon transcrevera tambem o Author que refutamos em a nota XVI da sua Historia.

Ainda todavia o neotorismo anti-historico não cessa de ver se póde amolgar e achatar a grandeza da Batalha de Ourique. Lança mão de um argumento, que, ainda quando tivesse realidade, por ser *negativo*, nunca poderia destruir a validade dos documentos positivos, que tão claramente testificam a grandeza d'aquelle a todos os respeitos glorioso feito. Que argumento é pois elle? E' o silencio dos escriptores arabes. » Nos diver» sos escriptores arabes, *diz elle*, que nos transmittiram » a historia de Hespanha neste periodo, não se encon» tra o minimo vestigio de um tal facto » (2). E' po-

contadas no numero das Amazonas, não consta que se privassem do peito direito. — O nosso Duarte Nunes de Leão na fé de Appiano Alexandrino, historiador grego, conta que nas guerras entre Romanos e Hespanhoes, as mulheres portuguezas armadas acompanhavam a seus maridos nas guerras, e pelejavam tão animosamente como elles; nunca voltando costas ao inimigo, querendo vencer ou morrer. (1) Creio que ninguem se lembrará de sustentar que estas Amazonas se tivessem privado do peito direito. — As Amazonas da America, segundo lemos, differem das Asiaticas no conservarem o peito direito. Vej. *Dictionnaire portatif des Femmes célèbres*, no art. — *Amazones*. — *Encyclopedie Methodique*, *Geographie Ancienne*, tom. 1.º, art. — *Amazones*. — Da lição dos indicados artigos assás se poderá colligir quaes tenham sido os sentimentos dos escriptores ácerca das Amazonas. Quaesquer porém que elles sejam é claro que nada ha que embarace a intelligencia que demos ao logar da Chronica dos Godos.

Fr. João dos Santos, na Chronica Oriental, nega que no Reino de Monomotapa haja *taes mulheres*. (Part. 1.ª, fol. 62, v.)

(1) Descripção de Portugal, fol. 150 v. e 151.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

rém isto verdade? E' falsissimo. Temos positivos e graves testemunhos nos escriptores arabes, que confirmam tanto a grandeza do combate, como do destroço dos Sarracenos. O habil Author do *Exame Historico sobre a Batalha do Campo de Ourique* levou esta asserção á evidencia; fazendo este serviço á historia nacional contra a innovação freneticamente depressora. O primeiro dos escriptores arabes, que elle aponta, é *Hamed-el-Nabil*, embaixador do Imperador de Marrocos a Filippe III de Hespanha. Este Marroquino de *muito saber e prudencia*, no *Itinerario*, feito *com a maior critica e pureza de linguagem*, que escreveu na sua volta (em o qual, além da *descripção do que viu, e admirou na Peninsula*, introduzira *todos os feitos principaes* dos Musulmanos desde a invasão de Tarik até á Batalha de Alcacer Quibir) não teve duvida, quando chegou á *época do facto de Ourique*, de terminantemente asseverar, indicando como causa do *engrandecimento e conquistas* da Andaluzia, » o ter l'Enrik derrotado os Musulmanos; não persis» tindo estes depois d'isso no paiz, senão quando obra» vam pacificamente; e que por isso ficaram os Chris» tãos neste paiz senhores de suas terras, e de suas ri» quezas » (1). Este testemunho tão insuspeito, que attribue á derrota, que os Musulmanos soffreram da parte de Enrik, resultados de tão grave valia, assás mostra a importancia em que os proprios adversarios tiveram a Batalha de Ourique.

O segundo escriptor arabe que desmente a asserção negativa do *novel* historiador portuguez, é, segundo o mesmo erudito Author do *Exame Historico*, Abd-Alihim, o qual na sua Historia, Cap. 33, a pag. 10, diz, reduzido á nossa linguagem, o seguinte: » E neste anno » 533 (1139), desbaratou o general Taxefin as multi» dões dos christãos no campo de Attibbat; e fez pere» cer delles um numero extraordinario; e levou de seus » prisioneiros seis mil captivos: em consequencia do » que partiu para Marrocos, e á sua chegada lhe saíu » ao encontro seu pae, o imperador dos musulmanos,

(1) Vej. Exame Historico etc. §. 15.º e nota etc., aonde se acha o respectivo arabe.

» que ficou em profundo desgosto, e cheio de grande » susto » (1). E' bem de ver que o historiador mauritano dera por esta narração aos seus a victoria: Porém que importa? Uma vez que se prove que o *campo de Attibat* seja o mesmo que *campo de Ourique*, e identico o combate, forçosamente se ha de concluir da narrativa do escriptor arabe a grandeza da Batalha, que o historiographo portuguez, antagonista della, absolutamente deprime. — O terceiro escriptor arabe é Muhammed-Ben-Abi, que na sua Historia, Cap. 28, pag. 5, segundo o Author do *Exame Historico*, excepto em dois vocabulos, se exprime pelas mesmas palavras do precedente (2). — Quanto a estes dois historiadores arabes arrogarem a victoria para os seus compatriotas; como se póde ella compadecer com o *profundo desgosto, e grande susto* que della proviera ao Imperador de Marrocos Aly-Ben-Taxefin, conforme os *seus mesmos historiadores affirmam?* (3) Nunca foram estes os effeitos de qualquer victoria, antes de acontecimento bem contrario. Demos porém que haja alguem que seja tão pyrrhonico, que não se resolva a acreditar que as duas ultimas authoridades dos escriptores musulmanos (visto differirem em ponto essencial das Chronicas christãs) alguma cousa tem com a Batalha de Ourique. Ainda assim subsiste a primeira authoridade do citado escriptor arabe, que não tem visos de tergiversavel; e é quanto basta para desmentir a omnimoda asserção: Que nos *diversos escriptores arabes que nos transmittiram a Historia de Hespanha não se encontra o minimo vestigio* de tal facto, a façanha grandiosa de Ourique. — Supponhamos porém mesmo, que nenhum testemunho em favor da existencia, ou grandeza da Batalha de Ourique, extrahido de author sarraceno, que terminantemente o demonstrasse, tivesse visto ainda a luz publica nos prelos do nosso paiz; estava por ventura o inqualificavel historiador portuguez habilitado com todos os dados de sciencia certa,

(1) No §. 16.º, pag. 21 e 22, e em a nota etc., que contém o original arabe.
(2) Exame Historico §. 18.º, pag. 24 e nota etc., que transcreve o original em arabe.
(3) No Exame Historico etc., pag. 24.

e necessaria para, com entono oraculino, dar como por caso julgado em ultima instancia: Que *nos diversos escriptores arabes não se encontra o minimo vestigio* do facto de Ourique?... Quem são esses *diversos escriptores arabes* que elle leu, aonde não se encontra o *minimo vestigio* do facto de Ourique? Aponte-os se quer que o acreditemos.... Mas para que é exigir impossiveis de um escrevedor, que nem sequer tem o *minimo vestigio* de sciencia na lingua arabica? E poderá sem este indispensavel conhecimento pronunciar elle uma similhante bravata? Nunca; que não faça rir o estoico mais merencorio!... Se os examinou pelas traducções, quaes são ellas? Ha de ficar no mesmo, senão peior embaraço. A fanfarronada sim ha de continuar a apparecer sem véo, que a disfarce, e lhe dê côr que valia tenha. — D'aquellas traducções de authores arabes que poderá apontar, que nenhuma menção fizessem da Batalha de Ourique, uma sim vemos que o historiographo talvez se ufanará de lembrar, e vem a ser a *Historia dos Soberanos Mahometanos* etc. composta por *Abu-Mohammed Assaleh*, traduzida por Fr. *José de Santo Antonio Moura*. Não seria todavia novidade alguma se viesse ao mercado com a indigitação da tal omissão historica. Já o referido traductor o tinha declarado em uma nota ao Cap. 40 da indicada versão. Teve porém o traductor por isso em menos a Batalha de Ourique? Tal ninguem ha de com verdade pronunciar. Eis-aqui a sua nota: » No reinado deste Principe (Taxefin) em 534 (1139) » aconteceu a gloriosa batalha de Ourique, de que o » Author (Assaleh) não faz menção, ou porque foi mui» to desgraçada para os seus, ou porque só entraram » nella alguns regulos de Hespanha, o que é mais pro» vavel, especialmente por se achar já então occupado » Aly nas guerras entre os Almuhades. » Ainda quando se admitta como mais provavel a causal da omissão, que aponta o traductor, quem ha de d'ahi deduzir que a Batalha de Ourique não mereça a todos os respeitos o epitheto de *gloriosa?* Note-se que é o proprio Author da original e não bazeada *probabilioridade* quem lhe chama *gloriosa*. — Concedamos todavia que fossem *só alguns regulos de Hespanha*, que entrassem n'aquella me-

moravel lucta; segue-se por ventura d'ahi que elles não apresentassem no campo da batalha um exercito numerosissimo, e nelle se não batessem porfiosa, e renhidamente; merecendo este Feito bellico, a todas as luzes, o epitheto de *grande?* Ninguem tal consequencia poderá affirmar, que para logo não seja desmentido por tudo quanto a historia unanimemente tem escripto. Assás já o temos evidenciado (1). — Quem porém ler os testemunhos dos escriptores arabes, que ultimamente dera á luz o Author do *Exame Historico*, ha de com todo o fundamento concluir que a causa d'aquella omissão fôra antes o ser aquella *Batalha mui desgraçada* e fatal para os Mouros. Tão pouco, segundo faz ver o mesmo Author do *Exame Historico*, não é verdade que a guerra contra os Almuhades tivesse *occupado Aly*; pois que tal guerra ainda não existia; nem que este por causa della ficasse inhibido de enviar soccorros á Peninsula, como effectivamente enviou, e nella se achavam, quando teve logar a Batalha de Ourique; conforme já fizemos ver. (2). Segundo os Authores arabes, que cita o escriptor do *Exame Historico*, *Taxefin* achou-se até na Batalha de campo de Ourique; a ser este o mesmo Campo que o Campo de *Attibat* (3). — Todavia para que é tanta metralhada em materia meramente accidental? — Ha até quem diga que a Historia de *Assalch* é um manuscripto *errado*, *suspeito*, e mal *traduzido*. E' o Author da *Confirmação do Exame Historico sobre a Batalha de Ourique* quem o assevera (4). A elle nos reportamos. — Nem a tal asserção cabe senão áquelle que analyticamente, e com todos os descontos, a puder demonstrar. (5).

(1) Na Primeira Parte desta Obra.

(2) Veja-se a Terceira Parte desta Obra, pag. 73 e seguintes. — Póde servir para o mesmo intento a passagem transcripta nesta Quarta Parte, pag. 37.

(3) Vej. §. 16.º

(4) Vej. §§. 9.º e 12.º

(5) Como typo analytico (afóra outros motivos de apreço) não podemos aqui deixar de recommendar a leitura do Opusculo — *Commentario Critico sobre a Advertencia do 4.º volume da Historia de Portugal de A. Herculano e Carta annexa de Pasqual de Gayangos* — composição do mesmo arabista portuguez, Antonio Caetano

Agora mostraremos, que não obstante o supposto silencio (já desmentido) dos Escriptores arabes sobre a Batalha de Ourique, outros Escriptores tem havido (e por serem estrangeiros assás sem suspeita) que tratando de materias historicas concernentes aos Arabes, não tiveram a minima duvida de ahi, em logar opportuno, fazerem menção, sem quebra nem mingua, da valia que sempre houvera aos olhos da mais illustrada critica, a façanha do Campo de Ourique. — Seja o primeiro Mr. de *Chenier* na sua Obra — *Recherches Historiques sur les Maures et l'Histoire de l'Empire de Maroc.* No tomo 2.º, pag. 43 diz pois o seguinte: » Don Alphonse-» Henriques, Comte de Portugal, qui après les divi-» sions qu'il y eut entre les Chretiens en *Espagne* dans » les années précédentes, avoit cimenté la bonne intel-» ligence avec l'Empereur *Don Alphonse*, se disposa, » en 1139, à attaquer les Mahométans voisins de ses » Etats: les Alcaides de *Badajoz*, *Elvas*, *Evora* et au-» tres lieux, unirent leurs forces à celles que *Tessefin* » avoit envoyées d'*Afrique* pour secourir Oreja et mar-» cher contre le Prince *Don Alphonse-Henriques* qui » ravageoit déjà le pays appellé *Alentejo*; il etoit près » d'*Ourique*, à peu de distance de la *Guadiana*, quand » ils arrivèrent près de son camp qui étoit sur une hau-» teur. Les Mahométans l'attaquèrent avec la plus » grande ardeur; mais ayant été constanment repous-» sés, ils ne purent le forcer dans ses retranchemens; » les Portugais, en étant enfin sortis, fundirent sur les » ennemis avec tant d'impetuosité qu'ils les culbutèrent » et les mirent en fuite, après en avoir massacré un » grand nombre. Les Portugais victorieux rentrèrent » dans leur camp et proclamèrent Roi de *Portugal* le » Prince *Don Alphonse-Henriques* (1), qui méritoit cet

Pereira. Nelle o erudito escriptor, refutando de um modo triunfante, tanto o conteúdo da *sem par* Advertencia, como da originalissima Carta, magistralmente confirma, e dá inconcussa solidez á doutrina historica e critica, que nos dois folhetos, por nós citados, tivera expendido.

(1) » Ce Prince vainquit, dans cette bataille, cinq Rois ou Ge-» neraux Mahometans, et c'est à cette circonstance qu'on attribue » les cinq écus qu'il mit dans l'écusson de ses armes. » (E' nota de Mr. Chenier).

» auguste titre autant par sa naissance et ses belles » qualités que par la victoire éclatante qu'il venoit de » remporter; ce double evenement date de 25 Juillet » 1139. »

Seja o segundo Mr. de Marlès. Este na Obra — *Histoire de la Domination des Arabes et des Maures en Espagne et en Portugal*, tomo 2.°, pag. 363 e 364, refere o que vamos a transcrever: » Ce fut vers cette mê- » me époque (1139) qu'Alphonse-Enriquez, comte de » Portugal, voulant tirer parti de l'armée qu'il avait » d'abord destinée contre l'Empereur Alphonse, résolut » de la faire servir à étendre ses domaines dans l'Al- » garbe. Les walis de Badajoz, de Béja, d'Evora, d'El- » vas et de Lisbonne, s'unirent pour lui resister. Com- » ptant même sur le nombre de leurs troupes, ils allè- » rent l'attaquer dans son camp, situé sur les hauteurs » d'Ourique, entre la Guadiana et la rivière de Ca- » drao; et ils épuisèrent en d'inutiles assauts la vigueur » de leurs soldats. Quand les Portugais s'aperçurent » que l'ardeur des Almoravides s'étoit ralentie, ils sor- » tirent de leurs retranchemens, et fondirent sur eux » avec la plus grande impetuosité. Les Musulmans, » renversés par ce choc terrible, se rompirent de toutes » parts, et les Portugais redoublant d'efforts achevèrent » de les mettre en déroute, après en avoir tué un grand » nombre. Ils rentrèrent dans leur camp aux cris de vi- » ctoire, et dans ce moment d'exaltation et d'enthou- » siasme, ils donnerent par acclamation à leur prince » le titre de roi » (1). Eis-aqui como estes Authores estrangeiros, apezar de nenhuma menção della indicarem achar em documentos arabes, fallam da Batalha de Ourique. Acceite d'elles esta lição tão proficua o Historiographo portuguez, que tão excentrico se mostra ás leis da verdadeira e apurada critica!

A' vista do que fica exposto, discutido e demonstrado; quem poderá aturar que se escreva em uma historia chamada de Portugal que — o facto de Ourique

(1) » On dit que ce fut à cette occasion qu'il mit cinq écus dans » ses armoires en mémoire des cinq walis qu'il avoit vaincus dans » cette journée. » (E' nota de Mr. de Marlès).

era um facto que pouco devia avultar no meio dos graves acontecimentos, que então se passavam na scena politica, tanto na Peninsula como na Africa? (1). Que escriptor politico, que historiador, que critico, quer nacional, quer estrangeiro, julgou em tempo algum similhantemente, ou cousa que com tal se pareça, da Batalha de Ourique? Nem sequer em um só, a não ser no proprio escriptor que refutamos, se ha de encontrar um tão falso, e iniquo pensar; dizemol-o sem medo de sermos desmentidos.... E na verdade poderá jámais conceber-se que uma Batalha, que dá em resultado a creação de um povo independente, a fundação de um reino, e de uma dynastia que o deve governar; que estabelece uma nova vassallagem pela acclamação de um primeiro Monarcha; poderá sim jámais conceber-se que um *facto* de similhante magnitude, e natureza não avulte grandemente na *scena politica* do mundo, sejam quaes forem os *graves acontecimentos*, que no mesmo periodo tenham tido logar em qualquer outra parte? Ninguem com verdade o ha de poder imaginar! — Não é por ventura um successo de tal, e tão pouco vulgar especie um *grave acontecimento* para poder hombrear, ou avultar a par de outros igualmente *graves?* Um acontecimento porém como a gloriosa Batalha do Campo de Ourique não é só *grave*, é gravissimo; razão porque devia avultar com especial volume e grandeza entre ou no meio dos mesmos successos mais graves, que *então se passavam na scena politica tanto na Peninsula como na Africa*. E' assim que deve pensar, e pensou sempre todo aquelle que conhece as leis da severidade dialectica. — Ouça-se agora a pêllo o conceito que faz da Batalha de Ourique o Chronista Mór do Reino D. Fr. Antonio Brandão: » Esta » é a celebradissima victoria que chamamos do Campo » de Ourique, famosa entre as que venera a antiguida- » de, pella desigoaldade do numero da gente, pertina- » cia dos Mouros, e duração de tempo; e no felice » auspicio do Reyno de Portugal muy notavel » (2). Este tem sido o conceito invariavel de todos os nossos Chro-

(1) Vej. Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.
(2) Monarchia Lusitana, tom. 3.º fol. 122.

nistas e Historiadores. — Eu quero porém que o testemunho de uma Sociedade de sabios estrangeiros venha confundir o anti-nacional historiador portuguez. Eis as suas palavras: » Cette glorieuse victoire, qui fut certaine» ment le fondement de la Monarchie Portuguaise, fut » remportée le 25 de Juillet; et l'on en a depuis tou» jours célébré l'anniversaire, pour perpétuer la me» moire de la protection signalée que la Providence » avoit accordée à l'Armée Chretienne » (1). E quem jámais d'entre os proprios estrangeiros deixou de reconhecer na victoria gloriosa do Campo de Ourique o *fundamento da Monarchia Portugueza?* E sendo esta victoria *certamente o fundamento* de uma Monarchia, *e muy notavel no felice auspicio do Reyno de Portugal*, deveria ella *então avultar pouco na scena politica na Peninsula?* Nunca tal e quejanda affirmação se ouviu!...

Terminemos em fim a analyse do já assás remexido, e tundado paragrafo. E' uma contradicção que vamos a notar. » Sabemos só, *diz elle*, que Affonso Hen» riques desbaratou os sarracenos, cujo chefe denomina» do nas chronicas portuguezas o *rei* Ismar, Smare ou » Examare, corrupção de Omar (2) ou de Ismael, a » custo salvou a vida com a fuga. O campo ficou alas» trado de mortos, entre os quaes se acharam os cada» veres de muitas das mulheres, que alli tinham vindo, » e que haviam perecido combatendo como as antigas » amazonas » (3). E' visivel e mais que visivel por esta narração; que o Historiador cujo logar copiámos reconhece agora que, além da circumstancia da heroicidade militar das Sarracenas, ha outras circumstancias (taes como o desbarate dos Sarracenos por D. Affonso Henriques, e a fuga de Ismar para salvar a vida), as quaes como aquella igualmente são sabidas. Como é isto? Acaso não se lembra já o Author da Historia de Portugal que no principio do paragrafo escrevera: » A' excepção » desta (o denodo bellico das mulheres almoravides) as

(1) Histoire Universelle etc. traduite de l'anglais d'une Société de gens de lettres, tom. 29, pag. 322.

(2) Esta corrupção não lha achou o Author da *Confirmação do Exame Historico*, pag. 13.

(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

» circumstancias da Batalha de Ourique ignoram-se in» teiramente? » (1). — As asserções ultimas, na verdade, do paragrafo, subordinadas ao termo *sabemos* estão em manifesta opposição com a primeira asserção deste mesmo paragrafo — *ignoram-se inteiramente!* Passemos agora já a outro ramal do grande panal historico.

Foi ganhada esta batalha (de Ourique) *que tão memoravel se tornou com o correr dos tempos, a 25 de Julho de* 1139 (2). E' o primeiro periodo do parrafo immediato ao que fica transcripto, que está em scena! — Profere-se, e isto por uma d'aquellas proposições, que em nomenclatura grammatical chamam — *incidentes explicativas*, que a Batalha de Ourique se tornára *tão memoravel com o correr dos tempos*. Que quer isto dizer? Que o tornar-se tão *memoravel* a Batalha de Ourique procedeu do *correr dos tempos*. Temos outro arrepelão para deprimir aquella grandiosa façanha!.... Tira, ou deduz porém a Batalha de Ourique o epitheto de *tão memoravel* do *correr dos tempos*, ou torna-se ella por si mesma digna delle? A solução deste problema de apreciação e estimativa historica está pela affirmativa da segunda parte da interrogação. Não ha por certo um só escriptor, assim nacional, como estrangeiro, que tenha tratado da Batalha de Ourique, cujas palavras, testificando a sua grandeza e vulto entre os factos do mundo historico, não estejam simultaneamente reconhecendo que ella é, por força da sua mesma indole, *tão memoravel*. A leitura das passagens extrahidas dos Escriptores, que temos citado ácerca da Batalha de Ourique (e citaremos ainda) nesta *Contraposição critico-historica*, bastarão para sobeja prova. E não é por ventura logo memoravel em si mesma, e não pelo *correr dos tempos*, uma Batalha em que um pequeno e mui desproporcionado numero de combatentes destroe uma força incomparavelmente maior? Uma Batalha que dera o ser politico de nação aos vencedores, que tão denodadamente sacudiram o jugo sarraceno? Um feito desta cathegoria é sempre essencial, e intrinsecamente sobre maneira me-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

moravel, sem precisar do *correr dos tempos* para grangear uma tal qualificação. Porém que digo?... Documentos, se não coetaneos, pelo menos de idade mui proxima lhe deram (á Batalha de Ourique) o nome de *grande*, *Magnum bellum* (1), *Lis magna* (2). Se esta Batalha pois foi logo, em seu berço ou pouco depois, historicamente tida e havida por *grande*; é bem de ver, que na sua mesma natural grandeza, sem precisar do *correr dos tempos*, houve todos os precisos elementos para se tornar *tão memoravel*.

Porém o que corôa, e põe culminante remate á ignorancia, ou á má fé, ou a uma e outra cousa, é o que immediatamente se segue: » Não consta, porém, » ao certo quaes fossem as consequencias della » (3). Que, depois de mais de sete seculos de existencia de um acontecimento tão celebre pelo que era em si mesmo, como pelos immediatos, e successivos resultados, que delle, como de primaria causa e origem necessariamente se deduziram, viesse um *improvisado* historiador apresentar aos olhos do publico, escripto em lettra redonda, que — *não consta ao certo quaes fossem as consequencias da batalha de Ourique*; — é uma heresia historica de um lote e dimensão tal, que sobe acima de todo e qualquer anathema que contra ella dardeje a sciencia; por mais estrepitoso e fulminante que elle seja! — Que um Iroquez, um Tapuia, um Tupinamba, ou qualquer outro bipede da racional selvatica especie, taboa raza em materias de historia de Portugal e de outros paizes civilizados do universo, viesse á luz publica com tal requinte de absurdo, pensando que proferia pela boca fóra um *bocadinho d'ouro*; este pobre homem, ou pobre duende teria desculpa, e mereceria até compaixão de tão crassa e lanzuda estupidez!... Porém que um *genio*, um *oraculo* de litteratura tão *idolatrado*, um *typo* sem *segundo* em materias historicas dos nossos *felizes anti-fosseis* dias; uma penna que a todos, mais que o cypreste (se bem que é arvore de máu agouro!) entre os flexi-

(1) Chronica Gothorum.
(2) Chronicon Conimbricense.
(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

veis vimes, pretende e quer sobresahir, se fizesse réo de um absurdo de tão agigantadas dimensões, é fenomeno que ha de parecer a todo o mundo incrivel enxergar-se na atmosphera dos humanos desvarios! — Na verdade, quem ha que tenha alguns laivos, ou tintura da historia de Portugal, que ignore as *consequencias* certissimas e mui sabidas de toda a gente, que provieram da Batalha gloriosa do Campo de Ourique? Quem não sabe, ou pelo menos não deve saber, que da victoria de Ourique *dedux Portugal*, como se exprime o grande Oratoriano Pereira de Figueiredo, *os seus principaes Brazões?...* (1). O testemunho de uma illustração tão conspicua seria bastante para dar o merecido garrote áquella falsa e audacissima asserção do historiador portuguez! — Eu quero porém ainda mais zurzir a impudencia, com que se ousa desdenhar da verdade conhecida e havida por tal. Foi uma consequencia immediata da Batalha gloriosa de Ourique — *o grande abatimento, em que depois ficou a valentia e audacia dos Sarracenos.* — E' um Documento de mui grave pezo que o testifica por estas expressões: *Et ex illo tempore fortitudo et audacia Sarracenorum valde infirmata est.* O Documento a que nos referimos é sem tirar, nem pôr a Chronica dos Godos (2). — E' de notar que entre os proprios escriptores arabes (e isto altamente confirma a veracidade da Chronica dos Godos) ha quem falle neste mesmo sentido: » E dizem alguns dos sabios precedentes sobre o gover» no da Andaluzia, que ella muito se engrandeceu: e » na verdade conquistou com boa posse muitos dos lo» gares os mais notaveis: e foi isto depois que l'Enrik » derrotou os musulmanos: não persistiram estes depois » d'isso no paiz, senão quando obravam pacificamente; » e por isso ficaram os christãos neste paiz senhores de » suas terras, e de suas riquezas. » Assim se expressa Hamed-el-Nabil no seu *Itinerario*, conforme traduziu o erudito Author do Exame Historico (3).

Foram tambem *consequencias* indubitaveis da Bata-

(1) Elogios dos Reis de Portugal, pag. 15.
(2) Veja-se o fim do artigo della, que fica copiado a pag. 29 etc.
(3) A pag. 20, §. 15.º

lha de Ourique essa alluvião de conquistas, que o grande Monarcha D. Affonso Henriques fôra fazendo aos Mouros no territorio lusitano occupado pelos barbaros: A conquista de Santarem, de Lisboa, Palmella, Almada e Cintra: de Leiria, Torres Novas, Obidos, Alenquer e outras muitas Terras entre o Mondego e o Tejo, das quaes dentro em poucos annos elle se assenhoreára, batendo e expulsando os invasores. — Accresente-se ainda a estas a conquista do Alemtejo. — Não fallo das importantes consequencias tanto politicas, como religiosas, que nos aponta a historia, que sem controversia, são effeitos provenientes d'aquelle grande e heroico Feito. — E' na verdade bem para admirar, ou antes para censurar, que tendo sempre todos os escriptores nacionaes e estrangeiros reconhecido e confirmado em suas Obras a existencia indubitavel das *consequencias* da Batalha de Ourique, só o *decantado* historiador-*typo* da presente épocha a viesse pôr em duvida! Tanto é o furor que o domina contra tudo o que tem relação com a grandiosa façanha de Ourique! — Fallámos de Escriptores estrangeiros, e a proposito aqui temos um francez dos nossos dias, que na sua Obra — *Précis de l'Histoire du Moyen Age* — não teve duvida de dar a submissão da Beira e da Estremadura como *consequencia* da Batalha de Ourique. *La soumission du Beira et de l'Estremadura avait été la suite de la bataille d'Ourique.* O Author desta asserção é M. *des Michels*, Reitor da Universidade d'Aix, antigo Professor de Historia nos Collegios Reaes de Henrique IV e de Bourbon, a pag. 245 da citada Obra.

Porém a estrambotice caricata ainda tem o seu arrebique. Eil-o-aqui: » A mais provavel, continúa elle, » é a das devastações ordinarias nestas correrias, quan- » do eram bem succedidas » (1). Que é isto? Pois a Acção do Campo de Ourique, que devia durar para mais de sete horas renhidas, como todos sabem (2), póde jámais

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

(2) » Commissum prælium est sanguinolentum, pertinax, diuturnum, à prima diei hora usque ad meridiem. » (De Antiquitatibus Lusit. Lib. 4. etc.). Assim André de Resende com todos os es-

ser contada no numero das *correrias?* Nunca; a não se transtornarem todas as idéas geral e constantemente recebidas. — O Historiador porém novamente se contradisse; por quanto no periodo anteriormente citado e transcripto (1) já lhe dera o nome de *Batalha!* Ora se a Batalha de Ourique não póde sem contradicção ser classificada como *correria*; como quer o historiador tirar como *mais provavel* uma consequencia d'aquillo que ella não é? — E que? Não é a *correria* em si mesma uma *devastação ordinaria?* — Porém deixemo-nos de metaphysicas... Que fundamentos historicos (perguntaremos antes) teve o escriptor da Historia de Portugal para concluir aquella probabilioridade em favor da apontada consequencia? Ha de forçosamente ficar de todo embaraçado. Affoutamente porém lhe dizemos, que nenhuns fundamentos teve!.... O Historiographo por tanto arvorou em probabilioridade aquillo que não era mais que pura e diafana fantasia!... E é assim que se alardêa de escrever uma historia altamente *documental?* Ao contrario é assim que a historia se *romantiza*, ou antes se *desnacionaliza!...* Não ha pois um só vestigio de taes devastações, mencionado nas historias, praticadas em seguida á victoria de Ourique por D. Affonso Henriques. E, quando se pertende desmentir isto, não se desmente com uma probabilioridade meramente imaginada!... D. Affonso Henriques depois da gloriosa Batalha de Ourique retirou-se com os despojos, e prisioneiros para Coimbra; e não consta que nesta retirada fizesse alguma devastação (2). Nem mesmo tinha logar similhante procedimento, visto *tornar-se*, como consta, *a suas terras.* (3).

Mas a veia romantica ainda se não estancou. Continúa ainda a gotejar! Depois do tal memorando periodo, em que com manifesta falsidade, como já fizemos

criptores. — Segundo o calculo da Tabella Astronomica o nascimento do Sol no dia 25 de Julho (dia da Batalha de Ourique) é em o nosso paiz ás 4 horas e 51 minutos Isto prova que é bem fundada a duração que demos ao referido combate.

(1) Na pag. 64 desta Quarta Parte.

(2) Duarte Galvão, Chronica de D. Affonso Henriques, pag. 25.

(3) Monarchia Lusit. 3.ª Parte, folha 122, v.

ver (1), o escriptor historico assaca que o proprio D. Affonso Henriques dera o nome de *fossado* á sua *audaz empreza*, vem logo após a seguinte passagem: » As circumstan-
» cias peculiares que neste (fossado) concorreram, sen-
» do o primeiro tentado pelos portuguezes além do Te-
» jo, e conduzido pelo proprio infante no sertão do Al-
» Gharb, aonde nunca, ou raro, os christãos haviam
» chegado, contribuiram, acaso, para que a tradição
» engrandecesse pouco a pouco o successo, a ponto de o
» tornar maravilhoso até o absurdo » (2). Este discurso é de uma frivolidade e inepcia tão alheia e absona ao bom senso historico, quanto destituido de toda a sombra de força para menosprezar a Batalha de Ourique, como tanto se pretende. E' uma lembrança originalissima de um calibre o mais aereo, e insubsistente. — Que *circumstancias peculiares* são essas que *concorreram* nesse *fossado* (a Batalha de Ourique segundo a tão aviltante e inaudita nomenclatura do novo historiographo) para *que a tradição engrandecesse pouco a pouco o successo a ponto de o tornar maravilhoso até o absurdo?* Não basta só dizel-o; é preciso comprobativamente verifical-o. — Como é outrosim que essas *circumstancias* contribuiram para que a tradição *pouco a pouco* produzisse o indicado engrandecimento, como seu inherente effeito? Quem inculca uma cousa com um determinado e qualificativo modo de obrar, é preciso que faça ver os fundamentos d'essa definitiva determinação. — E na verdade é sobre modo curioso saber-se, porque motivo as taes *circumstancias* obraram antes *pouco a pouco* do que de repente, ou de pancada. Esta differença tão nova exige necessariamente uma razão favorita, um esteio, um sustentaculo, que o historiador deve apontar, se quizer que devidamente o acreditemos. — Em que épocha em fim era o successo só meramente *maravilhoso*, e quando chegou elle a sêl-o até *o absurdo?* A todos estes quesitos se acha obrigado a cabalmente satisfazer quem quer que fôr que fallar de um modo tão categoricamente desusado! — Mas para que é apertar tanto com o adversario,

(1) Veja-se a Parte Terceira, pag. 77 e seguintes.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328 e 329.

quando elle proprio já indicára o fundamento da tal espuria e mal cabida asserção. Qual é pois elle? Ouçam todos os criticos e não criticos, apaixonados, e não apaixonados: E' um puro, e isolado *acaso*, que, como todos sabem, é o synonimo de *talvez* ou *por ventura*, unicamente apparece em scena!... E' porém um simples *acaso*, que por si mesmo está indicando a incerteza d'aquillo que se affirma; fundamento ou baze alguma historica, que como tal se possa produzir? Nunca. Tal expressão denota apenas hypothese, e jámais realidade. As hypotheses porém não conciliam credito á historia, antes tiram-no. — Agora direi que o historiador com similhante conjectura commetteu um crassissimo e indesculpavel lapso de ignorancia. Sim, quem ha que tenha algum laivo da historia do paiz, que não saiba que a *tradição* não foi *pouco a pouco* que foi engrandecendo o successo da Batalha de Ourique? Foi pelo contrario o successo mesmo que, logo em sua origem ou pouco menos, foi havido por *grande*, sem precisar da tradição para *pouco a pouco* se *engrandecer*. Que dizem della os documentos quasi contemporaneos, ou, quando mais não seja, do mesmo seculo? A Chronica dos Godos e o Livro de Nôa de Santa Cruz de Coimbra dão-lhe o nome de — *Grande. Lis magna, magnum bellum*, como já vimos. Ora se a Batalha de Ourique documentalmente appareceu *grande* no seculo ou mesmo na épocha em que tivera logar; não precisava da tradição para *pouco a pouco* se engrandecer. — Disse *na épocha em que tivera logar* a Batalha de Ourique; por quanto o historiographo tem a *Chronica dos Godos por um monumento coevo com os tempos que memora* (1).

Ainda todavia o antagonista não deu fim á desanda contra o prodigio heroico de Ourique. Continúa o chorrilho: » A inclinação aos encarecimentos chega a » elevar o numero dos vencidos a quatrocentos mil » sarracenos, e a fazer intervir na tentativa o proprio » Deus » (2). Que prova dá o historiador de que o numero dos vencidos elevado a quatrocentos mil, fôra ef-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º, nota 16.ª
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 329.

feito de *inclinação aos encarecimentos?* Dará por ventura alguma prova historica e documental? Aonde porém encontrou elle titulo algum autographo, ou apographo, que ineluctavelmente evidenciasse que aquelle numero era effeito de *inclinação aos encarecimentos?* Em parte alguma; ha de necessariamente ouvir pela voz unanime de todo o mundo. Se pois o escriptor não póde provar, e confirmar aquillo que avança, para que o ha de pronunciar como certo? Imaginou, como dizem, lá com os seus botões (e olhe que não é linguagem de *má nota!*) que o tal numero éra encarecido; e é isto bastante para se dar por certo aquelle *encarecimento?* Não é por meros actos de consciencia psycologica, que se decidem os factos historicos, e se estabelece a existencia, ou não existencia de successos, ou fenomenos, que tem o seu ambito fóra d'ella. E' sim pelo testemunho externo dos que veridicamente a testificam. Se este não existe, mal se póde avançar qualquer asserção em abono ou desabono de um facto, ou attribuir um effeito qualquer a uma designada causa. O escriptor (a quem tudo quanto é da Batalha de Ourique cheira a patranha de era Affonsinha) faz-lhe espanto, por não dizer medo, a bicharia musulmana, que veio contra o vencedor de Ourique! Julgou pois que nas paginas da sua *extremamente verdadeira* historia não podia caber tão grande e estupenda móle. Procurou então meio de a despenhar e submergir no abysmo do insignificante nada. Julgou elle de si para si que o numero era indubitavelmente romantico, e como a inclinação de tudo votar ao encarecimento é o seu caracter predominante, para ahi atirou com aquelle avultado, e por elle não recebido calculo. Esta dialectica porém está muito longe de ser de um historiador qualquer; pois que este só deve levar-se d'aquillo que tem justo e seguro fundamento.

Na verdade porque o numero dos vencidos é excessivamente grande; deve-se logo concluir que proviera de inclinação aos encarecimentos? Não por certo; aliàs decahiriam do credico, que sempre tem tido, varias das batalhas da historia antiga, e mesmo até da moderna. Não é bastante proferir — *houve encarecimento* — é necessario demonstral-o. Ora quando nomes respeitaveis

escrevem, e admittem factos, ou circumstancias, que passam da esfera ordinaria dos usuaes successos, não é com um simples dizer — *houve encarecimento* — que se deita abaixo a fé que merecem. Para destruir o que elles referem é necessario duas cousas, ou mostrar que elles não tinham fundamentos para asseverar aquillo que escreveram, ou que aquelles fundamentos que tiveram não eram solidos, e convincentes. Nada d'isto fizera o historiador, que combatemos, logo deve ficar illeso nas paginas da historia aquillo que escreveram os dois dos mais antigos Chronistas portuguezes, Duarte Galvão, e Christovão Rodrigues Azinheiro, e depois delles A. de Rezende, Nunes de Leão, D. Fr. Antonio Brandão, Manoel de Faria e Souza, e outros muitos authores em todas as épochas (1). Póde bem ser que elles enunciassem uma illusão, uma falsidade. E' preciso porém analyticamente fazel-o ver. Sem esta operação critica e demonstrativa deve subsistir como admissivel aquillo que elles escreveram. A proposito diz Mr. la Clede: *Todo*

(1) Não queremos com isto dizer que os mencionados escriptores estejam de accordo relativamente ao numero dos combatentes dos dois exercitos. — Pelo contrario ha n'isto variantes. Duarte Galvão refere que da parte dos Mouros a *multidão* era *infinda*, havendo-se por certo serem pouco menos de cento para um Christão: sendo os Portuguezes apenas onze mil. (Chron. de D. Affonso Henriques, pag. 17 e 22). — Christovão Rodrigues Azinheiro segue, a este respeito, a mesma opinião, e só diversifica em dar cem Mouros para cada Christão. (Chronic. etc. pag. 21, e 23). — Duarte Nunes de Leão está inteiramente de accordo com o precedente. (Chron. etc. fol. 27 v. e 28 v.) D. Antonio Brandão faz onze, ou *segundo alguns, doze mil homens aos Portuguezes, e quatrocentos mil aos Sarracenos, segundo authores graves*; *dando por tradição recebida* de que eram quasi cem Mouros para um Christão. (Monarch. Lusit. tom. 3.º fol. 117). Manoel de Faria e Sousa dá ao exercito dos Sarracenos cinco Reis, (alem de quinze regulos) com oitenta mil homens cada um, e treze mil homens aos Portuguezes. (Europ. Port. tom. 2.º pag. 40). — No meio desta variedade com tudo de opiniões uma certeza se collige, e vem a ser: Que todos estes escriptores estão de accordo em que o numero do exercito Sarraceno era incomparavelmente muito maior que o do Christão. Nem outra cousa se deve, ou póde colligir sensatamente á vista dos taes mencionados calculos. — E' de notar que ninguem ainda nos seculos seguintes tivesse combatido esta conclusão, antes confirmado-a. Nesta classe, omittindo outros, não podemos deixar de mencionar os dois grandes sabios, D. *Fr. Manoel do Cenaculo* (V. Cuidados Litterarios pag. 389), e *Antonio Pereira de Figueiredo*. (V. Elogios dos Reis de Portugal, pag. 15 etc.).

o exercito (falla dos Mouros) *montava a mais de trezentos mil homens, numero incrivel, se não fosse attestado por todos os historiadores deste paiz.* » Toute l'armée montoit à plus de trois cens mil hommes, nombre incroiable, s'il n'étoit attesté par tous les historiens de ce pais (1). » Aqui temos um historiador estrangeiro, de bem conhecido nome, que, á vista do que attestam todos os historiadores do nosso paiz, não julga *encarecimento* o mencionado numero do exercito Sarraceno. Respeita o que referem os historiadores portuguezes.... E na verdade ou elles tirassem o numero grandioso dos sarracenos de antigos documentos, ou tão sómente referissem aquillo que houveram por tradição, em ambos os casos tem direito á nossa credibilidade; em quanto se lhes não mostrar com fundamentos historicos o contrario. — Subsiste por tanto em todo o seu vigor contra o antagonista *a geral approvação dos authores, os quaes escrevendo* da Victoria de Ourique *confessam ser grandissimo o exercito dos Mouros e mui limitado o numero dos Portuguezes* (2). Sirvo-me das palavras de um dos nossos mais insignes historiadores.

Ainda leva mais a barra adiante o historiographo innovador. Avança tambem que a *inclinação aos encarecimentos* fizera *intervir na tentativa o proprio Deos.* Quem disse, ou por onde fundamentalmente constou ao *originalissimo* escriptor historico, que o *fazer intervir o proprio Deus* fôra effeito da *inclinação aos encarecimentos?* Por mais que volva e revolva toda a archeologia historica não ha de achar rastro, sequer, que o favoreça. Para que pois escreveu cathegoricamente uma cousa, que não poderá provar? — Analysaria elle o facto para desta analyse tirar a conclusão que da *inclinação ao encarecimento proviera o fazer-se intervir na tentativa o proprio Deos?* Por certo que não. Quem analysar o facto glorioso de Ourique, ou como o seu adversario falsamente lhe chama por menoscabo, a *tentativa*, ha de pelo contrario reconhecer, por força de convicção e não por *inclinação aos encarecimentos*, que naquella façanha de-

(1) Hist. Gen. de Port. tom. 2.º pag. 83.
(2) Monarchia Lusitana, Parte 3.ª folha 117 v.

via haver intervenção divina. E na verdade quem não ha de reconhecer uma intervenção sobrenatural, e divina na victoria de um exercito tão pequeno sobre outro incomparavelmente muito maior, e por muitas outras circumstancias altamente temivel? — Houve um sabio de grande renome, que nos fins do seculo passado miudamente as expendeu para mais evidenciar o extraordinario da Acção (1)!....

Demos porém já que o exercito dos Mouros não fosse de trezentos, nem quatrocentos mil homens, mas que fosse de trinta, ou quarenta mil, e o dos Portuguezes de onze a treze mil, segundo dizem; não é por ventura um prodigio, fóra de tudo quanto se podia esperar das forças humanas, o desbarato de um tão grande exercito por aquelle que lhe era tão inferior em força? Se os phenomenos acima da ordem commum physica, e moralmente constituida se não avaliam por estes parallelos, por que outros se poderão avaliar? Em todos os successos desta natureza, a philosophia, ainda mesmo do chamado Deista, que reconheça a providencia do Arbitro Omnipotente sobre o universo, não deixa de confessar a manifesta e especial influencia de sua mão poderosissima. E porque causas ordinarias se poderão explicar successos tão caracteristicamente extraordinarios? Por nenhumas; aliás o effeito seria maior do que a pretendida causa. Ora que obice prohibe ao historiador, uma vez que não seja de typo atheu, recorrer á intervenção da Divindade, quando vê que o successo é d'aquelles que se elevam acima do calculo do poder humano? Ha no mundo tanto physico, como moral algumas vezes successos, fenomenos tão fóra da orbita commum, que para o historiador, ou philosopho lhe assignar uma causa é preciso remontar-se á origem suprema de todas ellas, e exclamar: *Digitus Dei est hic!* Este pensar não é resultado de *inclinação a encarecimentos*, é effeito de uma convicção eminentemente dialectica, a que o leva por si mesma a grandeza do acontecimento. E' com razão para cortar taes nós que é preciso fazer intervir o *proprio Deos:*

(1) Vej. Cuidados Litterarios, pag. 379 e seguintes.

» za » (1). E quem duvidou jámais que o fosse? Acaso o testemunho dos Chronistas antigos, e ainda dos historiadores modernos, não é bastante para se acreditar que a batalha de Ourique fôra *a pedra angular da Monarchia portugueza?* Acaso valerá menos o seu parecer que o desdem do novissimo historiador portuguez? Nunca. Aquella unanimidade é pois bastante para o rebater! (2) — E' innegavel além d'isto que a Batalha de Ourique tem em si mesma um valor intrinseco acredor d'aquella qualificação. Entre os historiadores modernos, que por similhante modo ajuizam da Batalha de Ourique, cumpre não menos comprehender os estrangeiros. Aqui tenho eu, para que não fique o dito sem prova, Mr. *Anquetil*, Membro do Instituto Nacional de París. Diz elle: *La fondation du royaume du Portugal date de cét évenement memorable* (3). — Que admira porém que tão devidamente avalie a Batalha de Ourique em tempos modernos um escriptor francez, quando ha mais de dois seculos, e ainda mais expressivamente, pronunciára já o mesmo juizo um dos mais conspicuos historiadores da nação visinha, e nossa antiga rival. E' elle *Juan de Marianna*. Qualifica pois este escriptor (que ninguem dirá ter apadrinhado os portuguezes) a Batalha do Campo d'Ourique por uma *das mais memoraveis, que se viram n'aquella era, depois da qual em breve o poder e forças de Portugal se augmentaram sobre maneira* (4). Algum historiador mais da mesma nação appareceria em publico, se necessario fosse, em defeza da verdade incontestavel que sustentamos. E' porém escusado.

» Alli, *prosegue o historiographo portuguez*, os sol-
» dados, no delirio de tão espantosa victoria, de que
» haviam sido instrumentos e victimas cinco *reis* mou-
» ros, e os exercitos sarracenos d'Africa, e de Hespanha
» acclamaram monarcha o moço principe, que os con-

(1) Hist. de Portug. pag. 329.
(2) Conforme a esta unanimidade está o testemunho da historia universal, (Histoire Universelle, etc.) transcripto a pag. 40 desta Parte.
(3) Précis de l'Histoire Universelle, tom. 7.º pag. 104.
(4) Historia de España, L. X, Cap. XVII do tom. 4.º pag. 115.

» duzira ao triumpho » (1). Que contradicções tão manifestas e palpaveis não saltam aos olhos do analysador que tiver a curiosidade de comparar este periodo com aquillo que anteriormente o author da Historia de Portugal escrevera para deprimir a Batalha de Ourique? Chama-lhe agora *victoria espantosa*, e tão espantosa, sim, tão espantosa, que produziu nos soldados o *delirio* (enthusiasmo forte e espontaneo) *de acclamarem monarcha o moço principe, que os tinha conduzido ao triumpho!...* Ainda porém no periodo antecedente avaliára elle a façanha de Ourique, como um facto, que *pouco devia avultar no meio dos graves acontecimentos, que então se passavam na scena politica, tanto na Peninsula, como na Africa!...* (2) Que é isto? Uma *victoria tão espantosa*, que dá em resultado tão grande successo, é por ventura um *facto*, que pouco devia avultar no meio do que se *passava na scena politica*, não digo já na *Africa*, mas até mesmo na *Peninsula*? Ou não é *victoria espantosa*, ou se o é, não está n'aquelle caso de *pouco*, antes de muitissimo, *poder avultar na scena politica* dos povos civilizados.

Que mais temos? Em outro paragrafo mais remoto confessa elle, ou antes assevera, que os Sarracenos da Peninsula de necessidade deviam *buscar recursos em si proprios servindo-se para cortar o passo aos christãos*, por occasião da Batalha de Ourique, *unicamente das forças, que partindo para a Africa lhes deixára Tachfin* (3). Agora neste paragrafo, que analyzamos, vem historiar á face de todo o universo que o quizer ler, que na *espantosa victoria* foram *victimas* do destroço, além dos cinco *reis* mouros, os exercitos sarracenos d'*Africa* e de *Hespanha*. Ora se D. Affonso Henriques venceu no Campo d'Ourique não só o exercito dos Sarracenos de Hespanha, mas tambem o de Africa; como é que se póde concluir que os Sarracenos de Hespanha estavam só entregues aos *proprios recursos*; isto é, aos desta terra? Ou o exercito da Africa já se achasse na Peninsula, quando del-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 329.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.
(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 325.

la partiu Tachfin, ou viesse para ella depois da partida delle para Marrocos; em qualquer dos casos não se poderá affirmar que os Sarracenos da Peninsula tamsómente *buscassem recursos em si proprios*. Ao contrario pelas proprias palavras do nosso historiographo se está vendo que os Sarracenos peninsulares tiveram além do seu exercito na Batalha de Ourique, um exercito da Africa (1). — Mas que digo? Como é que um combate a pé quêdo, e, como vulgarmente dizem, á barba teza, entre tão innegavelmente formaes exercitos, a ponto de produzir a favor de um d'elles uma *victoria espantosa*, póde ter o nome de *correria* ou *fossado*, como já vimos, lhe chama o historiador portuguez? (2) Taes nomes dados á Batalha de Ourique são a mais completa contradicção, por não lhe chamar irrisão, ao que fundamental e positivamente depõe a historia; e por isso dignos de tudo quanto é desprezo! — Ainda mais: Como é que o historiographo, por mais subtil que se inculque, póde conciliar a idéa de *fileiras rareadas* (3) da parte dos Sarracenos na Batalha de Ourique, confessando na sua historia ao mesmo tempo que elles apresentaram em combate nada menos que dois exercitos, um da Hespanha, outro d'Africa? Certo; se não são bastantes dois exercitos para tornarem compactas as fileiras dos combatentes, caricatamente se lhes dá tal qualificação. — Se o mui *singular* historiador porém, qualificando de *tão espantosa victoria* o Feito de Ourique, no que expõe, talvez ironicamente, repete tamsómente aquillo que contam os *chronistas antigos, e ainda os historiadores modernos*; esta mesma narrativa, em opposta unanimidade

(1) Lembramos tambem aqui que o historico depreciador, mais adiante, (esquecido por certo do que anteriormente asseverára) dera em tom de sciencia certa, e até com um *pelo menos* para maior segurança, só os chefes musulmanos do Alemtejo, sem alguns outros que se lhes unissem, sahidos a campo *para atalhar a invasão do terrivel* Ibn Errik, por outra, D. Affonso Henriques (1). E' mais outra contradicção, com que nos brinda!

(2) Veja Parte Terceira desta Obra, pag. 96 e seguintes.

(3) Hist. de Portug. tom 1.º pag. 321.

---

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.

contra o Author da Historia de Portugal, indubitavelmente está outrosim condemnado as extravagantes innovações, que elle dera á luz para deprimir o Feito grandioso de Ourique.

E' todavia bem para notar que o acintoso menosprecindor da Batalha de Ourique, sem o saber, ou sem o pensar, deixasse escapar no parrafo que temos analysado expressões que até a exaggeram. Sim, assevera elle alli terem sido *victimas em tão espantosa victoria cinco reis mouros.* Em que documento, ou instrumento historico achou elle que os cinco Reis mouros vencidos em Campo d'Ourique por D. Affonso Henriques fossem qualificados com o nome de *victimas?* Em nenhum de certo o achou, nem o ha de achar. E poderá, ou deverá ter o nome de victima aquelle que foge a toda a brida para escapar ao ferro do vencedor? Diremos antes que escapou de o ser. Ora todos sabem que Ismario e todos os que estavam com elle, vendo o caso mal parado, para não serem *victimas*, tomaram, como dizem, *as de villa Diogo*, ou por outra, deram ás trancas: *Fugit ipse, et omnes qui cum eo erant* (1). Fugiu não só Ismario, mas tambem os Reis que com elle se achavam, conforme explica André de Rezende: *Fugit ipse* (Ismario), *et una Reges, qui cum eo erant* (2). — E quem jámais deu o nome de *victimas* aos que escapam ao inimigo fugindo, e não só, e precisamente aos que ficam mortos no campo da Batalha? *Victima* por tanto em relação a um combate, ou *victoria espantosa*, ou não *espantosa*, é só aquelle que nella perdeu a vida, e não aquelle que a salva pela fuga. E na verdade aonde está aqui o sacrificio essencialmente inherente á idéa de *victima?* E' por ventura fugindo que se sacrifica a vida em defeza da patria? O tal novo typo de *victimas* é sem duvida de um caracter, e vestidura caricata!... A Batalha de Ourique não precisa dellas para ter, como sempre teve, a cathegoria de *grande!...*

Agora perguntarei (e não é vã curiosidade) se é certo que D. Affonso Henriques, quando dera a Bata-

(1) Na Chronica Gothorum.
(2) De Antiq. Lusitan. Lib. 4. pag. 270.

lha de Ourique, aonde o *acclamaram Monarcha*, estava ainda no caso de se lhe poder dar a qualificação *de moço principe*, que lhe apropria o Historiador portuguez no trecho já copiado? (1). Diremos que não. E pois até podemos ter, estribados em bom apoio, por erro historico a tal caracteristica. D. Affonso Henriques tinha *quarenta e cinco annos de idade*, quando se achou n'aquella gloriosa empreza. E' isto o que refere o Chronista Christovão Rodrigues Acenheiro na Chronica dos Reis de Portugal, Cap. 3.º pag. 24 (2). O periodo da mocidade, ou idade de moço só se comprehende desde 14 até 24 a 25 annos, como facilmente se poderá saber por qualquer Diccionario, que não fôr mesquinho de explicações. Ora quarenta e cinco annos já é idade muito afastada d'aquelle computo. Mocidade de 45 annos é lá para a primeira idade do mundo! D. Affonso Henriques não era porém contemporaneo de Isaac!...

Porém demos que o computo de Acenheiro possa ser rejeitado, visto a materia ser controversa. Acaso tal rejeição é argumento algum, nem apparente, para que o historiographo enuncie como certo que a D. Affonso Henriques competia n'aquelle tempo a qualificação de *moço principe?* De nenhuma maneira. Antes é muitissimo para estranhar que qualquer escriptor inculque em suas obras com caracter de certeza aquillo que não passa de ponto controverso (3).

(1) A paginas 54.

(2) Vej. o 3.º vol. dos Ineditos da *Historia Portugueza*, publicados pela Academia Real das Sciencias.

(3) A questão sobre os annos que tinha D. Affonso Henriques, quando commandou a grande, e gloriosa Acção de Campo d'Ourique, nasce da incerteza que ha a respeito do anno do seu nascimento. Pereira de Figueiredo menciona seis opiniões differentes. De todas porém aquella que lhe merece mais fe é a que põe o nascimento de D. Affonso Henriques no anno de 1094. Esta opinião foi a mesma que seguiu Maria, Brito e Marianna, guiados pela Chronica de Duarte Galvão, como o referido erudito nota (1). Ora vê-se que Acenheiro tambem estava em identica opinião, (que é a que tem mais voga) quando historiou ser de 45 annos aquelle principe, ao tempo d'aquella famosa Batalha. — Ha todavia quem modernamente tenha

---

(1) Vid. Elogios dos Reis de Portugal, nota 2.ª

Continuemos a trasladar: » Algumas porém das » memorias, ou coevas, ou mais proximas, contentam- » se de exaggerar o numero dos inimigos, omittindo as » outras particularidades, que o tempo foi accrescentan- » do ao successo » (1). Que *memorias são essas coevas ou mais proximas*, que cahiram em tal asseverada exaggeração? Indique individualmente os seus nomes; por quanto generalidades são farofias romanticas, que nenhum pezo fazem na balança da credibilidade historica! — Transcreva os logares em que se dá, e existe a exaggeração de que aquellas memorias são accusadas. Não basta porém só isto. E' preciso que com testemunhos de maior força elle apoie, e evidencêe a arguida exaggeração. Em quanto o antagonista historico não satisfizer a estes requisitos, a sua asserção é uma pura e fantasiada abstracção sem algum signaculo de realidade. — O Historiador porém apresenta um aranzel da sua lavra, que elle pretende embutir como fundamentos inconcussos do que affirmára. Eil-o aqui todo inteiro: » Dizemos exag- » gerar, porque o limitado das forças almoravides, que » guarneciam a Hespanha musulmana, segundo se vê » do que anteriormente narrámos, e a rapidez da inva- » são, feita em quinze, ou vinte dias, não consentiam » virem a Ourique tropas das provincias mais remotas, » ainda supposto a existencia dessas tropas, o que o » abandono d'Aurelia bastaria para nos constranger a » não acreditar » (2). Já fizemos ver, e positivamente

pretendido rejeitar a expendida opinião sobre o nascimento de D. Affonso Henriques. O Academico Antonio d'Almeida pretende provar que fôra do anno de 1106 por diante (1); e mais provavelmente em 1109. (2). E' esta a opinião do nosso historiographo? Não. Elle segue a opinião originalissima; que nascêra em 1111 (3). Por esta computação devia D. Affonso Henriques ter na épocha da Batalha de Ourique apenas 28 annos. E' porém preferivel esta opinião áquella que lhe dá 45 annos n'aquelle tempo, a qual se funda no commum dos historiadores? Tal ninguem ha de dizer!

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 329.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 329.

---

(1) Mem. da Acad. tom. 11.º Parte 1.ª, pag. 80.

(2) Mem. da Acad. tom. 12.º Parte 1.ª pag. 148.

(3) Hist. de Portug. Nota 11.ª

demonstrámos que tudo quanto acarretára o historiographo para fazer acreditar o *limitado das forças almoravides na Hespanha musulmana*, não era mais que producto de mera e romantica fantasia. Na verdade que vale tudo quanto se angariar para provar o limitado das forças almoravides na Hespanha musulmana, uma vez que se não chegue a mostrar o numero certo, que definitivamente as constituia? Sem ter esta baze de certeza em vão se pretenderá concluir que aquellas forças eram limitadas. Ora o Historiador de *novo e tão original gosto* esteve, e está muito longe de poder apresentar o mencionado calculo, ou dado definitivo das forças musulmanas na Hespanha. Sendo isto assim, como é possivel com certeza historica caracterizal-as de limitadas? Todo o mundo, ainda de mediana esfera, ha de reconhecer a impossibilidade. O Historiador por tanto, que combatemos, tirou uma consequencia de principios que não pôde, nem podia jámais estabelecer. — Não é todavia com paralogismos d'esta natureza, que se destroe o que asseveram as antigas Memorias sobre a grandeza do exercito dos musulmanos na Batalha de Ourique. Ponhamos que ellas fossem exaggeradas; é por ventura com suppostos gratuitos, e sem baze solida, que se destroe a sua exaggeração? Nunca. Estes argumentos de intergiversavel dialectica corroboram aquillo mesmo que já expendemos e discutimos sobre a materia. — Ouça-se agora, em apoio do ponto restricto, que temos sustentado, o parecer de um historiador estrangeiro, de reconhecida voga, e que não é suspeito: » Segundo os antigos Do» cumentos o *exercito sarraceno era muito numeroso*; e » o de D. Affonso Henriques, ao contrario, *muito di» minuto*: esta notavel differença é *por si mesma bem a» creditavel* em razão da extensa população da Hespa» nha Arabe, augmentada continuamente pelos enxames » de Africanos que em repetidas caravanas vinham ca» da vez mais povoal-a, comparada com o pequeno es» tado de Portugal, mal povoado, e minguado em ex» tremo por suas alongadas lutas com Castella » (1).

(1) Hist. de Portug por Henrique Scheffer, pag. 89 e 90.

Evidentemente este dizer está em diametral opposição ás acintosas idéas do anti-nacional historiographo!

O segundo fantasmagorico fundamento é *a rapidez da invasão, feita em quinze ou vinte dias.* — Que principios de certeza tem o Escriptor para asseverar que a invasão fôra feita dentro de *quinze* ou vinte dias? Nenhuns. E' apenas uma graciosa, e precaria conjectura. Uma conjectura póde porém enunciar-se como razão, e principio demonstrado para deduzir qualquer verdade? Nunca. Ora não se podendo verificar o periodo dentro do qual fôra feita a tal embutida *invasão*, fica igualmente duvidosa a sua rapidez. — Disse ser uma *graciosa, e precaria* conjectura; por quanto o Historiador estabelece o começo da invasão no mez de Julho, fundado em uma Doação de D. Affonso Henriques, que tem a data deste mez. Menciona porém acaso esta Doação o dia designado do mez, em que fôra feita? Não (1). Sendo isto assim, quem não vê que é puramente gratuito marcar o periodo da invasão dentro de *quinze ou vinte dias?* Porque hão de ser precisamente esses dias, e não hão de ser mais alguns? Porque se ha de marcar o periodo da pretendida *invasão* dentro de 15 ou 20 dias, e não estender-se até 25, dia da data em que se dera a Batalha? Não ha razão alguma para preferir antes uma do que outra opinião. Temos por tanto que o calculo do periodo da *invasão* é uma hypothese, que póde ser desmentida por outra tão admissivel como ella. — Demos porém que a tal chamada *invasão* fosse ao certo comprehendida no periodo de *quinze ou vinte dias*; que provas dá o Historiador, de que então não podessem vir a Ourique tropas musulmanas *das provincias mais remotas da Peninsula hispanica?* Nenhumas. E quem disse ao antagonista historico que as taes tropas das *provincias mais remotas* ainda não se achavam unidas ás outras antes do mencionado periodo? Ninguem; antes nos Authores se encontram elementos para colligir o contrario. Na verdade elles nos testificam acharem-se em Campo de Ourique tropas de regiões mais longinquas, que as

(1) Veja-se o que ficou transcripto na Terceira Parte desta Obra, pag. 48.

taes *provincias mais remotas*. E se não consta o periodo dentro do qual todas as forças foram reunidas; porque razão se ha de elle marcar para as tropas d'aquellas *provincias mais remotas?* E quer elle que acreditemos as suas *novidades* só fiados na sua palavra? Se o quer, perfeitamente se engana. O pythagorismo já não é para o seculo de hoje!...

Mais: Que provincias são essas mais remotas d'onde não bastavam *quinze ou vinte dias* para virem as tropas a Ourique? Especifique os seus nomes. Calcule as distancias em que estão de Ourique. Verifique por uma demonstração mathematica, que aquellas tropas não podiam em tão pouco tempo vencer a longitude. Sem estas operações o seu enunciado é um mero romance que nenhum credito historico merece. — Quando porém mesmo se podesse provar tal asserção; acaso poderia o Escriptor mostrar-nos que os Sarracenos não poderiam formar um grande exercito valendo-se unicamente das tropas das provincias, que lhes ficavam proximas? Asseguramos-lhe que não o poderia fazer ver. E como poderia o Historiador fazer tal demonstração sem saber qual era a força numerica de cada uma das provincias proximas? — Houve Authores, e de mais a mais estrangeiros, que escreveram que Ismario, Logar-Tenente do Rei de Marrocos em Hespanha, reunira por ordem d'este todas as forças das provincias meridionaes. Estes escriptores todavia não negam por isso que Ismario tivesse já reunido mais forças de outras regiões, ou provincias mais distantes, e muito menos que o exercito sarraceno por aquella infundada razão fosse menos numeroso (1).

Concluamos: *O abandono d'Aurelia bastaria para nos constranger a não acreditar* que taes tropas não existiam, que podessem vir das *provincias mais remotas* para a Batalha d'Ourique. — Se em historia ha alguma pecha, manqueira, ou desmancho que rigorosamente se deva marcar com o rotulo indelevel de miseria, é sem

(1) Les progrès des Chretiens en Portugal étant parvenus aux oreilles d'Abu Ali Texefin Roi de Maroc, il chargea Ismar, ou Ismael, son Lieutenant en Espagne, d'assembler toutes les forces des Provinces méridionales. (Histoire Universelle etc. tom. 29, pag. 321).

duvida, quando se vê e observa que o historiador, ou que de tal tem altas fumaças, acarreta para a sua historia, a fim de provar um imaginado successo, uma causa, que ainda independentemente de ser considerada como tal em si propria, não o póde ser mesmo chronologicamente fallando. Uma das causas d'esta estofa e jaez, e por tal digna de uma censura inexoravel, é o *abandono* (aliàs capitulação) da praça de Aurelia (que o Historiographo, como já vimos, com crassissima ignorancia fundíra, ou antes enxertára em *Cazorla*) trazido a reboque para confirmar que as tropas musulmanas não podiam vir das *provincias mais remotas* para combaterem em campo de Ourique, e assim engrossarem o exercito inimigo. — Sim; em que ontologia por mais barbaresca, e tupinambica que se imagine, se poderá encontrar dogmatizado que o effeito possa alguma vez preceder á causa, um facto posterior ser causa do anterior? Não é possivel admittir-se este extravagante e medonho transtorno na ordem natural, e inalteravel das idéas. Pois esta monstruosidade de asselvajado calibre é a que se pespega na bochecha dos leitores, quando *sem que nem para que* se faz apparecer no palco historico o abandono de Aurelia para o fim que se intenta. Não se duvide.... Como poderia o abandono de Aurelia pelos Sarracenos influir na diminuição das forças do exercito mourisco em Ourique; se quando aconteceu a Batalha de Ourique, ainda ninguem podia prever que aquella praça havia de ser *abandonada* pelos Mauritanos? Temos por tanto, segundo a logica do Historiador portuguez, um effeito produzido antes de existir a sua causa!... Certo que a quéda de *Aurelia* teve logar em 31 de Outubro, tendo já antes acontecido em 25 de Julho a Batalha de Ourique, como já fizemos ver (1). » Poucos mezes antes, *diz um escriptor moderno*, » da importante tomada de Oreja, » tinham os Mouros experimentado no Alemtejo um » dezar bem grande. » *Peu de mois avant l'importante prise d'Oreja, les Maures avoient eprouvé dans l'Alentejo un malheur bien grand* (2). Vá mais de reforço compul-

(1) Na Segunda Parte desta Obra, pag. 77 e 78.

(2) Lacepede — Hist. Generale, physique et civile, tom. 5.°, pag. 169.

sorio esta authoridade, que sendo a favor da precedencia da Batalha de Ourique á tomada de Oreja (*Aurelia* que por vezes se inculeou por *Casorla*); não menos apoia a grandesa do tão afamado Feito. Ella não é de parte suspeita!....

A' vista do que fica exposto, e do mais que já ao mesmo respeito fica discutido n'outra parte; quem ha de poder tolerar que um anachronismo tão corcovado, *fossil* e poltrão venha outra vez figurar de campanuda causal para efficientemente influir n'um successo, que já antes, sem nada ter com aquell'outro, tivera existido? O Historiador por esta fórma deu a existencia primeiro ao effeito que á causa; prodigio, que nem a Divindade póde fazer!... Temos concluido a *Quarta Parte* da projectada *Obra*; reservando-nos na Quinta e Sexta Parte chamar ao campo da analyze a Nota da famigerada *Historia de Portugal*, relativa á Batalha de Ourique.

FIM DA QUARTA PARTE.

A BATALHA DE OURIQUE

E

A HISTORIA DE PORTUGAL

DE

A. HERCULANO.

CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

FRANCISCO RECREIO.

QUINTA PARTE.

Veritas odium parit.
TER.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.

Rua dos Capellistas n.º 62.

1855.

PRELUDIO.

Talvez pareça luxo, e escusada prolixidade o continuar ainda com a assás já longa e estirada tarefa. Talvez se tenha e julgue por mero apparato e superfluidade ociosa a prolongação ou progresso de uma analyse, que justa e imparcialmente tem zurzido, e tosado as *novações* altamente extravagantes, falsas, e ladinamente introduzidas na *Historia de Portugal*, para apoucar e reduzir aos termos do mais offensivo ridiculo a grandiosa Batalha de Ourique. Talvez assim pareça, e o tenha como tal, não digo já o homem de profundos estudos na sciencia dos factos, porém mesmo todo e qualquer que possua apenas razoavel instrucção na Historia do paiz. Tenho mesmo que estes na realidade assim o pensarão. E quem delles póde duvidar que não é preciso grande copia de conhecimentos historicos para descobrir os elementos heterogeneos e de caracter spurio, e sandeu, que estão conspurcando, e deturpando o verdadeiro valor do primeiro Feito classico dos Annaes gloriosos da patria? Para estes leitores nem tanto, ou nada era preciso. Tem elles

em si proprios cabedaes sufficientes para descortinar e repellir o erro, a sandice embuçada.

Ha com tudo superficialidades intellectuaes, que não estão no caso delles. Sarcophagos ambulantes de ignorancia, e presumpção revoltante, a sua nata, a mioleira favorita de constante leitura, é só e exclusivamente toda quanta mixordia de requinte ideal, e palavroso sahe á luz publica, que denominam com o carimbo de romance. Romance, romance, e mais romance, é o pasto quotidiano da sua estragada e estonvada intelligencia. Sem nada discutirem, nem verificarem, (nem *pelimetres* são para tanto!) tudo com soffreguidão devoram, e engolem, uma vez que lhes seja propinado por algum dos seus Oraculos ou Campeões novelleiros. — Votados por uma fé cége e estupida ao idolo, que os fascina, não ha absurdo, nem destempero, que venha rebolindo para o prélo dos bicos da affamada penna, que não applaudam, e cortejem com a zumbaia da mais profunda servidão. Tudo quanto sahe pois de tanta, e tal officina, tem para os da confraternidade parcial o cunho de inviolavel, por não dizer *sacramental*, palavrinha da romantica *paralvilhice!*... E que ha de então acontecer com tão sáfara idolatria? O Coripheo abordoado com todo o pezo da sua inchação scientifica ao rifão vulgar; *Cóbra fama e deita-te a dormir*: não só dorme, mas até resona, e runca em seus escriptos que nem, ou mais ainda que um bucefalo!... Mette-se a escrever a historia, e medindo este sólo, aonde só deve ter imperio, e dominio exclusivo a nua e crua verdade, pela vara imaginaria do idealismo romantico; debalde procura dar existencia, e realidade áquillo que nunca a teve; arvorar em factos o que nunca jámais acontecera; e até deduzir consequencias de principios, em que nem formal, nem eminentemente ellas se continham! — Nada d'isto conhece a superficialidade, céga como uma toupeira, e tão incapaz de ver a luz da sciencia como aquelle que é atacado de formal ophthalmia. Dominada do espirito de irracional parcialidade, e obsecação nojenta, nada enxerga no seu heroe, que não seja um titulo de primor para a sua decretada apotheosis! — Para figurinos deste molde tudo é pouco para lhes fazer romper, e dar em terra com a ca-

taracta, que lhes produz a espessa, e negrenta obscuridade, que os opprime. E' preciso por tanto que não lhes deixemos, nem espeque a que se escorem, nem umbral a que se arrimem.

Até aqui temos dirigido os tiros da critica e da analyse ao alvo do estreme e fielmente trasladado texto da *famigerada Historia de Portugal*; no tocante ao que braveja e pinoteia ella contra a grandeza da Batalha de Ourique! — Ficaria porém sem soffrer a justa, e devida autopsia a estirada *Nota*, que lhe diz respeito? Não julgámos que sobre ella deviamos ficar em total, e omnimodo silencio. — Ha em a *Nota* asserções assás intoleraveis, e que, se ficassem sem a correctiva animadversão conveniente, poderiam ainda servir de pegadilha, de pretexto especioso para os subservientes apaixonados da rebatida innovação, ou monstruosidade historica, projectarem um aresto em favor do escriptor delinquente. — Não lhes havemos de dar azo, de deixar motivo para ainda recorrerem a esse subterfugio. — Vamos já a verifical-o nas seguintes *Observações*, de caracter compulsorio, sobre ou contra a *Nota XVI*; a qual tem por fim confirmar (mas baldadamente!) aquillo mesmo que seu Author, como Historiador, deixára escripto no Corpo da Obra, a pag. 329. Intitula-se a *Nota* — *Batalha de Ourique!*...

Observação 1.ª

A primeira cousa que não deve, nem póde escapar de ser objecto de reparo é o proprio titulo da nota — *Batalha de Ourique.* Como assim? Não é o Feito glorioso de Ourique, na fraze do Historiographo, apenas uma *jornada*, uma *correria*, um *fossado*?(1) Assim se exprime elle no corpo da sua Historia. Como é pois que se esquecera do que antecedentemente escreveu? Acaso a palavra — *Batalha* — é synonimo de alguma das palavras que ficam mencionadas? Que o não é, sabe-o todo o mundo. Temos pois o escriptor historico cahido em manifesta contradicção. E quem deixará de a descobrir em a mesma *Nota?* Nella sim se designa aquella illustre façanha primeiro com a qualificação de *Batalha*, e depois de *jornada de Ourique!...* (2) Se a Acção bellica porém de Ourique não deve ter o nome de Batalha, então risque-se tambem deste numero a Batalha de Aljubarrota, Valverde, Montijo, Linhas d'Elvas, Ameixial, Montes Claros, e outras muitas, em que abundam as nossas historias. Diga-se que todos os escriptores

(1) Hist. de Portug. tom. 1. pag. 324 e 329 etc.
(2) Nota XVI, pag. 482 e 486.

historicos, e não historicos, que lhes deram tal nome, soberanamente se estiraram no pantano da ignorancia; visto que a Façanha grandiosa de Ourique se deve denominar támsómente *correria*, *jornada*, *fossado*, e por fim, para maior desprezo, *bulha*, como o mesmo historiador lhe chamára n'outro logar!... (1) Mas ninguem, que saiba fazer a devida estimação das cousas, similhante absurdo ha de imaginar, e menos ainda proferir. Tamsómente ha de rir, escarnecer, e votar no mais pronunciado e universal desprezo aquellas denominações, tão falsas, como mesquinhas e abjectas, que o innovador historico pretende extravagantemente assacar para reduzir ao ultimo descredito a Batalha de Ourique. — Ha de, quem quer que fôr o portuguez que as ouvir, igualmente marcál-as com o negro ferrete da maior e mais injusta, e intoleravel antinacionalidade. — Ha de execrar a monstruosidade horrenda, que intentara deturpar o primeiro Monumento da gloria nacional!...

Observação 7.ª

Uma Nota litteraria ou scientifica, qualquer que ella seja, tem por força da sua mesma natureza, o fim especial de amplificar, illustrar, ou confirmar a materia, que se tem tratado no corpo de qualquer Obra. Este é o alvo, o ponto prefixo, a que ella pouco mais ou menos se deve dirigir. Se aberra deste intuito, e mira, que lhe é propria, a *Nota* é inepta e alheia do objecto. Se porém ella contém elementos, que põem em contradicção o escriptor comsigo mesmo, toca o extremo da extravagancia, e do absurdo. Sendo isto assim, quem não ha de altamente pasmar ao ver que o historiador portuguez em a Nota, de que tratamos, produzira provas documentaes contra aquillo mesmo que em sua Obra sustentára com o fim de aviltar a façanha de Ourique! Quizera elle, a todo o panno, fazer persuadir que aquelle feito, longe de merecer ser designado e conhecido com

(1) No Jornal — A Semana — n.º 10.

o nome de *batalha*, apenas se poderia denominar *fossado*, *jornada*, *correria*, e não sei mais que, de igual jaez. Porém quanto o innovador historico, certo, não deve ficar corrido de ter apresentado em a *Nota*, que analysamos, documentos, reconhecidos por elle proprio, de grande polpa e valia, que não só testificam que aquella façanha fôra real, e positivamente uma *Batalha*, porém até uma *Batalha* digna do epitheto de *Grande*. — O primeiro destes documentos é o *Chronicon Conimbricense* ou por outra o Livro de Noa de Santa Cruz de Coimbra, que o annotador manda ver em Sousa, Prov. da Hist. Geneal., tom. 1, pag. 375; e melhor ainda em Flores, Esp. Sagr. tom. 23, pag. 330. Não dá pois este documento a qualificação de *grande* ao combate ou Batalha de Ourique? Quem o poderá duvidar!... As palavras — in loco, qui dicitur Ourie, *lis magna* fuit — são de uma clareza tal, que não podem admittir tergiversalidade alguma. Ora a primeira parte do *Chronicon Conimbricense*, ou Livro de Noa de Santa Cruz, confessa sim o proprio historiographo, em razão da *singeleza do dizer e de terminar em 1168*, (29 annos depois da Batalha de Ourique) *se deve suppôr ainda escripta no seculo* 12. (1). A' vista deste documento como pódem pois ter logar as denominações futeis, e degradantes, que o improvisante historiador *dedica e consagra* á Batalha de Ourique?...

O outro Documento, que, na qualidade de contraproducente, está arguindo aquillo que o *incomparavel* escriptor estabelecera em sua historia contra a Batalha de Ourique, é o trecho que elle trasladara em a mesma Nota, tirado da Vida de S. Theotonio apud Bolland. Acta Sanct. Februarii, tom. 3.º (edic. de Veneza). Eil-o aqui: *In campo Ouriob quinque regel paganos cum innumera eorum barbara multitudine profligavit, qui, ut eum omnino perderent, coadunati debellabant, sed auxilio sibi facto divino, ac B. Jacobi patrocinio, cujus ea die solemnitas* (sic) *fuisse perhibetur, victor evasit.* (2). Não terá por ventura a qualificação de Batalha grandiosa a-

(1) Nota XVI, pag. 483.
(2) Nota XVI, pag. 482.

quella em que *cinco reis mouros*, que com *innumera multidão de gente tinham vindo atacar D. Affonso Henriques, ficaram derrotados?* Ninguem o poderá duvidar. Pois é isso mesmo, sem tirar nem pôr, o que evidentemente testifica o allegado texto. — Agora advertiremos que, tendo o historiador inculcado em sua Obra (conforme é seu constante costume), como um effeito de inclinação aos *encarecimentos*, o *fazer intervir na tentativa* (da batalha contra os Mouros em Campo d'Ourique) *o proprio Deos* (1); o testemunho do logar da Vida de S. Theotonio, que proximamente copiámos, na realidade, está confirmando que houvera tal intervenção, quando diz: *auxilio sibi facta divino ac B. Jacobi patrocinio.* — Advertiremos outrosim que a particula (sic) que o annotador traz no logar citado, não se encontra no texto dos Bollandistas. Deve pois o historiographo eliminal-a, como ensancha, por ignorancia ou descuido introduzida. Este e outros lapsos, ainda que de pequeno lote olhados em si, com tudo em uma Historia, que se apresenta no campo da litteratura com o caracter de *normal*, e censora inexoravel de tudo, não são para se disfarçarem. — Quanto ao valor do Documento é o proprio historiador que lho reconhece, *A Vida de S. Theotonio*, diz elle, *escripta no seculo XII, porque o author falla do Santo, como de pessoa com quem elle ainda tratou, é um dos monumentos com mais certeza contemporaneos do successo* (2).

O Historiador porém não deixou de reconhecer que esta authoridade incommodava o seu inalteravel systema de deprimir a grandeza do combate de Ourique. Que coarctada pois deu para se livrar do incommodo? Procurou attenuar a circumstancia dos cinco Reis vencidos em Campo de Ourique. *Mas é verdade*, diz elle, *que a palavra rei applicada aos arabes pelos chronistas christãos, significa rigorosamente chefe, como sabem todos os que os teem lido, apparecendo muitas vezes simples walis e alkaids honrados com esta grandiosa designação* (3). A coarctada não póde ser mais miseravel! Quem disse ao Historia-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 330.
(2) Nota XVI, pag. 483.
(3) Nota XVI, pag. 483.

dor, e conjunctamente Annotador, que a palavra *reis*, *applicada* aos commandantes *arabes pelos chronistas christãos significa rigorosamente chefe*! Em que cartapacio achou elle esse rigorismo de significação, applicado aos taes arabes, de que se fazem authores os chronistas christãos? Declararam-no por ventura estes? Não por certo. Como póde pois elle historiador entender que a accepção, que os chronistas christãos deram á palavra *reis*, *applicada* aos cinco Corypheos dos *arabes*, *significa* precisa, e rigorosamente *chefe*? Não mandam acaso as regras da hermeneutica que as palavras se hajam de tomar no sentido natural e obvio, em que todos as costumam tomar? E' sim uma regra de hermeneutica universal, que o historiador assás mostra desconhecer! — Por tanto se aquelles Chronistas denominaram *Reis* aquelles potentados arabes, que foram vencidos em Campo de Ourique, não ha motivo algum, nem sequer plausivel, quanto mais rigoroso, para entender que o não eram. — Além d'isto todos os historiadores e não historiadores versados nas antiguidades do paiz, que fallaram da Batalha de Ourique, (que pois leram e citaram mesmo aquelles chronistas) indicaram os principaes Commandantes mouros, que alli compareceram, pelo termo *Reis*, e não *chefes*. Acaso entenderiam elles mal aquelles Chronistas? Não saberiam construil-os um André de Rezende (1), um D. Fr. Antonio Brandão (2), um Manoel de Faria e Sousa (3), um Nunes de Leão (4), e outros mais de bem qualificado nome? Pois todos elles traduzem os taes *rigorosamente significados Chefes* pela palavra *Reis*. — Se empregarmos a attenção nos fins do passado seculo, podemos dar em prova, por não fallar de outros, o grande Oratoriano, *Pereira de Figueiredo*, que tambem não teve duvida de designar os Cabos principaes do exercito Sarraceno ampla e absolutamente com o nome de *Reis* (5). — Quanto aos *Walis* e *Alkaids* apparecerem muitas

(1) De Antiq. Lusit. Liv. 4. pag. 207, vol. 2. edição de Coimbra.
(2) Mon. Lusit. Liv. 10, fol. 117 v.
(3) Europ. Port. tom. 2.º pag. 40 e 46.
(4) Chronica de D. Affonso Henriques, folh. 28.
(5) Elog. dos Reis de Port. pag. 15 e 24, e Compendio das Epocas, pag. 254.

vezes honrados com a grandiosa designação de Reis, conforme o Notographo assevera; não o acreditamos sem que nos produza exemplos, e em numero tal que possa realizar a expressão adverbial *muitas vezes!* — Demos mesmo porém que os *Walis* e *Alkaids* tenham sido *muitas vezes* honrados com a designação de *Reis*; é logo por ventura para concluir que os cinco *Reis*, que compareceram na Batalha de Ourique, eram *Walis* ou *Alkaids* e não positivamente *Reis?* Não; sem duvida! — Quando porém ainda mesmo o annotador historico podesse fazer vêr que os *Walis* e *Alkaids muitas vezes* tiveram sido appellidados Reis; d'ahi não se seguiria que os Commandantes em Chefe dos Sarracenos, que se acharam na Batalha de Ourique, estivessem no rigoroso caso de serem designados *Walis* e *Alkaids*, e não antes *Reis*. Para se admittir o contrario era preciso uma prova especial; o que o historiador não dá, nem póde dar. — Concedamos ainda mais, (sem que por isso admittamos a synonimia, ou equivalencia dos termos) que os cinco *Chefes* Sarracenos não eram concretamente Reis e tambem nem *taes* em abstracto. Póde d'ahi por ventura concluir-se alguma cousa contra a grandeza da Batalha de Ourique, que o historiographo tanto pretende acabrunhar? Nada, absolutamente nada. Ninguem que tenha o cerebro no seu estado normal, ha de admittir que a grandeza de uma Batalha tenha por condição essencial o ser commandada por chefes, que sejam rigorosamente *Reis*. Se este paradoxo de juiz inaudito se admittisse; teriamos então que muitas Batalhas da antiga, e moderna historia, que sempre indisputavelmente foram tidas e havidas por grandes, deixariam de o ser, por falta de uma similhante condição. — Assim, ainda quando fosse demonstrado que os Commandantes da força mauritana eram *Walis* e *Alkaids*, e não *Reis*; d'ahi não se poderia concluir que elles não apparecessem em campo de Ourique com grandissimo numero de forças, dispostas a baterem-se renhidamente com o inimigo; o que só de per si é bastante para tornar memoravel singularmente aquella Batalha.

Se ainda continuarmos a assestar a lente perspicaz da critica sobre o mesmo terreno; havemos de achar que o historiador não cessou de offerecer elementos, que lhe

estão em perfeita opposição. — Quem diria que tendo elle na sua *Historia* esforçado-se, quanto pôde, para tornar insignificante o numero dos combatentes sarracenos, que vieram com as armas na mão disputar em campo de Ourique com D. Affonso Henriques, havia de exarar em uma *Nota* um texto documental, que clara e litteralmente está contravindo a tal respeito o historiador antagonista? E' todavia um facto innegavel! A passagem da Chronica dos Godos, por elle copiada, conforme a traz Brandão, na Monarchia Lusitana, Parte 3, Liv. 10, Cap. 3, testifica o que acabamos de enunciar. Eil-a aqui: *Era MCLXXVII julio mense die divi Jacobi fuit victoria Alfonsi regis de Esmar rege sarracenorum et innumerabili prope exercitu, in loco qui dicitur Aulic etc.* (1). Ora poderá alguem affirmar que ganhando D. Affonso Henriques victoria do Rei dos Sarracenos, por nome Ismario, e do seu *exercito*, que era *quasi innumeravel*, não alcançara um grande e assignalado triumpho? A negativa estava só destinada para ser propalada pelo *singularissimo* author da Historia de Portugal!..... Quem jámais disse, ou escreveu no universo historico, que debellar um numeroso exercito (e ainda mais *quasi innumeravel*) fosse um feito de pouca monta e valor? Se esta relevante circumstancia não nobilita consideravelmente a façanha, então todas as grandes victorias, em que ella se tem dado, são apenas uma burla! — A authenticidade, que tem o citado documento, o proprio historiador a testifica. « A Chronica dos Godos, diz elle, é, não » como os nossos escriptores teem sustentado, um mo» numento proximo aos tempos que memora, mas sim » coeva com elles » (2). Ora um monumento, ou documento d'este caracter, que refere que o *exercito* dos Sarracenos era *quasi innumeravel* (*innumerabili prope exercitu*) não está exuberantemente rebatendo a opinião do historiador, que tão affincadamente pretende reduzir ao mais depreciado e mesquinho minimo aquella força? Sem duvida. O historiador por tanto deu armas contra si proprio.

(1) Nota XVI, pag. 482.
(2) Nota XVI, pag. 482.

Observação 3.ª

O objecto, o thema desta *Observação* vem a ser a continuação do texto da *tão original Nota*, que passamos a transcrever: » Parece-nos que se não tem reparado, como se devera ter feito, em que as passagens » citadas textualmente por Brandão no corpo do seu li- » vro differem profundamente da integra desta Chroni- » ca, publicada no Appendice da 3.ª parte da Monar- » chia. Comtudo o sincero e critico cisterciense não se » esqueceu de apontar o escolho: » O exemplar que » vae aqui impresso, diz elle, foi do mestre André de » Rezende... Outro mais breve, cujas palavras, por es- » sa *mesma causa* allego mais vezes, se tirou d'Alcoba- » ça e de Santa Cruz de Coimbra. » Que quiz o histo- » riador dizer na phrase: por *essa mesma causa?* De cer- » to que não era para fazer mais resumida a sua narra- » tiva, elle que está a cada passo inserindo no corpo da » historia documentos inteiros seguidos de versões em » vulgar. O que evidentemente aquellas expressões si- » gnificam é, que dava mais fé aos exemplares de San- » ta Cruz e d'Alcobaça conformes entre si (1). »

Começando a *Observação* logo pelo primeiro periodo do trasladado texto da *estupenda Nota*, contrapore-mos que se ao historiador portuguez *parece que se não tem reparado, como se devêra ter feito, em que as passagens citadas textualmente por Brandão no corpo do seu livro differem profundamente da integra desta chronica, publicada no Appendice da 3.ª Parte da Monarchia*, a toda a gente, que não fôr elle, ha de *parecer* o contrario!... E na verdade que reparo é esse tão guindado, e abstruso, que deixasse de ter sido feito, como se devêra, por qualquer dos leitores, ou dos escriptores, que houvessem estudado, ou tratado da historia do paiz! Ninguem por certo ha de admittir, que o reparo fosse tão difficil e impervio, que fôra preciso atravessar mais de dois seculos para unicamente ter realidade na *alta e transcendente in-*

(1) Nota XVI, pag. 483.

telligencia do affamado historiador, que refutamos!... O tal — *parece-nos* — pois, além de aéreo e sem fundamento, é positivamente injurioso a todas essas conspicuas intelligencias de profunda erudição e sciencia, que antes do moderno historiador tem tratado da materia. — Porém dando o *imaginador* do exotico, e original *parecer* elementos em a sua Nota por onde se bem collige que Brandão fizera uso, tanto do exemplar da Chronica dos Godos de André de Rezende, como do exemplar d'Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra, o qual por ser *mais breve allega mais vezes*; porque razão se poderá ou deverá dizer que aquelle doutissimo Cisterciense não reparasse na differença, que ha entre um, e outro exemplar; e não o contrario? E' crivel acaso que Brandão relegasse o texto d'aquella Chronica para o *Appendice* da 3.ª Parte da Monarchia Lusitana sem que o lêsse e cotejasse com o texto d'aquellas outras duas? Conheceria elle que o *exemplar* de Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra *era mais breve*, como elle proprio confessa, que o de André de Rezende, sem conhecer ao mesmo tempo a sua *profunda differença*? Ninguem que tenha critica tal ha de dizer, nem acreditar!...........

Concedamos todavia (por impossivel) que tal *reparo* ninguem fizesse. Que se segue desse facto meramente negativo? Por ventura por causa d'essa omissão ficaria a Chronica dos Godos conforme no exemplar de André de Rezende sendo menos authentica? Não por certo; porquanto a sua authenticidade não lhe vem de similhante fonte. Que vem fazer pois na balança dos conhecimentos humanos aquelle romantico — *parece-nos*? — Tanto como nada para a questão; e só arguir intoleravel presumpção!...

Continuemos. « Comtudo o *sincero* e critico Cisterciense não se esqueceu de apontar o escolho (1). » Que escolho é esse, que Brandão não se *esqueceu de apontar*? Ha de si para si perguntar todo o mundo, que não fôr pêco em historia, mudo e quédo á vista do tal fantasiado *escolho*, ou penedo!.... Será por ventura a *differença profunda* da integra, que tem o *exemplar* da Chronica de Rezende, do *exemplar* de Santa Cruz ou de Al-

(1) Nota XVI, pag. 483.

cobaça? Achou porém jámais alguem nesta differença algum *escolha*, ou cousa, que mereça, que tolere sequer equivalente nome? Tal não consta; nem é possivel dar-se nos ambitos intellectuaes similhante entidade! — Mas venham já a publico as palavras de Brandão: *O exemplar que vai aqui impresso foi do mestre André de Resende... Outro mais breve, cujas palavras, por essa mesma causa allego mais vézes, se tirou de Alcobaça e de Santa Cruz de Coimbra* (1). Aonde está aqui o *escôlho*, que o Author da Nota assevera que o *sincero e critico Cisterciense* não se esqueceu de *apontar*? Em que termo, em que frase, da passagem transcripta se encontra, ou por onde se póde sequer colligir que Brandão não se esquecera de *apontar* o tal inculcado *escôlho*? Marque-a, indigite-a!... Ha de ficar necessariamente corrido, quando a critica lhe exigir uma demonstração!... Não é possivel dal-a, nem as palavras de Brandão inculcam um só vislumbre do tão cathegoricamente apregoado *apontamento*!.... E' apenas um sonho do *fantasiante* annotador, que faz rir!...

Agora vejamos a intelligencia, que o Annotador dá ás palavras de Brandão, que é raridade ou antes *exoticidade*, para se alugar palanques: » Que quiz o historiador dizer na phrase: *por essa mesma causa?* De certo que não era para fazer mais resumida a sua narrativa, elle que está a cada passo inserindo no corpo da historia documentos inteiros seguidos de versões em vulgar. O que evidentemente aquellas expressões significam é, que dava mais fé aos exemplares de Santa Cruz e d'Alcobaça conformes entre si (2). » Póde por ventura indicar-se no campo da litteratura, e da critica exemplo algum de uma hermeneutica mais falsa, absurda, e intoleravel? Não o pensamos. — E' pois verdade que as palavras ou expressões, que ficam copiadas, do *sincero e critico* Cisterciense *significam evidentemente* que elle *dava mais fé aos exemplares de Santa Cruz e d'Alcobaça*? E' falsissimo. Ha de responder todo aquelle que simplesmente as lêr. E' porém o proprio Bran-

(1) Nota XVI, pag. 483.
(2) Nota XVI, pag. 483.

dão quem ineluctavelmente está desmentindo a disparatada e inadmissivel interpretação do Annotador. Na verdade, qual é a causa porque Brandão preferiu inserir no corpo da sua historia o exemplar de Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra ao exemplar do Mestre André de Resende? Foi sem duvida por aquelle *ser mais breve*. As suas palavras terminante e evidentemente o exprimem: » Outro mais breve, *diz elle*, cujas palavras por essa » mesma causa allego mais vezes, se tirou de Alcobaça e » Santa Cruz de Coimbra (1) » A frase — *por essa mesma causa* — litteral e exclusivamente não póde ter outra referencia senão á qualidade de ser *mais breve* ou resumido o *exemplar, que se tirou de Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra*. Basta entender letra redonda para assim o interpretar. — Dar portanto uma intelligencia inquestionavelmente diversa d'aquella que clara, e unicamente exprimem as palavras de qualquer escriptor, é um contra-senso hediondo da mais indisculpavel ignorancia, por não dizer malicia!...

Observação 4.ª

Esta Observação versa e tem seu thema sobre as asserções que passamos a trasladar: » O exemplar de » Resende foi, sem duvida, enfeitado e paraphraseado » posteriormente, não dizemos por elle, mas por alguem. » Nós subscrevemos inteiramente ao voto de Brandão (2). » Aonde encontrou e lêu o Annotador provas e documentos para cathegoricamente affirmar que o exemplar da Chronica dos Godos de André de Resende *foi sem duvida enfeitado, e paraphraseado posteriormente, não dizemos por elle, mas por alguem?* Quem assevera e estabelece uma enunciação qualquer com a qualificação — *sem duvida* — é preciso ter fundamentos positivos e incontroversos, que a sustentem. E como sem elles se ha de dar credito a uma cousa de modo, que se fique *sem*

(1) Mon. Lusit. tom. 3.º folh. 271.
(2) Nota XVI, pag. 483.

duvida? Se o author da novissima e enormissima *Historia de Portugal* quer pois que o acreditemos em materia tão descommunal, devêra apresentar em toda a sua lucidez os fulcros, em que elle se estribava. Aonde estão porém elles? Em parte alguma os ha de poder achar; pronunciamol-o affoutamente! Innovações portanto sem arrimo, que as espeque, não merecem senão desprezo. — Aonde está o tal descoberto *enfeite e paraphrase?* Não basta só dizel-o, é preciso demonstral-o! — E quando positivamente se mostrasse que existia aquelle *enfeite e paraphrase;* porque motivo se ha de asseverar que fôra *posterior* e não coevo com o mencionado exemplar? — Provado mesmo que fosse, ou devesse ser *posterior;* em que data tivera elle tido logar? Porque razão se ha de asseverar que não fôra Rezende o Author do *enfeite e paraphrase,* e sim abstractamente *alguem,* que se não sabe quem é? A todos estes quesitos é obrigado a responder todo aquelle, que como o Author da extravagante Nota, vier com tão gratuitas e especiosas evasivas para menoscabar o credito do *exemplar* da Chronica dos Godos do uso de Rezende. — Quem porém não vê que aquelle tão estrambotico conceito é só obra de pura e extreme fantasia? Basta reflectir que nem *Resende,* nem *Brandão,* nem *Faria,* nem outros muitos escriptores que d'aquelle *exemplar* tem usado, (citando-o muitas vezes em suas Obras, e outrosim reconhecendo o seu devido valor e authenticidade) nunca lhe notaram simillhante pécha; para fazer cahir em desprezo a alentada patranha do — *alguem que o enfeitára e parafraseára.*

Pelo contrario o Exemplar da Chronica dos Godos de Rezende figura ainda com mais voga no Orbe critico, como documento de comprovação historica, do que o Exemplar de Santa Cruz de Coimbra e d'Alcobaça. Ouça-se a *Pereira de Figueiredo,* ao Oratoriano profundamente erudito, que não é d'aquelles, que são faceis em confundir o accessorio com o principal, o *enfeitado* e *parafraseado* de qualquer escripto com aquillo que é de sua genuina e primitiva origem, e feitura. Falla elle pois da tal Chronica sem alguma restricção ou barbicacho, que áquelle se assemelhe, e nos seguintes termos: » Entre tanto esta Chronica Gothica traz evidentes si-

» gantes, de que foi escripta, no mesmo seculo 12.º em
» que floreceu El Rei D. Affonso Henriques. . . . Pelo
» que eu n'aquelles pontos, em que esta Chronica não
» tiver contra si o unanime consenso das outras antigas,
» nenhuma duvida terei em a seguir, como faz Rezen-
» de, e como depois de Rezende, faz Brandão; o qual
» no *Appendice* da Terceira parte da Monarchia Lusita-
» na a imprimiu do mesmo Manuscripto, que fôra de
» Rezende. — E de Brandão a reproduziu Flores no Ap-
» pendice do Tomo 14.º da sua Hespanha Sagrada. »
(1) Ora como é crivel que um puro *enfeite* e *parafrase* da *Chronica dos Godos*, feito por *alguem* (que é incognito que ninguem ainda descobriu, nem descobrirá!) merecesse tanta estima de eruditos taes como aquelles que ficam mencionados? Taes e tão distinctas attenções não mereceria aquelle Manuscripto, se não fosse incontestavelmente reconhecido ser de outra muito diversa polpa; se os eruditos, em fim, não olhassem, e entendessem ser todo elle de caracter e typo sobejamente original, e jámais secundario.

Agora o que desafia um frouxo de estrepitoso riso é a impavida, e oraculina, parvoada: « Nós subscrevemos inteiramente ao voto de Brandão. » Que voto é esse de Brandão? Ha de perguntar logo todo, e qualquer critico que examinar, ou fôr analysando a famosa Nota. Será, por ventura, que se deve *dar mais fé aos exemplares de Santa Cruz de Coimbra, e d'Alcobaça, do que ao exemplar* que foi do Mestre André de Rezende, como affirma o escriptor da Nota? Isto é falsissimo, como já fizemos ver pelas proprias palavras de Brandão (2). Por ellas, sim, se vê que a razão d'aquella preferencia fôra unicamente a brevidade do conteudo do exemplar dos dois Mosteiros. — Sendo isto assim, como póde o Author da Nota pronunciar com subido gráo, e dóze de cunho cariçato: *Nós subscrevemos ao voto de Brandão?* Se Brandão não diz, nem jámais disse o que a elle se lhe fizera dizer; segue-se que o annotador inepta, e insciamente subscreveu a um *voto*, que completamente é alheio, e

(1) Elogios dos Reis de Portugal, pag. 285, nota 2.ª
(2) Á pag. 10 desta 3.ª Parte.

desliza da sua hypothese. E não é esta contradicção, ou cousa que o valha, um d'aquelles elementos de occasional provocação, a que a jerisão não póde resistir? Sem duvida que o é. — Ainda a contradicção se torna mais flagrante, se se advertir — que o historiographo em sua Obra (Historia de Portugal!) não só algumas vezes apoia a sua opinião na authoridade do *exemplar* da Chronica dos Godos de André de Rezende, mas até prefere o seu testemunho ao *exemplar* de Santa Cruz de Coimbra e Alcobaça. Em prova desta nossa tão veridica asserção completa basta ler a *Nota* primeira do Tomo 1.º Liv. 2.º da Historia de Portugal, pag. 402; donde se acha escripto o seguinte: » Não ousamos, apezar d'is» so, rejeitar o successo (refere-se ao feito da tomada de Evora por Giraldo Sempavor) » porque nesta parte o » *exemplar da Chronica dos Godos, que pertenceu a Re-* » *sende*, concorda substancialmente com os de Alcobaça » e de Santa Cruz, cujo texto seguiu Brandão. » Já em a *Nota* primeira do mesmo livro citado da Historia de Portugal, pag. 333, tratando do nome do logar, dito *Jogo do Bufurdio*, ou *Boforda*; depois de transcrever em apoio as palavras da Chronica dos Godos conforme o exemplar usado por Brandão, para nova confirmação, accrescentára: *e mais particularmente na que suppomos parafrase posterior* (M. L. Pro. App. 1 ad her. 1178. — Lem a nota 3.ª, a pag. 403, exprime-se por esta forma: *Preferimos, acerca de Coruche, o exemplar de Resende; porque nos parece evidente erro do copista o que se lê no de Alcobaça.* Não apparece por ventura, se não nos outros logares, pelo menos neste, o historiador manifestamente *dando mais fé ao exemplar* de André de Rezende, do que no de Alcobaça? Sem duvida. E não é isto completamente estar de encontro ao pensamento, que propalára, quando pronunciou que elle *subscrevia inteiramente ao voto de Brandão*; suppondo illusamente que este *dera mais fé aos exemplares de Alcobaça e Santa Cruz*, do que ao de Rezende? Não é possivel negal-o.

Agora por despedida perguntaremos ao historiographo — qual seja a razão por que o *exemplar* da Chronica dos Godos do Mestre André de Rezende se ha de reputar uma *parafrase* dos exemplares da mesma Chroni-

ca, pertencentes a Santa Cruz e Alcobaça, e não hão de ser estes um resumo ou epitome d'aquella? Esperamos pela solução do problema, que ha de ser curiosa!... Não é preciso...... Temos ha muito a solução explicita do problema contra o historiographo, dada por Author superior a toda a excepção. A tal respeito escreveu pois o grande sabedor das antiguidades patrias, *Pereira de Figueiredo*: » Uma cousa é a chronica gothica, que do » Manuscripto de Resende publicou Brandão; outra » cousa é este seu *Summario, ou Compendio, cujos Exem-* » *plares o mesmo Brandão adverte, que se acham em Al-* » *cobaça e em Santa Cruz de Coimbra* (1). » A' vista deste voto de homem tão competente, quem se ha de atrever a qualificar de *parafrase posterior* áquelles dois *exemplares* o Manuscripto de Rezende? E' pelo contrario este Manuscripto o original anterior...

Observação 5.ª

O thema desta observação versa sobre estes dois periodos: » Na copia de Resende ha artigos, que desdi» zem completamente da fórma sempre resumida e ra» pida por que se lançavam aquellas series de aponta» mentos, chamadas *Chronicons*. Esta fórma é constan» te não só em toda a Peninsula, mas em toda a Euro» pa, como se póde vêr nas Collecções de Martene, Ache» ry, Muratori etc. e ainda melhor na mais perfeita de » todas essas collecções, os *Monumenta Historiæ Ger-* » *manicæ de Pertz* (2). » Que importa que a copia de Rezende tenha alguns artigos em que » desdiga comple» tamente da fórma sempre resumida e rapida por que » se lançavam aquellas series de apontamentos chama» das *Chronicons*? E' por ventura essa differença argumento bastante para descer da estima e conceito, em que sempre foi tida entre os criticos aquella copia? Nunca litterato algum se lembrou de tal, e tão romanesca

(1) Elog. dos Reis de Portug., Nota 12.ª pag. 296.
(2) Nota XVI, pag. 483.

pegadilha para menoscabar o credito geralmente prestado áquella copia de Rezende. — E isto é bastante para se votar ao desprezo tão futilissima ninharia! — Quaes são porém esses artigos da copia de Rèsende, que desdizem completamente da *fórma* sempre *resumida* e *rapida* dos chamados *Chronicons?* Apontem-os, e confronte-os. Sem esta operação não acreditamos em generalidades vagas ou *banaes* conforme se exprime o neotorismo. Mas que critica de novo cunho e estofa é essa, que estabelece uma bitóla ou craveira impreterivel aos artigos da *Copia* de Rezende, afferindo-os pelo resumo e rapidez dos Artigos dos *Chronicons?* Por ventura os artigos dos *Chronicons* tem marcado numero de termos, frases, e periodos, além dos quaes elles não podem, nem devem passar? Ninguem ainda o disse, e se o dissesse proferia uma bem cunhada e rebatida parvoice! Ha successos, que pelo caracter natural da sua grandeza pedem uma lenda muito mais extensa que as dos successos menos importantes. Dir-se-ha pois ser aquella *lenda*, ou *ementa* muito maior que a dos factos secundarios, e menos illustres; ser *lenda* ou *ementa* sim impropria d'uma Chronica ou *Chronicon?* Nunca! Podem haver *artigos*, ou lendas, as quaes, em razão das circumstancias notaveis, que lhes respeitam, e que de necessidade se devem enumerar, se tornem muito maiores, do que aquellas de meros factos, que as não tem; e nem por isso se devem reputar offensivos e alheios da *rapidez* e *resumo*, com que, segundo o historiographo, costumam ser lançadas nos *Chronicons*. As idéas de *resumo* e *rapidez* são tambem relativas ao objecto, e jámais se devem tomar em abstracto, e d'um modo absoluto. Póde qualquer narrativa, não obstante ser, materialmente fallando, muito mais longa que outra, se se referir precisamente ao objecto, ser considerada, por certo, como assás *resumida* e *rapida*. Determinar por tanto uma fórma *resumida* e *rapida*, um typo inalteravel, e materialmente fixo para os *artigos* dos *Chronicons*, é um absurdo sobremaneira risivel. . . . . . .

Agora, levando estas reflexões ao campo da exemplificação, havemos de fazer vêr contra o Author da Historia de Portugal que as lendas ou *artigos* dos Chronicons não teem todos a mesma fórma e systema *resumido*

e rapido de apontar, ou mencionar os successos. — São resumidos e rapidos em suas narrativas os *Chronicons* de Idacio (1), o *Chronicon* que se attribue a Severo Sulpicio (2), o *Chronicon* Divi Isidori Hispalensis (3), o *Chronicon* Burgense (4), o Complutense (5), o Ulianense (6) e os dois Barcinonenses (7). — Tem alguns artigos maiores que os destes o *Chronicon* Albeldense (8), o *Chronicon* Sebastiani (9) e mesmo o Compostellanum (10). — Estão longe de seguirem o systema de *resumo e rapidez* alguns artigos do *Chronicon* de Isidoro Pacense (11); e mais ainda alguns do *Chronicon* Monachi Silensis (12); do *Chronicon* Conimbricense (13), e alguns mesmo do *Chronicon* Joannis Biclarensis (14). — Porém eu quero ainda requintar a analyse confrontando os artigos mais extensos da Chronica dos Godos, segundo o exemplar de Resende, com os artigos mais longos de alguns dos *Chronicons*, que acabámos de citar. Examinando pois a Chronica dos Godos, ou *Chronicon Lusitanum*, que, depois de Brandão, Flores transcreveu no tomo 14.º da *Espanha Sagrada*, achamos que o artigo correspondente á era de 904 comprehende 26 linhas, ou regras, sobejando ainda quasi meia; o correspondente ao anno de 1145, 37; ao anno de 1183, 29 regras e perto de meia: ao anno de 1177 (que corresponde ao anno de Christo de 1139), em que se trata da Batalha de Ourique, 36; ao de 1178, 58 regras e meia: ao de 1180, 44 regras bem medidas; ao de 1222, 85. Entre estes artigos, como é visivel, se encontram dois muito mais extensos do que aquelle que comprehende a *Batalha de Ourique*, contendo um del-

(1) Flores, Espana Sagrada, tom. 4.º
(2) Flores etc. tom. 4.º
(3) Flores etc. tom. 6.º
(4) Flores etc. tom. 23.
(5) Flores etc. tom. 23.
(6) Flores etc. tom. 23.
(7) Flores etc. tom. 28.
(8) Flores etc. tom. 13.
(9) Flores etc. tom. 13.
(10) Flores etc. tom. 23.
(11) Flores etc. tom. 8.º
(12) Flores etc. tom. 17.
(13) Flores etc. tom. 23.
(14) Flores etc. tom. 6.º

les muito mais do duplo da extensão d'aquelle que testifica o grandioso feito! — Vejamos agora, se em alguns dos outros Chronicons, que *Flores* tambem transcrevêra se encontram artigos de igual, ou ainda maior extensão.

E' de advertir que logo em seguida ao *Chronicon Lusitanum* (que é por outro nome o *Chronicon Gothorum*, segundo o exemplar de que se servira Resende), copiado por Flores no tomo 14.º da España Sagrada, se acha transcripto o *Chronicon de Sampiro*. E quem póde com verdade dizer, que o artigo que tem por titulo: *Adefonsus III sive Magnus!* esteja no caso de ter sido escripto *resumida e rapidamente?* Ninguem por certo que o examinar. Comprehende elle 15 parrafos, que occupam quasi 10 paginas de formato em 4.º, em que é escripta a citada obra de *Flores*. Se reduzirmos a regras ou a linhas os 15 parrafos, acharemos que abrangem 325 para mais. E note-se que neste artigo se acham trasladadas duas Cartas do Papa João a D. Affonso; o que prova que os Chronicons não estavam obrigados a serem tão *resumidos e rapidos*; que não podessem admittir por extenso algumas peças documentaes. — Observarei mais: Que só estas duas Cartas abrangem maior numero de linhas que o artigo da *Chronica dos Godos*, aonde se falla da Batalha do Ourique. Aquellas abrangem 48 regras bem medidas, e este sómente 36. — O parrafo 12.º do mesmo Chronicon de Sampiro contém 40 linhas — O artigo *Ordonius II* é mais conciso, que o mencionado; todavia comprehende tres paragrafos, que perfazem 79 linhas. — O artigo — *Ranimirus II* — é maior que o precedentemente indicado. Comprehende pois 89 linhas em tres paragrafos, sendo o primeiro destes paragrafos de 41 regras. O *Chronicon Sebastiani* no artigo *Pelagius*, em 8 paragrafos, preenche 80 linhas; e no artigo *Ordonius I* 70 (1).

Se consultarmos, e revolvermos o *Chronicon de Isidoro Pacense* (2), acharemos que logo no primeiro artigo — *Heraclius* — empregára seu Author onze paragrafos, que occupam cinco paginas e meia na citada Obra de

(1) Na España Sagrada, tom. 13.º pag. 476, 2

(2) Na España Sagrada, tom. 8.º pag. 274 etc.

Flores; as quaes reduzidas a linhas chegam acima de 172, contendo dellas só o primeiro parrafo 40. — O segundo artigo *Constantinus* abrange dois paragrafos, que fazem 85 linhas, comprehendendo o segundo paragrafo 74, ou mais de duas bem aproveitadas paginas. — O artigo *Leo Isauricus* comprehende 13 paginas, e estas acima de 385 linhas, que fazem um todo de 21 paragrafos de varios tamanhos. — Omittimos outros artigos deste Chronicon, que se bem mais pequenos provariam comtudo ao nosso intento. — Abro o *Chronicon del Monge Silense* (1), e que logo encontro? Uma introducção ou cousa que o valha, que comprehende nada menos que sete paragrafos!... Como é isto? Um Chronicon com sua introducção?... E' verdade. E por este exemplo deve ficar sabendo o Author da *Nota* que a fórma *rapida* e *resumida*, a que elle, de sua fantasia, sujeita os Chronicons, não é tal que não possa admittir um igual adminiculo. Agora reduzindo a linhas a tal introducção acharemos que ella comprehende umas boas 140 regras; sendo o 2.º paragrafo de 34, o 4.º de 26. — O artigo *Aldefonsi VI genus et initia* é de 5 paragrafos, que comprehendem 110 regras. — O artigo *Witicæ flagitia, et Roderici* tem 4 paragrafos com 92 linhas. — O artigo *Pelagius Rex* abrange 5 paragrafos em 116 linhas. E, omittindo outros artigos pouco mais ou menos destas dimensões, farei em fim menção do artigo *Fernandus I Castellæ*. Este abrange nada menos que 32 paragrafos em 18 paginas, que comprehendem 644 linhas.

Agora folhearemos o *Chronicon Conimbricense* (2). Achamos pois que o artigo correspondente ao anno 1199 comprehende 27 regras: O correspondente a 1333, 28: O correspondente a 1370, 62: O correspondente a 1371, 49: O correspondente a 1372, 30: O correspondente a 1373, 25: O correspondente a 1385, 54. — E' para notar que, contendo o *Chronicon Conimbricense* artigos muito maiores do que aquelle, em que a Chronica dos Godos, segundo o exemplar de Rezende, refere a Batalha de Ourique; nem por isso elle seja reputado e qua-

(1) Na España Sagrada, tom. 17, pag. 270.
(2) Na Espana Sagrada, tom. 23, pag. 330.

lificado como parafrase pelo Author da Historia de Portugal; conforme o mesmo escriptor reputa e qualifica aquella Chronica! Militava ainda maior razão.... Chamei especialmente a attenção sobre o *Chronicon Conimbricense* por ser este um dos Documentos favoritos do historiographo. — O *Chronicon de Cardeña* (1) conta um artigo de 29 linhas (maior que alguns da Chronica dos Godos), que é o que corresponde á era de Cesar, 1322, não obstante serem os outros artigos muito mais pequenos (2).

Ora se pelo que conseguimos palpavelmente fa-

(1) Na Espana Sagrada, tom. 33, pag. 370.

(2) Não parece fóra de proposito aqui declararmos que a maior parte dos *Chronicons*, que, em opposição á aserção do historiador portuguez, trouxemos á collação, não são indifferentes á nossa historia. Pereira de Figueiredo fez dos *Chronicons Menores* uma collecção, a que deu o titulo de: » Vetera Chronica Hispaniæ Minora, in unum » Corpus redacta ad fidem eruditionis Floresianæ, curante Anto» nio Pereria Figueredio, Regiæ Curiæ Censoriæ Decemviro Ordi» nario Reginæque Fidelissimæ ab Epistolis Latinis. » Este erudito é pois o proprio que confessa na Prefação da referida obra que os Chronicons, por elle reduzidos a um Corpo, como que encerram uns certos fundamentos da nossa Historia Antiga: » Non alia igi» tur à me Hispaniæ Monumenta expectent, vel nostri, vel ex» teri, quam breviora Chronica, brevioresque Annales, quæ anti» *quæ Historiæ nostræ veluti fundamenta* quædam habentur. »

Agora relacionaremos chronologicamente os Chronicons, e Annaes, que Pereira de Figueiredo incluiu na referida Collecção.

O Chronicon de Idacio (Idatii Episcopi Chronicon). E' do 5.º seculo. (Em Flores, Espana Sagrada, tom. 4.º pag. 346).

O Chronicon de João Biclarense. (Chronicon Joannis Biclarensis). E' do seculo 6.º (Flores etc. tom. 6.º pag. 375). Este escriptor é natural de Santarem.

Isidoro Hispalense, Historia dos Godos, Vandalos e Suevos. (Divi Isidori Hispalensis Episcopi Historia de Regibus Gothorum, Vandalorum et Suevorum). (Flores etc. tom. 6.º pag. 474). E' do seculo 7.º

Julião Bispo de Toledo. E' do mesmo seculo. Escreveu — Historia do Rei Wamba. (Historia Excellentissimi Wambæ Regis). (Flores etc. tom. 6.º pag. 534).

O Chronicon dos Reis Wisigodos, de Author Anonymo. (Chronica Regum Wisigothorum). E' do principio do 8.º seculo. (Flores etc. tom. 2.º, pag. 172).

O Chronicon de Isidoro Pacense. (Isidori Pacensis Episcopi Chronicon) E' do mesmo seculo 8.º (Flores etc. tom. 8.º pag. 274).

O *Chronicon Albeldense* ou *Emilianense*. (Chronicon Albeldense, llamado tambien Emilianense). E' de author incerto, e pertence ao seculo 9.º (Em Flores etc. tom. 13, pag. 417).

O Chronicon de Sebastião Salmaticense. (Sebastiani Salmatic-

zer, e por huma demonstração até arithmetica, fica fóra de toda a duvida que os *Chronicons*, pela maior parte, que acabamos de apontar, não só comprehendem igual numero de linhas, igual, digo, aos maiores arti- [illegible]
censis Episcopi Chronicon). E' tambem do seculo 9.º (Flores etc. tom. 13.º pag. 433 e 476).

O *Chronicon Iriense*. E' de idade incerta. Pereira o faz porém do seculo 10.º (Em Flores etc. tom. 20, pag. 598).

O Chronicon de Sampiro Astoricense. (Chronicon Sampiri, Asturicensis Episcopi). E' do seculo 11.º (Flores etc. tom. 14.º pag. 438).

O Chronicon de Pelagio Ovetense. (Pelagii Ovetensis Episcopi Chronicon Regum Legionensium). — O do Monge Silense. (Monachi Silensis Chronicon). — A Chronica do Imperador Affonso VII. (Chronica Adfonsi Imperatoris). — Todos estes Chronicons são do seculo 12.º (Flores etc. tom. 14.º pag. 466, — tom. 17.º pag. 270, — tom. 21.º pag. 320).

Pertencem ao 13.º seculo:

O *Chronicon Cerratense*. (Flores etc. tom. 2.º, pag. [illegible]).

O *Chronicon Ambrosianum*. (Flores etc. tom. 23, pag. 304.)

O *Chronicon Burgense*. (Flores etc. tom. 23, pag. 307).

Os Annaes Complutenses. (Annales Complutenses). — O Chronicon Complutense. (Flores etc. tom. 23, pag. 310 etc.).

O Chronicon Compostellanum. (Chronicon ex Historiae Compostellanae Codice). (Flores etc. tom. 23, pag. 325 etc.). — O Chronicon Genealogiarum Regum Hispaniae et Franciae. (Publicado por Flores segundo um Ms. de Juan Vasquez del Marmol). Vem no tom. 2.º, pag. 481 das Memorias de los Reyes Catholicos.

Annales Toletani. (Annaes de Toledo). (Flores etc. tom. 23, pag. 381). — E' este seculo o mais abundante em Chronicons e Annaes.

São do seculo 14.º: O Chronicon Cardenense (Chronicon de Cardeña) de author incerto. (Flores etc. tom. 23, pag. 370 etc.). — O Chronicon de D. João Manuel, Infante de Hespanha. (Chronicon Domini Joannis Emmanuelis). (Flores etc. tom. 2.º, pag. 409). — O Chronicon Barcinonense. (Na Marca Hispanica, pag. 75[illegible]).

Pereira de Figueiredo limitou-se tam sómente a fazer esta Collecção dos Chronicons Menores de Hespanha, attendendo (como primeira razão) ao estado da historia [illegible] no seu paiz, não corria nos paizes estrangeiros [illegible] « Contra » ego in ea Regione degens, ubi harum mercium gustus et [illegible] » [illegible] vigent, Minora tantum Hispaniae Chronica in lucem dare » decrevi. » (Na Prefação).

A referida Collecção, que Pereira de Figueiredo [illegible] acompanhára de breves notas criticas, achava-se prompta para a impressão em 1762. E' hum dos Manuscriptos da Bibliotheca da Academia.

Vê-se pois que o util, e apreciavel pensamento de formar taes Collecções era já do grande Oratoriano, e um dos Socios [illegible] da Academia Real das Sciencias de Lisboa. A Academia, que actualmente tem emprehendido uma Obra de caracter [illegible] neste genero, não deixará opportunamente de se aproveitar do referido MS. [illegible]

gos da Chronica dos Godos, segundo o exemplar de André de Rezende; mas até mesmo, que elles contém artigos incomparavelmente muito mais longos e diffusos, que os mais compridos e extensos da dita Chronica; como se poderá admittir, sem o mais revoltante absurdo, a inaudita illação que o Annotador assaca contra o Ms.; que elle pretende desvairadamente depreciar? Na verdade se na *Copia da Chronica dos Godos*, de que usára Rezende, se *acham artigos, que desdizem completamente da fórma sempre resumida e rapida por que se lançavam aquellas series de assentamentos, chamadas Chronicas*; quanto mais não desmentem da tal *fórma sempre resumida e rapida* os artigos incomparavelmente maiores dos outros Chronicons, que acabámos de indicar? Porém se taes artigos, dos mencionados *Chronicons*, não obstante a sua avultada extensão, não deram motivo a que Critico algum os reputasse *desdizerem da fórma rapida e resumida*, que caracteriza os Chronicons, e muito menos para os carimbar com a inaudita alcunha de *parafrases*; por que *carga d'agoa* se ha de dar essa pécha no *exemplar* de André de Rezende? Por tanto se a extensão d'aquelles artigos não é motivo para se duvidar do seu conteúdo, muito menos o deve ser a respeito da Copia ou *exemplar* da Chronica dos Godos de André de Rezende.

A' vista dos exemplos dos diversos Chronicons, que allegámos; como se póde outrosim dizer, em um tom absoluto e cathegorico, que os artigos do *exemplar* da Chronica dos Godos de André de Rezende não concordam com a *fórma constante* dos Chronicons usada *não só em toda a Peninsula, mas em toda a Europa?* Embora o annotador cite em globo em seu favor as Collecções de *Martene, Achery, Muratori*, e o mais que elle lá sabe; o que é certo é que a nossa analyze dos *Chronicons* completamente depõe contra aquella asserção generica, relativa á fórma *chronicographa* das taes Collecções mencionadas. E quanto estas ainda talvez o não desmentiriam, se fossem passadas pela fieira da analyze!.... Não as analyzámos por as não termos presentes. Nem era preciso á vista do que fica discutido. Os exemplos que apontámos mostram assás que o Annotador andou de cór quando fallou em *fórma constante*, pela qual pre-

tendem modelar os *Chronicons, não só em toda a Peninsula, mas em toda a Europa!* E veria elle os Chronicons de *toda a Peninsula e de toda a Europa* para estabelecer com conhecimento de causa a tal bitóla? Se os tivesse lido não os teria por certo reduzido a um só e constante *fac-simile!...*

Agora exigiremos do Annotador que nos indigite, um por um, quaes são esses *artigos da copia de André de Rezende, que desdizem completamente da fórma sempre resumida e rapida por que se lançavam aquelles series de apontamentos, chamados Chronicons?* Aguardaremos a solução do problema; que ha de ser bem difficultosa!...

Todavia elle continúa ainda com os seus originaes destemperos! Ouçamol-o: *Assim dando textualmente as fontes para a historia da batalha de Ourique, aproveitâmos o artigo da Chronica dos Godos inserido na narrativa de Brandão, desprezando a leitura do codice de Rezende, evidente paraphrase de mão mais moderna* (1). Esta clausula, ou fecho do paragrafo tem tanto de burlesca, como de manifestamente falsa. E na verdade quem jámais houve que se inculcasse por *textual dador* das fontes para a historia da Batalha de Ourique, que desprezasse de contar no numero dessas fontes o Ms. ou Codice de Rezende, de que se tem tratado? Nem um só escriptor se ha de encontrar, que com similhante fanfarronada conjunctamente pronunciasse um tão agigantado absurdo! Pois ignora alguem que além de André de Resende (e este voto bastaria para refutar só de per si a romantica ousadia do Author da Nota!) fizeram estimação especial d'aquelle Codice o mesmo Antonio Brandão, que o julgou digno de ser impresso (e por elle foi dado á luz pela primeira vez), e inserido no Appendice da 3.ª Parte da Monarchia Lusitana, entre os Documentos, que comprovam a sua Historia? Duvidará alguem que mesmo antes delle fizera estima do referido *Codice* Manoel Severim de Faria: que o grande Theatino D. Antonio de Sousa no seculo passado o copiára como Documento capital de fé historica no 1.º Tomo das Provas da Historia genealogica da Casa Real? Que

(1) Nota XVI, pag. 488.

o mesmo depois praticára *Flores*, e para o mesmo fim; reimprimindo-a no Appendice do tomo 14.º da España Sagrada? Se pois estes e outros escriptores desta polpa não menoscabaram aquelle Codice, antes o tiveram em reconhecido apreço; quanto não é desprezivel, e caricato o sentir de um modernissimo escriptor, que tão diametral, e absolutamente dissente de taes e tão valiosos votos?

Qual porém será o motivo, a causal de um tão sacodido *despreso* pelo Ms. de Rezende? E', responde elle, por ser *evidente paraphrase de mão mais moderna.* Que miseria das miserias!.... O Annotador não sabe por certo o que significa a palavra *evidente!....* Se o soubera sem duvida que não havia de usar tão desconchavadamente de um tal termo! Pois eu lho explico: *Evidente* chama-se a tudo aquillo que não só é certo, mas até se offerece ao nosso entendimento em um tal grão de luz, que o põe fóra de toda a hesitação. *Le terme evidence signifie une certitude si claire et si manifeste par elle-même, que l'esprit ne peut s'y refuser.* E' *Condillac* que assim se exprime, e desta definição, e do mais que a acompanha se aproveitou a Encyclopedia Methodica. Se pois se conhece com uma certeza tão clara e tão manifesta, qual é a que produz a luz da evidencia, que aquelle Ms. da Chronica dos Godos do uso de Rezende, é uma *paraphrase de mão mais moderna*; como é crivel que no espaço de mais de 200 annos, em que este Ms. tem sido revolvido, e examinado por tantos eruditos de mão cheia, um tão quejando e tão saliente aleijão não fosse descoberto? E' de pasmar que aquella *evidencia* só estivesse reservada, depois de seculos, para ser exclusivo apanagio do Escriptor da Historia de Portugal do meado do seculo 19.º!.... Não é porém crivel, nem admissivel, que tantos ornamentos de litteratura, versados nos estudos das antiguidades patrias, estivessem á uma todos com os olhos encataractados para não sentir a força do clarão da *evidente paraphrase*, que os deslumbrava!.... Este argumento de prescripção é bastante para de todo desmoronar uma affirmação, que pela primeira vez se estira no papel sem algum fundamento! — Ninguem todavia que tenha voto na materia jámais disse que a

leitura do Codice de Resende se devia desprezar *por ser evidente paraphrase de mão mais moderna.* Antes foi sempre respeitada, e havida como um Documento de grande fé entre os nossos Escriptores. Não enunciamos cousas aéreas, e sem fundamento, como sóe fazer a fanfarronica dialectica romantica. O grande Oratoriano Pereira de Figueiredo, que tão conhecedor era da historia patria, testifica que a *Chronica chamada dos Godos entre Brandão, e Barbosa passa por uma das mais antigas e das mais fidedignas deste Reino* (1). O mesmo mui critico, e erudito Oratoriano na Dissertação 19.ª sobre as *Epocas da Batalha d'Ourique etc.*, no § 1.º em que trata da *antiguidade, e authoridade da Chronica chamada dos Godos, de que usou André de Resende e da outra do Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra*; depois de expôr os fundamentor em que apoia o seu juizo, conclue: » Estas e outras circumstancias nos determinaram a ter » esta Chronica por obra d'Author, que alcançou os » tempos do dito Rei (D. Affonso Henriques) ou pelo » menos foi mui visinho delles (2). N'este mesmo con» ceito (continúa Pereira) a tiveram os nossos dois fa» mosos Antiquarios do seculo XVI André de Rezende, » e Gaspar Barreiros » (3). O apreço em fim em que estes dois grandes homens mostraram ter a referida Chronica, fez ostensivo dizer a Pereira » Isto basta, para » esta Chronica se dever reputar d'uma veneranda e mui » encanecida antiguidade; como depois de Rezende e de » Barreiros, a reputou Brandão » (4). Se pois este era o juizo favoravel, e de subido apreço em que estes tão distinctos litteratos tiveram o Codice da Chronica dos Godos do uso de Rezende, sem que lhe achassem manqueira alguma por onde devesse desmerecer; quanto não é para indignar, que, á vista do *verdict* de tão illustradas summidades, viesse um vertiginoso innovador historico, a seu bel-prazer e com desencabrestada fantasia, condemnar ao desprezo *a leitura* d'aquella Chroni-

(1) Mem. da Academ. tom. 9.º pag. 300. Dissert. 17.ª Incerteza do anno em que nasceu D. Affonso Henriques etc.
(2) Mem. da Acad. tom. 9.º pag. 304.
(3) Mem. da Acad. tom. 9.º pag. 304.
(4) Mem. da Acad. tom. 9.º pag. 304.

ca, capitulando-a de *evidente paraphrase de mão mais moderna?* Desprezo do mais subido e guindado cogúlo merece uma tão crassa e cascuda, se não audaciosa, ignorancia!....

Agora, para pasto da curiosidade, perguntaremos ao Author da Historia de Portugal: 1.º Que mão foi essa *mais moderna*, que escrevinhou a tal *paraphrase*? Dar por certa a existencia de tal *mão*, sem declarar qual ella foi, é completamente burlar os dictames da critica! Taes asserções são porém o descredito de quem as pronuncía!....

2.º Porque razão vota agora ao desprezo a Chronica dos Godos do uso de Rezende, tendo-se elle já della servido, e com preferencia, para authorizar certos factos trazidos na Historia de Portugal, como já fizemos ver? (1) Porque então julgou boa e aproveitavel aquella *leitura*, que agora reputa digna de desprezo? A contradicção sobresahe sem réplica!....

3.º Aonde achará elle a tal *evidente paraphrase de mão mais moderna* nos artigos da referida Chronica, que não chegam sequer a uma linha; e ainda em o anno, aonde a narrativa, não obstante o numero das linhas, é a mais succinta possivel? O Annotador, por sem duvida bem se ha de dar a perros para achar a tal decantada paraphrase.... Por mais que disseque o espatifado cadaver *chronical*, não se ha de encontrar nem sombra da mofina e mesquinha idéa!.... Ha de forçosamente confessar, ou alguem por elle, que não sabia o que quer dizer ou significar o termo *paraphrase*. Talvez mesmo, para se livrar do torniquete, não tenha duvida de declarar a palavra *paraphrase* por synonimo de *laconismo*!.... Se porém os exemplares da Chronica dos Godos de Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra são o sepáreo do exemplar da Chronica dos Godos de André de Resende, e por conseguinte de tempo mais moderno (sendo o Author do exemplar de Rezende coetaneo de D. Affonso Henriques, e não o Author, ou Authores dos outros exemplares de Alcobaça e Santa Cruz); como é possivel que o exemplar mais antigo seja considerado como *paraphra-*

(1) Vej. pag. 19 desta 5.ª Parte.

se de outros exemplares, que conhecidamente são mais modernos (1)? A lembrança da *paraphrase* encerra por tanto o mais desconchavado absurdo!.... Mas passemos adiante.

» E ainda assim nós considerâmos a authoridade » da Chronica dos Godos como inferior á Chronica La» mecense porque, posto ambas sejam do seculo XII, » a relação d'aquella é por certo posterior, nesta parte, » aos successos que narra: as palavras *tunc cor terræ sarra-* » *cenorum*, que ahi se lêem, não deixam a menor du» vida de que a memoria da batalha foi escripta depois » da conquista do Alemtejo, quando já Ourique não » era o *coração da terra dos Sarracenos*; ao passo que » o artigo do Chronicon Lamecense póde ter sido lan» çado nelle por occasião do acontecimento. Por via de » regra era assim que se iam redigindo aquellas como » ementas historicas » (2). Quem diria que a Chronica dos Godos do uso mais especial de Brandão, que o Annotador trouxe nas palminhas, havia agora de levar neste parrafo a sua estortegadéla? O facto do menosprezo é porém verdadeiro! Elle sim reputa a authoridade da Chronica dos Godos inferior á do *Chronicon Lamecense*, porque, diz elle, *a relação d'aquella é por certo posterior, nesta parte, aos successos, que narra.* Ora já viram uma frioleira mais descabellada? Pois houve jámais no universo *relação* alguma, já de Annaes, já de Historia, já de Chronicas, que não fosse *por certo posterior aos successos que narra?* Acaso o Annalista, o Historiador, ou Chronista, não escreve depois de verificados os acontecimentos? Sem duvida; a não ser profeta, dom que só se concede aos escriptores agiographicos. — Sendo isto assim, é evidentissimo que não póde haver *relação* alguma historica de qualquer natureza que fôr, que não seja *posterior aos successos que narra.* Assim a qualidade de *posterior aos successos que narra* é tão applicavel á Chronica dos Godos, como ao *Chronicon Lamecense.* Póde o Author ser anterior aos successos que narra, porém nun-

(1) Vej. Pereira de Figueiredo, nos Elog. dos Reis de Portug. pag. 296, nota 12.ª

(2) Hist. de Portug. Nota XVI pag. 483 e 484.

ca a *relação* delles. Esta forçosamente ha de ser *posterior*. A mesma natural definição da palavra *successo* assim o indica. E' impossivel pois intrinseco que a *relação* de uma cousa acontecida não seja *posterior* a ella. A razão por tanto de ser *posterior aos successos que narra*, para se ter em menos a Chronica dos Godos que o *Chronicon Lamecense*, é uma chapadissima inepcia.

Porém a questão é ainda outra. O Annotador intenta provar que » as palavras *tunc cor terræ sarracenorum*, que ahi se lêem, não deixam a menor duvida » de que a memoria da batalha foi escripta depois da » conquista do Alemtejo, quando já Ourique não era o » coração da terra dos Sarracenos; ao passo que o arti» go do Chronicon Lamecense póde ter sido lançado » nelle por occasião do acontecimento. » Todo este alinhavo palavroso não encerra mais que um rematado desconchavo logico. Vamos por partes. Supponhamos que aquellas palavras » *tunc cor terræ sarracenorum*, » que se lêem na Chronica dos Godos, não deixem a » menor duvida de que a memoria da batalha foi escri» pta depois da conquista do Alemtejo, quando já Ou» rique não era o coração da terra dos Sarracenos; » quaes são as palavras documentaes, que o Annotador aponta do *Chronicon Lamecense*, para provar que o seu artigo póde ter sido lançado nelle por occasião do acontecimento? Nenhumas. Nem era elle, nem alguem por elle, capaz de as apresentar. Pelo contrario (digamol-o em alto e bom som) as palavras do artigo do *Chronicon Lamecense* tanto provam que o artigo podéra ter sido lançado por occasião do acontecimento, como muito depois delle. Para prova irrefragavel desta asserção basta transcrever o artigo, de que se trata. Eil-o aqui: » In » loco qui dicitur Oric fuit prælium inter paganos et chri» stianos, preside Ildefonso portugalense ex una parte » et rege paganorum Examare ex altera, qui ibidem » mortem fugiendo..... sitio evasit in die S. Jacobi apos» toli mense julii. Era MCLXXVII » (1). Em vulgar quer dizer: » No logar, que se chama Ourique, hou» ve um combate entre pagãos (os Mouros) e Christãos,

(1) J. P. R. Dissert. Chronolog. tom. 4.º Part. 1.ª pag. 174.

» sendo commandante de uma parte D. Affonso de Por-
» tugal, e de outra parte Esmar rei dos pagãos, que abi
» mesmo, para fugir á morte.... abandonou o sitio no
» dia de S. Thiago Apostolo no mez de julho. Era de
» 1177. » Ora diga-me todo e qualquer ser da especie humana, que tenha algum bestunto critico, se acha no todo das transcriptas palavras, ou em alguma dellas de per si, algum rasto, rasquicio, ou effluvio, por onde se possa colligir que o tal artigo *fôra lançado* no Chronicon *por occasião do acontecimento*, e não tempos depois d'elle? Todo o mundo pensador, ainda aquelle de mediana intelligencia, e mesmo de curto alcance, ha de concluir que a lenda do artigo transcripto tanto prova que elle fôra lançado por occasião do acontecimento, como tempo depois d'elle. — Tendo pois tanto valor dialectico, assim uma, como outra illação, fica perfeitamente sem força exclusiva aquillo, que tamsómente o Annotador pretendia sustentar. Iremos porém já a outros pontos, que serão o objecto da

Observação 6.ª

Agora passaremos a observar ou antes a examinar se por ventura d'aquellas palavras da Chronica dos Godos — *tunc cor terræ Sarracenorum* — se póde concluir que esta fôra posterior ao Chronicon Lamecense? A este problema desde já respondemos — que *de nenhuma sorte*. Para melhor evidenciar este enunciado compulsorio copiaremos o logar da Chronica: » Era MCLXXVII
» julio mense die divi Jacobi fuit victoria Alfonsi regis
» de Esmar rege Sarracenorum et innumerabili prope
» exercitu, in loco, qui dicitur Aulic, tunc cor terræ
» Sarracenorum quo perrexit rex Alfonsus (1). » Em vulgar significa: » Na era de mil e cento e setenta e
» sete (2) no mez de julho, em dia de S. Thiago, foi a

(1) Mon. Lusit. Part. 3.ª Liv. 10.º Cap. 3.
(2) Esta era de Hespanha corresponde ao anno de Christo de — 1139.

» victoria que alcançou El-Rei D. Affonso de Esmar,
» Rei dos Sarracenos e do seu quasi innumeravel exer-
» cito, no logar que se chama Ourique, *que então era*
» *o coração da terra dos Sarracenos* (ou antes, como tra-
» duz Brandão — *o qual então ficava no meio da terra*
» *dos Mouros*) até onde alcançou El-Rei D. Affonso. » —
Concedamos que a phrase — *que então era o coração da terra dos Sarracenos* — seja argumento para se affirmar que este artigo da Chronica fôra escripto depois da conquista do Alemtejo, quando já Ourique *não era o coração da terra dos Sarracenos*; por ventura póde-se d'ahi concluir que elle foi escripto posteriormente ao artigo do Chronicon Lamecense? Nunca. Para tal se poder affirmar era necessario que se mostrasse de um modo ineluctavel que o artigo do Chronicon de Lamego tivera precedido ao da Chronica dos Godos. Isto porém debalde se pretendeu fazer. O Annotador contentou-se apenas de tirar esta conclusão, tendo por base o conteúdo da Chronica Lamecense. Quem examinar todavia este conteúdo ha de achar que elle tambem póde servir de fundamento para tirar a deducção contraria. Quero dizer: Aquelle artigo do Chronicon Lamecense tanto offerece materia para se julgar que fôra escripto por occasião do acontecimento, como muito depois. Tanto fundamento dá para se tirar a primeira, como a segunda conclusão.

Concedamos mesmo porém que havia todo o fundamento para se conjecturar que o *Chronicon Lamecense* fôra escripto *por occasião* do *acontecimento*, e a Chronica dos Godos depois; seria por venrura esta prioridade só de per si motivo critico para ser tido em mais o Chronicon Lamecense do que a dita Chronica? Nego. Os dotes do historiador, como todos sabem, são a capacidade, ou talento para historiar, a sciencia do facto e a probidade. — Ora por um historiador, de qualquer cathegoria que seja, ser o primeiro que narra um successo; segue-se logo que elle deva exceder a todos os que vierem depois d'elle nos referidos dotes? Não por certo. Póde muito bem um outro, apezar de não gosar da condição casual da prioridade, exceder ao que o antecedeu em todos os indicados dotes, que caracterizam o historiador.

(1).— Quando pois se demonstre que o *Chronicon Lamecense* tenha a prioridade, não se segue d'ahi que a sua authoridade deva ser tida em mais, sem se provar que os dotes historicos da Chronica dos Godos lhe são inferiores; cousa que o Annotador não fez, nem poderá fazer. — Além disto a circumstancia — *tunc cor terræ Sarracenorum* — quando prove que este artigo da Chronica fosse feito depois da Batalha de Ourique, não se segue que não fosse feito pouco depois d'ella, e por escriptor contemporaneo, no que póde correr parelhas com o Chronicon Lamecense, que a olhos vistos nada encerra, por onde se possa conjecturar ser anterior. — Mas profundemos a questão. Será por ventura o *Chronicon Lamecense* mais antigo que a Chronica dos Godos? Não ha razão, em que se funde tal asserção pelo lado affirmativo. O Annotador colloca tanto o Chronicon Lamecense como a Chronica dos Godos no seculo 12.º E' porém verdade que o Chronicon Lamecense é do seculo 12.º? Não ha fundamento algum em que se estribe a asserção affirmativa; antes é mais para conjecturar ou antes asseverar o contrario. Ouçamos o que diz o erudito Diplomata J. P. Ribeiro (Dissert. tom. 4.º pag. 174) em a nota que vem no fim do Chronicon Lamecense: » Este Chronicon, *diz elle*, acha-se escripto em Lettra Franceza na » primeira folha de um Martyrologio antigo da Sé de » Lamego, e se diz compilado de outro mais antigo no » anno de 1262 por Martim Gonçalves, Tabellião pu- » blico, e correcto pelo Conego, o Mestre Aires, á cus- » ta de D. Affonso Paes, Deão, que foi da mesma Sé. » A' vista do que se affirma nesta nota fica evidente que o Chronicon Lamecense não é original, porém compilação authentica de outro Martyrologio mais antigo, feita no anno de 1262. Temos pois que a compilação que constitue o *Chronicon Lamecense*, que existe e fica transcripta não é do seculo 12.º, porém do meado e para mais do seculo 13.º, como está mostrando a data 1262. Sendo isto assim fica indubitavel que, se o escriptor da Nota da Historia de Portugal, quando fallou do *Chronicon Lamecense*, se referiu á mencionada compilação (e

(1) Vej. Meth. pour etudier l'Hist. par Lenglet, tom. 1.º pag. 63.

não póde haver motivo para julgar cousa diversa); pronunciou um bem alentado, e rechonchudo erro em a collocar no seculo 12.º. — Se porém (vá uma concessão romantica!) quando fallou em *Chronicon Lamecense*, se referiu ao tal Martyrologio mais antigo, do qual o transumpto, que existe fôra compilado; donde fundamentalmente soube o Annotador que aquelle original era do seculo 12.º? De ninguem; nem o citado Diplomata o testifica em sua nota. Conjecturou-o acaso alguem? Uma conjectura porém gratuita não tem pezo algum na balança da critica (1). Se pois não consta que o origi-

(1) O Annotador dissera em a pagina 482 da Nota XVI, que tem sido, e continúa a ser o objecto das Observações: *Viterbo suppõe o original* (do Chronicon Lamecense) *anterior um seculo.* As palavras de Viterbo são as seguintes: *E se ao Original donde esta Copia se tirou, dermos ao menos 100 de idade* etc. E' bem de ver que este modo de fallar é inteiramente hypothetico, e de calculo meramente arbitrario — Agora advertiremos que Viterbo não disse exactamente que o tal Original era *anterior um seculo*, como escreveu o Author da Nota, porém outrosim accrescentou *ao menos*, o que destroe a certeza, e redondeza do calculo.

Mas quaes são as razões que o Notographo fantasiou para fazer valer a supposição de Viterbo? Eil-as aqui, terminando o ultimo paragrafo da citada pagina: » A palavra *Oric*, escripta segundo a » mais pura pronuncia arabe, a singeleza verdadeiramente de chro- » nicon com que está escripta, e o terminar em 1169, dão a esta » opinião do author do Elucidario um tal grão de probabilidade, » que toca as raias da certeza. » Ora quem jámais ousou affirmar que caracteres tão communs e genericos possam grangear ao referido Original a pretendida *anterioridade em tal grão de probabilidade, que toque as raias da certeza?* Allega ao seu intento: a palavra *Oric* escripta segundo a mais pura pronuncia arabe; e quem não ha de rir quando souber que quem assim dogmatiza sobre a orthografia e prosodia da lingua arabe, é um qualificadissimo leigo, e idiota nella? D'onde soube elle que o termo *Oric*, assim escripto denotava a *mais pura pronuncia arabe*? Em que escola se habilitou para faller da pureza de pronuncia da lingua arabica em um tom tão magistral? Entre tanto se é indicio do Chronicon Lamecense ser do seculo 12.º o escrever — Oric —; então diremos que não é deste seculo o Chronicon Conimbricense porque traz — *Ouric* —, nem a Chronica dos Godos, que escreveu *Aulic*; o que o Author da Nota não póde admittir sem contradicção manifesta. Além d'isto se *Oric* está escripto segundo a mais pura pronuncia arabe, porque escreveu antes na Historia *Orik*, como denominação arabe? — O certo é que Moura nos *Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal* designou a palavra arabe pelo termo — *Orique*, e não *Oric*. Quanto á pronuncia de *Orique*, o erudito Author do *Exame Historico* indica-a como devendo pronunciar-se — *Ariqun* (pag. 12 § 8.º). — Quanto á razão tirada

nal do Chronicon Lamecense fôra do seculo 12.º; porque ha de o Annotador encaixal-o n'esse seculo? Não é isto um destempero risivel? E' sem duvida. Tão conjecturavel é que o original seja do seculo 12.º, como do mesmo seculo, em que foi feita a copia. Se porém todos os principios da boa critica mandam só fazer obra por aquillo que existe, e não por aquillo que póde ser (nem o *póde ser* é base de illação logica admissivel), é outrosim manifesto que o *Chronicon Lamecense*, que existe (o unico por onde se póde e deve ajuizar) é ainda, pelo lado da prioridade de existencia, muito mais inferior á Chronica dos Godos conforme o exemplar de Rezende, e mesmo ainda o do uso de Brandão (1); o que é diametralmente opposto áquillo que o Annotador aereamente asseverára.

» Por via de regra (*termina elle o paragrafo*) era » assim que se íam redigindo aquellas, como ementas » historicas (2). » Em que arte chronico-graphica achou o Annotador que por via de regra as *ementas historicas* dos Chronicons eram lançadas, ou antes redigidas nelles *por occasião do acontecimento?* Temos outra fantasia romantica!... Se tal quizer sustentar ha de ser desmenti-

da *singeleza* em que está escripto o *Chronicon Lamecense*, esta razão é tão commum a todos os Chronicons, que é futilidade apontál a como contendo motivo de força e valor especial a respeito delle. Este caracter milita até em Chronicons mais antigos, taes como o de Idacio, Severo Sulpicio, e de Santo Isidoro. — A razão da Chronica Lamecense *terminar em* 1169 põe o cumulo á futilidade. Pois acaso por uma obra historica terminar a serie dos factos em uma designada épocha, segue-se logo que seu Author era dessa épocha? A affirmativa seria o mais assalvajado absurdo! Todo o mundo sabe que ha innumeraveis escriptores que trataram de objectos historicos seculos posteriores a elles. A data por tanto, em que termina qualquer Chronicon não foi jámais signal caracteristico da contemporaneidade de quem o escreveu. — Agora perguntaremos ao Author da Nota, de onde soube que o Chronicon Lamecense termina em 1169? O Chronicon de certo não o diz, será sonho romantico? Como tal o acreditamos! ...

(1) Nesta Chronica, que é Summario, ou Compendio do Exemplar de Rezende, como já advertimos, alguma cousa ha que faz conhecer que seu Author a escrevia depois do anno de 1212; o que confirma ser posterior ao referido Exemplar, de que usou o erudito Antiquario. Vej. Elog. dos Reis de Portug. por P. de Figueiredo, Not. 12, pag. 296.

(2) Nota XVI, pag. 484.

do a cado passo não só pelos outros Chronicons, que temos já apontado; mas até especialmente pelo proprio *Chronicon Lamecense*. Sim, ao abrir o *Chronicon Lamecense* ha de logo encontrar que as primeiras *ementas historicas* não foram lançadas por occasião dos acontecimentos, antes tratam ellas de successos muitos seculos anteriores. Taes são o nascimento de Christo na era de 38 — a Degolação de S. João Baptista na era de 68 — a de S. Thiago Apostolo na era de 61; e outros mais factos por onde começa. — Mas que digo? Não ha sequer um só facto mencionado no Chronicon Lamecense, que seja de data contemporanea. O ultimo facto pois, ahi mencionado debaixo de data, é da era de 1207; sendo aquelle compilado em 1262 (1). Como pois, á vista deste tão terminante exemplo, ha de o Annotador poder sustentar que aquellas *ementas* historicas eram, *por via de regra*, lançadas nos Chronicons por *occasião do acontecimento?* Que um escriptor que se reputa enthronizado no pinaculo da litteratura, qual Eólo no solio da montanha exercendo altiva governança sobre a ventosa grey, pronuncie e escreva tal *via de regra* para formar Chronicons, é a miseria das miserias!..... Talvez recalcitre, oppondo que no original do Chronicon, (que ninguem ainda descobriu!) d'onde o existente fôra compilado, e mesmo no contexto deste, se acham mencionados tambem successos contemporaneos; sendo isto bastante para se verificar a tal *via de regra!* Não suppomos todavia que elle intente, nem se lembre de vir a publico com tão insubsistente coarctada.... Seria o mesmo que pretender que a critica lhe admittisse como realidade aquillo, que não é mais que uma ficção meramente gratuita, uma *via de regra* manifestamente contradictada; pretenção, que seria outra miseria das miserias!....

(1) Já advertimos que Viterbo suppozera ser o Original do *Chronicon Lamecense* contemporaneo pelo menos do anno de 1162. Agora reparamos que contendo a Compilação factos já acontecidos no seculo seguinte, os quaes, segundo a hypothese de Viterbo, adoptada pelo Author da Nota, aquelle Original já não podia alcançar, mal deve ter logar a indicada supposição, salvo se se der a Compilação por interpollada; o que se não prova.

Observação 7.ª

Vê-se que o historiador portuguez ainda não descança para levar a effeito o seu premeditado projecto de deslustrar, e reduzir ao ultimo estado de aviltamento a Batalha de Ourique. Que fará pois elle mais? Vai glossar, a seu modo, a Chronica dos Godos de André de Rezende, que é o seu *papão*, para ver se assim póde fazer alguma brecha, e dar na sepultura com aquelle glorioso e immortal feito. Porém como se engana? E' elle que primeiro ha de ver ficar sepultada debaixo das ruinas do seu mal architectado e construido edificio historico á sua audaciosa intentona, do que ver aquella façanha deixar de gosar da posse, em que está, da bem merecida, e justa immortalidade. — Continuemos a julgal-o pelas suas proprias expressões.

» Se descermos a examinar criticamente a narração » do codice de Resende, delle mesmo se tirarão as pro» vas contra o subido valor que se lhe tem dado. Não » transcrevemos na integra aquelle artigo; porque não » lhe attribuimos grande importancia á vista do que fi» ca advertido » (1). A pouca, ou não *grande importancia*, que merece ao Annotador o Codice de Rezende, é um paradoxo de calibre tal, que só podéra emanar da mais crassa e cascuda ignorancia! Os testemunhos, que ficam apontados de Varões de tão abalizada erudição em favor do dito Codice (2), não podem deixar de constituir na mais baixa, e deploravel posição, na republica das letras, o escriptor do transcripto parrafo!....

» Citaremos, *continúa*, só as passagens que em nos» so entender, o condemnam. A primeira cousa que of» ferece uma difficuldade talvez insoluvel, é dizer-se-nos » ahi: » que o rei Esmar, tendo congregado infinita » multidão de Sarracenos africanos que trouxera comsi» go, e dos de áquem mar, dos districtos de Sevilha, » Badajoz, Elvas, Evora e Beja, e de todos os castellos

(1) Nota XVI, pag. 484.
(2) Veja-se o que deixámos escripto a pag. 30 etc. desta Parte.

» até Santarém sahíra ao encontro d'Affonso Henri-
» ques. » Comecemos (*objecta elle*) por nos recordarmos
» de que ainda nos principios do mez de julho o princi-
» pe portuguez não tinha sahido dos seus dominios, on-
» de então fazia mercês (Elucid. verb. *Ladera*), e que
» a 25 se deu a batalha. Assim é necessario que em 20
» dias, pouco mais ou menos, o exercito christão passas-
» se o Tejo; que Esmar soubesse da invasão; que dés-
» se ordem ás tropas almoravides e andaluzes, para
» marcharem de tão diversos pontos; que essa infinita
» multidão marchasse de feito, se reunisse e viesse en-
» contrar os portuguezes em Ourique. E' duro de crer;
» mas sigamos ávante (1). » Que *rabiolis*, que *mioleira*
é esta palavrosa de nova especie, que aqui apparece!....
Viu-se acaso jámais no campo do discurso escalracho algum mais impertinente e inerte?... Não; sem duvida. E' de laia e estofa tal esta quejanda glosa, que, ainda na bôcca do mais desmascarado, e profundo inimigo das glorias portuguezas, excitaria a indignação e o riso!... Vamos porém a dar-lhe a competente retribuição.

Na verdade apresenta e desenrola o Author da Nota, logo na testada da sua decantada glosa, uma chamada difficuldade, que elle não sabe se é ou não é *indissoluvel!* — Por outro dizer, apresenta uma difficuldade, ficando lá para si com outra similhante. Melhor ainda: Forja lá a seu sabor uma difficuldade, ficando com a ignorancia de não saber com certeza, com que nome ella deva ser carimbada!.... Mas quem propõe uma *difficuldade*, que não sabe se é ou não *indissoluvel*, pouco longe está de ignorar se a *difficuldade*, que propõe, é ou não é *difficuldade!*... Aquelle porém que contrapõe qualquer objecção, indicando no mesmo tempo que ignora a sua natureza, mostra logo que não sabe o valor della; o que é o mesmo que objectar sem saber o que objecta! Mas vamos ao ponto.

Foi por ventura jámais para algum erudito ou não erudito thema de objecção ou *difficuldade talvez insoluvel*, ou dissoluvel » o dizer-se-nos na Chronica dos Godos » que o rei Esmar, tendo congregado infinita multidão

(1) Nota XVI, pag. 484.

» de sarracenos africanos que trouxera comsigo, e dos
» de áquem mar, dos districtos de Sevilha, Badajoz,
» Elvas, Evora, e Beja, e de todos os castellos até San-
» tarém, sahira ao encontro d'Affonso Henriques? » A não ser o novissimo Author da Historia de Portugal, não se encontrará um só escriptor nacional, ou estrangeiro, que tão monstruoso absurdo pronunciasse para deprimir o subido valor, que sempre se dera ao Codice de Rezende. Foi pelo contrario esta lenda historica tida e havida em todos os tempos por indubitavelmente fidedigna.

Que motivos porém teria o innovador historico para contestar uma verdade conhecida por tal? Motivos de uma futilidade, e ninharia tão revoltante que nauséam a todo o critico que imparcialmente os analyzar! Vamos a elles: » Comecemos, *argumenta elle*, por nos recor-
» darmos (1) de que ainda nos principios do mez de ju-
» lho o principe portuguez não tinha sahido dos seus
» dominios, onde então fazia mercês (Elucid. verb. La-
» dera) e que a 25 se deu a batalha. Assim é necessa-
» rio que em 20 dias, pouco mais ou menos, o exercito
» christão passasse o Tejo. » Aqui perguntaremos ao Annotador qual é esse ponto dos dominios do Principe D. Affonso, no qual estando este nos principios de julho, não podesse achar se *dentro de 20 dias pouco mais ou menos no Campo d'Ourique?* Ha de ficar como as sombras que Eneas víra, me parece, nos Elysios, que ao abrir a bôcca desfalleciam sem poder articular palavra!... Pois eu lhe asseguro que ainda quando D. Affonso Henriques estivesse no ponto mais distante do reino de Portugal a Campo d'Ourique, ainda considerado na extensão que este reino hoje tem (quanto mais em relação á extensão que então tinha) elle poderia, mesmo sem muita fadiga, chegar dentro de 20 *dias pouco mais ou menos* ao logar da batalha. Chamo a testemunhas todos os geographos do paiz, todos os entendedores da corometria patria. — Ora D. Affonso Henriques não veio da mais remota distancia do reino para o Campo d'Ourique. Veio de Coim-

(1) Em boa grammatica deveria dizer — *por nos recordar*. Vej. Soares Barbosa, Gram. Philosophica, pag. 283.

bra, que poderá distar de Ourique obra de pouco mais de 50 leguas geometricas, medidas pelo petipé de 20 ao gráo; operação que fizemos servindo-nos do Mappa de Portugal, que se acha no 1.º tomo da Geografia Historica de D. Luiz Caetano de Lima. De Coimbra dirigiu-se a Santarém, onde passou o Tejo, até Campo d'Ourique (1). Ora de Coimbra a Campo d'Ourique, vão pela *posta*, segundo nos informam, 74 leguas, que em marchas ordinarias se pódem andar em 14 dias pouco mais ou menos.— Mas D. Affonso Henriques já nos principios de julho se achava em *Ladera*, o que confessa o Annotador citando, como já vimos, o Elucidario, na palavra — *Ladera*. Aonde fica porém Ladera? Ouçamos o que diz Viterbo na palavra — *Ladera*: » Nas inquirições » Reaes se faz menção de huma terra chamada *Ladera*, » ou *Ladeia*, não longe da foz do Zezere. Ou digamos » que a *Ladeya* era o *Rabaçal*, por onde a estrada se » encaminhava para o Alemtejo; pois no Liv. 1. d'El-» Rey D. Affonso III, a fol. 6 na T. do T. se acha a » Doação que elle fez ás Donas de Cellas a par da pon-» te de Coimbra (para que ellas o encommendassem a » Deos) de toda a decima, e de todo o Direito Real, » que Elle e seus Successores tinhão, ou podessem ter » na Herdade das mesmas Donas, no sitio da *Ladeya* » *quæ vocatur Babazal*. Escripta pelo seu Capellão, E-» leito de Vizeu a 10 de Outubro de 1254. » Ora se não ha duvida de tomar *Ladera*, aonde nos principios

(1) Na Chronica dos Reis de Portugal ms., feita no tempo de Affonso IV, o que se conhece pela lingoagem e fórma de letra, como tambem porque ja a vida de Affonso V é de outra mão, se acha o seguinte, copiado de um ms. do Cartorio da Camara de Evora: *De Santarém passou o Tejo ata o Campo de Ourique onde achou a El-Rey Ismar, que a essa Sazom era Rey da Estremadura com cinco Reys que o vinham buscar sabendo o grão dano que lhe fasia em sa terra e entrou com elles em batalha no logar que se chama Crasto verde e venceos e matou e prendeo a mor parte delles mas ante que entrassem na batalha os seus o alçarão por Rey porque nosso Senhor Deos lhe apareceo e assy lhe disse e desde enton se chamou Rey de Portugal e depois que os Reys foram vencidos ElRey D. Affonso de Portugal por memoria do qual acontecimento que lhe Deos dera trouve por armas cinco escudos por aquelles cinco Reys e pozeos em Crus por membrança da Crus de nosso Jesu Christo em que lhe apparecera.* (*Cuidados Litterarios*, pag. 368.)

de Julho de 1139 se achava D. Affonso Henriques, com o nome de *Ladeya*, ou *Ladeia*, e esta não está *longe da foz do Zezere*: Se *Ladeya* era, por outra, o *Rabaçal*, por onde a estrada se encaminhava para o Alemtejo; quanto se não torna mais acreditavel contra o Annotador a estada dentro de 20 dias pouco mais, ou menos, do referido Monarcha, a 25 de Julho, no Campo de Ourique, para sustentar combate contra os Sarracenos?

Na Geographia de Lima, tom. 2.º, no Mappa da Provincia da Beira, vem situado *Rabaçal*, a quatro leguas e meia (1) ao sul de Coimbra (segundo a medição feita pelo petipé); ficando em linha recta com a margem do Zezere na distancia de pouco menos de seis leguas. Moreri dá Rabaçal por um logar de Portugal na Estremadura sobre os confins da Provincia da Beira ao nornordeste de Leiria, d'onde dista umas dez leguas (2); o que não desdiz muito da situação indicada. Além d'isto, conforme adverte Viterbo (palavra Ladera pag. 76), *das margens direitas do Tejo até Ourique não ficam mais que umas 33 leguas em linha recta*. Ora figurando nós (o que de certo é hypothese, sem favor, admissivel) a foz do Zezere (cujo rio já antes da Batalha de Ourique era no circulo dos dominios portuguezes (3)) como um dos pontos communs das margens direitas do Tejo; temos que achando-se D. Affonso Henriques no *Rabaçal* nos principios de Julho, logar na distancia marginal do Zezere pouco menos ou de quasi seis legoas de poente a nascente, e 13 legoas pouco mais ou menos até á margem direita do Tejo e reciproca confluencia dos dois rios, contando de norte a sul; apenas teria a percorrer o espaço de, pouco mais ou menos, 46 legoas até chegar a Ourique, dentro de *vinte dias pouco mais ou menos* (4). Que

(1) *Bluteau* situa Rabaçal a tres leguas de Coimbra, o *Portugal Sacro-Profano* a quatro.

(2) Na traducção hespanhola, art. *Rabaçal*.

(3) Viterbo, Elucid. pal. *Ladera*, pag. 76.

(4) Tirando a distancia de norte a sul da margem direita do Mondego até á margem direita do Tejo na confluencia, ou foz do Zezere, conforme o petipé do Mappa de Portugal de Lima, achámos a medida de 20 a 22 leguas; que juntas ás 33 da margem direita do Tejo até Ourique, segundo o calculo de Viterbo, perfazem apenas o numero de 53 a 55 leguas de total distancia entre os dois extremos.—

ha aqui pois nesta marcha que pareça incrivel? Nada; pela palavra nada.... nada.... por mais exaggerados que sejam os calculos! A difficuldade por tanto que o Annotador *golelhou* é uma puerilidade com todos os andrajos da inepcia! » Como quer que seja, *conclue Viterbo*, » parece fóra de questão, que o Principe D. Affonso se » ía chegando (refere-se ao mez de Julho de 1139) pa- » ra o Campo de Ourique, onde n'aquelle mez e anno » lançou os fundamentos solidos á Monarchia Lusitana » (1). » Tal é o que parece fóra de questão a este erudito escriptor, e bom conhecedor da materia; e não, como objecção contra a Batalha de Ourique, que D. Affonso Henriques ainda nos principios de Julho do mencionado anno se achava, ou antes *não tinha sahido dos seus dominios*, onde então fazia mercês!

Mas em que documento achou o escriptor da Nota que D. Affonso Henriques precisamente em *principios de Julho ainda não tinha sahido dos seus dominios?* Não ha de apontar um só. O Documento de Viterbo tem só a data de Julho sem declarar o dia (2). Ora não declarando este o dia, como póde o Annotador concluir que D. Affonso Henriques ainda nos principios de Julho não tinha sahido dos seus dominios? (3) — Todavia nós admittimos-lhe a hypothese, a saber: Que o principe portuguez ainda nos principios de Julho não tivera sahido dos seus dominios. — Esta hypothese é contra o proprio Annotador!..... Na verdade já de proximo lhe fizemos ver, segundo ella mesma, que D. Affonso Henriques podia estar ainda em seus estados ou dominios nos *principios de Julho*, e achar-se sem maravilha em Campo de

D'Anville situa o Campo d'Ourique 40 leguas além do Tejo. (Etats Formés en Europe, pag. 196). — Ainda mais: A Chronica dos Reis de Portugal, cuja passagem já fica transcripta dos *Cuidados Litterarios*, refere que D. Affonso Henriques *de Santarem passou o Tejo até o Campo de Ourique.* — Ora calculando 20 leguas de Coimbra a Santarem, e 33 até 40 de Santarem a Campo d'Ourique, temos só 53 a 60 leguas, que D. Affonso Henriques devia percorrer *em 20 dias pouco mais ou menos.* Que admira pois que o seu exercito fizesse marchas de 3 leguas por dia!.. Mas siga se qualquer outro calculo!...

(1) Elucid. pal. *Ladera*, pag. 75.

(2) O Documento, que se aponta acha-se já copiado na 3.ª Parte desta Obra, a pag. 48.

(3) Veja-se a 3.ª Parte desta Obra, pag. 48 etc.

Ourique a 25 do mesmo mez; mediando, segundo o calculo do *excentrico* Annotador, pouco mais ou menos o espaço de 20 dias em sua marcha.

Continuemos porém ainda no mesmo terreno: *Assim é necessario,* reflecte o Annotador, *que em 20 dias, pouco mais ou menos, o exercito christão passasse o Tejo.* Esta conclusão além de já ficar refutada nas suas premissas, é de menos intensão que ellas. Sim, o Annotador fundou a sua chamada *difficuldade talvez insoluvel* em estar D. Affonso Henriques em seus dominios ainda nos principios de Julho, e a Batalha de Ourique ser a 25 do referido mez; intervallo, segundo o Author da Nota, de *20 dias pouco mais ou menos.* Agora apparece como fulcro da difficuldade *talvez insoluvel,* a necessidade de o exercito christão em 20 dias pouco mais ou menos passar o Tejo. Pergunto agora: Qual é maior difficuldade o transpôr-se D. Affonso Henriques de um igual ponto dos seus estados com o seu exercito a Campo de Ourique, dentro de *vinte dias pouco mais ou menos,* ou o passar só o Tejo dentro d'aquelle mesmo espaço de tempo? Todo o mundo ha de asseverar que esta difficuldade, que se deduz como conclusão, não restringe ou aperta tanto como a primeira, que lhe serve de fundamento. — Demais é por ventura a mesma cousa passar do mesmo ponto commum o Tejo, que transportar-se a Campo d'Ourique? Quem tal dissesse, enunciaria uma estulticia! Na verdade não se póde concluir da *difficuldade* de transportar-se com o exercito a Campo d'Ourique dentro de *20 dias pouco mais ou menos, a necessidade* do mesmo exercito passar o Tejo dentro do mesmo periodo. Poderia existir (fallamos em these) aquella supposta *difficuldade* sem deduzir-se della esta subsequente *necessidade;* como a todos é evidente. Nem a primeira tem nada com a segunda! — Porém em que bestunto jámais se encaixou a dialectica de fazer depender a veracidade da Batalha de Ourique da *necessidade* de D. Affonso Henriques passar com o seu exercito o Tejo, dentro de vinte dias pouco mais ou menos? Ninguem ainda alvergou nas abobadas intellectuaes uma droga tão exotica!.... Pois *o exercito christão* (cingimo-nos ao rigor litteral) era tão numeroso que levasse tantos dias

a passar o Tejo?.... Nem o exercito de Xerxes lhe ganhava!.... Mas o exercito de D. Affonso Henriques era, segundo consta, de 12 a 13 mil homens; e um exercito d'estes passava muito bem á vontade o Tejo em um dia de verão!....

Observação 8.ª

Progridamos ainda com a analyse das conclusões do Annotador, que são dignas de eternas luminarias! Diz mais pois: *Que era necessario que Esmar* (dentro de vinte dias pouco mais ou menos) *soubesse da invasão* (1) (e note-se que já não é *fossado!*). — De que fundamento historico ou de que cousa, que com tal se pareça, deduz o Annotador que era necessario que Esmar soubesse da *invasão* dentro de 20 dias pouco mais ou menos? Não ha de achar um só documento plausivel, que assignale um tal periodo. Se pois não ha documento algum que prove a necessidade de Esmar saber da chamada *invasão dentro de vinte dias pouco mais ou menos*; para que ha de o Author da Nota asseverar uma cousa, que não tem algum fundamento? Não é por ventura ridiculo este procedimento especialmente em um escriptor, que se apregôa tão *documentophilo?* E' sem duvida. — Mas porque não havia Esmar de saber da *invasão* antes della se verificar! Que motivo lho estorvava? Acaso uma guerra ou *invasão* não se costuma, ou não se póde saber, senão quando ella se começa a fazer? A affirmativa seria um tremendo absurdo. Póde-se de ordinario por ventura occultar todos os preparativos, os movimentos bellicos de qualquer nação, de modo tal, que não cheguem aos ouvidos dos adversarios antes de os conhecerem pelos effeitos? Não são, se não todos, ao menos pela maior parte, factos publicos, que logo correm e giram por toda a parte? Não ha espiões que os explorem da parte do aggredido? Não ha inimigos do aggressor, que os delatem! E quantas outras maneiras ha de serem sabidos?

(1) Nota XVI, pag. 404.

Porém é a propria letra do Codice da Chronica dos Godos, de *cuja narração* elle pretende *tirar provas contra o subido valor que se lhe tem dado*, que o confuta. Sim, do seu proprio conteúdo claramente se deduz que o Rei dos Sarracenos já de muito antes se achava prevenido para fazer guerra a D. Affonso Henriques; mostrando bem que não era effeito de o saber *ha 20 dias, pouco mais ou menos*: » Ille namque Rex Sarracenorum » cognita virtute, et audacia Regis Donni Alfonsi, et » videns eum frequenter intrare in terram Sarraceno- » rum et deprædari, nimiumque atterere suam regio- » nem, voluit si facere posset ut eum incautum et im- » paratum alicubi inveniret; ut cum eo gereret bel- » lum » (1). Pergunto agora, e perguntará todo o mundo que souber entender o texto da Chronica: Haveria só 20 *dias pouco mais ou menos* que Esmar saberia ou teria conhecimento do valor e audacia d'ElRei D. Affso? Haveria só 20 dias, pouco mais ou menos, que elle via que o Principe Christão entrava frequentemente em terra dos Sarracenos, e saqueava e infestava os seus dominios, para, caso o apanhasse desprevenido, o haver de guerrear? Ninguem ainda se lembrou de similhante desvario. A Chronica referida claramente dá a entender que a raiva de Ismario contra D. Affonso não era obra proveniente de saber da tal *cognominada*, ou antes *alcunhada invasão* no intervallo de 20 dias pouco mais ou menos; porém sim resultado de outras *invasões, depredações, e estragos em demasia*, que anteriormente o tinham inquietado. Basta reflectir nas palavras: » Videns eum fre- » quenter intrare in terram Sarracenorum, et deprædari » nimiumque atterere suam regionem » — para se dar por burlesca a tal romantica *sciencia da invasão*, a que por calculo arithmetico se quer obrigar Esmar! — Neste mesmo sentido, em que falla a Chronica dos Godos, falla André de Rezende, que ninguem duvidará ser della optimo interprete. Fallando de D. Affonso Henriques, escreve elle: » Ubi per ætatem licuit, bella gessit quam- » plurima, urbes multas expugnavit, Sarracenorum po-

(1) No Appendice da 3.ª Parte da Monarchia Lusitana, fol. 273.

» tentiam fregit. Qua re commotus Ismarius etc. » (1). Em portuguez quer dizer: » Logo que teve idade, an» dou em innumeraveis guerras, conquistou muitas ci» dades, humilhou o poder dos Sarracenos. Pelo que es» timulado Ismario etc. » E' bem de ver que o motivo por que Ismario se excitou a fazer guerra a D. Affonso Henriques não foi por aquella imaginada, e aprazadamente calculada sciencia da appellidada *invasão*; foi por motivos reconhecidamente anteriores. — E porque não havia de vir aos ouvidos de Ismario mesmo a preparação da guerra, antes da sua execução? Sem duvida lhe veio; se dermos credito ao que refere D. Fr. Antonio Brandão na Monarchia Lusitana, Liv. X, Cap. 1.º, que assim se expressa: » Tinham chegado as novas da preparação » desta guerra, e despois da execusão della a Ismario, » Rey poderoso dos Arabes, o qual cuidadoso do perigo » que o ameaçava, ajuntara um numeroso exercito de » Mouros Andaluzes e Africanos etc. » Por tanto Ismario, segundo este critico e sensato historiador, não só teve novas, ou soube da guerra, que se alcunha *invasão*, mas tambem da *preparação* della. — E porque não havia elle de estar já prevenido para repellir a denominada *invasão*, quando esta teve logar? Nem uma só razão, nem documento ha de poder produzir o Annotador, que torne provavel o que fantasia. Pelo contrario a *Chronica de Acenheiro* manifestamente inculca a Ismario já preparado com muito grande força antes do Principe Christão partir de Coimbra, aonde reunira toda a sua gente para passar ao Alemtejo. Eis aqui as suas palavras: » E porém soube (D. Affonso Henriques) que » ElRey Ismar Mouro houve tantas gentes d'ajuda, » que pera cada hum Christão eram sem Mouros, e par» tyo o Primcipe de Coymbra (2). » Se pois até o proprio D. Affonso Henriques sabia da immensa gente que Ismario tinha antes de elle partir de Coimbra; que desproposito não é o suppôr a necessidade do Rei Ismaelita saber só da invasão dentro do circumscripto prazo de *vinte dias pouco mais ou menos?* A logica no caso em

(1) De Antiquit. Lusit. Liv. 4. pag. 267.
(2) Ineditos da Acad. etc. tom. 5.º pag. 21.

questão manda só concluir que o Rei Mouro estava tão sciente da invasão, que se lhe preparava, que antes de ella rebentar já se achava assás prevenido para lhe resistir. Passemos porém já adiante.

Observação 9.ª

Continúa o Annotador com a fantasiada necessidade; exigindo que dentro do tal periodo fatidico dos vinte dias pouco mais ou menos — *Ismario désse ordem ás tropas almoravides e andaluzes para marcharem de tão diversos pontos* (1). Se pelo que temos feito ver, não levados de vôos da fantasia, porém sim firmados em graves authoridades, podia muito bem Ismario saber e estar prevenido com sobeja anticipação contra a invasão, que se lhe projectava; que precisão, ou necessidade tinha elle de fazer marchar as suas tropas dentro d'aquelle estipulado periodo? Que precisão ha de o apresentar no palco historico tão preguiçoso e negligente, que deixasse tanto affan para aquelle designado e circumscripto tempo?— Porém quando se podesse demonstrar que o tal periodo, verdadeiro nariz de cera, não era uma desgrenhada fantasia, porém sim uma indubitavel realidade; que provas apresenta o escriptor da Nota, que possam fazer ver que aquella marcha não era realizavel dentro d'elle? Acaso evidenciou (ou mesmo é capaz de o fazer evidenciar) que a diversidade dos pontos locaes em questão era tal, que forçosamente tornavam impossivel aquelle movimento militar de Ismario? Em quanto não fizer ver intergiversavelmente a impossibilidade; a historia fundada no Documento, que se intenta pela primeira vez menoscabar (a *Chronica Gothorum* segundo o exemplar de André de Rezende) ha de rir-se, e dar basta cachinada á custa do seu miseravel impugnador! E não sabe o Author da Nota que, quando se controverte, não é sufficiente pronunciar de papo cheio que a these estabelecida é impossivel; mas sim que é indispensavel

(1) Nota XVI, pag. 484.

narem a iniciativa do
feito, como se deduz
definida anticipação,
de tarraxa dos *vinte*
Annotador prescreve
Mauritanos. Devemos
da *invasão* de D. Af-
o signal, e servir co-
que em diversos pon-
á primeira voz mar-
alguma parte o acha-
lle. E' isto o que diz
vras: » Voluit (Rex
eum incautum et
cum eo gereret bel-
Rex D. Alfonsus
tam Sarracenorum,
nt Rex Sarracenus,
acenorum transmu-
et eorum qui mora-
e, et de Badalioz,
Begia, et de omni-
runt ei obviam, ut
ntido desta narrati-
ou quasi toda, tem
ionaes e estrangei-
nais terminante da
ão ha um só que,
etexto, que o An-
er, tenha deixado
go da mencionada
Henrique Schef-
m se exprime em
desta aggressão
mar, reune todas
comsigo da Afri-
tios de Sevilha,
todas as praças

escriptores estrangeiros. (e por isso não suspeitos), que plenamente destroem a façanhuda hypothese dos *vinte dias pouco mais ou menos*. E' o primeiro Mr. de la Clede que assim historía: » Il meditoit (Ismar ou Ismael) » *depuis long-tems* la ruine d'Alfonse, et il crut qu'il » ne falloit plus differer de mettre un terme à ses con» quêtes, de peur que devenant plus puissant il ne le » fît succomber lui-même sous les efforts de ses armes. » Il le craignoit avec raison. Alfonse depuis peu avoit » passé le Tage avec l'elite de ses troupes et fait une » incursion dans les terres de ce Barbare. Ismar assem» bla donc ses sujets, leur ordonna à touts de prendre » les armes, les distribua en vingt corps différens, dont » il donna le commandement à vingt petits Rois ses » Vassaux, à la tête desquels il se mit lui-même » (1). Se pois Ismario ou Ismael meditava *havia longo tempo* a ruina de D. Affonso, e julgou para isso occasião opportuna o ter elle passado o Tejo; para que se ha de suppôr que Ismael tinha necessidade de fazer todo aquelle espalhafato, que o Annotador *romantiza*, restrictamente em 20 *dias pouco mais ou menos?*

A outra authoridade é nada menos que o testemunho de uma Sociedade de homens de Lettras. Escrevem pois elles: » Les progrès des Chretiens en Portugal étant » parvenus aux oreilles d'Abu Ali Texefin, Roi de Ma» roc, il chargea Ismar, ou Ismael, son Lieutenant en » Espagne, d'assembler toutes les forces des Provinces » méridionales, e de contraindre les Chretiens de repas» ser le Douro. Ismar ordonna aux Alcaydes de Bada» joz, d'Elvas, d'Evora, et de Beja, d'assembler les » Troupes de leurs Gouvernemens, et les ayant réunies » aux Troupes venues d'Afrique, il forma une trés nom» breuse Armée » (2). Todas estas circumstancias provam exuberantemente a predisposição, em que estavam os Sarracenos de rebater a D. Affonso Henriques, munindo-se, não por saberem em especial da *tal invasão*, porém em geral *dos progressos dos Christãos em Portugal*,

(1) **Hist. de Portug. tom. 2. pag. 83.**
(2) **Hist. Universelle etc. traduite de l'anglais d'une Société de Gens de Lettres, tom. 29, pag. 321.**

de numerosissimas forças, para tomarem a iniciativa do combate. Este preparo de guerra, feito, como se deduz do texto transcripto, com toda a indefinida anticipação, repugna visivelmente ao periodo de tarraxa dos *vinte dias pouco mais ou menos*, que o Annotador prescreve para os movimentos militares dos Mauritanos. Devemos entender que a nova da appellidada *invasão* de D. Affonso Henriques não fez senão dar o signal, e servir como de aviso para reunir a força, que em diversos pontos Ismario já tinha preparado para á primeira voz marchar contra o inimigo, a ver se em alguma parte o achava desacautelado, e bater se com elle. E' isto o que diz a Chronica dos Godos por estas palavras: » Voluit (Rex Sarracenorum) » si facere posset ut eum incautum et » imparatum alicubi inveniret, ut cum eo gereret bel» lum. Quadam itaque vice cum Rex D. Alfonsus » cum suo exercitu intraret per terram Sarracenorum, » et esset in corde terræ eorum, Esmar Rex Sarracenus, » congregata infinita multitude Sarracenorum transma» rinorum, quos secum adduxerat, et eorum qui mora» bant citra mare à termino Sibilliæ, et de Badalioz, » et de Elvas, et de Elbora, et de Begia, et de omni» bus castellis usque Santarem venerunt ei obviam, ut » pugnaret cum eo etc. » (1). No sentido desta narrativa, e muitas vezes copiando-a toda, ou quasi toda, tem sim historiado todos os escriptores nacionaes e estrangeiros: consenso este, que é a prova mais terminante da authenticidade da dita Chronica. Não ha um só que, debaixo do frivolo e estolidissimo pretexto, que o Annotador forjou, nem de outro qualquer, tenha deixado de dar fé ao que refere o copiado artigo da mencionada Chronica. Entre elles contamos o Dr. Henrique Scheffer, modernissimo escriptor, que assim se exprime em apoio do que asseveramos: » A' nova desta aggressão (de D. Affonso Henriques) » Wali Ismar, reune todas » as tropas, que elle tinha conduzido comsigo da Afri» ca, e todos os guerreiros dos territorios de Sevilha, » Badajoz, Elvas, Evora, Beja, e de todas as praças

(1) Na España Sagrada, tom. 14.º, pag. 410.

» fortificadas de Santarem etc. » (1). E não poderia estar Ismario prevenido para fazer esta reunião ha muito mais de vinte dias? Sem duvida. — O proprio historiador que refutamos confessa que *já em maio de* 1139 *se faziam preparativos* da parte de D. Affonso *para uma expedição militar*, que elle não ha de negar ter sido a de Ourique (2). Que embaraço pois ha para que Ismario, e mesmo o Rei de Marrocos, desde esse tempo se prevenissem contra o mal, que lhes estava imminente? Nenhum por certo. O impugnador tem por tanto em sua historia elementos, que refutam a sua gratuita, e infundada hypothese.

Agora cumpre advertir que o historiador antagonista, (que não teve duvida em sua historia de fazer *encontrar nas immediações do logar ou castello denominado pelos Arabes Orik os dois exercitos, o Sarraceno e Christão*, (3) e de fixar como successo indubitavel aquelle combate no mesmo dia em que o traz a Chronica dos Godos); na qualidade de Annotador julgou depois como problema, *talvez indissoluvel*, o mesmo facto, pondo em duvida que elle podesse ter sido realizado em *vinte dias pouco mais ou menos*, segundo o seu calculo. Não é isto uma manifesta contradicção? Porque motivo narrou elle como certo um facto que depois, á vista do que profere, visivelmente torna problematico? — Disse — *torna problematico* — por quanto quem dá acontecido um facto qualquer n'um determinado dia, e depois põe em duvida se poderia ser feito dentro de um periodo designado até esse dia; chronologicamente, pelo menos, põe em duvida o mesmo successo, que antes dera realizado n'um preciso tempo. Devia o Notographo em verdade ser mais coherente!

Perguntaremos em fim porque razão o escriptor, que analyzamos, na Historia de Portugal deu por *feita a invasão de D. Affonso Henriques em quinze ou vinte dias*; (4) e em a Nota marcára a passagem do Tejo pe-

(1) Hist. de Portug. tom 1.º pag. 87 e 88.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 324.
(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.
(4) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 329.

lo *exercito christão*, (além de todos os movimentos de Esmar até se *encontrar com os portuguezes em Ourique*) dentro do periodo de *20 dias pouco mais ou menos*? Como é que a invasão de D. Affonso Henriques, ou a passagem do Tejo pelo exercito christão, alli ha de ser feita em *quinze ou vinte dias* perfixos; e aqui se inculca como obra que tivera logar em *vinte dias pouco mais ou menos*? Porque se ha de restringir na Historia um periodo, que em a Nota se faculta ampliar? Alli não póde passar de *vinte dias*, aqui póde passar ou não passar delles? Porque seria o *Annotador* mais generoso que o *Historiador*? Esperamos pela resposta.....

E' duro de crer, termina o Author da Nota; *mas sigamos ávante* (1). — *E' duro de crer*, retorquiremos nós, que houvesse um escriptor, que em Historia aventasse tantos e tão apezunhados disparates. — E' *duro*, é *durissimo* que uma penna, que tanto blasona de *documental*, venha com futilidades insulsas fazer arruido contra um Documento coevo de uma façanha, cuja grandeza ainda ninguem, nem dentro, nem fóra do paiz negára.

Mas sigamos ávante. — Adoptaremos esta expressão do adversario como conselho, continuando a fazer a devida autopsia analytica sobre a Nota em questão, pelo methodo das *Observações*, como novamente passaremos a verificar na Sexta Parte da *Contraposição Critico-Historica*.

FIM DA QUINTA PARTE.

(1) Hist. de Portug. Nota XVI, pag. 484.

A BATALHA DE OURIQUE

E

A HISTORIA DE PORTUGAL

DE

A. HERCULANO.

CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

FRANCISCO RECREIO.

SEXTA PARTE.

Veritas odium parit.
TER.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.

Rua dos Capellistas n.º 62.

1856.

PRELUDIO.

Quando planizámos, esboçámos, ou ideámos a Analyse, a que demos o titulo de: *Contraposição Critico-Historica:* Quando, por outra, concebemos o pensamento (classifiquem-no como quiserem) de fazer do dominio do prélo uma Obra, que, desprezadas todas as mal entendidas contemplações e cortejos, com que a Litteratura ôcá e xacôça imperiosamente exige ser idolatrada, não menos minuciosa, que franca e sustentadamente rebatesse o maior dos attentados, e insultos, que jámais se commettêra contra a Historia deste Reino: Quando em fim no recinto da região intellectual riscámos, e dispozemos as primeiras linhas do esboço da empreza, bem longe estavamos de pensar que a tarefa iria tão longe. — Todavia tendo o empenho apostado, e acintoso de obscurecer, e deprimir o primeiro Feito classico, preconizador da futura independencia, e gloria de Portugal; e sim aquelle mesmo que adquiriu ao Principe, que a elle presidira, maior renome, e celebridade: tendo, digo, aquelle audacioso empenho acarretado e posto em almoeda, no prostibulo da innovação, toda a qualidade de frandulagem sophismatica, a fim de produzir a intenta-

da illusão; foi forçoso ir-lhe na pista, e desencantoal-o de todas as lousas; em fim banil-o e proscrevel-o de todo e qualquer escondrijo. — E na verdade quem se proporia a debellar um tal aborto, uma monstruosidade tão altamente anti-historica, e desnacional, que deixasse ao menoscabador altivo ainda algum pretexto, alguma escapúla, para, como dizem, pôr ainda pé em algum raramo verde? Era um facto, que, pelo menoscabo e requintado aviltamento, a que o Author da Historia de Portugal o tinha reduzido, affectava nada menos do que o credito e honra nacional.

Foi D. Affonso Henriques um *guerreiro habil e feliz*, epithetos com que, entre outros, o condecora até a propria Encyclopedia (1). Ora se a Batalha de Ourique se reputasse um brinquedo, uma *bulha*, uma ninharia bellica; que descredito, que deshonra não seria para a Nação Portugueza o tel-a constantemente avaliado e reconhecido pelo mais subido, e primoroso monumento do valor e singular denodo d'aquelle *habil* e *feliz guerreiro?* Como sim taes epithetos lhe poderiam ser apropriados? Se estes porém não são uma burla, antes uma verdade reconhecida e apregoada dentro e fóra do paiz; temos que aquella Batalha não era uma pequenez, antes uma grandeza, que avulta no templo indestructivel da memoria.

Pensou o innovador historico, que poderia altivo e suberbo bradar impunemente a todos os escriptores, que desde a épocha ou quasi épocha da existencia do Successo o foram qualificando de *grande*: Vós sois uns mentecaptos, uns idiotas, uns toupeiras, que profundamente atolados nas trevas espessas do obscurantismo, não podestes, nem chegastes a ver a luz, o clarão flammejante da verdadeira historia. Eu sou pois *entre os filhos desta épocha, aos quaes a Providencia allumiou com um raio da intelligencia eterna* (2), o genio singular, destinado para ser o facho, o fogaréo ardente, e luminoso, que ha de servir de permanente pharol nos dominios his-

(1) Encyclopédie Methodique, Histoire, tom. 1. pag. 290.
(2) São palavras delle na Advertencia do Primeiro Tomo da Historia de Portugal, pag. XIII.

toriaes; ante quem, de concomitancia com os Authores dos antigos e venerandos Codices documentaes, hão de ser tidos como ineptos, e fosseis ignorantes os Britos, os Brandões, os Farias, os Nunes de Leão, os Sousas, os Cenaculos, os Pereiras de Figueiredo, e outros que taes, que não interrompidamente tem collocado em elevada cathegoria a Batalha de Ourique. Apresentar-me-hei no campo da innovação arvorando o pendão de guerra sem quartel contra esse porfioso *focilismo*, tendo por divisa: *Eu e a Historia!....*

Não é esta prosopopeia de lavra mera, e puramente romantica. Que tal e quejanda fôra a altiveza do seu bistoriographico pensamento, assás e de sobejo o deu a conhecer a sanha com que o antagonista se atirou aos Oradores Sagrados de nossos dias, que no pulpito fizeram menção da Façanha gloriosa do Campo de Ourique, conforme os monumentos, e tradição constante, que seculo para seculo foram seguindo todos os sabios de primeira plana em differentes ramos de Litteratura. — Deu o sim exuberantemente a conhecer na rancorosa e assanhada publicação — *Eu e o Clero!....*

Elle porém não quer, não tolera que a Acção grandiosa de Ourique seja olhada não só como prodigio do Ceo, mas nem ainda como prodigio da terra. — Quer mesmo neste sentido, nesta mesma accepção, reduzil-a a um sonho de delirantes, a uma phantasia cavalleiresca, a uma Quichotada!.... E é crivel que houvesse uma penna portugueza que se empenhasse em reduzir a tão depreciada degradação um Successo, de cuja grandeza ainda ninguem, fosse nacional, fosse estrangeiro, duvidára? Custa a acreditàl-o!.... porém (deploravel exemplo!) *scripta manent!....* Deploravel exemplo, digo; pois que é para lamentar que qualquer escriptor patrio tenha o bójo de pegar na penna para ir contra tudo o que a critica e a historia tivera ensinado, a fim de reduzir á ultima humiliação, e mesquinho conceito uma Batalha, que, sem nada perder com o andar dos tempos, mansa e pacificamente occupára o logar conspicuo de primeiro florão nos annaes da Monarchia Portugueza. — O primeiro Feito illustre e memoravel por tanto, que abre as paginas heroicas da Historia de Portugal, é no expres-

ao sentir da mais estranha, e intoleravel depravação litteraria uma pura minucia, uma illusão decantada!.... Segundo este tão aviltante e transtornador juizo; que papel de cavalheiros da triste figura não representam em Campo de Ourique o primeiro Monarcha dos Portuguezes, e os famosos e esforçados guerreiros que com elle pelejavam!.... Um Feito incontestavelmente grande fica reduzido ás dimensões de uma inanição, de uma chimera, de uma *fanfurria* romanesca, digna de figurar entre as patranhas da Historia de Carlos Magno!... Aquella relevante façanha que fôra não interrompidamente um titulo de justa e devida gloria adquirida para o Fundador da Monarchia e sua posteridade; aquelle denodado empenho, que fôra para os Irmãos d'armas do Rei, que em chefe os commandava, a origem, o brazão transcendente da tão esclarecida nobreza, que legaram aos seus vindouros; constituindo-a a porção mais distincta da Aristocracia Portugueza; é em a *novissima Historia de Portugal*, com espanto de todas as gentes, reputada por um acontecimento incapaz de constituir gráo algum de distincção na escala das cathegorias genealogicas!.... Que peripecia tão repugnante jámais se víra na Historia de Portugal!... O escriptor da Historia do paiz, que refutamos, representa nella o caracter de um antagonista iniquo e obstinado contra o primeiro brazão glorioso do valór portuguez!.... E' fenomeno porém desconhecido o achar-se um historiador domestico revestido de animo tão hostil contra o Monumento primario da gloria nacional!.... Quando houvesse de ser taxado de algum defeito, valia-lhe melhor o sel-o pelo lado do amor da patria, que pelo caracter de injusto depressor dos feitos grandiosos d'ella!....

Deveria pois aquella peripecia, ou antes catastrophe historica, correr entre os presentes e vindouros sem algum correctivo, que a rebatesse, e completamente a pulverizasse? Não por certo. Reclamava-o o brio nacional, a gravidade da affronta. Nesta Sexta Parte daremos fim á tarefa.

A tactica, a estrategía de, lá para fins, fazer por minar, e alluir os alicerces, em que se funda qualquer verdade, seja dogmatica, seja historica, é manejo já tão antigo e sediço entre os coripheos, e adeptos do Scepticismo, que a ninguem hoje é licito ignoral-o.

Agglomeram, e amalgamam no corpo textual tudo quanto lhes vem e sóbe á região do craneo; e, depois de deixarem estatalada no proscenio da publicidade, para debique de qualquer analysta (que mesmo a olho nú, e mais ainda se usar de lente microscopica, a mirar!), a empanada informe tanto na materia como na fórma (segundo a não ainda proscripta technologia do Stagyrita), a qual, com toda a ancha e bochechuda enfatuação appellidam = Producção *modello* =; outrosim intentam em *Nota especial* varejar, ou antes apupar com toda a artilharia dos desdens, e phantasias absurdas todos aquelles Documentos de natureza inconcussa, que os arguem, e convencem de intergiversavel contradicção. — No caracter, e sentido de Annotador já temos visto que o Author da Historia de Portugal cada vez mais se depreciou, quando se declarou inimigo da Chronica dos Godos; d'aquella que é segundo o Exemplar de que usára André de Rezende. Esta depreciação porém continúa, como passamos a fazer ver.

Observação 1.ª

E' objecto ou thema desta observação o trecho seguinte: » Como tinham vindo estas tropas d'Africa, se » Tachefin havia dois annos levára para lá as melho» res da Hespanha, a fim de salvar o imperio das mãos » dos almuhades, e desde então só experimentaram re» vezes, e por consequencia diminuição de forças? » (1). Que discurso é este? E' uma prolepsis infundada e gratuita!.... E é com arguições deste jaez, que se destroe aquillo que asseveraram Documentos historicos dignos de todo o credito, e que delle sempre gozaram? Ninguem ha que similhante affirmativa ouse proferir. E' a Chronica dos Godos um Documento havido e reconhecido geralmente pelos criticos de primeira classe tanto nacionaes, como estrangeiros por um Instrumento digno e merecedor de todo o credito e estima? Sem duvida ninguem ainda d'elle desdenhou, nem jámais o apodou a não ser o *novissimo* Historiador Portuguez. — Já acima fizemos ver o valioso conceito em que era tido pelos eruditos aquelle venerando documento (2). Se pois elle affirma que na Batalha d'Ourique se acharam tropas sarracenas vindas da Africa; e isto mesmo tem repetido historiadores de reconhecido conceito; é bem de ver que um testemunho de tal cathegoria não póde diminuir de apreço por qualquer arguição sem prova, e só filha de um mero scepticismo acintoso. A asserção de um documento não se destroe por uma simples e descarnada conjectura. Pelo contrario esta é que não póde subsistir quando o documento a destroe. — E' um Documento nada menos que coevo d'El-Rei D. Affonso Henriques, que refere o facto; como póde pois o que este affirma ser enfraquecido tamsómente pela simples declamação de um innovador historico, que depois de mais de sete seculos lhe vem suscitar phantasiadas duvidas? E' a todas as luzes evidente que o Author do Documento tinha mais razão para saber o que refere, do que o innovador

(1) Nota XIV, pag. 484.

(2) Na Parte Quinta desta Obra, pag. 17, 18 e 30. — Veja-se tambem o que fica transcripto a pag. 16 e 17 da Primeira Parte desta mesma Obra.

para duvidar do que elle affirma. Aquelle narrador que está mais proximo do facto (quando por outro lado não consta de suspeita alguma contra os dotes que affiançam a sua credibilidade) tem incomparavelmente muito mais elementos para ser acreditado, do que qualquer escriptor distantissimo do tempo do successo, que sem prova alguma o vem contrariar. Que digo? Um similhante contradictor não só não merece credito algum, mas é até risivel! O Author da *Historia de Portugal* não poderá duvidar que a Chronica dos Godos, segundo o Manuscripto de André de Rezende, seja contemporonea do primeiro Monarcha; pois que elle proprio faz o Resumo ou Summario della (que o historiographo, como já vimos, falsamente reputa ser o autographo) *coeva dos tempos que memora* (1).

Porém o risivel ainda se torna mais patente quando se reflecte na numerosa e compacta cohorte de escriptores, que apoiam a Chronica dos Godos na dita circumstancia, contra a qual se barafusta. São deste numero Duarte Galvão, na Chronica d'El-Rei D. Affonso Henriques, Cap. 13.º, André de Rezende, De Antiq. Lusit. l. 4. pag. 267. Antonio Brandão, Monarch. Lusitann, liv. X, cap. 1.º; e, o que é mais, Duarte Nunes de Leão, que, reformando as Chronicas dos Reis de Portugal, não assentou que a mencionada circumstancia da Chronica dos Godos devia levar emenda, antes a conservou na Chronica de D. Affonso Henriques (fol. 27 v.) quando disse: *Polo que ouve tanta gente de Mouros de aquem e de alem do már, como de outras gentes barbaras etc.* Ainda é mais o vermos que em nossos dias o Academico *Antonio d'Almeida*, que apontou varios erros em Duarte Nunes, não notasse como tal a asserção que delle fica transcripta. Este critico severo, não obstante notar como erro o Juramento de D. Affonso Henriques, reconhece todavia como uma *verdade historica a batalha de Ourique*, sem que appareçam por elle reputadas por falsas uma só das circumstancias, de que faz menção a Chronica dos Godos (2). Pelo contrario,

(1) Nota XVI, pag. 483.
(2) Vej. Memorias da Acad. das Sciencias, Tom. 12, Part. 1.ª, pag 75.

fallando d'ella, elle a julga com Pereira de Figueiredo *de uma veneranda e mui estirada ancianidade, e merecedora de preferencia n'aquelles factos em que se não manifestar opposição decidida de outras Chronicas antigas, ou Documentos autographos* (1). — Estará por ventura neste caso a objecção do innovador historico? Terá o que elle oppõe authoridade de alguma *Chronica antiga* ou de *Documento autographo*, que o patrocine? Tal cousa affirmativamente imaginar, não digo já proferir, seria o mais caricato, e irrisorio tresvario!

Finalmente a Chronica dos Godos, longe de diminuir no credito a respeito d'aquillo que refere, ainda mui recentemente grangeou novo apoio. Fallamos dos testemunhos que dos historiadores Arabes produzira o digno Author do *Exame Historico*, pelos quaes se confirma não só que o imperador *Aly-Ben-Taxcfin*, em cujo reinado fôra a Batalha de Ourique, não só não tivera *obstaculo algum para enviar* por esse tempo *consideraveis forças* á Peninsula, porém que *effectivamente as enviára* (2).

Observação 2.ª

O objecto desta observação recáe nestes termos: » Por que não se encontra o menor vestigio desta vinda » nos historiadores arabes (3)? » Esta interpellação, que vem logo em seguida ao texto acima copiado, conforme as formaes palavras do Annotador, tornou se em uma increpação verdadeiramente caricata, depois do que já fez ver o erudito Author do *Exame Historico*, que acabámos de citar! — De mais; como poderia esse escriptor, que nenhum conhecimento tem da lingua arabe, fazer de motu proprio, e sciencia certa similhante increpação sem se expôr a ficar completamente e com irrisão desmentido? Foi na verdade aquillo mesmo que aconteceu ao *tal* notographo, ignorante d'aquella lingua. Para se fazer tão cathegorica arguição era preciso que o escriptor conhecesse cabalmente a lingua dos Arabes, e

(1) Memorias da Acad. tom. XI. part. 1.ª, pag. 60.
(2) *Exame Historico etc.* sobre a Batalha d'Ourique, por A. C. P., pag. 10 e 14.
(3) Nota XVI, pag. 484.

tivesse lido todos os historiadores delles, que houvessem de fallar do facto. Este conhecimento, e leitura porém não cabia, nem era possivel admittir-se em um idiota na materia. Aquella asserção increpatoria por tanto não é mais que uma inepta fanfarronada! E que inepcia mais bochechuda e pançuda póde haver, do que a cambofia de qualquer se inculcar e fazer valer por competente juiz de uma materia, para ajuizar da qual nenhumas habilitações possue!....

Observação 8.ª

» Porque não se dirigiu, *continúa*, Esmar contra » Affonso VII, para descercar Aurelia, negocio sem com» paração mais importante do que repellir uma correria; » quando a retirada dos christãos, mettidos no centro do » territorio inimigo, não podia tardar? Porque se res» pondeu aos defensores d'Aurelia nesta mesma conjun» ctura, que não havia forças para enviar a soccorrel-os? (1). » Ha de ser difficultoso encontrar uma penna, que no intuito de menospreciar um documento sempre tido, e havido em todos os tempos por digno de fé, tenha compaginado um grupo de inepcias tão desarcado e giboso! E que outra cousa é, e vale o ajoujo sofistico dos dois especiosos *porquês?* — Se a authenticidade de qualquer documento historico podesse ser enfraquecida com similhantes argumentações, ou antes pretextos, nenhuma verdade historica se poderia solidamente estabelecer; e o scepticismo a cada passo cantaria a victoria. Porém quem não sabe que documentos só se destroem com documentos, e não com phantasiados *porquês*, que á mais pequena analyse de todo desapparecem? Na verdade a questão não é: Se Esmar se devia dirigir antes *contra Affonso VII para descercar Aurelia*, do que vir atacar a D. Affonso Henriques; o que elle annotador chama *repellir uma correria*. Não se trata de examinar qual lhe era ou não era mais *importante*. A questão é: Se Esmar veio effectivamente atacar a D. Affonso Henriques; e não: Se convinha ou não convinha que o vies-

(1) Nota XVI, pag. 484.

se atacar. E quem ha de decidir a contestação? Hão de ser os documentos que o testificam, ou a especiosa e inconcludente chicana das phantasmagoricas conveniencias? Todo o mundo sabe que a historia é sómente archivo d'aquillo que acontecêra, e não d'aquillo que podia ou devia ter acontecido. Se existe documento fidedigno que denuncia, e authoriza o facto, tudo o mais que contra elle se phantasia necessariamente cahe por terra. E' o documento historico que unicamente fixa a existencia positiva da verdade, e faz cair as hypotheses. Estas na presença delle para logo ficam insubsistentes, e não ao contrario. — A historia não questiona sobre a conveniencia dos factos; porém tamsómente sobre a sua existencia. O historiador examina os fundamentos, em que se bazêa a existencia delles; e verificada a authenticidade d'aquelles fundamentos, é por ella que se decide; e não por principios de congruencia, filhos legitimos da sua arbitraria lavra. O historiador que toma por bazes da sua historia os aéreos *porquês* que imagina, não é historiador, é romancista! — Ora se a critica de todos os tempos assim nacional como estrangeira, tem reputado por veridico o facto que a Chronica dos Godos assevera; a que proposito, a que intento vem o perguntar o historiador: *Porque não se dirigiu Esmar contra Affonso VII para descercar Aurelia, negocio sem comparação mais importante?* Demos que isto lhe fosse mais conveniente, e mesmo mais *importante*, segue-se por isso que elle o fizesse; e por isso não seja verdade o que affirma a Chronica dos Godos? Nunca. Para se poder tirar uma tal consequencia era preciso recorrer a algum documento, que tal fundamentasse; fóra d'isto tudo, quanto se affirma contra, é vão e inepto.

Agora, sem sahir mesmo dos ambitos das ideadas conveniencias, perguntarei ao Annotador: Porque havia de ser *negocio sem comparação mais importante o dirigir-se Esmar contra Affonso VII para descercar Aurelia* (que é *Oreja* e não *Cazorla*, como erradamente já escrevêra o historiador, e nós por vezes já advertimos!) do que o *repellir* aquillo que o Annotador qualifica, como *correria* de D. Affonso Henriques? Que fundamento outrosim historico houve elle para tão desempenadamente es-

crever que — *a retirada dos Christãos, mettidos no centro do territorio inimigo, não podia tardar.?* Produza, se é capaz, documento authentico, que o authorize!... Ha de folhear sem colher fructo!... Quanto ao segundo *porquê*, que consiste na resposta negativa, que deram os Mouros d'áquem e d'além mar aos *defensores de Aurelia*, que imploravam o seu soccorro; este motivo além de inepto e insubsistente em these (pois não é de uma consequencia necessaria que, por não haver na mesma conjunctura forças para enviar a uns, não houvesse forças para enviar a outros), é na hypothese, de que se trata altamente falso, e sofistico. — O Annotador inculca a negativa de um modo absoluto, e como se nunca os Mouros de um e outro continente tivessem dado soccorro aos defensores de *Aurelia*; isto porém é presentar a verdade com differente face do que ella é; o que degrada o historiador. A historia pois nos refere que, tanto os Mouros da Peninsula, como da Africa, já tinham dado auxilio aos defensores de Aurelia, quando, pela segunda vez que lho pediram, lho negaram. E note-se que esta negativa só poderia ter logar dentro do mez de Outubro; ao passo que a Batalha de Ourique já tinha sido nos fins de Julho! Isto prova que uma tal recusa nada podera influir sobre o grandioso Feito (1).

Mas que difficuldade ha sim em acreditar que essas mesmas tropas transmarinas enviadas em soccorro de *Aurelia* viessem em companhia de Esmar, e que não se tendo estas empregado em *descercar Aurelia*, se reunissem depois a elle para combaterem contra D. Affonso Henriques? Pois assim o julga o Historiador Hespanhol *D. Juan Ferreras* nestas palavras: » Juntaron-se con » Ysmar (que creemos havia venido de Marruecos) con » la gente que havia embiado el Rey Taxefin, para el » soccorro de Oreja, para hacer frente à el Principe Don » Alonso, que se havia entrado muy dentro de el Alen- » tejo, talando y saqueando todo el paiz. (Hist. de España, tom. 5.º, Part. 5.ª, pag. 307.) — Na torrente tambem dos Historiadores que apoiam a Chronica dos

(1) Leia-se o logar de Ferreras transcripto no parrafo seguinte, e os mais logares do mesmo Historiador apontados a paginas 14.

Godos, quanto ás forças mauritannas enviadas da Africa, que reunindo-se ás forças da Peninsula combateram em Campo d'Ourique, se devem sem duvida contar os illustrados Authores de uma Obra historica assás gigantesca, e de mui reconhecida valia, já por nós citada. Narram pois elles: » Ismar ordonna aux Alcaydes de » Badajoz, d'Elvas, d'Evora et de Beja d'assembler les » Troupes de leurs Gouvernemens, et les ayant reunies » *aux Troupes venues d'Afrique*, il forma une tres-nom» breuse Armée. » (Hist. Universelle d'une Société de Gens de Lettres, tom. 29, pag. 321). » Ismar ordenou » aos Alcaides de Badajoz, Elvas, Evora e Beja que » ajuntassem as Tropas de seus governos, e tendo-as re» unido *ás Tropas vindas da Africa*, formou um mui » numeroso exercito. » — Estes e outros terminantes depoimentos que sem discrepancia se encontram nos escriptores, assás vindicam o que refere a Chronica dos Godos, contra a ridicula innovação sofistica, ineptamente pretextada sob a anachronica negativa do soccorro a *Aurelia*.

Além d'isto tendo sido a Batalha d'Ourique mais de tres mezes antes da capitulação, ou entrega de Aurelia; póde mui bem dar-se a vinda de Esmar com tropas de além-mar para a Hespanha com aquella negativa, ou recusa de auxilio, a qual é indubitavel que só poderia ter logar, como consta da mesma historia (1), durante o mez de trégoas antes da praça se render; isto é, por todo o Outubro de 1139; por quanto ella se entregou em o ultimo do mencionado mez (2).

A' vista do que fica intergiversavelmente mostrado, é de uma ignorancia alentada o periodo que serve de fechante ao decantado parrafo: » Não invejamos (*conclue elle*) » a quem quizer salvar esta passagem o tra» balho de annullar a historia dos successos contempo» raneos da Hespanha e da Africa, no meio dos quaes » a dynastia do zanetense Abd-el-mumen veio a sub» stituir, no supremo poder entre os musulmanos, a do

(1) Ferreras, Historia de España, tom. 5.°, pag. 306.
(2) Ferreras, Historia de España, tom. 5.°, pag. 306.

» lamtumita Tachfin (1). » Pelo contrario (respondemos nós) ninguem ha de invejar ao innovador historico o perdido, o baldado trabalho de pretender annullar a passagem da Chronica dos Godos, recorrendo á conjunctura dos successos contemporaneos da Historia de Hespanha e da Africa, que ninguem ainda achou estarem-lhe em opposição; o que é visivelmente um argumento de indisputavel prescripção. Tão pouco o depreciador acintoso da Batalha de Ourique prova alguma produziu, que de tal mereça o nome, para córar os tão aéreos vôos da sua phantasia!

Observação 4.ª

Ainda é todavia mais bolorento, e carunchoso o trecho discursivo, que se envolve e emantilha na seguinte verbiagem: » Diz-nos mais esta narrativa extraordina-
» ria: » que tendo aquella infinita multidão de sarra-
» cenos cercado Affonso Henriques em um outeiro, no
» qual estava acampado com um punhado de gente
» (cum paucis suorum) quizeram os infieis romper o
» arraial; mas que sahindo contra elles *algumas tropas*
» *escolhidas* (electi milites) os passaram á espada depois
» de os repellirem; que vendo isto o Rei Esmar, e co-
» nhecendo que os Christãos estavam resolvidos a trium-
» phar e a morrerem antes do que fugirem, fugiu elle
» com os seus, e não houve mais que matar e dispersar
» a multidão dos infieis. Tinha Esmar razão de assim o
» fazer, e qualquer por mais esforçado que fosse, fugi-
» ria do mesmo modo. São poucos os christãos; innu-
» meraveis os soldados sarracenos. Acommettem o cam-
» po; mandam os portuguezes alguns cavalleiros a re-
» cebe-los. Tal era a conta em que tinham aquelle gen-
» tio, que nem quizeram sahir todos ao rebate. Os ca-
» valleiros escolhidos repellem os aggressores, e passam-
» nos á espada. A' vista de tão inaudito e incrivel es-
» pectaculo quem é que não fugiria? » (2). Esta tirada é tão insipida, quanto alta e profundamente alheia de

(1) Nota XVI, pag. 484.
(2) Nota XVI, pag. 484, e 485.

todo e qualquer historiador, ainda da mais curta, e miope intelligencia. — E na verdade que historiador ha que tenha alguma dedada, ou untadela de critica, que intente offerecer em contraposição ao que assevera um documento havido sempre em respeito por todos os cultores mais conspicuos da sciencia historica, intente, digo, adrede offerecer em contraposição uma achincalhação, um motejo á laia de riso sardonico? Um procedimento d'este jaez é em si mesmo a votação mais pronunciada e solemne, da parte d'aquelle que o tem, ao publico, e universal desprezo. Vamos porém a roçar o matagal bravio com a afiada foice da analyse.

Dá o nome, ou antes a qualificação de *extraordinario* á *narrativa* da Chronica dos godos. Dêmos que o seja. Que se segue d'ahi? Acaso uma narrativa, que contenha qualquer facto *fóra* do commum, e que por isso mereça o epitheto de *extraordinario*; não deverá ou merecerá ser acreditada? Affirmar a negativa seria um absurdo de *onagro!*... Não se admirem que é expressão Herculanea (1)!... Seria até n'uma região mais elevada de principios uma imperdoavel impiedade!... — Tambem é *extraordinario*, é *extraordinarissimo*, que entre nós apparecesse nos nossos dias um historiador, que tivesse a animosidade de vir negar, á face do seu paiz, á face do mundo inteiro a grandeza de uma Batalha, que a mais apurada critica assim nacional como estrangeira unanimemente tivera reconhecido como tal; e comtudo ninguem dos presentes, nem vindouros se ha de atrever a negal-o!... — O ser *extraordinario*, repare-se, não é motivo algum para se não dar fé, uma vez que o successo tenha fundamento, em que se apoie! — O *extraordinario* é tão crivel, como aquillo que é commum e ordinario, quando se estriba em bazes que o fundamentam. Se pois ha documentos authenticos, que attestam o extraordinario da Batalha de Ourique; porque não se ha de dar credito á narrativa *extraordinaria* de um d'esses documentos? A glossa achincalhadora, com que se pretende diminuir o seu valor, é apenas um elemento do maximo ridiculo!...

(1) No — Eu e o Clero — pag. 10.

Porém o annotador não só se torna risivel pela achincalhação insulsa, mas ainda muito mais por não saber traduzir a Chronica que deprime. Sim a Chronica diz: *Electi milites irruerunt in eos* etc. e o nosso *memoravel* notographo traduz o — electi milites — *algumas tropas escolhidas*. Será isto o que quer dizer a Chronica? Não por certo. A Chronica exprimiu-se por uma proposição universal, ou de caracter indefinido, e o traductor trasladou o seu pensamento por uma proposição particular. Ora todo o mundo que tiver alguma lavagem de sciencia, ou arte logica ha de forçosamente reconhecer que uma proposição universal nunca póde ser substituida por uma proposição particular. E' bem de vêr pois que traduzir *algumas tropas escolhidas*, não é o mesmo que dizer *as tropas escolhidas* indefinida e universalmente, como exprime o latim da Chronica — *electi milites*. Em taes casos soîa dizer-se ao *habilidoso traductor* nas antigas escolas: *subjice manum ferulæ!* Elle porém não traduziu o que era, e só o que a seu geito imaginou deveria ser!...

Já antes deveriamos ter notado que, se o antagonista não vertêra mal a mesma Chronica quando dera D. Affonso Henriques *acampado em um outeiro com um punhado de gente*; este acampamento, ou o quer que é, de que falla a Chronica dos Godos, tem transferencia mui propria para o exercito dos Mouros, como sim entendêra o insigne chronista D. Fr. Antonio Brandão, dizendo: *Occupou o Infante Dom Affonso hum recosto mais levantado que a outra terra, e o exercito dos Mouros* se alojou *nos logares visinhos, enchendo grande espaço daquelles campos* (1).

Assevera o Annotador outrosi, como narração da Chronica, que as taes *algumas tropas escolhidas* (electi milites) *passaram os infieis á espada* depois de os repellirem. Qual é porém a expressão da Chronica que signifique — *passar á espada?* Ha de ficar de bôca aberta sem saber, nem poder responder!... As palavras da *Chronica Gothorum* são: *Expulsos extra castra occiderunt*; e significará o verbo *occidere* litteralmente passar á espada? Tal ninguem dirá! Quem examinar os Dicciona-

(1) Monarch. Lusit. Liv. 10, fol. 117, v.

ristas ha de tamsómente achar que o verbo *occído* significa pura e simplesmente — matar — sem declarar o modo; e nunca *passar á espada*, que é matar com uma designada fórma, ou especialidade de instrumento. Esta por certo que se não exprime pelo verbo *occído*. Ausonio Popma na sua primorosa obra *De Differentiis verborum* tamsómente diz: *Occidere ob cædem dictum est.* — Para a Chronica comprehender aquelle dizer era preciso que se exprimisse pela fraze *occidione occiderunt* — que é de Cicero; ou *ad internecionem ceciderunt*, que é de Livio. — Quando porém alguem podesse encontrar em algum cartapacio que *occidere* significa *matar com ferro*; que certeza tem o traductor de que esse ferro ha de ser a *espada* e não a *lança*, etc. para lhe dar a referida preferencia? O Annotador por tanto especificou o que a Chronica não especifica; por outra, deu como obra da Chronica o que não era senão da sua fantasia.

Continúa em seguida, asseverando: *Que vendo isto o Rei Esmar, e conhecendo que os Christãos estavam resolvidos a triumphar e a morrerem antes do que fugirem* etc. Que é isto que viu o Rei Esmar? Foi por ventura o serem os infieis *passados á espada depois de repellidos?* Não por certo; por quanto a Chronica não refere n'este logar que os Mouros *fossem passados á espada!*... Que viu pois? Viu na matança da Mourisma (que a Chronica não declara fôra precisamente feita á espada!) o valor dos Christãos, que estavam dispostos antes a *vencer* ou *morrer* do que fugir: *Quod cum videret Rex Esmar scilicet virtutes Christianorum, et quòd parati erant magis vincere, aut mori quàm fugere*, etc. — Agora perguntarei: A que latim da Chronica corresponde o participio *conhecendo?* A nenhum, ha de responder todo o analysta, censurando a perissologica superfluidade. — Perguntarei outrosi; se é classico apparecer o verbo ora no infinito indeclinavel, ora no declinavel d'esta maneira: resolvidos a *triumphar*, e a *morrerem* antes do que *fugirem?* Todos os que entenderem alguma cousa da lingua materna, hão de concordar que é indispensavel que se faça correcção nos dois infinitos declinaveis, passando-os para o paradygma indeclinavel; dizendo-se *morrer* em logar de *morrerem, fugir* em logar de *fugirem*. Para não parecer

que a censura é arbitraria, veja-se o que a este respeito ensina a Grammatica Philosophica da lingua Portugueza de J. Soares Barbosa (1).

Ainda outrosim notamos o gallicismo do pronome *elle* depois do verbo *fugiu*. Em boa analyse achariamos a proposição: Vendo isto o *Rei Esmar* fugiu *elle* com os seus. E' bem de vêr que existindo na oração o seu verdadeiro sujeito o *Rei Esmar*, o pronome *elle* só serve de mero empache; e empaches d'estes, que a lingua franceza admitte, em a nossa merecem ser obliterados!...

Observação 5.ª

Finalmente o historiographo, e author da *Nota* apresenta a Chronica, contra a qual tão ineptamente se enfurece, narrando que, depois que Esmar fugiu com os seus, *não houve mais que matar e dispersar a multidão dos infieis*. Com tal nem equivalente exaggeração porém não se exprime a Chronica dos Godos. Ella bem pelo contrario succinta e singelamente refere que depois d'aquella fugida toda a *tal multidão de infieis, parte fôra morta no calor da carnagem, parte* fôra *morta na fugida, e parte dispersa: Omnisque illa multitudo Paganorum partim occisione partim fuga occisa est et dispersa*.

Depois de taes e tão conspicuas estropiações, que o *famoso Notographo*, a seu bel-prazer, fez na Chronica dos Godos, vem ironicamente elle proprio depois dizer-nos que — *Tinha Esmar razão de assim o fazer, e que qualquer por mais esforçado que fosse fugiria do mesmo modo*. A que proposito vem aqui este desfecho, por não dar-lhe o nome, que bem merece, de extravagante desconchavo? Tal é a pergunta que todo o critico, por mais mediano de esphera que seja, ha de espontanea e involuntariamente soltar pela bôca fóra, quando lêr a transcripta asserção! — E' porém uma ironia, uma irrisão cheia da maior audacidade, e que nunca veiu á cabeça do mais campanudo inimigo, e depressor das façanhas patrias! — Mas que ignorancia, que estrabismo sesquipedal não pullúla n'ella? Pertende elle negar ou antes achinca-

(1) Pag. 283, §. 5.º etc.

lhar a verdade da Batalha de Ourique: *Por serem poucos os christãos e innumeraveis os soldados sarracenos.* E' acaso porém motivo de incredibilidade o ficar a victoria pelo lado do menor numero, quando um documento authentico, que sempre tivera em todos os tempos o assenso de todos os criticos, tanto nacionaes como estrangeiros, assim o affirma? Não o é, nem o poderá jámais ser; proclamarão todos os principios da sciencia. Um motivo tal de incredibilidade faria riscar das paginas da historia triumphos assignalados, nos quaes é forçoso reconhecer a heroicidade dos combatentes, attenta a pequenez das forças, que os ganhára. E quem ignora que nas duas grandes historias do antigo mundo, a Grega, e a Romana, se encontram exemplos de Batalhas memoraveis, de que ninguem duvida, em que um numero de contendores incomparavelmente muito mais diminuto destruíra e pozera em fuga a parte adversa, a todos os respeitos muito mais poderosa? Ninguem ignora haver iguaes exemplos nas nações modernas. — A historia de todos os tempos nos ensina, e dá documentos de façanhas bellicosas, em que o grande numero cedêra á estrategia, ou valor dos poucos. Tem mesmo havido occasiões em que um certo terror pannico, cujo effeito só se explica pelos factos, tem levado o desalento, a confusão, e a desordem, e por fim a perda da victoria a grandes exercitos, que a seu pezar ficaram vencidos por uma força comparativamente bem pequena de combatentes, que sobre elles denodadamente carregaram. — No jogo da guerra a fortuna, como por um direito inalienavel, arroga a si o maior quinhão. *Maximam partem quasi jure suo Fortuna sibi vindicat*; dizia o orador Romano, fallando na presença de um dos maiores generaes do mundo (1). Nós reconhecemos em taes successos o arbitrio supremo da Providencia, que assim o dispõe, para humilhar a soberba dos grandes poderes armados: E negamos ao mesmo tempo o extravagante principio, que calcula a certeza da victoria só pela superioridade das forças.

Acommettem (amplifica elle) *o campo; mandam os portuguezes alguns cavalleiros a recebel-os.* — E' falso, é

(1) Oratio pro Marcello.

falsissimo que a Chronica dos Godos refira que os portuguezes mandassem *alguns cavalleiros* a recebel-os: *Electi milites irruerunt in eos.* O *electi milites* porém nunca significou *alguns cavalleiros*. A vanguarda do exercito de D. Affonso Henriques constava, segundo os nossos Chronistas, de *tres mil infantes, e trezentos genetes escolhidos* (1). Foram estes os que foram *receber* os infieis, e não *alguns cavalleiros*. — A conclusão que o annotador tira d'aquella manobra militar é sem duvida pueril e risivel: *Tal era a conta*, diz elle, *em que tinham aquelle gentio, que nem quizeram sahir todos ao rebate.* Em que principio se fundou o escriptor da *Nota* para tirar uma tão exotica deducção? Será acaso no que antes acabára de escrever? Se foi em tal, a conclusão é tão falsa, como a premissa. Porém escreveu jámais alguem, ou preferiu que o fazerem os Portuguezes avançar contra o inimigo as tropas escolhidas (*todas*, como todo aquelle que souber traduzir a Chronica o deve entender, e não sómente *algumas*) era signal de que tinham em menos conta aquelle gentio? Nunca. Antes todos os nossos historiadores reconhecem ter sido não resultado de menos preço por Ismario, porém uma estrategia militar tão a proposito; que a ella todos os intelligentes não duvidam attribuir de *telhas abaixo* a grande victoria de Ourique: » Mandou el Rey D. Affonso dar sinal de acometer, » quando vio os inimigos em distancia acomodada, e » invocando o Apostolo Santiago derão os nossos com » tanto impeto nos Mouros, que logo em os primeiros » encontros se começou a conhecer a superioridade da » gente Portugueza. O Alferes Garcia Mendes por or» dem d'el Rey rompeo pella vanguarda dos contrarios, » e arvorou o estandarte Real no meio delles. *Foi o in» tento deste Principe, para que seguindo os de sua ala, » que erão fortissimos soldados, a bandeira, desordenas» sem o esquadrão contrario, e causassem no principio ter» ror aos inimigos: respondeo o effeito ao pensamento* (2). Este trecho transcripto da Monarchia Lusitana assás confirma o nosso discurso.

(1) Monarch. Lusit. Liv. 10, cap. 9.º
(2) Monarch. Lusit. Liv. 10, cap. 2.º

Além d'isto os portuguezes estiveram tão longe de ter em menoscabo as forças dos adversarios, que pelo contrario as temeram muito. » Quando os Christãos vi-» ram tam immensa multidam dos Mouros, e a des-» igoaldade que havia de si a elles, duvidaram de dar » batalha, e tiveraõ receyo de se perderem, e disseram » ao Princepe, que visse o perigo em que se mettia, » que parecia mais temeridade, que valentia, pelejarem » tam poucos contra tantos, e arriscarem a honra e se-» nhorio de Portugal ao perigo de huma só hora, para » tentar a Deos. » (1). Este dizer (que é de todos os Chronistas) assás desmente a asserção do *originalissimo* historiador!....

Observação 6.ª

Recahe esta observação sobre a clausula do paragrapho, que é como segue: » A' vista de tão inaudito e » incrivel espectaculo (*termina elle*) quem é que não » fugiria? » Esta interrogação sarcastica encerra o ataque mais revoltante contra o sentimento geral de todos os historiadores, que fundados no testemunho não só da Chronica dos Godos, mas ainda de outros Documentos de indisputavel authenticidade, tem reconhecido como facto historico real e verdadeiro a fugida de Ismario ou Esmar do Campo de Ourique, para evitar a triste sorte, que o esperava, de vencido. — E com effeito quem póde duvidar que, além da *Chronica dos Godos*, testificam o successo o *Chronicon Lamecense*, quando diz, fallando de Ismar: » Qui ibidem mortem fugiendo..... sitio eva-» sit? » O *Chronicon Conimbricense*, que a proposito refere: » Qui victus fugam petiit? » Ora á vista de um acontecimento tão manifestamente provado, quem poderá jámais tolerar o desasisado entono, de quem quer que seja, que o vem metter a bulha? — Fugiu ou não fugiu Esmar do Campo de Ourique? Que fugiu é facto indubitavel; pois o testificam os mencionados Documentos, a que todos (sem exceptuar o proprio Annotador, quan-

(1) Duarte Nunes de Leão, Chronica de D. Affonso Henriques, fol. 28.

to nos dois ultimos) dão fé. Se pois Esmar fugiu, que motivo teve elle? Não poderia ser outro senão a valentia do braço portuguez, que o opprimia. E aonde estava e se desenvolvia esta valentia? No maior numero? Não; pois ninguem ainda chegou ao desvario de fazer o exercito portuguez em Campo d'Ourique mais numeroso, nem igual á força mauritana, sua adversaria. Temos por tanto que a força menor destruíra a maior, fazendo pôr em fuga o seu general. — Sendo isto assim, como na realidade é, o Author da Historia de Portugal cahiu aos olhos do mundo critico na mais grave censura, quando pretendeu regatear sobre a veracidade da victoria de Ourique, soccorrendo-se ao pequeno numero de combatentes da parte dos Portuguezes.

Demos agora copia do que a proposito escreveu um erudito Author nacional, que o novissimo historiographo tambem cita, e que varias vezes sim dá em testemunho e apoio do seu pensar: » Mas deixemos este Impio (dá elle este nome ao que nega a Apparição de Christo a D. Affonso Henriques. Tanto não diremos nós!....) » na » sua obstinada malicia: não fallemos ao Christão: fal- » lemos unicamente ao homem. Sim: a multidão dos » Sarracenos era bem capaz de riscar da terra dos vi- » ventes cinco ou seis mil homens, a não serem Portu- » guezes. Que? Não diz Vigecio *de Re. Militari*, que » a multidão desordenada não caminha para a victo- » ria, mas sim para a victima? Se hoje mesmo, e » depois de tantas reformas da Milicia Turca, e Afri- » cana, ainda a Disciplina Militar se acha distante d'a- » quelles paizes; que seria n'aquelle tempo de barba- » ridade tanta, quando só uma multidão gregaria, e » desconcertada chusma fazia toda a sua confiança? Não » sabiam os Portuguezes com quem se haviam? Não » pelejavam pelos seus fogos e Altares? Se a idéa mes- » mo de uma Religião falsa tem produzido em diversos » tempos assombrosos prodigios de valor: A Religião » verdadeira, que ardia no coração do Principe, e dos » Vassallos, que raios de valentia não faria disparar so- » bre os sequazes de Mafoma, e destruidores da Reli- » gião Augusta de seus Pais?... E ainda se impugna- » rá a verdade solida da Batalha de Ourique com o rui-

» noso fundamento do limitado numero da gente Por-
» tugueza!... » Assim argumenta o Author do *Elucidario dos Palavras, Termos, e Frases, que em Portugal antigamente se usaram etc.* na palavra *Ladera.*

Agora terminarei recommendando ao Historiographo da *Nota*, que visto não admittir victoria que alcançada seja por numero incomparavelmente mais pequeno de combatentes, horre ou risque da historia da Grecia a Batalha de Marathona, na qual Alcibiades completamente derrotou o exercito de Dario, não obstante ser este onze vezes maior que as forças dos Athenienses. Estes eram pois apenas dez mil homens, e os de Dario cento e dez mil. — E ignorará elle ter sido só bastante o ardil de Themistocles para completamente malograr a tentativa das forças collossaes de Xerxes contra à Grecia? — Porém que? Deixará elle de encontrar entre os *seus* Mouros, ou, o que é o mesmo, na historia Mourisca (que é um dos matadores com que o anti-nacional historiographo pretende fazer vaza contra os factos mais authenticos dos Annaes do paiz!) deixará elle, digo, de encontrar batalhas, ou cousa que o valha, em que o menor numero tenha levado a superioridade ao maior? Folhêe a mesma historia, ou a rapsodia de D. José Conde, tantas vezes por elle citada, e ha de achar indubitavelmente à affirmativa.

Observação 7.ª

Ainda porém o Author da memoravel *Nota* não cessou de pôr pechas á *Chronica dos Godos*, que outros com muita razão chamam *Lusitana.* Ouçamos o que se segue: » Diz-nos por fim a narrativa d'aquella, não já
» extraordinaria, mas sim milagrosa victoria, que ahi
» ficou prisioneiro um certo Omar Atagor, sobrinho do
» rei Esmar, e neto do rei Aly. Vemos, pois, que Es-
» mar era filho do imperador de Marrocos, e por con-
» sequencia irmão de Tachfin, vindo Omar Atagor a
» ser ou filho ou sobrinho deste principe. Similhantes
» personagens deviam ser conhecidos na historia dos Sar-
» racenos, e Esmar um dos mais illustres caudilhos lam-
» tunitas. Busquem-se, porém, estes nomes na historia

» dos arabes, que delles não se encontrará o menor ves-
» tigio. Pelo contrario sabemos, que os chefes principaes
» dos almoravides de Hespanha, depois da partida de
» Tachfin para Africa, eram Aly-ben-Abu-Bekr, tio do
» principe lamtunense, Abu-Zakaria-Ibn-Ganyah e Oz-
» man-ben-Adha, unicos de que se acha feita menção
» nos historiadores da Hespanha arabe. (Conde, P. 3.
» c. 36.) » — De todo este mal alinhavado aranzel manifestamente se vê que o author da *Nota* intenta menoscabar a fé, que tem merecido em todos os tempos a Chronica dos Godos, argumentando que os nomes de Esmar, e Omar Atagor, neto do Rei Aly, de que elle falla, não tem *o menor vestigio na historia dos Sarracenos*. Quem é porém este protento de sciencia na lingua, e litteratura arabica, que tão ancho e repimpado assim falla?...; Mas que digo eu? E' apenas algum mediocre sabedor de taes estudos, que assim tão magistral, e cathegoricamente se exprime? Nem isso. A sua alta e espalmada ignorancia sobre taes materias assás foi patente a todo o mundo, quando pela imprensa qualificou de *garabulhas, gorgotins, engaços de passas* (1), e não sei mais que, os caracteres arabes, em que no *Exame Historico* vinham escriptas as passagens originaes dos authores mauritanos, que o puzeram em furor!... Ora um escriptor, ou escrevinhador historico, que nada pesca da lingua arabe, que credito deve merecer quando pronuncia aquella asserção? Nenhum por certo, e só um sorriso o mais significativo de desprezo pela fanfarronada! — E na verdade quem poderá sustentar que a asserção, a saber: Que os nomes de Esmar e Omar Atagor não tem *o menor vestigio na historia dos Sarracenos*, enunciada por um ignorante de tal polpa da lingua arabe, tenha mais valor do que aquillo que affirma a *Chronica dos Godos*, e depois della um *Rezende*, um *Antonio Brandão*, e outros muitos? Ninguem por certo. — Demos todavia que fosse verdadeiro o silencio dos historiadores arabes. E' por ventura essencial para um facto ser verdadeiro que os adversarios o refiram? Ninguem tal ha de dizer. Se similhante doutrina se admittisse teria-

(1) No Jornal — A Semana — n.º 9, etc.

mos de ver introduzido o transtorno mais absurdo na historia de todos os povos. Muitos factos havidos em todos os tempos por verdadeiros passariam a ser postos em duvida. Teriamos um scepticismo de nova especie, que seria o proprio verdugo do seu inventor! — A omissão da parte dos Historiadores da nação vencida, ainda quando a menção do successo viesse a proposito, não é argumento, que rigorosamente colha. Sabe-se quanto póde influir, e na realidade influe, o amor da patria na occultação de acontecimentos, que desdouram o paiz natal. — Um documento authentico em fim nunca póde ser enfraquecido por falta da confissão da parte adversa, que lhe oppõem; antes *quem cala consente*, como diz o proloquio!

Observação 8.ª

Continúa o *incansavel* genio notographico com a sua decantada syllogistica de tirar illações positivas de fundamentos meramente negativos; que é o mesmo que querer tirar do que é nada uma cousa que tenha realidade. — Por outra, não desiste de arvorar em argumento real o que não é mais que pura phantasmagoria, contra a qual zomba a authenticidade dos Documentos. Sim; refere, como cousa mencionada na historia dos Arabes, os *nomes dos Principaes Chefes dos almoravides, que ficaram reinando na Hespanha depois da partida de Tuchfin para a Africa* (1); querendo d'ahi concluir, que não se achando Esmar, ou Ismario mencionado entre elles, tal personagem não existíra. — Perguntaremos como preliminar ao grão dialectico das *omissões*: Que *historiadores da Hespanha arabe* são esses, com que alardêa, que tão avaros se mostraram em mencionar o nome de Ismario de mistura, ou concomitancia com os outros chefes, que relacionam? Todo esse pezo enorme de *historiadores da Hespanha Arabe*, com que parecia querer-nos abarrotar, não é mais, nem menos que o só, unico, e todo inteiro *D. José Conde*, que nunca foi escriptor arabe, e sómente um compilador de *Manuscriptos*, e *Me-*

(1) Na passagem transcripta a paginas 24 e 25 desta Parte.

morias arabes, de que compaginou a *Historia de la dominacion de los Arabes en España.* Ora póde-nos o Author da *Nota* certificar que a omissão, que allega para argumento, seja antes dos Mss., que do seu compilador? Não por certo; porquanto o notographo nada entende de materias arabes; antes barbaramente zomba d'ellas!.... Se pois o author da nota não podia fazer tal exame por falta de sciencia, como quer que o acreditemos em uma asserção, em que elle é inteiramente hospede? — Quando muito o escriptor da *Nota* só poderia dar por certo a omissão do compilador, e nunca a dos Mss., e Memorias, de que D. José Conde se servíra. Da omissão do compilador porém não se póde concluir para a omissão dos Originaes. A intentada illação por tanto do antagonista acerrimo da grandeza do combate de Ourique, se não é sofisma, é pelo menos *paralogismo!*

Porém concedamos que os Historiadores da *Hespanha arabe* não façam menção de taes personagens; que se segue d'ahi? Acaso esses historiadores eram os unicos canaes, donde taes noticias se poderiam saber? Ninguem tal ha de affirmar. Podiam-no saber os Authores das historias Christãs da boca dos mesmos Mouros, ou de uma tradição veridica entre os mesmos Christãos. E quem póde duvidar que o author ou authores da *Chronica* dos Godos estavam n'esse caso? Sabe-se que ella é coeva com a Batalha de Ourique, como admitte o escriptor da *Nota*; fazendo-a, indistinctamente, *coeva dos tempos, que memora* (1). E que cousa mais natural do que ficar na memoria dos vencedores o nome do Chefe vencido para o mandar á historia? Querer por tanto que o nome de Esmar, ou Ismario seja tido por entidade romantica, depois de tantos historiadores nacionaes e estranhos o terem reconhecido por uma realidade historica já vinda de seculos, é provocar o mais pronunciado, e mais bem merecido ridiculo. — Acaso todos os criticos se enganaram e affirmaram uma cousa sem fundamento? Ninguem tal ha de dizer; e só que cahíra em manifesta censura aquelle que por espertalhão viera increpar de engano tantas e tão distinctas intelligencias. — Ainda é

(1) Nota XVI, pag. 483.

mais caricato notar a existencia de uma omissão sem ter dados para o poder fazer.....

Porém mesmo a authoridade de *D. José Conde* levou seu estortegão! — *Conde* não apresenta aquelles nomes, como se fossem dos Chefes principaes dos Almoravides, que eram ou ficaram na Hespanha depois da partida de Tachfin para Africa. — *Conde* menciona estes nomes como dos principaes caudilhos almoravides de Hespanha, a quem Tachfin escrevêra por occasião da sua exaltação ao throno: *asimismo escribió á los principales caudillos Almoravides de España Abu Zacaria Yahye Aben Gania, á Ozman ben Adha, y á su tio Aly ben Abi Bekir, que luego le enviaron sus cartas de parabien* etc. (1). — D'aqui só se póde e deve inferir que os Chefes principaes dos almoravides, que governavam na Hespanha quando Tachfin subiu ao throno eram os que se acabam de indicar; e não que eram estes os chefes principaes dos almoravides de Hespanha depois da partida de Tachfin para a Africa. Para se poder tirar indeclinavelmente esta illação era necessario que *aliunde* constasse; que estes caudilhos eram os mesmos que ficaram governando em Hespanha, quando Tachfin d'ella se ausentára, e que sem mudança alguma individual, causada pela morte ou por qualquer outro motivo, continuaram a governar até á exaltação de Tachfin ao throno por fallecimento de seu Pai.

Não se podendo por tanto tirar uma tal conclusão; não se póde sustentar que Ismario não figurasse em tempo algum no numero dos chefes principaes dos almoravides depois da partida de Tachfin para a Africa, só porque não vem indicado entre aquelles, a quem Tachfin escrevêra quando assumiu o poder real segundo a ordem da successão. Tinha já decorrido sete annos depois que Tachfin tivera deixado Hespanha partindo para a Africa; e durante este espaço de tempo muito bem podia Ismario já ter terminado seus dias, não figurando já entre os principaes Chefes dos Almoravides em Hespanha, quando Tachfin lhes escrevêra. Esta conjectura póde e deve mesmo conciliar-se com a omissão de D. José Con-

(1) Parte 3.ª pag. 287.

de; nem esta póde servir de obstaculo positivo á existencia de Ismario, que um documento de reconhecida authenticidade (qual é a Chronica dos Godos) claramente testifica. Tachfin escreveu em 1144; o Feito d'Ourique foi em 1139.

Mas para que é andarmos divagando no mundo das conjecturas? Por ventura não declarou ao historiographo o erudito arabista (que lhe deu a devida tósa por asseverar que os historiadores arabes nada disseram da Batalha de Ourique) não declarou a elle, digo, que se não fosse alheio do seu proposito, ou intento provaria entre outras cousas, que os generaes mauritanos, que concorreram áquella batalha, foram os cinco seguintes: *Taxefin-Ben-Ali*, filho do imperador; *Omar*, primo do imperador; *Ismael*; *Ismar*; e *Ibrahim*? (1). Ninguem que souber lêr portuguez o poderá duvidar. Fallaram pois, ou não fallaram os escriptores arabes e da Hespanha arabe de *Omar*, e *Ismar*, ou *Ismario*? Haja vista ao *Exame Historico*, cujo author é juiz competente na materia contra a ignorancia atrevida!....

Observação 9.ª

A' vista do que temos expendido, e discutido, quem (e isto sem perder a tramontana analytica da Observação) poderá tolerar que de um modo, e tom increpante se escreva: » Que firmeza, pois, se póde fazer n'uma nar» ração, que nos conta successos humanamente impossi» veis, e que n'elles faz figurar individuos, cuja existen» cia é desconhecida dos escriptores, que tinham obriga» ção de conservar a memoria d'elles, se realmente hou» vessem existido? » (2). Não será facil apresentar um elemento mais azado, nem mais bem adjectivado para um *tollent chachinum*!... E por certo em que paiz, aonde se saiba o que é dialectica e bom senso critico, se dirá que não merece *firmeza*, *uma narrativa*, em que se contam, ou que *nos conta successos humanamente impossiveis*? E' acaso a qualidade de serem os *successos humanamente impossiveis* motivo algum para se não acreditar

(1) Exame Historico etc. pag. 26 § 20.
(2) Nota XVI pag. 485.

a sua narrativa, ou nella se não *fazer firmeza?* Quem pronunciar a affirmativa profere um rematado absurdo; enuncia um attentado contra a crença universal de todas as nações. Em todas ellas se acha sim admittida a crença de *successos humanamente impossiveis.* Em todas éllas se acha reconhecido o principio da sobrenaturalidade em suas historias. — E quem póde duvidar que o Arbitro Supremo dos Imperios ostenta magestoso o seu poder manifestando á face das gentes de todas as regiões, quando lhe apraz, *successos humanamente impossiveis?* Esta persuasão é de todo o homem, que não é, nem inculca ser atheo!

Sendo isto assim; quem póde de sangue frio ouvir a horrenda interrogação que diz: *Que firmeza se póde fazer n'uma narração, que nos conta successos humanamente impossiveis?* Eu protesto aqui, em nome da sã philosophia universal, que respeita um Deos, admiravel em todo o universo pela manifestação de tantos prodigios, de tantos successos impossiveis, humanamente fallando!... Protesto, digo, contra similhante illusão, por não lhe chamar impiedade!.... Não se póde fazer *firmeza em uma narração, que conta successos humanamente impossiveis!...* Quer isto dizer: Que tudo quanto fôr *narração de successos humanamente impossiveis,* que venha nas historias não merece credito, ou o que é o mesmo, não devemos em tal ter *firmeza!* Quer isto dizer, repito: Que tudo indistinctamente quanto ha de prodigioso nas historias, deve d'ellas ser banido, como patranha e carambola para embahir papalvos!.... Temos por tanto que segundo a theologia do Authór, exarada em a sua *memoranda* Nota, não se deve fazer firmeza em escriptura alguma que compórte successos *humanamente impossiveis*; isto porém é proclamar o erro dos incredulos contra a existencia do que é miraculoso! ..

Quer o Annotador sim que os feitos, as heroicidades acima da possibilidade das forças humanas, que mencionam as historias, *alto,* e *malo,* (pois que não distingue) sejam havidas por falsas e chimericas! Este principio é porém além de irreligioso, destituido de toda aquella sã e ajustada dialectica; que deve dirigir a penna do historiador. — Na verdade; podem, ou não podem

existir prodigios acima das forças humanas? Quem duvidar d'esta possibilidade commette o mais audaz e horrendo attentado contra a Divindade. Quereria que Deos, Arbitro Omnipotente do mundo, não podesse fazer nada mais do que podem as forças humanas. Regularia por conseguinte a omnipotencia divina pelo limitado, e mesquinho poder dos homens. Que tremenda blasphemia! — Existem na realidade no Universo factos que excedem as forças humanas; negal-os seria arrostar contra os mais poderosos fundamentos que podem comprovar a authenticidade de um acontecimento sobre a commum esphera. — Como poderá subsistir com aquella absurda, e impia doutrina a verdade incontestavel das narrações dos prodigios *acima das forças humanas*, que nos attestam os livros divinos? Como subsistir a fé constante que o Christianismo com tanta segurança, e firmeza presta aos *successos humanamente impossiveis* (quaes são os milagres), que, dos seus heroes de santidade, a Santa Igreja pelo seu chefe tão escrupulosamente authoriza? — Os factos *extraordinarios* (diga-se affoitamente) merecem tanto credito, como os *ordinarios*, uma vez que tenham fundamentos, em que radical, e solidamente se estribem. Esta regra de critica não é tergiversavel, e da arbitraria estima do historiador. E' de uma essencia inalteravel.

Ha mesmo successos nos Annaes das gentes, que não estão em proporção com as circumstancias, que se apontam como motivos efficientes d'elles. Apparece um effeito, um resultado em disproporção e desharmonia com a pequenez da causa instrumental. Não obstante o acontecimento, que não estava na alçada da espectação, nem do calculo, foi uma realidade. Chame-se-lhe embora *extraordinario*. Acaso o ter esta qualidade torna-o menos acreditavel; quando documentos de grande valia o affiançam? Porque o successo *é extraordinario*, segue-se logo que é inacreditavel? Ninguem tal poderá dizer. — Que nação ha que de mistura com os acontecimentos ordinarios, não mencione e authentique em suas Historias os successos extraordinarios, de que ella fôra espectadora, e os tenha como seus Brazões? Uma Historia, que contra o commum e bem fundado consenso os repellisse, e ainda mais os achincalhasse, admittindo só em suas pa-

ginas aquillo que unicamente coubesse na esphera commum e ordinaria dos acontecimentos; uma Historia, digo, desta tempera, que apresentasse o monstruoso phenomeno de insensatamente excluir o seu paiz do circulo da protecção especial da Providencia, assás manifestada pelo extraordinario, e maravilhoso dos Feitos, cuja realidade a critica e a sciencia historica de todos os tempos tivera reconhecido; seria o mais tremendo, e gigantesco aleijão!

Observação 10.ª

Vamos agora a assestar o oculo da analyse sobre outros pontos, que não devem ficar sem particular pesquiza. E' objecto d'ella o thema que passamos verbalmente a copiar: » Restam-nos, pois, *diz elle*, os cinco mo» numentos que acima transcrevemos, como unicas pro» vas do facto. O Chronicon Lamecense e a Inquiri» ção de Braga apenas nos asseguram, que elle não é » uma ficção (1). Continúa o escriptor da *memoranda Nota* na tacanha empreza de incutir discredito a todos os Documentos, que affiançam a grandeza da Batalha de Ourique. E com que puerilidade, e insubsistencia?..... Não será difficultoso fazel-o conhecer. — E' acaso verdade que o *Chronicon Lamecense* e a *Inquirição de Braga* só *asseguram* que a Batalha de Ourique *não é uma ficção?* E' falso. Basta lêr as palavras do *Chronicon Lamecense* para logo desmentir o escriptor, que tão bojudo disparate proferiu! Sim as palavras do texto do *Chronicon Lamecense* não só asseguram *que o facto de Ourique não é uma ficção*; porém manifestamente testificam a sua grandeza. Affirma pois o referido Chronicon não só *que em o logar chamado Ourique houvera um combate entre Mouros e Christãos, sendo commandante de uma parte ElRei D. Affonso de Portugal, e da outra Ismar Rei dos Musulmanos*; porém *que este para escapar á morte se vira obrigado a pôr-se em fugida:* » In loco qui dici» tur Oric fuit prælium inter Paganos et Christianos, » preside Rege Ildefonso Portugalense ex una parte, et » Rege Paganorum Examare ex altera, qui ibidem mor-

(1) Nota XVI, pag. 406.

» tem fugiendo.... evasit. » (1). Ora poderá jámais alguem, que tenha algum rasquicio de racional instincto, conscienciosamente pronunciar que uma lenda ou narrativa, que assim tão positivamente se exprime, *apenas assegure que o facto não foi uma ficção?* Não por certo.— E quem jámais duvidou que um combate, em que um dos Chefes, para evitar a morte, se vale, como de unico recurso, do meio desesperado da fugida, tenha o caracter de um combate grande e decisivo? Todo o mundo ha de responder por uma só boca: Que ninguem o póde, nem deve duvidar. — E asseverára em tempo algum pessoa alguma que o *Chronicon*, que refere tal circumstancia apenas, *assegura* que *o facto não é uma ficção?* Esta asseveração tão falsa, como opposta a todos os principios da mais trivial e corriqueira dialectica, da mais accessivel hermeneutica, só poderia ser apanagio de um cerebro entulhado ou atulhado de concepções ou aberrações romanescas! — Por tanto o *Chronicon Lamecense* apontando aquella tão transcendente circumstancia não só testificou a existencia da Batalha de Ourique, mas até a sua positiva grandeza. — O proprio dizer terminante do *Chronicon*, olhado mesmo no seu todo, está desmentindo, com irresistivel valentia, a falsidade, que avançára o innovador historico; quando escrevêra que o *Chronicon* apenas nos *assegurára* que o Facto de Ourique não era *uma ficção*. — Em que termo, em que phrase resumbra sequer o *Chronicon Lamecense* algum vestigio da indicada *assegurança?* Aponte-o o progenitor de tão insolita lembrança!.... Ha de ficar immerso nas ondas de um mortal silencio!.....

Observação 11.ª

Que diremos da *Inquirição de Braga?* — Acaso *assegura-nos* ella *apenas* que a Batalha de Ourique *não é uma ficção?* Não; sem duvida. Assegura-nos mais alguma cousa. Assegura-nos positivamente a existencia da Batalha de Ourique, e não *apenas que não era uma ficção*. Assegura-nos intergiversavelmente uma realidade,

(1) J. P. R. Dissert. Chronol. Tom. 4.º pag. 174.

e de tal ordem e cathegoria, que a Testemunha, que na *Inquirição* regulava por aquella Batalha a sua idade, segura devia estar que pela sua importancia ninguem haveria que ignorasse o Feito. E na verdade, argumentando por parallelo, se alguem disser que tinha 20 annos no tempo da Batalha de *Austerlitz*, *Marengo*, ou *Waterloo*, etc., entenderá por ventura qualquer que estiver em seu normal juizo, que o individuo, que assim se exprime, quizera *apenas assegurar* que taes batalhas não foram *uma ficção?* Ninguem, por certo, similhante destempêro ha de pronunciar. Antes todo o mundo ficará convencido de que o individuo se referíra a taes Feitos, por serem sobremodo dignos, pelo que foram de grandes em si mesmos, da memoria de todos aquelles com quem se falla ou em cuja presença se contesta. — E por que se ha de affirmar o contrario, quando se aponta como épocha de referencia a Batalha de Ourique? E' bem de vêr que nenhum fundamento se póde allegar que justifique tão avesso procedimento.

Agora passaremos a copiar o logar do Elucidario de Viterbo, apontado pelo *Notographo*, que vem a proposito: » Em o Archivo da Mitra Brachar. Gav. da Pri-
» mazia. Maç. 1. N.º 8. se conserva uma dilatadissima
» e Original Inquirição de Testemunhas, judicialmente
» inquiridas sobre varios artigos, que provavam termi-
» nantemente a Primazia de Braga contra as tentativas
» de Toledo. Muitas d'estas testemunhas passavam de
» 100 annos, outras tinham pouco menos, e quasi todas
» condecoradas: depozeram todas a favor da Igreja de
» Braga. Entre estas é notavel Garcia Liufreiz de Ja-
» raz, que disse se lembrava ser de 20 annos, *Tempore*
» *Belli de Aurich*. Era então Arcebispo D. Estevão, que
» poucos mezes havia tomára posse d'aquella Mitra, por
» morte de D. Pedro, seu antecessor, que morreu no ca-
» minho de Roma, indo buscar o Palio. Tinha então
» Garcia Liufreiz largos 100 annos, segundo o Depoi-
» mento de D. Godinho, Deão de Braga, que foi o 1.º
» que alli depôz com juramento: E seria crivel que um
» sujeito d'estes annos, e perante uma Assembléa tão
» veneravel, e conspicua, tomasse por Epocha dos seus
» annos a Batalha de Ourique, como cousa publica e

» sabida de todos, e não fosse impugnado de algum, » se todos não estivessem persuadidos, e certos d'aquel» la verdade?.. E quantos Documentos d'estes se perde» riam pelo decurso do tempo roaz, e gastador?.. E » quantos iriam para a Torre de Simancas em Castella » no tempo dos Filippes; constando por uma Certidão » da Torre do Tombo, que então se levaram d'aquelle » Real Archivo *nove cofres* ou caixões de Livros e Pa» peis da maior estimação por antigos, raros e precio» sos?.. » (1). Da passagem transcripta assás se infere que Viterbo estava bem longe de entender que o depoimento d'aquella Inquirição *apenas assegurasse* que a Batalha de Ourique *não era uma ficção!....*

Agora notaremos que a expressão a *Inquirição de Braga* é inteiramente vaga, e como tal exposta a admittir diversos sentidos. O annotador pois para evitar equivocos devia restringil-a escrevendo: A *Inquirição relativa á primazia do Arcebispado de Braga* (2).— Ainda aqui não é tudo. Desejamos saber qual o motivo por que tendo o Historiographo primeiro escripto e estatalado em a *Nota* que: » A inquirição citada por Viterbo serve ape» nas para corroborar o facto (3) » depois proferíra que: » A inquirição de Braga apenas nos assegura, que elle » (o facto de Ourique) *não é uma ficção?* » (4). Indicará acaso esta phraseologia uma só e a mesma cousa? Quero dizer: Será o mesmo *servir apenas para corroborar o facto*, que *apenas assegurar que* elle *não é uma ficção?* Será isto synonimia, ou involverá antilogia? Entretenha-se o Annotador, ou quem quizer por elle, com este *quodlibeto*; que nós passamos já a outro ponto de observação.

Observação 12.ª

Escrevinha ainda mais o annotador: » O *Chronicon* » *Conimbricense* chama á batalha de Ourique *lis magna* » e a Chronica dos Godos, nos exemplares de Alcobaça

(1) Elucid. Tom. 2.º pag. 80.
(2) Vej. Viterbo, tom. 2.º pag. 80.
(3) Na pag. 483.
(4) Na pag. 485.

» e Santa Cruz diz que o exercito Sarraceno era *propè* » *innumerabile*. Esta gradação parece-nos indicar a or» dem em que as tres memorias foram escriptas: 1.º a » Lamecense: 2.º a Conimbricense: 3.º a dos Godos » (1). » Vejamos agora as coarctadas com que o annotador pretende aviltar a valentia, com que os dois transcriptos logares ou expressões dos dois referidos Chronicons testificam a grandeza da Batalha de Ourique. Pôde jámais haver cousa mais inconcludente e inepta? Não por certo. » As palavras (*glossa elle*) *lis magna* do livro » da Noa terão tanto valor n'este caso, como applicadas » a não sabemos que recontro obscuro de *Cereigio*, mencio» nado tambem n'este livro (Chronicon III ad aer. 1163) » com a qualificação de *lis magna* (2). » Porque razão, perguntaremos nós, e perguntará todo o mundo, que tiver meia dedada de critica, as palavras *lis magna* do livro de Nôa, referidas á Batalha de Ourique hão de ter (segundo a sua estimativa!) tanto valor, como as mesmas palavras, usadas pela mencionada Chronica, quando falla da batalha de *Cereigio?* Que fundamentos teve o *denodado* historiador para, lá a seu bel-prazer, lhes dar igual valor? Aponte-os, mencione-os, indique-os um a um, se é capaz.... Qual capaz nem meio capaz!... Ha de ficar qual outro volatim que no melhor das volteadúras perdeu a maromba!.... E na verdade póde haver nos ambitos da extravagancia do pensar humano, uma arlequinada, um salto mortal mais fóra da commum bitóla, como é o pertender, por meio de uma fórmula conjectural, que toma por idéa media um facto, apresentado em scena no caracter de *recontro obscuro*, que o proprio conjector ou conjecturador confessa, que não *sabe* ou ignora o que seja; o pretender, digo, por uma tal e tão incognita fórmula destruir uma verdade historica tão positivamente constituida e sustentada em todos os seculos, sem alguma diminuição na cathegoria, em que obvia e litteralmente é tida no mencionado Documento? Aonde é que se encontrou jámais o admittir-se por idéa media um principio desconhecido, para d'ahi se tirar uma

(1) Nota XVI, pag. 485.
(2) Nota XVI, pag. 485 e 486.

conclusão contra uma verdade tão manifestamente conhecida? Uma similhante argumentação é o *supra summum* do escarneo contra uma das primarias e mais venerandas leis da Arte Syllogistica: é uma ignorancia a mais lanzuda!.. Não se póde argumentar com o que é desconhecido contra aquillo que é conhecido; gritará em todos os tempos todo aquelle que detestar similhantes abortos intellectuaes!

Concedamos porém a extravagancia de comparar a Batalha de Ourique com a Batalha de *Cereigio*. Que fundamento teve o annotador para dar á acção de Cereigio, que o Chronicon Conimbricense noticîa por estas palavras — » Era MCLXIII facta fuit lis magna inter » Christianos et Sarracenos in loco qui dicitur *Cereigio* » para a dar, sim, por um *recontro obscuro*, e não por uma lide, ou combate, que merecesse o nome de *grande*, conforme o qualificou o Chronicon? Ha de ficar outra vez a nadar sem vêr terra, aonde possa aportar. O *Chronicon Conimbricense* chama *grande* á Batalha de Cereigio — *lis magna*. — E que provas allega o annotador para desmentir o Chronicon? Nenhumas, nem é possivel dal-as!.. Como se atreve pois o annotador a estortegar tão aerea, e despoticamente uma lenda, que ninguem ainda contestou; a interpretal-a de um modo que ninguem ainda interpretou? Não é isto representar no theatro da litteratura, da critica e da historia o papel mais burlesco e caricato, que se póde imaginar? E quem não ha de rir, e até profundamente escarnecer, quando ler e bem advertir: Que o annotador de motu proprio e poder absoluto traduzíra as expressões — *lis magna* — do Chronicon Conimbricense — pela phrase *recontro obscuro*, para d'ahi igualmente de motu proprio e poder absoluto tirar a inaudita e inconsequentissima conclusão: Que as expressões *lis magna*, de que se serve o mesmo Chronicon em outro logar para indicar a grandeza da Batalha de Ourique, estavam no mesmo caso? A traducção de — *lis magna* — » recontro obscuro » é d'aquellas necedades, d'aquellas extravagancias, que levadas ao tribunal do grammatical Tyrocinio, mal poderiam escapar da mais rispida e severa animadversão censoria!

Continuemos porém a ouvil-o: » Quanto ás expres-

» sões *innumerabile propè exercitu* da Chronica dos Go-
» dos ainda as achamos pouco exaggeradas á vista dos
» encarecimentos que, por via de regra, se lêem nas
» chronicas d'aquelle tempo, tanto arabes como chris-
» tãs, em que os inimigos sempre são em numero infi-
» nito ou innumeraveis, phrases de que esta mesma nos
» dá um exemplo dizendo, que as tropas com que Aly
» cercou Coimbra em 1117 eram innumeraveis como as
» arêas do mar, e que só Deus podia saber o numero
» d'ellas (1). » Que salsada de galhardos é esta? Que irracional estrambotice? Acaso foi jámais principio ou fundamento critico para affrontar a existencia d'um feito bellico, o affirmar-se que o exercito da parte adversa era *innumeravel?* Aonde é que encontrou o annotador uma similhante regra? Por ventura estará qualquer historiador inhibido de indicar a grandeza de um exercito, cujo numero por excessivo, não era facil ser contado por aquelles que lhe faziam frente; estará inhibido, repito, de em casos taes servir-se da expressão *quasi innumeravel*, ou simplesmente *innumeravel?* Quem tal paradoxo, absurdo tal, pronunciar, assás tem caracterisado a sua axaroada litteratura!.... Se pois não ha motivo algum para que o historiador deixe de usar em taes casos d'aquella expressão; nem critico algum ainda a julgou por caracteristica de falsidade; porque razão se ha de dar por falso o objecto a que ella se refere, e dirige? E' expressão exaggerada, diz-se. Aonde é que está a exaggeração? A palavra *innumeravel*, como todos sabem, póde ser tomada em dois sentidos; no sentido absoluto, ou metaphysico, e no sentido moral, ou relativo. No sentido absoluto ou metaphysico não admitte termo ou limite algum nem real nem ideal; no sentido relativo ou moral tem indubitavelmente um termo ou limite; este porém impraticavel ou mui difficultoso de se investigar. E' neste ultimo sentido que fallam os historiadores; e quem jámais ousou accusal-os por esse motivo de exaggerados? Ninguem ignora que é neste unico sentido, que se deve tomar a tal expressão; e com ella exprimem elles uma justa relação. Quem pois exprime uma

(1) Nota XVI, pag. 486.

justa relação, e que todos reconhecem, não póde ser accusado de exaggerador. — E quem jámais deu este nome aos historiadores por assim se exprimirem? Ninguem. E o annotador que seguiu rumo contrario, é que é um bem descascado exaggerador!.... E quantas vezes não terá o escriptor da *Nota* usado na sua *romanesca* Historia de Portugal do termo — *innumeravel?* — E ha de querer que então acreditemos que não ha exaggeração?.... Pelos seus contraproducentes principios o Annotador forçosamente deve ser tido por um mui chapado paralogista!....

Porém que dizemos?.... Havemos de mostrar palpaveis exemplos, em que a *exaggeração* se desculpou até a favor dos escriptores arabes. (E quem deixará de reconhecer que o Author na sua tão inculcada imparcial *Historia de Portugal* faz mais as partes dos Arabes, que dos Portuguezes, cujos feitos escreve!....) Não só se desculpou a *exaggeração*, mas até se serviu d'ella, como dê fundamento, para sustentar a grandeza do successo! — Fallando pois da batalha de Zalaka, discorre a proposito elle: » Ainda dando algum desconto á exaggeração » ordinaria dos antigos historiadores arabes e christãos, » os quaes unanimes affirmam que só Deus poderia contar o numero dos musulmanos, e que as tropas do rei » de Leão e Castella subiam a oitenta mil cavalleiros e » duzentos mil peões, é todavia certo que alli se encontravam todas as forças das duas raças que disputavam » o solo da Hespanha, ajudados uma pelos guerreiros » frankos, e a outra pelos almoravides conquistadores » da Mauritania (1). » — Qual será a razão porque a

(1) Histor. de Portugal, na Introducção, pag. 180. — E' bem de notar que em uma das raças, que, no referido trecho, se diz, disputarem o solo da Hespanha, ficam comprehendidos visivelmente os Christãos. — E' porém proprio, e de cunho classico o qualificar os Christãos com o nome de *raça*? Não se ha de poder apontar um só exemplo, que tal authorise. — E' até injuriosissima similhante applicação! » Raça, fallando em gerações, se toma sempre em má parte. Ter *raça* (sem mais nada) vale o mesmo, que ter raça de » Mouro, ou Judeo. » Assim se explica *Bluteau* no mencionado termo. » Ce mot (raça), en parlant des hommes, ne se prend guère » qu'en mauvaise part. » (*Nouveau Dictionnaire Portugais-Français etc.* par J. J. Roquete).

» sões *innumerabile propè exercitu* da Chronica dos Go-
» dos ainda as achamos pouco exaggeradas á vista dos
» encarecimentos que, por via de regra, se lêem nas
» chronicas d'aquelle tempo, tanto arabes como chris-
» tãs, em que os inimigos sempre são em numero infi-
» nito ou innumeraveis, phrases de que esta mesma nos
» dá um exemplo dizendo, que as tropas com que Aly
» cercou Coimbra em 1117 eram innumeraveis como as
» arêas do mar, e que só Deus podia saber o numero
» d'ellas (1). » Que salsada de galhardos é esta? Que irracional estrambotice? Acaso foi jámais principio ou fundamento critico para affrontar a existencia d'um feito bellico, o affirmar-se que o exercito da parte adversa era *innumeravel?* Aonde é que encontrou o annotador uma similhante regra? Por ventura estará qualquer historiador inhibido de indicar a grandeza de um exercito, cujo numero por excessivo, não era facil ser contado por aquelles que lhe faziam frente; estará inhibido, repito, de em casos taes servir-se da expressão *quasi innumeravel*, ou simplesmente *innumeravel?* Quem tal paradoxo, absurdo tal, pronunciar, assás tem caracterisado a sua axaroada litteratura!.... Se pois não ha motivo algum para que o historiador deixe de usar em taes casos d'aquella expressão; nem critico algum ainda a julgou por caracteristica de falsidade; porque razão se ha de dar por falso o objecto a que ella se refere, e dirige? E' expressão exaggerada, diz-se. Aonde é que está a exaggeração? A palavra *innumeravel*, como todos sabem, póde ser tomada em dois sentidos; no sentido absoluto, ou metaphysico, e no sentido moral, ou relativo. No sentido absoluto ou metaphysico não admitte termo ou limite algum nem real nem ideal; no sentido relativo ou moral tem indubitavelmente um termo ou limite; este porém impraticavel ou mui difficultoso de se investigar. E' neste ultimo sentido que fallam os historiadores; e quem jámais ousou accusal-os por esse motivo de exaggerados? Ninguem ignora que é neste unico sentido, que se deve tomar a tal expressão; e com ella exprimem elles uma justa relação. Quem pois exprime uma

(1) Nota XVI, pag. 486.

justa relação, e que todos reconhecem, não póde ser accusado de exaggerador. — E quem jámais deu este nome aos historiadores por assim se exprimirem? Ninguem. E o annotador que seguiu rumo contrario, é que é um bem descascado exaggerador!.... E quantas vezes não terá o escriptor da *Nota* usado na sua *romanesca* Historia de Portugal do termo — *innumeravel?* — E ha de querer que então acreditemos que não ha exaggeração?.... Pelos seus contraproducentes principios o Annotador forçosamente deve ser tido por um mui chapado paralogista!....

Porém que dizemos?.... Havemos de mostrar palpaveis exemplos, em que a *exaggeração* se desculpou até a favor dos escriptores arabes. (E quem deixará de reconhecer que o Author na sua tão inculcada imparcial *Historia de Portugal* faz mais as partes dos Arabes, que dos Portuguezes, cujos feitos escreve!....) Não só se desculpou a *exaggeração*, mas até se serviu d'ella, como dê fundamento, para sustentar a grandeza do successo! — Fallando pois da batalha de Zalaka, discorre a proposito elle: » Ainda dando algum desconto á exaggeração » ordinaria dos antigos historiadores arabes e christãos, » os quaes unanimes affirmam que só Deus poderia con- » tar o numero dos musulmanos, e que as tropas do rei » de Leão e Castella subiam a oitenta mil cavalleiros e » duzentos mil peões, é todavia certo que alli se encon- » travam todas as forças das duas raças que disputavam » o solo da Hespanha, ajudados uma pelos guerreiros » frankos, e a outra pelos almoravides conquistadores » da Mauritania (1). » — Qual será a razão porque a

(1) Histor. de Portugal, na Introducção, pag. 180. — E' bem de notar que em uma das raças, que, no referido trecho, se diz, disputarem o solo da Hespanha, ficam comprehendidos visivelmente os Christãos. — E' porém proprio, e de cunho classico o qualificar os Christãos com o nome de *raça*? Não se ha de poder apontar um só exemplo, que tal authorize. — E' até injuriosissima similhante applicação! » Raça, fallando em gerações, se toma sempre em má par- » te. Ter *raça* (sem mais nada) vale o mesmo, que ter raça de » Mouro, ou Judeo. » Assim se explica *Bluteau* no mencionado termo. » Ce mot (raça), en parlant des hommes, ne se prend guère » qu'en mauvaise part. » (*Nouveau Dictionnaire Portugais-Français etc.* par J. J. Roquete).

exaggeração dos antigos historiadores arabes e christãos ha de aqui merecer *algum desconto*, e não ha de merecer depois a mesma graça, quando se trata da Batalha de Ourique? A contradicção ou antes a parcialidade é a mais sensivel e palpavel! — Mais adiante escreve elle sobre o mesmo objecto: » Se acreditassemos os escripto» res arabes, a perda dos christãos teria sido immensa. » Segundo um d'elles, Jussuf fazendo decepar a cabeça » dos mortos (costume trivialissimo entre os arabes) en» viou cincoenta mil ás differentes capitaes dos émirados » de Andaluz, e quarenta mil para serem distribuidas » pelas cidades maritimas de Barberia, como documen» to da victoria. De todo o exercito dos nazarenos, di» zem elles, apenas escapou Affonso com cem homens. » Similhantes encarécimentos, juntos á confissão dos an» tigos Chronicons sobre o grande estrago dos christãos, » provam que esta foi uma das mais terriveis batalhas, » que se peleijaram em Hespanha (1). » Quem não vê que os taes *encarecimentos* são aqui apontados, como razão concomitante, para *provar que a batalha de Zalaka foi uma das mais terriveis que se peleijaram na Hespanha?* E porque motivo *similhantes encarecimentos* (se não menores) não hão de ter igual valor, quando se trata da Batalha de Ourique? A contradicção é a todas as luzes manifesta!

Falla de *encarecimentos!* E que outra cousa é, senão *encarecimento*, o qualificar de *immensa a* supposta *perda* que *teriam os Christãos?* —Tão pouco uma tal qualificação — *immensa* — quadra com aquillo que determinadamente referem os historiadores; se vale o numero indicado nas duas transcriptas passagens!...

Na pag. 155 da *Introducção da Historia de Portugal* lê-se: » A nova dos *immensos aprestos* dos sarrace» nos derramou o susto entre os christãos. » *Immensos aprestos!...* Será ou não será expressão exaggerada?..... Todos á uma o hão de affirmar! — E quantas d'estas exaggerações se não poderiam ainda registrar?..... E com tudo isto quer o *nosso protolypo* historiador que acreditemos em sua Obra, como em voz de indefectivel Oraculo!

(1) Hist. de Portug. na Introducção, pag. 182.

Agora advertiremos que o qualificativo *immenso* propriamente se diz da cousa que não tem medida, ou tem vastissima extensão. Só por figura é que se applica a cousa excessiva. Assim dizemos *immensos bens*, *immensas riquezas*, etc. Em linguagem propria parece se deve dizer *innumeraveis* bens, *innumeraveis* riquezas etc. (1).

Outrosim observaremos que o facto do cêrco de Coimbra, de que falla a Chronica dos Godos não fôra no anno de 1117 (embora seja esta a era de Christo que lhe corresponde) conforme traz a *Nota*; porém no anno de 1155 (era de Cesar) segundo a mesma Chronica. *Æra* 1155. *Rex Sarracenorum Hali Ibenjuceph veniens de ultra mare cum multo exercitu obsedit Colimbriam, adjuncto simul et omni exercitu, qui erat circa mare, quorum numerus erat innumerabilis sicut arena maris, soli Deo tantum cognitus erat.*

Em fim era para desejar que o Annotador nos indicasse, uma por uma, quaes as Chronicas dos Arabes, que *por via de regra* fazem sempre *infinita* ou *innumeravel* a multidão dos inimigos; copiando-nos textualmente os taes logares! — Quanto ás Chronicas Christãs poderiamos apontar exemplos, em que (desmentindo o tal *por via de regra*) não se diz que o numero dos inimigos era *infinito*.

» Isto que dizemos, *conclue o annotador*, da phrase » da Chronica dos Godos é applicavel inteiramente á » vida de S. Theotonio (2). » — Tudo, redarguiremos nós, o que deixámos expendido contra o annotador a favor do logar da Chronica dos Godos, é o mesmo, sem tirar, nem pôr, que, se fôra necessario, reproduziriamos em defeza da passagem da vida de S. Theotonio; quanto ao ella designar a grandeza do exercito dos cinco Reis Mouros, que batalharam em Campo de Ourique, e n'ella ficaram vencidos, pela expressão — multidão innumeravel — (cum innumera multitudine) (3). — Vamos agora á outra observação.

(1) Vej. Reflexões sobre a Lingua Portugueza, escriptas por Francisco José Freire etc. Parte Primeira, pag. 126.
(2) Nota XVI, pag. 486.
(3) Vej. Nota XVI, pag. 482.

Observação 13.ª

Ouçamos agora o Annotador sim em outro parrafo. » Advirta-se, *diz elle*, em ultimo logar, que em nenhum » historiador por nós conhecido, quer arabe, quer Chris» tão, d'aquelle tempo, ou dos immediatamente proxi» mos, se acha mencionado o successo de Ourique, sem » exceptuar o proprio Rodrigo de Toledo, que na sua » historia das cousas de Hespanha, dedicou um capitu» lo especial (L. 7 c. 6) *ás batalhas insignes do Rei de* » *Portugal, Affonso* (1). » — Continúa a mesma tactica de argumentar sediça e revoltante. Quem não póde, diz o ditado, trapacêa!... E na verdade toda a bagagem, ou farragem pseudo-argumentativa, que o Annotador acarretou para o campo da polemica contra a façanha de Ourique, não é mais que uma desenxabida e mal alinhavada trapaça. No decurso do seu tão extravagante, como infundado scepticismo contra um facto, cuja existencia e grandeza ninguem ainda combateu; não encontrando argumento positivo, a que se atenha; vai acastellar-se na sophistica e phosphorica guarida dos arguméntos negativos. Este sulterfugio porém denota a mais inqualificavel ignorancia dialectica!.... Quem não sabe sim que um argumento negativo nada é ao pé de um argumento positivo?.... Que importa pois que nenhum historiador quer *arabe* quer christão d'aquelle tempo, ou dos immediatamente proximos ao grandioso successo de Ourique, dos conhecidos pelo annotador, não faça menção d'elle? E' acaso condição essencial, para que o facto de Ourique seja verdadeiro, o dever ser contado por todos os historiadores Arabes e Christãos, que o Annotador conhecesse? Não; sem duvida. Do silencio dos historiadores arabes, que o annotador conhece, não se póde inferir que os outros, que elle não conhece não fallassem do memoravel successo. E na verdade não fallam positivamente da Batalha de Ourique os historiadores arabes, de que faz menção o Author do *Exame Historico?* E conhecia-os por ventura o annotador? Mas que admira; se o annotador é perfeitamente hospede, superla-

(2) Nota XVI, pag. 486.

tivamente idiota na lingua arabe!.... Como assim?.... Não falla elle a cada passo em historiadores arabes, como se fôra algum *Golio*, *Herbelot*, ou *Sacy*, algum *Sousa*, *Moura*, ou *Rebello?* Assim é; porém todo este espalhafato não passa de um ostentoso charlatanismo! E' bem de vêr por tanto o credito que merece um tal escriptor, quando á bocca cheia nos vem sophismar com o silencio dos historiadores arabes *por elle conhecidos!....*

Quanto ao silencio dos historiadores Christãos *dos tempos da Batalha de Ourique*, ou *immediatamente proximos*; quem não vê que o annotador é desmentido pelos proprios testemunhos, que elle refere em a Nota, a saber: pelo *Chronicon Lamecense*, *Conimbricense*, *Chronica dos Godos*, *Vida de S. Theotonio*, e *Inquirição* sobre a questão da primazia entre Braga e Toledo? E quererá elle que estes cinco testemunhos positivos percam a sua força só pelo seu imaginado argumento negativo? Debalde se afadigará o novador! O seu esforço só lhe ha de produzir irrisão!...

Quanto ao silencio que guardou Rodrigo de Toledo na sua Obra — *De rebus Hispaniæ*; — quem jámais se lembrou de similhante argumento negativo para pôr em duvida a existencia, e grandeza da Batalha de Ourique? Ninguem. Nem era possivel caber em cabeça de homem de critica um tão excentrico desencaixe. E' verdade que o mencionado escriptor dedicou, como diz o annotador, um capitulo *ás batalhas insignes do Rei de Portugal, Affonso.* Que se segue d'ahi? Que devia fazer menção no tal capitulo da Batalha de Ourique. Não fez menção de tal. Que se infere do seu silencio? Que o historiador faltou ás leis da historia; e nunca que o facto não fosse verdadeiro; pois que assás o testificam monumentos de cunho positivo, e authentico. E que admira que um Escriptor Hespanhol omittisse de proposito um facto, que trouxe comsigo a emancipação de Portugal do dominio da Hespanha? Um facto, que (se bem nenhum escriptor hespanhol ainda desmentiu) não era d'aquelles que os Escriptores da Nação visinha com mais gosto mencionariam em suas Obras.

Porém que? Não é o proprio annotador que confessa que um *argumento negativo* nada prova? Sem duvida. Eis-aqui as suas palavras: » *E' um argumento ne-*

» *gativo, que nada prova contra a realidade do aconteci-*
» *mento attestado por escriptores nacionaes e coevos* (1). »
Isto segue-se ao que mais acima se transcreveu. Que é isto? Não é o proprio annotador, que a si mesmo se redargue? Por certo que é. Sim; confessa que o argumento negativo nada prova *contra a realidade do acontecimento attestado por escriptores nacionaes e coevos.* — Mas como é que *em nenhum historiador* por elle *conhecido, quer arabe, quer christão, d'aquelle tempo ou dos immediatamente proximos, se acha mencionado o successo de Ourique*; segundo o Notographo escrevêra no principio do paragrafo que analysamos; e agora se assevera a *realidade do acontecimento attestado por escriptores nacionaes e coevos?* Vê-se pelo menos que no segundo trecho reconhece a attestação da realidade do *acontecimento* de Ourique por *escriptores nacionaes e coevos*, que nega em o primeiro! Está por conseguinte o Author da Nota em manifesta contradicção com os seus principios, com os seus argumentos!...

Porém elle não fica aqui. Dá uma coarctada. E qual é ella? Está nestas palavras, que immediatamente se seguem ao logar que acabámos de copiar = *mas que nos parece mostrar quanto ainda na primeira metade do seculo XIII elle estava longe de fazer o ruido e ter a importancia, que em eras posteriores se lhe attribuiu* (2). = Parece-lhe que se o argumento negativo nada prova contra a *realidade do acontecimento*, comtudo mostra quanto ainda na primeira metade do seculo XIII elle estava longe de *fazer o ruido*, e ter a *importancia* que depois tivera. — O Author da insulsa e inconsequentissima Nota nada aproveita, nem consegue com a coarctada, antes visivelmente mostra que está fóra da questão. Que vem sim para o caso que o successo de Ourique na primeira metade do seculo XIII estivesse longe de fazer o *ruido*, e ter *a importancia* que depois tivera, ou se lhe *attribuíra?* Que tem a veracidade do successo, e da sua grandeza com *o ruido*, e *importancia*, que *em eras posteriores* depois tivera? Acaso o valor e apreço do successo, considerado em si mesmo, não é cousa muito diversa do

(1) Nota XVI, pag. 486.
(2) Nota XVI, pag. 486.

ruido, e *importancia*, que pelos tempos adiante pôde o mesmo successo adquirir? E' sem questão. O que é da essencia nada tem com os modos accidentaes. (1). — Além d'isto o Annotador pela sua maneira de fallar dá margem a colligir, que não obstante elle affirmar que na primeira metade do seculo 13.º o successo de Ourique estivera mui longe de fazer o *ruido e ter a importancia*, que *nas eras posteriores se lhe attribuiu*; nem por isso nega que o tal successo antes d'esse tempo fizesse já algum *ruido* e tivesse alguma *importancia*: Illação, que, mal podendo deixar de ser admissivel, é manifestamente opposta á these, que elle tem sustentado contra o valor e subida estima, que todos tem dado áquelle grande feito bellico: a esse monumento de gloria, ao qual o seu antagonista não se pejára de aviltar, dando-lhe até por desprezo e chacota o nome de — *bulha!* (2).

Dêmos porém que o successo de Ourique ainda na primeira metade do seculo XIII não fizesse aquelle *ruido*, nem tivesse aquella *importancia* que nas *eras posteriores* se lhe *attribuiu*. Acaso é condição essencial, para um successo ser grande, o *attribuir-se-lhe* logo no seu nascimento toda a importancia que possa ter; ou o fazer um *ruido* igual ao das *eras posteriores?* Se esta condição fosse essencial para qualquer successo ser grande e importante; então não haveria successo algum, ou pelo menos seria mui raro aquelle successo, que como tal podesse ser qualificado. Qual é o successo, que apenas nado ou existido faz logo todo o *ruido* possivel, e chega de salto ao auge d'aquella *importancia* que as *eras posteriores* lhe sóem attribuir? Fallamos do *ruido*, e *importancia* extrinseca, que é aquella de que manifestamente falla o annotador. Este *ruido* ou arruido e *importancia* externa ou de caracter puramente accidental, procede só da grandeza da fama, que o acontecimento, de seculo para seculo vai ganhando; e mais ainda da penna dos historiadores, que nem sempre os tem havido no tempo, em que tiveram logar muitos dos grandes successos. Como queria pois o annotador que o successo de Ourique, acon-

(1) Veja-se a *Quarta Parte* desta Obra, pag. 41, 42 e 47.
(2) No Jornal — A Semana, N.º 10.

tecido em um seculo de barbaridade e ignorancia, em que a historia apenas se esboçava em singelos e resumidos *Chronicons*, fizesse o mesmo *ruido* e tivesse a mesma *importancia*, que depois nas *eras posteriores* lhe deram os historiadores classicos da nação? Não era possivel. Todavia é uma prova incontestavel da grandeza da Batalha de Ourique o vêr que todos os escriptores, que d'ella em todos os seculos tem fallado, em nada tem detrahido o merito, e a excellencia intrinseca do famoso feito. Não é uma ficção, que o andar dos tempos destruisse. *Commenta delet dies.* E' axioma do Orador Romano (1).

Fez porém a Façanha de Ourique todo aquelle *ruido*, e teve toda aquella *importancia*, que poderia ter logo no seu seculo, conforme se achava então o estado da litteratura historica. D'ella pois fallou, caracterizando a sua grandeza a Chronica dos Godos (Exemplar de André de Rezende), que segundo o illustre Oratoriano Pereira de Figueiredo, traz evidentes signaes de que foi escripta no mesmo seculo XII em que floreceu El-Rei D. Affonso Henriques (2); bem como depois o *Summario*, ou *Compendio* da mesma Chronica, que é escripto já no XIII seculo; segundo o mesmo Pereira de Figueiredo, depois do anno de 1212 (3). Já acima advertimos que o escriptor da Nota fizera este Summario (que é o Exemplar d'Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra) *coevo dos tempos que memora* (4). Indo com este erro, que se inculca como verdade, temos n'aquelle Summario um Testemunho contemporaneo da Batalha de Ourique, que até pela simples fórma como está concebido assás denota a grande importancia de um tal feito. — E' um argumento *ad hominem*, que tem aqui todo o logar, embora não seja necessario!

E' tambem do seculo 12.º o *Chronicon Lamecense*, o *Chronicon Conimbricense*, e a *Vida de S. Theotonio*, todos Documentos que cada um por sua maneira testificam a grandeza do successo. — E' coeva com a Batalha de Ourique a testemunha do depoimento, que figura na

(1) De Nat. Deor. l. 2. cap. 2.
(2) Elog. dos Reis de Portug. Nota 2.ª
(3) Elog. dos Reis etc. Nota 12.ª
(4) Nota XVI, pag. 483.

Inquirição sobre a questão de primazia entre Braga e Toledo. — Quem não vê outrosi ou não sabe, que os citados documentos do seculo 12.º serviram de base solida e fundamental ao *ruido*, e *importancia*, que depois tivera *nas eras posteriores* o acontecimento de Ourique?

Observação 14.ª

Vamos ao ultimo objecto de observação. Eis-aqui o seu thema: » Discutir todas as fabulas, que se prendem » á jornada de Ourique fôra processo infinito. A da ap- » parição de Christo ao principe antes da batalha estri- » ba-se em um documento tão mal forjado, que o me- » nos instruido alumno de Diplomatica o rejeitará como » falso ao primeiro aspecto (o que facilmente poderá » qualquer verificar no Archivo Nacional, onde hoje se » acha).» (1) Perguntaremos que numero de fabulas é esse tão estupendo, e tremendo, que se *prendêra á jornada de Ourique, a discussão de todas as quaes seria um processo infinito?* Acaso poderá sustentar-se um tão exaggerado, e aereo enunciado, sem se fazer vêr que o numero d'aquellas fabulas é tão grande e variado, que, para chamal-as todas á discussão, seria preciso encher algum volumoso e latifolio livro ou pelo menos um bem pançudo cartapacio? Quem disser o contrario desconhece perfeitamente o que quer significar a expressão — *processo infinito.* E poderá fazer vêr o annotador a tal inaugurada *infinidade?* Nunca; por mais que romantize! — Para que ha de pois o historiador e Author da Nota, que aspira ás honras de prototypo, avançar exaggerações, que não póde demonstrar? E' esta a circumspecção com que deve escrever qualquer historiador ou Annotador, ainda o mais reles; quanto mais aquelle que se tem em tão guindada polpa? Quem assim historîa e annotiza dá mais um adeos ao credito, que os intelligentes, alheios a parcialidades, n'elle deviam ter ou lhe deviam prestar!.... Vamos porém á especialidade.

Affirma o Annotador que a fabula *da Apparição de Christo a D. Affonso Henriques* funda-se em um *docu-*

(1) Nota XVI, pag. 486.

mento tão mal forjado, que o menos instruido alumno de Diplomatica o regeitará como falso. Como é isto? Pois não conheceram essa falsidade tantos homens de primeira ordem em erudição e critica, nos seculos precedentes, e agora *qualquer alumno menos instruido de Diplomatica* é bastante para a conhecer? Porque ha de ter agora essa habilidade o *alumno menos instruido em Diplomatica*, que não tiveram então homens tão instruidos n'ella? Acaso o *alumno menos instruido em Diplomatica* terá hoje mais recursos para conhecer a falsidade do Juramento de D. Affonso Henriques, do que tiveram outr'ora tantos homens sabios e eruditos para reconhecer a sua authenticidade? Um *alumno de Diplomatica o menos instruido* ao pé de um Brito, um Brandão, um Pereira, um Cenaculo e outros muitos, é uma burla, uma completa irrisão!.... Um Cenaculo sim... E quem ignora que foi o grande Bispo de Beja, D. Fr. Manuel do Cenaculo, que no reinado d'El-Rei D. José promoveu o estudo da Diplomatica, fazendo com que no Real Archivo se estabelecesse em 1775 uma cadeira de Paleographia (1)? E um homem d'estes não seria mais capaz de julgar do Documento em questão, do que o tal alumno *menos instruido em Diplomatica?* Não será mais valente o voto de tão grande homem, do que o do alumno *menos instruido* na sciencia ou arte de avaliar os antigos Diplomas? Só a mais botecuda ignorancia, ou a mais depravada e nauseante antipathia é que poderá asseverar o contrario!...

Temos a Diplomatica innovadora contra a torrente diplomatica dos seculos precedentes, que reconheceu por authentico o Juramento de D. Affonso Henriques; e qual dos votos se deve preferir? Ha de rejeitar-se o voto dos primeiros, porque eram menos sabios e eruditos na materia? Não o concedemos, nem o devemos admittir, sem de um modo analytico nos mostrarem o contrario. — Dá-se sim por apocrypho, e fingido um instrumento, que os antigos e modernos eruditos, ainda neste seculo, tiveram por genuino; ora prescindindo mesmo do parallelo entre os dois pensares; não será bastante

(1) Vid. Dissert. Chronol. de J. P. Ribeiro, Dissert. X, pag. 13.

esta divergencia, sustentada de uma parte pela flor das sciencias da velha Monarchia, a que ainda no presente subscrevem seguidores conspicuos, para constituir uma opinião fundamentada? Ninguem o poderá negar — sendo isto assim; como se poderá dar o nome de *fabula* ao que tantos homens de sciencia com conhecimento de causa tiveram por verdade? Não é este o caracter do que se chama fabula?....

Além d'isto como se poderá intitular de fabula um acontecimento, que um dos Pontifices mais illustrados, que tem tido o Orbe Catholico permittio, que se incorporasse em uma das lendas do Breviario Romano? Se o so Benedicto XIV era homem tal que, ainda hoje geralmente considerado como sabio, não digo já como Cabeça Supremo da Santa Igreja, consentisse que se publicasse debaixo da sua authoridade uma fabula, um successo fantasiado, ou sem fundamento algum pelo menos de realidade provavel, como objecto de pia crença? Affirmal-o seria o maior insulto á sciencia, á honra, ao saber de tão veneranda Summidade.

» Parece, *continúa*, na verdade incrivel que tão
» grosseira falsidade servisse de assumpto a discussões
» graves (1). » O que parece incrivel é que escreva um historiador portuguez que désse o nome de *grosseira falsidade* á pia crença da Apparição de Christo a D. Affonso Henriques! — Que entenderá o historiador por *falsidade grosseira*? Por certo que não poderá entender senão uma falsidade tão alambazada e descommunal, que qualquer ainda o mais idiota, e boçal não possa deixar de a conhecer. Ora se isto assim é, nem póde deixar de ser, olhada a força do epitheto, segue-se que muitos portentos de erudição e talentos illustres, que admittiram, e sustentaram a veracidade do facto, eram uns estupidos e materialidade, ainda, para peior, acima do denominado superlativo. Quem todavia similhante absurdo, hyperbole tão repugnante póde proferir sem se deprimir, e insultar a si proprio? ... Quando é porém que uma *falsidade grosseira* deu assumpto a discussões graves? Tal antithese é uma chimera. Quem ha que formas discussões

(1) Nota XVI, pag. 486.

graves sôbre tal objecto, tomando-o como assumpto d'ellas, a não ser um mentecapto? E seriam mentecaptos os profundos eruditos, que discutiram o assumpto da Apparição de Christo ao primeiro Monarcha de Portugal? O annotador é que está em contradicção *grosseira* contra todo o bom senso!.....

Ouçamol-o ainda mais: » Quem, todavia, desejar » conhecer a impostura d'esse documento famoso, con» sulte a Memoria de Fr. Joaquim de Santo Agostinho » (Mem. de Litter. da Acad. Tom. 5 pag. 335), as Dis» sertações Chronologicas (Tom. 1 Diss. 2.ª pag. 60 e » segg. e T. 3 pag. 1 n.º 187) e as Memorias da Aca» demia (T. 12 P. 1 pag. 75 e segg.) (1). » Que é isto? Pois Fr. Joaquim de Santo Agostinho não admitte a Apparição, porque nega que o Diploma do Juramento seja verdadeiro? E' falso... Antes pelo contrario elle declara que *longe de impugnar a verdade da Apparição de J. C. ao Grande e Pio Monarcha D. Affonso Henriques, se tinha encarregado de a defender mais de uma vez* (2). Diz mais: Que tendo *todos os fundamentos para asseverar com summa probabilidade ou certeza que o tal Diploma era apocrypho, ou apographo*; comtudo julga haver *todas as provas para affirmar com muita probabilidade que existiu Documento; e para affirmar com certeza que existiam Tradições, e em consequencia o Facto* (3).

Que direi do erudito Author das *Dissertações Chronologicas*? Hei de dizer o mesmo; visto que a respeito do Diploma do Juramento de D. Affonso Henriques indistinctamente se reporta ao que sobre a materia escrevêra Fr. Joaquim de Santo Agostinho, e ao Elucidario de Viterbo (4). Já expozemos o sentir do primeiro sobre a Apparição. Vejamos agora o que escreve Viterbo. » *Não havendo*, diz elle, *logo em Alcobaça similhante* » *Juramento* em tempo de Brito, alli se formalisou de» pois com as Notas insanaveis de falsidade, *não em*

(1) Nota XVI, pag 486.
(2) M. de Litt. tom. 5.º pag. 336. Nota (b).
(3) No mesmo logar acabado de citar.
(4) *Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao systema de Diplomatica Portugueza etc*, pag. 141 e 142; e bem assim Dissert. Chronol, tom. 3.º P. 1.ª, pag. 64, em a Nota.

» *quanto á Apparição de Christo, de que não duvidâmos*; » mas sim em quanto á legitimidade do Instrumento, a » que não subscrevemos, etc. » (1). Em outra parte affirmando que o Pergaminho de Alcobaça se não é *apocrypho*, não passa de *apographo*, declara que não quer dizer *que não* houvesse o tal *Juramento* (2). — Mais adiante: » Não foi logo a Epocha da Batalha de Ourique o » resultado de uma Tradição *devota* e *interessada*; pois » ainda no seculo XIII se não tinham controvertido, » nem a Apparição, e Promessas de Jesus Christo, nem » as Pretensoens mal assombradas e peior succedidas de » Castella. Escreveo se unicamente o que podia interessar os vindouros com a noticia de um Acontecimento tão memoravel, e honroso: Acontecimento, que » até os Emulos da gloria Portugueza se não atrevêrão » a negar até o presente dia; negando só, que ali baixasse aos olhos do nosso Principe o Rei da Gloria, » Immortal e Invisivel. Bem sabemos nós as manqueiras de Gaspar Alvares Lousada (3); porém a Tradição de todos os lugares, de todas as Pessoas; e de todos os tempos não poderá indemnisa-lo de qualquer » nota de menos verdadeiro? (4). » Mas para que são estes logares acabados de copiar; se elle (o Author do Elucidario) já antes tivera escripto: » O Impugnador da » Batalha de Ourique não tem respeito algum á Tradição » e a mais auctorizada e constante; de que o *Senhor dos* » *Exercitos é Dador dos Imperios foi o mesmo que apparecendo ao glorioso Chefe da Real Casa Portugueza, de* » *cara a cara lhe assegurou a victoria*: etc. » (5)? — Quando porém se admitta que o eruditissimo Author das *Dissertações Chronologicas* negasse por todas as fórmas a realidade da *Apparição*; fica sempre indubitavel que elle qualificára a Batalha de Ourique com os epithetos ora de — *Gloriosa* ora *Celebre* (6). Isto testifica, contra o me-

(1) Elucid. pal. Cruz, pag. 329.
(2) Elucid. pal. Ladera, pag. 79, nota.
(3) Veja-se a biographia deste Antiquario, que vem na Bibliotheca Lusitana, tom. 2.°, pag 329 etc.
(4) Elucid. na pal. Ladera, pag. 80.
(5) Elucid. pal. Ladera, pag. 78.
(6) Dissert. Chronol. tom. 2.° pag. 117.

noscabador da grande façanha, o devido conceito, em que elle, olhado meramente como facto de caracter humanamente historico, tivera a Batalha de Ourique.

Resta-nos vêr o que dizem as Memorias da Academia no logar que fica apontado pelo Annotador. E' o Academico *Antonio de Almeida* que ahi figura. E o que faz elle? Este critico passando além do fito do que se propunha (que era mostrar os Erros Historico-Chronologicos de Fr. Bernardo de Brito na Chronica de Cister) não só barafusta contra o Diploma do Juramento, que Brito desencantoára; mas até increspa-se inexoravel contra o argumento da Tradição, que os dois precedentes escriptores (Fr. Joaquim de Santo Agostinho, e Fr. José de Santa Roza de Viterbo) admittem como legitimo fundamento de pia crença da *Apparição.* — Depois de mencionar que as *provas que adduziram Antonio de Sousa de Macedo e D. Antonio Caetano de Sousa sobre este objecto, não sobem além do principio do 16.º seculo, e as de Antonio Pereira de Figueiredo até o anno de 1415, ou um seculo anterior áquelle a que chegaram os sobreditos Authores;* assim discursa: » A fórça porém d'este » argumento só confirma a verdade da antiguidade da » tradicção, e não a verdade do facto, porque aquella » póde falhar, ou ser alterada pela diuturnidade de tres » seculos, pela negligencia de fazer memoria dos factos, » e pela propensão ao maravilhoso, que dominava os » Portuguezes d'aquella épocha (1). » — Que maneira, que fórma é esta tão vesga, travessa e avessa de discorrer? Com tal panacéa de sofismas ou antes de ineptias não haveria tradicção que verdadeira fosse, e que alguma cousa provasse!.... Não se duvide..... — Qual será porém a razão porque o argumento, que confirma a verdade da antiguidade da tradição, não ha de ao mesmo tempo confirmar a verdade do facto que ella transmitte? Acaso a antiguidade da tradição não mostra muitas vezes a verdade do facto que é objecto d'ella? Não ha doutrinas mesmo dogmaticas (das que são outros tantos factos) cuja verdade se demonstra pela indisputavel e reconhecida antiguidade da tradição? Ninguem o póde

(1) Memorias da Academia etc. Tom. 12. P. 1.ª, pag. 83.

duvidar. Aquella asserção pois sobre ou contra a força do argumento da tradição em these não é exacta; póde até ser heterodoxa!

Vejamos agora os fundamentos do tal Academico, considerada a tradição na hypothese, de que se trata. E' porque *aquella* (a tradição), arrezôa elle, póde falhar, ou ser alterada: 1.º Pela diuturnidade de tres seculos. 2.º Pela negligencia de se fazer memoria dos factos. 3.º Pela propensão ao maravilhoso, que dominava os Portuguezes d'aquella épocha. — Quem não vê que todo o arrezoado é de um caracter altamente conjectural, e que não passa de um puro, e gracioso *póde ser?* Um *póde ser* porém em dialectica é uma generalidade reconhecidamente desprezivel! Não basta que a cousa esteja na massa dos possiveis, é preciso que pertença ao mundo das realidades, para ser fulcro de alguma baseada conclusão. O argumento por tanto da tradição, sustentado aliás por aquelles mesmos, que negam a veracidade do Instrumento da Apparição, não se destroe com tão illusorias fantasmagorias.

Apezar comtudo de um tal e tão pronunciado acirramento d'este Author contra a Apparição, elle não desce á acintosa animosidade de aviltar, como o annotador fizera, a grandeza da Façanha de Ourique. Pelo contrario elle a qualifica de *victoria memoravel: tão difficil na sua execução, que se attribue a soccorro divino, divina se protegente gratia* (1). Em outra parte exprime-se desta maneira: » A batalha do *Campo d'Ourique* não é me» nos celebre do que as de *Clavijo* e das *Navas de Tolo-* » *sa* pela multidão de barbaros que n'ella concorreram, » e pelo destroço que elles soffreram (2). » Registre mais o annotador no seu *memorandum* estes dois lembretes!...

Ainda não cessa todavia ao Annotador a mania de barafustar contra tudo o que cheira a Batalha de Ourique. Sabe que nas Côrtes de Lamego se faz menção da Batalha de Ourique, e que todos os que se acharam n'aquella grande lide foram reconhecidos por nobres: *Omnes illi qui fuerunt in lide magna de Campo Dauriquio*

(1) Mem. da Acad. Tom. 12, P. 1.ª, pag. 85.
(2) Mem. da Acad. Tom. 12. P. 1.ª, pag. 95.

sint tanquam nobiles; que ha de fazer? Salta a pôr, e a alastrar de pechas, e sobre-pechas ao pobre Diploma, que é a victima, e, quer queiram, quer não queiram os seus advogados, lá vai rebolindo sem appellação, nem aggravo para o elencho dos *partos* forjados na offitina dos *falsarios!...* Porém concedamos que o Diploma, de que se trata, seja devidamente incluido no tal elencho, como á finca pretende *O Exame Critico das Côrtes de Lamego por Antonio do Carmo Velho de Barbosa*; acaso póde isso influir alguma cousa relativamente á existencia, e grandeza da Batalha de Ourique? Nada absolutamente. A existencia, e grandeza da Batalha de Ourique tem Documentos em seu favor acima de toda a excepção, como temos feito vêr. A lembrança pois de acarretar a falsidade do Diploma das Côrtes de Lamego para fazer brecha na Batalha de Ourique, é de uma exoticidade das mais absurdas! Porém que digo? O Annotador offereceu materia contra si proprio. Confessa que *desde o* 17.º *seculo as Actas das Côrtes de Lamego* contidas no tal Diploma passaram a ser *consideradas como leis fundamentaes do nosso paiz*. Bem. Pois se em uma d'estas leis se acha designada a Batalha de Ourique com a qualificação de *grande* (*in lide magna de Campo Dauriquio*), segue-se que este antigo epitheto dado a um tal feito bellicoso, longe de ser negado ou regeitado, foi publica, e solemnemente confirmado pela posteridade, desde o 17.º seculo. Assim por um novo motivo fica redarguida a *intentona* do Annotador, que tão desaforadamente insistiu em reduzir a Batalha de Ourique á aviltante idéa de *minimorum minima!....* Clamarão porém contra o barbaro assassinio commettido contra o primeiro Brazão da gloria Nacional tanto a descendencia dos Reis, como as linhagens dos vassallos, que da grandeza do Feito heroico tiram a origem, os titulos illustres da sua alta nobreza.

Conclusão.

Do que temos escripto no decurso desta Obra evidentemente se está colligindo: Que assás fica revendicada, contra uma tão falsa, e inaudita innovação historica, a verdadeira consideração cathegorica, em que sem-

pre fôra havida e reputada tanto nos Annaes do paiz, como fóra d'elle a *Batalha* de Ourique. — Prezamo-nos, com este espinhoso trabalho, de ter feito um serviço á historia patria; de ter rendido homenagem justa e sincera a uma recordação tão gloriosa para a Nação e Monarchia Portugueza: ao tymbre sim e lustre principal do seu protentoso berço; o qual de um modo tão tacanho, e cheio da mais crassa ignorancia, se pretendia avilltar! — Foi um attentado de cunho inaudito, que era indispensavel rebater com vigor e energia. Foi um insulto, um escandalo em desabono do primeiro Monumento immortal do valor portuguez, que não deveria ficar impune! Um livro ou antes um monstro de tal especie, que tão ancha, e desaforadamente desacata a verdade historica, tão compacta e unanimemente reconhecida por nacionaes e estranhos, é um libello de infamia altamente digno de ser lançado ás chammas pela mão do algoz. O ministerio publico devia estender mesmo a sua alçada contra taes pasquinadas, que se capêam com o nome de Historia de Portugal.

Quanto ao successo theocratico da Appariçãо, que accidentalmente discutimos; se bem que seja controverso, tenha, ou não tenha documento coevo e authentico que o assegure; acha-se elle sem duvida escripto, e mencionado em a Historia do paiz, compaginado por Authores, que viveram ainda muitos annos do seculo 15.º; tempo, em que o Diploma do Juramento não era ainda conhecido. — Seria invenção dos historiadores? (1). Não basta só asseveral-o, é preciso inconcussamente proval-o. Que pede logo a critica? Que se acredite que elles tiveram algum fundamento, em quanto se não mostrar o contrario. Que qualidade de fundamento? Fundamento leve? E' preciso mostrar-se primeiro a leviandade do escriptor. Em quanto se não mostrar, pede igualmente a critica que se presuma que quem escreve tivera algum fundamento grave, ou pelo menos plausivel para tal escrever. Qual seria esse fundamento a que se ativeram os escriptores da maravilha? Podia ser o de al-

(1) Referimo-nos a Duarte Galvão, e a Christovão Rodrigues Azinheiro.

gum Diploma authentico, que por ventura depois se perdêra, ou o da tradição constante, que tinha passado de pais a filhos. Tudo isto é, *dirão*, tambem conjectural. Seja. Porém é esta a unica, e devida opinião que se deve ter de qualquer escriptor, quando não ha provas positivas que a contradigam. Isto basta para constituir o que se chama probabilidade intrinseca do facto. — Quanto á probabilidade extrinseca; não será facil apontar facto algum historico dentro do paiz, que tenha tido tantos campeões mais insignes em litteratura, que tomassem a sua defeza. — Estariam estes homens todos tão illudidos, que não conhecessem, que estavam servindo de ludibrio e escarneo a todo o mundo, sustentando uma fabula, uma patranha, que nenhum fundamento historico tinha? Uma illusão de tal magnitude é que todos os julgadores imparciaes hão de ter por uma refinada fabula! Quando uma inculcada, ou affigurada fabula tem sustentaculos de tão elevada illustração, que propugnam pela sua real existencia, se, em hypothese, o é, deixa para logo por tal fundamento de o ser. E' antes o elemento, ou thema de uma opinião historica. — E com que outra physionomia apparecem no campo da polemica as materias controversas, ou de caracter opinativo?

E' na verdade innegavel que a pia crença da *Apparição* obteve e conserva o maior grão de probabilidade extrinseca; e ganha por este lado a mais completa victoria sobre os seus antagonistas. E' uma opinião nacional a mais pronunciada possivel. Assim o publicam os escriptos de todo o genero de sabios. — E' pois só a questão; se a maravilha tem ou não probabilidade emanada de boa, e irrefragavel origem? Sustentam a torrente dos sabios que a tem, fundados tanto no Documento que a fracção innovadora rejeita; como tambem na tradição immemorial sempre mantida em toda a Nação. Este segundo fundamento é admittido ainda por aquelles, que negam a authenticidade do Diploma do Juramento. Com taes precedentes é manifesto, e desabrido insulto, feito a uma das mais antigas, e venerandas crenças patrias, o dar-lhe o atrevidissimo nome de *fabula*.

A verdade é que de todos os historiadores modernos, que teem tido a mania de julgar da existencia, e reali-

dade dos factos, medindo-os unica e exclusivamente pelo compasso e esquadria do tão inculcado *Racionalismo*, por outra *Kantismo*; nenhum d'elles ainda se pronunciou de um modo tão intolerante e hostil contra a persuasão de um só objecto theocratico, que fosse de commum e universal nacionalidade.

Nenhum dos que tem negado a theocracia das circumstancias, outrosim pôr isso se conspirára contra a grandeza real e comprovada do successo, de que ellas eram meramente accessorios. — Haja vista, para não ficar sem exemplo, a Ch. *Romey* quando faz menção da Batalha das Navas de Tolosa; não obstante não ser favoravel ás circumstancias que a divinisam (1) (2). — *Grande acontecimento* (lhe chama elle, quando termina a narrativa) » para perpetuar a memoria do qual se ordenou » que todos os annos, a 16 de Julho, se celebrasse na Igre- » ja de Toledo uma festa, a que se deu o nome de Trium- » pho de Santa Cruz, festa que se estendeu depois a to- » das as Igrejas de Castella, e Leão (3). »

O Author da Historia de Portugal quiz porém com o seu *imcomparavel prototypo* aspirar ás honras de — *introuvable!*....

A' vista do que fica patente, e demonstrado haverá ainda alguem que se atreva a ataviar o Author da *extravagante Historia de Portugal* com os epithetos de: *Profundissimo litterato — Historiador vastissimo — Consummado Antiquario — e sublime em tudo que sahe da sua penna, embora se hajam arrojado a pretender contestar-lho algumas linguas maledicas*, etc. etc. (4)? Ainda

(1) Entre os sabios de reconhecida critica, que todavia estiveram pela theocracia deste grande Feito, contamos a *Pereira de Figueiredo*, no Opusculo *Novos Testemunhos da Milagrosa Apparição etc.*, pag. 40. — Veja-se tambem o *Compendio das Epocas etc.* pag. 267.

(2) Histoire d'Espagne, Tom. 8.º, pag. 284 e seguintes.

(3) » Pour perpetuer la memoire de ce grand événement, il fut » ordonné que tous les ans, le 16 Juillet on celebreroit dans l'église » de Toledo une fête, à laquelle on donna le nom de Triomphe de » de la Croix, fête, qui s'est étendue depuis à toutes les églises de » Castille et Leon. » (Histoire d'Espagne, tom. 6, pag. 286).

(4) Em a *Nação* de 12 de Agosto de 1864; na Correspondencia particular.

debaixo do involucro de anonymo torna-se intoleravel tão desenvolta e putrida adulação!....

Quanto ás doutrinas historicas, que sustentámos na *Contraposição Critico-Historica*, todas ellas estão de acordo com os mais luminosos artigos, que um dos illustres Membros da *Academia Real da Historia Portugueza* antigamente estabelecêra como regras invariaveis, que systematicamente se deviam adoptar nos escriptos historicos. São elles: 1.º » Não fazer caso algum de argumentos » puramente negativos. » 2.º » Não dar credito algum » na Historia a Author moderno contra o antigo, senão » quando provar o seu dito com instrumento mais anti» go, que o Author authentico, sincero, e sem vicio, e » mais antigo que o Author impugnado. » 3.º » Não » dar credito a Authores, que levemente creem tudo, e » muito menos *aos que temerariamente negam tudo.* » 4.º » Não dar credito a Author preoccupado da inveja, » ou da emulação. » Estes artigos correspondem ao 3.º, 7.º, 9.º e 10.º dos doze principios, ou maximas, que o P. *D. Manoel Caetano de Sousa* promette seguir em seu systema historico. (Vej. o Tom. 1.º da *Collecção dos Documentos etc. da Academia Real da Historia Portugueza* etc. anno de 1721; Conferencia de 9 de Outubro).

Quanto ao principio da sobrenaturalidade attribuida pelos historiadores a alguns factos de caracter maravilhoso, de que fazem menção em seus Escriptos; e nomeadamente os nossos quanto ás circumstancias theocraticas da Batalha de Ourique; deveria o Author da *anomala* Historia de Portugal ter presente o que deixára escripto em uma erudita Memoria certo sabio e mui critico Academico francez no primeiro quartel do seculo passado. E' elle Mr. *Fréret*, que muito longe está de merecer a pecha de pertencer ao corrilho do *fossilismo:* » A philosophia moderna, *diz elle*, ao mesmo tempo que » tem esclarecido e aperfeiçoado os espiritos, tem-os » todavia tornado algumas vezes muito dogmaticos e » muito decisivos. Debaixo do pretexto de não se ren» derem senão á evidencia, julgaram poder negar a exis» tencia de todas as cousas, que lhes custassem a conce» ber, sem fazer reflexão que não deviam negar senão » aquelles factos, *cuja impossibilidade é evidentemente de-*

» *monstrada*, isto é, que *involvem contradicção*. Além
» de que, não ha sómente differentes gráos de certeza
» e probabilidade, mas ha tambem diversos generos de
» evidencia. A Moral, a Historia, a Critica e a Physi-
» ca tem uma evidencia sua, como a Metaphysica e as
» Mathematicas; e seria injustiça exigir em qualquer
» destas sciencias uma evidencia de outro genero que
» aquella que lhe é propria. O partido mais prudente,
» quando a verdade, ou falsidade de um facto, que nada
» tem de impossivel em si mesmo, não está evidentemen-
» te demonstrada; o partido mais prudente, digo, seria o
» de contentar-se com o pôr em duvida, sem absoluta-
» mente o negar; mas a suspensão, e a duvida tem sem-
» pre sido e serão sempre um estado violento para o com-
» mum dos homens, mesmo philosophos. »

» A mesma indolencia d'espirito, que leva o vul-
» go a acreditar factos os mais extraordinarios sem pro-
» vas sufficientes, produz um effeito inteiramente con-
» trario nos philosophos. Tomam elles o partido de ne-
» gar factos os mais provados, quando acham algum
» custo em os conceber, e isto para se pouparem ao tra-
» balho de uma discussão, e exame fatigante. E' outro-
» sim por uma consequencia da mesma disposição d'es-
» pirito que elles affectam fazer tão pouco caso do estu-
» do dos factos e da erudição; acham elles muito mais
» commodo o desprezal-a que trabalhar por adquiril-a,
» e se contentam com fundamentar este desprezo em a pou-
» ca certeza que acompanha estes conhecimentos, sem
» pensar que os objectos da maior parte de suas investi-
» gações philosophicas de nenhuma sorte são susceptí-
» veis da evidencia mathematica, e não darão jámais
» logar senão a conjecturas mais ou menos provaveis,
» do mesmo genero que as da Critica e da Historia, e
» para as quaes não é preciso uma sagacidade maior,
» que para aquellas que servem para esclarecer a Anti-
» guidade. Além d'isto, elles deveriam fazer reflexão,
» que por interesse mesmo da Physica, e talvez ainda
» da Metaphysica, conviria aos philosophos o instrui-
» rem-se em muitos dos factos referidos pelos Antigos, e
» opiniões que elles tem seguido. Os homens em todos
» os tempos quasi que teem tido igual força de espirito,

» não teem elles differido senão na maneira de a empre-
» gar; e se o nosso seculo tem adquirido um methodo
» desconhecido da Antiguidade, como o pretendem al-
» guns; nós não devemos lisonjear-nos de ter dado por
» isso uma extensão de tanta magnitude a nosso espiri-
» to, que chegasse a ponto de dever absolutamente des-
» prezar os conhecimentos e reflexões d'aquelles que nos
» tem precedido (1). »

(1) » La philosophie moderne, en même tems qu'elle a éclairé
» et perfectionné les esprits, les a néanmoins rendu quelquefois trop
» dogmatiques et trop décisifs; sous pretexte de ne se rendre qu'à
» l'evidence, ils ont cru pouvoir nier l'existence de toutes les choses
» qu'ils avoient peine à concevoir, sans faire reflexion qu'ils ne de-
» vraient nier que les faits dont l'impossibilité est évideammcut de-
» montrée, c'est à-dire, qui impliquent contradiction. D'ailleurs,
» il y a non seulement différens degrés de certitude et de probabili-
» té, mais encore differens genres d'évidence; la Morale, l'Histoire,
» la Critique et la Physique ont la leur, comme la Métaphysique et
» les Mathématiques, et l'on auroit tort d'exiger dans l'une de ces
» sciences une évidence d'un autre genre que le sien. Le parti le
» plus sage, lorsque la verité ou la fausseté d'un fait qui n'a rien
» d'impossible en lui-même, n'est pas évidemment demontrée, le
» parti le plus sage, dis je, seroit de se contenter de le revoquer en
» doute sans le nier absolument; mais la suspension et le doute ont
» toujours été et seront toujours un état violent pour le commun
» des hommes, même Philosophes.
» La même paresse d'esprit qui porte le vulgaire à croire les
» faits les plus extraordinaires sans preuves suffisantes, produit un
» effet tout contraire dans les Philosophes; ils prennent le parti de
» nier les faits les mieux prouvées, lorsqu'ils ont quelque peine à
» les concevoir, et celà pour s'épargner la peine d'une discussion et
» d'un examen fatigant. C'est encore par une suite de la même dis-
» position d'esprit qu'ils affectent de faire si peu de cas de l'étude
» des faits et de l'erudition; ils trouvent bien plus commode de la
» mépriser que de travailler à l'acquirir, et ils se contentent de fon-
» der ce mépris sur le peu de certitude qui accompagne ces connois-
» sances, sans penser que les objects de la plûpart de leurs recher-
» ches philosophiques ne sont nullement susceptibles de l'evidence
» mathematique, et ne donneront jamais lieu qu'à des conjectures
» plus ou moins probables, du même genre que celles de la Critique
» et de l'Histoire, et pour lesquelles il ne faut pas une plus grande
» sagacité que pour celles qui servent à éclaircir l'Antiquité. D'ail-
» leurs, ils devroient faire reflexion que pour l'interêt même de la
» Physique, et peût être encore de la Métaphysique, il importeroit
» aux Philosophes d'être instruits de bien des faits rapportés par les
» Anciens, et des opinions qu'ils ont suivies. Les hommes ont eu à
» peu prés autant d'esprit dans tous les tems, ils n'ont différé que
» par la maniére de l'employer; et si notre siécle a acquis une mé-
» thode inconnue à l'Antiquité, comme le prétendent quelques-uns,

Lançou por ventura *Mr. Fréret* em rosto aos Antigos Historiadores o referirem *certos* prodigios, como estando persuadidos não sómente da sua verdade, mas ainda da sua ligação com os acontecimentos historicos, e isso porque elles os misturam ordinariamente uns com os outros? (1). Bem pelo contrario elle os desculpa. » E'
» facil, *reflecte Mr. Fréret*, responder a esta critica. Pri-
» meiramente quando fosse verdade que todos esses His-
» toriadores tivessem olhado os prodigios por tal modo,
» eu não sei se esta censura é bem fundada. A crença
» dos prodigios, e da adivinhação conjectural fazia uma
» parte da religião entre os antigos, e *não se deve vitu-*
» *perar um Historiador por não ter atacado em suas obras*
» *as tradições religiosas da sociedade, no meio da qual*
» *elle está; e para a qual escreve;* além de que este pro-
» ceder não é sempre uma prova d'elle estar assás per-
» suadido d'aquillo que escreve (2). »

Não muito depois confirma Mr. Fréret estas suas idéas, ou antes as repete. » Os (historiadores) mais sen-
» satos (são expressões d'elle) nos teem dito quanto bas-
» ta para nos ensinar que elles não faziam o papel de
» estupidos no que respeita á crença popular; mas quan-
» do elles o não tivessem assim feito, e houvessem de
» ser convencidos de se terem deixado levar d'ella, eu
» não sei, repetil-o-hei ainda, se elles deveriam ser di-

» nous ne devons pas nous flater d'avoir donné par là une étendue
» assez grande à notre esprit, pour qu'il doive absolument mépriser
» les connoissances et les reflexions de ceux qui nous ont précédés»
(Memoires de Litterature de l'Academie Royal des Inscriptions et Belles Lettres, tom. 4 º — Reflexions sur les prodiges rapportés dans les Anciens, par Mr. Fréret, pag. 435 etc.

(1) » On reproche aux anciens Historiens qu'ils rapportent ces
» prodiges comme étant persuadés non seulement de leur verité,
» mais encore de leur liaison avec les événemens historiques, et celà
» parce qu'ils les joignent ordinairement ensemble. » (Mem. de Litterature etc. tom 4 º pag. 433).

(2) » Il est facile de répondre à celle critique. Premiérement,
» quand il seroit vrai que tous ces Historiens eussent regardé les
» prodiges de cette façon, je ne sçais si c'est un reproche bien fondé.
» La croyance aux prodiges et à la divination conjecturale, faisoit
» une partie de la religion chez les Anciens, et l'on ne doit pas bla-
» mer un Historien pour n'avoir point attaqué dans ses ouvrages les
» traditions religieuses de la societé au milieu de l'aquelle il est, et
» pour laquelle il écrit; d'ailleurs ce n'est pas toujours une preuve

» gnos de censura por se pôrem do lado da religião do
» seu paiz, e terem crido com o resto de seus concida-
» dãos, que certos phenomenos raros e espantosos podiam
» ser signal da vontade divina (1). »

Estas judiciosissimas reflexões do celebre Academico francez, que nada tem de credulo, nem de superticioso, assás e de sobejo estão pulverisando o audacioso e anti-nacional empenho, que o Author novissimo da *Historia de Portugal* tanto tem mostrado em reduzir ao ultimo vilipendio as tradições theocraticas da sua Nação.

Recommendamos tambem em apoio das theorias de caracter fundamental, que temos sustentado com a nossa *Contraposição Critico-Historica*, a *Memoria* do mesmo Mr. Fréret que tem por titulo: *Reflexions sur l'étude des anciennes histoires, et sur le dégré de certitude de leurs preuves.* (Memoires de Litterature etc. de l'Académie Royale des Inscriptions et Belles Lettres, tom. 8.º pag. 146 e seguintes).

» qu'il en soit bien persuadé. » (Mem. de Litterature etc. tom. 4.º pag. 433).

(1) » Les plus sensés nous en ont dit assez pour nous apprendre » qu'ils n'etoient pas les dupes de la croyance populaire; mais quand » ils ne l'auroient pas fait et qu'ils seroient convaincus de s'y être » livrez, je ne sçais, pour le répéter encore, s'ils seroient fort blâ- » mables d'avoir été de la religion de leur pays, et d'avoir cru avec » le reste de leurs concitoyens, que certains phénomenes rares et » etonnans pouvoient être le signe de la volonté des Dieux. » (Mem. de Litt. etc., pag. 434 e 435).

FIM DA SEXTA E ULTIMA PARTE.

CORRECÇÕES, E ADDITAMENTOS.

PRIMEIRA PARTE.

Pag. 11 — nota (*) — Veja-se o aritgo — lêa-se — Veja-se o artigo.
Pag. 17 — comfirmativo — lêa-se — confirmativo.
Pag. 32 — bem fundamental — lêa-se — bem fundamentada.
Pag. 37 — mencionarem — lêa-se — mencionar.
Pag. 46 — creador de Direito Patrio — lêa-se — creador da Sciencia de etc.
Pag. 64 — desfantasiada — lêa-se — desfanatisada.
Pag. 67 — anti-fraze — lêa-se — antifrase.

SEGUNDA PARTE.

Pag. 37 — das — lêa-se — dans.
Pag. 38 — Que segue d'ahi? — lêa-se — Que se segue etc.
Pag. 59 — os vimos.... entrarem — lêa-se — os vimos.... entrar etc.
Pag. 67 — ha depois de ir — lêa-se — ha depois vir etc.
Pag. 71 — do esbelto.... — lêa-se — do esbelto, ou trombudo etc.
Pag. 74 — esquartejamos — lêa-se — esquartejámos.
Pag. 75 — Polvorize — lêa-se — pulverize.
Pag. 77 — soccorrer — lêa-se — soccorrerem.

TERCEIRA PARTE.

Pag. 14 — nornal — lêa-se — normal.
Pag. 23 — escapula — lêa-se — escapúla.
Pag. 43 — Agnès — lêa-se — Aynès.
Pag. 61 — diz elle — lêa-se — *diz elle.*
Pag. 77 — Abn etc. — lêa-se — Abu Ali Texefin.

QUARTA PARTE.

Pag. 18. — Ao logar de Pereira, que termina — e sepultam no Guadiana. — deve accrescentar-se o seguin-

te de outra Obra do mesmo erudito: — » A Villa » de Ourique será sempre memoravel nos Annaes » de Portugal, pela famosa victoria que no seo cam- » po alcançou de sinco Reis Mouros no dia 25 de » Julho do anno 1139 o nosso Invicto Principe D. » Affonso Henriques, a quem antes da Batalha ap- » pareceo visivelmente Christo crucificado no ar, e » com a promessa da victoria lhe deo o Titulo de » Rei, e com este Titulo as suas cinco Chagas por » Brazão d'Armas. » (*Lusitania Sacra*, tom. 2.º, » Parte 4.ª, folh. 800).

Pag. 32 — neotorismo — lêa-se — neoterismo.

Pag. *ibidem* — é pois elle? — lêa se — é pois esse?

Pag. 50 — pais — lêa-se — paîs.

N. B. — Na pagina 51, linha 9.ª etc., aonde se diz: » Demos porém já que o exercito dos Mouros não » fosse de trezentos, nem de quatrocentos mil ho- » mens, mas que fosse de trinta ou quarenta mil (1).

(1) Depois de já impressa e publicada a Quarta Parte da nossa Obra, encontrámos Author historico, e professor de nomeada, que dá apoio ao nosso calculo. O escriptor a que alludimos é o bem conhecido professor de Geographia, Chronologia e Historia no Lyceu de Coimbra, *João Antonio de Sousa Doria*. No *Compendio de Historia para uso das Escholas*, vol 2.º, pag. 81, escreve pois o seguinte ácerca da Batalha de Ourique: » Nada de interessante succedeu » até ao anno de 1139. N'este anno, *Ismario* ou *Ismael*, o mais po- » deroso rei dos sarracenos, com mais quatro reis mouros, formou um » exercito, *de mais de quarenta mil homens*, e com elle veio acom- » metter o Soberano de Portugal. O grande numero dos sarracenos » não amedrontou o diminuto exercito portuguez, que, para comba- » ter com mais ardor, acclamou em rei de Portugal o conde D. Af- » fonso Henriques. Deu-se a batalha; e foi tão cruenta, que até as » aguas do Guadiana ficaram tinctas de sangue, em grande espaço. » A batalha é conhecida pelo nome de *batalha do Campo d'Ourique*. » A perda dos sarracenos foi grande; chegaram a perder cinco estan- » dartes. » Esta passagem do escriptor modernissimo igualmente serve de Contraposição ás idéas de menospreço, com que o Author da *Historia de Portugal* amesquinha, e vilipendia o Feito glorioso de Ourique.

Pag. 57 — (Ismario) — leia-se — (Ismarius).

QUINTA PARTE.

Pag. 10 — cartapazio — lêa-se — cartapacio.

Pag. 12 — A passagem da Chronica dos Godos — accrescente-se — (referimo-nos ao exemplar de Santa Cruz, e Alcobaça, que é aquelle que o Annotador affiança).

Pag. 14 — da integra — lêa-se — na integra.

Pag. 15 — Marque-a, indigite-a — lêa-se — Marque-o, indigite-o.

Pag. 19 — mas até prefere — lêa-se — mas até dá exemplo de preferir etc.

Pag. 23 — é mais conciso que o mencionado — lêa-se — é muito *mais conciso* que o *artigo acima mencionado* etc.

Pag. 26 — não só comprehendem igual numero de linhas — lêa-se — não só comprehendem artigos de igual numero de linhas etc.

Ibidem — aos maiores artigos — lêa-se — ao dos maiores etc.

Pag. 28 — do Annotador que nos indigite — lêa-se — do Annotador (outra vez o repetimos) que nos etc.

Pag. 31 — Taes asserções são porém — lêa-se — Taes asserções são outrosim etc.

Ibidem — com preferencia — lêa-se — e alguma vez com preferencia etc.

Pag. 33 — que ahi se lêem — lêa-se — que ahi (na Chronica dos Godos, segundo o exemplar seu mais favorito) se lêem etc.

Pag. 34 — Era de 1177 — accrescente-se — (1139 da Era de Christo).

Ibidem — Observação 6.º — lêa-se — Observação 6.ª.

Pag. 35 — até onde alcançou etc. — lêa-se — até onde avançou etc.

Pag. 37 — para julgar — lêa-se — para se julgar etc.

Pag. 38 (*em a nota*) — de certo o não diz, será etc. — lêa-se — de certo o não diz. Será etc.

Ibidem — Como tal o acreditamos — lêa-se — Como tal o não acreditamos!.... E' a era d'Hespanha 1207, ultima apontada pelo Chronicon, reduzida á Era de Christo, que o Author da Nota quiz que adivinhassemos!...

Pag. 50 — tornavam — lêa-se — tornava etc.